

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 20 de Julho de 2010

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

Lisboa, 20 de Julho de 2010

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Ao Daniel e à Rita

AGRADECIMENTOS

O trabalho que ora se apresenta resulta de uma longa série de discussões, leituras, reflexões, comparações, visitas de campo, colecções de apontamentos e descrições, que iniciámos em 2004, com a nossa Dissertação de Mestrado. A Arqueologia Funerária interessa-nos desde há muito. Sempre considerámos que seria pena que as investigações se restringissem à publicação em revistas da especialidade e à apresentação em congressos de Arqueologia, sem que fosse feito um trabalho de conjunto (ou pelo menos uma tentativa), algo que conhecemos para outros países da Europa. De facto, os trabalhos sobre sítios de carácter funerário, sobretudo ligados à Idade Média, têm sido objecto de interesse crescente nas últimas décadas e podem inserir-se num trabalho global de inventariação e levantamento com vista à sua divulgação científica e ao público em geral.

E foi esse o desafio que a Professora Doutora Rosa Varela Gomes nos lançou, atendendo a uma série de condicionantes que a nossa vida profissional e pessoal apresentava então. É a ela que queremos, antes de mais, agradecer, não apenas pela inteira disponibilidade que demonstrou em momentos difíceis, como pelas sugestões e recomendações com que nos brindou depois de ter aceite ser nossa orientadora. A força e o estímulo que soube transmitir-nos possibilitou o retomar dos trabalhos já abandonados ou em lenta retoma, e entusiasmou-nos na prossecução das investigações necessárias, seguindo as pistas que então nos proporcionou. Por tudo isto e pela paciência com que nos ouviu, o nosso muito obrigada.

Gostaríamos de agradecer igualmente ao Arquitecto Mário Varela Gomes, ao qual exprimimos a nossa gratidão pelos comentários pertinentes e críticas construtivas que levantaram alguns pontos de discussão muito interessantes e perspectivas de novas abordagens no âmbito do presente trabalho.

É ainda de salientar a contribuição, de uma forma ou de outra, de muitas outras pessoas: um agradecimento muito especial ao Dr. Rodrigo Banha da Silva que contribuiu, com o seu vasto conhecimento dos trabalhos arqueológicos efectuados na cidade de Lisboa, para a selecção dos sítios a estudar e por todas as sugestões imensamente construtivas que apresentou. Não podemos deixar de mencionar todos quanto nos permitiram o acesso a documentação e materiais arqueológicos essenciais para que parte do presente trabalho pudesse ser efectuado. Agradecemos, assim, especialmente aos Dr. Miguel Lago e António Carlos Valera, da ERA Arqueologia, que disponibilizaram o resultado dos trabalhos da sua empresa na Igreja de São Martinho, incluindo as peças desenhadas utilizadas no presente trabalho; à Professora Doutora Teresa Fernandes, que facultou o acesso à informação constante na sua

Tese de Doutoramento sobre São Miguel de Odrinhas, ainda antes mesmo que esta estivesse disponível ao público; aos Dr. José Cardim Ribeiro e Dr.^a Teresa Simões, que envidaram todos os esforços para que, no mais curto espaço de tempo, tivéssemos acesso a todas as informações respeitantes igualmente a São Miguel de Odrinhas; ao Dr. Rodrigues Ferreira, que nos disponibilizou algum do seu tempo extremamente ocupado na discussão de temas referentes à Arqueologia Funerária em geral, e a São Vicente de Fora e ao Convento e Igreja do Carmo em particular; aos Dr. Clementino Amaro, António Dias Diogo, Alexandra Gaspar, Ana Gomes, Maria Ramalho Magalhães e Cristina Tété Garcia pelas autorizações dadas para a utilização das imagens e pelas rectificação e complemento das informações que lhes solicitámos no tocante, respectivamente, à igreja de São Lourenço, à Igreja de São Domingos, às intervenções arqueológicas feitas no Castelo de São Jorge, à escavação do Convento de São Francisco e do Convento do Espírito Santo da Pedreira e, finalmente, à escavação da Ermida de São Saturnino; ao Dr. Pierre Planès, da *Direction Régionale des Affaires Culturels de Midi-Pyrénées* (Toulouse), por muitas vezes ter ultrapassado o seu papel de «mero» documentalista, oferecendo livremente os seus conhecimentos e disponibilidade (mesmo fora de horários de expediente) para nos possibilitar o acesso a toda a informação existente sobre os sítios franceses que estudámos; à Professora Doutora Nelly Pousthomis, da Universidade de Toulouse Le Mirail, pela recepção que nos proporcionou e pela disponibilização da informação sobre possíveis contactos e sítios a estudar; ao IGESPAR, nomeadamente nas pessoas do seu Chefe de Divisão da DIDA - Divisão de Inventário, Documentação e Arquivo, Dr. Fernando Moser, e da Dr.^a Filipa Neto, pelo precioso apoio na consulta dos muitos relatórios de escavação que tivemos de consultar e na disponibilização de informação, quando tal lhes foi solicitado; à Dr.^a Manuela Moreira, Directora da Biblioteca do IGESPAR, assim como aos seus colaboradores Ana Sousa, Alcides Silva e Pedro Cardoso, pela recepção naquele espaço, em condições difíceis, embora temporárias; por último, a todos aqueles que não nomeei e que de uma forma ou de outra contribuíram para que a realização do presente trabalho fosse possível.

Acima de tudo, ao Daniel, companheiro de vida e conselheiro nas horas difíceis, que tudo fez para nos facilitar a tarefa de concentração e de reflexão que o nosso trabalho implicava, empregando todos os meios e a sua experiência em termos de gestão do tempo e de metodologia de trabalho. Sem ele, não teríamos conseguido manter o ritmo que nos impusemos, especialmente nos últimos meses. Pelo tempo desperdiçado em comum, pelas longas horas de espera, pela imensa dedicação, as nossas desculpas e o nosso muito obrigado.

À nossa Mãe, cujos conselhos e conhecimentos autodidactas nos conduziram à escolha do curso e ingresso na profissão, e que sempre nos incentivou a demonstrar aquilo de que éramos capazes, assim como pelo seu interesse, sempre renovado, nos temas que escolhemos

e pelas sugestões de bibliografia para a História Francesa. Ao nosso Pai, que nos ensinou a ser persistentes e firmes nas convicções, precisas nas afirmações e cuidadosas na forma como nos expressamos – em bom português –, e à Emília, no coração de quem sempre estivemos como se fôssemos seus filhos. Aos meus Irmãos, para quem lamento mais uma vez ter sido tão aborrecida: o João, que voltou a conceber toda a parte gráfica deste trabalho, obedecendo ainda assim às condicionantes que o Regulamento impunha, e as sugestões, criatividade e extrema disponibilidade demonstradas; e a Madalena, a quem não queríamos deixar de agradecer pelo apoio e interesse demonstrados e à revisão do resumo em Inglês. Aos nossos sobrinhos Diogo, João Pedro e Beatriz. Finalmente, à nossa filha Rita, a quem retirámos muito do tempo de que precisava para a ouvir e aconselhar, mas que nunca deixou de demonstrar curiosidade pelo que estudámos, ajudando em tudo o que foi possível; a ela, esperamos que este trabalho continue a incentivar o «bichinho» do gosto pela leitura e pela investigação, e a noção de que os nossos sonhos se concretizam, se seguirmos o caminho certo – embora este nem sempre possa ser ou parecer o mais fácil – sem desistir...

RESUMO

DISSERTAÇÃO / A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO – (SÉCULOS XII A XV)

AUTOR: MARIA MARGARIDA ATAÍDE NUNES

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, morte, Idade Média

Com a presente dissertação pretende-se efectuar um estudo teórico sobre a distribuição dos espaços sepulcrais, tipologia de ritos, posição dos corpos e espólio arqueológico caracterizador dos mesmos na Idade Média, através da análise dos documentos e testemunhos obtidos nas escavações arqueológicas efectuadas, nos últimos anos, em Lisboa e no seu termo. Para tal, recorreu-se à análise comparativa dos resultados de intervenções arqueológicas igualmente efectuadas nos termos de Sintra e de Odivelas, permitindo a realização de abordagem regional e possibilitando assim a eventual diferenciação entre enterramentos em meio rural e em meio urbano.

Tal análise proporcionou um trabalho de síntese com o qual pensamos poder contribuir para o conhecimento sobre a Morte em Lisboa na Idade Média.

Para o efeito, foram cruzadas as informações das sondagens já realizadas com espólio documental existente nos Arquivos Nacionais, de forma a perceber a evolução das tipologias de enterramento e a sua integração social, assim como a evolução da informação constante nas lápides funerárias.

Por fim, tentou estabelecer-se uma correspondência entre as tipologias de enterramento, a sua integração social, assim como a evolução da informação constante nas lápides funerárias com outros casos a nível europeu.

ABSTRACT

**DISSERTATION / DEATH IN LISBON IN MIDDLE AGE
ARCHAEOLOGICAL CONTRIBUTION (12TH-15TH CENTURIES)**

AUTHOR: MARIA MARGARIDA ATAÍDE NUNES

KEYWORDS: Archaeology, death, Middle Age

With the present work it was intended, through the analysis of the archaeological excavations made inside Lisbon's perimeter in the last few years, to build a theoretical study about the graveyard spaces distribution, the rites typology, the bodies' position and the featuring archaeological findings in Middle Age. For such a research, it was made a comparative analysis of the archaeological interventions results also performed in the territories of Sintra and Odivelas, allowing the making of a regional approach and also the eventual differentiation between the burials in a rural and urban environment.

Such analysis allowed a synthesis work, using the data obtained from the archaeological findings, which it's thought that might contribute for the knowledge about Death in Lisbon in Middle Age.

To do so, the excavations data of the work already made in Lisbon, Sintra and Odivelas territories was verified, with the documents remaining in the National Archives, in order to understand the evolution of the information from the burial stones. It was also used as a resource the cooperation of an expert in such matters to identify the possible death causes in the cases in which it was possible.

Finally, one tried to establish a correspondence between the burial typologies, its social integration, as well as the evolution of the information from the burial stones with other cases at a European level.

ÍNDICE

CAPÍTULO I – Introdução	1
I.1. Objectivo do estudo	4
I.2. Contexto e Precedentes	5
I.2.1. O caso Português	5
I.2.2. O exemplo Francês	24
I.2.3. Alguns exemplos em Espanha	44
CAPÍTULO II – Metodologia	50
II.1. Selecção de técnicas	50
II.1.1. As fontes – Textos e iconografia	50
II.2. Selecção dos Sítios	54
II.2.1. Trabalhos Arqueológicos	54
II.2.2. O estudo do espólio	55
II.3. Recolha de Dados	56
II.3.1. Descrição de termos utilizados	58
II.3.2. Tipologia de espólio	66
II.3.2.1. As Cerâmicas	66
II.3.2.2. As Formas	66
II.3.2.3. Pastas, tratamento das superfícies e decorações	69
II.3.2.4. Tipos, ou classes de cerâmicas	69
II.4. Análise dos dados	70
CAPÍTULO III – Enquadramento Geográfico e Evolução Histórica	71
III.1. Enquadramento Geográfico	71
III.1.1. Geologia e Orografia	74
III.1.2. Hidrografia	79
III.1.3. Clima	81
III.1.4. Capacidade de uso agrícola do solo	87

III.1.5. Coberto vegetal	90
III.1.6. Fauna	98
III.1.7. Recursos Naturais	99
III.1.7.1. Actividades extractivas	99
III.2. Evolução Histórica	101
III.2.1. Introdução	101
III.2.2. O período islâmico até ao século XII	101
III.2.3. O período medieval cristão até ao século XV	106
III.2.4. Síntese	116
CAPÍTULO IV – Resultado das sondagens/escavações realizadas: termos de Lisboa, Odivelas e Sintra	118
IV.1. Resultados das sondagens/escavações já realizadas no termo de Lisboa	118
IV.1.1. Sé Catedral de Lisboa	122
IV.1.2. Igreja de Santa Luzia	131
IV.1.3. Convento da Graça e antiga Igreja de Santo André	132
IV.1.4. Igreja de São Cristóvão	133
IV.1.5. Convento do Carmo	137
IV.1.5.1. Igreja e Convento do Carmo	138
IV.1.5.2. Envolvente Sul da Igreja do Carmo	141
IV.1.5.3. Largo do Carmo	143
IV.1.6. Convento de São Vicente de Fora	144
IV.1.7. Igreja de São Domingos	159
IV.1.8. Convento de São Salvador	162
IV.1.9. Convento e Igreja de São Francisco	163
IV.1.10. Igreja de São Martinho	166
IV.1.11. Praça da Figueira	170
IV.1.12. Igreja de São Lourenço	171
IV.1.13. Convento do Espírito Santo da Pedreira	176
IV.1.14. Igreja de São João Baptista (Lumiar)	176

IV.1.15. Igreja de São Lourenço (Carnide)	177
IV.2. Resultados das sondagens/escavações já realizadas no termo de Odivelas	178
IV.2.1. Mosteiro de São Dinis de Odivelas	179
IV.3. Resultados das sondagens/escavações já realizadas no termo de Sintra	182
IV.3.1. Cemitério medieval de São Miguel de Odrinhas	183
IV.3.2. A Ermida de São Saturnino	189
IV.4. Resultados das sondagens/escavações já realizadas em Toulouse	191
IV.5. Análise comparativa	194
CAPÍTULO V – Integração Cultural	234
V.1. Descrição dos resultados	234
V.2. Síntese	236
CONCLUSÃO	237
BIBLIOGRAFIA	248
Bibliografia Específica	248
Cartografia	276
Web Sites	278
Bibliografia Geral	279
Web Sites	288
Índice das figuras	289
Índice dos quadros	291
Índice dos Gráficos	292
Índice das tabelas	293
APÊNDICE A	296
A.1. Caso comparativo: cemitério de Saint-Michel e cemitério do Grande Priorado de Saint-Jean de Jérusalem, Toulouse	296
A.1.1. O cemitério de Saint-Michel	296
A.1.2. O cemitério do Grande Priorado de Saint-Jean de Jerusalem	311
A.2. O espólio	318
A.3. Proposta de evolução das tipologias de enterramento e sua integração social	319

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

APÊNDICE B - Glossário	327
APÊNDICE C – Fichas de sítios	339

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

A questão da morte sempre preocupou o Homem ao longo do tempo. O lugar de repouso derradeiro daquilo que era o invólucro da sua alma, e também o objecto do seu pecado, sempre se associou a essa preocupação legitimamente humana.

Abordada de muitas e variadas formas ao longo dos séculos, a evolução da ideia de Morte foi sendo expressa em documentos, hoje arquivados, mas foi-o igualmente através dos vestígios materiais que nos foram sendo legados e cujas marcas tão intrinsecamente se ligam à forma urbanística das cidades, e ao seu permanente crescimento.

Cidade dos vivos e cidade dos mortos ligam-se inegavelmente na Idade Média, quer pela sua inclusão ou absorção pelo espaço habitacional, devido não só ao crescimento dos núcleos urbanos, mas também à polarização do espaço pela igreja (Lawers, 2005: 28).

De facto, tal como o definiu Rodrigues Ferreira, o cemitério¹ adossado à igreja desempenhava várias funções enquanto espaço público e de recolhimento, demonstrando a ligação que referimos supra: era local de brincadeira das crianças de manhã, como o comprovam as marcas de jogo encontradas em variados sítios funerários, e de piqueniques à hora da refeição; de desempenho de ofícios e de serviços de carácter jurídico, como a elaboração de cartas, testamentos, petições e outros documentos à tarde; prazer lúbrico onde se procuravam prostitutas ao fim do dia; e de um pulular de encontros de malfeitores e de ladrões que dividiam o produto dos seus «saques» à noite (Cunha e Ferreira, 1998: 71-72).

Não podemos esquecer ainda a utilização do espaço do cemitério para todas as actividades que produziam ruído excessivo. Assim, era o espaço ideal para a realização de feiras, a instalação de forjas, de zonas de abate de animais, entre outros, levando em alguns casos as autoridades eclesiásticas a emitir proibições do seu uso «terreno» em prol da defesa do seu carácter religioso.

«(...) Fim do anonimato, túmulos de jacentes, desmembramento dos cadáveres reais destinados a multiplicar os lugares de culto ou, bem pelo contrário, defesa da integridade dos despojos, o corpo dos defuntos é o objecto de uma atenção particular. A partir do século XIII, em todo o caso, os ritos funerários da Igreja triunfam sobre os usos costumeiros. Os corpos dos defuntos deixam as casas para as igrejas que enquadram os funerais. Este fenómeno é igualmente o da urbanização dos

1 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328.

mortos, inseparável da urbanização da sociedade medieval. O juridismo impõe-se, nomeadamente através da ressurgência dos testamentos. O recurso ao imaginário ou à ficção jurídica permite mesmo distinguir “os dois corpos do rei”, como o grande historiador Ernst Kantorowicz o demonstrou. (...)» (Le Goff e Truong, 2003: 146).

«(...) Assim, como o diz Jean-Claude Schmitt, na Idade Média, “os mortos estavam no centro da vida, como o cemitério no centro da aldeia”. A tensão que atravessa o corpo no Ocidente medieval é ainda manifestada no caso da morte: a alma é “espiritual”, mas “passível”: é torturada no inferno ou no purgatório por um fogo ou um frio que os homens da Idade Média (...) imaginam tão concretamente que os dizem “corporais”. (...)» (Le Goff e Truong, 2003: 154).

Se os ritos³ relativos ao momento da morte e da sepultura⁴ do homem medieval podem com alguma dificuldade ser intuídos dos documentos existentes, o contributo da arqueologia medieval e, acima de tudo, da arqueologia funerária⁵ no contexto de intervenções efectuadas nas últimas décadas em meio urbano, assim como em meio rural, tem mostrado espaços sepulcrais de maior ou menor dimensão, sempre resultantes de acção antrópica⁶, em alguns casos vastos espaços cemiteriais, noutros pequenos aglomerados de sepulturas, permitindo a identificação de tipologias de enterramento, bem como do espólio funerário que as acompanhava.

«Cada civilização se define pela maneira como enterra os seus mortos, pela forma como a morte é vivida e representada. O Ocidente medieval não escapa a essa regra. (...)»⁷ (Le Goff e Truong, 2003: 142).

Segundo o mesmo autor, *«(...) Desde a Antiguidade, com efeito, os vivos ocupavam-se dos corpos dos membros da sua família. As mulheres em particular estavam encarregues de os lavar,*

2 Jean-Claude Schmitt, «Une horde de revenants enrichit l'Église», in *Vivre au Moyen Âge*, Paris, Tallandier, 1998 (in Le Goff e Truong, 2003: 216).

3 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

4 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

5 Ver Glossário, Apêndice B, p. 327-328.

6 Ver Glossário, Apêndice B, p. 327.

7 E, continua, *«Desde os trabalhos fundamentais de Johan Huizinga a propósito da “queixa sobre a brevidade das coisas terrestres» e o “júbilo sobre a salvação da alma» que constituem segundo ele os dois extremos do pensamento clerical medieval no local da morte, as investigações históricas dotaram-se de preciosos avanços, como os de Philippe Ariès para quem “a morte apprivoisée” da Alta Idade Média precedeu “uma visão mais dramática do trespasse”, a partir dos séculos XII e XIII. (...) Trata-se portanto de inverter a perspectiva. Ou antes de mudar de abordagem. Porque a morte está noutro lugar. Sem reenviar as concepções de Philippe Ariès para os limbos do romantismo e do passadismo, o historiador Michel Lauwers tem razão em avançar que “mais que a morte, os sentimentos e as atitudes que ela suscitou, são os mortos, os cuidados de que estes beneficiavam, o lugar e o papel que lhes reconheciam os vivos, que parecem constituir para o medievalista um objecto de história pertinente”. Porque a morte é apenas um momento no sistema cristão que liga o aqui em baixo ao além. A atitude em relação aos corpos dos mortos e dos moribundos permite assim tentar encontrar os sentimentos medievais para com este evento singular e universalmente partilhado. (...)» (Le Goff e Truong, 2003: 142).*

de os preparar para se juntar ao reino dos mortos que, segundo a crença, voltavam por vezes para atormentar a alma dos vivos. Com o cristianismo, estabeleceu-se uma hierarquia entre os defuntos, sem pôr em causa as práticas herdadas do paganismo. Apenas as sepulturas dos santos, criadas e manipuladas de diferentes formas, podiam ser objecto de celebração e de veneração. (...) Pouco a pouco, contudo, a Igreja encarrega-se dos defuntos, e nos séculos VIII e IX em particular, começa a condenar as práticas funerárias ⁸«supersticiosas». (...)» (Le Goff e Truong, 2003: 144).

Contudo, e como refere Éric Crubézy, «*Como todos os momentos fortes da existência – nascimento, passagem da infância à adolescência e depois à vida adulta, os falecimentos e as inumações acompanham-se de toda uma série de ritos que com frequência reflectem bem os fundamentos das culturas e das sociedades. Os mortos colocam a difícil questão da separação e porque obrigam à imaginação do invisível, contribuem para determinar o enraizamento cultural da sociedade dos vivos. Constituem portanto uma fonte de investigação fundamental para quem quer conhecer as sociedades do passado.*» (Crubézy et alii, 2007: 9-10). É necessário não esquecer que o que o arqueólogo pode abordar são factos; pode num segundo tempo reconstituir gestos, mas não pode, salvo fontes textuais, aceder ao pensamento que guiou esses gestos (Crubézy et alii, 2007: 9-10).

Actualmente, o âmbito da investigação arqueológica em relação aos espaços funerários evoluiu e especializou-se, adoptando variadas abordagens e metodologias (Ferdrière in Crubézy et alii, 2007: 6-7). Do mesmo modo, e ao longo dos últimos anos, a Arqueologia Medieval adquiriu, segundo Rosa Varela Gomes, um estatuto próprio, para tal contribuindo a organização de colóquios, a publicação de revistas da especialidade e a sua integração em curricula de cursos universitários (ao nível de licenciaturas e de mestrados), assim como com a realização de teses de mestrado e de doutoramento, que assentam em trabalhos arqueológicos (Gomes, 2002: 18).

Decidimos, por isso, abordar o tema, no que diz respeito ao seu contexto e aos precedentes, através dos trabalhos feitos nos últimos decénios quer do ponto de vista da História quer do ponto de vista da Arqueologia, tanto em âmbito nacional como internacional. É de notar que os trabalhos sobre a morte que consultámos, produzidos por historiadores, constituem já uma grande integração dos dados documentais com os resultantes das escavações arqueológicas em anos mais recentes, sobretudo da última vintena. Desta forma, a investigação arqueológica assume o seu papel e sedimenta-se na restante panorâmica científica.

Queremos salientar que todas as traduções são da nossa exclusiva responsabilidade, quando se trata de trabalhos publicados noutra língua que não a Portuguesa, nomeadamente no tocante às citações e ao Glossário. Assim, quaisquer erros ou imprecisões deverão ser-nos igualmente e exclusivamente imputados.

8 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

Ainda assim, compete-nos referir que a presente Tese não esgota o trabalho de síntese que se pretendeu iniciar. Outras investigações e outras intervenções arqueológicas serão efectuadas, outros resultados surgirão, outras leituras de documentos trarão à luz informações até agora ignoradas ou mal interpretadas. Este constitui o nosso modesto contributo para que tal trabalho de síntese continue.

I.1. Objectivo do estudo

Abrangendo um conjunto vasto de sítios arqueológicos nos quais houve intervenção nas últimas décadas por diferentes arqueólogos, o presente trabalho de investigação debruça-se sobre o território que abrange o termo de Lisboa (do ponto de vista do seu significado medieval), alargando-se aos termos de Sintra e Odivelas.

Os sítios arqueológicos que a seguir se mencionam foram na sua maioria objecto de intervenção arqueológica. Alguns dos dados referentes aos vestígios arqueológicos daí provenientes reportam para uma cronologia posterior à que estudamos (do início do século XVI em diante), nomeadamente nos casos em que o espaço cemiterial continuou a ser utilizado até ao período anterior ao terramoto de 1755 e sobretudo a partir deste. Optámos, no entanto, por ainda assim reter todas as informações passíveis de esclarecer o objecto do nosso estudo, tendo como limite o início do século XVI.

Tal facto deve-se à dificuldade sentida pela quase maioria dos investigadores – cujos relatórios de escavação consultámos – em determinar, pela morfologia das sepulturas ou por meio de espólio arqueológico de acompanhamento dos corpos (moedas ou medalhas, etc.), a datação absoluta daqueles. Assim, as datações (possíveis) são e serão sempre estimadas, não impedindo, contudo, as nossas tentativas de limitação cronológica.

Por outro lado, decidimos incluir igualmente, ao lado de espaços sepulcrais ainda hoje definidos como tais (no interior de monumentos religiosos ou no seu adro e envolvente), as informações correspondentes a outros monumentos religiosos desaparecidos durante o terramoto de 1755, assim como aqueles que nos dão conta de enterramentos dispersos ou de existência desconhecida, nos casos em que tal se mostrasse relevante para o estudo em apreço.

Escolhemos estudar as necrópoles⁹ situadas no termo de Lisboa, assim como as do termo de Odivelas e de Sintra, de modo a que as mesmas possam ser eventualmente comparadas.

9 Ver Glossário, Apêndice B, p. 333.

Para o termo de Lisboa escolhemos a Sé Catedral de Lisboa; a Igreja de Santa Luzia; o Convento da Graça e a antiga Igreja de Santo André; a Igreja de São Cristóvão; o Convento do Carmo e o respectivo Largo; o Convento de São Vicente de Fora; a Igreja de São Domingos; o Convento de São Salvador; a Igreja de São Francisco; a Igreja de São Martinho; a Praça da Figueira; a Igreja de São Lourenço; o Convento do Espírito Santo da Pedreira; a Igreja de São João Baptista (Lumiar); e, finalmente, a Igreja de São Lourenço (Carnide).

Para o termo de Odivelas escolhemos o Convento de São Dinis de Odivelas.

Por fim, para o termo de Sintra, escolhemos o cemitério medieval de São Miguel de Odrinhas e a Ermida de São Saturnino.

A escolha dos sítios a estudar para os três termos (Lisboa, Odivelas e Sintra) foi efectuada tendo em conta os edifícios religiosos de maior vulto que poderiam ter associados espaços sepulcrais (na nave da igreja, em claustros no caso dos conventos, ou ainda em eventuais cemitérios, ver Apêndice C) e que teriam seguramente sido fundados em época contemporânea ou pouco posterior à Reconquista de Lisboa. Não foram deixados de lado, contudo, os edifícios religiosos que viram a sua fundação surgir entre os séculos XII e XV.

Detentores dos dados resultantes da investigação, efectuada através da consulta dos relatórios de escavação (quando possível), da análise de materiais recolhidos durante aqueles trabalhos e depositados em museus e da consulta de outra documentação, procedemos então a uma análise comparada com a cidade europeia de Toulouse, utilizando como limites temporais os séculos XII a XV, tanto no caso nacional como no internacional. A indisponibilidade de informação impediu-nos de estudar, segundo os critérios utilizados para os casos de Lisboa e de Toulouse, um ou mais casos espanhóis.

I.2. Contexto e Precedentes

I.2.1. O caso Português

A investigação científica, histórica e sociológica em torno da Morte tem sido, nos últimos anos e sobretudo nas últimas décadas do século XX, uma área de desenvolvimento e/ou aprofundamento da percepção que, no caso corrente – no período histórico compreendido entre os séculos XII e XV –, nos deixaram os documentos e os vestígios materiais da vivência no período medieval.

Decidimos abordar três realidades da investigação que tem decorrido nos últimos vinte a trinta anos em Portugal, em França e em Espanha. A comparação com aqueles dois

países resulta, por um lado, do estado de avanço que o tema conheceu, nas duas a três décadas anteriores; por outro, pelo interesse que representa para nós a existência de populações de origem estrangeira na cidade de Lisboa no período em apreço, nomeadamente para a libertação da cidade no tempo dos Cruzados (Oliveira; Silva, 1935). Esta presença encontra-se mencionada em documentação coeva e de períodos históricos posteriores, em particular com a referência específica ao espaço funerário que rodeia São Vicente de Fora (Cunha e Ferreira, 1998).

Redutora, em alguns casos, ou mais abrangente, noutros, a informação recolhida a partir das fontes documentais (e constituída, entre outros, por testamentos, verbas, doações e codicilos) apenas transmite aquilo que se pode inferir de uma leitura subjectiva das mesmas. Assim, e como bem o refere Pedro Barbosa (Barbosa, 1990), começou a sentir-se, a partir da década de 70 do século XX, uma maior necessidade de dotar os conhecimentos extraídos dos documentos depositados em arquivo com os contributos que a arqueologia fornece à história medieval.

À semelhança do que aconteceu em França, como referiremos adiante, também em Portugal as visões da História e da Arqueologia seguiram vias separadas, para se reunir em trabalhos surgidos nos últimos anos.

Foi pela mão de Oliveira Marques, talvez o primeiro historiador a escrever sobre o assunto, que uma síntese sobre a morte na Idade Média em Portugal nos chegou (Marques, 1964), lembrando, sobretudo – como o dizia o rei D. Duarte – que a esperança de vida máxima seria de 70 anos. E a esta propecta idade poucos chegavam, mesmo entre as classes mais privilegiadas e abastadas. A partir de meados do século XIV, a situação tendeu a agravar-se, com as epidemias, as fomes resultantes dos maus anos agrícolas e as guerras. A mortalidade infantil aumentou exponencialmente até finais do século XV (Marques, 1964: 210). Segundo aquele autor, o tratamento dado a corpos de nobres, eclesiásticos e de grandes senhores e às camadas mais desfavorecidas da população (o «povo») eram em tudo diferentes: mais cuidados os primeiros e enterrados em locais escolhidos (dentro de igrejas ou perto destas), mais simples e normalmente nos cemitérios os segundos (em féretros ou caixões de madeira, de forma rectangular ou trapezoidal) (Marques, 1964: 212). Com base em documentos e ilustrações da época, Oliveira Marques descreve os percursos e momentos marcantes da expressão da morte no período medieval e para além dele.

Ângela Beirante retomou o tema, utilizando como base as doações e os testamentos dos séculos XII a XV, a partir dos quais extrai indicações quanto aos rituais associados à

morte¹⁰ (Beirante, 1982: 374). Assim, e se o local de sepultura mais generalizado parece ser o cemitério¹¹, os mais abastados preferiam sempre o interior das igrejas ou os claustros dos mosteiros como medida de maior protecção¹², como o referira já Oliveira Marques. E a forma destas sepulturas¹³ marcava não apenas a escolha, mas permite-nos inferir frequentemente a posição social que cada defunto inumado dentro da igreja ocupava (Beirante, 1982: 380).

Da mesma forma, e ainda a respeito da Morte e da expressão dos sentimentos a respeito desta, José Mattoso (Mattoso, 1996) salienta a importância que as investigações arqueológicas trouxeram ao conhecimento do estado da questão¹⁴ (Mattoso, 1996: 8-9).

Maria do Rosário Bastos (Bastos, 1996) aborda as prescrições sinodais sobre o culto dos mortos nos séculos XIII a XVI no país vizinho, de que retemos o que se refere à descrição da sepultura, nomeadamente no tocante à sua localização e à interdição de sepultamento no interior das igrejas¹⁵ (Bastos, 1996: 109). Tal proibição é «revogada» mediante o pagamento de

-
- 10 Entre outros, destaca-se o facto de o direito de sepultura pertencer «(...) à igreja paroquial, mas alguns mosteiros obtiveram autorização papal para dar sepultura aos seus benfeitores. As ordens mendicantes obtiveram essa autorização na primeira metade do século XIII e muitos habitantes de cidades e vilas preferiram o mosteiro para sua sepultura. Outros preferiram as igrejas catedrais às paroquiais. Esta preferência deu lugar a diferendos entre as igrejas paroquiais e as instituições escolhidas, que recebiam assim grande parte dos proventos em princípio destinados àquelas. (...)» (Beirante, 1982: 379).
 - 11 «(...) Era este espaço sagrado que se reputava como lugar ideal para proteger os corpos dos mortos. Entre as razões apontadas por Afonso X pelas quais as sepulturas deviam situar-se perto das igrejas destaca-se esta: os diabos que têm tanto poder para se chegarem aos corpos dos mortos que estão enterrados nos cemitérios como daqueles que jazem fora. (...)» (Beirante, 1982: 380).
 - 12 «(...) O mesmo autor preconiza que só devem sepultar-se dentro das igrejas os reis e rainhas, bispos e abades, priores, mestres e comendadores das ordens, bem como fundadores de igrejas e mosteiros, além de homens que se distingam pela sua santidade. (...) Mas tal reserva não tinha já aplicação prática. Se o cemitério continuava sendo o lugar de sepultura dos pobres, o desejo de maior protecção levava os ricos e remediados a franquear o portal da igreja, preferindo sempre o interior das igrejas ou pelo menos o claustro dos mosteiros, para lugar do seu último repouso. Os testadores apontam normalmente o altar diante do qual querem fazer ou indicam somente que querem ser sepultados junto dos pais ou familiares, na mesma ou noutra cova. Por vezes, o filho pedia que a sua cabeça ficasse aos pés de seus progenitores, não só em sinal de respeito, mas também para que os clérigos, ao rezarem os ofícios dos mortos, pudessem pisar ambas as sepulturas. (...)» (Beirante, 1982: 380).
 - 13 «(...) A pedra que cobria a sepultura podia ser baixa (campam) ou alta (moimento), de acordo com o gosto ou com o estado de quem aí repousava. (...)» (Beirante, 1982: 380).
 - 14 De facto, refere parecer-lhe «(...) que o fundamental não era reconstituir as sucessivas formas e expressões do sentimento acerca da morte individual (aspecto já suficientemente esclarecido por Philippe Ariès), dado o seu carácter subjectivo, mas as práticas colectivas por meio das quais as comunidades humanas, por um lado, exprimem as suas crenças acerca do Reino dos mortos e da maneira como ele se relaciona com o mundo dos vivos e, por outro lado, praticam rituais destinados a assegurar aos mortos uma existência tranquila e feliz no Além ou a fazer reverter em favor dos vivos os poderes a eles atribuídos. (...) Este grupo de investigações utiliza fontes documentais rigorosamente datadas e localizadas, que permite, um pouco à maneira do que fez Jacques Chiffolleau na França, averiguar as formas que a crença colectiva revestiu nos diversos tempos e lugares, quer através das prescrições oficiais, quer por meio da forma como a crença popular foi interpretando os ensinamentos clericais.» (Mattoso, 1996: 8-9).
 - 15 Data de inícios da segunda metade do século XVI o cânone XVIII do 1º concílio de Braga, que condenava explicitamente os enterramentos dentro das igrejas, mas esta recomendação nem sempre foi seguida (Barroca, 1987: 138), tanto mais que nos concílios seguintes a questão seria de novo abordada e reafirmada a proibição. Maria João Bastos menciona que, quanto a este assunto, «A mais antiga referência que encontramos data de meados do século XIII e nela se obrigava a que os fiéis de Badajoz e seu termo fossem enterrados dentro da sé da

uma «esmola», permitindo assim a todos aqueles que dispunham de maior poder pecuniário aceder a essa localização privilegiada¹⁶ (Bastos, 1996: 110).

Igualmente quanto à localização dos locais de enterramento, Isabel Castro Pina (Pina, 1996: 130) menciona que «(...) a preferência pela sepultura em determinados locais, aparentemente indiferentes, dentro do espaço sagrado do mosteiro ou da igreja, manifestava que algumas crenças pagãs acerca da morte sobreviviam ainda mais ou menos conscientemente, nas práticas e costumes funerários.». E apresenta ainda alguns exemplos de possíveis localizações associadas a uma simbologia muito específica¹⁷.

Segundo a autora *«De uma maneira geral, parece verificar-se uma progressiva ocupação*

cidade. Todavia, logo em 1262 ou 67, em Léon (sínodo de Martín Fernández) se esclarecia que os cadáveres não deviam ser sepultados no corpo da igreja, mesmo que esta tivesse duas ou três naves, sob pena do clérigo que contra isto fosse ficar sujeito à pena pecuniária de 10 soldos, a que acrescia a proibição de entrar ou cantar na dita igreja que, por sua vez, ficaria interdita até que se removesse o cadáver que fora indevidamente sepultado. Esta restrição quanto ao local de enterramento foi reiterada em Tuy quando em 1528 se afirmou «que ninguno se entierre en el coro delas yglesias si no fueren los clérigos o fundadores dellas». Mais ou menos na mesma altura (1526), em Léon, advertia-se para o facto de todos aqueles que fossem sepultados nas igrejas serem obrigados a oferecer a esse mesmo templo uma esmola que seria proporcional à solenidade do local de enterramento.» (Bastos, 1996: 109). Por outro lado, idêntica preocupação exprime Afonso Sanches, em documento de 1318, das suas reticências quanto aos enterramentos nas igrejas: *«Outro ssi porque a sepultura de dentro das Igrejas nos semelha que era senom pêra homêens santos ou mui chegados a Deos e por nom serrem os nosos moimentos a par dos altares nem tan altos como eles nam quissemos mandar deitar dentro na Igreja nê por hi nossos moimentos mādamos poer hi fora apar da igreja em huuâ galile que hi mādamos fazer pêra sepultura de nos e de nosso linhage e dos outros que si hi ouverem de deitar.»* (Dionísio, 1990 in Ramalho, 1994: 161).

- 16 Assim, continua, *«(...) somos levados a supor que apenas alguns privilegiados teriam acesso a sepulturas dentro das igrejas, as quais, no entanto, deviam ser rasas e sóbrias (...). Não obstante, parece clara a tendência para afastar os cadáveres das igrejas ou, ao menos, do seu corpo principal, remetendo-os para espaços específicos que, pela sua própria função, se tornam também locais sagrados e de culto. Por isso mesmo, em 1534, no sínodo de Gutierre Vargas de Carvajal (Plasencia) se chamou a atenção para a solenidade dos cemitérios (...) Dezanove anos volvidos podemos encontrar uma disposição semelhante no sínodo de Cristóbal de Rojas y Sandoval (Léon), ao proibirem-se práticas profanas dentro de igrejas ou cemitérios (...).»* (Bastos, 1996: 110). Com o Pontificado de Gregório IX (1227-1241) tiveram início os enterramentos nas igrejas; primeiro nos adros e entrando posteriormente no espaço sagrado da igreja (Ramalho, 1994: 161). Não são, contudo, raros os enterramentos em locais «*não autorizados*» ou «*clandestinos*», como lhes chama Maria de Magalhães Ramalho, que se reflectem, sobretudo, em sepulturas infantis (Ramalho, 1994: 162).
- 17 *«A ideia de que a alma se escapava do corpo saindo pelas portas ou janelas, estava talvez subjacente ao desejo expresso nalguns testamentos de situar a campa junto às portas do templo. A imagem do renascer pelas águas do baptismo podia justificar o enterro junto à pia de água-benta e a sepultura no adro da igreja ou do mosteiro era sinal de humildade pelo facto de se ser pisado por todos os que aí passavam. A proximidade do crucifixo ou do lavatório onde se lavavam os pés, a referência ao campanário ou a orientação da sepultura a ocidente, eram alguns outros elementos que poderiam assumir também um valor simbólico. De igual modo, a preocupação de que o enterro não se realizasse de noite ou de que as mulheres não participassem na cerimónia manifestava possivelmente o cuidado por respeitar os interditos ligados à prática da magia: a noite, poder das trevas, a mulher, símbolo de corrupção.»* (Pina, 1996: 130). Adianta ainda que *«A preocupação de conseguir na sepultura o melhor lugar do ponto de vista sobrenatural, somava-se o desejo de não desvincular totalmente o defunto do mundo dos vivos. De facto, para o homem medieval não havia – no tempo ou no espaço – uma barreira rígida entre os dois mundos. Neste sentido, a proximidade dos parentes da sepultura procurava garantir a permanência da estrutura familiar para além da morte. Homens e mulheres tinham aqui um comportamento significativamente distinto. Aqueles optavam preferencialmente pela sua linhagem, escolhendo, em primeiro lugar, a proximidade do pai, só depois a do filho ou do cônjuge, e por último a da mãe e dos restantes familiares, dando primazia aos elementos do sexo masculino – avós, tios, irmãos. No caso das mulheres, a maioria das referências é ao cônjuge, depois à mãe e às filhas.»* (Pina, 1996: 130).

*dos espaços sagrados no interior dos edifícios, em detrimento dos cemitérios exteriores.»*¹⁸. Estes espaços, privilegiados pelas famílias nobres, revestiam-se de uma preocupação de cuidado com a representação dos seus feitos em vida, tentando que os mesmos se repercutissem na morte. E a escolha dos edifícios religiosos não era de todo inocente¹⁹: as casas de Deus mergulhavam as suas fundações nas sepulturas dos mártires que haviam dado a sua vida por Ele. Seriam esses mesmos mártires quem se encarregaria de representar os defuntos junto do Criador, e quem os defenderia no dia do Juízo Final. De facto, e segundo Rodrigues Ferreira, *«O corpo do finado era entregue à guarda da Igreja e, a partir desse momento, os familiares ficavam com a sua consciência tranquila. A Igreja podia então dar ao corpo o destino que bem entendesse, já que era de sua propriedade. (...)»*²⁰ (Cunha e Ferreira, 1998: 28).

Em geral, o espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da Baixa Idade Média é desta forma descrito por Adelaide P. Millán da Costa (Costa, 1996): *«(...) Antes de mais, que área física é reservada aos mortos? Estes bordejam e, preferencialmente, integram todos os enclaves do sagrado existentes nas cidades: desde os cemitérios junto às igrejas paroquiais, instituições religiosas e de assistência, até aos alpendres, adros e interior dos templos»*²¹. Naturalmente, a consideração

18 *«Chiffolleau considera que esta passagem corresponde a uma mudança de mentalidade, a uma manifestação mais do desejo de se individualizar e singularizar a própria morte, sobretudo quando se tratava de elementos da nobreza, tendo em vista as gerações futuras. Construíram-se destacados monumentos fúnebres, e mandavam-se lavar campos em pedra de boa qualidade, com o nome, a filiação ou a função exercida em vida e as mercês recebidas de Deus, os escudos, as armas e os sinais. Todos os pormenores relativos à última morada eram cuidadosamente estabelecidos, e mesmo que se tratasse de uma simples e anónima cova, havia a preocupação de recomendar que se comprasse “terra que abunde honradamente”. Se a maior parte dos nobres continuava a seguir a tradição de escolher sepultura numa instituição religiosa, não deixa de ser significativo que essa recaísse, cada vez com mais frequência, nos conventos mendicantes. Da mesma forma, quando se tratava de edificar uma capela para aí colocar o corpo depois da morte, predominavam também as construções em conventos franciscanos ou dominicanos, como se lhes estivesse atribuído um papel especial no interesse pelos defuntos. Pela sua missão de pregadores da palavra de Deus, mas também pela prática da confissão e da educação de jovens nobres, os frades mendicantes - “novos especialistas da morte” -, ao contrário dos monges e dos cônegos regulares, estavam mais próximos do povo fiel e a sua influência fazia-se sentir no seio das diversas classes sociais, em especial no meio aristocrático.»* (Pina, 1996: 130-131).

19 Em regiões específicas do País, ainda do ponto de vista documental, verifica-se uma procura da parte da nobreza que privilegiava *«(...) o mosteiro, mais concretamente o mosteiro mendicante e a capela própria, enquanto os restantes optaram pela igreja paroquial e por locais diferenciados no interior da igreja ou nos seus claustros. (...) Contudo, esta hierarquia de espaços não se fazia apenas sentir entre instituições, mas também no interior de cada instituição.»*, conforme refere Hermínia Vilar (Vilar, 1996: 172).

20 *«Esta é a dinâmica geral do processo, o fio condutor que vai, durante muitos séculos, ditar a postura mental das pessoas perante a morte. A partir do século XIV, porém, começam a surgir algumas variantes a esta expressão, iniciando-se um movimento generalizado, à escala europeia, de construção e posterior estabelecimento de capelas, cuja principal finalidade era a de perpetuar a memória do morto e o bem-estar da sua alma, pela celebração periódica de missas ou outras obrigações. Esta não era a prática generalizada, já que implicava a posse de bens materiais suficientes para o estabelecimento físico da capela propriamente dita e da respectiva figura jurídica, o que garantiria a sua manutenção. O comum dos mortais limitar-se-ia a dormir o seu eterno sono à sombra do templo, no adro, a área eficaz convencional de doze passos. Era essencialmente para estes que se destinava, nos primórdios, a criação dos carneiros.»* (Cunha e Ferreira, 1998: 28).

21 Cf. Hermínia Vilar, *A vivência da morte na Estremadura Portuguesa (1300-1500)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (polic.), Lisboa, 1990, vol. I: 128 e segs; Lucília da Glória Verdelho da Costa, «Morte e espaço na arquitectura religiosa do século XV», in *Jornadas sobre Portugal Medieval* (Leiria, 1983), Leiria, 1986: 233-35. Os locais referidos

dos mortos enquanto elemento ordenador primordial que presidiu ao aproveitamento dos diversos locais deve matizar-se. Se nos cemitérios constituem o índice fundamental da organização do local – estas áreas existem, antes de mais, para repouso dos seus corpos; no interior das igrejas, pelo contrário, os mortos submetem-se a uma outra categoria que define e hierarquiza o espaço. Mas é incorrecto recorrer a divisões estigmatizantes, opondo o interior do templo a uma zona exterior delimitada, com características físicas próprias. Como se sabe, o espaço funerário dissemina-se por toda a área religiosa²². Assim, quanto mais dessacralizado é o local, mais autonomia têm os mortos para o regular, mas também mais desprotegidos se encontram.»²³ (Costa, 1996: 178).

Como já vimos através das referências a outros autores, a mesma autora escreve ainda que «(...) A gradação entre zonas marginais e zonas nobres e privilegiadas é visível pela titularidade social dessas áreas; um panorama, aliás, previsível. A hierarquização espacial das sepulturas não é rígida, embora sejam perceptíveis claras linhas orientadoras. Começemos pelos claustros: aí jazem corpos de vizinhos com as suas esposas, abades, meios cónegos, e ainda mulheres de alguma forma ligadas aos clérigos²⁴: mães, irmãs, filhas e servidoras. Transpondo o limiar da porta do templo sepultam-se casais de cidadãos e, sobretudo, dignidades eclesiásticas: chantres e cónegos. O espaço torna-se mais sagrado, podendo mesmo transformar-se em espaço proibido, à medida que se aproximava o altar-mor. (...) No cruzeiro, o lugar mais nobre, a densidade de sepulturas era superior: acantonavam-se frente ao altar-mor, nas capelas (...), junto à porta da sacristia. Aí jaziam os mais altos dignitários (...).»²⁵ (Costa, 1996: 181).

encontram-se naturalmente vedados aos excomungados e aos que não se confessavam e comungavam; o espaço que lhes estaria reservado era o campo ou o monturo (cf. *Synodicum Hispanum*, dir. António García y García, vol. II; Portugal, Madrid, 1982 – Constituição 31 do Sínodo de Braga de 1477:104) (in Mattoso, 1996: 184).

22 Cfr. Salvador Claramunt, «La muerte en la Edad Media. El mundo urbano», in *Acta Historica e Archaeologica Mediaevalia*, 7-8, Barcelona, 1986-87, p. 206. Como escreve Hermínia Vilar, referindo-se à localização das sepulturas nos templos e nos espaços circundantes: «Entre o interior e o exterior era sugerida uma continuidade, apenas quebrada pela hierarquia de lugares em função de um centro de intercessão localizado no interior do edifício» (ob. cit., p. 129) (in Mattoso, 1996: 184).

23 «Atendendo a estes condicionalismos, compreende-se que um dos vectores de ordenação social do espaço – o da múltipla funcionalidade – seja plenamente cumprido quando se consideram os espaços da morte. Os exemplos de convivência entre vivos em locais também adscritos aos mortos são inúmeros e bem conhecidos, nomeadamente pela condenação que merecem por parte da Igreja. Antes de mais, nos adros dos templos que, pela sua amplitude, tendiam a abrigar grandes ajuntamentos de pessoas, servindo de áreas de comercialização – como acontecia no adro da igreja de São Martinho, em Leiria, onde a zona do mercado e convívio quase não se diferenciava da área do cemitério; também nos claustros, palco da tomada de decisões municipais, sempre que a gravidade do tema implicava a legitimação concedida por uma assembleia alargada. (...)» (Costa, 1996: 178). Cf. igualmente Philippe Ariès, *L'Homme devant la mort*, Paris, 1975: 80 ; Hermínia Vilar, ob. cit.:128 (in Mattoso, 1996: 184).

24 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328.

25 «(...) Esta área do altar-mor era, em vida, vedada às mulheres enquanto se celebravam as missas; de acordo com as informações do obituário, apenas duas encontram repouso para os seus corpos no limiar desta zona – os seus de-graus fronteiros. A aparente anarquia, a profusão, o mesmo colorido da paisagem urbana parece extensivo a esta superfície no interior do templo: campas rasas e moimentos – estes sobretudo situados nos claustros e à porta da Sé -, campas grandes e pequenas, estreitas e longas, azuis, brancas; de pedra da Batalha ou de pedra-mármore; campas da Flandres; com chaves presas por cordões e grades. Muitas teriam uma cruz, um cálice figurado e galhetas, outras as armas dos sepultados cujos elementos decorativos são descritos: ondas, flores-de-lis, luas, lobos, folhas de figueira,

Por fim, conclui que «*A renovação da titularidade destas parcelas de espaço sagrado era uma questão de tempo. No claustro existia um carneiro (ossário²⁶) para onde se atiravam os ossos dos finados. Uma vala seria o destino dos restos terrenos dos sepultados há mais tempo. (...)*» (Costa, 1996: 183).

À semelhança do que veremos acontecer em países como a França ou a Espanha, que abordaremos a seguir, a investigação aplicada à arqueologia medieval (mais exactamente à arqueologia a que podemos chamar «funerária») em Portugal tem-se desenvolvido nos últimos decénios.

Isabel Fernandes refere que até aos anos 70, a arqueologia medieval em Portugal se resume a uma série de recolhas dispersas, sobretudo relacionadas com investigações e sítios relacionados principalmente com a Pré-história e o período Romano²⁷. Salienta igualmente a importância que as revistas de arqueologia tiveram, na mesma época para a divulgação da arqueologia medieval. Especial relevo tiveram igualmente Abel Viana, D. Fernando de Almeida e Carlos Alberto Ferreira de Almeida pelos seus trabalhos em prol da arqueologia medieval, os dois primeiros investigadores durante os anos 70 e o segundo estendendo a sua actividade até aos anos 80; seguir-se-lhes-ão muitos outros, quer no domínio da arqueologia medieval, quer em domínios mais específicos como o período islâmico, de que destacamos os

estrelas, figos, vieiras. Em algumas sepulturas procurava-se memorizar as funções exercidas pelos defuntos em vida, como o caso de uma campa com a representação de uma figura de cônego ou de outra que abrigava o corpo de um escrivo e tinha figurados escrivão e tinteiro. As campas apresentavam como elemento de individualização um letreiro com a inscrição do nome; por vezes, o nome era também assinalado na parte onde a sepultura se localizava, como que para delimitar e circunscrever a área. (...) Atempadamente pretendia-se minimizar o crónico problema que a falta de espaço engendrava, cativando, em vida, o local da sepultura. No entanto, nem sempre o lugar eleito para repouso dos corpos era conseguido. Aquando da outorga da sepultura, seria necessário equacionar a área disponível, a sua hierarquização, tendo em conta os locais reservados com as pretensões de cada indivíduo, ditadas por devoções particulares a santos ou movidas pelo objectivo de repousar próximo dos seus familiares. E como os bens dotados constituíam um espaço quantificável pela instituição religiosa levar-se-ia também em conta a necessária correspondência entre o valor monetário e o valor sagrado da área atribuída para repouso dos corpos. A ocupação póstuma do espaço sagrado estava longe de ser definitiva. Eram comuns as trasladações no interior do templo: de locais menos nobres para locais mais nobres, ou, ainda, de sepulturas conjuntas para sepulturas autónomas.» (Costa, 1996: 182).

26 Ver Glossário, Apêndice B, p. 333-334.

27 «Até aos anos 70, a arqueologia medieval em Portugal resume-se efectivamente a recolhas dispersas, muitas vezes associadas a investigações de campo cujo objectivo era a Pré-história ou o período Romano. Uma boa parte das peças deu entrada em museus regionais ou no Museu Nacional de Arqueologia e outra foi juntar-se ao coleccionismo particular. Dentre estas peças figuram essencialmente cerâmicas, nomeadamente de época islâmica, pedras decoradas ditas visigóticas (pilastras, etc.), capiteis, estelas, lápides, moedas. O interesse despertado pelo período visigótico e pelos castelos e igrejas dos primórdios da nacionalidade não tem correspondência para outros testemunhos de época medieval, e menos ainda para os da fase islâmica. Refram-se no entanto, como excepção, os estudos numismáticos, agregados ao espírito e à prática colecionista e, para o islâmico, os estudos de David Lopes e Garcia Domingues. Também Abel Viana, em *Algumas Noções Elementares de Arqueologia Prática*, Beja, 1962, se atreve a reservar um pequeno espaço para a bibliografia respeitante à «Época Árabe» e dá-nos conta de registos arqueológicos e achados desse período no castro de Nossa Senhora da Cola (Beja). As revistas *O Arqueólogo Português* (iniciada em 1895), *Arquivo de Beja*, *Bracara Augusta*, *Arqueologia e História* (*Associação dos Arqueólogos Portugueses*), *Revista de Guimarães* e as *actas do 23º Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), foram os principais canais de divulgação de notícias, achados e primeiros estudos de arqueologia medieval até aos anos 70.» (Fernandes, 2005: 151)

trabalhos efectuados por Rosa Varela Gomes em Silves, Aljezur, Portimão e Lisboa²⁸.

No tocante ao tema da presente Tese, salientamos nomeadamente trabalhos de investigação como os de Mário Barroca²⁹ (Barroca, 1983; Barroca, 1987; Barroca, 1989; Barroca, 2000) que identifica e inventaria as sepulturas escavadas na rocha da região de Entre-Douro-e-Minho (em estudo de 1987³⁰), dando um dos primeiros passos decisivos para a extensão desta linha de investigação.

Correspondendo a um limite cronológico fora dos limites da presente Tese, dado que estudou essencialmente o período da Reconquista, especialmente entre o século IX e finais do século XI, Mário Barroca menciona os trabalhos de Alberto del Castillo e os contributos posteriores de Asunción Bielsa, Katja Kliemann, Jordi Bolòs i Masclans e de Montserrat Pagès i Paretas. É aliás Kliemann que avança as datações possíveis das sepulturas antropomórficas

28 Veja-se, a este respeito, os artigos de Luís Fontes (Fontes, 2002) e de Isabel Fernandes (Fernandes, 2005) o primeiro versando sobre os últimos cem anos – não obstante a indicação de que o principal período de florescimento da disciplina corresponde aos anos 70 – e a segunda sobre os últimos 25 anos da investigação em Portugal.

29 Tendo em conta os princípios que enunciou e apresentados supra, Mário Barroca tentou uma extrapolação para os sítios arqueológicos daquele tipo existentes na região de Entre-Douro-e-Minho. Assim, as suas conclusões são sumariamente as seguintes: uma maioria significativa de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, em detrimento das sepulturas de forma não antropomórfica. Desta forma, estas últimas são por sua vez constituídas por sepulturas rectangulares ou subrectangulares, sepulturas ovaladas e sepulturas trapezoidais (Barroca, 1987: 131-132). Os cemitérios daquele território constituem-se em pequenos núcleos e não em grandes extensões. Algumas estão associadas a templos, «(...) embora na maior parte dos casos as construções sejam posteriores, algumas ainda medievais, as restantes já de época moderna, mas é possível que elas perpetuem uma tradição de culto antiga que já tivesse servido de estímulo para a abertura dos monumentos.» (Barroca, 1987: 134). A questão da sua localização continua, em muitos casos, por explicar, podendo implantar-se igualmente próximo de vias de comunicação, de propriedades privadas ou em pontos destacados da paisagem. Apresentam um vasto leque de orientações: «Em muitos casos elas podem-se considerar orientadas de acordo com as normas religiosas, ostentando apenas desvios axiais de alguns graus, susceptíveis de serem explicados pela trajectória solar ao longo do ano.» (Barroca, 1987: 134). Quando se encontram nas imediações de edifícios religiosos, encontram-se geralmente alinhadas pelos muros destes (Barroca, 1987: 134-135). No tocante às sepulturas antropomórficas, também estas apresentam uma grande variedade de formas: temos assim a presença de sepulturas com cabeceira em arco ultrapassado (ou de tipo «Occidental», de acordo com a teoria de Alberto del Castillo), as de cabeceira trapezoidal (ou de tipo «Oriental» ou catalão, de acordo com o mesmo autor), as que apresentam cabeceira em arco peraltado e, finalmente, as sepulturas com cabeceira em arco de volta perfeita (Barroca, 1987: 136). A dificuldade na definição cronológica de cada uma das tipologias diz respeito sobretudo ao facto de existirem, à altura, poucas intervenções efectuadas em necrópoles que tivessem ainda inumações *in situ* e intactas, à excepção do Convento de Santa Marinha da Costa, que apresenta sepulturas atribuíveis, nos últimos períodos, aos séculos XI-XII e XIII, contemporâneos do edifício românico (Barroca, 1987: 139). Estes últimos são antropomórficos e apresentam profundos encaixes para as tampas. Por fim, «(...) no Entre-Douro-e-Minho, a maior parte das sepulturas antropomórficas talhadas na rocha poderão ter tido um período áureo entre a segunda metade do século IX e os fins do século XI. (...) Para alguns casos a sobrevivência desta moda de enterramentos até épocas mais recentes, cerca dos séculos XIII e XIV, parece perfeitamente comprovada.» (Barroca, 1987: 140). São os casos das fases mais recentes da Sé do Porto e do Convento de Santa Marinha da Costa, já mencionado, a par de outros núcleos onde aquela pervivência se verificou.

30 E que Mário Barroca retoma resumidamente em trabalho posterior (Barroca, 1989). Não deixa, contudo, de mencionar os trabalhos publicados a partir dos anos 30 por autores como Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira, Santos Rocha e Vergílio Correia, entre outros, sobre o mesmo tema e apontar o facto de Carlos Ferreira de Almeida, nos anos 70, atribuir a estes conjuntos funerários uma cronologia medieval, como já o fizera António Cruz, na década de 40 do passado século (Barroca, 1987: 105-110; Tente e Lourenço, 1998: 191).

até ao século XIII: de facto, «*Após um período áureo, que caberia colocar até aos fins do século XI, a utilização e execução de sepulturas antropomórficas abertas na rocha passa a apresentar-se como mais ou menos esporádica, representando sobrevivências tardias de uma moda anterior. Se essas sobrevivências possuem alguma expressividade nos fins do século XIII, de então para diante deixam de ser significativas. Apenas no cemitério judeu de Montjuich (Barcelona) a moda parece ter atingido períodos mais tardios, documentando-se ainda nos fins do século XIV (...)*» (Barroca, 1987: 118). No trabalho em questão, o autor explica as características gerais das necrópoles escavadas na rocha, mencionando que a sua construção não previa a sua colocação à vista (sendo assim ocultadas por terra ou por lajes de cobertura³¹) (Barroca, 1987: 119-120); eram monumentos funerários essencialmente anónimos, no sentido em que mesmo quando existe uma marcação, como uma estela³² discóide ou rectangular, esta não ostenta qualquer nome (Barroca, 1987: 120); a orientação³³ fazia-se de acordo com o nascer e o pôr-do-sol, podendo os desvios da mesma em algumas sepulturas dar indicações mais ou menos precisas sobre o momento da sua abertura (Barroca, 1987: 123-124); no tocante aos rituais, o autor refere, para além da lavagem do corpo e posterior envolvimento num sudário, a colocação de moedas no interior das sepulturas (junto ao corpo, encerradas numa das mãos ou dentro da boca, sobre a língua), salientando o facto de esta ser sobretudo a excepção (Barroca, 1987: 125-127). As deposições das inumações são constituídas principalmente pela posição em decúbito supino ou dorsal, indicando aquele investigador desconhecer inumações em decúbito ventral e aventando ao mesmo tempo a hipótese de as sepulturas com um dos ombros assimétricos poderem ser utilizadas para inumações em decúbito lateral direito (Barroca, 1987: 127-128). Até ao século XII (período que estudou) não são encontrados vestígios de caixão, sendo o corpo depositado na sepultura, envolto no sudário³⁴, coberto de terra e depois coberto com lajes monolíticas ou lajes pétreas em quantidade indeterminada (Barroca, 1987: 127-128).

A variante que formulou para as sepulturas escavadas na rocha coloca numa anterioridade as sepulturas não antropomórficas, ovaladas, subrectangulares ou trapezoidais e as sepulturas antropomórficas como correspondentes a uma cronologia mais recente. Estas estariam relacionadas com a necessidade de manter a verticalidade da cabeça, «olhando o Céu», preocupação que se alastra até ao século XIII (Barroca, 1987: 129-131).

Ao seu estudo inovador, de facto, seguiram-se outros trabalhos, utilizando a mesma metodologia, nomeadamente os de António Carlos Valera, sobre as sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fornos de Algodres³⁵ (Valera, 1990); de Jorge Adolfo Marques

31 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

32 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

33 Ver Glossário, Apêndice B, p. 333.

34 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

35 O levantamento feito naquele concelho levou à identificação de diversas necrópoles: a das Forçadas (perto da vila de Matança), constituída por 22 sepulturas escavadas na rocha, «(...) não antropomórficas de planta pred-

(Marques, 1995), sobre as sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu³⁶; de Susana Terra da Mota (Mota, 1996) sobre as sepulturas escavadas na rocha da Necrópole de São Bartolomeu, no Arrabalde de Monsaraz (Concelho de Reguengos de Monsaraz)³⁷; de Ricardo Teixeira (Teixeira, 1996), sobre o povoamento da antiguidade à época medieval no território de Chaves, com a inventariação de sepulturas escavadas na rocha daquela região³⁸; de Maria Magalhães Ramalho (Ramalho, 1998), sobre o Convento de São Francisco de Santarém³⁹, estudando igualmente as tipologias das sepulturas encontradas durante a intervenção arqueológica naquele monumento; de Isabel Justo Lopes (Lopes, 2002), sobre as necrópoles

minantemente rectangular ou sub-rectangular (...)», 4 de planta ovalada, 2 de planta ligeiramente trapezoidal e 2 de planta assimétrica, orientadas a Sul ou ligeiramente afastadas para SO ou SE (Valera, 1990: 7-9); a da Tapada do Anjo (Vila Ruiva), igualmente com 22 sepulturas, organizadas em quatro núcleos na envoltura de uma capela: 8 dessas sepulturas têm forma antropomórfica (3 com cabeceiras assimétricas, rectangulares e em arco ultrapassado), sendo as restantes não antropomórficas, o que leva o autor a relacionar esses elementos com as suas dimensões, para concluir que as sepulturas antropomórficas se destinariam ao enterramento de adultos, em especial pertencentes ao sexo masculino (Valera, 1990: 13). As sepulturas desta necrópole não apresentam orientação específica: nos três núcleos considerados, 4 estão orientadas a Este, 8 a Oeste, 2 a Norte, 1 a Nordeste, 3 a Sul e 3 a Sudoeste. Enquanto as sepulturas não antropomórficas apresentam orientações variáveis, as antropomórficas parecem respeitar a regra canónica da orientação a oeste, ficando o inumado com o rosto virado para Este (Valera, 1990: 9-14). São ainda mencionadas sepulturas isoladas ou em núcleos de duas ou três (cerca de 15 no total), o que parece indiciar agrupamentos de carácter familiar, podendo a sepultura antropomórfica, acompanhada de uma não antropomórfica, corresponder ao membro familiar do sexo masculino (Barroca, 1987: 114; Valera, 1990: 17, 19). As mais antigas poderão atribuir-se ao século IX e as mais recentes, pela sua tipologia, integram-se no século XI (Barroca, 1987: 129; Valera, 1990: 26), não se enquadrando, portanto, no âmbito do presente trabalho.

- 36 O estudo dos conjuntos funerários constituídos pelas sepulturas escavadas na rocha levaram este investigador a relacionar a localização geográfica com um povoamento caracteristicamente disperso e em pequenas unidades de carácter familiar, ligando a sua proximidade a locais onde surgiram vestígios de ocupação habitacional (Marques, 1996).
- 37 Este trabalho foi posterior às escavações que desenvolvemos sob a direcção do Arq.to Mário Varela Gomes e que referimos nas páginas seguintes.
- 38 As sepulturas estudadas são na sua maioria de forma antropomórfica, situando-se em afloramentos que se destacam na paisagem ou junto a locais onde surgem vestígios de ocupação humana, quer de origem romana quer de génese medieval (Teixeira, 1996).
- 39 De que existe continuidade em trabalho publicado em 2001 (Ramalho, 2001). Reteremos aqui apenas o período cronológico a que corresponde o tema central da presente Tese. Em trabalho anterior, já aquela autora tinha referido a existência de sepulturas escavadas na rocha calcária, orientadas a oeste e que se estendiam por toda a zona sul da Igreja, correspondentes a período precedente à construção das capelas. As sepulturas referidas eram antropomórficas, apresentando ressaltos para a colocação da cabeça. Numa delas foram descobertos cinco pregos que a autora atribui à existência de uma tampa de madeira que não foi, contudo, encontrada (Ramalho, 1994: 163). As sepulturas provenientes do adro teriam, no entanto, cobertura constituída por lajes, lisas ou decoradas com símbolos (a autora apresenta os exemplos de flores-de-lis, estrelas de cinco braços e cruz em pedestal de pedra) (Ramalho, 1994: 164). A descoberta de um numisma de D. João I (meio real) na zona correspondente ao maxilar inferior do inumado fundamenta a colocação efectiva de uma moeda na boca do defunto, o óbolo a Caronte. São igualmente mencionados os panteões familiares e lápides funerárias existentes na mesma igreja. Por outro lado, já em 2005, é referida a existência «(...) de um imenso cemitério composto por um grande número de enterramentos que se sobrepunham, criptas, sepulturas em pedra, caixões, etc., distribuindo-se tanto pela igreja, como pelo claustro, capelas, e até pelo alpendre. Tratava-se de um cemitério aberto à população, certamente às classes mais favorecidas e onde se incluíam membros dos dois sexos e das mais variadas idades. Sabemos, inclusivamente, que este convento ficou conhecido por ser aquele que na cidade mais mortos albergava, usufruindo, por essa razão, de uma importante riqueza, fruto das inúmeras doações atribuídas.» (Ramalho e Lopes, 2005: 270).

do Douro Superior para fundamentar os contextos materiais da morte durante o período medieval; de Marina Vieira (Vieira, 2004), sobre o povoamento nas épocas romana e alto-medieval no Alto Paiva⁴⁰, com a inventariação de sepulturas escavadas na rocha daquela região e correspondentes a este último período cronológico; ainda no mesmo ano, o estudo de Isabel Fernandes (Fernandes, 2004), sobre a ocupação do castelo de Palmela⁴¹, no qual revela a descoberta do cemitério do primitivo convento-sede da Ordem de Santiago na Alcáçova daquela cidade, e que retoma posteriormente⁴² (Fernandes, 2004); destacamos ainda o trabalho

- 40 As 86 sepulturas observadas pela autora naquele território organizam-se em pequenas necrópoles ou em sepulturas isoladas, apresentando apenas algumas tipologias de entre as que foram equacionadas pelo Núcleo de Estudos das Sepulturas Escavadas na Rocha, ligado ao GEAP, e de que falámos supra, quando referimos os trabalhos de Mário Barroca (Barroca, 1989). Não obstante apresentar algumas diferenças regionais face às teses tanto de Alberto del Castillo como de Mário Barroca, as sepulturas encontradas no Alto Paiva integram-se num momento de passagem para o antropomorfismo pleno, dado que a grande maioria apresenta formas não antropomórficas (48 ovaladas, 13 subrectangulares, 6 rectangulares e 4 trapezoidais) (Vieira, 2004: 69-70). Não nos deteremos muito neste caso, uma vez que não existem elementos concretos quanto à sua cronologia. Contudo, e tendo em conta que as sepulturas antropomórficas existentes na região não têm muita expressão (9 sepulturas num universo de 86), a autora apoia-se na cronologia descrita para aqueles monumentos, nas suas formas não antropomórficas, por Mário Barroca (séculos VIII-IX), deixando contudo uma questão: «*No caso de se poder fazer corresponder uma data mais recuada às sepulturas não-antropomórficas, poderíamos supor que a região do Alto Paiva teria sido ocupada por indivíduos que se faziam sepultar em jazigos escavados nas rochas que aqui se fixaram entre o século VIII e IX depois abandonaram a região?*» (Vieira, 2004: 71). Por outro lado, aquela investigadora refere igualmente a existência de outro tipo de cemitério no Alto Paiva para além das necrópoles escavadas na rocha, a saber, de locais funerários associados a templos e constituídos por sarcófagos monolíticos. A cronologia apontada corresponde ao período entre o século X e inícios do século XII, inserindo-se por este último limite cronológico no âmbito do nosso estudo (Vieira, 2004: 76-77).
- 41 O estudo mencionado constituiu a Tese de Mestrado da autora. As sepulturas encontradas apresentam-se sob a forma de covas rectangulares na base do sedimento que marca a ocupação almorávida. Destas, apenas uma mostra uma caixa sepulcral coberta por uma massa esbranquiçada, à base de cal (Fernandes, 2004: 118). Noutra, encontrou-se sobre as vértebras do lado esquerdo do corpo inumado uma insígnia (reproduzindo uma vieira, com as extremidades perfuradas) que teria sido presa (cozida?) ao vestuário que o mesmo envergaria na altura do seu enterramento (sep. 2) (Fernandes, 2004: 119, 210-212). Este enterramento foi feito em decúbito dorsal, as mãos cruzadas sobre o abdómen, os membros inferiores estendidos e juntos, a cabeça direita e voltada para cima (Fernandes, 2004: 210). As restantes sepulturas encontradas estavam também orientadas a nascente (cabeça a Oeste e pés a Este), consoante os cânones cristãos; eram formadas «*(...) de pedra calcária talhada, reaproveitando parcialmente estruturas anteriores, algumas com cabeceira antropomórfica e leitos de terra batida. (...)*» (Fernandes, 2004: 121). Uma delas incluía ainda vestígios de madeira do caixão (ou ataúde) colocado directamente em cova aberta no solo (sep. 4). Noutra subsistem ainda os pregos (de secção quadrangular e cabeça plana) junto às paredes da sepultura, e um dado encontrado entre os materiais osteológicos que constituíam a mão do inumado (sep. 8). Os fragmentos encontrados em alguns destes exemplos mostram que as sepulturas eram cobertas por lajes (Fernandes, 2004: 122-123, 207). Paralelamente, e durante a escavação da sacristia da Igreja de Santa Maria, foram encontrados 8 enterramentos, dos quais dois que parecem enquadrar-se nos séculos XIII e XIV (Fernandes, 2004: 140).
- 42 Os fundamentos de base arqueológica que apresenta são diversos, encontrando-se essencialmente numa área central da alcáçova, onde foi definida e escavada uma necrópole que a autora datou de entre os finais do século XII e a primeira metade do século XIII. Este espaço cemiterial, mostrando dezasseis sepulturas de inumação, com orientação e tipologias correspondentes a enterramentos cristãos, foi implantado sobre níveis de ocupação da fase almorávida. O estudo antropológico das ossadas comprova a existência de um cemitério da Ordem de Santiago, pelo fornecimento de alguns indicadores da prática de cavalaria (Síndrome do Cavaleiro) e «*(...) principalmente pelo registo, numa das sepulturas, de uma insígnia da Ordem, ajustada à mesma cronologia, onde se lê: S(ignum).Ordinis: M(ilicie). S(an)c(t)i: Iacobi.*» (Fernandes, 2005: 313). Um conjunto de estruturas assinaladas nesta área, datadas entre os séculos XII e XIV, sugeriu àquela investigadora a existência de uma construção rectangular que poderia ser identificada com a sede conventual respectiva. As estruturas delimitam a área correspondente ao núcleo mais representativo da necrópole, levando à possível identificação do edifício

de Catarina Tente⁴³ (Tente, 2007), no qual a autora efectua o levantamento das sepulturas isoladas, agrupamentos de sepulturas e necrópoles da encosta noroeste da Serra da Estrela, evocando a evolução da investigação sobre as sepulturas escavadas na rocha, simultaneamente a nível das tipologias e cronologias defendidas pelos autores espanhóis (a alguns dos quais já aludimos) e pelos investigadores nacionais (Tente, 2007: 64-67); finalmente, o de Sandra Lourenço⁴⁴ (Lourenço, 2007), sobre o povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva, no qual inclui o levantamento e descrição das sepulturas escavadas na rocha inventariadas naquele território.

Por outro lado, nas últimas décadas, intervenções arqueológicas efectuadas um pouco por todo o País permitiram identificar núcleos sepulcrais, de que são exemplo igualmente a Citânia de Sanfins (Silva; Centeno, 1980), com a escavação arqueológica das 34 (trinta e quatro) sepulturas de forma trapezoidal que constituem a necrópole existente no perímetro da citânia; a necrópole medieval de Vila dos Sinos, em Mogadouro (Lemos; Marcos, 1985); a Necrópole de São Bartolomeu (Reguengos de Monsaraz), vasta necrópole escavada na rocha, escavada em 1992-1993 pelo Arq.to Mário Varela Gomes, de que fomos então assistente de arqueólogo, no perímetro da qual se estimou existirem cerca de três centenas de sepulturas⁴⁵.

religioso do conjunto, hipótese reforçada pela recolha de uma cruz antefixa e fragmentada (Fernandes, 2005: 313).

- 43 Este trabalho, exaustivo na inventariação de monumentos funerários na Serra da Estrela, destaca sepulturas isoladas, pequenos grupos de 2/3 sepulturas, mas igualmente necrópoles (Risado, Casal das Pias, Freixial, Saião/Santo António, Quinta da Menoita, Prazo, Tapada do Bufo, Monte Aljão, Colícias, Tapada das Pedras, A-das-Pedras, e Tapada do Anjo, já publicada por António Valera – Valera, 1990) constituídas por 5 a 10 e 22 sepulturas escavadas na rocha (estas últimas no caso da necrópole da Tapada do Anjo). As tipologias patentes são sobretudo de carácter antropomórfico (90 casos), não-antropomórficas (60 casos, constituídos maioritariamente por formas ovaladas) e impossíveis de determinar (5 casos) (Tente, 2007: 88). A sua localização erma, longe de fortificações ou edifícios religiosos, a maioria das vezes em locais remotos, conduz Catarina Tente à proposta de que podem estar associadas a pequenos casais rurais de carácter familiar, tendo sido identificados em alguns casos diversos vestígios cerâmicos contemporâneos de uma ocupação medieval (Tente, 2007: 96). A orientação dos túmulos rupestres estudados é variada, destacando-se (embora em número não muito superior às restantes) uma direcção Este/Sudoeste. Destaca sobretudo as sepulturas infantis (conclusão a que chegou com base nas dimensões obtidas em termos de comprimento dos túmulos), indicando a necrópole do Monte Aljão como sendo potencialmente «(...) um local de enterramento infantil privilegiado, integrado numa necrópole mais vasta cujo conhecimento se encontra limitado por falta de escavações arqueológicas mais amplas no local.» (Tente, 2007: 99). Sem apresentar cronologia específica, Catarina Tente deixa contudo a proposta de que as aldeias na região da Serra da Estrela cujas origens remontam aos séculos XIII e XIV podem ter tido origem nestes povoados dispersos e na concentração populacional ocorrida a partir o século XII, o que fundamenta com o facto de as necrópoles então apresentadas e de maiores dimensões estarem localizadas junto a aldeias actuais e ainda habitadas (Tente, 2007: 112).
- 44 Igualmente o resultado da Tese de Mestrado daquela investigadora, a análise efectuada por esta conduziu-a à conclusão de que as características das tipologias sepulcrais são comuns nas duas margens do rio Mondego, tendo no entanto sido detectado um maior número de sepulturas escavadas na rocha (ou rupestres) e de necrópoles na área delimitada entre o Alva e o Mondego, sendo a associação com um espaço religioso mais precoce nomeadamente em São Bartolomeu e em São Pedro de Lourosa; entre o Dão e o Mondego, devido à sua proximidade com vestígios de casais agrícolas, verifica-se que as tipologias existentes correspondem a sepulturas isoladas ou em pequenos aglomerados (Lourenço, 2007: 109).
- 45 Para este último caso mencionado, e no relatório então apresentado, refere-se que a morfologia das sepulturas pôde ser sintetizada em duas formas essenciais, a saber: a forma I, em que a cabeça não está demarcada, e a

Outros exemplos posteriores: as sepulturas escavadas na rocha da Necrópole das Forçadas (Matança, Fornos de Algodres) (Marques e Gama, 1992); as sepulturas do Monte do Senhor da Boa Morte (Vila Franca de Xira) (Santos, 1993); as sepulturas encontradas durante os trabalhos de reabilitação da Sé de Braga, as quais rondam a centena⁴⁶ (Fontes, Lemos e Cruz, 1997-1998); as sepulturas inventariadas por Catarina Tente e Sandra Lourenço em Carregal do Sal e em Gouveia⁴⁷ (Tente e Lourenço, 1998), assim como as do distrito de Évora⁴⁸ (Tente e Lourenço, 2002); a necrópole do Casal de São Brás, no concelho da Amadora, escavada por Gisela Encarnação⁴⁹ e por Cidália Duarte (Encarnação, 1999; Duarte, 2000); a necrópole

forma II, em que a cabeça se encontra perfeitamente individualizada. Ambas as formas apresentam variantes, podendo ser resumidas da seguinte forma: I – A – Rectangulares, por vezes com os cantos arredondados; I – B – Trapezoidais, com sugestão antropomórfica; II – A – Subrectangulares ou trapezoidais, com ligeira inclinação da cabeça; II – B – Idem, com a cabeça indicada, mas pouco destacada; II – C – Idem, com a cabeça bem demarcada, de forma semicircular, II – C – Idem, com a cabeça bem demarcada, em arco ultrapassado.

- 46 Destas foram escavadas cerca de 66 sepulturas, as quais adoptavam variadas formas: os simples enterramentos «despersonalizados» dos covais simples, com ou sem caixão, assim como caixas de pedra e sarcófagos monolíticos (6 retirados do subsolo da catedral – Capela de São Crispim -, sendo 4 deles medievais, com ou sem lápide funerária) (Fontes, Lemos e Cruz, 1997-1998: 143).
- 47 O levantamento para ambos os concelhos, localizados em dois distritos diferentes (25 sepulturas no total para Carregal do Sal e 61 sepulturas para Gouveia), permitiu a ambas as investigadoras tirar algumas conclusões, nomeadamente quanto a: tipologias (o número de sepulturas antropomórficas é de quase 90%, com uma maioria de 8% para as ovaladas em ambos os concelhos; uma maior diversidade tipológica patente nas de Gouveia) (Tente e Lourenço, 1998: 203-206); localização espaço-geográfica (com uma percentagem vincada quanto a localizações em planaltos – Gouveia – e em encosta – Carregal do Sal) (Tente e Lourenço, 1998: 206-207); a sua não ligação a edifícios religiosos e igualmente a sua não orientação segundo os cânones cristãos embora, por outro lado, evoquem a hipótese de as sepulturas isoladas poderem corresponder em parte a enterramentos de eremitas (para cuja instalação a região se prestava a partir do século XII) (Tente e Lourenço, 1998: 208-210); finalmente, a dispersão destes sítios funerários parece, segundo as autoras, indicar um povoamento disperso (Tente e Lourenço, 1998: 213) em ambos os concelhos.
- 48 Respectivamente nos concelhos do Alandroal, Borba, Redondo e Vila Viçosa (duas necrópoles, uma em Borba – 7 sepulturas não antropomórficas – e outra no Alandroal – 5 sepulturas não antropomórficas; uma sepultura isolada em Vila Viçosa e outra em Borba; finalmente, dois conjuntos de duas sepulturas no Alandroal e em Borba) (Tente e Lourenço, 2002: 239). O pequeno conjunto de sepulturas estudado, sobre xisto, enquadra-se numa cronologia medieval não especificada, uma vez que não existem vestígios osteológicos e que os vestígios cerâmicos encontrados correspondem sobretudo a zonas de *habitat* (Tente e Lourenço, 2002: 255-256), encontrando-se maioritariamente viradas a Noroeste-Sudeste.
- 49 Base de Dados Endovélico, IPA CNS 15687. Situada no topo do Monte da Rascoeira, foram postas a descoberto, no decurso de trabalhos de emergência, nove sepulturas escavadas na rocha basáltica (caixa rectangular), de forma antropomórfica, entre as quais se contavam ainda cinco completas, e cobertas por lajes de calcário afeixoadas. As lajes de cabeceira correspondiam a três tipos: rectangular, triangular e arredondada. Estavam orientadas Este-Oeste, com a cabeceira a Oeste. Sem vestígios de materiais arqueológicos, e com a descoberta apenas dos restos osteológicos, a datação apresenta-se difícil sem o recurso a datações de ¹⁴C. Contudo, a posição dos corpos (na sua maioria em decúbito dorsal, com as mãos cruzadas sobre o abdómen, sobre o ventre ou ao longo do corpo), a característica das sepulturas e a sua localização junto a uma estação arqueológica romana (*villa* romana da Quinta da Bolacha), levam Gisela Encarnação a levantar a hipótese que estas tenham pertencido ao período paleocristão. No entanto, o sítio romano teve ocupação até pelo menos ao século XII, altura em que lhe são feitas referências documentais (Encarnação, 1999). Posteriormente, o estudo do espólio osteológico trouxe algumas informações adicionais, nomeadamente quanto ao número e faixa etária dos indivíduos inumados (11 para 9 sepulturas; 7 adultos, 2 crianças e 2 fetos) (Duarte, 2000: 4, 19; Duarte, 2003: 273). Assim, e embora à primeira vista este sítio arqueológico não se integre no âmbito cronológico da presente tese, decidimos inclui-lo como exemplo no nosso trabalho.

envolvente da Sé de Silves, escavada por Teresa Júdice Gamito em 2000⁵⁰, e as sepulturas junto àquele monumento, estudadas por Rosa e Mário Varela Gomes⁵¹ (Gomes e Gomes, 2006); a necrópole de Nossa Senhora do Carmo (Óbidos), com 66 sepulturas identificadas e parcialmente escavadas, de tipologias variáveis⁵² (1998, 2002-2003), e as Necrópoles de São Pedro⁵³ (2003) e de São Tiago⁵⁴ (1986-2005); a necrópole de São Pedro de Marialva, com intervenção datada de 1996⁵⁵ (Amaral, 2001; Cunha et alii, 2001); a necrópole do Castelo

-
- 50 Base de Dados Endovélico, IPA CNS 16885. O sítio arqueológico, inserido no PNTA/99 e escavado entre 2000 e 2002, foi identificado no adro da Sé de Silves, revelando um cemitério com sepulturas cujos ocupantes incluíam indivíduos de idade adulta compreendida entre os 35 e os 65 anos, de estrutura robusta e de estatura elevada (cerca de 1,70/1,75m), e indivíduos de tenra idade. A autora datá-lo-ia dos séculos XIII-XIV (Gamito, 2000). O local foi posteriormente incluído no Programa Polis da Câmara Municipal de Silves e acompanhado de 2004 até 2006. Já posteriormente, foram revelados os resultados do estudo dos materiais osteológicos provenientes das referidas sepulturas, de que resultou o estudo de 29 indivíduos (23 adultos e 6 crianças) (Casaca e Ferreira, 2008: 104). Estes dividem-se entre 12 homens e 10 mulheres. Uma das sepulturas incluía dois indivíduos: um do sexo masculino, aos pés do qual estava depositado um indivíduo do sexo feminino, que Teresa Gamito definia como pertencendo a uma mulher berbere (os autores que trataram os materiais osteológicos dizem desconhecer quais os factores que conduziram aquela investigadora a tais conclusões): «*Segundo a Responsável Científica da intervenção, a deposição secundária foi efectuada aos pés da inumação principal, em fase sequencial e posterior o que segundo aquela autora aponta para uma hierarquização social. Se outras razões não existirem, o simples facto de uma provável berbere estar inumada num espaço cemiterial cristão e na mesma sepultura de um provável euro-caucasiano é, por si, e atendendo à época em assunto – século XIII – XIV, um facto digno de registo, nota e meditação, em termos de antropologia cultural.*» (Casaca e Ferreira, 2008: 108).
- 51 De época bem anterior à referida para a intervenção de Teresa Gamito (ver nota de rodapé 50), mais exactamente em 1992, em espaço que teria constituído ainda a necrópole medieval anexa à Sé de Silves, Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes puseram a descoberto uma sepultura em fossa, com planta de forma rectangular, implantada sobre camada datável do período Almóada (séculos XII-XIII) (Gomes e Gomes, 2006: 317; Gomes, 2006: 123-127); o indivíduo, em decúbito dorsal, estava orientado a Oeste-Este, com a cabeça virada para Oeste. Os membros superiores estavam dispostos, mostrando-se o braço direito ao longo de corpo e o esquerdo sobre o abdómen; a mão segurava um numisma (dinheiro de bulhão de D. Afonso III – 1248-1279); os membros inferiores estavam estendidos e ligeiramente afastados; terá sido inumado envolto numa mortalha, sem recurso à utilização de alfinetes; de raça eurocaucasiana, este indivíduo do sexo masculino, com cerca de 20 anos (18 a 20 anos de idade, segundo os autores), apresentava múltiplas patologias (Gomes e Gomes, 2006: 317-320; Gomes, 2006:): «*Em virtude das hipoplasias ambientais generalizadas do esmalte, deverá ter havido deficiente alimentação na infância e puberdade. Dada a existência de criba orbitalis, deveria sofrer de anemia ferropriva, possível causa de morte (...).*» Aquele estudo conduziu, de igual modo, à identificação da profissão do indivíduo que deveria trabalhar diariamente e desde a infância, sentado em cadeira baixa (provocando saliências dos calcâneos) e, talvez como sapateiro, dadas as lesões da coluna cervical e dos dentes anteriores esquerdos.» (Gomes, 2006: 127). A cerca de 10 metros do mesmo local, foi encontrada uma estela discóide que parece ter assinalado esta sepultura e onde figuravam uma tesoura e a representação de uma sola de sapato (Gomes e Gomes, 2006: 316): «*Este monólito, assinalaria a sepultura acima referida, corroborando o estudo antropológico do esqueleto cujas patologias indicavam tratar-se de sapateiro. A confirmação deste tipo de actividade através da descoberta da estela discóide referida é tanto mais importante dado que o esqueleto guardava, na mão direita, dinheiro, cunhado no reinado de D. Afonso III, isto é de meados do século XIII, e que não só permite a atribuição cronológica da estela assinalada, como poderá certificar a data de abandono do espaço habitacional muçulmano sobreposto pela necrópole cristã.*» (Gomes, 2006: 127).
- 52 Segundo informações surgidas na imprensa local (*Rio – Revista Informativa de Óbidos*: 18) e nos ficheiros relativos a sítios arqueológicos do IPA (Base de Dados Endovélico, CNS 8432).
- 53 Base de Dados Endovélico, IPA CNS 19941.
- 54 Base de Dados Endovélico, IPA CNS 2207.
- 55 A igreja, existente nos inícios do século XIV, era rodeada por sepulturas escavadas na rocha, de que ainda se viam algumas tampas. A necrópole seria contemporânea de um templo mais antigo e que dataria dos séculos XI-XII, tendo servido algumas delas como fundação da igreja do século XIV. A sua reutilização estende-se até

de Viana do Alentejo⁵⁶ (Gonçalves *et alii*, 2004); o cemitério existente no pátio da sacristia

aos séculos XV e XVI. Foi escavada uma área que corresponde a cerca de um quarto da sua área total, pondo a descoberto 86 sepulturas (Amaral, 2001: 129). Todas elas seguem uma orientação Oeste-Este, paralela às paredes da igreja e com a cabeça para poente. Correspondem a duas tipologias: sem forma antropomórfica e antropomórficas, seguindo a proposta de Mário Barroca (Barroca, 1987: 129-130). Estão incluídas no primeiro tipo as sepulturas rectangulares, trapezoidais ou ovaladas, ocupadas principalmente por crianças e possivelmente por mulheres de estatura pequena. A regra é, no entanto, constituída pelo segundo tipo, que apresenta algumas variações no tocante às formas da cabeceira. Estas adoptam as formas rectangular/quadrangular e semicircular (em arco ultrapassado, arco abatido e arco peraltado). Algumas das sepulturas apresentam rebordo e uma delas apresenta a parede norte «(...) *estruturada por pedras colocadas na vertical.*» (Amaral, 2001: 133). Foram ainda registados casos de sepulturas geminadas (um dos casos corresponde eventualmente a marido e mulher, e um outro a uma criança e ao seu avô, tendo este último exemplo referência documental), assim como a transformação em ossários (Amaral, 2001: 133). A maioria dos vestígios osteológicos apresentava uma posição em decúbito dorsal, com os braços sempre flectidos sobre a bacia e os membros inferiores paralelos ou sobrepostos (esta posição representa, segundo a autora, uma inovação em termos de ritual funerário, embora tenha sido documentada em outras necrópoles situadas na mesma área geográfica) (Amaral, 2001: 134, 137). Os corpos seriam envolvidos em sudário: a investigadora justifica esta conclusão pela quase inexistência de alfinetes (foram descobertos apenas dois exemplares) ou outros elementos relacionados com vestuário (apenas um colchete). As sepulturas eram então tapadas com terra (espaço colmatado) e eram-lhe apostas as coberturas. Quanto a estas, foram identificadas as formas rectangular ou subrectangular (em peça única); existe um caso de cobertura políptica, de pedras trapezoidais, dispostas em paralelo e perpendicularmente à sepultura; e, finalmente, a cobertura feita com terra e pedra miúda (Amaral, 2001: 134). No tocante ao espólio proveniente do interior das sepulturas, destacam-se 14 moedas, das quais 9 se enquadram no período em estudo no presente trabalho (2 dinheiros de Afonso III – seps. A6.10 e B4.9 –, 1 dinheiro de D. Pedro – junto ao crânio da sep. B5.2 –, e 1 dinheiro castelhano de Afonso XI, assim como ceitis de Afonso V – seps. C2.4, A4.24 e B6.2 – e de D. Manuel – 2 numismas na sep. C2.5); objectos de adorno (48 contas de colar e anel em vidro, conta-amuleto em azeviche – sep. B4.15 –, uma placa – sep. A4.19 – e oito contas de colar – seps. B4.3, B4.14, B5.3 e quatro para a sep. B6.4; um «*anel em trabalho liso com mesa oval*» encontrado no interior de um maxilar – sep. A6.10; um botão – sep. A6.11 –, dois alfinetes – sep. B4.123 e B6.10 –, e um colchete – sep. B6.16 –, entre outros objectos de metal) (Amaral, 2001: 134-136). As sepulturas teriam sido assinaladas por cabeceiras de sepultura lisas ou gravadas, de que foram descobertos 2 exemplares *in situ* e um terceiro nas imediações, conduzindo a autora a citar Mário Barroca quanto ao conhecimento da orgânica interna dos cemitérios rupestres medievais. Foram identificadas pelo menos duas fases de ocupação: a primeira ao período anterior ao foral concedido por Afonso Henriques no século XII; e a segunda aos séculos XV e XVI (Amaral, 2001: 136-137). Do ponto de vista antropológico, a necrópole poderá ser constituída por cerca de 300 sepulturas, adoptando como base a sobreposição das sepulturas no sector escavado. Do mesmo resultaram cerca de 140 indivíduos inumados, dos quais 36 resultantes de sepulturas individuais (Cunha *et alii*, 2001: 139). O número máximo de indivíduos inumados numa mesma sepultura é de 4. Não foram encontrados esqueletos completos (Cunha *et alii*, 2001: 140). Ainda assim, pelos vestígios osteológicos encontrados, foi possível concluir que estaremos perante 73 adultos, 53 não adultos e 14 indeterminados. Dos não adultos parecem não fazer parte bebés (a criança mais pequena parece ter mais de 2 anos de idade), o que leva Eugénia Cunha a atribuí-lo «(...) *ao costume de se enterrarem os bebés fora dos cemitérios, no átrio das casas, por exemplo (...)*» (Cunha *et alii*, 2001: 143). Desta forma, os não adultos mais representados situam-se entre os 6 e os 12 anos (25 indivíduos). No tocante aos adultos, as idades vão desde os 20-30 aos 50 anos de idade (Cunha *et alii*, 2001: 141). As patologias presentes dizem respeito a fracturas e a episódios infecciosos, como a osteomielite (ver Glossário, Apêndice B, p. 334) da sep. B2.3 e a hiperostose frontalis interna (ver Glossário, Apêndice B, p. 331) do mesmo indivíduo. Outro indivíduo apresentava entesopatias (ver Glossário, Apêndice B, p. 330) nas duas rótulas: A maioria dos dentes encontrados apresentava desgaste dentário, e são frequentes os casos de hipoplasias do esmalte dentário (ver Glossário, Apêndice B, p. 331), sobretudo nos indivíduos dos 2 aos 6,5 anos de idade, permitindo inferir «(...) *que durante esse período do crescimento, devido a etiologias várias – períodos de fome, doenças infecciosas de repetição, uma maior susceptibilidade ao stress, uma mudança alimentar derivada da fase de desmame – os indivíduos passaram por mais adversidades.*» (Cunha *et alii*, 2001: 142-143).

56 Desta necrópole, escavada em 2003, apenas o nível V, o mais antigo encontrado naquele sítio arqueológico e datado dos séculos XV-XVI, se enquadra no limite cronológico que estudamos. Neste foram abertas, num substrato geológico de argila, 6 sepulturas, de planta oval, rectangular ou trapezoidal, que continham

pequena da Sé do Porto⁵⁷ (Dordio, 2005); as sepulturas escavadas na rocha que constituem

8 enterramentos em decúbito dorsal (Gonçalves, 2004: 138-141). Duas das sepulturas estavam orientadas a nordeste/este: o enterramento 2 mostrava a mão direita sobre a pélvis e a simétrica lateralmente ao íliaco esquerdo, com os membros inferiores distendidos e correspondia a um não adulto entre os 6 anos ± 24 meses (Gonçalves, 2004: 142). Os restantes indivíduos inumados estavam incompletos: o enterramento 5 tinha a cabeça para oeste, com a face voltada para norte e os membros superiores cruzados sobre o ventre e teria pertencido a um adulto jovem; o enterramento 8 encontrava-se depositado com o crânio para este, os membros superiores cruzados sobre a bacia e os inferiores em posição rectilínea, tendo pertencido a um indivíduo de meia-idade e de sexo masculino (Gonçalves, 2004: 142-143). A sepultura 3 encerrava um único indivíduo, com a cabeça para oeste, a face voltada a norte e os pés posicionados a este; o braço esquerdo sobre a bacia e o direito sobre o peito, a perna esquerda estendida e a direita ligeiramente flectida, correspondendo a um indivíduo não adulto, de cerca de 4 anos ± 12 meses. A sepultura 4 foi escavada no substrato geológico e mostrava «(...) *planta oval no limite este (pés?) e trapezoidal no lado oeste (cabeceira?)* (...)», não apresentando vestígios osteológicos (Gonçalves, 2004: 143). A sepultura 5 continha o enterramento 16, orientado com a cabeça para oeste/noroeste, a face voltada a sul e os pés a este/sudeste, os membros superiores cruzados sobre o abdómen e os inferiores estendidos. Quanto à última sepultura, a 6, estava destruída (Gonçalves, 2004: 144). Acompanhavam algumas destas sepulturas pelo menos 2 ossários. O espólio não constitui marcador definitivo para datar as sepulturas deste nível, dado que inclui tanto fragmentos de cerâmica vidrada dos séculos XIV-XV como dos séculos XV-XVI (Gonçalves, 2004: 144).

- 57 O estudo do cemitério integra-se num plano de investigação conducente à consolidação, restauro e valorização da Sé do Porto e constitui uma segunda fase daquela intervenção. A área escavada, situada no pátio da sacristia pequena daquele monumento portuense, permitiu «(...) *obter uma amostra do registo que se preserva no subsolo da catedral no qual se destaca a importância dos níveis do cemitério do adro com sepulturas e enterramentos sobrepondo-se entre os séculos XII e XVI bem como a densidade das construções anteriores à sé românica, ali edificadas pelo menos desde a época pré-romana* (...)» (Dordio, 2005: 26). A Catedral do Porto ocupou, a partir do século XII, um espaço já densamente organizado e correspondente ao antigo *Cemitério do Bispo*, envolvente da primitiva igreja sede de Bispado e antecessora da catedral. Era conhecida do ponto de vista documental, datando a referência mais antiga ao cemitério no topo da colina de 1147. Este facto é extremamente importante para nós e para o âmbito do presente trabalho, dado que foi no recinto do cemitério que se reuniram os cruzados na sua preparação para a conquista de Lisboa, por não caberem todos no interior da primitiva igreja (Dordio, 2005: 27). Este cemitério estendia-se a toda a envolvente ocidental da Sé e as sucessivas intervenções (1933, 1939-1940 e 1994-1997) puseram a descoberto núcleos de sepulturas escavadas na rocha de forma antropomórfica (as segundas com a descoberta de numismas de D. Dinis e de D. Afonso V) (Barroca, 1987: 127). Estas últimas levaram à detecção de um conjunto de sepulturas estruturadas com lajes, que envolviam a igreja a nascente e de que as descobertas na intervenção de 2004 constituem o prolongamento (Dordio, 2005: 27-28). É constituída por 87 sepulturas, contabilizando cerca de 132 indivíduos inumados. Paulo Dordio identifica a «(...) *sepultura com caixa de lajes ou de pedras avulsas* [como característica do] *tipo de monumento funerário de maior expansão entre os séculos XII e XV ocupando as envolturas dos templos*» (Dordio, 2005: 29). Quanto às sepulturas encontradas no pátio da sacristia pequena, balizadas entre os séculos XII e XV/XVI, conforme referido supra, aquele investigador registou no nível mais recente o aumento do número de inumações em fossa ou coval simples, em detrimento das anteriores. Correspondem às sepulturas anónimas, com ausência de marcas ou símbolos identificadores do inumado. «(...) *Na fase mais antiga as sepulturas de pedras avulsas mostram uma construção pouco cuidada com lajes rudemente afeiçoadas e o plano interior da caixa sepulcral muito irregular ainda que tendencialmente antropomórfico* (...). Posteriormente, surgem sepulturas antropomórficas muito cuidadas, lajes alinhadas, face regularizada virada ao interior definindo um plano rectangular ou trapezoidal e a cabeceira talhada num único bloco.» (Dordio, 2005: 29). O autor refere ainda a descoberta, anterior (2003), quando das obras na Casa Guerra Junqueiro, nas traseiras do corpo da sacristia pequena, de «(...) *mais de duas dezenas de sepulturas de lajes grosseiras dispostas em fiadas irregulares com orientação canónica. Cerâmicas e moedas identificadas nos sedimentos associados apontam cronologias entre os séculos XIII e XV sendo as moedas de D. João I e D. João II/D. Manuel I. Muitas destas sepulturas mostravam continuar sob a parede da sacristia* (Osório e Silva, 2003)» (Dordio, 2005: 33). A transformação de um novo quadro mental a partir do século XIII, com uma maior individualização, levou à inumação de privilegiados dentro do espaço da igreja e ao progressivo aumento da identificação e sinalização dos seus espaços tumulares, mantendo-se para a maioria da população o enterramento em sepulturas anónimas, em caixa de lajes toscas de pedra na envolvente da igreja. Para tal contribuía o papel do clero, considerado como intercessor nos rituais religiosos (Dordio, 2005: 30). O afluxo de fiéis incentivava igualmente a procura destes locais privilegiados de enterramento, em espe-

o cemitério rupestre⁵⁸ do Irmeiro (Boim)⁵⁹ (Nunes; Sousa; Gonçalves, 2006); as sepulturas escavadas na rocha do Monte do Biscaia (Gáfete, Crato) (Valdez, Pinto e Nisa, 2008). Mais uma vez, como referiremos para o caso espanhol, o número de sepulturas encontra-se entre as sepulturas isoladas e os conjuntos de várias dezenas a poucas centenas de exemplares.

Não pretendemos que esta breve resenha seja exaustiva, embora existam ainda muitos outros exemplos. Durante os trabalhos de ampliação do Museu de Évora, decorridos em 1996, foram postos a descoberto níveis de enterramentos em necrópole cristã e pelo menos um enterramento muçulmano⁶⁰ (Santos e Umbelino, 2007). Mais recentemente, Guilherme Cardoso publicou notícia sobre a presença de um cemitério cristão medieval no adro da igreja de São Vicente de Alcabideche, onde foram encontrados numismas de D. Sancho I e de D. Sancho II, assim como estelas discóides (5 exemplares) aparecidos durante as escavações arqueológicas levadas a cabo (Cardoso *et alii*, 2009: 57-65). Não podemos esquecer a vasta necrópole do Adro da Igreja de Santa Maria do Olival⁶¹, em Tomar, com intervenções efectuadas desde 1982⁶² (Ponte, 1997: 47-56) até ao corrente ano de 2009, que aparenta ter, até ao momento, cerca de 3.400 enterramentos, constituindo, deste modo, o que pode ser considerada a maior necrópole da Europa do mesmo período.

cial em zonas mais concorridas daquele espaço religioso: «(...) *junto da porta principal da parte de dentro, ou mais qualificadas, como no cruzeiro onde tinham sepultura as famílias mais importantes.*» (Dordio, 2005: 31).

58 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

59 Fora do limite cronológico do nosso estudo, por datarem de período cronológico compreendido entre os séculos VIII e X.

60 Este caso é extremamente interessante dado que a análise dos enterramentos existentes na necrópole medieval (9 adultos e uma criança) mostra que as sepulturas eram individuais e na sua maioria não reutilizadas, contrariamente ao que a maioria dos espaços sepulcrais deste período demonstra. Este factor reforçou a possibilidade de o de Évora poder representar uma necrópole utilizada por uma elite militar (Santos e Umbelino, 2007: 11). Os vestígios osteológicos correspondem a homens adultos, jovens e de idade avançada, que apresentam patologias relacionadas com uma vida activa, a cavalo (visível no «Síndrome do Cavaleiros» presente em 2 casos), e sinais de fracturas ou de cortes no crânio provocados por arma pesada: «*Três circunstâncias são, no entanto, esclarecedoras: a arma encontrada in situ, a decapitação e uma ferida não cicatrizada, esta parece ser a situação ocorrida com o indivíduo B.*» (Santos e Umbelino, 2007: 14). Quanto à criança, de 6 meses de idade presumível, foi inumada em decúbito lateral direito com os membros inferiores ligeiramente flectidos, reflectindo uma possível prática religiosa muçulmana. A fossa de inumação mostra uma forma ligeiramente elipsoidal, com 117cm de comprimento (o esqueleto tinha cerca de 96cm). Esta diferença é tanto mais marcante quanto este parece ser o único caso em que foi escavada uma sepultura exclusiva para acolher um indivíduo não adulto (Santos e Umbelino, 2007: 10-11).

61 Base de Dados Endovélico, IPA CNS 3615.

62 Sobretudo as sondagens efectuadas entre 1990 e 1992 na igreja de Santa Maria do Olival, das quais se destacam os níveis correspondentes ao período Pós Reconquista; estes apresentam enterramentos datados dos reinados de D. Afonso III, D. Afonso V e D. Manuel, cujo mobiliário funerário era constituído por numismas portugueses, brincos, anéis e pulseiras; esta associação confirma «(...) *para além de sepulturas individuais, a presença maciça de enterramentos colectivos provocados, na maioria das vezes, pela fome, guerra e peste, que assolou esta região, pelo menos 300 anos.*» (Ponte, 1997: 52). Segundo a mesma autora, «(...) *os enterramentos efectuados entre os meados do século XII e XVI no cemitério cristão de Tomar, fornecem-nos um painel de vicissitudes históricas desta comunidade que, sob a alçada da Ordem Templária e depois da Ordem de Cristo, estiveram em luta quase permanente com a fome, a peste e a guerra. Referiremos, apenas, aos efeitos da peste negra, em 1348, aos tumultos de 1373 e 1379, por descontentamento com a política fernandina e o novo surto de peste de 1493.*» (Ponte, 1997: 52).

O horizonte temporal em que todos os casos que mencionámos se incluem corresponde ao que tem os seus limites entre os séculos X a XVI, sendo que apenas retivemos informação sobre o período cronológico que pretendíamos abordar na presente Tese (séculos XII a XV).

Contudo, não se esgota no número de trabalhos relativos a sepulturas e necrópoles medievais o estudo do tema sobre a Morte sob o ponto de vista da Arqueologia: Mário Barroca (Barroca, 2000), autor do *Corpus* Epigráfico português, restringiu neste a sua investigação entre os anos de 862 e de 1422, período em que se utilizou a Era Hispânica como sistema de datação⁶³. Conseguiu estabelecer a divisão do período referido em três fases: a 1.^a fase, que datou dos anos 862 a 1130; a 2.^a fase, compreendida entre os anos de 1131 e de 1161; finalmente a 3.^a fase, a partir de 1161 e que, de acordo com o número de epígrafes que levantou, corresponde a um verdadeiro *boom* epigráfico (Barroca, 2000: 43). É nas epígrafes desta 3.^a fase que identifica a denominação *Era* aplicada para designar «inscrição», quer em Latim quer em Português (Barroca, 2000: 71). O seu estudo não retrata apenas as inscrições funerárias (epitáfios⁶⁴), mas igualmente as inscrições de fundação de capelas, igrejas, mosteiros, fortificações ou outras estruturas fortificadas. Reteremos, por isso, apenas a informação relativa ao tema central do nosso trabalho.

No tocante à área geográfica que aqui nos ocupa, é no século XIII que Lisboa começa «(...) a ocupar uma posição de crescente importância, pressagiado já a sua elevação a principal centro epigráfico, que ocorrerá no século XIV.» (Barroca, 2000: 50). Tal situação deve-se ao «(...) progressivo esvaziamento de importância política de Coimbra à medida que nos aproximamos dos fins da Idade Média, a afirmação de Lisboa como capital do reino, desde que D. Afonso III a elegeu para aí fixar residência, em 1255 (...)» (Barroca, 2000: 53). Segundo ainda o mesmo autor, os epitáfios e as inscrições relacionadas com a Morte representam, naturalmente, a maioria dos exemplos conhecidos dentro da Epigrafia Medieval Portuguesa, representando, para o corpus que constituiu, cerca de metade das epígrafes reunidas (Barroca, 2000: 263). Sublinhara já, naquele estudo, que a sepultura do Período da Reconquista (sécs. IX a XI) era essencialmente um monumento anónimo e despersonalizado (Barroca, 1997: 119-121, 255-256). Sobre esta realidade arqueológica, refere, «(...) que se detecta, por exemplo, ao nível das sepulturas escavadas na rocha, características deste período, e que são sistematicamente anónimas – traduz certamente o recuo da civilização da escrita nestes tempos mais duros, mas traduz também de forma indirecta o tipo de ritual⁶⁵ litúrgico que lhes andava associado.» (Barroca, 2000: 265). É a partir do século XII que a epigrafia funerária dará um salto qualitativo (Barroca, 2000: 269).

63 D. João I decretara uma mudança de Era em 1422 (Barroca, 2000: 35).

64 Ver Glossário, Apêndice B, p. 330.

65 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

Associadas às sepulturas medievais, em especial as escavadas na rocha, estão igualmente as estelas discóides, sobre as quais existem inúmeros trabalhos relacionados. Salientamos, entre eles, os de Virgílio Correia (Correia, 1918), um dos primeiros estudiosos portugueses a revelar esta vertente da investigação. A ele se seguiu Abel Viana (Viana, 1949). Mais recentemente, José Beleza Moreira (Moreira, 1994) publicou ainda um artigo sobre a representação de atributos profissionais em estelas discóides portuguesas⁶⁶. Exemplos deste tipo de representações são o caso das descobertas junto ao Convento da Orada, as existentes na Junta de Freguesia de Monsaraz e a estela descoberta junto à Ermida de São João Baptista (Ataíde, 1994); assim como das estelas discóides encontradas junto à Sé de Silves⁶⁷ (Gomes e Gomes, 2006); mencionámos já as referências de Guilherme Cardoso sobre a presença de estelas discóides (5 exemplares) aparecidos durante as escavações arqueológicas levadas a cabo no adro da igreja de São Vicente de Alcabideche (Cardoso *et alii*, 2009: 57-65). De referir ainda a publicação individualizada das estelas medievais da Igreja do Cadaval (Cardoso, 2005), das do Museu de Évora (Alegría, 2007) e das do Museu de Estremoz (2009).

Por fim, outros trabalhos associados ao estudo da Morte: os de Francisco Pato de Macedo (Macedo, 1995) sobre a tumulária medieval, em particular os túmulos⁶⁸ de D. Pedro e de D. Inês; de Maria José Goulão (Goulão, 1995), sobre a escultura tumular dos séculos XV e XVI⁶⁹; de Inês Matoso (Matoso, 2000; Matoso, 2001) sobre o conjunto tumular da igreja de São Cristóvão, em Lisboa; de Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2002) sobre a escultura tumular da Sé de Lisboa; de Maria Teresa Vale (Vale, 2003), sobre a tumulária do antigo Convento de São Domingos; e ainda o de Pedro Chambel (2005), sobre a representação de animais na tumulária medieval de Entre-Douro-e-Minho, entre muitos outros.

O desenvolvimento de outras linhas de investigação, como a Bioantropologia, trouxe a possibilidade de contribuir para o conhecimento da morte através de novos dados complementares, nomeadamente a análise de patologias (orais, degenerativas) e da traumatologia (fracturas, excrescências ósseas, etc.) (Duarte, 2003). Como vimos para os exemplos que temos referido ao longo dos parágrafos anteriores, a informação deixada pelos traços físicos e expressão das doenças (osteomielites⁷⁰, periostites⁷¹, entre outras) e de possíveis fracturas fornecem-nos informações valiosas sobre as condições de vida, sobre a nutrição e sobre outros

66 Para a expansão desta disciplina, que tem adquirido uma crescente importância científica, têm sido efectuados diversos Congressos Internacionais, tendo o *VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias* decorrido em 2005 no Museu Nacional de Arqueologia

67 As seis estelas discóides descobertas junto à Sé de Silves são descritas a par de uma sepultura encontrada no lado Sul da Sé de Silves (Gomes e Gomes, 2006).

68 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

69 Retivemos apenas a cronologia que se enquadra no tema da presente Tese.

70 Ver Glossário, Apêndice B, p. 334.

71 Ver Glossário, Apêndice B, p. 334.

tantos aspectos culturais. A constituição de um repositório de séries medievais portuguesas é, assim, extremamente útil, dado que permite a comparação com sítios que se localizam de norte a sul do País (Cunha, 1997). O tipo de sepultura utilizado, a organização espacial do cemitério, tanto quanto a posição de inumação⁷², a frequência de indivíduos por sepultura e o mobiliário funerário⁷³ que acompanha o cadáver, o modo como a decomposição⁷⁴ decorreu, permitem coligir elementos que ajudam o arqueólogo a determinar o tipo de população inumada e, em alguns casos, a esclarecer numa certa medida a cronologia da necrópole.

I.2.2. O exemplo Francês

Do ponto de vista da História, nomeadamente no que toca ao período em estudo, a expansão da História das Mentalidades, operada, sobretudo, no decorrer dos anos 60 em França⁷⁵, permitiu a multiplicação dos tópicos historicizáveis, nomeadamente o do desenvolvimento do estudo das atitudes perante a morte (Vilar, 1990: 13).

De facto, são de referir os trabalhos de A. Tenenti⁷⁶, datados de 1952 e de 1957, assim como os trabalhos de Philippe Ariès⁷⁷ de 1975 (editada no nosso País em 1988) e de 1977 (cuja edição portuguesa data de 1989). Maria Hermínia Vilar considera que «*Este autor, malgrado as críticas posteriormente dirigidas à sua produção historiográfica, foi um dos primeiros historiadores a colocar, na ordem do dia, a questão da investigação e da reflexão sobre as atitudes perante a morte. De facto, naquela recolha encontram-se, mais ou menos desenvolvidos, temas como: a evolução histórica do sentimento humano em relação à morte, a relação existente entre esta e a noção de família e o tratamento desta temática por outros autores como Huizinga.*» (Vilar, 1990: 14-15).

72 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

73 Ver Glossário, Apêndice B, p. 332.

74 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

75 A autora refere as reflexões feitas por historiadores franceses e ingleses a respeito da expansão da História das Mentalidades, salientando as correntes dos anos 60 (quantificação historiográfica) e 70 (período de crítica ao crescimento da década anterior), sobretudo sobre problemas teóricos e metodológicos. No plano historiográfico português destaca José Manuel Sobral, em trabalho publicado em 1987, «*onde são equacionados os problemas derivados da 'proliferação de objectos e metodologias' não acompanhada duma reflexão 'sobre o sentido e objectivos do programa de pesquisa'. Neste contexto, é criticada, sobretudo, a valorização excessiva do quadro estrutural feita pelos historiadores relacionados com a revista Annales E.S.C. em detrimento do estudo da acção humana.*» (Vilar, 1990: 14-15).

76 A. Tenenti, *La vie et la mort à travers l'art du XV siècle* (publicado em 1952) e *Il senso della morte e l'amore della vita nel Rinascimento* (publicado em 1957), a primeira obra publicada nos *Cahiers des Annales E.S.C.*, n.º 8, Paris, Armand Colin, 1952, e a segunda editada em Turim pela Einaudi (*in* Vilar, 1990: 15).

77 *Éssais sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen Age à nos jours*, Paris, Ed. Du Seuil, 1975. Tradução portuguesa com o título *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Ed. Teorema, 1988. De referir a título de comparação que a tradução espanhola data de 1982. E ainda *L'Homme devant la mort*, Paris, Ed. Du Seuil, 1977. A tradução para português desta obra foi realizada pelas Publicações Europa-América em 1989, com o título: *O Homem e a morte*, 2 vols., Lisboa, Publicações Europa-América, 1989 (*in* Vilar, 1990: 15).

E refere ainda: «*Algumas das ideias aí contidas foram mais tarde desenvolvidas no seu estudo central, intitulado L'homme devant la mort, publicado em 1977. Tomando como base, essencialmente, fontes de carácter literário, Ariès procurou realizar uma análise trans-regional, onde a longa duração constituiu o horizonte temporal escolhido. Deste modo, o resultado foi um estudo diacrónico da evolução do sentimento e do comportamento humanos perante um facto não inultrapassável como o da morte, com consequências inevitáveis ao nível das interpretações generalizantes.*» (Vilar, 1990: 15).

A partir dos anos 80, a investigação em França evoluiu, tornando-se cada vez mais aprofundada, e tentou-se de alguma forma interligar as interpretações históricas e os resultados de intervenções arqueológicas; assim, em 1983 Michel Vovelle⁷⁸ faria um estudo de síntese de diversos trabalhos efectuados a nível regional, em França, tais como os seus próprios, em colaboração com Gaby Vovelle⁷⁹, o mesmo se passando com Danièle Alexandre-Bidon (Alexandre-Bidon, 1998).

Esta última autora, associada a Cécile Treffort, dirige em 1993 uma obra de síntese – *À Reveiller les Morts* –, que aborda a morte e os mortos através das diferentes fontes disponíveis (escritas, iconográficas e arqueológicas) (Alexandre-Bidon; Treffort, 1993).

Michel Lawers refere que, em meados do século XI, um clérigo conhecido sob o nome de Papias encontrou uma nova etimologia para o termo *cimiterium*, a palavra latina que tinha servido, nos séculos anteriores, para designar diferentes tipos de lugares funerários, tais como sepulcros, mausoléus⁸⁰ familiares e túmulos de santos, mas que tendia então a denominar exclusivamente as áreas de inumação colectiva. Assim, a «(...) *representação de um cemitério no qual os cadáveres se consumiam para se juntar no estado de cinzas difundiu-se rapidamente e deu nascimento, no século XII, à noção de «terra cemiterial» (terra cimiteriata), que fazia certamente referência à realidade física dos campos funerários da Idade Média (...).*» (Lawers, 2005: 9-10). Da mesma época (século XII) data a definição de *sepultura*, diferenciando-a do termo *sepulcro*: «*O que é a sepultura? Eu respondo: é um lugar côncavo, escavado num cemitério eclesiástico, onde repousa o corpo de um católico. Difere portanto do sepulcro, porque o sepulcro é o lugar no qual são colocados os corpos de um homem ou as suas ossadas, mesmo que seja fora do cemitério.*» (Lawers, 2005: 116).

O mesmo autor menciona que «*A coabitação dos vivos e dos mortos constitui um dos traços principais das formas de organização social que se impuseram na Europa ocidental no decurso da Idade Média. Essa coabitação inscreveu-se na paisagem: entre os séculos VII e XII, nos campos e*

78 *La mort et l'occident de 1300 à nos jours*, Paris: Gallimard, 1983: 7 - 26 (in Vilar, 1990: 21).

79 *Vision de la mort et de l'au-delà en Provence du XVe au XXe siècle d'après les autels des âmes du Purgatoire*. Paris: Armand Colin, 1970 (in Vilar, 1990: 16).

80 Ver Glossário, Apêndice B, p. 332.

nas cidades, as populações estabeleceram-se, com efeito, na proximidade imediata dos despojos dos seus defuntos. Uma tal presença dos restos humanos das gerações precedentes no coração do espaço habitado, bem como o seu reagrupamento em lugares públicos, lugares de inumação doravante obrigatórios para todos, representavam uma grande novidade em relação às tradições funerárias que tinham caracterizado as sociedades antigas.». Refere ainda que «*Em breve qualificadas como «cemitérios», essas zonas de sepultura colectiva⁸¹ estreitamente articuladas nas aldeias e nas cidades, tinham a aparência de terrenos, mais ou menos vastos, nos quais se encontravam enterrados, de forma geralmente indiferenciada, os corpos dos defuntos. (...)»* (Lawers, 2005: 9). Por outro lado, afirma que «*Um pouco por todo o lado no Ocidente, a igreja rodeada de túmulos constituiu uma referência espacial principal. É em função desse locus⁸² integrador (juxta, prope, ante) que os redactores de cartas localizam frequentemente os bens que mencionam⁸³. (...)»* (Lawers, 2005: 49).

Quanto ao termo «*cemitério*», Michel Lawers afirma ter sido usado para designar o circuito ou o átrio⁸⁴ que rodeava os lugares de culto e acolhia os corpos dos defuntos, designando então mais um túmulo individual que uma necrópole comunitária. Durante a Alta Idade Média, menciona, *cimiterium* designa tanto as sepulturas particulares, como os lugares de inumação colectiva sendo, contudo, de uso pouco comum. Só a partir do século X se torna mais frequente, e passa a ser utilizado de forma sistemática para designar o espaço funerário colectivo consagrado solenemente pelo bispo (Lawers, 2005: 115-116).

O desenvolvimento da arqueologia em espaço urbano em França desde os anos 1970 conduziu «*(...) à escavação de cemitérios paroquiais ou de comunidades religiosas, raramente atingidas na sua integridade na cidade, onde as superfícies escavadas são em geral reduzidas, de onde o interesse de empreender uma escavação sistemática de antigos cemitérios paroquiais em*

81 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

82 «*(...) o locus é o ponto ou localização onde se encontra um objecto determinado (locus este ubi sit). É em termos de posição (à direita ou à esquerda, à frente ou atrás, em cima ou em baixo) e de afastamento (longe ou próximo) em relação a esse lugar que são dispostos homens e objectos (...) o locus medieval reenviava para os lugares intermédios entre terra e céu, como a igreja ou o mosteiro*. O termo podia igualmente designar o que fazia o fundamento da igreja ou do mosteiro: um túmulo santo, o lugar onde eram conservadas relíquias. (...) O locus podia igualmente ser uma simples sepultura, um túmulo. (...) A sepultura podia portanto ser o «lugar» por excelência. Por vezes, o «sepulcro» era dito também locus, enquanto o «cemitério» era um locus, ver um locellum terrae (...) Esta última especialização da palavra locus confirma a importância das práticas funerárias na apreensão e na hierarquização do espaço. (...) A situação medieval é, sobre esse ponto, bem diferente: a ancoragem dos defuntos num locus deixou de ter a mesma necessidade «religiosa» que na Antiguidade; mas ao mesmo tempo, os lugares funerários da Idade Média preencheram uma função social que não tinham tido no mundo antigo. Com efeito, a respeito da doutrina cristã elaborada pelos Pais da Igreja, a localização dos corpos dos defuntos não tinha importância (...). Nos documentos escritos, é sobretudo a partir dos séculos XI e XII que loci ou loca, lugares habitados, mas sobretudo sagrados e funerários, aparecem como pólos de referência.*» (Lawers, 2005: 46-48).

* A. Dimier, «Le mot locus» (in Lawers, 2005 : 285).

83 Como o sublinha B. Cursente, «Église et habitat», p. 122-123 (in Lawers, 2005: 286).

84 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328.

torno de igrejas rurais desafectadas. Isto implica um longo programa de investigação se se quiser compreender a evolução no espaço e no tempo de sítios que (...) foram utilizados durante mais de dez séculos. Quanto aos dados sobre a época moderna, são ainda mais raros, quer porque as fases mais tardias dos sítios tenham sido destruídas pelas construções ulteriores quer porque os próprios arqueólogos tenham feito desaparecer brutalmente esses níveis que lhes interessavam pouco até uma data recente. Contudo, dispõe-se apesar de tudo de uma grande massa de dados conduzindo ao cemitério paroquial que domina a organização funerária entre os séculos XI e XIX, dados submetidos a novas interrogações de que fazem estado as actas do colóquio organizado em 1994 por Henri Galinié e Elisabeth Zadora-Rio e publicado em 1996 sob o título Archéologie du cimetière chrétien.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 177-178).

Danièle Alexandre-Bidon refere nomeadamente que a história se interessou pela psicologia dos vivos face à morte, que foi objecto de investigações esclarecedoras sobre a «*cultura psicótica do medo*», segundo Jean Delumeau. Assim, enquanto os historiadores estudam «*as configurações sociais nas quais as relações entre os vivos e os defuntos se encontraram inseridas*», os arqueólogos examinam os testemunhos deixados pelos próprios defuntos: a organização do cemitério, as sepulturas, os esqueletos. Face à história e às suas fontes tradicionais, a arqueologia desempenha com efeito um papel essencial e curiosamente subestimado: segundo ela, os mortos estão lá (quase) em carne e em osso (Alexandre-Bidon, 1998: 8-9).

Na sua opinião, enquanto historiadora, a arqueologia funerária⁸⁵ deve ter contribuído numa grande parte para esta tomada de consciência, ajudando a passar do estudo da Morte ao dos mortos. Acrescenta que habitualmente, contudo, o número dos esqueletos encontrados é de muito longe inferior ao dos defuntos (Alexandre-Bidon, 1998: 9). Como se trabalha raramente em cemitérios (seguindo o exemplo francês) com mais de cinco centenas de ocupantes, a autora afirma ainda que os historiadores julgaram durante muito tempo que as escavações de cemitérios davam apenas uma visão falseada das realidades sociais. E, acrescenta, «*Não estão completamente enganados: só se obtém por este meio uma visão muito parcial, ver microscópica, da morte medieval. Por acréscimo, a conservação das ossadas é variável, favorável aos indivíduos dos vinte aos quarenta anos, enquanto os recém-nascidos e os idosos, pouco ossificados, se preservam menos bem. Não apenas o número dos mortos não é suficiente para se ter uma visão de conjunto da demografia medieval, mas ainda estas duas classes de idades essenciais para o estudo das práticas funerárias e do sentimento do homem medieval face à morte se encontram sub-representadas.*» (Alexandre-Bidon, 1998: 9-10).

Michel Lawers, por seu turno, defende que «*(...) As inumações ditas isoladas da Alta Idade Média, que põem hoje em evidência os arqueólogos, estavam frequentemente situadas “nas zonas de estatuto um pouco especial”, ao longo de um caminho, na fronteira entre duas parcelas,*

85 Ver Glossário, Apêndice B, p.327-328.

“na beira interior de uma propriedade particular (talvez destinada então a um grupo familiar proprietário)”, ou “em situação limite entre o privado e o público (e utilizadas talvez então por não-proprietários, escolhendo uma terra “comunitária” para a sua sepultura)”⁸⁶. *Tais sepulturas contribuíam com toda a evidência para delimitar as terras, para marcar nelas a presença, como o tinha sido por vezes o caso da sociedade antiga.*”⁸⁷. Mais, «(...) Alguns documentos escritos parecem confirmar as informações libertadas pelas escavações arqueológicas sobre as sepulturas isoladas. (...) Além das áreas funerárias domésticas, os senhores laicos controlavam os «circuitos» que rodeavam as igrejas. Nos campos, o habitat senhorial elevava-se por vezes no cemitério. (...)» e ainda «(...) Porque o espaço funerário colectivo tinha adquirido há pouco tempo o estatuto de lugar sagrado, porque a natureza desta sacralidade levantava toda uma série de questões e porque até ao fim do século XII pelo menos a área funerária e os direitos que se percebem se vendiam, se compravam, se trocavam, porque se construía aí igualmente, o cemitério aparece como um lugar disputado, ambíguo, misturado.» (Lawers, 2005: 236, 237, 247).

Por fim, Danièle Alexandre-Bidon escreve ainda que, para o fim da Idade Média, a arqueologia funerária diz respeito essencialmente aos meios urbanos, minoritários em relação à massa da população, sobretudo rural; mas que pelo menos não está limitada às elites, restando confrontar esses milhares de esqueletos com os documentos escritos, privilegiados pela disciplina histórica, nomeadamente os testamentos e inventários após o falecimento, julgados aptos entre todos para testemunhar práticas e ritos de morte (Alexandre-Bidon, 1998: 10).

E, continua, «(...) mesmo se os historiadores duvidaram longamente do interesse da arqueologia, e se alguns duvidam ainda, tratam-na apesar de tudo com um pouco mais de respeito. E, contrariamente às fontes escritas, raras até ao século XIII, abundantes sobretudo no século XV, em arqueologia o número imenso dos mortos vale tanto para a Alta Idade Média como para os seus últimos séculos, o que permite à arqueologia observar evoluções significativas, identificar as grandes etapas, datar as mutações e sobretudo ajudar a penetrar nos bens do subsolo do túmulo, no próprio coração do vivido. A esta visão parcial mais fundada que a arqueologia funerária obtém, deve juntar-se, apesar da distanciação obrigatória com o real, o reexame das imagens que, por dezenas de milhar, põem a morte em cena no quadro mais doméstico que é o da intimidade familiar, através dos livros de horas e das orações que liam ou diziam os laicos todos os dias da sua vida.» (Alexandre-Bidon, 1998: 10-11).

Deste modo, associando as informações provenientes dos trabalhos arqueológicos às que provêm dos documentos, a inumação retoma o lugar que tinha desempenhado na Antiguidade, em detrimento da incineração⁸⁸. Contudo, e ao contrário do que acontecia até então, as inumações deixam de se efectuar em meio familiar para passar a ser feitas exclusivamente no cemitério

86 C. Treffort, *Genèse du cimetière chrétien*: 21 (in Lawers, 2005 : 332).

87 G. Chouquer, F. Favory, *Les Paysages de l'Antiquité*: 144-145 (in Lawers, 2005 : 332).

88 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

paroquial ou, para os privilegiados, no espaço do claustro monástico. No final da Idade Média, a arqueologia funerária diz assim essencialmente respeito aos meios urbanos, minoritários em relação à massa da população, sobretudo rural, embora já não esteja limitada apenas às elites.

Mais, precisa ainda Danièle Alexandre-Bidon, existe de facto uma economia da morte. Desta forma, e desde o século XII, «(...) os mortos são a principal fonte de rendimentos da economia monástica.»⁸⁹ (Alexandre-Bidon, 1998: 13-14).

De um ponto de vista mais prático, nomeadamente no tocante aos funerais, aquela autora menciona que se posicionavam os membros dos mortos «(...) segundo posturas convencionadas: as crianças de menos de dez anos, que ainda não foram iniciadas no sacrifício da comunhão, são frequentemente inumadas com os braços ao longo do corpo; em contrapartida, faz-se adoptar aos adultos quer uma posição de oração, para a qual é preciso ligar os punhos de modo a manter as mãos juntas sobre o peito quer, num gesto comovente de humildade e de pudor, porque os mortos são enterrados nus na sua mortalha⁹⁰, as mãos colocadas sobre a púbis.» e que «(...) Se o comum dos mortais é inumado nu na sua mortalha, em contrapartida os nobres e os homens da Igreja são vestidos sob o lençol funerário. (...) Quanto aos eclesiásticos, são inumados no seu fato profissional, ou ornamentos sacerdotais e cruz, para os bispos, ou tau⁹¹, para os abades. Ser inumado vestido é um privilégio. Imitando o clero, a nobreza aspira a isso: por vezes, os nobres são enterrados em vestuário de cavalaria, o punho da espada ao lado.» (Alexandre-Bidon, 1998: 111-112).

Tais inumações, vestidas, dão matéria para controvérsia em França e, no século XIII, um liturgista francês, Guillaume Durand, exprime-se vigorosamente contra a sua adopção. Os nobres não respeitavam as injunções e, sob os seus jazentes⁹² vestidos de pé, encontram-se esqueletos vestidos com fatos, embora com frequência bastante simples. Mas o defunto ordinário não trazia qualquer roupa, bem menos dispendioso, nos meios populares, para ser assim desperdiçado: era simplesmente envolvido na sua mortalha⁹³ pela esposa ou pela criada (Alexandre-Bidon, 1998: 113-114).

89 «Nos séculos XIII-XV, alimentam com os seus legados piedosos os pobres, os órfãos, os reclusos; a sua prata, colocada perpetuamente em missas ou em dons, desempenha um papel essencial na vida medieval. Melhor ainda, contribuem para o ordenamento do território legando para as pontes, para os “assuntos sociais”, mantendo os desmunidos e outros sem-abrigo, para a saúde pública, em primeiro lugar, no século XIII, fundando instituições de caridade, de seguida pelas suas doações de dinheiro ou de “leitos guarnecidos” aos hospitais, e finalmente para a educação atribuindo legados escolares aos estudantes (...)» (Alexandre-Bidon, 1998: 13-14).

90 Ver Glossário, Apêndice B, p. 332-333.

91 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

92 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

93 Ver D. Alexandre-Bidon, «Le corps et son linceuil», in *à Réveiller les morts...*, op. cit.: 183-206, e «Le linceuil, textes et images (XIIIe-XVe siècle)», in *Rencontre autour du linceuil*, sob a direcção de L. Bonnabel e de F. Carré, Actas do dia de estudo organizado pelo GAUFIF e o Serviço Regional de Arqueologia da Haute-Normandie, Paris, 5 Abril 1996, *Bulletin de liaison*, número especial, Reims, 1996 (in Alexandre-Bidon, 1998: 310).

Existem ainda outras particularidades: a morte, forçosamente terra a terra, encontra-se marcada pelas questões de dinheiro mesmo no recinto do cemitério: assim, como é costume na Borgonha ou Hainaut, segundo Danièle Alexandre-Bidon, a viúva de um endividado atira o seu cinto e a sua bolsa, ou mesmo as suas chaves, para o túmulo aberto sobre o cadáver inumado de fresco do esposo, para significar que recusa e se subtrai às dívidas do marido. Os arqueólogos encontram por vezes nos túmulos moedas ou chaves que podem testemunhar uma tal prática⁹⁴ (Alexandre-Bidon, 1998: 132). Por outro lado, ainda de acordo com a mesma autora, atiram-se também moedas para o túmulo: Alexandre-Bidon refere que este costume se explica por vezes dificilmente. Assim, no norte da França, no século XIV, as mulheres incrustavam moedas nas velas acesas quando das doações e das cerimónias fúnebres: as moedas encontradas nos túmulos são talvez o relicário de candeias fundidas excepcionalmente depositadas na fossa... Mais notavelmente, acontecia moedas de ouro serem enterradas com o corpo ou, caso observado num túmulo do século XI em Saint-Mexme de Chinon, depositada na fossa, uma caixa de esmolos que continha dezanove moedas: «*O seu valor faz quase delas necessariamente um dom ao morto, um viático⁹⁵ para o além. A “contabilidade da morte” lê-se talvez até ao fundo do túmulo.*» (Alexandre-Bidon, 1998: 133).

Desde o século III, com o abandono da incineração, os despojos cristãos são sempre enterrados para esperar o Julgamento Final. O corpo era disposto em decúbito dorsal: assim, olhava a direito para o céu. Algumas deformidades ou malformações físicas obrigavam a disposições do corpo algo diferentes: por exemplo, um corcunda seria inumado em decúbito⁹⁶ lateral. Entre algumas exceções à inumação em decúbito dorsal, encontramos o caso de eclesiásticos ou pecadores arrependidos de faltas graves, que desejavam ser enterrados de rosto contra a terra, prosternados até ao fim dos tempos. Seja qual for o exemplo, o corpo está quase sempre sistematicamente «*orientado*» (Alexandre-Bidon, 1998: 135-136).

Por razões de humildade, o cristão medieval fazia-se enterrar com mais frequência em plena terra⁹⁷, o corpo nu e na mais simples das «*mortalhas*», quer dizer, num lençol de cama em linho ou cânhamo, cozido ou pregado com alfinetes, de que se encontram frequentes vestígios

94 D. Prigent e J.-Y. Hunot, *La mort...*, *op. cit.*: 93 (in Alexandre-Bidon, 1998 : 312).

95 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

96 Conhece-se um exemplo arqueológico na Alsácia, *Vivre au Moyen Âge. 30 ans d'archéologie médiévale en Alsace*, catálogo de exposição, Strasbourg, Maio-Setembro 1990, Strasbourg, 1990: 247 (in Alexandre-Bidon, 1998 : 312).

97 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

arqueológicos⁹⁸. Contudo, no final da Idade Média, as cofragens⁹⁹ de pedra ou constituídas por telhas, ver de madeira, que atapetavam a fossa começaram a revelar-se insuficientes: os fiéis deixaram de querer ficar deitados na terra nua e, assim, no século XV, salvo algumas piedosas excepções, começa a sentir-se a necessidade de um novo berço: o caixão¹⁰⁰. Este,

98 Idêntica opinião exprime Michel Lawers: «*Na Idade Média, os corpos enterrados nos cemitérios jaziam o mais frequentemente em plena terra, quer dizer, em simples fossas escavadas no solo, depois preenchidas. As condições nas quais são efectuadas as prospecções arqueológicas (que, com algumas raras excepções, não autorizam o estudo da totalidade de uma necrópole ou de um cemitério) não permitem geralmente ter uma visão ao mesmo tempo global e precisa da evolução das práticas de inumação e da gestão do espaço funerário*»). Tanto mais que as zonas de sepulturas foram frequentemente utilizadas numa longa duração, e que os desaparecimentos ou remeximentos podem ter sido numerososⁱ⁾. São contudo perceptíveis algumas evoluções: rarefacção dos sarcófagos característicos do mundo antigo, que tendem a desaparecer nos séculos VII e VIII; aparecimento de cofragens desde o século V e de maneira mais nítida para o século VIII no momento em que apareciam igualmente os túmulos antropomórficos, por vezes rupestres; e finalmente, generalização da sepultura em plena terraⁱⁱⁱ⁾. Escavadas na rocha ou na terra, os túmulos medievais não eram geralmente assinalados; nenhum eixo de circulação parece ter marcado de maneira durável, e não parece que um plano regesse a repartição espacial das sepulturas. Regularmente, o solo dos cemitérios era trabalhado, escavado, revolvido. Uma vez transformados em ossadas, os restos dos defuntos, enterrados a fraca profundidade^{iv)}, refaziam superfície ou eram desenterrados para fazer lugar para os novos despojos. Eram depositados sobre os lados, em ossários, por vezes em criptas^{v)}. Alguns arqueólogos fizeram desde há muito tempo o levantamento do recorte das inumações medievais: «*escava-se novos túmulos perdendo, ao que parece, a lembrança dos precedentes, que se corta e destrói sem lhes prestar uma atenção particular*»^{vi)}. Mesmo quando repousavam numa fossa bem individualizada, os corpos dos defuntos acabavam por se confundir e se misturar uns com os outros. As sobreposições de corpos e os cortes de túmulos, as inumações sucessivas no mesmo local, por vezes no mesmo sarcófago ou no mesmo jazigo, constituíam práticas ordinárias: «*Os esqueletos mais antigos foram frequentemente mutilados pela instalação do novo ocupante, tendo um deles perdido uma parte do alto do seu corpo, o outro uma parte de baixo do seu. E quando, na sequência de um tal “corte”, o braço arrancado é encontrado ainda em conexão a alguma distância do seu “proprietário”, isso diz muito sobre os hábitos e os métodos de inumação, assim como sobre o que devia ser a topografia inicial do sítio*»^{vii)}. (Lawers, 2005: 125-127).

i) São mencionadas excepções, como as escavações de Wharram Percy e Raunds Furnells em Inglaterra (C. Harding, 1996, e A. Boddington, 1996), a de Rigny em Indre-et-Loire (É. Zadora-Rio e H. Galinié, 2001) ou de Vilaunau perto de Perpignan (O. Passarius, então em curso) (*in* Lawers, 2005: 302).

ii) H. Galinié, «*O túmulo*»: 195-196 (*in* Lawers, 2005: 302).

iii) D. Paya, *La Tombe et le Cimetière*, nomeadamente p. 105 e seguintes (*in* Lawers, 2005: 303).

iv) É. Zadora-Rio, «*Les cimetières habités*»: 327, evoca testemunhos arqueológicos e cita uma passagem dos *Annales de Saint-Maixent* relatando que, em 1105, as chuvas foram tão abundantes que o escoamento das águas desenterrou numerosos cadáveres (*in* Lawers, 2005: 303).

v) Em Rigny (Indre-et-Loire), um sector particular do cemitério estava reservado para a redução de sepulturas (É. Zadora-Rio e H. Galinié, «*Les changements dans l'organisation spatiale*»: 177). Exemplo de constituição de um ossário, ligado a um reordenamento do cemitério, em Gervais de Canterbury, *Tractatus de combustione et reparatione Cantuarensis ecclesiae*, redigido um pouco antes de 1185: 21. Michel Lawers cita outros casos em *A Memória dos antepassados*: 126 e seguintes (*in* Lawers, 2005: 303).

vi) M. Coladelle, *Sépulture et traditions funéraires*: 369-370 e C. Arlaud, É. Crubézy e S. Duchesne (dir), *Saints-Côme-et-Damien*: 41-45, 469-473, distinguem nitidamente o comportamento das sociedades face à morte, quer dizer aos ritos funerários, e o comportamento face aos restos «desumanizados» (noção que um homem da Idade Média não subscreveria, mas que permite colocar algumas questões interessantes) (*in* Lawers, 2005: 303).

vii) J.-Cl. Hélas, «*Cimetières médiévaux*»: 303. Mesmas observações por M. Durand, *Archéologie du cimetière*: 170 (*in* Lawers, 2005: 303).

99 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

100 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328.

segundo ainda Danièle Alexandre-Bidon, tem sobretudo por função, no extremo final da Idade Média, evitar aos vivos a visão e o contacto poluentes do cadáver (Alexandre-Bidon, 1998: 136-137).

Em relação a este último – o caixão –, a arqueologia tem permitido construir uma imagem evolutiva a partir das informações recolhidas nas sondagens e escavações arqueológicas: desta forma, demonstra-se a utilização maciça, no fim do século XV e no início do século XVI, de caixões pregados – que sucedem ao caixão com cavilhas –, e, depois, de caixões de chumbo, mais estanques e sólidos. Contudo, o caixão medieval nem sempre era uma caixa de madeira bruta. Podia ser revestido com um travesseiro ou uma almofada, um atapetado de «*rico estofado adamascado*» ou cheio de braçadas de flores que perfumavam o corpo ou contribuía para a sua conservação¹⁰¹. Tais práticas funerárias, atestadas pela arqueologia, tinham diversas funções: tratava-se ao mesmo tempo de honrar o morto, de ornamentar o seu túmulo e de proteger o seu corpo de uma degradação demasiado rapidamente sensível do ponto de vista olfactivo (Alexandre-Bidon, 1998: 139). Por outro lado, o túmulo, interiormente florido, pode igualmente ser arranjado com uma camada de palha ou provido de uma almofada constituída por uma simples prancheta de madeira, de uma pedra ou de um tijolo. A arqueologia demonstra que alcofas de palha serviam também de mortalha e de caixão. Outras técnicas funerárias do corpo são detectadas pela escavação dos túmulos: o cadáver pode ser embalado na esteira de palha da agonia, que os monges privilegiavam em sinal de humildade.

Quando é preciso escavar uma fossa no rochedo, no local, à flor do solo, como na montanha, dá-se-lhe com frequência a forma do corpo, estreita e dotada de um espaço arredondado para deslizar a cabeça, as denominadas «*sepulturas rupestres*». Esse arranjo é uma versão simplificada de sepulturas em sarcófago¹⁰², em que os talhadores de pedra esculpem, na placa de pedra do fundo, um cubículo cefálico para fixar a cabeça do defunto. Quando a fossa era simplesmente escavada em plena terra, o que constitui o caso mais corrente, as paredes eram estabilizadas por pranchas de madeira. O corpo era depositado no fundo, e este por vezes recoberto de uma camada de cal¹⁰³, mas também de cinzas ou de carvões de madeira; várias hipóteses justificam a sua presença: eram depositadas quer em sinal de humildade, para evocar as cinzas da agonia, quer por razões sanitárias, isolar o túmulo de um defunto contagioso ou reabsorver a humidade dos lugares para retardar a degradação do corpo. Assim, confrontando os textos eclesiásticos e a arqueologia, experimentamos a impressão de que o coveiro, devidamente instruído pelo cura, está bastante ao corrente das práticas litúrgicas (Alexandre-Bidon, 1998: 142).

101 M. Girard, «Les restes végétaux discrets dans les sépultures. Recherche et enseignements», *Archéologie Médiévale*, XVI, 1986: 137-145, ver 139. A. France-Lanord, «La tombe de Philippe Premier à Saint-Benoît-sur-Loire», *Archéologie Médiévale*, XX, 1992: 369-393 (in Alexandre-Bidon, 1998 : 312).

102 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

103 De que foram encontrados traços arqueológicos na Alsácia (in Alexandre-Bidon, 1998: 142).

Acontecia ainda, no fim da Idade Média e mesmo até ao século XVII, que o defunto fosse acompanhado por acessórios pessoais, profiláticos ou religiosos. Por assim dizer, esses depósitos funerários, que são, segundo Danièle Alexandre-Bidon, uma resistência dos costumes funerários pagãos, são relativamente raros, embora variados; encontram-se também por vezes objectos de culto, tais como medalhas, mas todos estes objectos de piedade são quase sempre tardios. Com maior frequência, deposita-se na Europa, entre os séculos XII e XVI, ou mesmo para além disso, vasos de terracota nos túmulos dos bispos ou dos laicos saídos da aristocracia. Tratava-se de vasos de água benta ou de incenso, perfurados para que as fumarolas odoríficas se escapassem para os céus durante a cerimónia de inumação¹⁰⁴. Encontram-se ainda objectos de vidro, matéria então preciosa, entre os quais lâmpadas de igreja, garrafas, sem dúvida cheias de água benta, e garrafas/cantis: este último utensílio evocava a simbólica difundida desde o século XIV da «peregrinação da vida» que acabava de atingir o seu fim. Vidros de mesa são colocados nas mãos dos defuntos, para evocar a vida bebida até à borra, a menos que indiquem apenas a antiga profissão do morto¹⁰⁵. Alexandre-Bidon refere que, se «(...) *a Igreja não proíbe o depósito de objectos nas sepulturas laicas, não tolera, em contrapartida, que as mulheres depositem no túmulo dos bebés imitações de cera de objectos reservados à sepultura dos padres, cálices e hóstias, profanando assim a sua função litúrgica.* (...)» (Alexandre-Bidon, 1998: 144).

Ainda assim, o depósito funerário podia ser unicamente ou simplesmente profano. Ao lado do morto, o coveiro colocava por vezes um utensílio característico da sua profissão, que o acompanhava na morte¹⁰⁶, sendo o mais divulgado destes depósitos funerários o bordão e a concha dos peregrinos. Por outro lado, ainda no final extremo da Idade Média e muito para além disso, a colocação na mão ou na boca do defunto de uma velha moeda, frequentemente escolhida numa espécie desmonetizada¹⁰⁷. O seu significado é algo obscuro, mas a referência ao óbolo a Caronte¹⁰⁸ (o barqueiro que conduzia a barca que levava as almas dos defuntos para o outro mundo) é ainda conhecido dos letrados medievais. Na maioria dos casos, o óbolo a Caronte é sem dúvida revisto e corrigido pelo mundo cristão dado que, desvalorizada, uma moeda pode com efeito servir de medalha protectora quando o seu campo comporta, como em algumas emissões renanas do século XI, o motivo protector da estrela de David (Alexandre-Bidon, 1998: 146). Por outro lado, «(...) *Os liturgistas explicam que quando do enterramento de um defunto se coloca aos seus lados água benta, incenso e carvões.*¹⁰⁹ (...) *De*

104 D. Prigent, «Les céramique funéraires (XIe-XVIIe siècle)» in *Archéologie du cimetière...*, op. cit.: 215-224, ver 217 (in Alexandre-Bidon, 1998: 313). Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

105 V. Gay e H. Stein, *Glossaire archéologique du Moyen Âge et de la Renaissance*, Paris, 1887-1928, artigo «Absolution des morts» (in Alexandre-Bidon, 1998: 313).

106 *Archéologie médiévale*, I, 1977: 297, «Chronique des fouilles» (in Alexandre-Bidon, 2005 : 313).

107 «Chrono-typologie des tombes de Normandie» in *Archéologie du cimetière...*, op. cit.: 254 (in Alexandre-Bidon, 2005 : 313).

108 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328 e 333.

109 «*Enquanto a água benta afasta os demónios, o incenso combate o odor dos cadáveres e o depósito de carvões é*

facto, os arqueólogos põem em evidência a presença de depósitos intencionais de carvões no interior dos túmulos¹¹⁰. A existência nos túmulos e nas fossas funerárias de recipientes ou vasos susceptíveis de ter contido carvões de madeira, água benta e incenso está igualmente atestada, nomeadamente a partir dos séculos X e XI¹¹¹. (...)» (Lawers, 2005: 161).

No fim da Idade Média, a ausência de nome no túmulo não significa forçosamente o seu anonimato completo: sobre a laje funerária, os gravadores de túmulos gravam por vezes, além do sinal da cruz, os utensílios e instrumentos do ofício do defunto (Alexandre-Bidon, 1998: 150)¹¹².

Os cemitérios eram frequentemente organizados em bairros familiares. Os esposos, segundo vontade expressa nos testamentos, nem sempre são enterrados juntos. «(...) o pai de família está autorizado a fazer pôr em terra as suas jovens crianças na parcela familiar do cemitério paroquial. Além disso, as crianças pequenas não são forçosamente inumadas com o seu pai e a sua mãe, aliás frequentemente ainda vivos, nem mesmo junto dos seus avós: a Igreja reivindica a maior parte do tempo a sua presença no seu seio quando ainda não atingiram a idade da discipulação. Julga-se responsável pela sua alma e ocupa-se em consequência dos seus corpos. Propõe-lhes de preferência os melhores lugares do cemitério: ao longo de muro sul das igrejas, sob a goteira que os rega eternamente com água benta em contacto com o telhado, no adro cuja etimologia significa paraíso, no coro (...), na conduta de água do baptistério ou numa pedra das fundações escavada para a circunstância, quando se trata de um minúsculo feto.» (Alexandre-Bidon, 1998: 151-153).

Nos séculos XIV e XV tornou-se habitual, além dos fiéis privilegiados, clérigos ou grandes aristocratas, para os laicos saídos dos meios facilitados (homens, mulheres ou crianças), eleger sepultura nas igrejas, ou na sala capitular e no cemitério monástico, procurando assim obter o melhor lugar no acesso à vida no outro mundo, e a proximidade do corpo dos santos para lugar de inumação (inumação *ad sanctos*¹¹³), como acontecia desde o período alto-

testemunho, para as gerações futuras, da presença do cemitério. (...) Esses carvões são portanto colocados junto dos defuntos, na sepultura ou na terra do cemitério, a fim de indicar que esta não pode ser entregue a usos profanos (...)» (Lawers, 2005: 161).

110 D. Paya, *La Tombe et le Cimetière*: 186-189, salienta a presença de desperdícios carbonosos no enchimento interno de numerosas sepulturas e conclui num depósito do carvão sobre o corpo dos defuntos (perto da cabeça e do busto) antes do fecho dos túmulos. Depósito intencional de carvão de madeira no interior de um sarcófago monolítico (séculos IX-XI): C. Pellecuer e A. Durand, «Un groupe de sarcophages monolithes découvert à Montagnac (Hérault)», *Archéologie en Languedoc. Revue trimestrielle de la Fédération archéologique de l'Hérault*, 1986 (4): 173-188, aqui 178.180 (in Lawers, 2005: 313)

111 Nota 12, p. 314. Cf. D. Prigent, «Les céramiques funéraires (XIe-XVIIe siècle)», dans *Archéologie du cimetière chrétien*, p. 215-224 ; J.Y. Hunot, «Le combustible dans les vases funéraires médiévaux et modernes en Anjou», dans *Fontevraud – Histoire – Archéologie*, n.º 3, 1994: 49-61. D. Paya, *La Tombe et le Cimetière*: 169-186 (in Lawers, 2005: 314).

112 Exemplo de estela com tesouras descoberta no cemitério de Montmaur, no Aude: *Archéologie du Midi médiéval*, t. III, 1985: 169 (in Alexandre-Bidon, 2005 : 313).

113 Ver Glossário, Apêndice B, p. 327.

medieval. Fazem-se ainda inumar nos santuários de peregrinação que abrigam as relíquias¹¹⁴, fora da cidade. Consequentemente, é no coração da cidade, nas capelas de relíquias das igrejas, que elegem sepultura, em primeiro lugar os nobres, depois os burgueses (Alexandre-Bidon, 1998: 154-155). Michel Lawers refere ainda que «*Apesar desse importante movimento de aproximação das igrejas, necrópoles e sítios de povoamento, sepulturas que os especialistas dizem “isoladas” (são-no em relação às igrejas e aos espaços funerários colectivos, não em relação ao habitat) ou reunidas por pequenos grupos no meio ou na cercadura do edificado continuaram a ser arranjadas*»¹¹⁵. Quanto aos poderosos, eram inumados sempre nas suas igrejas patrimoniais e “nos seus campos”; podiam igualmente obter um túmulo no seio de uma casa religiosa¹¹⁶. A sociedade da Alta Idade Média não se afasta de uma real diversidade das práticas e dos lugares de inumação: grupos de túmulos domésticos, sepulturas *ad sanctos* ou situadas em estabelecimentos monásticos coexistiram, com efeito, com os grandes conjuntos funerários colectivos. (...)» (Lawers, 2005: 28).

Todavia, é necessário ter ainda em conta outra realidade, a da existência de fossas comuns¹¹⁷. Bem afastada do túmulo privilegiado na igreja ou da, individualizada, do cemitério, a inumação em fossa comum responde a imperativos precisos: por um lado, o enterramento a baixo preço dos mais pobres, dos que não tinham família e que não tinham, por esse facto, necessidade de uma estela para comemorar o seu nome; por outro, em tempos de epidemia, quando os enterramentos se sucedem a um ritmo mais acelerado, a única resposta do coveiro e da sociedade ao crescimento da procura é inumar colectivamente um certo número de defuntos. A fossa comum (que do ponto de vista da arqueologia é denominada «*sepultura de catástrofe*»¹¹⁸) pode ser longa e profunda ou de modesta dimensão, aberta apenas para cinco ou seis pessoas enterradas ao mesmo tempo: reenvia, segundo o caso, para uma inumação comunitária ou para uma sepultura familiar. Nesses casos, o coveiro sobrepôs os cadáveres, adultos alinhados lado a lado e crianças inseridas nos espaços restantes ou por cima dos adultos, sem dúvida os seus pais, o que poderia ser confirmado pelos testes de ADN¹¹⁹. Danièle Alexandre-Bidon refere que os arqueólogos «(...) foram confrontados com a constatação de que se bem que muitas fossas, demasiado pequenas, tenham sido escavadas à pressa, se tem a evidência

114 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

115 C. Treffort, *L'Église carolingienne*: 168-170 ; É. Zadora-Rio, «Le village des historiens»: 151-152 ; T. Bonin, «Le site de Chessy»: 44-46 ; L. Pecqueur, «Des morts chez les vivants» ; É. Zadora-Rio, «The Making of Chur-chyards»: 3 (in Lawers, 2005 : 280).

116 Ver o volume consagrado a *L'inhumation privilégiée*, as observações de R. Le Jan, *Famille et pouvoir*: 45-52, e os numerosos trabalhos alemães consagrados à gestão monástica da *memoria* [Ver Glossário, Apêndice B, p. 332] (Lawers, 2005 : 281).

117 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

118 *Bulletin de liaison du groupe d'anthropologie et d'archéologie funéraire en Île-de-France*, 1, Paris, s.d.: 9-10 ; U. Cabezuelo et D. Castex, «Une sépulture de catastrophe au Moyen Âge à Dreux», in *Dolmens, sarcophages et pierres tombales. Les pratiques funéraires en Eure-et-Loir, de la Préhistoire à nos jours*, Chartres, 1994: 68-69 (in Alexandre-Bidon, 2005 : 314). Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

119 Ver Glossário, Apêndice B, p. 327.

que faz prova de um mínimo de respeito pelos corpos e pela organização do cemitério.» (Alexandre-Bidon, 1998: 157-158). Por outro lado, salienta-se «(...) *uma situação que devia ser vulgar, e que hoje os arqueólogos que escavam em meio urbano põem em evidência: a terra do cemitério era frequentemente remexida; sendo o espaço rapidamente povoado, seria preciso sem cesso juntar-lhe terra para ganhar em altura o que faltava em superfície.*»¹²⁰ (Lawers, 2005 : 192).

As escavações arqueológicas mostram, contudo, que as sepulturas são frequentemente reutilizadas, procedendo-se para tanto a reduções¹²¹.

Contrariamente às necrópoles antigas ou paleocristãs, os cemitérios da Idade Média não construídos geralmente fora dos aglomerados, no próprio centro das cidades. Desde os séculos X e XII, segundo Danièle Alexandre-Bidon, «(...) *data a partir da qual se começa a inumar os defuntos intra muros, os mortos são enterrados em torno das igrejas paroquiais, elas mesmo mais frequentemente centrais. Contudo, o sistema conhece numerosas excepções: muitas pequenas aldeias implantam o seu cemitério além das casas, em grande parte por falta de espaço; acontece que a necrópole seja instalada na periferia de um burgo ou, por razões práticas, a meio caminho entre dois aglomerados, ver entre a velha cidade e os seus novos bairros (...)*» (Alexandre-Bidon, 1998: 239). Por seu lado, Michel Lawers refere que «*Pode certamente parecer ocasional proceder à reconstituição de modelos de organização espacial válidos para o conjunto do Ocidente a partir de informações heterogêneas, emanando de estudos recentes e por vezes mesmo em curso, fundadas em casos particulares, ligados ao acaso por prospecções e escavações realizadas em condições dissemelhantes. Tanto mais que uma das características principais dos lugares de culto e de inumação da Antiguidade tardia e da Alta Idade Média parece ter sido, tanto em meio urbano como rural, a dispersão, o rompimento em múltiplas unidades e a variedade dos usos regionais*»¹²² (Lawers, 2005: 24-25).

Mas o cemitério não era apenas local do repouso eterno de uns, era igualmente o local de vida de outros. Desta forma, na cidade como o campo, o cemitério medieval é sistematicamente utilizado como lugar público pelos paroquianos. Os resultados de escavações arqueológicas permitiram confirmar desde então o valor exemplar deste caso descobrindo numerosos exemplos de tais instalações; dizem respeito sobretudo aos ofícios do fogo. De facto, os mestres dos fundidores, carvoeiros e vidreiros desenvolviam-se no espaço cemiterial: fornos de sinos, de cal, de carvão de madeira, de bronze e mesmo forjas encontram-se mais frequentemente no recinto do cemitério medieval (Alexandre-Bidon, 1998: 246-248).

120 Tal é «*a imagem habitualmente admitida do cemitério urbano da Baixa Idade Média*», segundo J.-Cl. Hélas, que constata uma tal situação em Saint-Côme de Montpellier, onde, a partir do século XIII, uma camada sepulcral em plena terra – terra que não estava lá no início – se sobrepõe às sepulturas rupestres («*Cimetières médiévaux*»: 309-310). Pierre le Chantre evoca igualmente a presença de camadas de terra por cima de um nível de rocha (*in* Lawers, 2005 : 320).

121 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

122 A. Ferdière, em *Monde des morts, monde des vivants*: 440 ; B. Young, «*Les nécropoles*»: 98 ; G. Cantino-Wataghin e C. Lambert, «*Sepulture e città*»: 103 (*in* Lawers, 2005 : 279).

Tal situação manter-se-á até ao final da Idade Média «(...) e mesmo bem depois, as áreas de cemitérios continuaram a abrigar todas as espécies de práticas mais ou menos aceitáveis, a atrair os mercados e as assembleias. (...)» (Lawers, 2005: 266-267). Assim, «(...) «Nos campos e nas cidades, os campos dos mortos continuaram a ser lugares de refúgio, de asilo, de reunião, de regozijo, lugares onde se praticava a justiça, onde se concluíam acordos, onde se faziam mercados», precisa. O corpo social resiste à cristianização da morte. Sob a empresa da Quaresma que controla a vida até ao trespasse, o Carnaval não desarma. Dança-se mesmo sobre os restos dos defuntos, tanto de modo a aproximar-se deles como de os manter à distância. (...)» (Le Goff e Truong, 2003: 144).

Por outro lado, as lajes funerárias, planas, e melhor ainda, os entablamentos de pedra e outras lajes sobrelevadas a meia altura estavam perfeitamente adaptadas às actividades comerciais. Feiras e festas populares desenrolavam-se sobre as sepulturas, actividades sempre censuradas pela Igreja, mas assentando sobre hábitos ancestrais. Tal facto é igualmente corroborado por Michel Lawers¹²³ (Lawers, 2005: 10). Em numerosas regiões de França alguns dos cemitérios são habitados, a partir dos séculos XI-XII, facto atestado pelas fontes escritas¹²⁴. Para tal contribuiu o direito de asilo, que se aplicava às zonas imediatas de um lugar de culto (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 191).

Finalmente, as localizações dos cemitérios judeus e dos cemitérios das leprosarias, os primeiros às portas da cidade, os segundos relegados para zonas ainda mais exteriores, vêm completar esta visão espacial das «cidades dos mortos». Michel Lawers refere a este respeito: «Nem todos os defuntos tinham lugar no cemitério. Os corpos dos judeus, dos infiéis e dos maus cristãos não deviam sujar a terra sagrada. Inversamente às necrópoles da Antiguidade que acolhiam todos os mortos sem distinção, os cemitérios medievais foram, com efeito, reservados apenas aos fiéis. É preciso notar a concomitância perfeita entre o ordenamento desses cemitérios cristãos e o

123 «A terra do cemitério misturada com os restos dos mortos tornou-se um espaço social, fortemente investido (...). Mercados e feiras, espectáculos, jogos e divertimentos faziam do campo funerário um lugar de sociabilidade e de encontros para os vivos. (...) se os vivos se activavam no próprio local onde enterravam os seus mortos, é porque queriam a sua presença. (...)» (Lawers, 2005: 10).

124 «(...) Em relação à delimitação dos perímetros de protecção da Alta Idade Média, o elemento totalmente novo, a partir do fim do século X e do século XI, atendo-se à informação explícita do carácter funerário do espaço envolvente da igreja, outrora identificado com o “cemitério”, assim como a presença frequente de um habitat ou pelo menos de edifícios, estabelecidos voluntariamente no interior desse círculo protegido. (...) Principalmente destinados às sepulturas, as cercas de modesta dimensão eram ainda ocupadas por pequenos edifícios, nomeadamente celeiros; as que cobriam uma superfície mais importante abrigavam frequentemente um habitat – deu-se-lhes por vezes o nome de “cemitérios habitados” (nomeadamente para o Anjou) ou de “aldeias eclesíásticas” (nomeadamente para o Languedoc e a Aquitânia) [É. Zadora-Rio, «Les cimetières habités»; «The Role of Cemeteries»; D. Baudreu e J.-P. Cazes, «Les villages ecclésiastiques». Num menor grau, o fenómeno do habitat nos cemitérios está atestado em outras regiões: cf., por exemplo, A. Chédeville, Chartres, p. 344-345, in Lawers, 2005: 308]. (...) A presença de um habitat no interior do espaço protegido envolvendo os lugares de culto constitui um caso particular – e radical, se se pode dizer – do fenómeno mais geral de polarização em torno da igreja e do seu cemitério. (...) Mais frequentemente, sobre a área do cemitério, as casas dos vivos confinavam os túmulos dos mortos, quando não eram construídas por cima das próprias sepulturas. (...) Um cemitério designado e protegido não era por conseguinte sagrado. (...)» (Lawers, 2005: 145-146).

*aparecimento, por todo o lado no Ocidente entre os séculos XI e XIII, de espaços funerários reservados exclusivamente às comunidades judaicas e qualificadas igualmente, nos documentos latinos de que dispomos, de “cemitérios”. Os cemitérios judeus apresentavam todavia uma fisionomia muito diferente dos seus homólogos cristãos.»*¹²⁵ (Lawers, 2005: 166).

De facto, «*Se alguns escolhiam ser enterrados noutra sítio que não o cemitério da sua paróquia, outros estavam dele necessariamente excluídos, por razões sanitárias ou religiosas: os leprosos, que tinham sido tratados em leprosarias situadas fora da cidade, mas também os que cometiam suicídio ou ainda, muito evidentemente, os judeus. Sempre localizados no exterior do habitat, os cemitérios judaicos são ainda muito mal conhecidos. A publicação do de York (Inglaterra),*

125 «*Eram em primeiro lugar situados fora de muros, afastados da comunidade dos vivos. Além disso, os corpos dos defuntos não podiam ser deslocados, de uma forma ou de outra, após o falecimento, encontrando-se as sepulturas espaçadas umas em relação às outras; os cortes de sepulturas eram excepcionais, contrariamente ao que se passava na «terra cemiterial» dos cristãos, estabelecida quanto a ela no coração do habitat.»* (Lawers, 2005: 166). Menciona ainda que «*(...) Os textos normativos não parecem ter previsto um lugar de sepultura específico para os maus cristãos, os excomungados e os hereges. (...) A “fossa de estrume”, a “sepultura do burro” ou ainda os “prados dos burros” estavam-lhes destinados, assim como depois do século X certos cânones conciliários, cláusulas cominatórias de cartas e fórmulas de maldição agitam-lhe a ameaça. (...)»* (Lawers, 2005: 167). Por fim, «*Certos documentos fazem alusão a enterramentos dos excluídos nos bosques. E recentemente, os arqueólogos têm-se esforçado por reconhecer as sepulturas que teriam sido voluntariamente afastadas dos lugares funerários usuais – e que não podem ser assimiladas às sepulturas domésticas ou familiares da Alta Idade Média, exteriores ao espaço cemiterial mas contudo integradas no tecido social. É certo, não é nada fácil fazer a diferença entre uma sepultura simplesmente isolada em relação ao espaço funerário colectivo e uma sepultura excluída desse espaço. Apesar desta dificuldade, alguns tentaram definir uma tipologia das sepulturas atípicas, e nomeadamente daquelas de que se pode pensar que foram voluntariamente estabelecidas no exterior do espaço funerário colectivo, e que podem encontrar-se em fossas, em trincheiras, em silos abandonados. Entre a inumação no seio do cemitério e a sepultura foram de todo o contexto cultural e mesmo social, havia situações e por vezes luars funerários intermédios. O problema desses lugares “intermédios” coloca-se em particular para as sepulturas de jovens crianças, ver de recém-nascidos ou perinatais [ver Glossário, Apêndice B, p.334], que se supõe por vezes não baptizados (?) e que os arqueólogos encontram tanto no interior, mas reunidos em locais particulares, por vezes à margem, no limite da cerca cemiterial, por vezes perto do coro, das portas ou do muro da igreja. As visitas pastorais da época moderna distinguem geralmente as sepulturas das crianças mortas baptizadas, situadas no seio do cemitério, das crianças falecidas sem baptismo, reunidas em campos que lhe são reservados, o mais frequentemente no exterior do cemitério. (...) as escavações arqueológicas não permitem contudo confirmar a exclusão pura e simples das crianças não baptizadas. (...)»* (Lawers, 2005: 168-169). Sobre as sepulturas atípicas, ver A. Garnotel e D. Paya, «*Permanence et évolution du cimetière médiéval*», que distinguem audaciosamente as sepulturas de «*exclusão*» (que seriam caracterizadas por ritos a mínima e um afastamento em relação aos lugares funerários usuais) e as sepulturas de «*relegação*» (apresentando apenas uma das duas características) – os dois autores não fazem nenhuma alusão às sepulturas «*isoladas*». A propósito dos executados: A. Reynolds, «*The Definition and Ideology of Anglo-Saxon Execution Sites*» (in Lawers, 2005: 315). Sobre as sepulturas infantis, consultar igualmente A. Garnotel e D. Paya, «*Permanence et évolution*», nomeadamente p. 307-308, e A. Garnotel e V. Fabre, «*La place de l'enfant*»; em Dassargues : sepulturas de duas crianças na trincheira de empedramento de um muro de quinta (entre os séculos VIII e XIII); em Nîmes: criança inumada num silo desafectado (época medieval); em Saint-Martin de Colombs, em Fabrèges: sepultura de lactente afastado do cemitério (entre séculos IX e XIII). Para o mundo anglo-saxão: H. Williams, «*Ancient Landscapes and the Dead*»: 31 n. 68. Cf. P.-A. Sigal, «*La grossesse, l'accouchement et l'attitude envers l'enfant mort-né à la fin du Moyen Âge d'après les récits des Miracles*», em *Santé, médecine et assistance au Moyen Âge*, 110º congresso das sociedades sábias, Montpellier, 1985, *Histoire médiévale et philologie*, 1. Paris, 1987: 23-41 (in Lawers, 2005 : 315). Sobre o enterramento no exterior do cemitério, cf. A. Garnotel, Cl. Raynaud, «*Groupés ou dispersés*»: 147 ; A. Garnotel, D. Paya, «*Permanence et mutation*»: 312-313 ; A. Garnotel, V. Fabre, «*La place de l'enfant*» ; C. Niel, «*Les inhumations d'enfants*» ; B. Boissavit-Camus, É. Zadora-Rio, «*L'organisation spatiale*», p. 50 ; É. Zadora-Rio, H. Galinié, «*Les changements dans l'organisation spatiale*»: 177 e 180 ; J. Tardieu, «*La dernière demeure*»: 232 (in Lawers, 2005 : 315-316).

utilizado talvez desde 1170, em todo o caso entre 1235 e 1290, mostra um grande respeito pelos túmulos, dos quais muito poucos se sobrepõem, contrariamente ao que se observa nos cemitérios paroquiais que, é verdade, foram utilizados num período muito mais longo. Este último estudo levanta a questão da diferenciação, pela arqueologia, entre túmulos cristãos e judeus (atestada pelos textos): nem a posição do corpo, nem o tipo de contentor (aqui os caixões), nem a orientação das fossas são elementos distintivos, de forma que é preciso admitirmos a nossa incapacidade, na ausência das estelas¹²⁶, de reconhecer um túmulo judaico para os séculos anteriores ao nascimento do cemitério cristão, período durante o qual as grandes necrópoles em uso, ver pequenos conjuntos funerários, puderam abrigar lado a lado pagãos, judeus e cristãos.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 193-194).

Actualmente, o âmbito da investigação arqueológica em relação aos espaços funerários evoluiu e especializou-se, adoptando variadas abordagens e metodologias. Desta forma, mais recentemente, Alain Ferdière sintetizou as questões mais frequentemente levantadas pela arqueologia funerária, válidas em parte igualmente para a Idade Média, a saber:

«O estudo do lugar dos mortos nos grupos humanos – por exemplo da localização dos lugares de sepultura¹²⁷ – é nomeadamente muito revelador dessas sociedades: os defuntos são venerados bem para lá da sua morte – ver o objecto de um culto do «herói» – ou, bem pelo contrário, rapidamente esquecidos? É-o da mesma forma em todas as classes sociais, classes de idade, ou dos dois sexos? E os túmulos estão próximos ou afastados dos habitats? Os defuntos – e quais? – estão agrupados, em sepulturas colectivas¹²⁸, em conjuntos mais ou menos importantes de túmulos individuais, em necrópoles¹²⁹, em cemitérios¹³⁰, ou bem isolados em sepulturas afastadas umas das outras, elou mais ou menos privilegiadas? São objecto de práticas post mortem, mais ou menos longas e complexas, antes de ser (ou não) finalmente enterrados na sua sepultura definitiva? Terão sido inumados tal como estão, em plena terra ou num qualquer contentor (sarcófago¹³¹, caixão...) ou incinerados, e isto no mesmo local ou numa pira funerária colectiva? Serão acompanhados de mobiliário¹³²: objectos pessoais, vestuário, viático¹³³ durante a sua viagem para o além, etc., ou restos da refeição funerária consumida pela família e pelos próximos? A sua sepultura será discreta ou, pelo contrário, ostensivamente marcada à vista de todos os passantes por uma estela, um monumento, uma mamoa? Inversamente, como explicar as «carências» de mortos (raridade de sepulturas) que se encontra em certos períodos, em certas sociedades ou categorias destas? (...) Por outro lado, o

126 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

127 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

128 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

129 Ver Glossário, Apêndice B, p. 333.

130 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328.

131 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

132 Ver Glossário, Apêndice B, p. 332.

133 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

próprio morto – para lá da estrutura e do mobiliário do seu túmulo – ou pelo menos os seus restos (esqueletos de inumados, esquirolas de ossos incinerados) trazem informações frequentemente muito sugestivas, sempre indispensáveis, aos arqueólogos: idade do falecimento, sexo, doenças eventuais (paleopatologia¹³⁴). (...) Acrescentemos finalmente (...) que esta é uma outra maneira pela qual o mundo dos mortos nos informa sobre o dos vivos: a sepultura é, com efeito, o local privilegiado de descobertas de mobiliário em quantidade – e em qualidade – frequentemente notável. (...)»¹³⁵ (Ferdrière in Crubézy et alii, 2007: 6-7).

Por seu lado, e na mesma linha de pensamento, Éric Crubézy refere que «*Desde há uma vintena de anos, os arqueólogos que escavam túmulos e os antropobiólogos que estudam os esqueletos mostraram que de facto a escavação das sepulturas, e melhor, a dos conjuntos funerários¹³⁶ na sua totalidade, trazem informações em três domínios, que convém distinguir bem.*» (Crubézy et alii, 2007: 10). Assim:

- O primeiro domínio é o do mundo dos mortos. Isto significa que o que é posto a descoberto no domínio funerário, informa antes de tudo sobre a forma como eram inumados os cadáveres (as *práticas*¹³⁷ funerárias) e sobre a forma como funcionavam e eram organizados os conjuntos sepulcrais.
- O segundo domínio é o do mundo dos vivos. Dados retirados dos esqueletos podem informar sobre a biologia das populações inumadas, quer se trate da sua morfologia¹³⁸, do seu perfil genético, das suas patologias, ou ainda de certos dos seus hábitos e/ou costumes ou de práticas médicas. Sobre o plano da cultura material, é o mesmo: assim, o estudo das cerâmicas, por exemplo, fornece informações sobre as técnicas, a arte popular, as práticas culinárias, sobre as redes de distribuição, etc.
- O terceiro domínio é o da evolução das populações. O estudo dos restos esqueléticos permite conhecer melhor a história do povoamento e a forma como a morfologia e o património genético evoluíram (Crubézy et alii, 2007: 10).

O mesmo autor defende ainda a necessidade de definir uma problemática precisa an-

134 Ver Glossário, Apêndice B, p. 334.

135 «*Constitui, portanto, uma fonte de ensino de facto notável para o conhecimento dos mobiliários específicos de tal ou tal período, da “cultura material” dessas sociedades: cerâmica, vidro, objectos de adorno, armas, etc. Contudo – o que em arqueologia é sobretudo excepcional –, esses objectos estão frequentemente em bom estado, ver inteiros, graças à protecção do túmulo profundamente enterrado e ao respeito que ele suscita. O túmulo constitui portanto um exemplo notável de “conjunto fechado”, no plano cronológico, no qual pode apoiar-se o estabelecimento de muitas tipologias (...)» (Ferdrière in Crubézy et alii, 2007: 6-7).*

136 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

137 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

138 Ver Glossário, Apêndice B, p. 332.

tes de abordar um conjunto funerário¹³⁹: a maioria dos sítios bem conservados aos de menor duração e em que a quantidade de restos osteológicos é rara, e os que proporcionam estes em maior número, pela sua duração de utilização longa, impossibilitam a obtenção de uma cronologia fina, a menos que se multipliquem as datações em 14C. Salienta ainda a importância do estado de conservação das ossadas como um parâmetro fundamental: *«Se os ossos estão mal conservados, a determinação do sexo, por exemplo, tornar-se-á quase impossível, enquanto se for perfeita, esse estágio poderá ser ultrapassado e as relações de parentesco entre sujeitos poderão ser abordadas, ver o estudo de certos micróbios responsáveis pela sua morte pela investigação do ADN contido (...). Os trabalhos levados a cabo nestes últimos vinte anos [em França] mostraram que a escavação da totalidade de um conjunto funerário ou de algumas das suas fases cronológicas – quando podem ser definidas aquando das pesquisas ou das sondagens prévias – é sempre desejável; senão nenhuma conclusão formal que implique o recrutamento¹⁴⁰ do conjunto é possível e podem ser mesmo cometidos erros importantes quando da interpretação.»* (Crubézy et alii, 2007: 20).

É neste âmbito – a escavação da totalidade de um conjunto funerário – que se inclui o Hospital de Saint-Jean de Jérusalem, em Toulouse, que abordaremos no Capítulo IV.

Crubézy avança então para uma tipologia dos comportamentos face aos mortos, no quadro das sepulturas, que apresenta como apenas um esquema geral que guia habitualmente o arqueólogo nas suas deduções. Em primeiro lugar, os aspectos do **falecimento e da preparação dos cadáveres**: *«Quando um sujeito morre, os seus próximos ou a comunidade tomam geralmente conta do cadáver; é a ocasião de o ver e de começar a realizar o que temos o costume de chamar o trabalho do luto. O defunto pode ser objecto de uma toilette funerária, ser vestido ou despido, rodeado de faixas (...), posto numa mortalha e/ou num caixão. Pode ser também objecto de um tratamento destinado a conservar o corpo (...).»* (Crubézy et alii, 2007: 26). Este aspecto tinha sido já extremamente detalhado por Danièle Alexandre-Bidon.

Em segundo lugar, os diferentes tipos de **depósitos ou de eliminação dos corpos**: *«Apenas os corpos ou os corpos nos seus contentores podem ser depositados na natureza ou abandonados aos animais selvagens (...); podem ser queimados ou depositados em plena terra ou em cavidades naturais (...) ou artificiais escavadas no solo ou construídas em superfície. Quando um lugar é especialmente construído ou ordenado para receber o corpo, responde pela denominação de túmulo. Quando um túmulo é concebido para receber sucessivamente vários corpos, de que a individualidade da maior parte é conservada, nos cemitérios trata-se de um jazigo¹⁴¹ se for subterrâneo e escavado; e de um nicho¹⁴² se for à superfície e construído (...). Se, à medida dos contributos,*

139 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

140 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

141 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331-332.

142 Ver Glossário, Apêndice B, p. 332.

forem efectuadas misturas de diversos esqueletos, os arqueólogos falam de sepulturas colectivas. Este termo recobre os túmulos colectivos (...). A inumação simultânea de vários sujeitos toma o nome de sepultura múltipla¹⁴³ (...) que pode ser em jazigo ou em plena terra. Acontece que a comunidade seja confrontada com um número pouco habitual de falecimentos num mesmo tempo (epidemia, massacre), que não seja capaz de gerir seguindo o modo habitual. Pode então realizar inumações de massa, chamadas por vezes pelos autores francófonos “sepulturas de catástrofe”.¹⁴⁴ (Crubézy et alii, 2007: 28).

De seguida, a tipologia dos **depósitos primários e das sepulturas secundárias**: «O local onde o corpo foi depositado e onde começou a decompor-se, ou o local onde foi queimado, toma geralmente o nome de depósito primário¹⁴⁵ e de sepultura primária¹⁴⁶ se é o local definitivo. Em certos casos, muito rapidamente (nos casos de incineração, uma vez a fogueira extinta) ou ao fim de um lapso de tempo por vezes predefinido, tem lugar uma intervenção sobre o corpo decomposto ou as suas cinzas. Se este ou as suas cinzas são levados para um outro local, que representa o seu lugar de depósito definitivo, o termo de sepultura secundária¹⁴⁷ é empregue; se são simplesmente re-arrumados no mesmo local, para ganhar espaço, por exemplo, é utilizado o termo de redução¹⁴⁸; se os ossos forem levados para um local onde estão arrumados os ossos de vários sujeitos vindos de túmulos diferentes, falamos então de ossários. Na Idade Média, as fossas comuns eram escavações onde eram depositadas as gentes do comum, à medida das mortes. Actualmente, nos nossos cemitérios, trata-se dos locais (com muita frequência jazigos ou tanques) onde são deitados os restos esqueléticos uma vez que os túmulos foram desafectados.(...)» (Crubézy et alii, 2007: 28).

Em quarto lugar, as **re-intervenções no cadáver ou no esqueleto**, tais como os levantamentos de pedaços e corpos, como o crânio, tradicionalmente efectuados por sociedades ditas primitivas, assim como resultado de pilhagens; finalmente, **a abordagem dinâmica dos diferentes depósitos e o estudo de casos particulares** (Crubézy et alii, 2007: 31).

Por outro lado, Élisabeth Lorans salienta a **organização espacial dos lugares de inumação**, sobretudo no tocante aos motivos da escolha da respectiva implantação, e nomeadamente quanto à distinção entre a fundação *ex nihilo* ou a reutilização se um sítio ocupado no passado mais ou menos distante quer este tenha sido construído com fins funerários ou não. A reutilização para fins funerários é melhor reconhecida do ponto de vista arqueológico, podendo tratar-se de uma *villa*¹⁴⁹, das suas dependências ou de um santuário. «Os trabalhos antigos postulavam

143 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

144 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

145 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329-330.

146 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

147 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

148 Ver Glossário, Apêndice B, p. 335.

149 Ver Glossário, Apêndice B, p. 338.

frequentemente, no primeiro caso, a reocupação fortuita de um sítio abandonado e desaparecido desde há muito tempo; no segundo, pelo contrário, a reutilização voluntária e sem hiato de um templo pagão transformado em capela e atraindo dezenas de túmulos. Balanços regionais permitiram medir melhor a amplitude desse fenómeno assim como reexaminar a questão da continuidade (...). Em sítios de habitat (...) a posição dos túmulos, alinhados nas paredes exteriores ou implantados de forma assaz regular no interior das salas, prova o carácter voluntário da reutilização das estruturas antigas que, longe de ser totalmente niveladas, puderam mesmo, em numerosos casos, abrigar um oratório frequentemente instalado na parte termal. (...)» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 195). Tal é o caso, em território nacional, da Basílica de São Cucufate (Alarcão et alii, 1990).

A autora define ainda as características da paisagem funerária, tais como as cercas, os caminhos e as marcas de superfície: em primeiro lugar, **os modos de delimitação dos espaços funerários**, constituídos por muros, fossos ou paliçadas, cujas fundações são detectáveis do ponto de vista arqueológico, mas igualmente taludes e simples sebes, que são dificilmente detectáveis, excepto quando o espaço se mostra delimitado pela ausência de sepulturas. De notar que «O desenvolvimento do ritual de consagração, cujos testemunhos mais antigos pertencem ao século X, implica a fixação de limites quando da própria fundação do cemitério, mas a sua materialização no solo nem sempre se traduziu por um muro contínuo. Certos cemitérios adoptaram uma forma geométrica regular, em geral a de um círculo de trinta ou sessenta passos de raio (ou seja cerca de 10 ou 20m), em conformidade com as prescrições canónicas que regulamentavam o direito de asilo. Esses traçados quase perfeitos caracterizam muito particularmente os sagrares¹⁵⁰ da Catalunha mas também um bom número das aldeias eclesiásticas¹⁵¹ do Sudoeste da França (...) como o demonstrou Elisabeth Zadora-Rio, o muro do cemitério tem em primeiro lugar um valor jurídico e simbólico antes de apresentar um eventual carácter defensivo, atestado desde os inícios do século XI, nomeadamente através da interdição repetida dos concílios¹⁵² de construir igreja e cemitério fortificados, tentação tanto mais forte nas regiões onde os cemitérios habitados eram numerosos.». Já anteriormente Michel Lawers se lhes tinha referido¹⁵³ (Lawers, 2005: 26). Emsegundo

150 Ver Glossário, Apêndice B, p. 336.

151 Ver Glossário, Apêndice B, p. 327.

152 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

153 Ver a este respeito a nota 136, pág. 40 do presente trabalho, e ainda «(...) Vários indícios, como o alinhamento das sepulturas*, a organização por sectores ou lotes, a existência de cercas ou de muros, na circunferência e no interior das necrópoles, atestam que se tratava de conjuntos relativamente estruturados e mantidos. Numa época em que os ritos funerários não eram ainda tomados a cargo pela instituição eclesiástica, os grupos de parentesco desempenharam provavelmente um papel determinante na gestão do espaço funerário (...). Em certas necrópoles, a organização em alinhamentos acompanha-se além disso de agrupamentos de fossas que os arqueólogos e os antropólogos atribuem frequentemente a iniciativas familiares**» (Lawers, 2005 : 26).

* Ainda que este possa tirar em primeiro lugar uma impressão, ligada à orientação dos túmulos, que a ordenamentos voluntários: É. Zadora-Rio, «The Making of Churchyards»: 2 (in Lawers, 2005: 280).

** C. Pilet et alii, «Les nécropoles de Giberville» ; C. Pilet (dir.), *La Nécropole de Saint-Martin-de Fontenay (Calvados)*, p. 47 ; J. Serralongue e C. Treffort, «Inhumations secondaires» ; S. Gaime, É. Rouger et alii, «De la nécropole à la motte castrale»: 93 (in Lawers, 2005 : 280).

ugar, **o acesso ao cemitério e a circulação**¹⁵⁴; finalmente, **as marcas de superfície**, a saber, pedras de cabeceira, estelas com ou sem epitáfios, lajes, jazentes ou túmulos planos¹⁵⁵ (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 195-202).

1.2.3. Alguns exemplos em Espanha

Surgida um pouco mais tarde em Espanha, a Arqueologia Medieval só veria a primeira revista especializada neste domínio aparecer em 1986, em contraste com a consecutiva publicação de trabalhos e resultados de intervenções arqueológicas tradicionalmente efectuada em revistas que abrigavam temáticas diversas. Deste modo, são de salientar os trabalhos de Manuel Riu Riu (Riu, 1983; Riu, 1990-1991) sobre o exercício da Arqueologia Medieval em Espanha e em França, apresentando exemplos comparativos. Por seu lado, Miquel Barceló (Barceló et alii, 1988) define desta forma a Arqueologia Medieval: «*O objectivo da arqueologia medieval é o de produzir conhecimentos históricos; quer dizer, produzir informações adequadamente contrastadas sobre a estrutura, funcionamento e mudança das sociedades humanas. É, pois, um objectivo idêntico ao da investigação histórica que se vale unicamente de fontes escritas. A arqueologia produz conhecimentos a partir do registo arqueológico e da prospecção sem prescindir da informação derivada dos textos escritos, que tem limitações muito sérias. O registo arqueológico também tem limitações. Mas é preciso trabalhar com os dois registos, sem que isso signifique que sejam complementares, o que não são.*» (Barceló et alii, 1988: 11).

A investigação arqueológica e científica seguiu uma formulação regional, acompa-

154 «*A questão dos limites do espaço funerário coloca ainda a do acesso e da linha de caminhos interna. Podemos pensar que no períodos marcados pelo isolamento dos mortos em relação aos vivos, os caminhos eventuais, de traçado mais ou menos regular, não tinham outra função que permitir aceder às sepulturas, enquanto durante os séculos de inserção do cemitério paroquial no habitat os caminhos que o atravessavam podiam prolongar os da propriedade agrícola e da aldeia, fazendo deste espaço um lugar de passagem quotidiano.*» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 197).

155 «*(...) As sepulturas privilegiadas de laicos ou de eclesiásticos beneficiam de uma lembrança mais vasta, graças a uma implantação particular na própria igreja (em frente ao altar, no cruzamento do transepto, numa das capelas do coro) ou no seu contacto imediato, por exemplo num nicho* (...). A implantação privilegiada pode juntar-se a colocação de uma laje gravada com uma efígie ou a construção de um jazente. A partir do século XII, mas sobretudo dos séculos XIII-XIV, a inscrição funerária está de novo em uso para as personagens importantes, clérigos ou laicos, o texto, primeiro reduzida a uma simples notícia de identidade, esforçando-se por interpelar o passante e convidá-lo a converter-se e depois a rezar pelo defunto: uma evolução que traduz o medo do juízo final e dos suplicios do Purgatório e que se manifesta também pela multiplicação de testamentos. Na época moderna, o epitáfio pode tornar-se a récita de uma história, enaltecendo os méritos do defunto. Essas placas, que cobriam os solos e as paredes das igrejas, não assinalavam necessariamente a localização do túmulo: temos disso a prova quando elas evocam a escolha pelo defunto de ser inumado com os pobres, em sinal de humildade. De uma forma geral, podemos opor, para as sepulturas visíveis, o costume da Antiguidade, pagã como cristã, privilegiando a construção de monumentos por cima do solo (estela, sarcófago ou mausoléu), à adopção do túmulo plano* na Idade Média e na época Moderna: simples laje nua ou mostrando um epitáfio, o túmulo plano, parte integrante do solo das igrejas e logo pisada pelos passos dos fiéis, exprimindo a humildade do defunto.*» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 201-202).

* Ver Glossário, Apêndice B, p. 332.

nhando as autonomias de cada região espanhola. Assim, no tocante aos trabalhos relacionados com o tema da presente Tese, salientamos para a Catalunha os de Immaculada Ollich i Castanyer (Castanyer, 1993-1994), os de Vicent Campos (Campos, 1997) e os de Riu e Bolós (Riu; Bolós, 1982); os de Alonso Zamora Canellada em Segovia (Zamora Canellada, 1979); os trabalhos de Carlos de la Casa Martínez (De La Casa Martínez, 1991; De La Casa Martínez, 1992; De La Casa Martínez *et alii*, 1994), ou os de Alberto del Castillo em Soria (Castillo, 1972) e as investigações feitas sobre as estelas discoidais medievais no território espanhol - que incluem as províncias da Galiza, Astúrias, Cantábria, País Basco, Navarra, Aragão, Catalunha, País Valenciano, Castela e Leão, Castela La Mancha, Estremadura e Andaluzia – (Frankowski, E. *et alii*, 1989; Menchón i Bes, 1998; Sole i Borrás, 1994; Garai-Olaun, 1990).

Do mesmo modo, a tipologia apresentada para as necrópoles castelhanas é variada: são inúmeros os exemplos de sepulturas em fossa¹⁵⁶ (Garai-Olaun, 1990), sepulturas antropomórficas e nichos escavados na rocha¹⁵⁷ (Gonzalo *et alii*, 1996), sepulturas de lajes¹⁵⁸ (Valero, 1979; Hernández, 1991; Menchón i Bes, 1998) e sepulturas de blocos (Hernández, 1991).

No tocante às tipologias de sepultura decorrentes dos trabalhos que referimos anteriormente podemos caracterizar então as seguintes:

- **Sepulturas em fossa:** (1) em forma de banheira; (2) antropomórfica de cabeça arredondada e (3) antropomórfica de cabeça trapezoidal;
- **Sepulturas escavadas na rocha:** (1) antropomórfica, com cabeça arredondada;

156 **Cerrada de Ranes** (Biscaia), por exemplo, com 8 sepulturas em fossa escavada directamente na terra, mas ainda assim orientadas Este-Oeste (Garai-Olaun, 1990: 31).

157 Salientamos os exemplos de **Quintanar de la Sierra** (Burgos), com 132 sepulturas antropomórficas; **Cuaycabras** (Burgos), com 166 sepulturas antropomórficas e 13 nichos, correspondentes a um período alto-medieval; a **igreja de San Millán de la Cogolla de Suso** (La Rioja), com 36 nichos (que encerravam 54 sepulturas) e 57 sepulturas independentes, igualmente em fossa e escavadas na rocha, as primeiras correspondentes a um período de ocupação visigótica e moçárabe, e as segundas a um período alto-medieval, classificadas por Alberto del Castillo como «(...) *olerdolanas de tipo occidental, es decir, de caja trapezoidal, pies redondeados, cabezas redondeadas, trapezoidales y en arco de herradura no demasiado pronunciado, con hombros rectos y desiguales. Carecen de reborde y de acanaladuras y todas tenían losa de cubierta (...)*» (Gonzalo *et alii*, 1996: 59); **Valderrible** (Cantábria), no exterior da igreja rupestre de Santa Maria, uma necrópole constituída por sepulturas escavadas na rocha e por sarcófagos reutilizados; **La Cabrera** (Madrid), uma necrópole constituída por sepulturas antropomórficas escavadas na rocha; **Cerro de San Isidro** (Santa María de Nieva), uma necrópole de sepulturas antropomórficas associadas à Ermida de San Isidro, entre muitos outros exemplos.

158 De que são exemplo **Camesa-Rebolledo** (Valdeolea, Cantábria), com sepulturas datadas dos séculos VIII a XII; **Varea** (Logroño, Rioja), com sepulturas constituídas por 8 lajes de arenito, apresentando junto à cabeça duas cunhas, que lhe conferem um aspecto antropomórfico (Valero, 1979: 57); **El Soto de Garray** (Soria) com cerca de cinco dezenas de sepulturas de lajes não aparelhadas (a que o autor chama «blocos») (Hernández, 1991: 50); **Conca de Barberá** (Tarragona), cujas sepulturas, reunidas em pequenos agrupamentos dispersos e resultantes de investigações antigas ou descrições muitas vezes vagas, são de difícil datação dada a inexistência de espólio arqueológico associado, mas que se pensa ter uma larga continuidade desde a época tardo-romana à época medieval (Menchón i Bes, 1998: 10).

(2) antropomórfica, com cabeceira trapezoidal e (3) antropomórfica, com cabeceira em arco de ferradura¹⁵⁹; são na maioria dos casos assimétricas e apresentam encaixes estreitos.

- **Sepulturas de lajes:** são assim definidas por diversos autores, mas diferem entre si pelo número de lajes que comportam. Assim, (1) antropomórfica, com 8 lajes (6 de ambos os lados e 2 em cada topo) (Valero, 1979, 57), com cobertura constituída por 3 lajes ou tampa¹⁶⁰ monolítica ou antropomórfica; (2) antropomórfica, com 6 lajes (6 de ambos os lados e 1 telha em cada topo) (Valero, 1979, 57), com cobertura constituída por 3 lajes ou tampa monolítica; (3) constituída por 6 ou 7 lajes laterais longitudinais e outras 2 transversais para cabeceira e pés, com escasso, para não dizer nenhum, trabalho de preparação e correspondentes aos tipos III e IIIA de Zamora Canellada (Zamora Canellada, 1979, 535-536; Hernández, 1991; Menchón i Bes, 1998)¹⁶¹. Estão associadas a uma cronologia entre os séculos XI e XIII (Hernández, 1991: 65).
- **Sepulturas de blocos:** coincidentes com o tipo IIIB de Zamora Canellada, são constituídas por cinco ou seis silhares (blocos prismáticos trabalhados), mostram a cabeceira talhada num bloco monolítico em forma de arco, com as esquinas tanto em ângulo como arredondadas. A cobertura é igualmente constituída por blocos trabalhados, que num único exemplo se mostram em número de 6. Podem apresentar uma forma trapezoidal (Planta E) ou rectangular (Planta D) (Riu; Bolós, 1982). Este tipo de sepultura tem sempre dimensões associadas a um adulto, como nos casos similares surgidos em San Juan de Los Caballeros (Segovia), Tiermes e San Pedro de Caracena (Soria), Vegas de Pedraza ou ainda na Colegiata de Santillana del Mar (Sautuola, Santander) (Hernández, 1991: 60). Estão associadas a uma cronologia entre os séculos XII e XIV (Hernández, 1991: 65).
- **Sepulturas de barro:** é um novo tipo, encontrado em Soria. A estrutura destes enterramentos foi modelada à mão, apresentando várias formas: trapezoidal com os extremos arredondados, em planta «G» (Riu; Bolós, 1982) e ainda rectangular. As

159 Foi Alberto del Castillo o primeiro a defender uma cronologia para as sepulturas denominadas «*olerdolanas*» (sepulturas escavadas na rocha) no *XI Congreso Nacional de Arqueología*, em Mérida (Castillo, 1968).

160 Ver Glossário, Apêndice B, p. 337.

161 Estas últimas apresentam uma planta de forma predominantemente trapezoidal ou antropomórfica, identificada como a forma E de Riu e Bolós; são geralmente sepulturas de adultos, embora existam algumas de forma rectangular, que correspondem principalmente a enterramentos infantis. No tocante à secção, apresentam sistematicamente o tipo «b» do esquema de Riu e Bolós, i.e., fundos planos e zonas laterais paralelas (Riu; Bolós, 1982: 25-27). Quanto ao seu antropomorfismo, é obtido principalmente através da colocação de duas pedras, uma de cada lado interior da cabeceira, de modo a impedir o desvio da cabeça depois de depositada na sepultura (Castillo, 1972: 4). Em alguns casos, as duas pedras referidas são substituídas por dois blocos de barro (Hernández, 191: 59).

paredes apresentam uma espessura de 10cm e uma altura média de 21 cm (Hernández, 1991: 60-61).

Quanto à orientação, estão normalmente orientadas Oeste-Este e com a cabeceira a poente, mas existem de facto alguns desvios mais ou menos pronunciados. Fernando Morales Hernández, por exemplo, refere que no caso de El Soto de Garay se comprovou no terreno, inclusive com recurso a bússola, que todas as orientações se encontravam no leque dos graus produzidos pelo pôr-do-sol do solstício de Verão (297º) e o solstício de Inverno (234º), o que indicaria, por sua vez, com a devida aproximação, a época do ano em que foram construídas¹⁶² (Hernández, 1991: 92). Do mesmo modo, para as necrópoles alto-medievais de Tarragona, Joan Menchon i Bes (Menchon i Bes, 1998) menciona as orientações predominantes Oeste-Este com a cabeceira a poente, mas igualmente sepulturas orientadas Sudeste-Noroeste e Sul-Norte.

As tipologias de enterramento correspondentes às sepulturas que foram escavadas são as seguintes (Gonzalo *et alii*, 1996: 65-81):

- decúbito dorsal com os braços dobrados sobre o peito e pernas paralelas;
- decúbito dorsal com os braços dobrados sobre o ventre e pernas paralelas;
- decúbito dorsal com braço direito esticado, braço esquerdo dobrado sobre o peito e pernas paralelas;
- decúbito dorsal, com braço direito em ângulo sobre o ombro direito, braço esquerdo dobrado sobre o peito e pernas e pés paralelos;
- decúbito dorsal com braço direito dobrado sobre o peito, braço esquerdo esticado e pernas paralelas;
- decúbito dorsal com os braços em ângulo sobre os respectivos ombros e pernas paralelas;
- decúbito dorsal com braço direito em ângulo sobre a cintura, braço esquerdo em

162 O mesmo autor refere inclusivamente as opiniões de diversos investigadores a respeito destes desvios de orientação, nomeadamente Martín-Bueno e Lopez Arminsen, que postulavam que os mesmos não obedeciam a causas premeditadas, mas sim à falta de perícia dos construtores (Martín-Bueno; López Arminsen, 1978: 225). Carlos de la Casa Martínez e Izquierdo Bertiz, por outro lado, referem que no caso de Tiermes, os desvios de orientação dever-se-iam a um melhor aproveitamento do terreno (Casa Martínez; Izquierdo Bertiz, 1979:120). Finalmente, uma outra teoria atribui estes desvios à sequência de um percurso do sol ao longo do ano, decorrente de sobrevivências pagãs do culto solar relacionado com os mortos (Ollich i Castaner, 1982: 140), nomeadamente quando associadas à descoberta de moedas entre as mãos dos defuntos, o que pode ser interpretado como uma continuidade do culto romano do óbolo de Caronte (Borobio; Morales, 1982).

ângulo sobre a pélvis e pernas paralelas;

- decúbito dorsal com braço direito em ângulo e mão sobre o ombro direito, braço esquerdo em ângulo sobre a pélvis e pernas paralelas.

Os corpos foram geralmente depositados, tal como em outros sítios arqueológicos (Valero, 1979: 57; Hernández, 1991: 63), envolvidos em sudário, sem caixas de madeira e desprovidos de qualquer espólio (como atestam a ausência de materiais metálicos e cerâmicos). Em alguns exemplos, surge uma pedra assente sobre o peito, na zona do externo ou perto desta, que impediria a deslocação do maxilar inferior (Hernández, 1991: 63).

Na generalidade dos casos, estas necrópoles medievais que acabámos de descrever surgem em zonas a que poderemos chamar hoje de rurais, indo da vintena às muitas dezenas, em alguns casos associadas a edifícios de carácter religioso (igrejas ou antigas ermidas), embora o caso da província de Tarragona mostre que as necrópoles encontradas se encontravam implantadas em lugares elevados e sem relação com edifícios religiosos, antes associadas a uma canada, fonte ou curso de água (Menchón i Bes, 1998: 10).

Contudo, continuam a ser descobertas necrópoles, estas em meio urbano, de que até hoje se desconhecia a existência, como resultado de campanhas de escavação de emergência. São os casos da basílica de Armentia (Alana San Sebastián) (2006), com cerca de 150 sepulturas que continham ainda os restos osteológicos correspondentes a igual número de adultos do sexo masculino¹⁶³; Larioja¹⁶⁴ (2007), com várias dezenas de sepulturas em fossa e sepulturas de lajes atribuídas aos séculos XII e XIII; e, finalmente, Veranes (2009) com cerca de 130 sepulturas, principalmente correspondentes a sepulturas de fossa com lajes¹⁶⁵.

Na maioria dos casos que abordámos, o que ressalta é a dificuldade de atribuição cronológica e cultural das sepulturas isoladas, tanto quanto das necrópoles, sobretudo devido à falta de elementos que permitam atribuir-lhes uma datação absoluta (por exemplo, através dos depósitos funerários) ou relativa (localização junto a um edifício ou a um *habitat* de cronologia conhecida), o que obriga à sua datação com base em paralelismos, tipologias ou, em determinados casos, até mesmo à especulação no sentido mais vasto do termo (Menchón i Bes, 1998: 13). De facto, muito embora Alberto del Castillo tenha estabelecido, em 1962, com base nas escavações que até então tinha efectuado nas províncias de Castela e da Catalu-

163 Dos indivíduos adultos a que aludimos pelo menos 15 apresentavam sinais de trepanação e aparentando ter todos eles (excepto um) sobrevivido à intervenção cirúrgica. Esta é uma das necrópoles actualmente consideradas como uma das mais importantes do País vizinho, dados os elementos que permitem identificar uma população masculina relativamente jovem, possivelmente constituída por soldados residentes na capital de Alava, que apresentam ferimentos compatíveis com os que são característicos do período medieval.

164 Calle Agustín de Logroño.

165 Com paralelos em necrópoles semelhantes em Lugo de Llanera e Cinmavedilla (Gijón).

nha, uma cronologia das sepulturas chamadas «*Olerdolanas*» (Castillo, 1968), como referimos anteriormente, datando-as de forma definitiva do período medieval, continuavam ainda a persistir muitas dúvidas, uma vez que em termos cronológicos esta tipologia parece ter sido seguida, em plena Idade Média, pelo reaparecimento de sepulturas de lajes¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Menchon i Bes refere, a este propósito, os trabalhos de Manuel Riu. (Menchon i Bes, 1998: 15).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Iniciámos o presente estudo através da leitura de textos, documentos e dos relatórios de escavação correspondentes aos sítios arqueológicos investigados existentes no IGESPAR.

Para a prossecução do trabalho que nos tínhamos proposto elaborar utilizámos a análise de casos comparados, nomeadamente no tocante à tipologia de enterramentos, espólio encontrado e características dos espaços sepulcrais.

Para o efeito, recorreremos à análise das lápides funerárias existentes *in situ*, assim como às existentes em espólios museográficos. Quando possível, efectuámos a análise de espólio tumular resultante das sondagens arqueológicas a que aludimos.

O espólio arqueológico daí resultante foi tratado tipologicamente, mediante o uso de classificações morfológicas já existentes, o que permitiu um estudo comparativo de síntese. Do mesmo foi efectuada a respectiva descrição, constante nos Apêndices.

II.1. Selecção de técnicas

II.1.1. As fontes – Textos e iconografia

Durante a elaboração do presente estudo, obtivemos informações significativas a nível documental provenientes de autores coevos, Chancelarias Reais e outros documentos atribuíveis à Época Medieval, as quais foram devidamente citadas, assim como de representações e descrições bem mais recentes, provenientes já do século XX¹⁶⁷. As Chancelarias, ricas em documentação sobre a organização e a vida económica da cidade durante os reinados que abarcam o período em estudo, foram já, na sua maioria, descritas e classificadas por outros investigadores (nomeadamente Barroca, 2000 e Silva, 2008, entre muitos outros).

Os textos mais antigos sobre Lisboa são os relatos de geógrafos islâmicos veiculados e descritos por diversos autores (Silva, 1987; Rei, 2001, entre outros), nomeadamente quanto à localização das portas da Cerca Moura, e à vida na cidade de Lisboa (Pradalié, 1975).

De seguida, temos o conjunto de documentos coevos da tomada de Lisboa, constituídos pelas cartas de Osberto, de Arnulfo, de Duodechino, o *Indiculum Foundationis Monasterii Sancti Vicentii* (citadas por Cunha e Ferreira, 1998, entre outros investigadores).

Será apenas no século XVI que Lisboa será representada do ponto de vista gráfico:

167 Não citámos autores da Antiguidade Clássica como Rufio Festo Avieno («*Orla Marítima*») ou Heródoto («*Histórias*»), por considerarmos que as referências são demasiado generalizadas e afastadas no tempo. No entanto, tanto Avieno como Heródoto podem ser considerados como os autores das primeiras informações escritas sobre os territórios peninsulares em geral (Melo, 2008: 65).

destacamos as duas plantas que ostentam o mesmo nome (OLISIPPO: *Lisabona*), ambas de autoria desconhecida e que se encontram na Biblioteca Nacional (ver Figura 1 e Figura 2); a planta denominada «*Olisipo, sive ut pervetustae lapidum indcriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiv: Caecale et Bathelem oppidula*», e «*Olisipo, sive ut pervetustae lapidum inscriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiu*», ambas da autoria de George Braun (século XVI), igualmente em depósito na Biblioteca Nacional (ver Figura 3 e Figura 4); a planta atribuível provavelmente a Rombout van der Hoeye, conhecida como «*Lisbona per praeclaria Portugallie Metropolis*», datada do século XVII (ver Figura 5); e, finalmente, a planta desenhada por João Nunes Tinoco, no século XVII, representando Lisboa em 1650: «*Planta da cidade de Lxa em q se mostrão os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro*» (ver Figura 6). Apenas retivemos estas, não obstante existirem representações gráficas da cidade de Lisboa posteriores ao século XVI, e anteriores ao terramoto de 1755.



Figura 1 – *Olisippo* [Material cartográfico]: *Lisabona*. - [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 15--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 28,90x36,20cm, in <http://purl.pt/1420>, Biblioteca Nacional.



Figura 2 - Olisippo [Material cartográfico]: *Lisabona*. - [Escala não determinada]. - [Lisboa: s.n., 15--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 28,40x36,80cm em folha de 29,70x38,50cm, in <http://purl.pt/1755>, Biblioteca Nacional.



Figura 3 - BRAUN, Georg, 1541-1622

Olisipo, sive ut pervetustae lapidum indcriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiv. [Material cartográfico]: *Caecale et Bathelem oppidula* / George Braun, [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 15--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 34,50x48,20cm em folha de 38,50x51,70cm <http://purl.pt/3384>, Biblioteca Nacional.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)



Figura 4 - BRAUN, Georg, 1541-1622

Olisipo, sive ut pervetustae lapidum inscriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiu [Material cartográfico / J. Braunio. - [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 19--]. - 1 vista, facsimilada : p&b ; 20,40x48,60 cm em folha de 32,00x58,70cm, in <http://purl.pt/1514>, Biblioteca Nacional.



Figura 5 - LISBONA PER PRAECLARA PORTUGALLIAE METROPOLIS

Lisbona per praeclara Portugalliae metropolis [Material cartográfico]. - [Escala não determinada]. - [S.l.: Rom-
bout van den Hoeye, [16--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 41,30x53,70cm, in <http://purl.pt/1714>, Biblioteca Nacional.

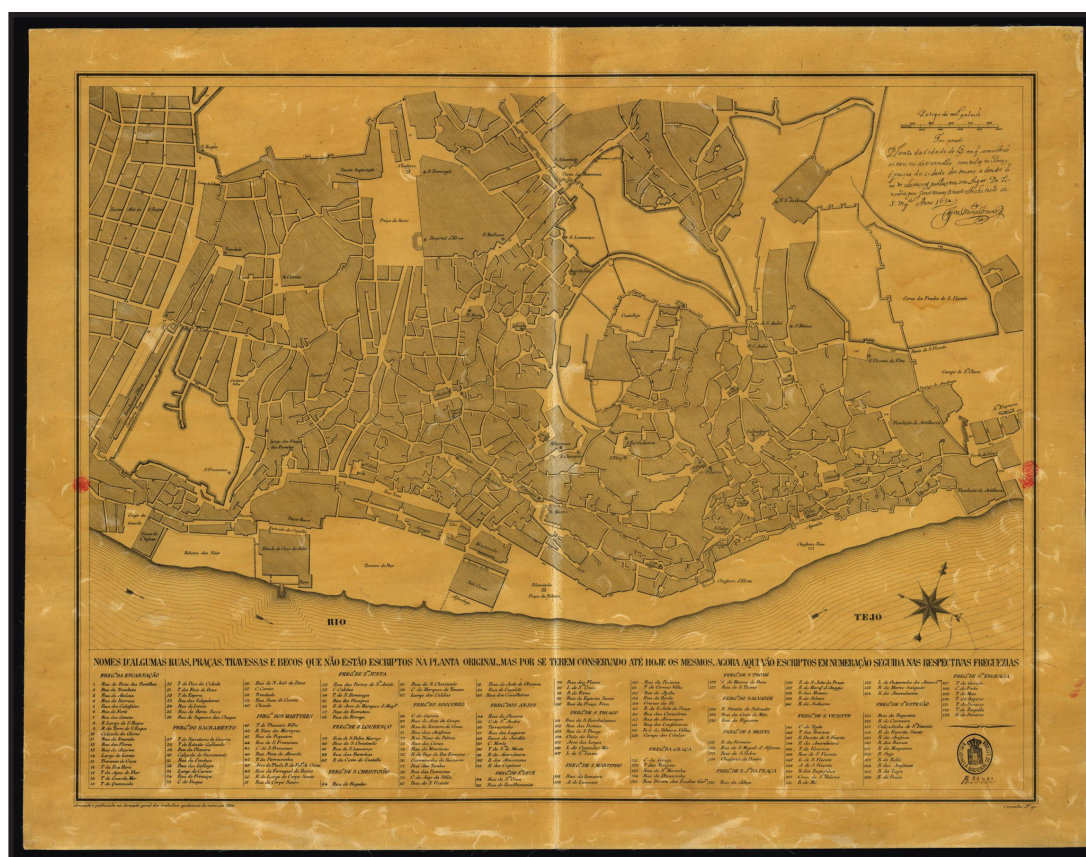


Figura 6 - TINOCO, João Nunes (?) -ca 1689

Planta da cidade de Lxa em q se mostrão os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro... [Material cartográfico / delineada por João Nunes Tinoco; gr.Carvalho Jº r. - Escala [ca 1:3 100]. - [Lisboa] : Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos do Reino, 1884. - 1 pl. : color. ; 72x54cm, in <http://purl.pt/3880>, Biblioteca Nacional.

II.2. Selecção dos Sítios

II.2.1. Trabalhos Arqueológicos

Nas últimas décadas, intensificaram-se as intervenções arqueológicas na área urbana de Lisboa. Sendo difícil levar a cabo trabalhos arqueológicos de forma programada e a longo prazo, a maioria dos sítios arqueológicos estudados (à excepção da Sé Catedral e de São Vicente de Fora) beneficiou de iniciativas de recuperação arquitectónica ou urbana, ou de trabalhos de grande envergadura por parte de empresas públicas. Muitos outros trabalhos se fizeram no mesmo lapso de tempo (tal como aconteceu no Castelo de São Jorge, por exemplo), com resultados diferenciados no tocante aos conhecimentos que foi possível adquirir sobre a evolução urbana da cidade.

A nossa escolha incidiu precisamente sobre aqueles que tinham permitido trazer à luz uma parte importante da história das mentalidades, sobretudo no que diz respeito à ligação

do homem medieval à presença efectiva da Morte enquanto episódio da vida ou como *terminus* desta. As preocupações com a salvação da alma, as crenças de cada um – individual ou colectivamente – ficam assim marcadas do ponto de vista material, confirmando o que muitas vezes se conhecia já através da pesquisa documental: os testamentos, as doações, os cânones vêm desta forma complementar o aspecto visível, material, factual da deposição de um corpo na sepultura. São eles que lhe concedem uma pequena parte do imaterial, do intangível, da subjectividade que hoje nos escapa quando intervimos em campo.

Tínhamos decidido, por isso, tentar agrupar sítios que mostravam uma preocupação em deixar um legado da memória para o futuro de um inumado (ou mesmo dos seus familiares), através das epígrafes ou inscrições funerárias, e os sítios em que uma efectiva intervenção arqueológica trouxe à luz evidências de rituais funerários em voga no período medieval e relacionados com a história das religiões. No primeiro caso considerámos, então, sítios como por exemplo São Cristóvão ou Santa Luzia ou ainda São João Baptista, no Lumiar (que não foram objecto de intervenção arqueológica); e, para o segundo, São Domingos, o Convento do Carmo e São Vicente de Fora, ou ainda São Miguel de Odrinhas e São Saturnino, que representam verdadeiras necrópoles organizadas enquanto tal.

Tentámos desta forma mostrar uma visão de conjunto, congregando a informação do que se tem feito na área metropolitana de Lisboa relativamente à Morte. Tal permitir-nos-á, esperamos, traçar um modelo esquematizado das principais formas de enterramento do período medieval entre os séculos XII e XV.

Efectuámos ainda diligências no sentido de utilizar um caso escolhido no território espanhol. Contudo, e em virtude da não obtenção de resposta ao nosso pedido, não nos foi possível efectuar para aquele espaço territorial o mesmo tipo de análise a que procedemos quer para os casos de Lisboa, Odivelas e Sintra quer para os casos franceses de Toulouse.

Assim, e na posse destes últimos dados, a escolha dos casos do cemitério de Saint-Michel e do Grande Priorado de Saint-Jean de Jerusalém, na cidade de Toulouse, possibilitaria a confirmação da utilização de um modelo mais vasto e mais abrangente, longe dos regionalismos.

II.2.2. O estudo do espólio

Já referimos, segundo as palavras de Crubézy (Crubézy *et alii*, 2007: 6-7, 10), que a sepultura é o local privilegiado de descobertas de mobiliário – em quantidade e em qualidade – notável, constituindo, desta forma, uma fonte de ensino de facto extremamente importante

para o conhecimento dos mobiliários específicos de diversos períodos cronológicos, da «*cultura material*» dessas sociedades: cerâmica, vidro, objectos de adorno, armas, etc. Contudo – o que em arqueologia é sobretudo excepcional – esses objectos estão frequentemente em bom estado, ou mesmo inteiros, graças à protecção que o túmulo lhes concedeu¹⁶⁸.

Assim, Élisabeth Lorans define o termo «**mobiliário funerário**» como os «(...) *objectos contidos num túmulo quer tenham sido utilizados pelo defunto ou depositados no próprio contentor ou na fossa.*» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 222). A primeira categoria reúne sobretudo **os acessórios de vestuário e os objectos de adorno**; a segunda inclui elementos de natureza e de estatuto muito diferentes, tais como **armas, objectos da vida quotidiana (instrumentos, objectos de toilette), objectos de carácter mágico ou religioso, símbolos de funções e de poder**¹⁶⁹.

Em Portugal são relativamente raros os depósitos de mobiliário funerário, prendendo-se tal facto com a «morte despersonalizada» que corresponde aos comportamentos das camadas inferior e intermédia da sociedade (Barroca, 1987; Ferreira, 1992; Pereira, 2008: 32).

II.3. Recolha de Dados

Consultámos, assim, o acervo de arquivo de trabalhos arqueológicos do IGESPAR, onde se encontram depositados nomeadamente os relatórios de escavações efectuadas e todos os outros registos anexos (nomeadamente informações técnicas), entre os quais recolhemos dados mais concretos para fundamentar o nosso trabalho. O mesmo procedimento foi realizado no tocante ao arquivo de relatórios e documentos da DRAC, em Toulouse, onde consultámos os relatórios das campanhas de trabalhos arqueológicos efectuados nos sítios que seleccionámos.

Estabelecemos então uma ficha de sítio para cada um dos monumentos estudados, onde foram inseridos os seguintes elementos: nome do local; coordenadas (latitude e longitude); fotografia e localização; cronologia; descrição do monumento; autores da escavação da necrópole; orientação da mesma; posição do indivíduo (só ou acompanhado); espólio associado; existência de estelas, lápides, etc; e, finalmente, a bibliografia relativa ao sítio estudado.

Nos casos em que existia informação de carácter arqueológico esta foi inserida numa

168 «O túmulo constitui portanto um exemplo notável de “conjunto fechado”, no plano cronológico, no qual pode apoiar-se o estabelecimento de muitas tipologias (...)» (Crubézy et alii, 2007: 6-7).

169 «(...) Todas essas categorias estão longe de ser estanques: um mesmo objecto, tal como as espadas, pode ser por vezes usado, por vezes depositado e as razões de um depósito podem ser múltiplas, associando a oferenda ao valor religioso, por exemplo. Tendo a natureza e a função do mobiliário variado ao longo do período considerado, impõe-se uma apresentação cronológica.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 222).

grelha, igual para todos os casos estudados, que permitiu posteriormente a realização da respectiva análise. Assim, foram descritos o número da sepultura (constituído pelo número atribuído pelo arqueólogo que conduziu os trabalhos, assim com a quadrícula e a cota a que foi encontrada); a orientação, o tipo de sepultura, a cobertura, a cabeceira e a existência ou não de caixão; quanto ao esqueleto, a descrição foi decomposta na existência ou não de esqueleto; na conexão anatómica; no estado do esqueleto; na evidência rática; no sexo; na idade provável; na faixa etária; na posição do corpo; na posição da mão direita; na posição da mão esquerda; na posição dos braços; no comprimento do corpo; na existência ou não de espólio; na presença ou não de tecidos e passamanarias; na evidência de patologias; na coexistência ou não com outros ocupantes do coval; na datação provável (em séculos); e, finalmente, um espaço para observações.

Esta grelha foi adaptada a partir de itens¹⁷⁰ que resultaram do cruzamento de vários tipos de factores descritivos. Definem, em primeiro lugar, a identificação da implantação do cemitério e/ou da sepultura; em segundo lugar, a caracterização morfológica da sepultura e das suas componentes; em terceiro lugar, a descrição dos vestígios osteológicos, estado de conservação e posição; finalmente, a recolha de todos os aspectos relacionados com a existência ou não de espólio e respectiva descrição, seguida da datação atribuída por cada autor.

Para o preenchimento dos campos, utilizámos códigos, a saber:

- Orientação: [1] norte; [2] sul; [3] nascente; [4] poente; [9] não foi possível verificar;
- Tipo de sepultura: [1] coval¹⁷¹ simples; [2] coval revestido a pedra; [3] escavada na rocha, oval; [4] escavada na rocha, rectangular; [5] escavada na rocha, antropomórfica; [6] outra; [7] sarcófago [9] não foi possível verificar;
- Cobertura: [1] lajes; [2] grandes pedras toscas; [3] pequenas pedras toscas; [4] pedras pequenas e grandes; [5] outra; [6] sem cobertura perceptível; [9] não foi possível verificar;
- Cabeceira: [1] com cabeceira; [2] pedra tosca; [3] sem cabeceira; [4] outra; [9] não foi possível verificar;
- Espaço de Decomposição (apenas para os casos franceses): [1] Espaço vazio; [2] Espaço semi-colmatado; [3] Espaço colmatado; [99] não determinável;

170 Uma das grelhas que destacamos foi a utilizada por Rodrigues Ferreira (por exemplo, em Cunha e Ferreira, 1998), por nos parecer sistematizar melhor toda a informação.

171 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

- Caixão: [1] presença; [2] vestígios; [3] ausência;
- Esqueleto: [1] presença; [2] vestígios; [3] ausência;
- Conexão anatómica: [1] sim; [2] não;
- Estado: [1] completo; [2] incompleto; [3] destruído;
- Evidência rática: [1] sim; [2] não;
- Sexo: [1] masculino; [2] feminino; [99] não determinável;
- Idade provável: [1 a 90]; [99] não determinável;
- Faixa etária: [1] criança; [2] não adulto; [3] adulto; [4] velho;
- Posição do corpo: [1] decúbito dorsal; [2] decúbito ventral; [3] outra; [9] não foi possível verificar;
- Posição da mão direita: [1] ao longo do corpo; [2] ao peito; [3] na cintura; [4] no abdómen; [5] ao púbis; [6] outra; [9] não foi possível verificar;
- Posição da mão esquerda: [1] ao longo do corpo; [2] ao peito; [3] na cintura; [4] no abdómen; [5] ao púbis; [6] outra; [9] não foi possível verificar;
- Posição dos braços: [3] vide posição das mãos
- Comprimento do corpo: [1 a 200]; [9] não foi possível verificar;
- Espólio: [1] presença; [2] ausência; [9] não foi possível verificar;
- Tecidos e passamanarias: [1] presença; [2] ausência;
- Evidência de patologias: [1] sim; [2] não;
- Outros ocupantes do coval: [1] presença; [2] ausência;
- Datação provável: [XII a XVI]

II.3.1. Descrição de termos utilizados

Utilizando o léxico apresentado e utilizado nas actas do colóquio *Archéologie du Cime-*

tière Chrétien, publicadas em 1996, Élisabeth Lorans sintetiza a problemática relacionada com as características que podem ser eventualmente objecto de comparação regional, defendendo simultaneamente a sua difusão para facilitar as referidas comparações.

Decidimos, por isso, utilizar a mesma metodologia, porque pensamos ser importante tentar para Lisboa uma sistematização dos termos utilizados, aplicando-os aos sítios em estudo e que podemos resumir da seguinte forma:

1. **A sepultura: contentores, tratamento do corpo e mobiliário funerário.** Sob esta classificação, no tocante à tipo-cronologia dos contentores, destaca-se uma primeira distinção, no que diz respeito ao modo de fabrico, a saber, a divisão entre contentores fabricados no exterior (sarcófagos e caixões) e os fabricados *in situ* (outro tipo de cofragens)¹⁷²; assim, nesta categoria estão incluídas as seguintes tipologias:

- ***As fossas em plena terra***¹⁷³: em Portugal são utilizados os termos de «cova simples» ou de «covacho» para designar as sepulturas escavadas directamente em zonas de marga branda ou bastante arenosa, como nos casos de São Vicente ou de São Domingos. Podem ser rodeadas por esteios de pedra de recolha local, adoptando uma tendência francamente antropomórfica ou, num segundo tipo, escavadas directamente na terra, com forma também antropomórfica e tapados com grandes pedras, sem afeiçoamento. Em São Vicente estão presentes os dois tipos.
- ***As sepulturas escavadas na rocha***: decidimos inserir esta tipologia, não apontada por Élisabeth Lorans, e que encontramos com muita frequência em todo o território português. Em Lisboa, está presente em São Vicente (sepulturas escavadas em calcário); no termo de Sintra, na Ermida de São Saturnino (sepulturas escavadas em granito).
- ***Os sarcófagos ou túmulos em pedra***¹⁷⁴: os exemplos conhecidos de escultura

172 «(...) aos contentores fabricados em outro lugar e trazidos para o sítio opõem-se os contentores construídos no local: ao primeiro grupo pertencem os sarcófagos e os caixões, ao segundo pertencem todos os tipos de cofragens. Mas se atendermos às práticas, aos gestos que balizam a cerimónia funerária, devemos distinguir por um lado a utilização de um mesmo contentor para o transporte e inumação, o que é apenas o caso dos caixões, e por outro o depósito do corpo numa estrutura fixa, sarcófagos e contentores fabricados *in situ*. Podemos associar ao primeiro caso o uso da maca quando é depositado no fundo da fossa, se bem que não se trate propriamente falando de um contentor.». (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 208)

173 «O modo de inumação mais simples, se não o mais corrente, é a fossa em plena terra que toma o nome de sepultura rupestre se for escavada na rocha. Numerosos exemplos meridionais, em que a “sepultura rupestre em rocha móvel” está atestada dos séculos IV ao XII, apresentam uma cobertura composta de tegulae ou de lajes horizontais repousando sobre um entalhe delicado nas paredes da fossa a meia profundidade. No caso das fossas escavadas na terra, a cobertura é muito mais rara. (...)» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 208)

174 Élisabeth Lorans refere ainda os sarcófagos em estuque, cuja presença não ocorre em Portugal, pelo menos de nosso conhecimento. «Em primeiro lugar, é o emprego de um sarcófago trapezoidal (...), e já não rectangular como na Antiguidade, que caracteriza a Alta Idade Média, quer seja monólito ou bipartido. Observa-se por vezes

funerária em Portugal são quase sempre rectangulares, adoptando a forma em banheira de origem na Antiguidade Romana, ou em forma de caixa. A decoração pode ser simples ou mais ou menos exuberante. Neste último caso, representam-se, na Idade Média, cenas da vida quotidiana do inumado (cenas de caça, por exemplo), cenas religiosas (cenas bíblicas) e cenas idílicas, nas quais o falecido é representado como desempenhando um papel importante e central num determinado episódio; estão igualmente representadas a sua própria morte ou «passamento», assim como cenas de lamentação (Barroca, 1997). São correntes as inscrições funerárias (seguindo regras) descritivas do nome do falecido, do nome do cônjuge em alguns casos, data de morte e fórmulas religiosas. A cobertura pode ser em jacente (ou jazente), representando a imagem do(a) morto(a), em atitude de oração ou segurando uma espada (sarcófagos masculinos), ou um livro (sarcófagos femininos). No caso dos eclesiásticos, seguram um báculo (bispos ou cardeais). As variações são inúmeras, em função das encomendas e da mestria do escultor. Os sarcófagos assentavam em imagens de cães (figura protectora) ou leões, nos quatro cantos do túmulo ou em simples blocos, que os sobrelevavam, mostrando na maior parte das vezes a sua heráldica representativa da família do falecido. A utilização dos sarcófagos corresponde, por isso, às classes nobres ou de elevada capacidade económica pelo valor que representavam tanto a aquisição da matéria-prima como o trabalho do escultor. Este teria um valor tanto mais acrescentado quanto a qualidade do trabalho daquele. Destacam-se, para Lisboa: o núcleo de arcos tumulares da Sé Catedral, os túmulos dos Mirandas na Igreja de São Cristóvão; ou, para Odivelas, o túmulo de D. Dinis.

• *As cofragens¹⁷⁵ em materiais compósitos e em pedra¹⁷⁶*: podem assumir a forma

uma redução da altura do sarcófago entre a cabeça e o pé e, no interior, a presença de um alvéolo cefálico [Ver Glossário, Apêndice B, p. 327] ou de um simples entalhe [Ver Glossário, Apêndice B, p.328] quando a escavação é menos profunda. A cobertura, em geral monolítica, pode ser plana, ligeiramente bombeada ou ainda talhada em duas águas. Alguns investigadores fundaram sobre a forma da cobertura, bem como sobre os elementos decorativos, uma tipologia regional (...). Se as diferenças regionais são indubitáveis, convém sublinhar a grande simplicidade da maioria desses contentores, em geral desprovidos de qualquer decoração ou apresentando como espécie de ornamento um talhe em espinha de peixe praticada na faces laterais da cuba. Quando existe uma decoração, pode tratar-se de elementos geométricos (rosáceas, entrelaçados) ou de motivos cristãos (cruzes, crismas, pombas, etc.), mais raramente vegetais. Tais decorações, frequentemente associadas em composições muito livres, são correntes nos sarcófagos de estuque moldado (...). A produção de sarcófagos foi maciça entre os séculos VI e VIII/IX, em que este tipo de contentor ocupa um lugar predominante. Além disso, quando não estamos a presença de um reuso mas de um contentor de fabrico recente, o recurso a um sarcófago está em geral reservado a personagens importantes que beneficiam frequentemente de uma localização privilegiada na igreja, mas certas regiões (...) apresentam um uso mais corrente. Na Idade Média central, produzem-se sobretudo sarcófagos rectangulares e estreitos, providos de uma cobertura monolítica em duas águas por vezes ornada com uma inscrição ou com uma decoração de escamas.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 208-209). A este respeito ver também Barroca, 1996; Barroca, 1997 e Fernandes, 2001.

175 Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

176 «Os materiais mais utilizados para as cofragens apresentam, também eles, mudanças de ordem cronológica. Parece – mas isto continua por confirmar – que a Alta Idade Média recorreu mais a cofragens em madeira (...) ou

que já enunciámos para as fossas em plena terra (ver página anterior), apresentando por vezes um compartimento cefálico ou o suporte para a cabeça sob a forma de uma pedra ou de um tijolo. Pode igualmente apresentar a colocação de um tijolo ou de uma pedra na zona correspondente aos pés.

- **Os contentores em madeira: cofragens e caixões**¹⁷⁷: os caixões, mais elaborados ou mais simples, surgem em Portugal a partir do século XIV. São mencionados caixões de madeira, de forma rectangular ou trapezoidal, com o tampo plano¹⁷⁸. No século XV, os caixões já comportavam dobradiças, fechos e decoração constituída por galão tecido com fios metálicos (Cunha e Ferreira, 1998: 85). Em Lisboa, destaca-se a descoberta de um caixão trapezoidal, depositado sobre uma estrutura de tijoleira, no Convento do Carmo, com uma cronologia atribuível ao século XV (ver Ficha de Sítio, em Apêndices, p. 385); a presença de 11 pregos, *in situ* e na vertical, com a ponta virada para cima, que indiciam a presença de um

em materiais compósitos (madeira e pedra, madeira e telha) que a estruturas inteiramente em pedra ou em telhas, características da Antiguidade. No seio das cofragens em pedra, entendidas no sentido vasto, convém distinguir o uso das lajes rectangulares, colocadas de canto, que pertencem mais aos séculos IV-X (...) do das pedras de aparelho médio, articulados ou não, que caracteriza principalmente os séculos XII-XIV, mesmo se está atestado de maneira mais precoce em determinados locais (...). Mas, mais ainda que os materiais, é certamente a forma que diferencia o período mais antigo dos séculos ulteriores da Idade Média: às cofragens de forma rectangular, para a muito grande maioria, sucedem cofragens trapezoidais ou antropomórficas, quando é arranjado um alvéolo cefálico (...). A sua construção apresenta dois tipos principais, que não parecem corresponder a uma evolução cronológica nítida: ou é constituída por diversos blocos que lhe conferem uma forma rectangular, ou é talhada num único bloco segundo um traçado curvilíneo preservando um fundo que regra geral faz um vazio sob o resto do corpo. Finalmente, a cobertura é constituída por um número variável de blocos grosseiramente talhados, ligados por argamassa nas sepulturas mais cuidadas.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 209-210).

- 177 «O desenvolvimento da antropologia de terreno (...) transformou fortemente a nossa percepção dos contentores, pondo em evidência o meio no qual o cadáver se decompôs: onde teríamos, ainda há pouco, identificado com certeza uma sepultura em plena terra, detectamos apesar disso um contentor em madeira de que todos os traços materiais desapareceram, revelado por uma decomposição [Ver Glossário, Apêndice B, p. 329] do corpo em espaço vazio. Quando subsistem elementos arqueológicos, devemos tentar diferenciar cofragem e caixão. Na maioria dos casos, a conservação de um grande número de pregos, sobretudo concentrados nas duas extremidades da fossa e localizados em altitudes diferentes, permite identificar um caixão. Mais quando não resta mais que o traço em negativo das pranchas, à exclusão de qualquer elemento de fixação metálica, diferenciar um caixão cavilhado de uma cofragem é quase impossível, a menos que a ausência de prancha de fundo possa ser provada. A dificuldade que apresenta a distinção entre sepultura de plena terra, em cofragem de madeira ou em caixão tem consequências principais dado que constitui um obstáculo à análise da repartição dos tipos de sepultura, no tempo e no espaço, muito particularmente no seio dos cemitérios medievais e modernos nos quais esses modos de inumação predominam. Quando os restos lenhosos conservados são suficientes, pode ser conduzido um estudo tecnológico para tentar determinar as essências utilizadas, os modos de aparelhagem das pranchas e de montagem das paredes, por fim a forma geral do contentor (...). A maioria das cofragens é de planta rectangular, enquanto os caixões podem também ser trapezoidais ou, mais raramente e – parece – mais tardiamente, hexagonais. A forma da tampa é mais delicada de reconstituir dado que este elemento em geral desmoronou-se, arrastando a deslocação dos pregos. Se é possível identificar tampas planas, a utilização de tampas em duas águas, cuja existência é atestada pela iconografia a partir do fim da Idade Média, não pode ser provado arqueologicamente. A generalização de tais estudos, ainda demasiado raros, deveria permitir afinar a tipologia dos contentores em madeira. Para além das cofragens e dos caixões, esta categoria inclui também os túmulos escavados num tronco de árvore, logo monóxilos, difíceis de identificar por razões evidentes de conservação.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 210-211).

- 178 Ver o trabalho de Oliveira Marques (Marques, 1987b), no Capítulo que dedicou à morte (Cap. X: 209-218).

caixão, na Igreja do Carmo (ver Ficha de Sítio, em Apêndices, p. 395); 6 pregos, alinhados aos pés da inumação (sep. 18), indicando o uso de caixão, para além do uso de mortalha, em São Lourenço (ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 475); e os indícios de dois caixões (seps. 115 e 138), o primeiro com restos de tachas de cobre e, o segundo, com tachas, um prego e uma possível pega de caixão¹⁷⁹, provenientes da Igreja de São Martinho (ver Ficha de Sítio, em Apêndices, p. 455).

- ***Os contentores em chumbo***¹⁸⁰: extremamente raros em Portugal, pelo custo elevado que representavam. No entanto, a sepultura em túmulo parece dever ser precedida por um ataúde de chumbo (Marques, 1987b: 211). Em nenhum dos sítios estudados se identificou semelhante presença.
- ***Os carneiros***¹⁸¹ **e os jazigos**¹⁸²: os primeiros referem-se a um espaço normalmente subterrâneo, onde eram guardados ossos humanos provenientes de sepulturas no interior das igrejas ou dos cemitérios (Cunha e Ferreira, 1998: 27-28). Os segundos surgem a partir do século XIV, coexistindo com os carneiros ou criptas nas igrejas. Tinham a finalidade de permitir a inumação de todos os membros de uma mesma família no mesmo local. Surgem no Convento do Carmo e em São Vicente, onde são também descritos como «cemitérios de abóbada» (Cunha e Ferreira, 1998: 28-29).
- Finalmente, ***a reutilização dos contentores: consequências na sepultura***¹⁸³: em

179 Contudo, face à cronologia apresentada (sécs. XII-XIX), é muito possível que os vestígios de caixão correspondam a um período posterior ao século XV.

180 «É necessário juntar a esta rápida nomenclatura a existência de sarcófagos e de caixões de chumbo, frequentemente colocados num outro contentor, em madeira ou em pedra. Raro durante a Antiguidade, porque oneroso, o uso de tais caixões conheceu uma grande voga nos meios privilegiados na época moderna, nomeadamente no século XVII. (...) Todos situados no interior da igreja excepto dois, esses caixões eram de forma antropomórfica (de extremidade arredondada ou rectilínea) ou trapezoidal (...). Alguns apresentavam uma decoração embutida (cruz e escudo ou gravada (cruz e coração) ou ainda possuíam uma placa funerária em cobre indicando a identidade do defunto assim como a sua idade e a data da morte.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 211-212).

181 Acrescentámos esta nomenclatura por nos parecer oportuna. Os carneiros aparecem igualmente sob as designações de «carneira» ou «ossário» (Cunha e Ferreira, 1998: 27). Ver Glossário, Apêndice B, p. 328, 333-334.

182 «Finalmente, é preciso evocar o caso do jazigo, construção rectangular construída em pedra subterrânea ou semi-subterrânea destinada, pela sua própria estrutura e dimensões, a receber vários indivíduos, de forma simultânea ou sucessiva – o seu emprego não está limitado ao interior dos lugares de culto, pelo contrário: (...) a grande maioria dos jazigos estava dispersa na área fúnebre (...). De uma maneira geral, este uso tomou amplitude a partir do século XV, mantendo-se nesta data uma empresa individual, o que arrasta uma dispersão dos jazigos sem planta pré-estabelecida. Na época moderna, a realização de verdadeiros “loteamentos” substitui-se por vezes às iniciativas individuais, de forma a racionalizar ao máximo o espaço funerário. (...)» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 212-213).

183 «Trata-se de uma prática muito expandida durante o essencial do período considerado, apesar das prescrições da Igreja relativas ao respeito do túmulo individual. No plano arquitectónico, a reutilização traduz-se, como a pilhagem, por destruições mais ou menos importantes – rupturas da cobertura, de uma das extremidades do contentor para inumar um indivíduo maior –, mas também por reparações mais ou menos hábeis – nova junta de argamassa

geral, quase todas as sepulturas são objecto de reutilização, tendo em conta uma melhor gestão do espaço sepulcral. Em Lisboa não existe, em nenhum dos casos que estudámos, a reutilização de um contentor móvel (sarcófago ou caixa tumular).

No tocante ao *tratamento do corpo*, salientam-se ainda os seguintes aspectos:

- a existência de uma **prática generalizada da inumação**, tendo-se a inumação individual tornado progressivamente regra. Contudo, esta prática coexiste ainda com os jazigos, que Élisabeth Lorans diz estarem «(...) *a meio caminho entre o túmulo individual e o túmulo colectivo que toma a forma de fossas ou de trincheiras que acolhem inumações simultâneas em quantidade variável. Atestada pelos textos desde a Idade Média, a fossa comum*¹⁸⁴ *responde por um lado à inumação dos mais pobres, por outro lado à exigência de um enterramento rápido em caso de epidemia ou de feito de guerra. Desde há pouco, a arqueologia esclareceu este fenómeno para os períodos medieval e moderno, batendo em brecha a ideia recebida de sepulturas apressadas e sem cuidado.*» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 215). Estas fossas singulares são interpretadas, segundo Philippe Branchard, como a reacção de uma comunidade face a uma crise brutal de mortalidade provocando um número elevado de cadáveres num lapso de tempo muito curto (Branchard in Crubézy et alii, 2007: 215). Os termos mais correntemente empregues para descrever essas estruturas são os de sepulturas múltiplas, sepulturas de catástrofe ou ainda de *mass grave* nas publicações de língua inglesa. Encontramos também outros qualificativos mas essas noções são muito mais ambíguas (sepulturas colectivas, fossas comuns) ou aplicam-se a contextos muito específicos (carneiros) (Branchard in Crubézy et alii, 2007: 215). Em Portugal, não é raro encontrar valas comuns nos cemitérios, utilizadas sobretudo para o enterramento de servos e escravos, indigentes e outras parcelas de população mais desfavorecida (Marques, 1987b: 213). No caso de Lisboa, em particular, temos o exemplo da Escola Secundária D. João de Castro, no qual a fossa colectiva encontrada parece ter resultado ou de uma epidemia ou de um naufrágio (devido à sua proximidade do rio Tejo).

para selar uma cobertura, utilização de uma laje ou telha plana para substituir a extremidade destruída de uma cuba, etc., —, em suma, outros tantos indícios que assinalam a reutilização antes mesmo da abertura da sepultura pelos arqueólogos. Sem tomar em conta as consequências de um tal uso sobre os restos ósseos, que serão evocados mais à frente, é preciso sublinhar as dificuldades de datação que acarreta. Sabendo que na ausência de indícios fornecidos pelo mobiliário, cujo valor cronológico é também frequentemente frágil (...) ou por uma datação de radiocarbono, o arqueólogo concede um grande peso à tipologia dos contentores; é imperativo distinguir a implementação primeira de um túmulo da sua reutilização, operada por vezes em várias retomas e num longo lapso de tempo, o que contribui para nublir a análise topo-cronológica. O problema coloca-se nomeadamente para os sarcófagos, cuja solidez facilitava o reuso in situ, ver a deslocação no seio do sítio, como o atestam numerosas necrópoles, em particular suburbanas.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 213).

184 Ver Glossário, Apêndice B, p. 331.

- **O uso da mortalha**¹⁸⁵: a mortalha, normalmente de linho cru, envolvia o corpo do defunto antes da sua deposição na sepultura. Podia ser presa com alfinetes, cozida ou apenas cruzada de modo a envolver totalmente o morto. Dos sítios arqueológicos que apresentamos, apenas surgem evidências da mortalha e dos respectivos alfinetes em São Martinho (sep. 1225; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 455) e em São Lourenço (sep. 18; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 475). Existem, ainda, vestígios de vestuário (incluindo acessórios): no Convento do Carmo (1 fivela de cinto – sep. 39 -, e 1 colchete – sep. 43; em São Vicente (Cunha e Ferreira, 1998) e em São Martinho.

- **O transporte e a colocação do defunto no túmulo**¹⁸⁶: a questão do transporte do

185 «Se o emprego de uma mortalha está bem estabelecido pelos textos e pela iconografia, a sua identificação arqueológica é frequentemente delicada. O indício mais seguro da presença de alfinetes de liga de cobre, destinados a fechar a mortalha a partir do século XVI, mas as imagens mostram mortalhas cozidas ou fixadas por uma cordeleta, ou ainda por bandas entrecruzadas e espiraladas segundo uma técnica igualmente empregue para enfaixar os lactentes, e que não deixam evidentemente nenhum traço arqueológico. Iconografia e arqueologia revelam também que o emprego do caixão não condenou o uso da mortalha mas que se sobrepôs a ele, afastando ainda mais os vivos do morto que deixava de ser visto e tocado durante o seu transporte e até à sua inumação final.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 218).

186 «Mais frequentemente, o transporte do defunto até ao lugar de inumação efectuava-se com a ajuda de uma maca, que podia ser uma simples prancha, por vezes provida de pegas, ou então uma escada, pormenores que nos mostram ainda os textos e as imagens medievais. A maca podia ser depositada no fundo da fossa, como o sugerem as impressões de barras ou de pranchas por vezes observadas à cabeça e ao pé das sepulturas (...). A quase totalidade das inumações era praticada em decúbito dorsal [Ver Glossário, Apêndice B, p. 329], quer dizer, o corpo deitado sobre as costas, mesmo se se observam algumas variantes: em cão de fuzil, em posição fetal, muito mais raramente ainda com a face em terra, posição considerada como degradante, o que confirmaria a sua escolha para os túmulos de indivíduos executados. A inumação de costas não é de todo uma inovação cristã mas os liturgistas (...) deram-lhe um valor simbólico: o defunto olha assim a direito para o céu. Da mesma forma, a orientação [Ver Glossário, Apêndice B, p. 333] estrita do corpo (cabeça a oeste, olhando para este) representa o caso mais difundido (...) desde o século IV, logo muito antes de uma cristianização em profundidade das populações. Este uso, que só foi objecto de prescrições da parte da Igreja a partir do século XI, também ele recebeu uma interpretação cristã: inumando o defunto com a cabeça para oeste, permitimos nas nossas regiões que a sua oração seja directamente dirigida para o Oriente, para o Santo-Sepulcro.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 218- 219).

Para esta autora «É a posição dos braços que apresenta, na escavação, maior diversidade, em razão das perturbações sofridas durante o transporte, da colocação em terra e depois da decomposição do corpo. É um dos contributos da antropologia de terreno, o de ter posto em evidência todos esses riscos de modificação ulterior, de forma que a elaboração de uma tipologia demasiado fina nesse domínio não tem sentido para quem quer estudar as práticas funerárias. No plano cronológico, se as tendências gerais podem ser libertadas, a diversidade regional, ver local, é de regra, de forma que a posição dos braços não poderia constituir um índice de datação. Globalmente, são observadas três posições principais: os braços alongados ao longo do corpo ou cruzados sobre a púbis, que encontramos sobretudo do século V ao século X, os braços cruzados sobre o abdómen, que caracterizavam antes os séculos XI a XIII; finalmente, os braços cruzados, levantados, sobre o peito, uma posição que se torna dominante em numerosas regiões a partir dos séculos XIV-XV. Mas encontramos também outras posições, tais como as mãos em contacto com os ombros, à maneira de um orador, globalmente predominante do século IX ao século XIII, no cemitério de Saints-Côme-et-Damien de Montpellier, onde a evolução destes usos é interpretada em termos religiosos, com a diminuição das atitudes de oração (posição do orador o braços cruzados sobre o peito) em benefício das atitudes de pudor face ao criador, as quais reenviam, segundo a interpretação dos liturgistas da Idade Média, para as mãos cruzadas sobre o baixo-ventre. Finalmente, notam-se frequentemente posições assimétricas de que é difícil determinar o carácter voluntário ou fortuito. As observações antropológicas efectuadas no terreno põem também em evidência a utilização de almofadas ou de outros suportes de matéria perecível colocados sob a cabeça, essencialmente nos caixões, a partir do fim da Idade Média. Sepulturas em cofragem e em caixão apresentaram restos vegetais, que atapetavam o fundo ou cobriam

corpo para o túmulo não está muito estudada em Portugal. Apenas Oliveira Marques (Marques, 1987b) se lhe refere, se bem que brevemente¹⁸⁷. Contudo, parece-nos poder enquadrar-se nesta perspectiva a sep. 8, encontrada no carneiro de São Vicente¹⁸⁸ (Cunha e Ferreira, 1998: 77-78).

- ***As consequências da reutilização dos túmulos nas ossadas: reduções de corpos e ossários***¹⁸⁹: em quase todos os cemitérios medievais conhecidos em Portugal existem exemplos de reduções ou de constituição de ossários, instituídos normalmente para a melhor gestão do espaço sepulcral. No termo de Lisboa, encontram-se neste caso os seguintes exemplos, de entre os que estudámos: Convento do Carmo (sep. 40 e 43; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 385); São Vicente de Fora (sep. 33, 34, 35, 37, 38, 30, 40 e 41; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 415-416); São Domingos

uma parte do corpo. Pode tratar-se de depósitos destinados ao mesmo tempo a honrar o defunto e a assegurar uma melhor conservação do seu corpo (...). O depósito de folhas de hera (...) e de folhas de loureiro era preconizada por Guillaume Durand para simbolizar a Vida Eterna oferecida ao crente. Contudo, tais restos podem também resultar da utilização de um colchão, nomeadamente nos caixões de época moderna. Finalmente, nos jazigos, o corpo podia repousar no próprio solo ou sobre barras sobrelevadas (...): provocando o apodrecimento do envelope e do corpo a queda de certos elementos no fundo, esse dispositivo facilitava a prática das inumações sucessivas.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 219).

- 187 «(...) O caixão era transportado à mão ou a dorso de animais. Também se usaram andas, com varais levados a ombro em especial para distâncias mais longas, e até carretas. O rei D. Fernando foi conduzido de Lisboa para Santarém “em umas andas cubertas de pano preto e levado em colo de frades ao mosteiro de São Francisco...”. Mas já o corpo de D. Afonso V foi “metido em um ataúde e posto sobre uma azémola, que com cruzeiros, tochas e clérigos foi pelo Conde de Monsanto, que i era, e por outros fidalgos levado ao mosteiro da Batalha”.» (Marques, 1987b: 215).
- 188 «No fundo do túmulo existia uma mancha que teria correspondido a um pau com 3 centímetros de espessura e que se desenvolvia, por debaixo do esqueleto, desde a zona cervical até à altura dos joelhos. (...)» (Cunha e Ferreira, 1998: 78).
- 189 «A reabertura do túmulo, raramente praticada durante a Antiguidade, tornou-se uma coisa frequente a partir do século V, manifestando sem dúvida uma outra percepção dos mortos, de que não se receia o regresso malfazejo. Fortuita ou voluntária, a reutilização de um contentor traduz-se de maneiras diversas, afectando mais ou menos a integridade do primeiro inumado que pode ser deixado no sítio, ser objecto de uma redução parcial ou total ou ser totalmente eliminado pela deslocação dos ossos para uma sepultura secundária ou para um ossário. De um extremo ao outro, a diversidade dos casos de figura é a regra, ao longo do período considerado. Em caso de redução, observamos o agrupamento, mais ou menos selectivo, de ossadas, depositadas frequentemente à cabeça ou ao pé do novo inumado (com ou sem elemento de separação), por vezes de lado ou ainda por cima da tampa. Essas reduções podem também ser colocadas numa pequena fossa ou num cofre em madeira (...). É possível que uma parte pelo menos das manipulações de ossadas constatadas nos sítios funerários, tanto na Alta Idade Média como mais tarde, traduzam o desejo de uma aproximação familiar, evocada supra, nomeadamente o dos esposos que textos canónicos recomendam inumar juntos. Desde a Alta Idade Média, vemos aparecer os ossários, que se generalizam na Idade Média central, substituindo parcialmente a prática anterior. Tomando primeiro a forma de simples fossas escavadas para esse efeito ou reutilizando um contentor em material duro, reúnem ossos depositados a granel ou pelo contrário cuidadosamente agrupados por categoria. (...) A presença de ossos em conexão anatómica prova, aqui como noutros locais, que tinham sido exumados cadáveres antes que a decomposição tivesse terminado. (...) As reduções de corpos e os ossários são, portanto, de considerar ao mesmo tempo como respostas aos problemas colocados pela gestão de espaços funerários densamente utilizados e como a manifestação dos laços que os vivos queriam perpetuar após a sua morte, tal como o laço conjugal, ou manter com os defuntos da sua comunidade. Contudo, a imensa quantidade de ossadas erráticas [Ver Glossário, Apêndice B, p. 330] contidas nas camadas gerais dos cemitérios paroquiais mostra que a maioria dos restos perturbados pelos recortes sucessivos dos túmulos não foi objecto de nenhum cuidado particular.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 220).

(sep. 2/1 e 2/2, 4/1, 4/2, 4/3 e 4/4, 6/1, 6/2 e 6/3, 7/1 e 7/2, 8/1 e 8/2 e, finalmente, 11/1 e 11/2; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 429-430); São Lourenço (sep. 3 e 18; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 475); no termo de Sintra, São Miguel de Odrinhas (sep. 1, 2, 6 e 7; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 519-520) e São Saturnino (sep. 1, 2 e 6; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 529).

Especificamente identificados como ossários temos quatro casos em São Martinho (sep. 1218, 1223, 1224 e 1234; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 455-456), cinco casos para São Miguel de Odrinhas (sep. 1, 2, 5, 7 e 8; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 519-520) e três casos em São Saturnino (sep. 7, 17 e 17a; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 529-530).

Existe ainda uma outra tipologia, definida como «caixa-ossário», de que surgem os exemplos de São Cristóvão (túmulos 3, 4, 5, 6 e 6A; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 374-375).

Certamente não se esgota aqui o tema. Pareceu-nos, no entanto, fundamental, apresentar, mesmo que brevemente, e utilizando um modelo não português, uma sistematização das questões relacionadas com o espaço funerário e dos termos utilizados. Constituímos igualmente, com base em diversos autores, um Glossário que apresentamos nos apêndices da presente Dissertação (Apêndice B, p. 325 e seguintes).

II.3.2. Tipologia de espólio

II.3.2.1. As Cerâmicas

II.3.2.2. As Formas

Na classificação morfológica foram efectuadas comparações com peças ainda em uso nos seguintes grupos funcionais (Gomes, 2002: 34-48), aos quais fizemos corresponder os materiais arqueológicos descobertos nos diferentes sítios:

1. Louça de mesa, que integra taças, pratos, copos, púcaros, jarros, jarras e garrafas;
2. Louça de cozinha, constituída por alguidares, caçoilas, tigelas, frigideiras, panelas e testos;
3. Objectos dedicados a actividades lúdicas, composta por marcas de jogo.

Como referimos anteriormente, na maioria dos casos, os materiais cerâmicos surgem

fora de contexto sepulcral, à excepção do caso da Ermida de São Saturnino. Para os classificar, utilizámos para o efeito descrições efectuadas por outrem (Gomes, 2002: 35-48; Ribeiro, 1991: 491-496), as quais organizámos pela ordem que anteriormente expusemos e que transcrevemos a seguir, em itálico.

1. Louça de mesa:

Prato

Recipiente aberto, com forma cilíndrica ou troncocónica, de paredes baixas, assente em fundo plano e, em geral, provido de bordo largo sub-horizontal. O diâmetro do bordo aproxima-se do da base, podendo ter dimensões variáveis. Era, em geral, utilizado para servir alimentos à mesa ou para nele serem consumidos.

Parece corresponder ao quarto grupo enunciado por Rodrigues Ferreira e encontrado em São Vicente de Fora (Ferreira, 1992), onde surge em estratos atribuíveis ao século XIII. Ver a peça com o nº 314 do inventário datado de 1978 e que acompanha o relatório de 1982, correspondente a um prato hispano-árabe.

Púcaro

Recipiente de pequenas dimensões, com corpo globular, subcilíndrico ou troncocónico, por vezes carenado, com bordo alto e vertical, assente em fundo plano ou ligeiramente convexo. São características destas peças a existência de uma ou duas asas, neste caso opostas, ligando a parte superior do bordo ao volume mesial do corpo. Trata-se de peça destinada à mesa, para nela se beber, e de uso individual.

A variante de púcaro que apresenta, apenas, uma asa oferece menores dimensões que a variante com duas asas opostas, esta última sempre bem mais numerosa e de grande pervivência, embora com alterações formais (...).

Apresenta semelhanças com o terceiro grupo apresentado por Rodrigues Ferreira e presente em São Vicente de Fora (Ferreira, 1992), com cronologia atribuível ao século XIII.

Jarro

Recipiente fechado de corpo globular ou ovóide, com gargalo largo e alto, assentando em fundo plano, algo convexo ou em anel. Apresenta, ainda, uma asa que liga o bordo à zona mesial do corpo.

Não raro o bordo oferece bico e contorno trilobulado. Trata-se de contentor de líquidos com uso colectivo. As suas dimensões são variáveis.

Rodrigues Ferreira considera-o como o quinto grupo (Ferreira, 1992) e, tal como os anteriores, atribuível ao século XIII e proveniente em São Vicente de Fora.

2. Louça de cozinha

Panela

Recipiente fechado, com corpo globular ou ovóide, mais ou menos achatado, assente em base plana, ligeiramente convexa ou em bolacha. Apresenta uma asa e, mais comumente, duas asas, opostas, que ligam o bordo à zona mesial do corpo. As suas dimensões são variáveis.

Trata-se de peça utilizada na preparação de alimentos e, em particular, para os cozinhar ao lume. Estes recipientes eram completados com uma tampa, ou testo, de forma troncocónica e com pequena pega subcilíndrica, central.

Rodrigues Ferreira enquadra as panelas num segundo grupo, que atribui ao século XIII (Ferreira, 1992) em São Vicente de Fora.

Tampa (ou testo)

Recipiente com corpo de forma troncocónica e com pequena pega subcilíndrica, central, que completava a tipologia anterior (panelas).

É considerada por Rodrigues Ferreira como pertencente ao primeiro grupo de materiais cerâmicos de São Vicente de Fora, igualmente com cronologia integrável no século XIII (Ferreira, 1992), a que o autor chamou «cerâmica comum indiferenciada». Nesta designação de cerâmica comum estão igualmente alguns dos materiais provenientes de São Saturnino (Garcia, 2007).

3. Objectos dedicados às actividades lúdicas

Marca de Jogo

Apresenta forma cilíndrica. A peça de que dispomos aproveita fragmento de cerâmica, com

contorno circular ou subcircular e arestas boleadas, sendo utilizada para marcar posições ou pontos em diferentes jogos. Como em outros casos, as suas dimensões são variáveis, desde 0,01 m a 0,02 m de diâmetro, até cerca de 0,10 m de diâmetro. Trata-se de peça de grande pervivência dado que se manteve, com a mesma forma, ao longo de toda a Idade Média, alcançando ainda a Idade Moderna (Gomes, 2002: 42).

São cerca de 53 as marcas de jogo provenientes do cemitério medieval de São Miguel de Odrinhas (Coelho, 2007). Decidimos incluir igualmente nesta categoria o disco cerâmico encontrado na sepultura 9 da Ermida de São Saturnino (Garcia 2007).

II.3.2.3. Pastas, tratamento das superfícies e decorações

Para a descrição das peças, e visto que não tivemos acesso aos materiais resultantes das sondagens/escavações arqueológicas dos sítios para os quais os mesmos existiam, tivemos que nos guiar pelas informações constantes nos diferentes relatórios e documentos consultados. Deste modo, optámos por não descrever nem a composição das pastas (tínhamos retido para o efeito as descrições efectuadas por Gomes, 2002: 44-45), nem quanto ao tipo de tratamento das superfícies (Gomes, 2002: 45-46), nem ainda quanto às decorações na superfície exterior, que são mais comumente constituídas por incisões, por ornamentação brunida sobre engobe ou, nos casos das cerâmicas esmaltadas, pelo recurso a pintura com óxido de cobalto (Gomes, 2002: 46-47).

Ainda assim, destacamos o facto de as peças descritas para alguns dos sítios estarem pintadas a branco¹⁹⁰ (São Lourenço), integrando-se estas num horizonte islâmico (Amaro, 1999). Relembramos a existência de fragmento de prato hispano-árabe de cerâmica creme e esmaltado¹⁹¹ em branco de ambos os lados. De notar igualmente o fragmento de cerâmica vidrada¹⁹² bege de São Saturnino (Garcia, 1997).

II.3.2.4. Tipos, ou classes de cerâmicas

Encontra-se presente apenas uma classe de cerâmicas (cerâmicas fabricadas com pastas e superfícies de cor vermelha, de que se observa variante nas cores laranja, castanha ou

190 *Pintura* - Definida como a técnica que utiliza «(...) óxidos, dissolvidos em água, que permitem a obtenção das cores branca, azul, roxa, castanha, negra, verde, amarela, cor-de-laranja ou vermelha, com variantes de tom. Os motivos representados são executados a pincel, com bateria de pincéis ou digitados. (...)» (Gomes, 2002: 47).

191 *Esmalte* - Definido como correspondendo a «(...) cobertura vítrea opaca, branca ou colorida, de óxido alcalino de estanho, aplicada sobre peças previamente engobadas. Com a utilização dos óxidos acima referidos obtiveram-se coloridos.» (Gomes, 2002: 46).

192 *Vidrado* - Definido como «(...) quando a peça é coberta, parcial ou totalmente, por camada de óxidos alcalinos, que vitrificam ao fogo, assemelhando-se a verniz transparente e podendo-se observar a pasta. É utilizado para impermeabilizar o interior de certas peças, já que quando aplicado no exterior tem sobretudo função decorativa. Este tratamento é acentuado com o emprego de óxidos capazes de conferirem tonalidades. Com o óxido de ferro produziram-se os castanhos e ocre, com o óxido de manganês os tons de castanho-escuro, roxo e negro, com óxido de cobalto obtiveram-se os azuis ou os negros, e com o óxido de antimónio os amarelos.» (Gomes, 2002: 45).

cinzenta escura. Parecem-nos estar neste caso as cerâmicas provenientes da Ermida de São Saturnino (o bordo cerâmico de secção quadrangular e bojo de pasta laranja da sep. 9, assim como das sep. 11, 12, 13, 17 e 17a) (García, 2007).

II.4. Análise dos dados

A análise dos dados permitiu chegar à elaboração dos quadros e dos gráficos que apresentámos na síntese do subcapítulo IV.2.2.4.

CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA

III.1. Enquadramento Geográfico

A ocupação territorial de um determinado espaço geográfico é, sem dúvida, ditada pelo maior ou menor grau de existência de recursos naturais, condicionando igualmente as sucessivas sobreposições culturais. Ao longo dos séculos, Lisboa beneficiou não apenas de um lote de recursos naturais acessíveis, beneficiando da proximidade do rio Tejo, mas ainda do facto de, ao longo dos diferentes períodos históricos, ter funcionado como uma das zonas de entrada relativamente ao Oceano Atlântico, fazendo da cidade o ponto ideal, estratégico, para a chegada de mercadorias e de gentes de outras origens e proveniências.

Lisboa está situada na província da Estremadura, no centro-sul do território português, que constitui uma das regiões mais caracteristicamente lusas: de facto, a paisagem da Estremadura caracteriza-se pela variação devida à «(...) *ondulação quase caótica do relevo* (...)» e «(...) *pela resistência dos seus diversos materiais à erosão, pela policultura que abrange vinha, árvores de fruto, hortas e campos não raro estreitamente associados, pela variedade dos tipos de povoamento que sobrepõem a um fundo antigo aglomerado as mais caprichosas formas de disseminação recente* (...)» (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 27); insere-se na área do Tejo inferior, que é nitidamente caracterizada como uma bacia de subsidência activa do ponto de vista sísmico (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 130). Encontra-se localizada no concelho de Lisboa, distrito de Lisboa, junto ao estuário do Tejo e ao Oceano Atlântico.

Aquela região é delimitada pelas bacias do Tejo e do Sado, que são preenchidas por camadas sobretudo continentais do Miocénico e do Pliocénico e convergem em direcção à Península de Setúbal. Relativamente à forma das bacias, como se referiu, esta resulta da subsidência; no caso do Tejo, a região epicentral mais extensa de Portugal coincide com a sua parte média. Esta morfologia, no entanto, não condiciona o curso do rio que se caracteriza por não correr ao nível do enchimento da bacia, mas encaixando-se nela (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 158). Por outro lado, é de sublinhar o desnível e respectivo assoreamento provocados pelas alterações introduzidas durante as épocas glaciárias, que no vale do Tejo chega a ter 13km de largura e que se estende até 100km a montante de Lisboa, onde o nível médio das águas do rio não ultrapassa os 18m (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 158).

A bacia do Tejo é, à semelhança da bacia do Sado, uma das áreas de maior monotonia morfológica de todo o território português, e onde predominam formas estruturais mais simples. Destacam-se as alternâncias de margas, areias, argilas, intercalando com calcários lacustres resistentes, coroando-se o ciclo sedimentar do Pliocénico superior com um manto

extenso de cascalheiras e de areias (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 193). O estuário do Tejo é, na verdade, «(...) *um golfo marinho, produzido pela ingressão na depressão estrutural compreendida entre os enrugamentos da Arrábida e a estrutura monoclinal de Lisboa que mergulha regularmente nas suas águas. A montante da cidade, o rio desagua nas águas salgadas do estuário por um delta interior, que progride cada ano. O canal terminal, de paredes escarpadas de canhão, resulta provavelmente da epigenia, sobre a plataforma pliocénica, de um antepassado do Tejo fixado nos calcários do Miocénico, enquanto os movimentos recentes que soergueram as dobras da Arrábida acentuavam a depressão sinclinal por onde o rio encontraria mais fácil saída.*» (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 199)¹⁹³.

Inicialmente confinante com os concelhos de Loures, Odivelas, Amadora e Oeiras, a cidade de Lisboa viu o seu termo sucessivamente aumentado desde os séculos XIV e XV, durante os quais lhe foram adicionados os territórios pertencentes a Alenquer, Torres Vedras e Sintra, assim como Colares, Ericeira, Mafra e Vila Verde (1958 - Documentos do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, *Livros de Reis*, vol. II, Lisboa: 11).

As coordenadas, aproximadas, segundo a quadrícula secundária quilométrica Gauss – elipsóide internacional – *datum* de Lisboa dos pontos centrais dos arqueossítios estudados são:

- Sé Catedral: Coordenadas Gauss MC 130 940 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
- Igreja de Santa Luzia: Coordenadas Gauss MC132 942 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
- Convento da Graça: Coordenadas Gauss MC 141 947 (seg. a *Carta Militar de*

193 Orlando Ribeiro refere ainda: «São ainda as condições estruturais que principalmente determinaram a formação do chamado “estuário” do Tejo: na verdade, trata-se de um golfo marinho de ingressão, que veio ocupar o centro de um sinclinal, desenvolvido entre o anticlinal de Sintra, com o núcleo, hoje exposto, de rochas eruptivas, e a série de dobras da Arrábida, tombadas para o sul. A estrutura monoclinal da região de Lisboa inclina-se suavemente para o centro da depressão e a série sedimentar, anterior ao Pliocénico, mergulha sob as areias deste período para reaparecer apenas nos dobramentos da Arrábida. O “gargalo” tem carácter misto: em parte é um troço de vale dissimétrico, com um degrau monoclinal abrupto, contrário ao pendor das camadas, do lado sul (...); em parte é um canhão, aberto por um antepassado do Tejo instalado numa aplanção (...). A parte da costa que contorna Lisboa e o “gargalo”, varridos pelas correntes de maré, descaem rapidamente para as maiores profundidades (40m); pelo contrário, toda a margem sul forma como que um fundo de saco, em via de colmatagem, não só ao longo da costa como no interior dos vales que, na última descida do mar, retalharam a planura pliocénica hoje estão afogados em lodos; no meio deles, a navegação segue cuidadosamente os canais de maré, que têm de ser dragados para lhes darem calado. Estas águas com pouca corrente, movidas apenas pelo arfar da maré, constituem o “Mar da Palha”, turvo do lodo em suspensão e onde flutuam restos de vegetação; este nome tem sido abusivamente generalizado a todo o chamado estuário. A área coberta pelas águas é de 261km², a máxima largura de 15km e a mínima de 1600m. Apoiado nas arribas da Caparica, um cabedelo de areia avança para o norte, prolongado por uma área de ilhéus e baixios. Dois canais profundos (14 e 10m em preia-mar) permitem a entrada a navios de maior calado num dos portos naturais mais abrigados e mais amplos do mundo. (...)» (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 80-81).

- Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
- Igreja de São Cristóvão: Coordenadas Gauss MC 136 942 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Convento e Igreja do Carmo: Coordenadas Gauss MC 123 942 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Convento de São Vicente de Fora: Coordenadas Gauss MC 134 946 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Igreja de São Domingos: Coordenadas Gauss MC 125 946 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Igreja de São Salvador: Coordenadas Gauss MC 133 942 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Convento de São Francisco: Coordenadas Gauss MC 124 939 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Igreja de São Martinho: Coordenadas Gauss MC 141 941 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Praça da Figueira: Coordenadas Gauss MC 124 944 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Igreja de São Lourenço: Coordenadas Gauss MC 128 945 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Convento do Espírito Santo da Pedreira: Coordenadas Gauss MC 134 941 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Igreja de São João Baptista (Lumiar): Coordenadas Gauss MC 103 012 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Igreja de São Lourenço (Carnide): Coordenadas Gauss MC 090 096 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 431, Lisboa, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - Convento de São Dinis de Odivelas: Coordenadas Gauss MC 092 032 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 417, Loures, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).
 - São Miguel de Odrinhas: Coordenadas Gauss L 906 148 (seg. a *Carta Militar de*

Portugal, n.º 402, Mafra, esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2009).

- Ermida de São Saturnino: Coordenadas Gauss L 849 042 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 415, Colares (Sintra), esc. 1/25.000, S.C.E.P., 2008).

Segundo Lausentach, a zona onde Lisboa se encontra inserida enquadra-se numa «(...) série das camadas mezozóicas e terciárias do Portugal Litoral Médio (...) petrograficamente muito variada (...)». Assim, estas «(...) incluem calcários e dolomitos, muito espessos em certos lugares, margas calcárias, argilas, arenitos e conglomerados, aos quais se juntam, na Península de Lisboa, lavas e tufos vulcânicos eocénicos, trachites e ainda o granito e sienito¹⁹⁴ da Serra de Sintra. Estas rochas são deformadas em abóbadas, rasgadas por falhas longitudinais ou transversais; intercalam-se aqui e ali bacias de abatimento. A direcção do eixo das abóbadas varia de WSW a SSW. A deformação mais forte é a que a série de camadas, que vai do Liásico até ao Miocénico inferior sofreu na Serra da Arrábida (...)» (Ribeiro, Lausentach, Daveau, 1998: 156).

III.1.1. Geologia e Orografia

Do ponto de vista geológico, o concelho de Lisboa é constituído essencialmente por areias e arenitos provenientes das vastas bacias sedimentares do Tejo e do Sado, «(...) que se acumularam durante a Era Terciária¹⁹⁵ sobre os extremos, lentamente subsidente, do bloco meridional da Península, que constitui o vasto sopé da Cordilheira Central.» (Daveau, 1995: 43). Encontra-se, por isso, dividido em duas grandes manchas: a mancha mais extensa, cobrindo cerca de 65% da área total do concelho, diz respeito aos outros sedimentos do pré-Terciário. Abarca todo o norte do concelho, descendo pelo lado poente e ocupando toda a zona oeste, localização em que confina com a mancha do Terciário. Nesta mancha geológica encontra-se incrustada uma outra, de menores dimensões, de proveniência das bacias sedimentares terciárias (Daveau, 1995: 43).

Estes sedimentos continentais, regularmente sobrepostos até ao Pliocénico superior, são constituídos por alternâncias de margas, areias, argilas, com algumas intercalações de calcários lacustres resistentes, num ciclo sedimentar coroado por um manto extenso de cascalheiras e areias (Ribeiro, Lausentach, Daveau, 1998: 193).

A maioria dos sítios referidos no subcapítulo IV.2 integra-se nas formações geológicas

194 Os sienitos são constituídos por feldspato potássico, quartzo, plagioclase, opacos e biotite. A sua estrutura é maciça, apresentando uma textura granular de grão fino (fonte: http://www.dct.uminho.pt/rpmic/ma7_net.html).

195 De idade Paleogénica-neogénica e Neogénica, com intercalações marinhas e salobras correspondendo aos máximos de transgressões miocénicas (Ribeiro *et alii*, 1980: 28).

da série Miocénica: «*Areolas da Estefânia*» com *Chlamys pseudo-pandorae*¹⁹⁶ (por exemplo, o Convento e Igreja do Carmo); «*Calcários da Musgueira*» com *Chlamys scrabiusscula*¹⁹⁷, Areias com *Placuna miocenica*¹⁹⁸ e «*Calcários do Casal Vistoso*» com *Chlamys scabrella*¹⁹⁹ (por exemplo, São Cristóvão, Castelo de São Jorge ou São Vicente de Fora); a Oeste encontra-se a formação dos «*Calcários de Entre Campos*» («Banco Real») ²⁰⁰; a Noroeste está cartografada a formação das «*Argilas e Calcários dos Prazeres*», com *Venus Ribeiroi*²⁰¹ (ver Figura 7; Almeida, F., 1986).

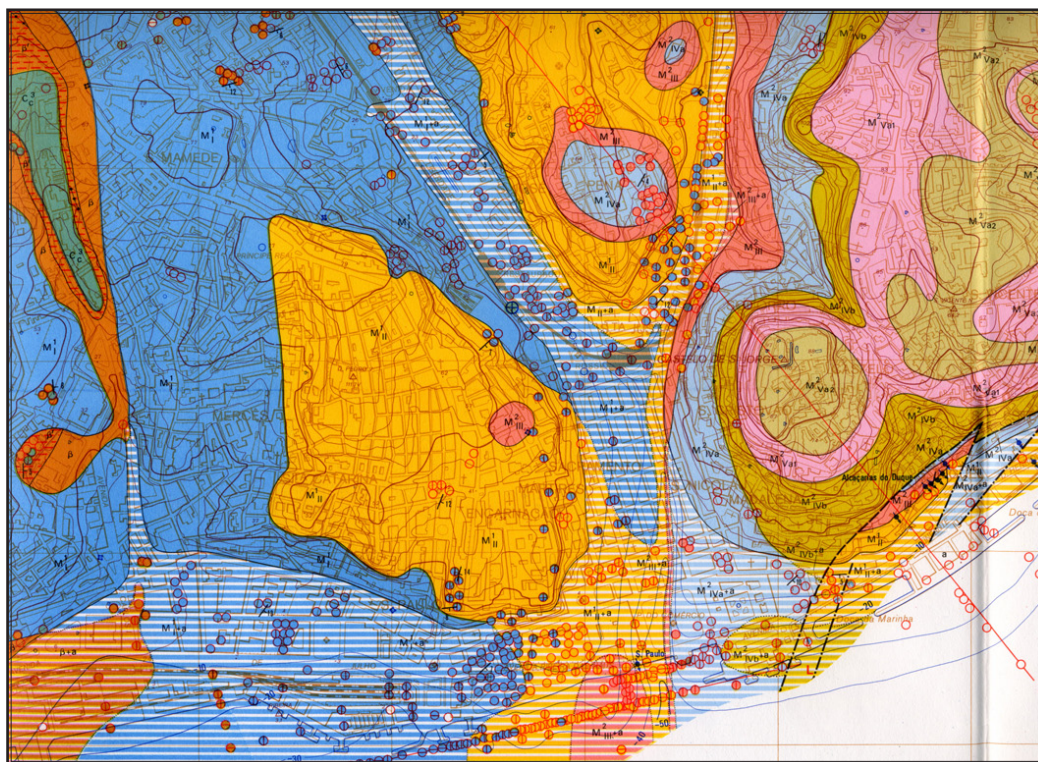


Figura 7 - Carta Geológica de Lisboa, esc. 1:50 000.

- 196 Esta formação é caracterizada por areias e grés argiloso; areolas micáceas, de cores vivas; grés calcário com fósseis espatizados (Almeida, F., 1986). Aflora na região de Lisboa, desde Carnide até à Baixa, passando por Telheiras, Campo Pequeno, Campo de Santana, Bairro Alto e base da colina do Castelo de São Jorge. Existem ainda retalhos isolados em Benfica e Algés (Pais *et alii* 2006: 14).
- 197 É representada por biocalcarenito branco, às vezes amarelado, arenoso, frequentemente grosseiro, muito rico de moluscos, com algas rodófitas. Aflora entre o Bairro dos Barbadinhos, Alto de São João, Chelas, Quinta da Conceição e Quinta das Teresinhas, continuando em direcção ao aeroporto de Lisboa (Pais *et alii* 2006: 17).
- 198 Esta formação corresponde à etapa regressiva da sequência deposicional, sendo representada por areias amarelas fluviais, com seixos rolados e argilas arenosas com vegetais e ostras. Os afloramentos estendem-se entre o Castelo de São Jorge, Graça, Alto de São João, Chelas e Rotunda do Aeroporto (Pais *et alii* 2006: 16).
- 199 Aflora entre Alfama, Castelo de São Jorge, Graça, Penha de França, Areeiro e Rotunda do Aeroporto (Pais *et alii* 2006: 16).
- 200 Caracterizada globalmente por calcários margosos, finamente arenoso, micáceo, formado quase unicamente por moldes (de 4m), coberto por níveis de areais seguidos de bancadas de calcários, menos compactos. Na base deste complexo podem existir calhaus rolados (Almeida, F., 1986). Aflora numa faixa estreita entre Alfama, Avenida Almirante Reis, Campo Grande e Carnide (Pais *et alii* 2006: 14).
- 201 Sendo caracterizada por margas e grés; calcário, argilas anegradadas, esverdeadas e amareladas; marga-calcária; argilas e margas (Almeida, F., 1986). Estendem-se desde Carnide até Santos, passando por Benfica, Palma de Baixo, Campo Pequeno, Praça Marquês de Pombal, Largo do Rato, Prazeres, Estrela e Lapa. Mais para oeste ocorrem junto do forte do Alto do Duque e de Algés (Pais *et alii* 2006: 13)

O território onde Loures se enquadra é, na sua parte central (onde se localiza o sítio que apresentamos em IV.2.2.1.), constituído pela «*Formação de Benfca*», que é composta por conglomerados, arenitos e argilitos, e pelo «*Complexo Vulcânico de Lisboa*», com escoadas basálticas, piroclastos e intercalações sedimentares (ver Figura 8).

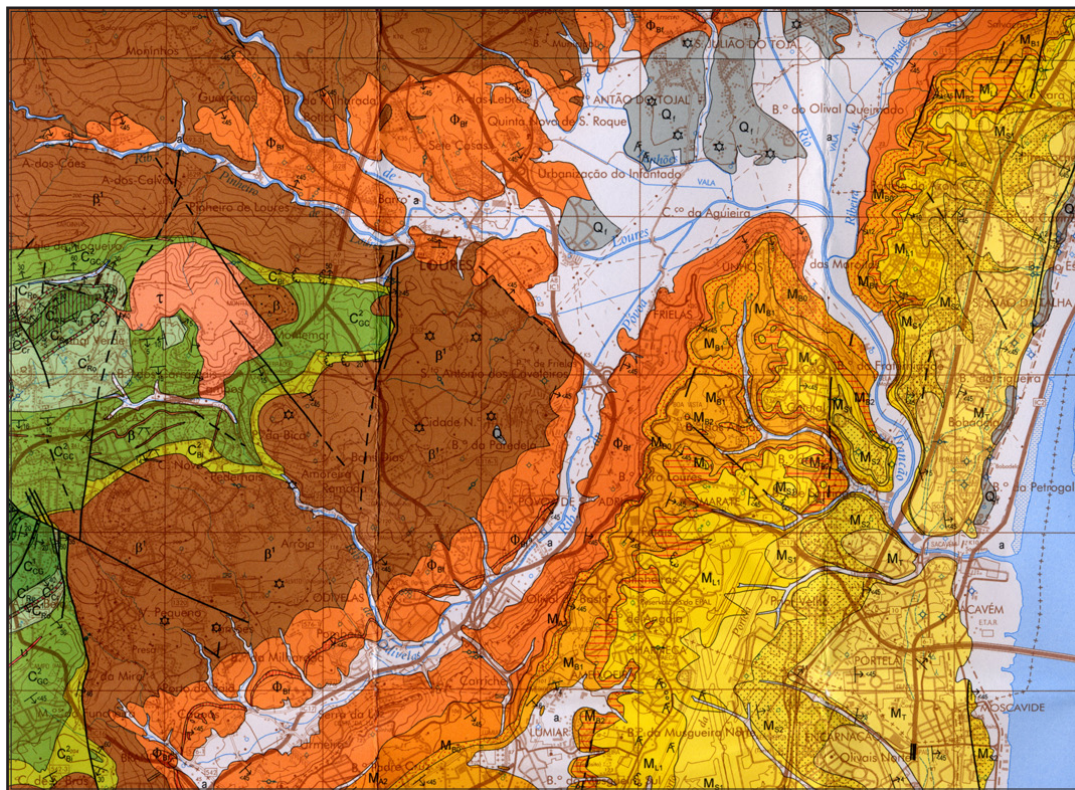


Figura 8 - Carta Geológica de Loures, esc. 1:50 000.

Finalmente, o termo de Sintra (no tocante à localização dos sítios descritos em IV.2.3.1. e IV.2.3.2), insere-se numa mancha do Cenozóico, nomeadamente do «*Complexo de Benfca*», que aflora em manchas orientadas aproximadamente ENE-WSW, no sopé da Serra de Sintra (Ramalho *et alii*, 1993: 25). Por outro lado, situa-se igualmente no mesmo território o chamado «*Maciço Eruptivo de Sintra*» (um maciço intrusivo em calcários margosos e calcários do Jurássico Superior e Cretácico, de estrutura complexa, representando um núcleo de natureza sienítica, envolvido por um vasto anel granítico e por um anel gabro-diorítico descontínuo; na sua região sul, dispõe-se entre os sienitos e os granitos e na sua parte norte, surge de forma periférica em relação ao anel granítico (Ramalho *et alii*, 1993: 28-29). Perto de Peninha-Monte (sítio II.2.3.2.) surge uma brecha eruptiva, instalada e plena área sienítica²⁰² (Ramalho *et alii*, 1993: 32).

202 Esta é «(...) uma brecha poligénica, cujos elementos principais são os microssienitos cristalinos, rochas intermédias porfíricas, rochas basálticas e calcários cristalinos, tudo incluído num cimento básico muito compacto, com fenocristais de olivina, poucaplagiolase e vidro intersticial.» (Ramalho *et alii*, 1993: 32).

Do ponto de vista pedológico, os termos de Lisboa e de Loures incluem manchas de vertissolos – vertissolos crómicos – e cambissolos (cambissolos cálcicos). Ambos se localizam em zonas sedimentares, como referido supra. Por outro lado, o termo de Sintra insere-se em zona de manchas igualmente de cambissolos – cambissolos cálcicos, cambissolos húmidos (rochas eruptivas) e cambissolos êutricos (rochas sedimentares post-Paleozóicas), regossolos²⁰³ – regossolos êutricos – e luvisolos – luvisolos rodocrómicos cálcicos (Atlas do Ambiente Digital, 1978). Estes solos são predominantemente alcalinos – 7,4 a 8,5 e 7,4 a 8,5 +(5,6 a 6,5) – e predominantemente neutros (6,6 a 7,3) (ver Figura 9, Atlas do Ambiente Digital, 1980).

A região de Lisboa, assim como a abrangida por Sintra e por Loures, está classificada como de grau VI na escala internacional de intensidade sísmica (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 129).

O bordo NW da bacia do Tejo, de encontro aos relevos calcários do triângulo mesozóico, é acompanhado por diferentes linhas epicentrais e sismo-tectónicas; em contrapartida, o bordo SE forma a zona sísmica bem marcada de Moita-Lavre-Avis; e, finalmente, a SW fica a curta linha epicentral de Lisboa oriental, sobre a qual se situam termas. Esta linha epicentral não tem nada a ver com o canal do Tejo, que corre Este-Oeste, sendo a sua direcção Norte-Sul. Esta disposição concede ao Tejo a sua caracterização como uma bacia de subsidência activa, a que já aludimos anteriormente (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 130).

Assim, no caso específico da Área Metropolitana de Lisboa e concelhos limítrofes, optou-se recentemente por uma classificação simples dos solos do ponto de vista sísmico, baseada sobretudo na geologia e litologia de superfície, e que divide os solos em 4 categorias distintas²⁰⁴:

- 1 – Formações rochosas do Jurássico, Cretácico, Complexo Vulcânico de Lisboa e Maciço Eruptivo de Sintra;
- 2 – Formações de rochas mais ou menos resistentes e solos rijos (calcários, argilas, conglomerados) do Oligocénico e do Miocénico;
- 3 – Formações predominantemente arenosas do Miocénico e do Pliocénico e depósitos do Quaternário;
- 4 – Aluviões, areias de dunas e areias superficiais (Teves-Costa, Almeida e Gomes, 2004: 315).

203 São Solos Incipientes constituídos por materiais não consolidados, normalmente de grande espessura efectiva. Estes são solos não evoluídos, sem horizontes genéticos claramente diferenciados, praticamente reduzidos ao material originário (Vicêncio, 2003: 18-19).

204 A opor-se às 3 classificações tradicionais (Teves-Costa, Almeida e Gomes, 2004: 315).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

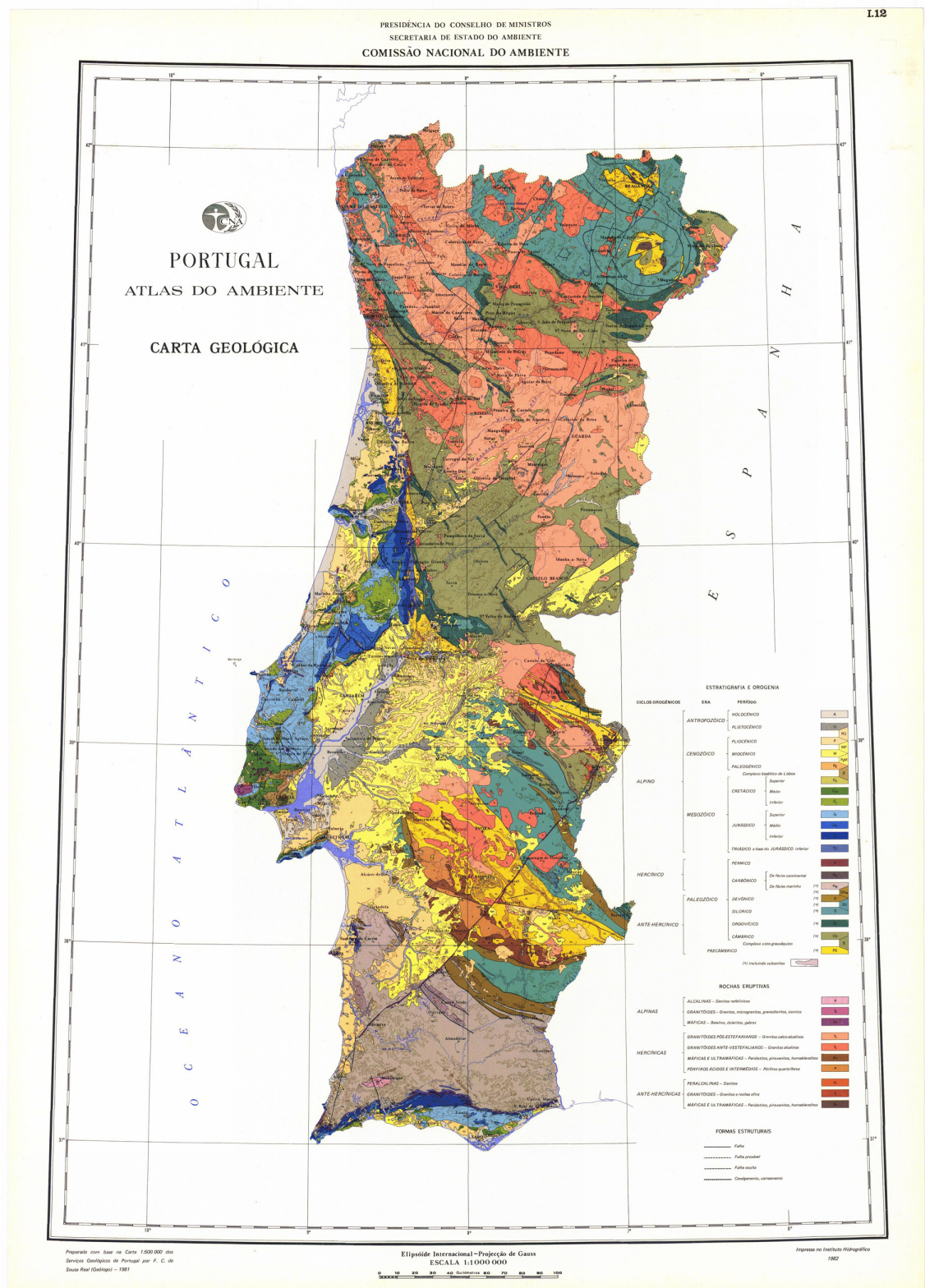


Figura 9 – Carta Geológica, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital, 1980).

Do ponto de vista topográfico, o concelho de Lisboa integra-se na zona de bacias e planícies e de serras da periferia exterior, sem apresentar grandes elevações, cujas alturas médias não atingem os 200 m. O termo de Sintra, em contrapartida, apresenta-se sob a forma de serra (Serra de Sintra), tendo o seu pico à altura de 529m (Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1982b).

Do ponto de vista orográfico, o concelho no qual Lisboa se insere corresponde a uma zona de planície aluvial, com colinas pouco expressivas. Já Sintra se localiza, como referimos supra, numa zona de serra, que na sua vertente sudoeste desce gradualmente para o mar.

III.1.2. Hidrografia

A região onde Lisboa se localiza é hidrograficamente dominada pelo rio Tejo e por outros pequenos cursos de água afluentes deste rio, de entre os quais se destacam os rios Zêzere e Sorraia. O rio Tejo é o mais comprido da Península Ibérica, embora a sua bacia seja de dimensão menor que a do rio Douro (Daveau, 1995: 66) – apresenta um regime permanente. A bacia do Tejo é, como se disse, estreita e comprida, apresentando uma direcção geral nordeste-sudoeste (ver Figura 10). A seguir a Almourol, o Tejo inflecte a direcção para Sudoeste, adquirindo a feição de rio de planície; a sua caleira aluvial, larga, acaba na forma de delta na enseada interior de Lisboa, mas o vale ainda se aperta mais, de modo a desaguar no Atlântico através de um corredor rectilíneo e bordejado de colinas (Daveau, 1995: 66).

O regime do Tejo – embora permanente, como acima se referiu –, está sujeito a cheias, proporcionando na planície aluvial do Ribatejo – que as águas atravessam e onde o rio se espraia, formando um grande lago – a sua riqueza tradicional, cobrindo as terras de um nateiro fértil. Estas cheias apenas são nocivas quando acontecem depois da Primavera, o que interfere com as culturas (Daveau, 1995: 68).



80

III.1.3. Clima

Todo o território português se inclui na zona de clima mediterrânico, que se caracteriza por uma estação seca que coincide com o Verão (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1998: 15; Correia, 1994: 24). Enquanto, ao contrário das restantes regiões mediterrânicas, a estação seca é mais curta em Portugal, a pluviosidade é mais acentuada, sobretudo nos meses correspondentes à estação invernal (Correia, 1994: 24). Tal facto é condicionado pela existência não apenas das massas montanhosas, mas igualmente pela sua posição latitudinal em relação aos anticiclones subtropicais, os quais originam tempo estável e seco, e aos ciclones das latitudes médias, que desencadeiam tempo chuvoso (Correia, 1994: 24).

Por outro lado, a temperatura é igualmente variável, aumentando de Norte para Sul, em proporção oposta à da pluviosidade. Estes dois elementos variam igualmente do litoral para o interior, situação mais visível a Norte do País (ver Figura 11).

A Província Atlântica do Sudoeste é caracterizada por Lausentach como constituída pelas «(...) *Penínsulas de Lisboa e Setúbal e as bacias dos Rios Sado e Mira*», onde o Verão e o Inverno apresentam, respectivamente, cerca de 22° em Agosto e 10° em Janeiro, considerado pelo autor como mostrando «(...) *um pequeno grau de continentalidade térmica, sobretudo no Cabo Espichel* (...)». A precipitação anual é de 500 a 800mm, com três a cinco meses secos. «*A humidade do ar, em média anual e sobretudo no Verão, é menor do que em 2²⁰⁵* (...)». A neve cai muito raramente; está exposto às brisas da terra e do mar e os ventos surgem com grande violência, sobretudo na Primavera e no Verão (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1997: 365).

A região sofre ainda influências de três massas de ar distintas: a primeira é o anticiclone dos Açores (de ar tropical marinho), sob cuja influência se assiste a um céu limpo com vento fraco ou moderado; a segunda é formada por centros depressionários vindos do Atlântico (de ar polar marítimo e de ar muito frio), que geram mau tempo, apresentando céu encoberto, chuva, trovoadas e vento forte; a terceira e última consiste numa depressão situada sobre a Península Ibérica, de origem térmica, que faz chegar até esta zona geográfica o ar continental, já alterado pelo contacto com Planaltos da Meseta Sul, originando tempo muito quente no Verão e muito frio no Inverno, influenciando igualmente as grandes amplitudes térmicas anuais (Correia, 1994: 24; Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1997: 394-396).

Nos meses de Inverno assiste-se com frequência a nevoeiros e fortes geadas, que aparecem ainda nos meses de Dezembro a Março. As geadas dos meses de Inverno – Novembro, Dezembro e Janeiro – são benéficas ao desenvolvimento das plantas durante o seu período de enraizamento, não apenas porque fornecem água ao solo, mas também porque formam

205 Província Atlântica Média (estações de Coimbra e Caldas da Rainha) (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1997: 365).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

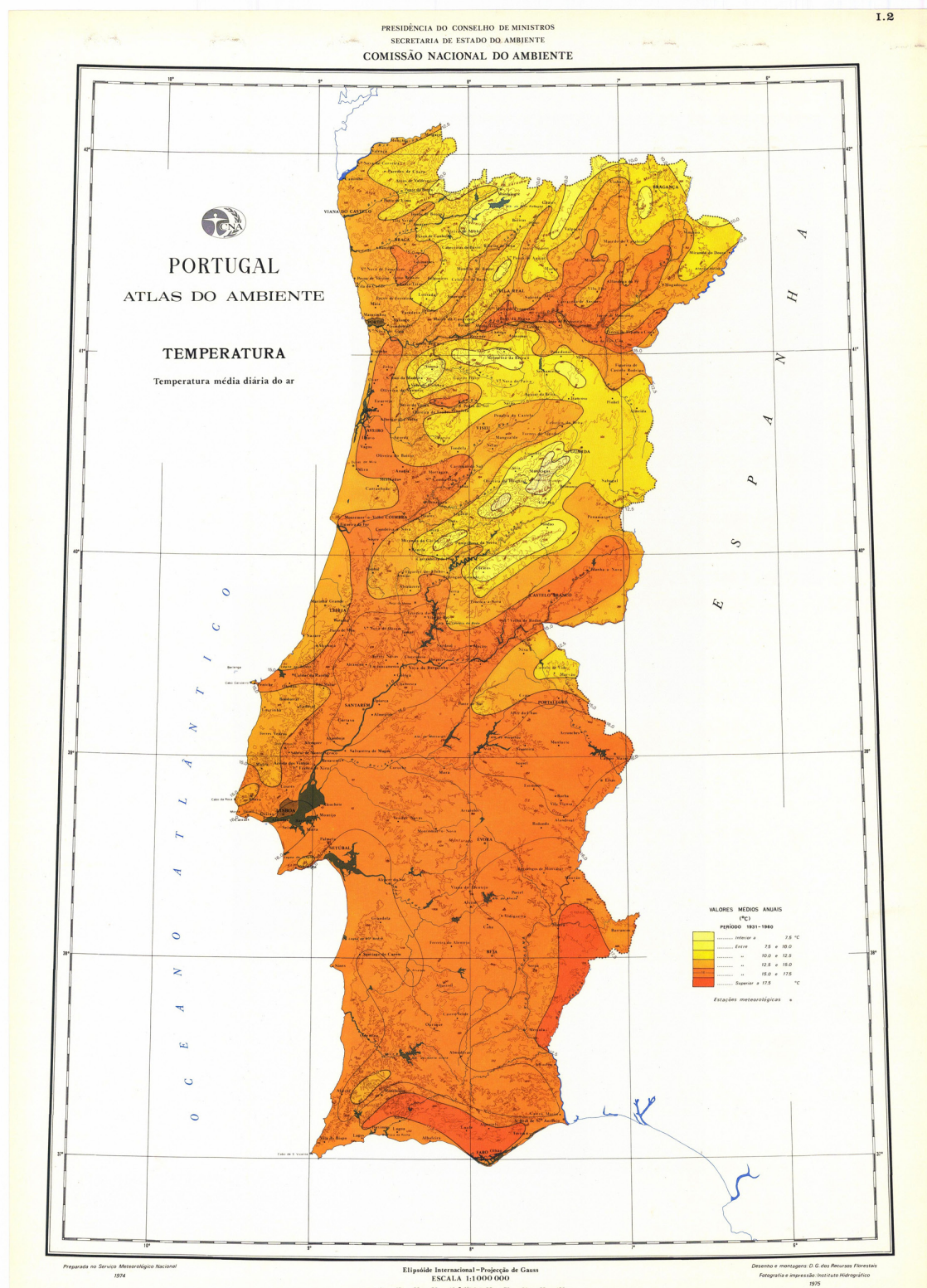


Figura 11 - Carta da Temperatura, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital, 1975a).

sobre este uma camada protectora que impede o seu arrefecimento em contacto com o ar frio (Correia, 1994: 25; ver Figura 12, Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1986: 20, 21).

No tocante aos ventos, os que mais frequentemente se fazem sentir na região de Lisboa (incluindo Loures) são os de Norte e Sudoeste; na região de Sintra os ventos predominantes são os de Norte e Noroeste. No que diz respeito à velocidade, os ventos predominantes variam entre os 21 e os 51 Km/h (Lisboa e Loures) e entre 6 e 21 Hm/h (Sintra), podendo por esta razão ser considerados moderados (Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1975c; ver Figura 13, Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1975c Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1990).

A pluviosidade caracteriza-se essencialmente por uma extrema irregularidade no tocante à distribuição anual, ou seja, apresenta um período bastante chuvoso que corresponde aos meses de Novembro a Março, sendo igualmente irregular a distribuição das alturas pluviométricas num período de 30 anos (ver Figura 14, Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1975b; Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1984).

Os meses de Outubro a Maio são os meses que registam maior precipitação, logo mais húmidos, enquanto os mais secos decorrem nos meses de Junho a Setembro (Pais *et alii*, 2006: 47), na região de Lisboa e Loures; no termo de Sintra, o período de maior precipitação verifica-se entre os meses de Novembro a Março, e de menor precipitação de Junho a Agosto (Ramalho *et alii*, 1993: 59).

Se atendermos ao balanço climatológico de água no solo, a região de Lisboa enquadra-se nas características dos climas sub-húmidos secos, com um défice de água moderado no Verão e uma pequena eficácia térmica igualmente no Verão (Pais *et alii*, 2006: 46); por outro lado, a região de Sintra é classificada no litoral como tendo um clima semi-árido, com excesso de água no ano nulo ou pequeno e eficácia térmica no Verão, pequena; no interior, como um tipo de clima pouco a moderadamente húmido, com défice de água moderado no Verão e com valores muito baixos quanto à eficácia térmica igualmente no Verão (Ramalho *et alii*, 1993: 59).

Assim, a evapotranspiração real anual atinge um valor na ordem dos 550mm, com excedentes de água entre os meses de Dezembro a Março e um défice de água de Julho a Setembro (Pais *et alii*, 2006: 46), nas regiões de Lisboa e Loures; e de 430mm e um défice de água de 290mm entre os meses de Maio a Outubro no litoral, e de 480mm e 520mm, com excedentes de água de Novembro a Abril de aproximadamente 310 a 430mm e défice de água, de Maio a Setembro, na ordem dos 210mm a 270mm no interior (Ramalho *et alii*, 1993: 59).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

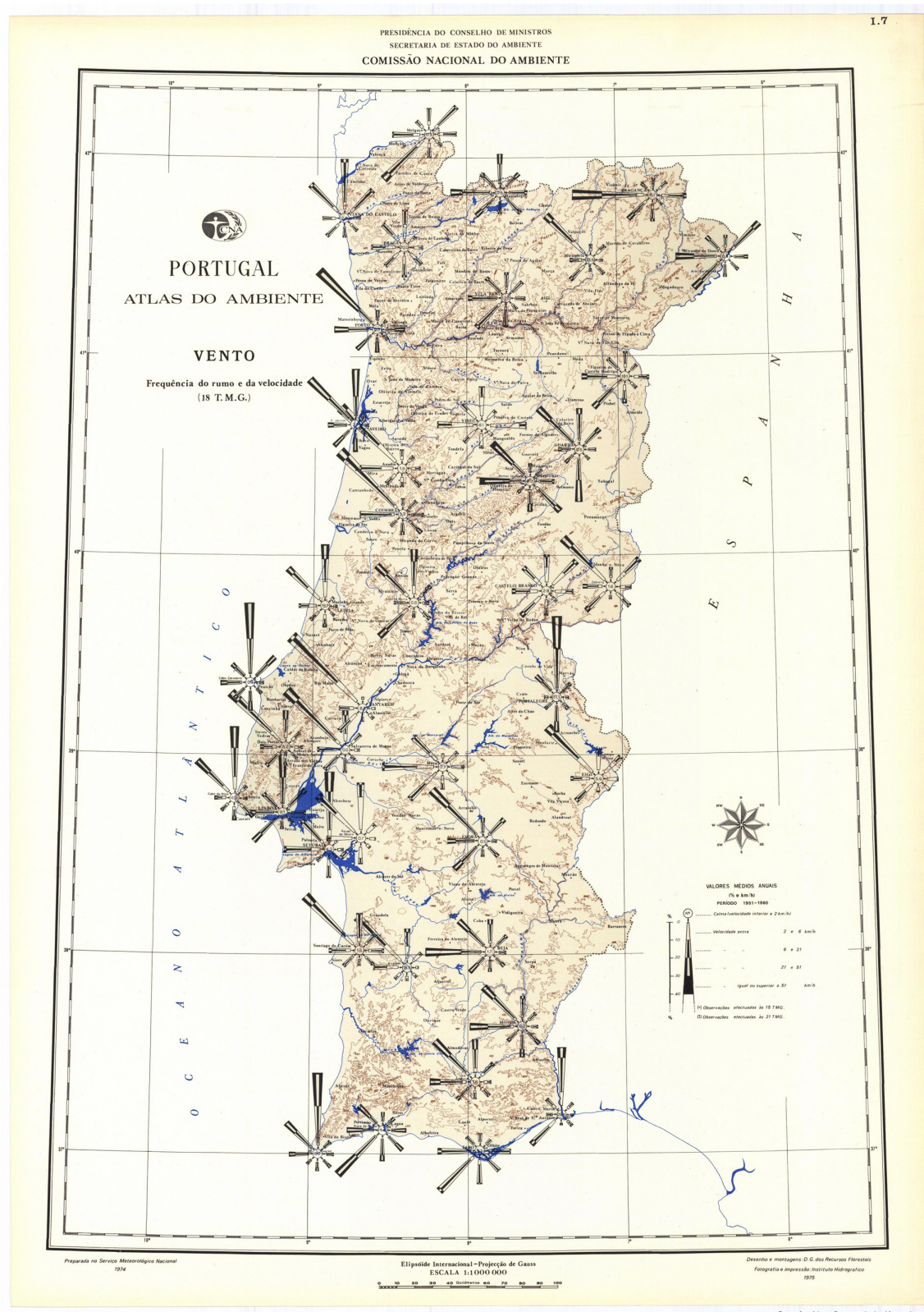


Figura 13 - Carta do Vento, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital, 1975c).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

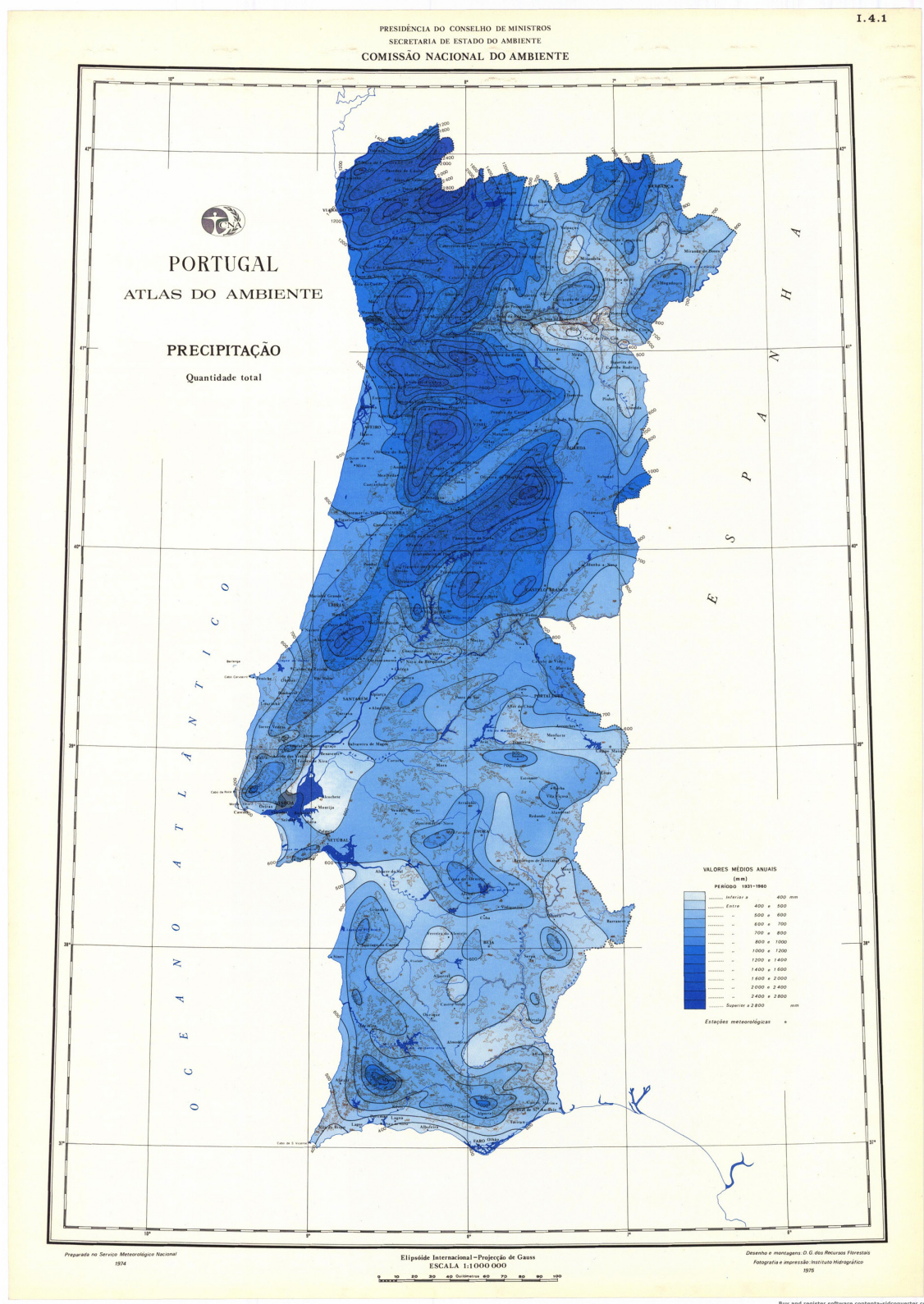


Figura 14 - Carta da Precipitação, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital, 1975b).

A temperatura média anual ronda, na região de Lisboa, os 16°C, enquanto a temperatura média mensal varia entre os 10°C e os 23°C (para Dezembro a Fevereiro, 10 a 12°C e de Junho a Agosto 20 a 23°C) (Pais *et alii*, 2006: 47). Para a região de Sintra ronda os 15°C, verificando-se valores médios mensais mais baixos, de cerca de 10° de Janeiro a Fevereiro, e de valores mais altos, de cerca de 19°C, de Julho a Setembro (Ramalho *et alii*, 1993: 59).

Relacionados com os períodos de temperatura máxima estão períodos de insolação superiores a 3 000 horas de sol, que constituem por si igualmente dos maiores níveis nacionais. Os valores de radiação solar relacionam-se com a altitude e podem atingir cerca de 160 a 165 kcal/cm² para Lisboa, 155 a 160 kcal/cm² para Loures e, para Sintra, o território atinge 155 a 160 kcal/cm² no interior e 150 a 155 kcal/cm² mais para o litoral (ver Figura 15, Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1975d).

Por último, e relacionados com os períodos de temperatura mínima, existem apenas cerca de 1 a 2 dias de geada por ano (ver Figura 16, Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1975e; Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1986).

III.1.4. Capacidade de uso agrícola do solo

Tal como em outras regiões do País, também a região em estudo foi alvo de alterações profundas provocadas pela intervenção do homem, aumentando exponencialmente a zona ocupada pela chamada «*Área Social*» (área objecto de urbanização).

Inserida numa região considerada como possuidora de um dos maiores potenciais agrícolas – de acordo com o Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (S.R.O.A.) –, a Área Metropolitana de Lisboa, que abarca os concelhos de Lisboa e os de Sintra e Loures, está localizada em manchas de solo do tipo B e C – que constituem 75 a 80% da capacidade total, e que correspondem, do ponto de vista geológico, às manchas constituída pelos sedimentos terciários – e de solos do tipo A – que constituem 20 a 25% do total²⁰⁶ (ver Figuras 17, 18 e 19 respectivamente, Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente, 1978, 1982a e 1980)²⁰⁷.

Os solos pertencentes à classe A são solos com capacidade de uso muito elevada, apre-

206 Em contrapartida, não obstante a alta qualidade dos solos, assiste-se a uma «(...) redução do número de explorações agrícolas, que tem vindo a decrescer principalmente nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo (área onde residem os solos com maior aptidão agrícola – classes A e B) e Algarve onde o crescimento urbano desordenado se sobrepõe a uma actividade agrícola viável e rentável.» (Martins, 2004: 9).

207 Do ponto de vista da utilização agrícola, a maioria dos solos são de classe A, sem limitações; existem igualmente manchas de solos complexos, constituídos por solos de classe A ou B+ D ou E, e de classe C + D ou E; finalmente, solos de utilização não agrícola (florestal) enquadráveis na classe E, com limitações severas (Atlas do Ambiente Digital, 1982).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)



Figura 15 - Carta da Radiação Solar, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital,1975d).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

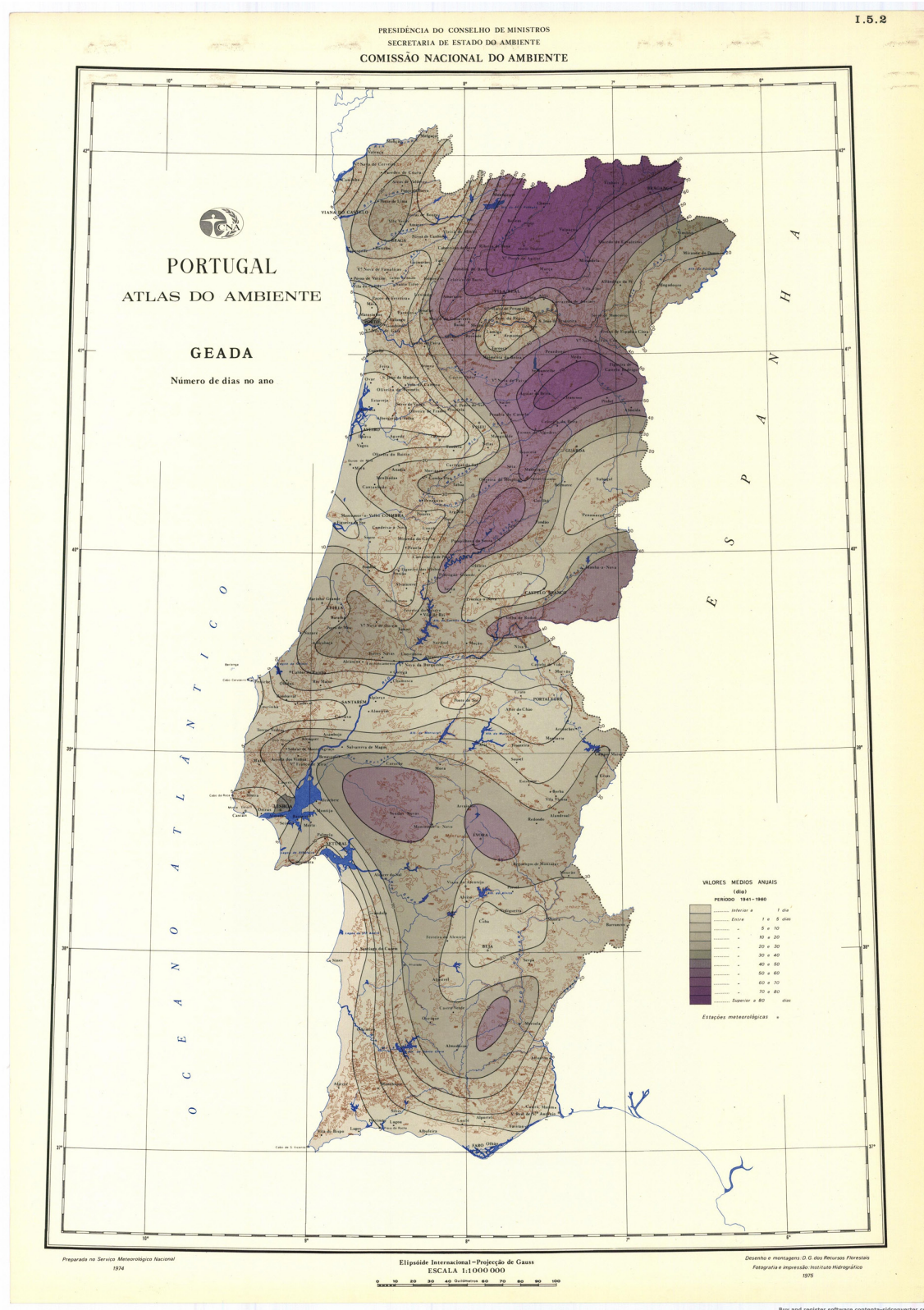


Figura 16 - Carta da Geada, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital, 1975e).

sentando poucas ou nenhuma limitações, sem riscos de erosão ou riscos ligeiros, susceptíveis de utilização agrícola intensiva e de outras utilizações.

À classe B pertencem os solos com capacidade de uso elevada, apresentando limitações moderadas, riscos de erosão no mínimo moderados, susceptíveis de utilização agrícola moderadamente intensiva e de outras utilizações.

Incluem-se na classe C os solos com capacidade de uso mediana, apresentando limitações acentuadas, riscos de erosão no mínimo elevados, susceptíveis de utilização agrícola pouco intensiva e de outras utilizações.

Os solos que se integram na classe D são solos com capacidade de uso baixa, apresentando limitações severas, riscos de erosão no mínimo elevados a muito elevados, susceptíveis de utilização agrícola salvo casos muito especiais, com poucas ou moderadas limitações para pastagens, exploração de matos ou exploração florestal.

Finalmente, os solos correspondentes à classe E são solos com capacidade de uso muito baixa, apresentando limitações muito severas, riscos de erosão muito elevados, com severas e muito severas limitações para pastagens, exploração de matos ou exploração florestal. Em muitos casos o solo não é susceptível de qualquer utilização económica e noutros casos pode destinar-se a vegetação natural ou floresta de prevenção ou de recuperação.

III.1.5. Coberto vegetal

Na região objecto do presente estudo (Lisboa) vê-se com facilidade a influência dos factores físicos, económicos e sociais na paisagem rural, uma vez que a um aumento populacional (produzido pela afluência cada vez maior de migrantes do campo atraídos pelas oportunidades que a cidade abriu) corresponde à substituição tradicional de campos e pinhal por bairros de grandes prédios, ou ainda por formas industrializadas de produção agrícola, nas margens territoriais directas da cidade (Daveau, 1995: 137).

Em geral, as culturas predominantes na região em que o concelho de Lisboa se integra são os campos abertos de cereais e árvores de fruto (ver Figuras 20, 21 e 22). A sua área de extensão começa um pouco na zona de Sintra e estende-se para Leste e Oeste deste, com uma bolsa de árvores de fruto junto a Lisboa²⁰⁸ (Pradalié, 1975: 17-18; Daveau, 1995: 139).

208 «Lisboa domina, juntamente com Santarém, uma importante zona agrícola. Entre as duas cidades estende-se a rica região de Balata (Valada) célebre pela sua extraordinária fertilidade. Segundo um autor muçulmano, o trigo aí semeado germina em quarenta dias, depois dos quais se pode ceifar, produzindo uma medida de sementes cem medidas, aproximadamente, rendimento susceptível a variações, consoante os anos. O exagero é evidente mas não impede Al-Himyari de, em seguida, comparar o Tejo ao Nilo que, todos os anos, inunda a planície, depositando

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

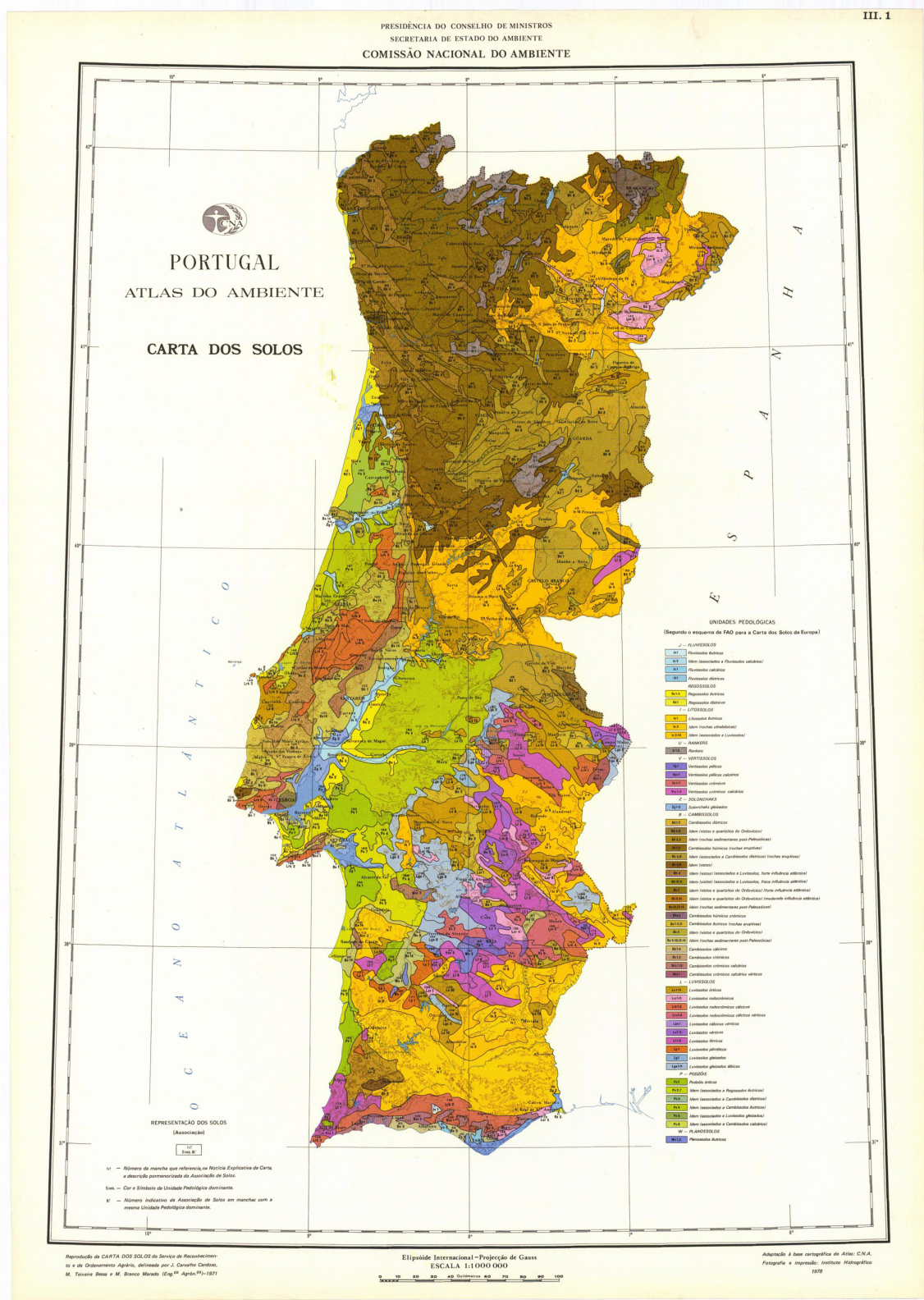


Figura 17 - Carta dos Solos, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital, 1978).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

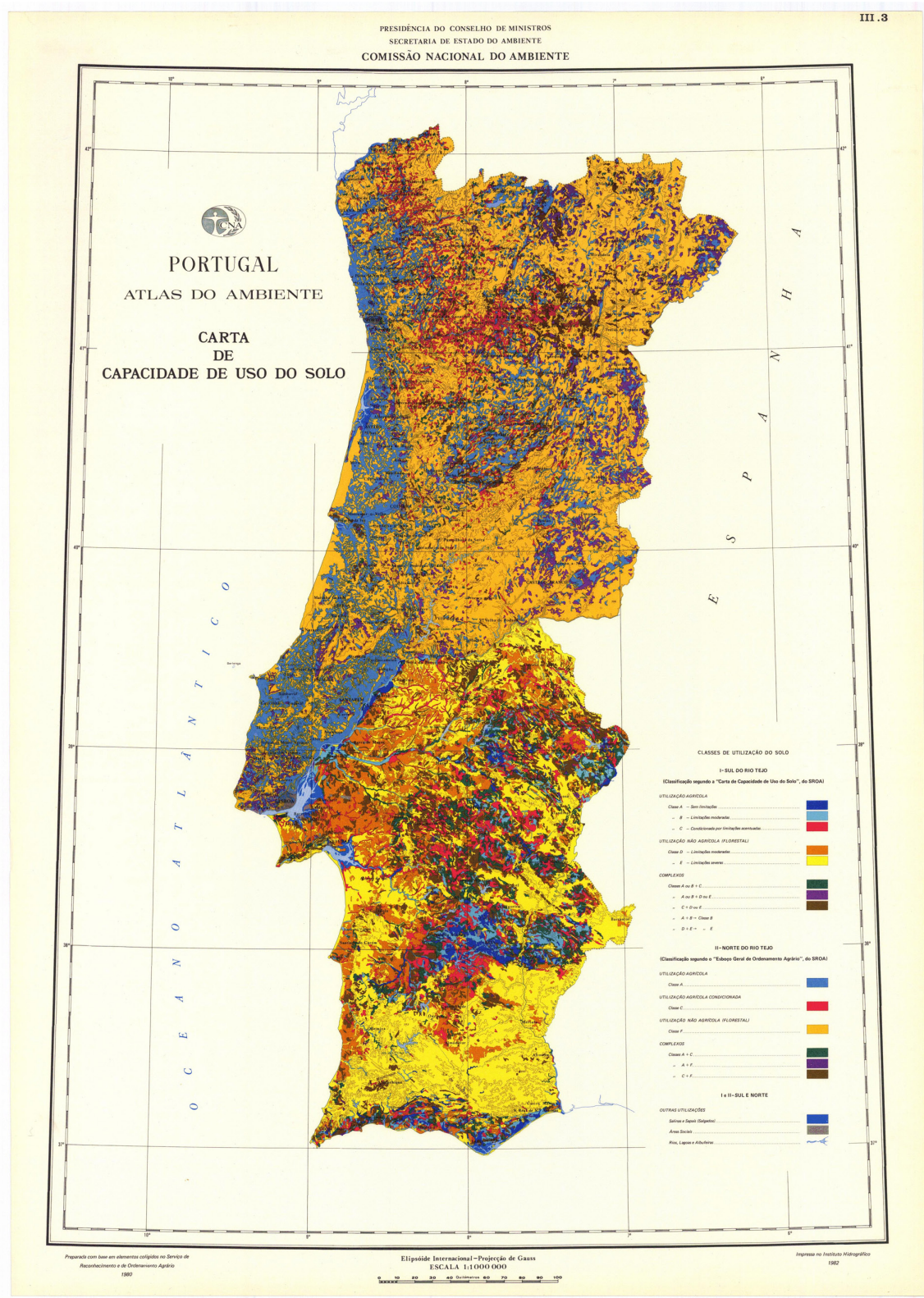


Figura 18 - Carta de Capacidade de Uso do Solo, esc. 1.000.000 (Atlas do Ambiente Digital,1982a).

93

No período muçulmano, à altura da chegada dos cruzados a Lisboa²⁰⁹, e ainda segundo a descrição do cruzado Osberno, era então esta a paisagem agrícola que se encontrava: campos de trigo (*Triticum aestivum*), jardins, pomares (figueiras²¹⁰ – *Ficus carica* –, maçãs²¹¹ – *Malus domestica* –, peros e peras – *Pyrus communis* –, limões – *Prays citrus* – e laranjeiras amargas – *Citrus aurantium* – assim como ameixeiras – *Prunus domestica* L.), oliveais (*Oleo europaea* L. Var. *Sativa* D.C.), e ainda vinhas (*Vitis vinifera*)²¹². A vinha e a oliveira eram as grandes culturas dos finais da Idade Média (Pradalié, 1975: 62-63; Marques, 1987a: 47). Segundo Oliveira Marques, a alimentação medieval era pobre – constituída basicamente por cereais e vinho – até meados do século XV e a condimentação obedecia a princípios extremamente simples (Marques, 1987a: 464). Destacamos, por isso, a descoberta de vestígios de pepino (*Cucumis sativus*) em contextos do período muçulmano na Rua dos Correeiros; não afastamos a hipótese da produção e consumo de outros vegetais, tradicionalmente consumidos no Norte de África e que encontrariam terreno de cultivo favorável na envolvente fértil de Lisboa. O mesmo se aplica ao uso de plantas aromáticas, de que foram encontrados vestígios igualmente na Rua dos Correeiros (Bugalhão e Queiroz, 2006: 200-201; Melo, 2009: 53).

Por outro lado, a riqueza das florestas de origem Holocénica, constituída por pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e pelo carvalho cerquinho (*Quercus faginea*), tinha caído já em degradação, tendo sido substituída por zonas de garrigue e de pastagens. Tal deve-se, entre outros factores, à sobre-exploração das madeiras e lenhas destinadas ao abastecimento de Lisboa (construção naval, procura de estacas para vinha, arroteamentos e queimadas ligadas ao crescimento da população e aos períodos de fomes, institucionalização do pastoreio, etc.) (Ribeiro, Lausentach e Daveau, 1997: 601-602).

III.1.6. Fauna

Quanto à fauna existente no concelho em que Lisboa se integra, destacamos em especial a pecuária, que se revestia de grande importância para a vida económica da população, a

209 «(...) Encantava-se também Raul de Ganville, e os seus companheiros, com as muralhas que protegiam a cidade, robustas e sólidas, como se provou a longo do cerco, coroada de robustas torres, e onde se abriam inúmeras portas e postigos, não só em direcção ao rio, a artéria vital para o seu comércio, mas igualmente em direcção aos arrabaldes, onde hortas, almuinhas, pomares, oliveais e vinhas se multiplicavam para alimentar aquela multidão de todos os credos.» (Barbosa, 2007: 86).

210 O cruzado Osberno comenta desta forma a abundância de frutos: «É de tal modo abundante de figos, que nós a custo pudémos consumir uma parte deles.» (Oliveira, 1935: 41).

211 Eram também famosos os pomares de Sintra e de Colares: «A região de Sintra é uma das regiões onde as maçãs são mais abundantes. Esses frutos atingem uma tal espessura que alguns chegam a ter quatro palmos de circunferência. Acontece o mesmo com as peras» (Coelho, 2008: 49).

212 «Os seus terrenos, bem como os campos adjacentes, pode comparar-se aos melhores, e a nenhuns são inferiores, pela abundância do solo fértil, quer se atenda à produtividade das árvores, quer à das vinhas (...). Nada há nela de inculto ou estéril (...)» (Oliveira, 1935: 41-42).

III.4

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DO AMBIENTE
COMISSÃO NACIONAL DO AMBIENTE

PORTUGAL
ATLAS DO AMBIENTE
CARTA ECOLÓGICA
Fito-edafoclimática

OCÉANO ATLÂNTICO

ELIPSÓIDE INTERNACIONAL - PROJEÇÃO DE GAUSS
ESCALA 1:1000 000

ZONAS ECOLÓGICAS

ANDARES

1 - FITOTOMÁTICAS

2 - EDAFOCIMÁTICAS

3 - CLIMATOLÓGICAS

4 - EDAFOLÓGICAS

5 - CLIMATOLÓGICAS

6 - EDAFOLÓGICAS

7 - CLIMATOLÓGICAS

8 - EDAFOLÓGICAS

9 - CLIMATOLÓGICAS

10 - EDAFOLÓGICAS

11 - CLIMATOLÓGICAS

12 - EDAFOLÓGICAS

13 - CLIMATOLÓGICAS

14 - EDAFOLÓGICAS

15 - CLIMATOLÓGICAS

16 - EDAFOLÓGICAS

17 - CLIMATOLÓGICAS

18 - EDAFOLÓGICAS

19 - CLIMATOLÓGICAS

20 - EDAFOLÓGICAS

21 - CLIMATOLÓGICAS

22 - EDAFOLÓGICAS

23 - CLIMATOLÓGICAS

24 - EDAFOLÓGICAS

25 - CLIMATOLÓGICAS

26 - EDAFOLÓGICAS

27 - CLIMATOLÓGICAS

28 - EDAFOLÓGICAS

29 - CLIMATOLÓGICAS

30 - EDAFOLÓGICAS

31 - CLIMATOLÓGICAS

32 - EDAFOLÓGICAS

33 - CLIMATOLÓGICAS

34 - EDAFOLÓGICAS

35 - CLIMATOLÓGICAS

36 - EDAFOLÓGICAS

37 - CLIMATOLÓGICAS

38 - EDAFOLÓGICAS

39 - CLIMATOLÓGICAS

40 - EDAFOLÓGICAS

41 - CLIMATOLÓGICAS

42 - EDAFOLÓGICAS

43 - CLIMATOLÓGICAS

44 - EDAFOLÓGICAS

45 - CLIMATOLÓGICAS

46 - EDAFOLÓGICAS

47 - CLIMATOLÓGICAS

48 - EDAFOLÓGICAS

49 - CLIMATOLÓGICAS

50 - EDAFOLÓGICAS

51 - CLIMATOLÓGICAS

52 - EDAFOLÓGICAS

53 - CLIMATOLÓGICAS

54 - EDAFOLÓGICAS

55 - CLIMATOLÓGICAS

56 - EDAFOLÓGICAS

57 - CLIMATOLÓGICAS

58 - EDAFOLÓGICAS

59 - CLIMATOLÓGICAS

60 - EDAFOLÓGICAS

61 - CLIMATOLÓGICAS

62 - EDAFOLÓGICAS

63 - CLIMATOLÓGICAS

64 - EDAFOLÓGICAS

65 - CLIMATOLÓGICAS

66 - EDAFOLÓGICAS

67 - CLIMATOLÓGICAS

68 - EDAFOLÓGICAS

69 - CLIMATOLÓGICAS

70 - EDAFOLÓGICAS

71 - CLIMATOLÓGICAS

72 - EDAFOLÓGICAS

73 - CLIMATOLÓGICAS

74 - EDAFOLÓGICAS

75 - CLIMATOLÓGICAS

76 - EDAFOLÓGICAS

77 - CLIMATOLÓGICAS

78 - EDAFOLÓGICAS

79 - CLIMATOLÓGICAS

80 - EDAFOLÓGICAS

81 - CLIMATOLÓGICAS

82 - EDAFOLÓGICAS

83 - CLIMATOLÓGICAS

84 - EDAFOLÓGICAS

85 - CLIMATOLÓGICAS

86 - EDAFOLÓGICAS

87 - CLIMATOLÓGICAS

88 - EDAFOLÓGICAS

89 - CLIMATOLÓGICAS

90 - EDAFOLÓGICAS

91 - CLIMATOLÓGICAS

92 - EDAFOLÓGICAS

93 - CLIMATOLÓGICAS

94 - EDAFOLÓGICAS

95 - CLIMATOLÓGICAS

96 - EDAFOLÓGICAS

97 - CLIMATOLÓGICAS

98 - EDAFOLÓGICAS

99 - CLIMATOLÓGICAS

100 - EDAFOLÓGICAS

101 - CLIMATOLÓGICAS

102 - EDAFOLÓGICAS

103 - CLIMATOLÓGICAS

104 - EDAFOLÓGICAS

105 - CLIMATOLÓGICAS

106 - EDAFOLÓGICAS

107 - CLIMATOLÓGICAS

108 - EDAFOLÓGICAS

109 - CLIMATOLÓGICAS

110 - EDAFOLÓGICAS

111 - CLIMATOLÓGICAS

112 - EDAFOLÓGICAS

113 - CLIMATOLÓGICAS

114 - EDAFOLÓGICAS

115 - CLIMATOLÓGICAS

116 - EDAFOLÓGICAS

117 - CLIMATOLÓGICAS

118 - EDAFOLÓGICAS

119 - CLIMATOLÓGICAS

120 - EDAFOLÓGICAS

121 - CLIMATOLÓGICAS

122 - EDAFOLÓGICAS

123 - CLIMATOLÓGICAS

124 - EDAFOLÓGICAS

125 - CLIMATOLÓGICAS

126 - EDAFOLÓGICAS

127 - CLIMATOLÓGICAS

128 - EDAFOLÓGICAS

129 - CLIMATOLÓGICAS

130 - EDAFOLÓGICAS

131 - CLIMATOLÓGICAS

132 - EDAFOLÓGICAS

133 - CLIMATOLÓGICAS

134 - EDAFOLÓGICAS

135 - CLIMATOLÓGICAS

136 - EDAFOLÓGICAS

137 - CLIMATOLÓGICAS

138 - EDAFOLÓGICAS

139 - CLIMATOLÓGICAS

140 - EDAFOLÓGICAS

141 - CLIMATOLÓGICAS

142 - EDAFOLÓGICAS

143 - CLIMATOLÓGICAS

144 - EDAFOLÓGICAS

145 - CLIMATOLÓGICAS

146 - EDAFOLÓGICAS

147 - CLIMATOLÓGICAS

148 - EDAFOLÓGICAS

149 - CLIMATOLÓGICAS

150 - EDAFOLÓGICAS

151 - CLIMATOLÓGICAS

152 - EDAFOLÓGICAS

153 - CLIMATOLÓGICAS

154 - EDAFOLÓGICAS

155 - CLIMATOLÓGICAS

156 - EDAFOLÓGICAS

157 - CLIMATOLÓGICAS

158 - EDAFOLÓGICAS

159 - CLIMATOLÓGICAS

160 - EDAFOLÓGICAS

161 - CLIMATOLÓGICAS

162 - EDAFOLÓGICAS

163 - CLIMATOLÓGICAS

164 - EDAFOLÓGICAS

165 - CLIMATOLÓGICAS

166 - EDAFOLÓGICAS

167 - CLIMATOLÓGICAS

168 - EDAFOLÓGICAS

169 - CLIMATOLÓGICAS

170 - EDAFOLÓGICAS

171 - CLIMATOLÓGICAS

172 - EDAFOLÓGICAS

173 - CLIMATOLÓGICAS

174 - EDAFOLÓGICAS

175 - CLIMATOLÓGICAS

176 - EDAFOLÓGICAS

177 - CLIMATOLÓGICAS

178 - EDAFOLÓGICAS

179 - CLIMATOLÓGICAS

180 - EDAFOLÓGICAS

181 - CLIMATOLÓGICAS

182 - EDAFOLÓGICAS

183 - CLIMATOLÓGICAS

184 - EDAFOLÓGICAS

185 - CLIMATOLÓGICAS

186 - EDAFOLÓGICAS

187 - CLIMATOLÓGICAS

188 - EDAFOLÓGICAS

189 - CLIMATOLÓGICAS

190 - EDAFOLÓGICAS

191 - CLIMATOLÓGICAS

192 - EDAFOLÓGICAS

193 - CLIMATOLÓGICAS

194 - EDAFOLÓGICAS

195 - CLIMATOLÓGICAS

196 - EDAFOLÓGICAS

<

95

[illegible]

96

III.6

MINISTÉRIO DO AMBIENTE
DIRECÇÃO-GERAL DO AMBIENTE

PORTUGAL
ATLAS DO AMBIENTE

ZONAS FITOGEográfICAS
PREDOMINANTES

O C E A N O A T L Á N T I C O

LEGENDA

ZONA NORTE

- Montanha ocidental
- Montanha meridional
- Montanha central
- Montanha atlântica
- Faixa Pina
- Faixa Quercus

ZONA CENTRO

- Centro-Oeste atlântico
- Centro-Oeste mediano
- Centro-Oeste transmontano
- Centro-Oeste centro
- Centro-Norte
- Centro-Leste transmontano
- Centro-Leste de transição
- Centro-Sul transmontano
- Centro-Sul peninsular

ZONA SUL

- Subzona transmontana
- Subzona peninsular
- Subzona meridional
- Subzona atlântica
- Subzona meridional
- Subzona algarvia
- Subzona algarvia
- Subzona algarvia

Elipsóide Internacional - Projeção de Gauss
ESCALA 1:1 000 000

Execução gráfica de Carlos Machado
Impressão no Instituto Hidrográfico
1980

97

par da actividade agrícola, podendo nela incluir-se a criação de gado ovino (lanígero), caprino e suíno (embora este não fosse consumido, por razões óbvias, durante o período islâmico), com maior incidência no gado *muar* e *vacum*. Os três primeiros tipos de gado eram mais frequentemente criados por pequenos e médios proprietários, enquanto os grandes proprietários criavam igualmente gado *muar* e *vacum* (Marques, 1987a: 105).

Por outro lado, a proximidade do Ribatejo traz até Lisboa os cavalos, como podemos ver na descrição feita por Gérard Pradalié (Pradalié, 1975: 18), que referencia aqueles animais tão apreciados pelos nobres muçulmanos.

É igualmente essa proximidade do Ribatejo e do estuário do Tejo que contribui para a sua riqueza ecológica. Hoje Reserva Natural, o estuário do Tejo apresenta-se rico em espécies de aves: destacam-se nomeadamente a Garça-branca (*Egretta garzetta*), a Garça-vermelha (*Ardea purpurea*), o Ganso-bravo (*Anser anser*), diferentes tipos de águias - Águia-sapeira (*Circus aeruginosus*), Águia-caçadeira (*Circus pygargus*), Águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*) -, o Sisão (*Tetrax tetrax*), o Alfiate (*Recurvirostra avosetta*), a Perdiz-do-mar (*Glareola pratincola*) e a Tarambola-cinzenta (*Pluvialis squatarola*), entre muitos outros (Fonte: SPEA).

Esta última é uma das espécies cinegéticas perseguidas na caça, actividade tradicional na região: a ela se juntam os galeirões (*Fulica atra*), e as narcejas (*Gallinago gallinago*), entre outras aves.

A localização da cidade de Lisboa em relação ao estuário do Tejo e ao mar constitui, igualmente, o acesso a uma importante fonte de recursos naturais²¹³. A fauna ictiológica está na origem da actividade piscatória. Assim, e fazendo o peixe parte da dieta medieval (Marques, 1987a: 464) – como o fazia já da dieta durante o período romano, como o atestam os tanques de salga de peixe descobertos, por exemplo, na Casa dos Bicos –, não é de estranhar a exploração deste recurso amplamente disponível no rio Tejo, tão próximo da cidade medieval. A atestá-lo a descoberta de uma espinha de peixe numa das sepulturas do cemitério medieval de São Vicente de Fora (ver p. 150).

Podemos referir algumas espécies de habitat fluvial, como o robalo (*Dicentrarchus labrax*), o sável (*Alosa alosa*), o xarroco (*Halobatrachus didactylus*), ou a enguia (*Anguilla anguilla* Linnaeus); espécies de habitat misto (existentes no estuário do Tejo, onde a água salgada se mistura com a água doce), como o linguado (*Solea spp.*) a corvina (*Argyrosomus regius*) ou o biqueirão (*Engraulis encrasicolus*), entre outros; por fim, espécies de habitat exclusivamente

213 «Há nele tanta abundância de peixe, que os habitantes acreditam que dois terços da sua corrente são de água e outro terço de peixe. (...) É também rico de mariscos (...)» (Oliveira, 1935: 40); «(...) é principalmente de notar que os peixes desta água conservam sempre a sua gordura e sabor natural sem os mudar ou corromper por qualquer circunstância como acontece entre nós (...)» (Oliveira, 1935: 40).

oceânico, como a dourada (*Sparus aurata*), a sardinha (*Sardina pilchardus*), o pargo (*Pagrus pagrus*) ou ainda o atum (*Thunnus*) (fonte: <http://www.oceanario.pt/>).

III.1.7. Recursos Naturais

III.1.7.1. Actividades extractivas

De entre os principais registos históricos de exploração de recursos naturais, destacam-se os correspondentes aos calcários, aos basaltos, às areias, saibros e conglomerados, às argilas, ao ouro e outros recursos hidrominerais (Pais *et alii*, 2006: 41-46).

Os primeiros foram alvo de exploração para a indústria da construção (para a produção de cantarias, alvenaria, calçada e mesmo britas), com proveniência de numerosas pedreiras da zona do actual Parque Florestal de Monsanto e do Bairro do Alvito, na mancha que se estende entre o Vale de Alcântara, a Ajuda e Belém (Pais *et alii*, 2006: 41). Quanto aos segundos, foram explorados sobretudo para a construção e para a realização de calçadas, provindo de Campolide, Monsanto, Amadora e Tapada da Ajuda (Pais *et alii*, 2006: 41).

As areias vindas da zona oriental de Lisboa foram de igual modo exploradas para a indústria da construção. Quanto às argilas, destaca-se o seu papel para a produção de cerâmica – de que Lisboa era um centro produtor, como o demonstraram Jacinta Bugalhão e outros autores (Torres Balbás, Tomo I: 173; Matos, 2001: 80; Bugalhão *et alii*, 2003; Bugalhão *et alii*, 2008) - assim como, em épocas posteriores, para a indústria, principalmente para o fabrico de cerâmica estrutural. Destacam-se as argilas dos Prazeres, as argilas de Xabregas e argilas de Forno do Tijolo (Pais *et alii*, 2006: 42).

Embora não provenha directamente do território onde se implanta a cidade de Lisboa, o ouro foi explorado na margem esquerda do Tejo. De facto, foram descobertas no Seixal antigas galerias de exploração mineira, atribuídas ao período romano, onde as investigações levadas a cabo pelo Instituto Geológico e Mineiro obtiveram um teor máximo de 3,2 ppm de ouro, a partir dos concentrados então efectuados. Foram ainda descobertas galerias semelhantes em Coima e são conhecidas referências históricas às Minas de Almada²¹⁴ (Gomes, 2002:

214 A exploração aurífera foi igualmente mencionada por Rosa Varela Gomes no tocante ao Barlavento Algarvio. Em trabalho publicado em 2002, a autora refere aquela mineração na zona de Almada durante o período de ocupação islâmico. «O minério mais abundante no Barlavento seria o cobre mas existia, também, ferro, manganês e, possivelmente, ouro. Estes metais estariam distribuídos pelos cerca de dezoito sítios identificados como mostrando vestígios de antigas minerações, em galeria ou cortas a céu aberto, em geral no Barrocal e, em especial, nas áreas dos actuais concelhos de Aljezur, Silves e Loulé. Podemos, pois, presumir, da sua exploração durante a permanência muçulmana na região. (...) Este metal [o ouro], embora raro, foi explorado, desde tempos pré-históricos, conforme demonstra espólio calcolítico dos túmulos de Alcalar naquela zona, e em outros locais do Barlavento Algarvio, designadamente nas areias aluvionares de certas correntes fluviais. O mesmo tipo de exploração efectuava-se, segundo

79, 82-83), da Adiça e da Fonte da Telha, constituindo indicativos do potencial aurífero da bacia aluvial do Baixo Tejo (Pais *et alii*, 2006: 43)²¹⁵.

Por fim, as águas termais de Lisboa²¹⁶: localizadas na zona de Alfama, correspondiam a emergências de água quente (Alcaçarias de D. Clara – 24°-28°C -, Alcaçarias do Baptista – 32° a 34°C -, Banhos do Doutor – 27°C -, e Alcaçarias do Duque – 30° a 34°C²¹⁷), e a emergências de água fria (de que se destacam a Bica do Jardim do Tabaco, a do Largo da Fundação e a da Bica do Sapato) (Pais *et alii*, 2006: 42).

No termo de Sintra, pelo contrário, são objecto de exploração as rochas ornamentais, provenientes de Pêro Pinheiro, de que um dos últimos exemplos de aplicação, em época extremamente recente, é o Centro Cultural de Belém. São sobretudo constituídos por calcários microcristalinos bioclásticos; são igualmente explorados calcários e britas, assim como areias, argilas e rochas eruptivas (Ramalho *et alii*, 1993: 57-58).

autores muçulmanos, no rio Tejo junto a Almada (*al-ma'aden*) cujo nome, de origem árabe, significa a mina, mineral ou metal (Vallvé Bermejo, 1995, p. 56; Blázquez, 1901, p. 21; Cintra, 1954, p. 67; Lévi-Provençal, 1938, p. 23; Lévi-Provençal e Torres Balbás, 1982, p. 174; Machado, 1958, p. 233).» (Gomes, 2002: 79, 82).

215 «Outro factor, porém, contribuiu para a celebridade da cidade, bem como para a de Almada, na margem esquerda do Tejo. Cifra-se ele, na existência de palhetas de ouro nas areias do rio. Se o metal precioso extraído animava, sem dúvida, um artesanato local, não basta, contudo, para explicar a opulência que Osberno atribui a Lisboa.» (Pradalié, 1975: 18)

216 Gérard Pradalié menciona que «(...) De fendas abertas no solo brotam nascentes termais que dão origem a lençóis de água subterrâneos, facto comprovado pelas recentes obras do Metropolitano. Osberno diz-nos que a humidade do terreno, na Baixa, impossibilitava os habitantes do local de cavarem fossos onde guardar as suas provisões. (...)» (Pradalié, 1975: 14).

217 Estas deram lugar aos «*balneários públicos*» explorados durante algumas décadas e integram o Largo do Chafariz de El-Rei e do Largo do Chafariz de Dentro (Pais *et alii* 2006: 44).

III.2. Evolução Histórica

III.2.1. Introdução

Sobre a história medieval de Lisboa muito se disse já. No âmbito da presente Tese interessa-nos sobretudo o que se tem escrito à luz das investigações arqueológicas que nas últimas décadas têm decorrido nesta cidade, com especial ênfase para os últimos dez a quinze anos, sobretudo as relativas aos espaços sepulcrais²¹⁸.

Tivemos de ter em conta, necessariamente, que no século XII, antes da conquista de Lisboa por Afonso Henriques, em 1147, a cidade de Lisboa se encontrava densamente povoada por populações de origem islâmica, assim como pelas populações judaica e cristã-muçárabe que aí se tinham igualmente instalado em períodos anteriores.

III.2.2. O período islâmico até ao século XII

O termo de Lisboa, no período islâmico, seria consideravelmente extenso, indo do castelo de Alcácer ao de Leiria e do mar ocidental até à Cidade de Évora (Oliveira, 1935: 109; Branco, 2001)²¹⁹. A extensão territorial do termo de Lisboa era desta forma bastante considerável, abrangendo cerca de 15.000 km², e tendo uma população peri-urbana a rondar os 40.000 habitantes (Torres, 2001: 74). Era, desde o século XI, uma das cidades mais ricas do *Garb Al-Andaluz*.

Na cidade propriamente dita, se adicionarmos os 15 hectares de espaço intra-muros aos dois arrabaldes da Alfama e do Ocidente, atinge-se um total de cerca de 30 hectares para a sua área urbana (Torres, 2001: 76; Silva, 2008: 78). Contando com um denso povoamento espalhado pelos subúrbios e beira-rio, não será descabido admitir uma concentração populacional a rondar as 20 ou 30.000 pessoas (Torres, 2001: 76). Um pouco longe, portanto, das sessenta mil famílias descritas por um dos cruzados que supostamente terá acompanhado a incursão e cerco à cidade de Lisboa em 1147 (Oliveira, 1935: 58, 60; Silva, 2008: 78). Por outro lado, parece igualmente ter estado longe do papel de grande importância económica e estratégico-militar que lhe é atribuída à época, pela sua localização longe dos grandes eixos comerciais (Branco, 2001: 218).

São conhecidos os limites intra e extra-muros da «Cerca Moura», a fortificação de origem romana readaptada pela população muçulmana de Lisboa ao sistema defensivo da sua

218 Nomeadamente por ocasião do Colóquio ocorrido em Lisboa em 1997- «Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos» -, comemorativo do 850º Aniversário da Reconquista de Lisboa, dava-se conta daquilo que tinha sido até então a perspectiva arqueológica sobre a ocupação medieval islâmica e medieval cristã do território citadino. In *Arqueologia Medieval*, vol. 7, 2001.

219 Na realidade, aquilo a que o autor se refere é aos limites da diocese de Lisboa, organizada depois da conquista da cidade por Afonso Henriques e pelos cruzados (Branco, 2001).

própria estrutura urbana e habitacional (Silva, 1987; Torres, 2001: 74; Matos, 2001: 79; Rei, 2001; Melo, 2009: 143). De facto, a partir dos poucos relatos de autores muçulmanos que chegaram aos nossos dias, a cidade de al-Ushbûna, Lushbûna ou Lyxbuna tinha seis portas: a principal teria sido a Al-Bâb al-Kabîr/al-Gharbî (a Porta Grande ou Ocidental, mais tarde – em período pós-Reconquista – chamada Porta Férrea ou do Ferro); a Bâb al-Khawkha (a Porta do Postigo ou da Alfafa); a Bâb al-Bahr (a Porta do Mar); a Bâb al-Hamma (a Porta das Termas ou de Alfama); a Bâb al Madîq (a Porta do Estreito ou do Furadoiro); e, finalmente, a Bâb al-Maqbara (a Porta do Cemitério ou do Sol) (Silva, 1987; Torres e Macias, 1998: 99; Rei, 2001; Faro, 2001: 102; Silva, 2008: 80; Melo, 2009: 157-158, 172-173). Seria aliás esta última que daria acesso ao ou aos cemitérios muçulmanos, o último dos quais teria tido idênticas funções até ao século XV (Rei, 2001: 39; Silva, 2008: 80).

Igualmente identificadas estão a localização da Alcáçova, com seu muralhamento próprio, ocupando o topo da colina numa área de cerca de 4 hectares e que incluía, além dos paços do alcaide ou do senhor e dependências da sua corte, as habitações de funcionários e militares naquilo que é hoje o bairro de Santa Cruz (Silva, 1988; Torres, 2001: 76; Gomes e Sequeira, 2001: 103; Melo, 2009); a Medina, a mesquita (que se encontrava nas imediações desta última) e a localização de diversos locais relacionados com actividades económicas, como as olarias (Torres Balbás, Tomo I: 173; Matos, 2001: 80; Bugalhão *et alii*, 2003; Bugalhão *et alii*, 2008).

É ainda conhecida a distribuição e localização dos arrabaldes²²⁰ (Torres, 2001: 76; Bugalhão e Folgado, 2001: 113; Bugalhão *et alii*, 2003: 143-144; Bugalhão e Martínez,

220 «Da parte do Ocidente, nas imediações da grande mesquita saía-se da Medina pela Monumental Porta Férrea e penetrava-se num outro labirinto urbano que descaía rapidamente pela encosta até ao esteiro que servia de porto de abrigo da cidade. Nos seus areais, carpinteiros e calafates construíam e reparavam embarcações. (...) Ainda da parte oriental, mas junto ao rio, uma grande torre albarrã protegia a porta da Alfama, onde se situavam as lojas dos prateiros e ourives, das sedas e brocados. Eram as alcaçarias, onde também eram cobradas as taxas alfandegárias. Aqui começava um outro e populoso arrabalde. A norte da cidade e fronteiro à Alcáçova, no actual cerro da Graça, então conhecido pelo topónimo de Almofala – do árabe almahalla que tanto pode significar acampamento como aldeamento ou bairro – não é improvável a existência de um outro arrabalde. A sua protecção estaria a cargo de uma torre atalaia erguida na colina da actual Penha de França e cujo topónimo medieval era Alvorge, ou seja, torre ou pequeno forte – *bordj* em árabe.» (Torres, 2001: 76). Por outro lado, Jacinta Bugalhão (Bugalhão e Martínez, 2005: 238) refere que, no que diz respeito à localização dos arrabaldes, «(...) é provável que o limite inferior do arrabalde ocidental se localizasse um pouco mais a Norte (as intervenções nas Ruas do Comércio e de São Julião, não revelaram a presença de contextos urbanísticos desta época). Por outro lado, aparentemente, a dimensão dos arrabaldes era superior à projectada, como o indicam os vestígios observados nas Ruas de São Mamede ao Caldas, Pedras Negras, Correeiros, Augusta e Largo das Portas do Sol. São contudo os vestígios do bairro islâmico, postos a descoberto na Praça da Figueira que constituem o melhor indicador da existência de urbanismo contínuo e intenso nesta época, numa extensão muito alargada, fora da zona muralhada (Silva, 2002). A existência de numerosas estruturas de povoamento peri-urbanas, ligadas ao aproveitamento agrícola, mas ainda em estreita ligação com a cidade encontra-se igualmente comprovada. Aqui se enquadram as características estruturas de armazenamento – silos – identificadas na cerca do Mosteiro de São Vicente de Fora, na Igreja de São Lourenço e na Encosta de Santana, associadas ou não a outro tipo de vestígios ocupacionais, como estruturas habitacionais ou viárias. Por fim, parece comprovada a extensão da cidade para além da margem nascente do esteiro da Baixa, nomeadamente pelas intervenções no Rossio e na Rua do Ouro.»

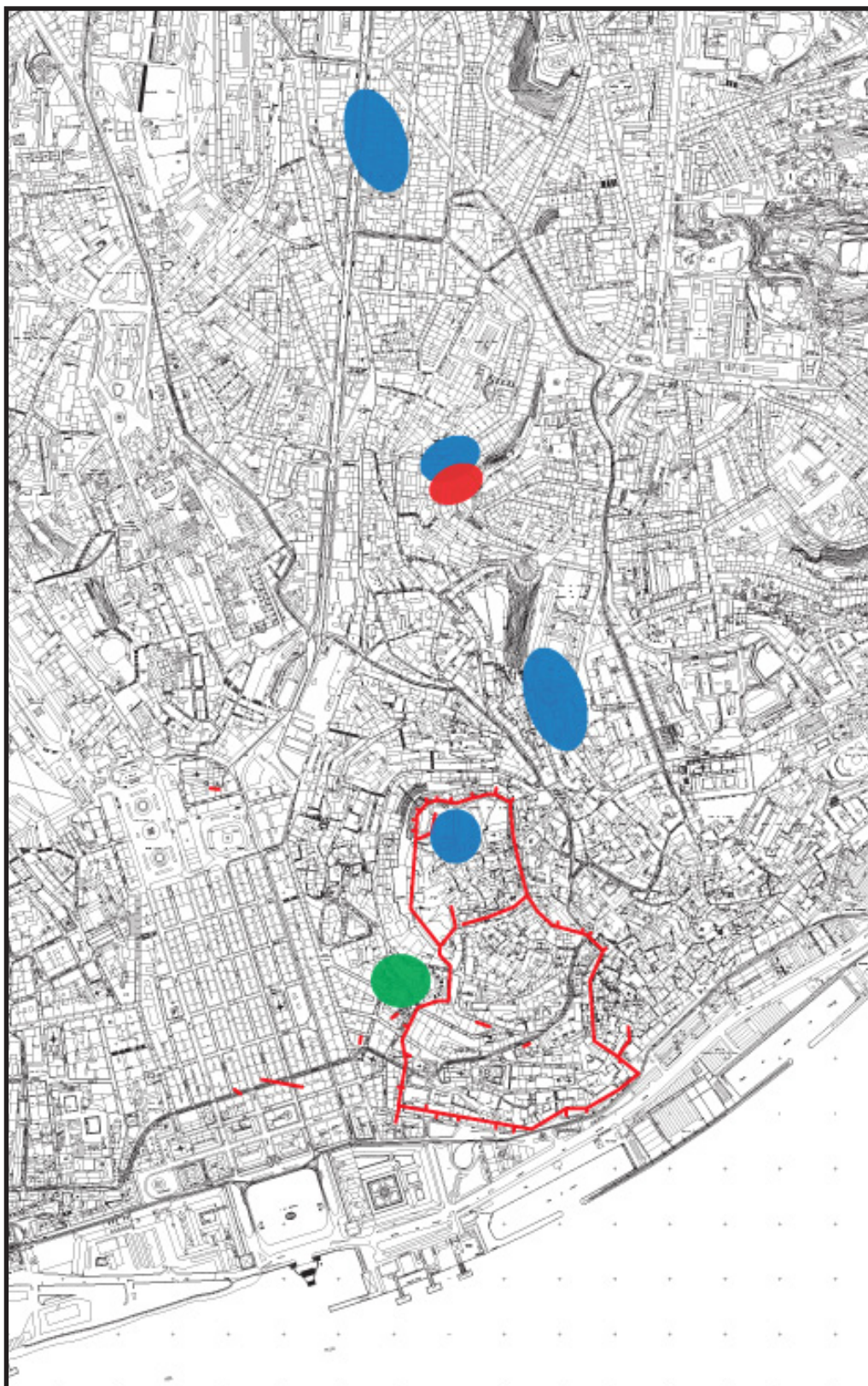


Figura 23 – Fragmento da planta de Lisboa, mostrando a implantação da Cerca Moura (segundo Oliveira, 1938) e localização possível de alguns dos cemitérios referidos supra, à época da tomada de Lisboa pelos Cruzados: a verde o cemitério moçárabe de São Mamede; a azul os cemitérios muçulmanos junto à encosta de São Vicente, à encosta da Graça, no monte do Castelo e um eventual cemitério em São Gens; finalmente, a vermelho, o cemitério judaico junto a São Gens.

2005: 237-262; Melo, 2009: 194-198), densamente povoados e de vocação ribeirinha predominante, das quais se destacam as actividades portuárias, artesanais e comerciais (Bugalhão e Folgado, 2001: 124; Calado e Leitão, 2005: 467), assim como de alguns dos cemitérios cristãos-muçárabes, muçulmanos e judaicos²²¹. O cemitério muçárabe situar-se-ia perto de São Mamede (Torres, 2001: 76)²²². Quanto aos cemitérios muçulmanos, o primeiro estaria localizado para leste nas encostas fronteiras de São Vicente e teria acesso pela Porta do Sol; o segundo cemitério situar-se-ia na encosta da Graça, a nordeste da cidade, provavelmente na zona do Forno do Tijolo (Amaro, 1998: 67; Barros, 1998: 143; Macias, 1998: 67; Rei, 2001: 39; Faro, 2001: 103; Rei, 2004: 33; Melo, 2009: 200). Existiria ainda eventualmente um terceiro na zona de São Gens (Torres, 2001: 76). Com base na descrição da tomada de Lisboa, José Augusto de Oliveira faz ainda referência a um cemitério localizado a meio do monte do Castelo²²³ (Oliveira, 1938: 129) (ver Figura 23).

Os cemitérios muçulmanos estavam organizados, normalmente e segundo a tradição muçulmana, fora de portas, no exterior das muralhas urbanas e na proximidade de caminhos; as sepulturas eram elaboradas com simplicidade, o corpo inumado e protegido com um manto branco ou sudário e colocado de lado em fossas estreitas com o rosto voltado para Meca; as sepulturas apresentavam-se cobertas por telhas ou lajes assinaladas com estelas epigrafadas

221 «Ladeando os caminhos íngremes que davam acesso à Porta da Alfafa (do Postigo), sobre um possível templo funerário paleo-cristão, mais tarde substituído pela ermida de S. Mamede, deveria localizar-se um dos cemitérios cristãos-muçárabes da cidade. Estas comunidades habitariam o sopé da colina, junto ao esteiro, numa zona confinante com a sua necrópole. (...) Para os lados de nascente, a chamada Porta do Sol, abria para o almoçar muçulmano que se estendia pelas encostas fronteiras de S. Vicente, certamente ladeando e sobrepondo-se a outras antigas necrópoles paleocristãs. (...) Nas vertentes das colinas de Almofala e de S. Gens – dada a sua persistência até finais do século XV – haveria, certamente, mais campos mortuários, um muçulmano e outro judaico. (...)» (Torres, 2001: 76). Carlos Guardado da Silva partilha da mesma opinião (Silva, 2008: 80).

222 Segundo este investigador, «(...) Três das cinco pedras que cobriam a sepultura encontravam-se trabalhadas e tinham pertencido a uma basílica paleocristã, que datamos do século VI, a partir da análise de achados vários que fomos efectuando na zona e que comprovam a localização de uma basílica nesta área. Tratava-se de duas impostas e uma tampa de sepultura. Esta última apresentava uma inscrição de que, infelizmente, se perdeu a última linha, que teria possibilitado a sua datação absoluta: DEPOSI / TIO TESSODIS / D (ie) XVI KaL (endas) / IANN (uarias) ERA [...]» (Diogo, 1993: 3). A este respeito refere ainda Manuel Luís Real: «(...) Já mais recentemente o Gabinete Técnico do Teatro Romano, escavou uma necrópole medieval – com o aproveitamento de pedras ornamentais e de uma lápide paleocristã – junto à desaparecida igreja de São Mamede e não longe, também, do local onde se situou o templo de Santa Maria de Alami. Podem tratar-se de igrejas independentes, ambas de origem paleocristã. Todavia, com os achados da Rua de São Mamede e Palácio de Penafiel, passa a ser conhecido um conjunto de materiais presumivelmente do séc. V-VII e que nada têm a ver com o estilo mais elaborado dos relevos de Chelas, da Rua dos Bacalhoeiros ou da Sé de Lisboa. (...)» (Real, 1995: 54).

223 «Alguns cruzados tinham-se concentrado num cemitério mourisco situado a meio do monte: eram os Mouros para dentro do subúrbio. Mas estes, como que envergonhados da fuga e refeitos do susto, não se sentindo perseguidos, tornam a sair e vão atacar os que estavam concentrados no cemitério. Resistem-lhes os cristãos valentemente: era excelente a posição como o demonstra o facto posterior de Sahério ter aí passado a noite de guarda ao arrabalde conquistado. (...)» (Oliveira, 1938: 127). «(...) Quanto ao cemitério de que se fala aqui não o julgo o almocávar que Júlio de Castilho coloca para os lados das Olarias e Bombarda. Não se compreende em tal ponto, aos pés do acampamento do rei, um ataque dos Mouros aos cruzados que ali se tinham concentrado nem que Sahério ali passasse a noite para guardar a conquista que nessa tarde havia feito. O cemitério deve ser outro que estava a meio do monte do Castelo.» (Oliveira, 1938: 128-129).

(Barros, 1998: 143; Macias, 1998: 117; Faro, 2001: 101).

Não obstante a identificação eventual de alguns destes cemitérios, não queremos deixar de salientar a descoberta, na alcáçova, de enterramentos numa zona contígua a uma zona residencial e próxima do local onde se presume ter existido a Mesquita. Susana Serra aponta como possível que tais sepulturas fizessem parte do panteão de uma família influente, residente intra-muros, constituindo assim uma situação pouco frequente²²⁴, embora documentada noutras cidades (Gaspar e Gomes, 1999b: 38; Serra, 2009: 40).

Quanto ao cemitério judaico, é igualmente referido por outros autores (Amaro, 1998; Rei, 2001: 39; Silva, 2008: 80; Melo, 2009: 200) e localizar-se-ia perto do cemitério muçulmano, em São Gens (Torres, 2001: 76; Silva, 2008: 80) (ver Figura 24).

A cidade muçulmana sobrepunha-se a uma outra, anterior; os seus habitantes, moçárabes, tinham sido assimilados. Desta ocupação moçárabe muito pouco nos chegou do ponto de vista arqueológico. Manuel Luís Real aponta como seguras as localizações de dois templos cristãos enquadráveis nesta época, a saber, as lápides sepulcrais encontradas em Chelas e algumas peças provenientes do largo onde existiu a antiga Igreja de São Mamede (Real, 1998: 48; Silva, 2008: 80). Quanto ao primeiro, o de Chelas, sabe-se ter existido uma basílica, dedicada a São Félix, que sofreu uma reconstrução em finais do século IX depois de aí terem sido depositadas as relíquias dos santos mártires Adrião e Natália (Real, 1998: 49; Fernandes, 2003: 1234-1235; Fernandes, 2007: 73). No tocante ao segundo, a intervenção arqueológica levada a cabo por Dias Diogo indicia-o igualmente (Diogo, 1993: 3). Manuel Luís Real, que refere as intervenções arqueológicas em São Mamede, menciona ainda a existência das igrejas de Santa Cruz do Castelo, de São Martinho, que descreve como «(...) *pobre capela... de arquitectura árabe, muito simples e tosca* (...)», e ainda a dos mártires Veríssimo, Máximo e Júlia, onde diz ter aparecido uma imposta altomedieval (Real, 1998: 49-50).

José Luís de Matos, em contrapartida, tentou localizar as moçarabias na antiga cidade islâmica, tendo definido cinco grandes implantações: duas localizadas extra-muros (precisamente as de Chelas e de Santos-o-Velho). Na última ficaria a igreja mais próxima, dedicada aos santos mártires Veríssimo, Máximo e Júlia, que se mantivera na zona actualmente ocupada por Santos, situando-se as outras três comunas na zona intra-muros (Matos, 1999: 29-34). Assim, a população moçárabe habitaria, então, em maior número a partir do século XI, na moçarabia conhecida por «Chão de Alcami» ou «Alcamim» (Real, 1998: 49-50; Matos, 1999:

224 «(...) A sua cronologia, tendo em conta o espólio encontrado na camada de abandono, deve situar-se no século XII/XIII, embora só o estudo do material poderá vir a confirmar esta datação.» (Gaspar e Gomes, 1999b: 38). A cronologia apontada em informação oral prestada pela Dr^a Alexandra Gaspar, e escrita, veiculada pelas Dr^{as} Alexandra Gaspar e Ana Gomes, a quem agradecemos, corresponderia ao período do cerco, mais exactamente à primeira metade do século XII.

29-34; Matos, 2001: 85; Fernandes, 2007: 75); esta ocupava parte do declive que vinha da alcáçova, na direcção do rio Tejo e aceder-se-ia a ele pela Porta da Alfafa. Estendia-se igualmente na direcção das igrejas de São Mamede e de Santa Justa e Santa Rufina, que integrava (Matos, 1999: 29-34; Matos, 2001: 85; Fernandes, 2007: 75; Silva, 2008: 103). A igreja, dedicada a Santa Maria de Alcamim, congregaria essa população cristã tolerada. António Rei sugere que esta designação – Alcami ou Alcamim - significaria «o caminho» (Rei, 2004: 28).

As restantes moçarabias ficavam em Santa Cruz do Castelo, a que se encontrava mais próxima do centro de poder islâmico na cidade (a alcáçova), e junto à Sé-Catedral, desenvolvendo-se na zona baixa da cidade (ainda intra-muros). Da localização desta última resultou a descoberta do maior número de vestígios materiais alto-medievais (Matos, 1999: 29-34; Fernandes, 2007: 75; Silva, 2008: 103).

Fora da área do termo de Lisboa, mais exactamente no termo de Sintra, são ainda conhecidos exemplos de moçarabias, nomeadamente em Faião-Cabrela-Currais Velhos (a Norte de Sintra), assim como é apontada para o mesmo período a abside de planta em ferradura de São Miguel de Odrinhas (Fernandes, 2007: 76).

A representatividade da comunidade moçárabe está relativamente bem demonstrada, nomeadamente através da participação de um bispo moçárabe nas negociações conducentes à rendição de Lisboa, em 1147. O mesmo prelado, até então a salvo sob a égide islâmica, viria a morrer degolado às mãos dos cavaleiros cruzados germânicos e flamengos (Real, 1995: 54-55; Fernandes, 2003: 1235; Silva, 2008: 118).

III.2.3. O período medieval cristão até ao século XV

A aparente prosperidade da cidade islâmica de al-Ushbûna, Lushbûna ou Lyxbuna cedo se tornou objecto de interesse (e porque não dizê-lo, de cobiça) para a maioria cristã que começava a instalar-se, a pouco e pouco, no Norte do País (Barbosa, 2007: 85)²²⁵. Não obstante a fertilidade das terras envolventes e a expansão das suas actividades artesanais, a avaliar pelo número de olarias no qual a cidade era pródiga, conforme o demonstram a descoberta de fornos em diversos pontos da zona baixa da cidade (Bugalhão e Folgado, 2001: 115-122), ou

225 «(...) São estes os adversários que as tropas cristãs vão ter que defrontar durante os vários meses de cerco. O circo da morte fora montado e o Rei, negociadas as condições com aqueles que vinham ajudar, deixa olímpicamente que sejam os cruzados a arcar com as «despesas» do combate e do assédio. Tinham que justificar aquilo que iriam pilhar. E não era pouco, numa cidade tão rica como a Lisboa do Islão. Este prémio estava claramente expreso no pacto que Afonso Henriques tinha assinado com os comandantes da expedição, não sem alguma resistência, sobretudo por parte dos ingleses. Foi necessário, segundo o texto, uma longa discussão e, sobretudo a intervenção de Hervey de Glanville. (...) Os flamengos, esses, adoptaram uma atitude mais razoável e conciliadora. (...)» (Barbosa, 2007: 87)

ainda a paisagem impressionante do seu estuário, o factor que os cristãos mais cobiçavam era a localização estratégica da cidade junto ao estuário do Tejo²²⁶ (Branco, 2001: 219).

O reino português, iniciado no Condado Portucalense, necessitava de estender os seus territórios para Sul, terras ocupadas pelos «mouros» e que urgia devolver à Cristandade; de facto, o território agora islâmico já fora Cristão²²⁷: a derrota dos Visigodos em Guadalete tinha-a perdido em favor dos primeiros. O papel do monarca português assumiria, assim, outras proporções, bem mais importantes, com a tomada de Lisboa²²⁸.

O avanço das hostes cristãs reconquistou diversas cidades, de entre as quais se destaca Santarém. Os seus habitantes, fugindo à guerra, aos saques e à sorte que o exército português lhes infligia, rumaram, então, a Lisboa. Foi esta a cidade que, assoberbada pelo número de refugiados, se tornou objecto de assédio por parte do rei D. Afonso Henriques, em 1147. Já anteriormente aquele monarca a tinha tentado tomar, em 1140 e em 1142, antes que a independência do Reino Português fosse reconhecida pelo Papa em 1143 através do tratado de Zamora (Pradalié, 1975: 16; Cunha e Ferreira, 1998: 25; Branco, 2001: 219), mas as empresas fracassaram devido a conflitos entre o rei português e alguns dos cruzados (Branco, 2001: 229).

A vaga de intervenções militares, que teve como princípio a Cruzada para a Terra Santa, deu um novo incentivo para reconquistar então as terras nas mãos de um inimigo (o mesmo, religioso) que se encontrava em terras muito menos distantes que a antiga Constantinopla. Foi deste entusiasmo espiritual que o rei português se serviu para obter a ajuda dos cruzados alemães, franceses²²⁹, ingleses, holandeses e italianos no cerco de Lisboa, com o beneplácito de Roma²³⁰. De facto, o Papa Eugénio III concedeu a esses cavaleiros, a pedido

226 «(...) Lisboa significaria a consolidação das conquistas dos anos anteriores, e a transição definitiva do esforço de conquista do eixo do vale do Mondego para o do vale do Tejo. (...)» (Branco, 2001: 219).

227 Seria inclusivamente esse o argumento utilizado pelo Arcebispo de Braga, D. João Peculiar, no discurso que proferiu na recepção feita aos cruzados antes da conquista de Lisboa: a existência desde há muito do culto aos mártires cristãos Veríssimo, Máxima e Júlia, assim como de uma igreja onde os mesmos seriam venerados, e que teria sido destruída pelos invasores islâmicos (Gameiro, 2007: 372).

228 «(...) Aproximava-se assim, agora a outro nível, a missão conquistadora do rei dos designios papais de expansão do território cristão.» (Branco, 2001: 219).

229 É feita referência a um cavaleiro franco, Lidel de Flandres (Branco, 2001: 223).

230 «A utilização das forças militares dos cruzados em 1147, que o rei tão pragmática e insistentemente fez questão em aliciar com a promessa do saque e de recompensas bem pouco espirituais [trata-se do repassadíssimo encontro do rei com os cruzados na entrada do Tejo, no qual só os teria persuadido a prestar auxílio na tomada de Lisboa mediante a assinatura prévia de um pacto semelhante ao que já firmara com os francos. Este passo do De Expugnatione (p. 110-112, parece evidenciar como este deveria ter sido um expediente usado com alguma frequência pelo rei (Branco, 2001: 228)], foi apenas o primeiro (bem sucedido) [Esta não foi a primeira tentativa de conquistar Lisboa, nem de para isso recorrer ao auxílio dos cruzados, como se viu (...). As tentativas mais próximas de 1140 ou 1142 tinham redundado em fracassos e, tinham terminado pela hostilização do rei com as forças dos cruzados. Para estas últimas investidas, cf. J. Mattoso, História de Portugal, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 68-77 (Branco, 2001: 229)] e uma série de outros episódios da conquista do território nos quais, quer Afonso Henriques, quer os seus sucessores integrariam nas suas hostes, sistematicamente, contingentes de cruzados. Este era,

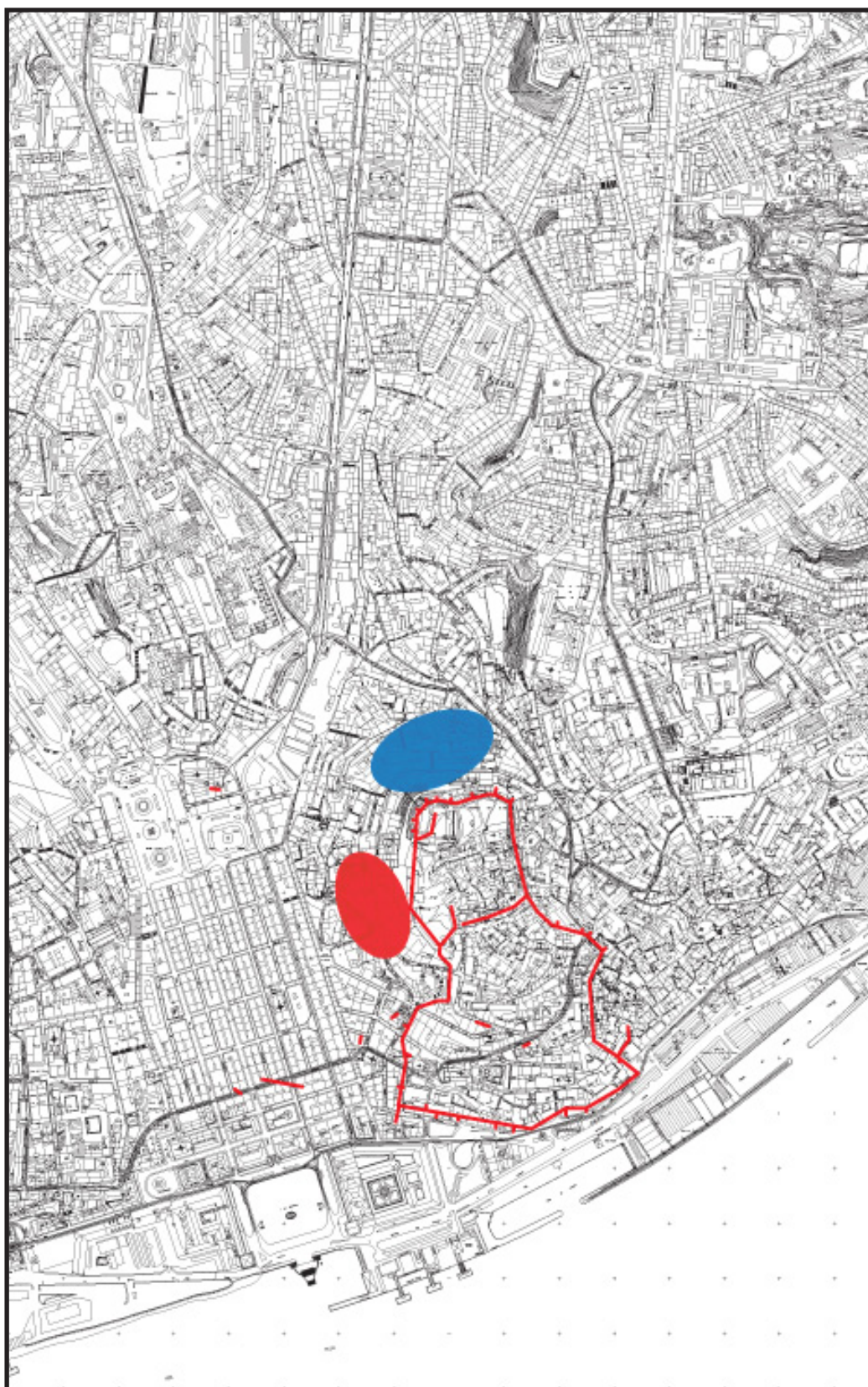


Figura 24 – Fragmento da planta de Lisboa, mostrando a implantação da Cerca Moura (segundo Oliveira, 1938) e localização possível dos acampamentos dos cavaleiros alemães e portugueses (a vermelho) e dos ingleses (a azul), na época do cerco de Lisboa.

de Afonso Henriques, a mesma isenção que teriam se fossem pelejar em terras longínquas, salientando que o faziam em prol da Cristandade (Branco, 2001: 219).

Não nos deteremos no cerco e na tomada de Lisboa, sobejamente conhecidos através das fontes escritas: as cartas de Osberto²³¹, de Raul de Glanville²³² e de Arnulfo²³³ (esta enviada ao bispo Milo, de Théroutanne), todos eles supostamente cavaleiros cruzados (Pereira, 2004: 63), que assistiram e deixaram para a posteridade a respectiva narrativa. Queremos, no entanto, focar alguns aspectos que dizem respeito directamente ao tema em estudo. Por um lado, o abandono de espaços sepulcrais; por outro, a criação de novos sítios de carácter funerário. No tocante aos primeiros, parece-nos quase óbvio que a conquista da cidade de Lisboa deixou profundamente marcada a população de origem islâmica: mortos²³⁴ ou expulsos, houve no entanto alguns que, submetidos ao ocupante cristão, optaram por ficar²³⁵; os que o fizeram tinham com frequência como ofício a produção oleira. Assim, os fornos e olarias trazidos recentemente à luz parecem evidenciar o prolongamento da sua utilização nos anos posteriores à Reconquista (Bugalhão e Folgado, 2001: 125). Outros ficaram contra sua vontade, juntando-se a eles, mais tarde, os prisioneiros dos «fossados» até meados do século XIII. Este tipo de escravatura parecia ser corrente na época (Pradalié, 1975: 83-84; Melo, 2009: 207).

sem qualquer sombra de dúvida, motivado em primeiro lugar pela escassez de gentes de guerra para prover a um esforço tão alargado e continuado como o que a expansão territorial afonsina exigia, mas não deixa de ser também significativo que, nesta altura como mais tarde, sempre se tenha procurado, nos textos narrativos como nos relatórios para Roma, evidenciar o facto de esta guerra ser em prol da fé e de o serviço dos Cruzados aqui servir Deus tão bem como se fossem à Terra Santa. E este elemento é tão óbvio no discurso de Pedro Pitões aos Cruzados em 1147 no Porto, como na narrativa da conquista de Silves em 1189 ou como no relatório dos bispos portugueses enviados a Honório III após a reconquista de Alcácer, em 1217, onde se relembra ao papa que em Latrão IV se concedera que a luta na Hispânia fosse equiparada à Cruzada na Terra Santa.» (Branco, 2001, 219-220).

- 231 Considerado alternadamente quer como signatário quer como destinatário do documento, seria, na opinião de Rodrigues Ferreira, inglês ou normando (Cunha e Ferreira, 1998: 21-22).
- 232 Pedro Barbosa considera o cruzado Raul de Glanville como o autor do mais completo relato da chegada ao estuário do Tejo da esquadra que trazia os cruzados do Norte da Europa em auxílio ao rei português (Barbosa, 2007: 84).
- 233 «(...) As cartas dos cruzados germânicos Arnulfo, Duodechino, Vinando e um outro de nacionalidade inglesa são os textos mais pormenorizados e próximos da conquista de Lisboa aos mouros. (...) Justificava-se ainda uma comparação deste grupo de textos com a narrativa do cruzado inglês para que possamos ver até que ponto o «olhar germânico» sobre os diferentes grupos presentes no exterior e no interior das muralhas da cidade de Lisboa se afasta do «olhar inglês».» (Mota, 2004: 43).
- 234 Poderá enquadrar-se neste caso a deposição de vestígios osteológicos encontrada durante a escavação do Castelo de São Jorge – Espírito Santo II: «(...) Trata-se do enterramento de um indivíduo. Este enterramento foi destruído parcialmente pela construção da estrutura II, pelo que os ossos encontravam-se muito revolidos (...), não sendo possível identificar qualquer vala ou estrutura, posição de enterramento, etc. No entanto trata-se de um enterramento anterior à estrutura II. Provavelmente do final da ocupação islâmica da cidade para os inícios do estabelecimento cristão.» (Gaspar e Gomes, 1999a: 22).
- 235 «Os mouros que não quiseram ou não puderam fugir para outras terras, continuaram a trabalhar naquela que tinha sido a sua cidade, mas em condições muito mais difíceis. Expulsos do coração da urbe, acantonaram-se no arrabalde noroeste, o mais afastado do Tejo, a grande via de comércio. Talvez no sítio onde, na Lisboa islâmica, se teria situado a moçarabia.(...)» (Barbosa, 2007: 90). As escavações arqueológicas levadas a cabo no actual edifício da Zara, junto à Rua Augusta, parecem mostrar que as estruturas habitacionais e comerciais islâmicas se mantiveram em funcionamento pelo menos até finais do século XIII (Ferreira *et alii*, 2000: 52).

A capitulação da cidade tinha sido precedida da destruição de parte dos arrabaldes mas, da fortificação que defendia Lisboa, os cruzados apenas tinham conseguido fazer ruir um dos panos de muralha²³⁶, após cinco meses de cerco (Branco, 2001: 221; Barbosa, 2007: 90). Não tinha, no entanto, sido isenta de perdas para as hostes cristãs: à semelhança do que já acontecera com a localização dos acampamentos²³⁷ ocupados por cada uma das nacionalidades (ou por conjuntos de duas nacionalidades), também os cemitérios foram organizados tendo em conta divisão semelhante.

Assim, São Vicente foi escolhido como local de sepultura dos cavaleiros alemães e portugueses²³⁸; para tanto contribuiu o culto nascente ao cavaleiro Henrique de Bona, morto com o seu escudeiro na luta contra os mouros, que passou a ser considerado mártir da fé cristã por se operarem milagres junto à sua sepultura (Oliveira, 1938: 138; Gameiro, 2001: 373; Pereira, 2004; Fontes, 2007: 262; Silva, 2008: 120). Este mesmo cavaleiro acabou por ser «instituído» como santo fundador do Mosteiro dado que, segundo a lenda, sobre a sua sepultura cresceu uma árvore frondosa (uma palma) que funcionaria como local de reunião dos cônegos de Premonté que aí se instalaram (Pereira, 2004: 61). Constituiria este, então, o lugar «*ad sanctus*» de São Vicente.

Quanto a Santa Maria dos Mártires, foi constituído como local de sepultura dos cavaleiros ingleses²³⁹ (Silva, 2008: 120).

236 «(...) E o que dizer da felonía perpetrada pelos Flamengos quando, após a rendição da cidade, e não cumprindo aquilo que tinha sido combinado entre os vários grupos, entraram pela parte derribada da muralha, em segredo, para poderem pilhar à vontade a Lisboa mourisca, enquanto os ingleses e os normandos esperavam na Porta de Ferro? (...)» (Barbosa, 2007: 90). Ao mesmo episódio faz referência José Augusto de Oliveira (Oliveira, 1938: 204-206).

237 O dos alemães e o dos portugueses localizava-se na zona do arrabalde islâmico (Matos, 2001: 85). Opinião diversa tinha apresentado José Augusto de Oliveira: colocava o do rei D. Afonso Henriques no Monte da Graça (Oliveira, 1938: 135), o dos Alemães ou Germanos a Oriente (Oliveira, 1938: 135-136) e o dos Ingleses a Ocidente (Oliveira, 1938: 136). Assim, os ingleses estariam na orla da encosta do monte do Castelo (Oliveira, 1938: 137). Contraria assim todas as teses de localização dos acampamentos nos montes de São Francisco e de São Vicente: «O que nestes montes se encontrava era os cemitérios dos cruzados e as igrejas que eles fundaram para que à sombra da cruz e junto à casa de Deus dormissem os seus mortos o sono da eternidade. Mas os cemitérios, segundo o atesta Dodequino, foram feitos – extra castra – fora dos acampamentos – longe do bulício das paixões dos homens, dos ultrajes dos inimigos. Não podiam, logo, estar aí os acampamentos. E com razão. Os mortos querem-se em paz.» (Oliveira, 1938: 137). Da mesma forma, Rodrigues Ferreira refere ainda que «(...) em S. Vicente ficaria apenas o cemitério e a enfermaria dos combatentes Teutónicos; outra coisa aliás não faria muito sentido, se nos lembrarmos que os cemitérios, como locais impuros, deveriam ficar arredados do local da habitação dos vivos e, também, por uma questão de mera estratégia, longe do acampamento dos vivos.» (Cunha e Ferreira, 1998: 17).

238 Rodrigues Ferreira, contudo, conclui do cruzamento de todos os dados transmitidos pelos vários documentos que relatam a tomada de Lisboa, nos quais inclui o *INDICULUM FOUNDATIONIS MONASTERII SANCTI VICENTII*, que em São Vicente poderão estar sepultados cruzados Ingleses, Teutónicos, Franceses, Flamengos, Portugueses e Bretões (Cunha e Ferreira, 1998: 24).

239 Seria provavelmente também aí que se instalaria o cruzado Raul, um presbítero de origem franca que, entre 1147 e 1148, partilhara as lides militares «(...) com uma intensa vida de oração num pequeno oratório, por ele construído em local isolado, onde sepultara os corpos dos cruzados ingleses entretanto falecidos. (...)» (Fontes, 2007: 261).

O primeiro acto da cidade, agora sob domínio cristão, foi a restauração da diocese na Sé acabada de conquistar. Para o efeito, o rei português rodeou-se do Arcebispo de Braga e dos quatro Bispos recém-nomeados (Porto, Coimbra, Viseu e Lamego) para a eleição de Gilberto de Hastings, cruzado inglês²⁴⁰ e tido como homem de grande cultura, como Bispo de Lisboa; no mesmo acto foram definidos os limites da diocese: esta iria desde o castelo de Alcácer do Sal até ao de Leiria e da orla ocidental até à cidade de Évora e incluiria as cidades de Sintra, Santarém e Leiria – as três acima do Tejo – e Alcácer, Palmela e Almada, todas a Sul do Tejo (Oliveira, 1938: 209; Branco, 2001: 223-224).

Foram mais tarde instauradas as paróquias de Santa Maria Maior (1148); São Tiago (1160); São Martinho²⁴¹ (1162); Santa Maria Madalena (1164); Santa Cruz do Castelo, São Bartolomeu e São Jorge (1168); Santo Estevão e Santa Justa²⁴² (1173); São Pedro (1175); São João da Praça (1178); e São Miguel (1180) (Pradalié, 1955: 38-40, 143; Branco, 2001: 232). Em 1191 contavam-se, assim nove freguesias, sete das quais intra-muros (Coelho, 2001: 238).

Num segundo momento, o monarca português decidiu levar a cabo as promessas que fizera antes do cerco: a reconstrução da primitiva igreja dos Santos Mártires, destruída pelos mouros após a invasão (Cunha e Ferreira, 1998: 29; Gameiro, 2007: 373); e a construção de dois conventos, um em São Vicente²⁴³, em finais do século XII, e o de Santa Maria dos Mártires (Cunha e Ferreira, 1998: 29).

240 Maria João Branco refere ainda que, à semelhança do que aconteceu com Gilberto de Hastings, as dignidades foram todas concedidas a estrangeiros (cujos nomes, conhecidos, são Roberto, Bartolomeu, Mateus, Adam, Durandus ou Menelaus), argumentando que, dos dezoito cónegos constantes no documento que refere a criação das paróquias dependentes da Sé de Lisboa, quatro são indiscutivelmente ingleses ou francos (aponta os nomes de Bal, de Kent, de Douai ou de Rumenel); outros quatro são inegavelmente portugueses; alguns poderiam ser de qualquer uma das três nacionalidades; finalmente, restavam ainda os nomes pouco usuais na antroponímia portuguesa da época, como Odorius, Nicolaus, Gualterius ou Rosandus (Branco, 2001: 224). Não esqueçamos Raul, um presbítero franco que acompanhou os cruzados e que fundou em Santa Cruz do Castelo o seu *heremiterium tabernaculum*; neste criou um cemitério no qual sepultava os *anglici*, assim como os inúmeros nomes de francos e ingleses associados aos cargos de clérigos, presbíteros, cónegos ou regantes ou cujos nomes surgem referidos em documentos de venda, compra ou de aforamentos (Branco, 2001: 224, 232). Para António Borges Coelho, esta eleição fazia o território político coincidir, por um acto de vontade, com o território religioso (Coelho, 2001: 236). Estrangeiros eram também os frades Eremitas Agostinhos, que vieram substituir os monges de Prémonté no Convento de São Vicente: estes eram flamengos (Silva, 2008: 127). De referir ainda os franciscanos italianos chegados em 1217 e a implantação da primeira pedra do Convento dos Dominicanos por Fouques de Cailles, bispo francês de Riez em Provence (Silva, 2008: 296).

241 «A igreja de S. Martinho ocupava a única porta existente na imensa arriba que divide a zona aristocrática da área baixa da Cerca. S. Martinho, patrono dos cristãos do centro da Europa, congregava certamente alguns dos grupos de vencedores vindos das costas do norte da Europa, mas não todos (...)» (Matos, 2001: 83).

242 «(...) Santa Justa e Rufina foi uma das primeiras freguesias fundadas em Lisboa após a Reconquista e localiza-se no porto fluvial que servia as antigas igrejas de Santa Maria de Alcamim e S. Mamede, situadas acima na (en)Costa do Castelo. As duas santas são de origem sevilhana e patronas de oleiros. Vêm do sul moçárabe e apadrinharam provavelmente as olarias, aparentemente muçulmanas, que os arqueólogos têm descoberto na zona baixa da Cidade.» (Matos, 2001: 85).

243 Odília Gameiro cita Aires do Nascimento (A. Nascimento e S. Gomes, *S. Vicente de Lisboa e seus milagres medievais*: 11) relativamente ao culto de S. Vicente, que segundo ele se tornou, no século XII, no «(...) símbolo da identidade da nova comunidade lisboeta saída da reconquista, o que facilmente terá sido compreendido pelas várias esferas do poder da cidade, intervenientes activos na trasladação das relíquias do Santo, depositadas, por

A seguir à conquista da cidade, havia que alojar as comunidades que tinham permanecido²⁴⁴ (Coelho, 2001: 235): a Judiaria aparece então referida a partir de 1175, situando-se junto à freguesia da Madalena (Pradalié, 1975: 79; Melo, 2009: 209); um pouco antes, em 1170, é concedido um foral aos mouros forros²⁴⁵, que se tinham conservado em Alfama e na Mouraria²⁴⁶ (Pradalié, 1975: 81-83; Marques, 1988b: 97; Branco, 2001: 224; Matos, 2001: 83; Melo, 2009: 208). A Mouraria adossava-se à muralha da Alcáçova, no cimo da colina do Castelo²⁴⁷ (Coelho, 2001: 239; Faro, 2001: 102). De acordo com Catarina Faro, o almocávar encontrava-se fora de portas, na encosta de Santa Maria da Graça (Faro, 2001: 203).

Maria João Branco relembra ainda o impressionante número de francos, ingleses e outros estrangeiros que se radicaram em Lisboa ou nos arredores: estes foram agraciados

decisão régia, na Sé, o centro religioso da cidade.» (Gameiro, 2007: 384).

244 «(...) Mas uma parte substancial dos vencidos persistiu na sua fé e vieram viver para o espaço onde hoje nos encontramos. Uma Crónica do Mosteiro de S. Vicente confirma à sua maneira isto mesmo: «mataram na entrada tantas campanhas de mouros que os rios de sangue corriam pelas praças ... ficaram uns poucos ... e eram cavaleiros e pediram por mercê a el-rei que os não mandasse matar e que lhes desse um lugar apartado em que podessem lavrar e criar e que ficassem por seus servos para sempre». Para lá da hipóbole do sangue que corre pelas praças e do peso da palavra servo, contraditada pelo foral dos Mouros Forros de 1170, o cronista vem justificar indirectamente a aceitação por parte do vencedor da religião dos vencidos. (...)» (Coelho, 2001: 235).

245 Os mouros forros pagavam, ainda assim, impostos e outros tributos (Pradalié, 1975: 82-83). Estranhamente não aparece qualquer referência a uma comunidade persistente de moçárabes, excepto no tocante ao episódio do assassinato do bispo moçárabe, que já referimos supra, e que em *De Expugnatione* aparece referido como «*episcopum civitatis antiquissimum*» (*De Expugnatione*: 176, referido in Branco, 2001: 223) o que leva Maria João Branco a interrogar-se: «Este passo, e os episódios que o relator da conquista a seguir narra, foram vistos por Herculano, *História de Portugal*, pp. 525-526, como tendo por protagonistas moçárabes da cidade. A comunidade de mouros que o cruzado descreve como atacados pela peste e redimidos pela morte e conversão milagrosa, porque, segundo ele, chamavam pela Virgem Maria quando morriam (*De Expugnatione*, pp. 180-182) tem sido aceite, desde Herculano, como a referência aos moçárabes, aceitando com facilidade, que o cruzado ignorava o que seria um moçárabe... Parece-me difícil de aceitar, não que um cruzado desconhecesse a realidade moçárabe, o que me parece evidente, mas que este cruzado, alguém que acabara de passar cinco meses face a uma cidade muçulmana, que estivera de tal forma próximo dos centros decisores a ponto de entrar na cidade a parlamentar com os responsáveis muçulmanos, que reflecte, com sabedoria, no seu texto, o discurso e a filosofia árabe, e a quem foi dado acesso à documentação portuguesa, durante a sua redacção do relato, pudesse ignorar o que era uma comunidade moçárabe. O que me parece de questionar são, antes, as razões do silêncio que faz sobre os moçárabes, bem como a sua afirmação de que Lisboa era um local onde não havia culto obrigatório, sendo cada um a sua própria lei (*De Expugnatione*, p. 94). Essa é tomada por ele como a razão de Lisboa ser tão populosa e de albergar todos os vícios, pela mistura de gentes e modos que proporcionava, e do que ele chama a confluência de tudo o que é mais imundo. Haveria uma censura implícita sobre o papel dos moçárabes em qualquer cidade ocupada pelo Islão, ou seria o seu laconismo motivado por algum papel menos claro que estes moçárabes tivessem tomado durante esta conquista? É sabido que as comunidades moçárabes desempenharam diferentes papéis nas conquistas cristãs do mundo islâmico e como de colaborantes a inimigas, podiam, conforme as conjunturas, agir. Porque não supor antes algum problema com estas gentes, que determinaram uma omissão tão flagrante neste relato e um castigo tão exemplar?» (Branco, 2001: 231). Por outro lado, e relativamente aos moçárabes que chamavam pela Virgem, ao contrário da tese veiculada por José Augusto de Oliveira (Oliveira, 1938: 208), António Borges Coelho defende que seriam antes muçulmanos de conversão não muito antiga, que falavam árabe «(...) e que partilhavam ou pelo menos usavam expressões de língua galaico-portuguesa. (...)» (Coelho, 2001: 235).

246 Segundo Oliveira Marques, o exame da primitiva Mouraria de Lisboa permitia concluir que não fora grande o número de muçulmanos a permanecer na cidade (Marques, 1988b: 99).

247 Em 1366 a população moura ocupava uma parcela bastante significativa no vale que se situava entre as colinas do Castelo, da Graça e de São Gens (Faro, 2001: 102).

com privilégios especiais pelo seu papel enquanto povoadores leigos e enquanto eclesiásticos, por integrarem as instituições religiosas. A autora salienta que este facto parece corroborar a afirmação de que Afonso Henriques cumpriu as promessas assinadas nos pactos com os cruzados que o auxiliaram na conquista da cidade (Branco, 2001: 224). De acordo com José Luís de Matos, os ingleses congregaram-se certamente em torno da Igreja de São Jorge (que desapareceu no século XVIII) e do bispo inglês, Gilberto de Hastings, que ficou na Sé e, logo, não muito longe do patrono da população anglo-saxã (Matos, 2001: 83).

À cidade acorreriam também cavaleiros portugueses e gente do norte, que se juntaram aos cruzados estrangeiros e aos mouros. A maioria provinha muito certamente da região de Coimbra e de Santarém, segundo Carlos Guardado da Silva (Silva, 2008: 132).

Lisboa assumiria, assim, cada vez mais um papel predominante em relação a outras cidades. Para tal concorreu a recolha dos restos mortais de São Vicente na Sé de Lisboa, transformando-a num espaço importante de peregrinação²⁴⁸ (Coelho, 2001: 236). O mesmo acontece com a recepção do foral, cuja concessão permitiu ao rei português o acesso ao exército de origens vilãs (Coelho, 2001: 237), constituído por todos aqueles que a cidade então acolhia (Silva, 2008: 132).

Nos reinados seguintes, nomeadamente com D. Dinis, a cidade lisboeta beneficia do favor real: o rei reedifica o Paço da Alcáçova; aí estabelece o Estudo Geral; ordenou a edificação da Rua Nova; e, finalmente, foi no termo de Lisboa que se fez enterrar (em São Dinis de Odivelas, ver p. 179). D. Afonso IV, à semelhança do seu pai, optou por ser sepultado em Lisboa, na Sé Catedral, onde se encontrava também a capela instituída por um dos mercadores mais influentes da cidade, Bartolomeu Joanes, que aí se fez inumar igualmente (ver p. 125) (Coelho, 2001: 237-238).

Em finais do século XIII, Lisboa possuía catorze igrejas²⁴⁹, e um número considerável de conventos: São Francisco (no alto da colina com o mesmo nome), São Domingos (que dominava o Largo do Rossio), Santo Elói (no chamado «morro velho»), o Paço a par de São Martinho e o Convento dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que se aproximava já dos limites da cidade. No seu termo existiam ainda os conventos de Santos (da Ordem de Santiago), o de Chelas, o de Santa Clara e o de São Dinis de Odivelas (Coelho, 2001: 239). No mesmo período, Lisboa veria aumentar de 10 para 23 o número de paróquias que englobava

248 «(...) Em 1173, a recolha dos chamados restos mortais de S. Vicente, transportados do cabo extremo do sudoeste para a Sé de Lisboa, constituem um primeiro e ténue sinal de despertar. D. Afonso Henriques e os outros dirigentes faziam da cidade um local de peregrinação, dotando-a dum precioso capital religioso e político.» (Coelho, 2001: 236-237).

249 São Tomé em 1207, Santo André em 1211 e São Lourenço em 1220 (Farelo, 2006: 271). Existem ainda referências, por exemplo, a que junto a Santa Maria dos Mártires se encontra atestada a presença em 1217, de um recluso voluntário, que era conhecido por «Donno Pedro incluso» (Fontes, 2007: 262).

(Marques, 1988a: 83-84; Silva, 2008: 120, 206-207). Em finais do século XV, contar-se-iam pelo menos 30 paróquias (Marques, 1988a:84). Mário Farelo, na sequência de José Luís de Matos, no estudo que faz do direito de padroado na Lisboa medieval, sugere uma nova linha de estudo muito interessante: o espaço da cidade não constituiria uma unidade, mas o conjunto de vários pequenos núcleos, cada um com a sua identidade, e correspondendo ao estabelecimento de comunidades provenientes de zonas geográficas diferentes. Definida por hagiotopónimos diferenciados, a paróquia surgia assim como um elemento de delimitação geográfico comum, congregando em seu redor os membros de uma comunidade com a mesma origem geográfica²⁵⁰ (Farelo, 2006: 273).

A cidade pós-Reconquista foi alvo de repetidos ataques, perpetrados quer pelos exércitos muçulmanos quer por piratas provenientes de Alcácer do Sal (Pradalié, 1975: 40; Marques, 1988a: 81; Sucena, 2001: 46; Melo, 2009: 213). Ainda assim, e durante o reinado de Afonso III, tornou-se notório o desenvolvimento intenso da ocupação do território, com a expansão da cidade para a zona ocidental. Segundo Pradalié, o Norte e a zona ocidental das muralhas era ocupada por cristãos, moçárabes, conversos e judeus (Pradalié, 1975: 40; Melo, 2009: 213). Lisboa só ficaria definitivamente livre de perigo das investidas muçulmanas depois das campanhas de 1249-1250, sob as ordens de Afonso III, com a expulsão dos Almóadas do Algarve (Sucena, 2001: 46). O monarca decidiu então, ampliar e reforçar as muralhas, tirando partido da ainda existente «Cerca Moura» (as muralhas muçulmanas) e estendendo-as para abarcar o arrabalde que tinha sido destruído pela intervenção dos cruzados em 1147 (Marques, 1988a: 81; Sucena, 2001: 46)

De acordo com José Custódio Vieira da Silva (Silva, 2006), existiram três momentos fundamentais na história da cidade e da sua estruturação urbana, em especial até ao final do século XV: o primeiro nos reinados de D. Dinis (1261-1325) e de D. Fernando (1345-1383); o segundo durante o tempo de D. João I (1357-1433) e que se estendeu até à regência de D. Pedro (1392-1449); e, finalmente, o terceiro momento teria lugar sob as acções de D. João II (1445-1495) e de D. Manuel (Silva, 2006: 36, 39).

Num **primeiro momento**, a cidade apresentava à época um espaço urbano marcado pelo novo muro da Ribeira, mandado construir por D. Dinis (Martins, 2001: 80; Silva, 2008: 173-179), pelas torres das igrejas e dos conventos que referimos, assim como pelo enorme volume da Sé, que ostentava as duas torres fronteiras e, recuada, a torre lanterna (Coelho, 2001: 239). Até aí a Baixa era marcada pela grande massa que representava o convento e

250 O autor refere que «(...) nesta perspectiva, o espaço intra-muros surge sociologicamente diferenciado. A setentrão, a alcáçova e os seus espaços subjacentes acomodaram a hierarquia militar e as estruturas administrativas de apoio, enquanto a zona meridional da cidade foi ocupada pela hierarquia eclesiástica, organizada em torno da Sé. Entre os dois espaços referidos, os hagiotopónimos das paróquias aí situadas perspectivam a fixação de elementos cruzados oriundos da Cristandade central e do espaço anglo-saxão.» (Farelo, 2006: 273).

restante complexo monástico de São Francisco, a partir de cerca de 1240, o qual se instalara na colina fronteira ao castelo (Silva, 2006: 39). Foi ainda durante o seu reinado que D. Dinis instaurou a primeira universidade em Lisboa, em 1290 (Marques, 1988a: 82).

A zona da Baixa sofreria uma melhoria considerável do ponto de vista da fortificação que a envolvia no reinado de D. Fernando; o ataque a Lisboa pelos Castelhanos em duas ocasiões acelerou a iniciativa. Assim, a construção da Cerca Fernandina, entre 1373 e 1375, sobrepor-se-ia à maioria dos vestígios da Cerca Afonsina, deixando apenas aqui e ali alguns elementos que permitem identificá-la (Martins, 2001: 82-84; Marques, 1988a: 82; Sucena, 2001: 47; Silva, 2008: 179-201) e abrangeria as novas zonas urbanas, anteriormente ocupadas pelos arrabaldes (Silva, 2006: 40). Por outro lado, a Peste Negra de 1348-1349 afrouxou consideravelmente o ritmo de crescimento, provocando uma mortalidade muito elevada (Marques, 1988a: 82). Mostrou-se particularmente gravosa nos meios monásticos, tanto quanto nos espaços urbanos, onde o contacto humano facilitava o contágio (Barroca, 2003: 1160-1161). A este período conturbado da história da cidade parece corresponder o enterramento descoberto em São Vicente de Fora (sep. 46, ver Apêndice C, p. 420).

Não deve ser esquecido, igualmente, que o período de guerras com Castela, nomeadamente o cerco de Lisboa de 1384, teve graves consequências para a população. Após um quadro de crises frumentárias, agravadas pela confiscação de géneros, pelas pilhagens e pela diminuição de mão-de-obra agrícola, com o desvio de grande parte da população masculina para os exércitos e a falta de bens essenciais, a fome subiu ainda mais a taxa de mortalidade. Para esta também contribuiu o número de mortes causadas pelos combates (Martins, 2001: 95).

O **segundo momento** importante na história da cidade e da estruturação do seu urbanismo surge no reinado de D. João I, que sucedera a D. Fernando. Aquele monarca, talvez porque Lisboa fora a primeira cidade a apoiá-lo na sua ascensão ao trono, mandou abrir a Rua Nova d'ElRei, perpendicular ao rio Tejo. Pretendia com esta medida impor alguma ordem no caos que se instalara na Baixa lisboeta do ponto de vista urbanístico. Obrigava assim os ofícios, ou mesteres, a organizarem-se ao longo daquela artéria, e ligava a Ribeira ao Rossio, já marcado pela construção, em 1240, do convento de São Domingos (Silva, 2006: 40). Tal facto será acentuado ainda pela edificação do Convento do Carmo. O infante D. Pedro ordenaria ainda, durante a sua regência, a construção do Paço dos Estaus²⁵¹. A imagem urbana

251 Miguel Gomes Martins aponta a hipótese de as intervenções de reparação sobre as muralhas, torres e barbacãs dos reinados de D. Dinis, D. Fernando, D. João I e até mesmo D. Pedro serem a resposta não apenas à sua degradação (como no caso da queda de um troço da cerca moura, em 1296), mas igualmente aos desgastes provocados pelos terramotos que se verificaram desde o início do século XIV, a saber, de 1331, 1337, 1344, 1356 e 1366 (Martins, 2001: 158). Teria sido essa uma das razões possíveis para as intervenções do infante D. Pedro.

de Lisboa ficaria desta forma intrinsecamente marcada pelos grandes edifícios monásticos, religiosos e administrativos (Silva, 2006: 40-41).

Por fim, o **terceiro** e último **momento** inicia-se com D. João II e com a construção do Hospital de Todos-os-Santos (que seguia um programa inovador e cujo conjunto grandioso completava pelo lado Nascente o Rossio) e finaliza com a ocupação dos novos Paços da Ribeira em detrimento dos velhos Paços da Alcáçova no início do século XVI, durante o reinado de D. Manuel. A Ribeira tinha já adquirido uma nova expressão, nomeadamente com a construção da Casa de Ceuta, em 1434, e assumira-se como novo centro organizador de todo o tráfico ultramarino (Silva, 2006: 41).

Por fim, Oliveira Marques refere a persistência do almocávar localizado à saída da Mouraria em 1503 (Marques, 1988b: 105).

III.2.4. Síntese

A cidade de al-Ushbûna, Lushbûna ou Lyxbuna islâmica fora constituída sobre uma pré-existência de origem visigótica e de religião paleocristã. A implantação destas moçarabias começa pouco a pouco a ser conhecida através da evidência arqueológica, com maior incidência nos últimos vinte anos.

Absorvida e mais ou menos tolerada, essa população viveria em tempo da ocupação islâmica da mesma forma que os seus ocupantes viveriam sob a ocupação cristã de Lisboa.

A cidade islâmica, bem organizada, rica em recursos naturais e em mesteres, localizada estrategicamente no estuário do Tejo, não teria certamente a dimensão nem a importância que nos chega através da documentação coeva. São conhecidas as localizações dos seus arrabaldes; da alcáçova; das mesquitas; dos cemitérios; das olarias e dos locais de armazenamento. Para o recém-chegado de outras paragens, de origem nórdica ou germânica, a Lyxbuna islâmica – construída como todas as outras cidades do mediterrâneo – parecia ferver de vida, de riqueza, de prosperidade.

Parece ter sido a fantasia das descrições, associada às ambições políticas e territoriais de D. Afonso Henriques, que motivou o cerco a Lisboa. O rei português, recém-empossado, atraiu para a sua causa cavaleiros cruzados que tinham como destino a Terra Santa: alemães, flamengos, italianos, ingleses, franceses (francos e bretões) juntaram-se-lhe com a promessa de saques, de terras e da mesma isenção papal que a luta em Jerusalém.

Tomada a cidade, que regurgitava de refugiados fugidos de Santarém, conquistada

pelos cristãos pouco antes, foi a vez de os ocupantes passarem a ocupados: mortos uns, expulsos outros, tolerados os que decidiram ficar. Estes manteriam os seus mesteres, mas seriam relegados para fora das muralhas, pagando um imposto especial. Os mouros forros seriam contemplados por D. Afonso Henriques na carta de foral, concedida na mesma época que as de Santarém e de Coimbra.

A instalação da população cristã na cidade sobrepôs-se à islâmica: a alcáçova passou a centro de poder; as mesquitas foram substituídas pelas novas igrejas; a organização eclesiástica do território em paróquias atraiu para pólos específicos, eventualmente hagiotoponímicos, os fragmentos de população que vinham desta ou daquela origem. Mantiveram-se, contudo, os mesteres: as olarias islâmicas persistiram em Lisboa até bem tarde. Organizaram-se novos locais de enterramento, logo desde o primeiro momento, em torno de locais santificados pelas relíquias dos mártires da conquista: São Vicente e os Mártires. Outros se lhe seguiram, dentro e fora das igrejas.

As constantes ameaças desencadearam a necessidade de melhorar as muralhas que defendiam o burgo: primeiro as Afonsinas, depois as Dionisinas, finalmente as Fernandinas. Cada um dos reis responsáveis pelos empreendimentos tentou deixar a sua marca. A cidade expandia-se, crescia, reorganizava-se: a ligação do Rio ao Rossio de D. João I iria revelar-se um dos eixos primordiais de vida económica. Esse papel seria acentuado pela construção de novos edifícios como o Hospital de Todos-os-Santos, com a sua visão de modernidade, e o grande Convento do Carmo. Depois com a edificação do Paço dos Estaus, a Casa da Índia, os Paços da Ribeira.

É este regresso ao rio que permitirá a Lisboa tornar-se o grande pólo de comércio e de intercâmbio de culturas a partir do século XVI.

CAPÍTULO IV – RESULTADO DAS SONDAGENS/ESCAVAÇÕES REALIZADAS: TERMOS DE LISBOA, ODIVELAS E SINTRA

IV.1. Resultados das sondagens/escavações já realizadas no termo de Lisboa

As intervenções arqueológicas efectuadas, como referimos na introdução a esta Dissertação, que puseram a descoberto contextos funerários não se esgotam nos exemplos que escolhemos. Assim, optámos por dois tipos de sítios: os que apresentavam contextos arqueológicos de carácter funerário (como nos casos do Convento do Carmo, do Convento de São Vicente de Fora, a Igreja de São Martinho, a Igreja de São Lourenço ou o Convento do Espírito Santo da Pedreira) e os sítios para os quais, não existindo aquela informação (como a Igreja de São Cristóvão, o Convento de São Salvador, a Igreja de São Francisco ou ainda a Praça da Figueira) ou para os quais os elementos não são utilizáveis do ponto de vista da comparação de dados, foram contudo efectuados trabalhos de compilação de inscrições funerárias. Em alguns dos casos ambos coincidem.

Deixámos de lado informações sobre outras intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Lisboa e no seu termo, quer por se tratar de situações pontuais, quer por se enquadrarem fora do contexto do presente trabalho. Não queremos, contudo, deixar de lhes fazer referência, dado que trabalhos posteriores sobre os mesmos sítios e sobre o mesmo tema terão necessariamente de tê-los em conta para uma visão de conjunto da arqueologia funerária nesta cidade.

No primeiro caso podemos apontar os exemplos da Igreja do Santíssimo Sacramen-

to²⁵², da Rua de São Mamede ao Caldas²⁵³, do Castelo de São Jorge (Espírito Santo II²⁵⁴, Praça

-
- 252 Numa intervenção de salvamento, a cargo de Adolfo Martins (CNS 3503), apareceram em 1990 vestígios osteológicos no pátio da igreja, constituídos por dois esqueletos sobre fragmentos de telha e de tijoleira. Não existe no IGESPAR o respectivo relatório, embora exista referência de que o mesmo foi entregue em 1992.
- 253 Em 1993, foi efectuada por António Dias Diogo (CNS16063) «(...) a escavação e registo de escavação e registo de uma sepultura medieval descoberta durante a abertura de uma sala para a implantação de cabos telefónicos para a futura sede do Ministério das Obras Públicas. Inumação em covacho, com vestígios de ter sido utilizado um caixão. O tampo da sepultura encontrava-se a uma profundidade média de cerca de 1m face ao pavimento actual da rua e era constituído por cinco pedras dispostas transversalmente, sendo três delas trabalhadas e provenientes de uma basílica paleocristã de Lisboa. O esqueleto, ainda em estudo, pertencia a um indivíduo caucasóide de cerca de quarenta anos de idade. O cadáver havia sido depositado com a cabeça para ocidente e os pés para oriente, a sua mão esquerda – a única sobrevivente à abertura da vala [o seu lado sul foi destruído] – encontrava-se sobre a zona pélvica. O fundo da sepultura encontrava-se à profundidade média de 1,5m. (...) Três das cinco pedras que cobriam a sepultura encontravam-se trabalhadas e tinham pertencido a uma basílica paleocristã, que datamos do século VI, a partir da análise de achados vários que fomos efectuando na zona e que comprovam a localização de uma basílica nesta área. Tratava-se de duas impostas e uma tampa de sepultura. Esta última apresentava uma inscrição de que, infelizmente, se perdeu a última linha, que teria possibilitado a sua datação absoluta: DEPOSI / TIO TESSODIS / D (ie) XVI KaL (endas) / IANN (uarias) ERA [...]. Por fim, uma questão que se coloca é a da datação da sepultura. Trata-se de um enterramento cristão, que deverá ter sido efectuado no adro de uma igreja e em que foram reutilizados materiais líticos provenientes da destruição de uma basílica paleocristã. Sabemos que no local onde encontrámos a sepultura existia a antiga igreja de S. Mamede, destruída pelo terramoto de 1755, e possivelmente edificada em 1220, data que é coerente com as características destes enterramentos, devendo ele ser datado da primeira metade do século XII.» (Diogo, 1993: 2-3).
- 254 Escavações arqueológicas conduzidas por Alexandra Gaspar e Ana Gomes (CNS 13308), e que em 1997 trouxeram à luz o enterramento de um indivíduo (Sondagem 2), parcialmente destruído por uma estrutura, o que provocou o revolvimento dos vestígios osteológicos. Tal facto impediu a identificação de vala ou estrutura de enterramento, assim como a posição do mesmo. Através do contexto em que se encontrava e da datação aproximada da estrutura que se lhe sobrepõe (por volta do século XIV), o enterramento foi datado do final da ocupação islâmica da cidade para os inícios do estabelecimento cristão. O espólio apresenta-se igualmente escasso e pouco característico, permitindo integrar-se no mesmo período cronológico anterior aos séculos XII e XIV (Gaspar e Gomes, 1999a; complemento do relatório em 1999).

Nova²⁵⁵ e Palácio das Cozinhas²⁵⁶), da Rua dos Douradores²⁵⁷ e da Escola Secundária D. João de Castro²⁵⁸.

Quanto ao segundo, correspondentes a datações dos enterramentos postos a descoberto e atribuídos a período histórico posterior ao século XV, podemos citar as intervenções

-
- 255 Durante as intervenções arqueológicas conduzidas por Alexandra Gaspar e Ana Gomes (CNS 1101), efectuadas em 1997, foram descobertos (à cota -3,39m e -3,40m) dois enterramentos, «(...) depositados lado a lado, e com o crânio orientado a Oeste (...)» (Gaspar e Gomes, 1999b: 31). A cronologia apontada, tendo em conta o estudo do material encontrado na camada de abandono, foi situada nos séculos XII-XIII. As arqueólogas concluem que «(...) Os enterramentos poderão ser um caso esporádico ou fazer parte de uma zona de enterramentos embora seja necessário alargar a escavação para se poder verificar ou não a extensão destas estruturas (...)» (Gaspar e Gomes, 1999b: 38). Em documento posterior, datado de Outubro de 2009 (Informação n.º 271, de 21.10.2009) refere-se a existência de material osteológico humano, em área «(...) Junto ao limite oeste da área a musealizar, num local para o qual está prevista a construção de uma rampa de acesso, a execução do desentulhamento de uma vala do século XIX e a desmontagem de uma banquetta anexa colocou à vista restos osteológicos humanos. Segundo os arqueólogos responsáveis, esta área não sugeria a presença de contextos funerários. Sendo salientado que os enterramentos mais próximos foram identificados em anteriores trabalhos, a cerca de 15 metros para Este. Face à obrigatoriedade legal da intervenção, nestes contextos, exigir a colaboração de especialistas em antropologia física, a exumação do primeiro esqueleto (uma sepultura infantil) foi da responsabilidade da Dr.ª Rita Salomé, antropóloga cedida pelo Museu da Cidade de Lisboa. Contudo, a presença visível de, pelo menos, mais dois contextos afectados, exige a sua escavação integral, ainda que, por alteração do projecto, se desista da construção da referida rampa desse local.». A informação é assinada por Ana Martins e José Correia.
- 256 Não obstante todos os nossos esforços, não nos foi possível consultar este processo (CNS 13306), aparentemente uma outra frente de trabalho simultânea no Castelo de São Jorge e igualmente da responsabilidade das mesmas investigadoras (Alexandra Gaspar e Ana Gomes). Contudo, obtivemos a referência, na Base de Dados Endovélico (IGESPAR), de uma inumação enquadrável no período islâmico, imediatamente depositada sobre o substrato geológico.
- 257 Num contexto de intervenção arqueológica de emergência da responsabilidade de Rodrigo Banha da Silva (CNS13050) provocada pela abertura de valas para renovação das canalizações de gás na Rua dos Douradores e que revelou a presença de uma necrópole de cronologia tardo-romana ou alto-medieval, localizada no cruzamento da Rua dos Douradores com a Rua de São Nicolau (Silva, 1999: 37-38; 39-40, 52; Sepúlveda *et alii*, 2003: 402-404).
- 258 Durante a abertura de uma vala para instalação de uma rede de gás, em 2000, foram descobertos abundantes fragmentos ósseos. Foi então desencadeada uma intervenção de salvamento (CNS 14390), cuja responsável, Maria Jacinta Bugalhão, constatou que «(...) não se tratava de sepulturas organizadas, embora existissem conexões anatómicas, que os ossos se encontravam em bom estado de conservação e que eram visíveis vestígios de cal junto das ossadas. Verificava-se a presença de vários esqueletos em posições heterogéneas, nem sempre em extensão. Este contexto parecia estender-se para Sul e para Leste. Foram enviadas amostras para datação por C14, no ITN, tendo-se obtido uma data para 1 sigma de 1400-1436 cal. AD e para 2 sigma de 1309-1355 cal. AD e 1384-1449 cal. AD. Poderá tratar-se de uma área de enterramento colectiva, em vala comum, de um grupo de indivíduos com estatuto socioeconómico baixo, justificando assim o procedimento funerário adoptado. O motivo das mortes deverá ser de carácter colectivo (possivelmente doença epidémica; ou talvez um naufrágio), explicando-se desta forma a necessidade de adoptar procedimentos funerários sumários, em espaço aparentemente não religioso, situação incomum no período medieval.» (Bugalhão, 2005: 10). Por outro lado, a mesma autora deixa registada a indicação, por parte de funcionários da mesma escola, da existência de uma referência oral ao aparecimento de «muitos esqueletos» na área Nascente da escadaria de acesso à escola, na altura da construção do pavilhão aí existente. Tal facto levou aquela investigadora a equacionar a hipótese de o contexto funerário descoberto se prolongar em extensão para esse local, sendo impossível determinar a extensão original do mesmo. Menciona ainda a datação posterior às datas de C14 para a construção da ermida de Santo Amaro, em meados do século XVI, assim como a Batalha de Alcântara (que opôs os partidários de D. António, Prior do Crato, aos partidários de Filipe II de Castela, em finais do século XVI) (Bugalhão, 2005: 11).

na Rua D. Pedro V²⁵⁹, na Calçada Nova do Colégio²⁶⁰, assim como a da Necrópole do Colégio Santo Antão-o-Novo²⁶¹ (Rua do Instituto Bacteriológico), a da Capela de Nossa Senhora da Saúde²⁶², a do Largo de Santo Estêvão²⁶³, a do edifício-sede do Banco de Portugal²⁶⁴, e a da Rua Serpa Pinto²⁶⁵ (junto à Igreja de Nossa Senhora dos Mártires).

-
- 259 Nos trabalhos de acompanhamento arqueológico (em 2002) num prédio sito no Príncipe Real (CNS 3650), dirigidos por Sofia Gomes, foram encontrados, de acordo com a Base de Dados Endovélico (IGESPAR), esqueletos, fragmentos cerâmicos e estruturas, sem que em relação aos mesmos seja dada qualquer cronologia.
- 260 Esta intervenção, inserida numa série mais vasta de acompanhamento de trabalhos relacionados com a substituição de colectores pela EPAL (PPF19), decorreu em 2003 e levou à descoberta de uma série de vestígios arqueologicamente descontextualizados, que «(...) não se apresentavam anatomicamente em conexão (...)», o que talvez «(...) se deva ao facto de ser uma deposição secundária, ou uma vala comum, pois o local onde foram recolhidos é a área envolvente de uma igreja, podendo ser parte integrante do cemitério adjacente à mesma.» (Pinto e Robalo, 2003: 5). A igreja em questão é a da Pena. O número mínimo de indivíduos detectado é de 8, de idade variada, havendo adultos, não adultos e, provavelmente, adultos de idade avançada, podendo-se apenas num caso atribuir-lhe o sexo feminino. Os vestígios osteológicos estavam associados a faianças datáveis dos séculos XVII e XVIII (Pinto e Robalo, 2003: 6).
- 261 A Necrópole do Colégio Santo Antão-o-Novo (CNS 3381), conduzida por Iola Filipe, foi descoberta igualmente no contexto do acompanhamento de obras da EPAL pela empresa Era Arqueologia SA (PPF 19). Foram aí registados cerca de 134 enterramentos em contexto de deposição primária, assim como 27 sepulturas escavadas no substrato geológico. Os enterramentos trazidos à luz referem-se na sua maioria a indivíduos do sexo masculino, tendo sido registado apenas um indivíduo do sexo feminino. No tocante às sepulturas, estas apresentam estruturas negativas, de forma adaptada à do enterramento, embora não apresentando a forma antropomórfica habitual, uma vez que a zona da cabeça não se apresenta individualizada, nem se verifica um estreitamento definido na zona dos pés (Base de Dados Endovélico; Valera, 2004: 144-145).
- 262 À semelhança da anterior, inseriu-se no contexto do acompanhamento de obras da EPAL pela empresa Era Arqueologia SA (PPF 31) e identificou 3 enterramentos. O espólio encontrado era constituído por fragmentos de cerâmica comum, utilizada para iluminação. A Capela de Nossa Senhora da Saúde fora construída em finais do século XVI, em agradecimento por causa da Peste de 1569.
- 263 Tal como as anteriores, esta intervenção - da responsabilidade de Pedro Almeida (PRR 48) - permitiu a descoberta de uma sepultura escavada em solo argiloso e arenoso, de um adulto do sexo feminino, que se encontrava associada à Igreja de Santo Estêvão, construída em 1773. No relatório então elaborado, aquele arqueólogo dá igualmente conta da descoberta de uma estela funerária discoidal, com um motivo decorativo de cruz de braços curvilíneos em relevo, encontrada no Terreiro do Trigo (Almeida, 2008).
- 264 Em 2007, durante a intervenção arqueológica realizada no Edifício-Sede do Banco de Portugal (CNS 31018), inserida no projecto de reformulação arquitectónica do quarteirão que integra aquele edifício - da responsabilidade de Artur Rocha e de Jessica Represas (empresa Zephyros Arqueologia) -, foram identificados dois conjuntos distintos, o primeiro dos quais relacionado com a Igreja de São Julião, na qual se encontraram 12 sepulturas realizadas directamente no solo e um ossário datado do século XIX. Deste conjunto funerário sobressai «(...) uma grande dinâmica e o intenso aproveitamento do espaço consumado na constante truncagem das existências mais antigas (...)» com maior incidência para as zonas laterais da antiga nave (Rocha e Represas, 2008). Foi ainda encontrada uma galeria subterrânea coeva dos enterramentos, que poderá representar quer um nicho lateral anexo à cripta situada sob o antigo altar quer o acesso à mesma. O estudo dos vestígios osteológicos, realizado por Sónia Codinha e constante no relatório acima referido, conclui que todos os indivíduos foram depositos em decúbito dorsal, a maioria inumada com orientação Oeste-Este, excepto dois indivíduos, que foram enterrados com orientação Este-Oeste. A disposição dos membros superiores e inferiores era bastante invariável, estando os membros inferiores predominantemente esticados e paralelos entre si. Das 12 inumações, 10 dos indivíduos eram adultos (de idade de difícil percepção) e 2 não-adultos (cujas idades variavam entre os 7 anos e os 13-14 anos). Apenas foi possível identificar o sexo de 7 indivíduos: 4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino (Rocha e Represas, 2008).
- 265 A sondagem efectuada, em 2008, no edifício com o n.º 10-A, que se encontra inserido no edificado da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires (da responsabilidade de Alexandra Valente e Marco António Andrade, CNS 30575) permitiu a identificação de uma sepultura abaixo de um piso do século XX (sondagem 1), delimitada por um muro de argamassa, e de outras 3 sepulturas (sondagem 2), tendo duas delas (sep. 1 e 2) as tampas

IV.1.1. Sé Catedral de Lisboa

A construção da Sé Catedral de Lisboa data do século XII²⁶⁶, tendo recebido diversos acrescentos nos séculos XIII e XIV, nomeadamente o claustro, a Capela de Bartolomeu Joanes, a sacristia (actual Camarim do Patriarca), a ábside e a capela-mor que substitui a primitiva. Foi objecto da fundação de muitas capelas, a saber: a Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta e respectiva Irmandade, por Nuno Fernandes Cogominho e D. Maria Albernaz (1290-1300); cinco capelas na charola, mandadas fundar por D. Afonso IV e D. Beatriz; a capela régia de São Cosme e São Damião, mandada instituir por Lopo Fernandes Pacheco e Maria Vila Lobos, sua mulher; as Capelas do Espírito Santo e Santa Cruz, na charola, respectivamente por Mestre Pero e por António Durães; a Capela de São João Evangelista na ala Norte do claustro, por Mestre Fernando; as capelas de São Lourenço, por Lourenço Anes, e de São Nicolau, esta no claustro; a Capela de São Sebastião na charola, por D. João Martins (1303); a Capela de Santo Estêvão, no claustro, por Estêvão Rodrigues de Loulé e Mor Martins (1305); a Capela de São Bartolomeu por Bartolomeu Joanes, adossada à nave e com hospital anexo (1324); a Capela de Nossa Senhora da Conceição pelo bispo D. Pedro, na charola (1358); e a Capela de São Vicente, na abside, por Afonso Eanes (1451-1467) (Neto, 1992; Fagundes, 1994; Figueiredo, 2008).

Depois do terramoto de 1755 foi, tal como muitos outros edifícios na mesma época, alvo de obras de recuperação.

As primeiras notícias de escavações arqueológicas desenvolvidas na Sé de Lisboa chegam-nos através de Cordeiro de Sousa, que noticiava, num artigo publicado na «Revista de Arqueologia» (vol. I) a descoberta, após a demolição do adro pombalino «(...) *no espaço que medeia entre os gigantes da torre do sul* (...), de um grupo de sepulturas medievais. No artigo que então escreveu, Cordeiro de Sousa referia a descoberta de inscrições gravadas em zona superior da parede e que corresponderiam a caracteres do século XII²⁶⁷. Menciona ainda

in situ e apresentando-se a outra (sep. 3) coberta por tijolos de burro. No acompanhamento arqueológico realizado na nave central do edifício, e que corresponderia provavelmente a uma zona de pátio, foram identificadas 28 sepulturas, delimitadas por muros de argamassa dispostos ortogonalmente, à semelhança da área de necrópole identificada no edifício da Fundação Sousa Pedro, que lhe é contíguo (Base de Dados Endovélico). Desconhece-se a cronologia exacta de utilização deste espaço (abrangido pelos nºs 10-A, 10-B e 10-C), assim como os seus modelos de deposição funerária.

266 «A Sé era a maior igreja de Lisboa e uma das maiores de Portugal. O traçado do século XII, em cruz latina (...) *dava-lhe 59,20 m de comprimento (do pórtico até ao fundo da capela-mor) e 21,90 de largura total (as três naves somadas), com 35 m de comprimento e 7,80 m de largura para o transepto. De altura tinha 18,70 m na nave central e no transepto e 9,20 m nas naves laterais. (...) Robusta como uma fortaleza e com ameias nos dois campanários, a igreja de Lisboa partilhava das características da época da Reconquista, comuns a toda a Península Ibérica e à Sicília.*» (Marques, 1994: 96).

267 «O simples facto da existência deste letreiro junto dos túmulos, devia ter sugerido aos ponderados restauradores do vetusto monumento a suspeição de que ele poderia referir-se aos enterramentos ali feitos, tanto mais que um e outros são evidentemente contemporâneos, e de uma época em que era uso insculpir os epitáfios, não nos moimentos, mas nas paredes que lhes ficavam sobranceiras.(...)» (Sousa, 1982a: 11).

a transferência das referidas sepulturas para uma «(...) *das capelas da crasta*. (...)». Da mesma escavação não existem relatórios específicos, mas ainda assim considerámo-la suficiente relevante. Cordeiro de Sousa identificou este local de enterramento como sendo «(...) *almocavar dos primitivos freires de Santiago* (...)» (Sousa, 1982: 13), que teriam vindo ajudar D. Afonso Henriques na tomada de Lisboa aos muçulmanos. Segundo aquele autor, tal facto é explicável pelo número de terras conquistadas que lhes foram doadas por aquele rei. Não tendo casa própria àquela data, antes da «(...) *casa conventual de Santos, onde deveria ser dada sepultura aos que morressem na luta contra os infiéis* (...)», conclui, «(...) *e sendo o adro da nova catedral da cidade, então fronteiriça, o local naturalmente escolhido para jazida dos que morria recebendo os privilégios concedidos aos mártires da Reconquista; não é estranho supor que a vetusta inscrição nos designe o primitivo cemitério da Ordem.*» (Sousa, 1982a: 13).

O sítio (CNS 3229) foi escavado sucessivamente por José Luís Martins de Matos e Clementino José Gonçalves Amaro (1990-1994); Maria Alexandra de Medeiros Lino Gaspar (1995-1996); Maria Alexandra de Medeiros Lino Gaspar e Clementino José Gonçalves Amaro (1997-1999).

Sob o claustro, as escavações conduzidas desde 1990 (Matos e Amaro) puseram a descoberto uma longa diacronia de ocupação (do período da Idade do Ferro até à época islâmica e moderna), e numerosas obras a que o espaço esteve sujeito desde a época cristã até aos nossos dias em infra-estruturas como esgotos, a deposição de um ossário, entre outros.

Assim, correspondendo ao período da Idade do Ferro - escavado pontualmente - foram identificadas algumas camadas; do período Romano foram postos a descoberto uma rua, a cloaca, diversos sistemas de comunicação, *tabernae* e parte de uma casa, assim como estruturas tardo-romanas que desactivaram a mesma rua e aterros correspondentes à mesma época; ao período Islâmico correspondem áreas habitacionais na plataforma Norte e restos de pavimentos de almagra, um edifício público na plataforma Sul com paredes rebocadas pintadas a vermelho e branco definindo um pátio; foram descobertas numerosas fossas detriticas e alguns tanques; à época Medieval pertencem alguns muros e reutilizações de estruturas islâmicas, tendo igualmente sido encontrado um aterro do século XIV; finalmente, da época Moderna provêm níveis superiores e uma lixeira do século XVI (Amaro, 1992; Amaro, 1993; Matos, 1994; Amaro, 1995: 339; Endovélico).

Quanto ao espólio, este apresenta-se abundante no tocante à Idade do Ferro, e aos períodos Tardo-Romano, Islâmico e Medieval. Destaca-se algum material de origem fenícia (Amaro, 1993; Matos, 1994; Arruda *et alii*, 2000) e alto-imperial, maioritariamente cerâmicas e numismas (Endovélico).

Contrariamente a seu pai, D. Dinis, o sucessor da Coroa, D. Afonso IV, escolheria a Sé de Lisboa para local da sua derradeira morada (cf. Insc. N.º 622), no que foi seguido por sua mulher, a Rainha D. Beatriz, falecida dois anos mais tarde (cf. Insc. N.º 626), e por alguns nobres da sua corte. O casal real, através dos respectivos testamentos datados de 1342 e 1354, a par da instituição de uma capela com seus capelães na Sé de Lisboa, criou na mesma freguesia um hospital²⁶⁸ (Tavares, 1989: 131). D. Afonso IV foi, deste modo, o único Monarca português da Primeira Dinastia a falecer em Portugal que escolheu uma Sé (e não um Mosteiro) para ser enterrado (Barroca, 2000: 290, 1717; Silva, 2008: 222-224). Tal opinião é corroborada por Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001) que, em 2001, analisou a escultura funerária da Sé de Lisboa.

Assim, aquela investigadora recorda que a Sé de Lisboa apresenta o maior número de exemplares de escultura tumular medieval, datando aqueles que mostram um maior interesse plástico e/ou iconográfico do século XIV. Demonstra existir um hiato de perto de cem anos entre os exemplos pertencentes ao século XII e estes últimos, dado que na prática não é possível atribuir nenhum dos conhecidos ao século XIII. Não obstante, refere a descoberta, nas escavações efectuadas no século XIX e mencionadas por Vieira da Silva²⁶⁹, de cinco túmulos antropomórficos, sem tampa, e atribuíveis ao século XII, encontrados junto à face ocidental da torre sul, entre os dois botaréus, que estavam em 1936 na capela claustral dos Arcebispos e a que fizemos já referência supra.

Encontramos, desta forma, as arcas tumulares e as lápides funerárias seguintes:

- De D. Afonso IV²⁷⁰;
- De sua mulher, D. Beatriz²⁷¹;
- Da infanta D. Branca (filha de D. João I);
- De D. Grácia Fróis ou Froiaz, mãe de D. Pedro Afonso (terceiro Conde de Barcelos)²⁷²;

268 “Ao mesmo tempo criavam numas casa que tinham comprado nesta freguesia um hospital «a serviço de Deus no qual se mantenham pera sempre viinte e quatro pobres, convem a ssaber, doz’omeens boons e doze boas molheres», dotando-os de uma remuneração diária para alimentação, assim como um valor anual para aquisição de vestuário e dormida. A contrapartida seria efectuada em orações (Tavares, 1989: 131).

269 Vieira da Silva, na 3ª edição da obra de Júlio Castilho, *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, em 1970 (Fernandes, 2001: 20).

270 Falecido em 1357. Ver Barroca, 2000: 1716-1719.

271 Falecida em 1359. A este respeito, ver também Barroca, 2000: 1736-1738.

272 Dama da nobreza portuguesa, natural de Torres Vedras, de cuja relação com o rei D. Dinis nasceu D. Pedro Afonso, terceiro Conde de Barcelos, instituiu em 1322 uma capela testamentária na Sé, dedicada a São Ger-vásio, tendo falecido no mesmo ano. O seu túmulo encontra-se no Braço Sul do Transepto e foi descoberto em 1920 e divulgada por Vergílio Correia (*in A Pátria*, 23 de Dezembro de 1920). Ver os trabalhos de Júlio Castilho (Castilho, 1970: 77, 188-189), de Mário Barroca (Barroca, 2000: 1467-1472), de Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001: 35-37) e de Carlos Guardado da Silva (Silva, 2008: 220).

- De D. Lopo Fernandes Pacheco (o nobre cavaleiro e herói da Batalha do Salado)²⁷³;
- De sua mulher, D. Maria Vilalobos²⁷⁴;
- De D. Pedro Afonso (filho bastardo de D. Dinis);
- De D. Constança, infanta portuguesa²⁷⁵;
- De D. Margarida Albernaz²⁷⁶;
- De uma dama anónima²⁷⁷;
- De Bartolomeu Joanes²⁷⁸;
- D. Lourenço Anes²⁷⁹;
- De Estevão Domingues²⁸⁰;
- De sua mulher, Mor Martins²⁸¹;

273 Rico-homem, Privado e homem do conselho de D. Afonso IV, encarregue pelo rei da educação dos seus filhos e infantes D. Pedro e D. Leonor, Mordomo-Mor do infante D. Pedro e Chanceler da rainha D. Beatriz, destacou-se pela sua acção militar durante a Batalha do Salado. Falecido em 1349 (Barroca, 2000: 1698-1712; Fernandes, 2001: 33-34; 45; Villamariz, 2004: 162; Silva, 2008: 221).

274 Falecida no século XIV, em data desconhecida (Barroca, 2000: 1996-2002).

275 Sobre a identidade da infanta, consultar os trabalhos de Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001: 61-72), assim como de Luís Gonzaga de Lencastre e Távora (Távora, 1984: 11) e de J. E. Felgueiras (Felgueiras, 1962: 55 e segs). Ver ainda Barroca, 2000: 1134-1138.

276 Mulher de D. Nuno Fernandes Cogominho, almirante-mor do reino durante o reinado de D. Dinis, almotaçé-mor de D. Afonso IV e chanceler-mor de D. Pedro I. Vindo a falecer depois de 1327, instituiu na Sé a Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta, hoje conhecida como Capela da Misericórdia, com fins sepulcrais. Ver ainda os trabalhos de Cordeiro de Sousa (Sousa, 1962: 10, 12), Luís Gonzaga de Lencastre e Távora (Távora, 1984: 35), Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001: 82-87) e Catarina Villamariz (Villamariz, 2004: 159, 162).

277 Sobre a identidade da mesma, consultar os trabalhos de Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001: 73-72), assim como de Vergílio Correia (Correia, 1924: 212) e de Cordeiro de Sousa (Sousa, 1962: 10). Constitui um dos poucos exemplares tumulares em arcossólio da Sé de Lisboa (Fernandes, 2001:77; Villamariz, 2004: 162).

278 Figura um pouco misteriosa, Bartolomeu Joanes (falecido em 1324) era possuidor de uma enorme fortuna, que lhe teria vindo do seu ofício de mercador não só em território nacional, mas igualmente com relações comerciais estabelecidas com a França e a Flandres. Foi o fundador da Capela de São Bartolomeu, na Sé de Lisboa. Na sua estátua jacente, Bartolomeu Joanes enverga vestuário de corte, com espada e esporas, sem que pertencesse de facto à nobreza. Ver Barroca, 2000: 114, 1493-1498 e Barroca, 2003: 1164.

279 A ele nos referimos na pág. 127 (ver nota de rodapé 287).

280 «*Ainda em arcossólios estão, na última capela da galeria Este, os túmulos de Estevão Domingues e de sua mulher, Mor Martins, que segundo a lápide aí conservada, mandaram fazer esta capela em 1305, com a condição de que ali se não sepultasse mais ninguém, a não ser eles e os seus filhos; à entrada da capela foi, no entanto, encontrada uma lápide, cuja inscrição diz «Aqui jaz Rodrigo Galeano, presbítero do tesouro porcionário desta igreja. Era de 1370 [1332]». Presume-se que o acordo não foi cumprido ou o presbítero seria parente chegado do casal.*» (Villamariz, 2004: 162).

281 Carlos Guardado da Silva refere-se igualmente a Estevão Martins de Loulé, natural de Barcelos e a sua mulher,

- De bispos e prelados.

A escolha da Sé como local de enterramento de D. Afonso IV é atribuída por Carla Varela Fernandes à colocação deste monarca sob a protecção de São Vicente, o padroeiro de Lisboa e do Algarve (o que explica o programa iconográfico quase inteiramente dedicado à sua evocação), mas igualmente como local de perpetuação da memória do papel do rei na Batalha do Salado, expondo não apenas os elementos evocativos da sua façanha²⁸² mas também do seu poder militar (Fernandes, 2001: 30-33). De facto, «*O rei, eleito por Deus, tem por dever aumentar o território cristão, conquistando-o aos infiéis pela força das armas, cumprindo assim as suas magnas funções. Não é, pois, de estranhar que estes elementos de memória guerreira participassem em comunhão com um lugar de suprema importância religiosa, numa osmose entre sagrado e profano, em louvor e glória de Deus e em perpetuação da memória do rei e do seu culto post mortem.*» (Fernandes, 2001: 33).

Tal função da Sé de Lisboa teria igualmente levado a que fosse escolhida como local último de descanso pelo nobre cavaleiro Lopo Fernandes Pacheco, que pelos seus feitos foi galardoado com a Rosa de Ouro²⁸³.

A Sé de Lisboa foi igualmente o local funerário de diversos bispos e prelados, um dos quais é o segundo exemplo de enterramento em arcossólio²⁸⁴ na Sé, encontrando-se face à arca tumular da dama anónima já mencionada supra. É acompanhado de dois outros sarcófagos descobertos durante os trabalhos de 1920 liderados por António do Couto e que se apresentavam escondidos por altares setecentistas. Junto a estes encontrava-se uma lápide que pode identificar um dos tumulados como D. Soeiro Viegas, que teria falecido em 1232²⁸⁵. Carla Varela Fernandes considera pouco provável que a arca tumular atribuída a este bispo lhe tenha efectivamente pertencido. Desta forma, atribui-lhe o túmulo anónimo, remetendo para época posterior o túmulo jacente e a um outro bispo, falecido em 1279 e que teria pretendido ser sepultado entre o túmulo do bispo D. Soeiro Viegas e a Sacristia (Fernandes, 2001: 94-95).

Maior Martins (Silva, 2008: 219).

282 «*Fica, então, claro que o rei escolheu a capela-mor da Sé de Lisboa para a colocação das bandeiras espoliadas assim como a buzina que mais tarde se encontraria no mesmo lugar, ambos os elementos evocativos da façanha do Salado e do seu poderio militar. Este lugar transformou-se, assim, no lugar de memória de um acontecimento que, por um lado acentua claramente uma importante vitória dos cristãos sobre os muçulmanos e, por outro, atribui a D. Afonso IV o lugar de herói guerreiro, no seguimento dos seus antecessores, característica fundamental da monarquia medieval portuguesa. (...)*» (Fernandes, 2001: 33).

283 A este respeito, consultar igualmente os trabalhos de Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001: 42-60), assim como de Mário Barroca (Barroca, 1992:198; Barroca, 2000: 1999-2002; 2201), e de Luís Gonzaga de Lencastre e Távora (Távora, 1984: 22-29).

284 Ver Glossário, Apêndice B, p. 327.

285 Considerado como uma cópia da placa original do século XIII (Sousa, 1962: 8; Barroca, 2000: 609, 745-748; Fernandes, 2001: 90-94). O Bispo D. Soeiro testemunhou a confirmação do foral dado em 1217 por Afonso II aos Mouros Forros de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer do Sal. Foi igualmente o conquistador definitivo de Alcácer do Sal no mesmo ano (Barroca, 2000: 747; Silva, 2008: 123).

Outra possível atribuição é a de Thibaud de Castillon, de origem francesa e bispo de Lisboa entre 1348-1356 (Fernandes, 2001: 95).

Uma vez que o século XIV foi palco da Peste Negra, e como exemplo de epitáfios que comprovam as mortes devidas àquela epidemia, Mário Barroca menciona a descoberta de um epitáfio inédito, o de D. Lourenço Anes, «(...) *«homem do Deão» e sobrinho do Bispo D. Miguel Vivas, que foi gravado ao longo de diversas zonas do seu sarcófago, quer o lateral, em campos separados pelos brasões, quer na secção da tampa. O sarcófago foi encontrado há pouco mais de 10 anos na Sé de Lisboa, enterrado no subsolo da Capela de S. Lourenço, que o próprio Lourenço Anes instituíra, e permaneceu até hoje inédito. A inscrição, extensa e rica em pormenores no que concerne às disposições testamentárias, consagra o direito de um elemento da sua linhagem estar ligado à Capela de S. Lourenço, mesmo que fosse pobre, e institui a comemoração de 12 missas de aniversário, uma por cada mês, tal como fica exarado no Livro da Preciosa. (...)»*. D. Lourenço Anes morrera, segundo o final do epitáfio, devido à Peste Negra, em 1386²⁸⁶ (Barroca, 2000: 306; Barroca, 2003: 1162-1164; Silva, 2008: 221).

Idêntica causa de morte apresenta-se provável para o Cónego Fernão Guilherme de Elvas²⁸⁷, «(...) *cuja arca tumular, com brasões e com legenda não datada, repousa no Claustro da Sé de Lisboa (Insc. N.º 716)*». Terá morrido pouco antes de Outubro de 1349 e, segundo Mário Barroca, todos os elementos parecem apontar para que tenha sido mais uma das vítimas da Peste, acrescentando-se a D. Lourenço Anes (Barroca, 2000: 307).

Mário Barroca (Barroca, 2000: 114, 1498-1505; Barroca, 2003: 1163-1164) menciona a grande epígrafe de instituição da capela de São Bartolomeu, anexa à Sé de Lisboa, anteriormente referida, ordenada por Bartolomeu Joanes (Insc. N.º 560), que considerou a inscrição mais extensa do seu Inventário. Menciona ainda a par desta inscrição o epitáfio de Lourenço Anes na Sé de Lisboa (Insc. N.º 613, de 1348). O mesmo autor salienta, por outro lado, a fraca expressão epigráfica de algumas Catedrais, destacando pelo contrário a Sé de Lisboa, «(...) *onde por certo a sua colecção epigráfica foi duramente afectada pelo itinerário do monumento, marcado os diversos terramotos e reconstruções, e que, mesmo assim, apresenta uma*

286 Cf. Insc. N.º 613 (in Barroca, 2000: 306). O mesmo autor salienta ainda que «[...] *o túmulo de D Lourenço Anes é o primeiro exemplo que conhecemos entre nós de utilização de um escudo com ponteira ou espigão, que tanto sucesso haveriam de alcançar na segunda metade do séc. XIV*» (Barroca, 2000: 306). Por outro lado, o facto de ter o seu monumento funerário ornado com uma espada e uma lança, gravadas na tampa, bem como representações heráldicas mostra a ambição que o mesmo tinha, dado que é muito provável que Lourenço Anes «(...) *fosse um plebeu dotado de bens de fortuna que, procurando prestígio e ascensão social, se apropriou da linguagem simbólica típica da nossa Nobreza, incluindo-a no seu moimento*» (Barroca, 2003: 1164).

287 A existência de um Fernão Guilherme, detentor do caninocato e prebenda da Sé de Lisboa, cuja morte teria ocorrido um pouco antes de Outubro de 1349 (tendo sido substituído nos cargos que detinha pelo Cónego João de Lentilhac e seguidamente por D. Gomes Lourenço) levam Mário Barroca a levantar a hipótese da epidemia de Peste Negra poder ter vitimado o primeiro. Este teria ocupado o cargo de Cónego da Sé pelo menos desde 1338 (Barroca, 2000: 2016-2017).

importante colecção de epígrafes.» (Barroca, 2000: 169, 1677-1682).

Pertence-lhe uma das duas únicas arcos tumulares²⁸⁸ não atribuíveis a nobres ou a prelados: é constituída por uma arca e tampa com jacente e encontrava-se na Capela por si instituída (Sousa, 1951: 9; Barroca, 2000: 1493-1505; Fernandes, 2001: 99-110).

Finalmente, é de destacar ainda a lápide sepulcral de Martim Vicente, procurador e igualmente testamenteiro de Bartolomeu Joanes. A sua lápide teria estado na Capela de São Bartolomeu, instituída por este último, encontrando-se actualmente na Capela da Misericórdia (Saraiva, 1927: 131; Sousa, 1951: 20; Barroca, 2000: 2002-2004; Fernandes, 2001: 111-115).

Assim, verifica-se que o claustro da Sé se tornou um importante espaço de tumulação, procurado essencialmente por nobres e clérigos, mas também por todos aqueles cujo poder económico o permitia (como nos casos dos ricos mercadores e dos membros da alta burguesia – Estêvão Domingues e Mor Martins, sua mulher) (Villamariz, 2004: 162-163). Aparentemente mais tarde, e segundo Júlio Castilho (Castilho, 1970, VI: 65), o claustro tornar-se-ia o «*cemitério da freguesia da Sé*», o que leva Catarina Villamariz a considerar que, neste caso, deverá ser feita a distinção de épocas, «*(...) constatando-se que nos séculos XIII e XIV, o claustro foi um espaço de tumulação seleccionado para clérigos ou para nobres que aí se tumulavam devido ao seu título e eventuais doações, e ainda para o casal jacente na última capela da galeria Este, que se pode supor tenha pertencido à alta burguesia. Só mais tarde, num contexto e mentalidade diferentes, viria a albergar pessoas pobres.*» (Villamariz, 2004: 163).

Para além das anteriormente referidas, outras lápides foram igualmente estudadas por Mário Barroca. Referimo-nos às seguintes inscrições funerárias²⁸⁹:

1. A que Mário Barroca atribui a «*Martinus de Rumeneb*», datada da segunda metade do século XII, e que se encontra num silhar de calcário, no primeiro contraforte da fachada ocidental da Sé (Barroca, 2000: 574-575);
2. A do Cónego Paio *Patainus*, igualmente num silhar de calcário no primeiro contraforte da fachada ocidental da Sé, um pouco abaixo do primeiro e datada da mesma época (Barroca, 2000: 575);
3. A de «*Gonçalo (?) de Santiago*», na mesma fachada dos anteriores, mas inserida entre o primeiro e o segundo contrafortes da direita, datada da segunda metade do século

288 A segunda teria pertencido a Lourenço Anes, testamenteiro de Bartolomeu Joanes, hoje já sem tampa, e que teria estado colocada na mesma capela (Fernandes, 2001: 101).

289 Optámos por manter a ordem cronológica utilizada por aquele autor.

XII²⁹⁰ (Barroca, 2000: 576-577);

4. A de «*Simão ...rcus*», datada da mesma época ou mesmo do século XIII e encontrada num silhar entre o penúltimo e o último botaréis do lado Norte (Barroca, 2000: 577);
5. A inscrição gravada na «*face virada ao Levante do penúltimo botaréis*» e atribuída a finais do século XII ou a meados do século XIII e interpretada como pertencendo a D. Francus (Barroca, 2000: 578);
6. A de Mestre João [Moniz], cidadão de Lisboa e Clérigo (entre 1249 e 1277) e Tesoureiro (entre 1275-1276) de Afonso III, falecido cerca de 1302 e cuja lápide se encontra gravada e em muito mau estado no Claustro²⁹¹ (Barroca, 2000: 1269-1271);
7. A de D. Maria (1308?), cujo paradeiro é hoje desconhecido²⁹² (Barroca, 2000: 1335-1338);
8. A do Clérigo Pero Vicente (falecido em 1308), Clérigo da Infanta D. Branca, filha de D. Afonso III. Exercera anteriormente os cargos de Mestre Escola da Sé do Porto e de Cónego da Sé de Lisboa. Instituiu a Capela de Santa Cruz, no claustro da Sé, onde se fez sepultar (Barroca, 2000: 1352-1359-1359; Villamariz, 2004: 162)²⁹³;
9. A de Pero Martins de Alfama (falecido em 1314), Almoхарife de Lisboa, lápide que se encontra «(...) *hoje embutida em arcossólio no topo Norte da Ala Leste do Claustro (...)*»²⁹⁴ (Barroca, 2000: 1400-1402);
10. A de João Fuas, Cónego (falecido em 1316), Presbítero da Sé de Lisboa, conservada avulsa no Claustro²⁹⁵ (Barroca, 2000: 1419-1421);

290 O autor cita Cordeiro de Sousa, referindo que este letreiro «(...) *seria testemunho da presença, no Adro da Sé de Lisboa, do cemitério da Ordem de Santiago, de que as sepulturas medievais aparecidas aquando da demolição do adro pombalino seriam exemplos. (...)*» (Barroca, 2000: 576).

291 Mário Barroca refere a escassez da sua publicação – o único autor que o fez foi José Maria Cordeiro de Sousa, atribuindo-a ao seu deficiente estado de conservação (Barroca, 2000: 1269).

292 Mais uma vez publicada por Cordeiro de Sousa (Barroca, 2000: 1335).

293 A Capela de Santa Cruz passou a ostentar a designação de Capela de São Miguel e, mais tarde, de Capela da Irmandade das Misericórdias (Barroca, 2000: 1353).

294 Aparentemente parece ter mudado de lugar diversas vezes, mas na opinião de Mário Barroca tal facto deriva da interpretação de cada um dos autores que a publicaram. Estaria na Capela de Santo Aleixo, a primeira capela da Ala Leste do Claustro (Barroca, 2000: 1401-1402).

295 Fundador da Capela de Santa Margarida (Barroca, 2000: 1421).

11. A de D. Gonçalo Gonçalves (falecido em 1317), Prior de São Salvador de Mon-santo. Esta encontra-se gravada numa tampa de sepultura, fragmentada em dois, e conserva-se avulsa no Claustro (Barroca, 2000: 1426-1429);
12. A do Presbítero Rodrigo Galeano (Porcionário da Sé de Lisboa, falecido em 1332), na parede do Claustro (Barroca, 2000: 1553-1555; Villamariz, 2004: 162);
13. A de um Almoxarife de Lisboa (de nome desconhecido devido a difícil legibilidade e falecido em 1369), assim como de sua mulher, de que conserva «*pouco mais de metade da parte superior da tampa, na Capela de S. Bartolomeu da Sé de Lisboa.*» (Barroca, 2000: 1808-1811);
14. A do Bispo de Lisboa D. Fernando Álvares (falecido em 1378), que à altura da sua morte liderava a Diocese de Sevilha, depois de ter sido Bispo de Lisboa entre 1370 e 1371 (Barroca, 2000: 1868-1869);
15. A de Vicente Anes, Tabelião e Vassalo do Rei, falecido em data desconhecida (séc. XIV), e que se encontra no Deambulatório da Sé de Lisboa (Barroca, 2000: 1993-1995);
16. A de [Gi]ral de Santarém, *Companhom* de Bartolomeu Joanes²⁹⁶ e mercador de Lisboa, datada do segundo quartel do século XIV (Barroca, 2000: 2004-2008);
17. A de um mercador desconhecido, falecido no segundo quartel do século XIV, como o anterior *Companhom* de Bartolomeu Joanes, que se encontra hoje na Ala Sul do Claustro (Barroca, 2000: 2008-2010);
18. A de [...] Anes, datada do século XIV, gravada em silhares da arcada central do Claustro, na Ala Leste (Barroca, 2000: 2010-2011);
19. A inscrição de conteúdo funerário, com o nome «Maria», «(...) *gravada na face interna de silhar da parede central do Claustro, na Ala Norte, no segundo vão a contar de Leste*», e datada do século XIV que permaneceu inédita até à sua publicação por Mário Barroca (Barroca, 2000: 2014);
20. A de D. João Anes Escudeiro, primeiro Arcebispo de Lisboa²⁹⁷, falecido em 1402,

296 Referido a p. 132. Em testamento este teria deixado instruções para que os *Companhons* que o quisessem se fizessem sepultar na Capela por si instituída, o que aconteceu nos casos de Martim Vicente (seu testamenteiro), de [Gi]ral de Santarém e de um outro mercador de nome desconhecido (Barroca, 2000: 2004, 2006-2007, 2009).

297 Existem duas inscrições funerárias relativas a este Arcebispo: uma original, medieval, que aqui se refere, e uma cópia datada do século XVI, colocada a mando do Cónego Pedro Lourenço de Távora na capela de São Sebastião (Barroca, 2000: 2076). Ver também Villamariz, 2004: 162

«(...) gravada ao longo do lateral direito do seu sarcófago que repousa, fora de contexto e sem tampa, no Claustro da Sé de Lisboa. Esteve, outrora, depositado na Capela de S. Sebastião, a segunda capela da Charola da Sé de Lisboa a contar do lado da Epístola (ou Sul), logo a seguir à Capela de S. Vicente.» (Barroca, 2000: 2075-2083).

Sem que tenham qualquer cariz funerário, são ainda mencionadas as seguintes inscrições:

- A inscrição comemorativa da *«(...) tomada de Lisboa pelas forças cristãs, em 1147, de que sobrevive uma cópia tardia, executada do séc. XIII ou XIV, embutida no Átrio da Sé, à direita de quem entra.»* (Barroca, 2000: 222-227);
- A inscrição comemorativa da construção de uma Capela do Claustro da Sé (1305), de dedicação atribuída a Santo Estêvão, mandada instituir por Estêvão Domingues e por sua mulher, Maior Martins, cujos túmulos se vêem de ambos os lados da capela, enquadrados por dois arcosólios (Barroca, 2000: 1282-1285);
- A inscrição comemorativa do início da construção de um Hospital junto da Sé, gravada em aduela de fresta e conservada avulsa no Claustro, sem que se saiba a sua proveniência, e atribuída ao século XIV (Barroca, 2000: 2011-2014);

A Sé Catedral foi classificada como Monumento Nacional pelos Decretos de 10-01-1907, DG n.º 14, de 17-01-1907 e de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910, tendo sido igualmente estabelecida uma Zona Especial de Protecção (ZEP) pelo DG, II Série, n.º 213, de 11-09-1961 (Fonte: IPPAR).

IV.1.2. Igreja de Santa Luzia

A igreja propriamente dita é um edifício simples, de planta em cruz latina e nave única, datada do século XVII e erguida sobre outra anterior, do século XIV, construída pelos cavaleiros da Ordem de Malta no reinado de D. Afonso Henriques e de invocação a São Brás. Implantada junto à cerca moura, funcionou primeiramente como uma igreja fortaleza, devido à sua posição estratégica imposta numa zona de defesa, a oriente da cidade (Sousa, 1982: 69-77; Araújo, 1992: 70-71; www.ippar.pt). No seu interior encontram-se dez sepulturas, em forma de lápides e monumentos funerários, que se distribuem pela capela-mor (duas), pavimentos do braço esquerdo do transepto (cinco) e da nave (três), com inscrições em português ou latim e que se encontram classificadas.

Algumas delas, descritas por Cordeiro de Sousa, ultrapassam o limite cronológico da presente Tese, estendendo-se até ao século XVII. Outras não possuem data atribuível (por

omissão ou por deterioração). Apenas uma de entre elas se enquadra no âmbito do presente estudo, a saber, a lápide funerária de Frei Lourenço Gil (falecido em 1384?), que professara na ordem do Hospital, Comendador²⁹⁸ da «bailia» de São Brás de Lisboa e neto de D. Afonso III (Sousa, 1982: 70-71).

Foi classificada como Monumento Nacional pelo Decreto 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910.

IV.1.3. Convento da Graça e antiga Igreja de Santo André

As histórias do Convento da Graça e da antiga Igreja de Santo André estão intimamente ligadas pela passagem não apenas da Paróquia da segunda para a primeira, em 1835, mas também pela consequente demolição da segunda, depois da cessação da sua abertura ao culto. Assim, apenas o Convento da Graça guarda a memória da antiga Igreja de Santo André, sobretudo no tocante aos vestígios lapidares.

É do início do século XIV que data a primeira identificação toponímica do Sítio da Graça, inserido então no complexo fortificado da «Cerca Fernandina», constituindo a própria muralha a cerca da propriedade. Esta delimitação deixava em zona extra-muros a Capela da Nossa Senhora do Monte (construída em 1234), que substituíu o eremitério de São Gens, datado de logo após a reconquista²⁹⁹ e localizado não muito longe do Convento da Graça (Batata, 2000: 4; Fontes, 2007: 261).

Fundado num dos morros altaneiros da cidade em 1271, na época da Reconquista cristã, vocacionado para frades eremitas calçados de Santo Agostinho, o então Mosteiro da Graça sofreu profundas obras ao longo dos séculos: a começar na campanha promovida a partir de 1556 pelo vigário-geral, frei Luís de Montóia (de que resta o claustro), até à que se seguiu à derrocada provocada pelo terramoto de 1755, dirigida pelos arquitectos Caetano Tomás de Sousa e Manuel Caetano de Sousa, conferindo-lhe o actual carácter tardo-barroco. Hoje, como então, apresenta planta cruciforme, nave de cinco tramos e altares de talha do final do Rococó (Marques, 1994: 94; www.ippar.pt).

Mário Barroca refere a existência dos túmulos do Doutor Rui Gomes de Alvarenga e de sua mulher, D. Melícia de Melo, respectivamente de 1475 e de 1479 que daí viriam, como dois dos exemplos de utilização de numeração árabe, introduzida a partir de 1475 (Barroca, 2000: 197).

²⁹⁸ Ver Glossário, Apêndice B, p. 329.

²⁹⁹ João Fontes refere que mesmo os autores que se debruçaram sobre a história da Ordem de Santo Agostinho divergem quanto à data a partir da qual dataria a instalação dos primeiros eremitas junto a São Gens. As opiniões oscilam, assim, entre 1192 e 1234. A Ordem, quanto a ela, só seria aprovada pelo papa Alexandre IV em 1256 (Fontes, 2007: 261). O autor refere ainda um outro testemunho que comprova a fixação de um recluso chamado Vicente, de origem estrangeira, junto ao convento de Santo Agostinho de Lisboa, entre finais do século XIV e o primeiro quartel da centúria seguinte (Fontes, 2007: 262-263).

Por outro lado, menciona, para a **Igreja de Santo André**, a inscrição comemorativa da fundação de uma das Capelas da mesma, a Capela de Santo Ambrósio, que teria sido instituída «(...) *por iniciativa de D. Aires Martins e sua mulher, Maria Esteves (...)*» (Barroca, 2000: 1145). De feitura modesta, seria constituída por uma única nave (Marques, 1994: 98). A inscrição teria sido levada daquela igreja, onde se encontrava até 1834, para a Igreja da Graça. Está datada de [1298-1325] por Mário Barroca, uma vez que teria sido realizada após 1298, ano do último documento assinado por Aires Martins³⁰⁰. A igreja de Santo André ter-lhe-ia sido doada pelo rei D. Dinis em recompensa do seu serviço àquele monarca (Barroca, 2000: 1146-1147; Silva, 2008: 256).

De acordo com Mário Barroca, a Igreja de Santo André consta pela primeira vez no rol de igrejas de Lisboa que tinha sido ordenado durante os reinados de D. Afonso II e de D. Sancho II (Silva, 1942: 186; Silva, 1943, 242-244; Pradalié, 1975: 39, 143), em documento com datação emendada de 1229. A Igreja erguia-se junto da Travessa do Açougue e, após o terramoto de 1755, que lhe provocou grandes estragos, foi reconstruída integralmente (Pereira, 1964: 8; Pereira, 1990: 123; Barroca, 2000: 1146; Silva, 2008: 256).

Possuía primitivamente cinco capelas, sendo a Capela-mor dedicada a Santo André.

A Paróquia foi transferida para a Igreja da Graça em 1835, por ocasião da extinção das Ordens Religiosas. Uma vez que deixou de servir ao culto, a igreja seria demolida em 1835 (Barroca, 2000: 1146).

O Convento da Graça foi classificado como Monumentos Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910, e pelos Decreto n.º 29 604, DG n.º 112, de 16-05-1939, e Decreto n.º 40 684, DG n.º 146, de 13-07-1956 (Fonte: IPPAR). Estão em especial classificados a Sacristia e as capelas intermédias da igreja, e o túmulo de D. Mendo de Foios (www.ippar.pt).

IV.1.4. Igreja de São Cristóvão

A origem do templo remonta à época islâmica, quando os moçárabes de Lisboa aqui tiveram a sua sede, sob a invocação de Santa Maria de Alcamí ou Alcamim. Reformas posteriores alteraram a sua fisionomia original e na primeira metade do século XVIII deu-se a construção que chegou até aos nossos dias. O interior é de uma só nave. A capela-mor, rectangular, é a parte mais antiga da actual igreja e foi construída em 1671 pela Irmandade do

300 Aires Martins aparece mencionado nesta inscrição como Vice-Chanceler do rei D. Dinis. No entanto, numa outra inscrição reproduzida por Frei António Brandão, em 1632, é-lhe atribuído o cargo de Escrivão da Pureza (Barroca, 2000: 1144-1149).

Santíssimo Sacramento. Aqui se encontra exposto o que resta da antiga Capela dos Mirandas (Marques, 1994: 98), designadamente o túmulo do bispo D. Fernando de Miranda, capelão-mór de D. Afonso V e que esteve presente na tomada de Arzila.

Não muito longe existiram os Paços de São Cristóvão (na actual Rua do Regedor, nome que lhe vem da pertença do Paço a D. Álvaro de Bragança, Regedor das Justiças no tempo de D. João II), entre os séculos XV e XVI, assim como o Largo da Achada. Este merece particular atenção por ter sido o arrabalde da cidade Muçulmana, significando o seu nome «terra chã» (uma pequena planície da encosta da Costa do Castelo) (Gonçalves, 2005: 4).

Tendo sido uma das mais antigas igrejas da cidade de Lisboa (constituindo-se como uma das primeiras paróquias após a conquista cristã de Lisboa), a Igreja de São Cristóvão era «(...) conhecida na documentação desde os inícios do século XVII, por Igreja de Santa Maria de Alcamim (para assim a distinguir da Sé Catedral, cuja invocação era Santa Maria Maior) (...)», e a designação «(...) sobreviveria até ao século XVI, apesar da nova invocação a São Cristóvão datar de meados do século XIV (ANDRADE, 1994; GONÇALVES, 1994: 793).»³⁰¹ (Matoso, 2001: 75).

Segundo Inês Matoso, no seu estudo de 2001 dedicado ao conjunto de tumulária medieval de São Cristóvão de Lisboa, «(...) a sua importância nos séculos XIII e XIV é atestada por possuir colegiada (cf., Andrade, 1994, e Gonçalves, 1994: 793, in Matoso, 2001: 75), facto relevante por se situar extramuros e também fora do aro portuário e artesanal por excelência de Lisboa. Norberto de Araújo procura justificar a sua relevância e a da paróquia pela sua proximidade com a Alcáçova Real (Araújo, 1944:14-15), o que talvez tenha algum fundamento se considerarmos que um dos acessos viários para o Castelo atravessava o território da paróquia.

Nos finais do século XIV, e em circunstâncias que se tratarão adiante, o seu padroado passa à família Miranda que lhe acrescenta uma capela funerária³⁰², anexa ao corpo lateral sul.» (Matoso, 2001: 75).

Inês Matoso faz então a súmula dos trabalhos efectuados sobre a igreja de São Cristóvão³⁰³, descrevendo a configuração da «Capela dos Mirandas», os elementos epigrafados tumulares e os elementos tumulares que apenas ostentam a sua heráldica (Matoso, 2001).

301 É ainda sob esta mesma designação que surge a referência a uma inclusa (reclusa voluntária), de nome Elvira Eanes, junto à mesma (Fontes, 2007: 265).

302 Ver Glossário, Apêndice B, p. 328.

303 Nomeadamente os trabalhos de F. Andrade (1944), de Norberto de Araújo (1944), de Pedro Dias (1986), de A. M. Gonçalves (1994), de E.S.F. Silva (1947), sem esquecer os incontornáveis trabalhos de Cordeiro de Sousa (1982).

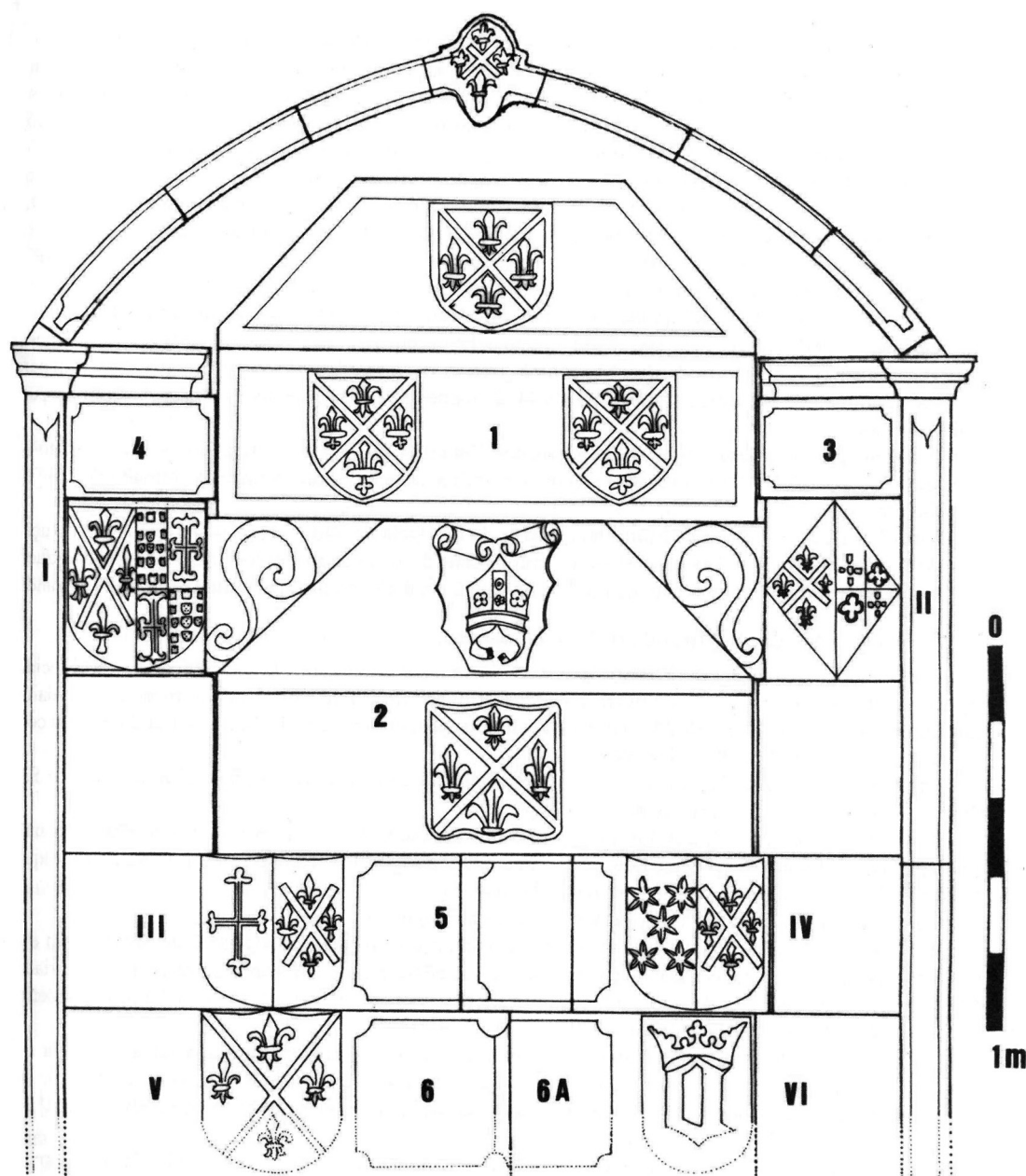


Figura 25 - Alçado esquemático com indicação das epígrafes (números árabes) e dos elementos heráldicos tumulares (números romanos) da Capela dos Miranda de São Cristóvão de Lisboa (*in* Matoso, 2001).

Vale a pena reter as suas conclusões sobre este templo³⁰⁴. Os túmulos propriamente ditos dividiam-se em três grandes tipos³⁰⁵:

304 «(...) A capela funerária de São Cristóvão, edificada por D. Martinho Afonso, Arcebispo de Braga, constitui o repositório onde foram sepultados estes elementos proeminentes da sociedade de quatrocentos. Através dos restos tumulares ainda existentes e das referências do século XVIII, conseguimos rastrear o sepultamento na capela (...)» (Matoso, 2001: 88).

305 As descrições efectuadas pela autora constam na ficha de sítio relativa à Igreja de São Cristóvão (ver Apêndice C, pp. 367-378).

- as **arcas tumulares**³⁰⁶;
- os **sarcófagos lisos**, de decoração exclusivamente heráldica³⁰⁷;
- e as campas rasas com pedra tumular³⁰⁸.

Finalmente, para a autora, a construção funerária e os túmulos respectivos correspondem a uma forte marca ideológica³⁰⁹ (Matoso, 2001: 89).

Posteriormente, em trabalhos de acompanhamento recentes de intervenções da EPAL (abertura de valas para substituição da rede de fornecimento de águas), em intervenção efectuada no Largo da Achada em 2004 (CNS 22557), uma equipa da ERA Arqueologia SA, constituída por Anabela Ferreira Gonçalves, Nélia Cristina Martins Santos e Cristina Alexandra Sebastião Chanoca, descobriu, junto à parede traseira da Igreja de São Cristóvão, uma sepultura *in situ*. Foram identificados pela arqueóloga Ana Gonçalves (Gonçalves, 2005) uma mandíbula inteira e fragmentos de um maxilar, algumas costelas e antebraços, pertencentes a um enterramento *in situ*. Estes vestígios provêm de um nível constituído por terra argilosa de coloração esverdeada e acinzentada.

O Largo da Achada teria sido o arrabalde da cidade Muçulmana e deve o nome à sua localização (terra chã) numa pequena planície situada na encosta da Costa do Castelo. Naquela inumação foram identificados dois indivíduos, em conexão anatómica, embora incompleta, ambos orientados W-E, ambos de características masculinas, não obstante o estado de fraca conservação dos vestígios osteológicos, e aparentando um deles ser mais idoso (idade estimada de +40/50 anos) (Gonçalves, 2005: 4-10).

No entanto, este enterramento (devidamente acompanhado pelo antropólogo Ricardo Godinho, conforme expresso no relatório referido) levou à identificação de dois indivíduos.

306 «(...) de que conhecemos duas, justamente a de D. Martinho Afonso e de seu neto D. Fernando Gonçalves de Miranda; (...)» (Matoso, 2001: 88-89)

307 «(...) dos quais chegaram até nós doze fragmentos, seis com armas (exemplares típicos de sarcófagos da «escola de Lisboa» do século XV, os quais seguem os modelos trecentistas de que ainda existem bons exemplos na Sé Catedral, isto é, onde a decoração é apenas a heráldica, ao contrário do discurso iconográfico presente nas «escolas» de Coimbra, Évora, Estremoz e Santarém (Dias, 1986) ; (...)» (Matoso, 2001: 88-89)

308 «(...) como a de D. Gomes de Miranda (a que faz referência D. António Caetano de Sousa (vide supra) que se poderão ainda preservar sob o pavimento actual da capela, de cronologia recente. (...))» (Matoso, 2001: 88-89).

309 «(...) Em primeiro lugar, pela edificação propriamente dita, porque a assunção do padroado da sede da paróquia por D. Martinho Afonso sucede a erecção da capela familiar. Este acto poderá com probabilidade ter sido inspirado pelo exemplo batalhino, mais no sentido do pressuposto ideológico do que em relação ao modelo arquitectónico. Deste ponto de vista aliás, o facto de a arca do fundador ostentar três armas constitui um exemplo claro de procura de afirmação da identidade da família: esta asserção é reforçada pela constituição que promoveu dos dois morgadios, que incluem a obrigação do uso do apelido (...). O impacto da capela no imaginário da época foi enorme: como marca tónica, emergindo da área do que era o cemitério paroquial; como marca interna da Igreja, onde a demarcação heráldica e tumular – que ainda hoje, adulterada e mutilada, impressiona – hierarquizavam claramente o espaço social.» (Matoso, 2001: 89).

A arqueóloga conclui que «(...) se poderão tratar de enterramentos anteriores ao terramoto de 1755, mas como a data da última reconstrução terá sido por volta de 1839/40, existe ainda a hipótese de os mesmos terem ocorrido por volta desta data. Informações obtidas junto das populações mais antigas desse local, dizem que ali teria existido um antigo cemitério, o que poderá confirmar a última hipótese colocada.» (Gonçalves, 2005: 13)³¹⁰.

Não os incluiremos na nossa análise, por se distanciarem do período cronológico escolhido para o presente trabalho.

IV.1.5. Convento do Carmo

O monumento foi mandado construir em 1389 pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, tendo sofrido diversas campanhas de construção, que lhe foram alterando a feição inicial (Pereira, 1994: 130). De planta de cruz latina, constituída por três naves de cinco tramos, transepto saliente e cabeceira escalonada com a capela-mor ladeada por quatro absídeos de diferentes dimensões - quer em largura quer em profundidade -, o seu frontispício encontra-se dividido em três panos, terminando os laterais em empena, rasgados por um amplo vão rectangular. É contrafortado com um portal de arco com seis arquivoltas sobre colunas de capitéis vegetalistas, e inscrito em alfiz, terminando o seu corpo central com uma rosácea truncada. Interiormente, as suas naves encontram-se separadas por intermédio de pilares cruciformes, de capitéis vegetalistas e de arcos quebrados, sendo que as naves laterais possuem, cada uma, quatro capelas, de arco igualmente quebrado, e emolduradas por colunas segmentadas, coroadas por janelas de vão curvo, no intervalo das quais encontramos mísulas de arranque das abóbadas (Fonte: IPPAR).

Mário Barroca (Barroca, 2000: 165) refere como exemplo da utilização do alfabeto Gótico Minúsculo Redondo, a par da inscrição de Alter do Chão de 1432, o epitáfio de Domingos Afonso, Alfaiate, datado de 1433 e gravado na parede exterior do Convento do Carmo. Já Cordeiro de Sousa tinha publicado a mesma inscrição (Sousa, 1982f: 216), assim como outros exemplos de lápides funerárias: salientamos as lápides de Y[o] Guimarães, alfa-

310 Foi esta datação que, não obstante não se fundar em elementos arqueológicos – artefactos – nos levou a não incluir estas duas sepulturas na ficha de sítio, por ultrapassar em muito o período cronológico em estudo. No entanto, não queremos deixar de notar que não nos parece anormal que na tradição oral se tenha mantido a informação sobre a existência de um cemitério antigo naquele local, facto que acontece na maioria dos casos das igrejas lisboetas. De facto, em alguns exemplos é conhecida e noutros de presumir a existência de cemitério organizado junto ao templo, sem que este tenha de pertencer necessariamente a períodos mais recentes da história da cidade. Recordemos que na envolvente da Igreja de São Cristóvão se encontram ainda vestígios arquitectónicos do século XVI.

gеме³¹¹ e a de Gonçalo ou Gregório Domingues³¹², sapateiro;

De entre as campanhas de construção sucessivas, destacam-se as realizadas após o terramoto de 1755, que não contemplaram contudo a cobertura das naves, o cruzeiro e o transepto da igreja, «(...) *quer devido à ausência dos meios necessários ao seu restauro elou adaptação, como de uma certa postura assumida no âmbito da teoria de conservação e restauro mantida pelos nossos mais destacados intelectuais desde, pelo menos, o 1.º quartel de oitocentos*» (IPPAR); serve «*Desde 1864 (...) simultaneamente, de sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de espaço museológico - Museu Arqueológico do Carmo (MAC) -, também ele pertença desta sociedade secular*» (IPPAR).

Não obstante o facto de as intervenções arqueológicas se apresentarem individualizadas (Igreja do Carmo, Convento do Carmo – CNS 3996 e 16492, no lado Sul da Igreja –, e Largo do Carmo – CNS 16467) decidimos, para maior facilidade de tratamento (dado que se encontram em ligação uns com os outros, constituindo uma unidade arquitectónica, histórica e arqueológica) incluir o estudo arqueológico do monumento num único subcapítulo, embora distinguindo ainda assim a sua singularidade.

IV.1.5.1. Igreja e Convento do Carmo

Em 1984 (CNS 3996), numa intervenção liderada por Maria Cristina Neto, e cujo relatório seria entregue em 1986 ao antigo IPPC (Neto e Serrão, 1986), no que dizia respeito à identificação de cronologias dos carneiros então intervencionados, é mencionado que os mesmos, praticamente já vazios – dispondo os autores apenas da forma e das respectivas dimensões – podiam corresponder «(...) *à época da doação às famílias dos Pachecos e dos Póvoas, portanto, nos finais do Séc. XVI, muito embora possam ter sido posteriormente objecto de alterações.*» (Neto e Serrão, 1986: 4).

311 Que Gabriel Pereira identificara como o alfageme de Santarém que produziu a espada do Condestável D. Nuno Álvares Pereira (Sousa, 1982d: 216).

312 Cordeiro de Sousa, tanto para o segundo nome próprio como para o primeiro (Sousa, 1982b: 216-217).

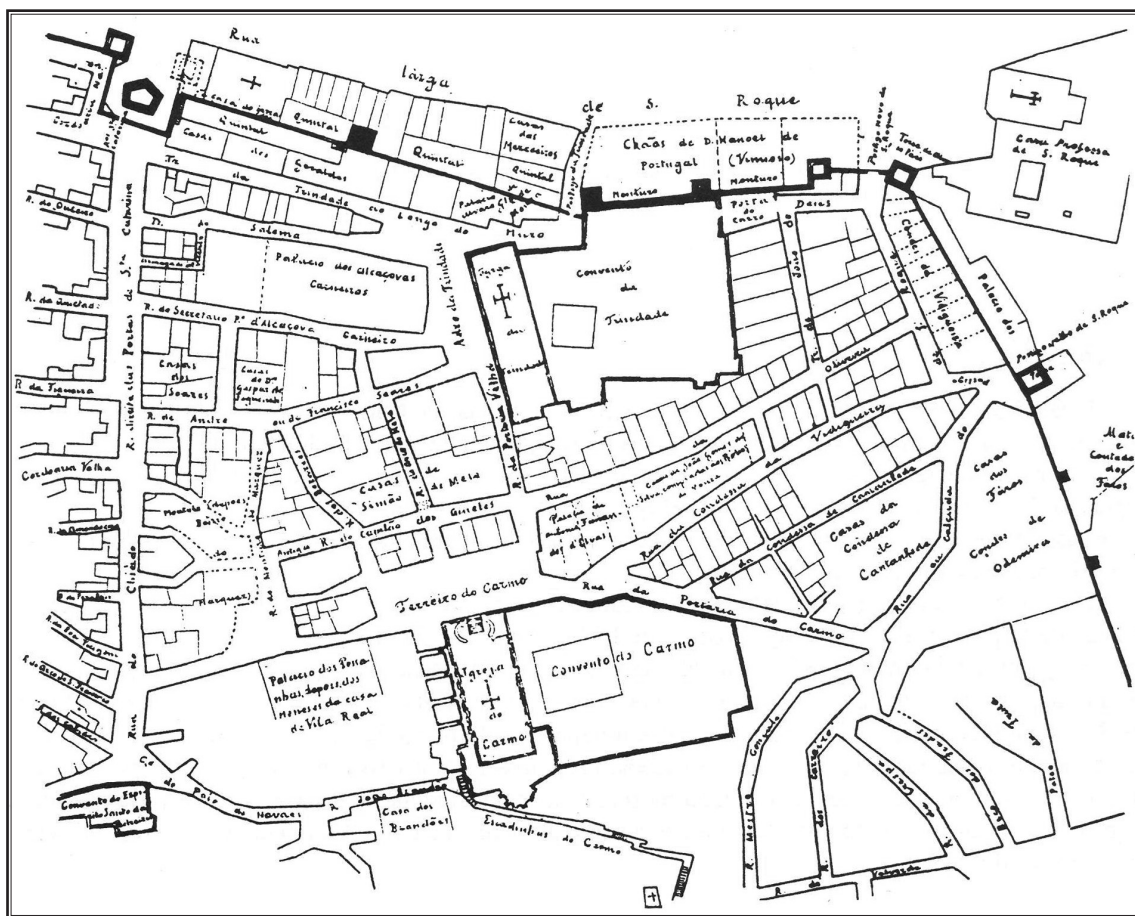


Figura 26 – Pormenor da Planta de Lisboa no final do século XVI, com a localização de Santa Maria do Carmo (in Ferreira, 1997).

Na intervenção de **1996** (CNS 3996), levada a cabo por Fernando Rodrigues Ferreira, foi identificada a necrópole no interior da Igreja, incluindo as capelas colaterais, constituída por sepulturas e carneiros. O autor escavou a nave principal, o transepto e as capelas de cabeceira, ou colaterais, referindo que estas «(...) constituem um núcleo curiosíssimo para o estudo e conhecimento da história das mentalidades e das práticas funerárias em Portugal, durante o período compreendido entre o final do século XIV e princípios do século XVIII» (Ferreira, 1997: 20). Num solo de constituição mais ou menos uniforme, mas de argilas muito plásticas e de tons diversos, as sepulturas encontravam-se entre as cotas -60 e -175, pontualmente mais profundas. Constituindo-se em grande densidade³¹³ na nave principal e no transepto, estariam organizadas no sentido longitudinal, no que o autor chama «(...) numa cadência de duas filas», *não obstante o seu carácter aparentemente caótico*³¹⁴. Para este caos aparente contribuiu a «(...)

313 «(...) Se todo o espaço ocupado pela nave e transepto tiverem uma ocupação uniforme relativamente aos quadrados escavados, pensamos poder calcular uma quantidade superior a mil e quinhentas inumações lá efectuadas, sem considerar as das capelas de cabeceira.» (Ferreira, 1997: 20)

314 «Apesar da distribuição espacial dos covais parecer caótica, afigura-se-nos possível compreender que as sepulturas deveriam desenvolver-se no sentido longitudinal, a uma cadência consecutiva a duas filas. Provavelmente durante o século XVIII aumentaram de duas para três as filas das sepulturas, numa nítida intenção de aumentar o espaço disponível para inumações.» (Ferreira, 1997: 20). Mais adianta que «(...) a aparência caótica dos covais se deve exclusivamente à circunstância de quando os coveiros abriam uma nova sepultura e encontravam um corpo ainda

*grande sobreposição e amálgama*³¹⁵ *de corpos (...)*», que conduziu à denominação, pelo autor, de sepultura apenas quando os vestígios osteológicos se encontravam em conexão anatómica. Por conseguinte, aquele investigador denominou os vestígios osteológicos como ossada quando estes se encontravam em conexão anatómica parcial (*«partes de esqueleto»*) ou ainda quando se encontravam parcialmente (*«(...) embebidos nas trincheiras (...)»*) (Ferreira, 1997: 29), de modo a *«(...) não se perder a noção de conjunto (inumação propriamente dita, espólio ritual, emblemática, tecidos, decoração de caixões, etc.), em termos de antropologia cultural. (...)»* (Ferreira, 1997: 29).

Das 43 sepulturas escavadas enquanto tal, o autor atribui como datação provável a 4 delas o século XV (sepulturas 39, 40, 42 e 43); 1 sepultura (n.º 36) como correspondente a um intervalo provável entre os séculos XV e XVI; 18 terão como datação provável o século XVI e as restantes corresponderão aos séculos XVII e XVIII. Assim, apenas as cinco primeiras (cf. supra) têm lugar no horizonte cronológico do presente estudo, não obstante os sepulcros atribuídos ao século XVI trazerem informações que consideramos importantes³¹⁶.

Das cinco sepulturas que retivemos para o presente estudo, todas pertenciam a indivíduos do sexo feminino; três eram adultos (de idade não determinável) e dois eram velhos³¹⁷ (com idade estimável em 65 anos). Todos os cinco indivíduos foram sepultados em covais simples, sem cabeceira e sem cobertura perceptível (à exceção da sep. 40), encontrando-se quatro orientados a nascente e o quinto a norte (330º) (sep. 39). Todos estavam em conexão anatómica, quatro sem vestígios de caixão e um com vestígios de caixão (sep. 43). A totalidade apresentava-se em decúbito dorsal; quanto à posição das mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda, seps. 39 e 40), púbis e cintura (mão direita no púbis e mão esquerda na cintura, sep. 36), e o abdómen (mão direita e mão esquerda, sep. 43), sendo impossível determinar a posição das mãos de um dos indivíduos por o esqueleto se encontrar incompleto. Os quatro indivíduos apresentavam ausência de patologias; três encontravam-se sós na sepultura, um mostrava a presença de um braço, em conexão anatómica, ao lado do braço do respectivo esqueleto (sep. 40) e o último apresentava um esqueleto de um recém-nascido, em muito mau estado, entre as pernas (sep. 43).

com tecidos moles, deveriam inflectir para um dos lados, tanto quanto a cobertura superficial de lajes o permitia, afim de aí poderem inumar o novo ocupante, o que em termos de escavação sugere uma quase total desorganização espacial do subsolo» (Ferreira, 1997: 28).

315 *«Parece ter havido, na zona central da nave principal da igreja, dois tipos diferentes de gestão espacial para as inumações, ou seja, parece-nos que o primitivo espaço destinado a inumações terá sido, provavelmente no século XVIII, sujeito a uma alteração da malha estabelecida, a fim de poderem ser inumados mais indivíduos. Daí o ter resultado uma verdadeira amálgama mais ou menos desordenada de esqueletos.»* (Ferreira, 1997: 29)

316 Nomeadamente no que concerne à existência de vestígios de caixão, de espólio associado e de outros dados relativos a aspectos de antropologia forense (existência de patologias, etc.). Ver Ficha de Sítio, p 387, Quadro I.

317 Segundo a denominação de Rodrigues Ferreira, correspondendo a indivíduos acima dos 60 anos (Ferreira, 1997: 151-305, 318-319).

No que diz respeito ao espólio, apenas se encontrava presente em três das sepulturas: uma fivela de cinto (sep. 39), dois numismas (um real preto de D. Duarte e um ceitil de D. Afonso V – sep. 40) e restos de um colchete e um numisma (um real preto de D. Duarte – sep. 43).

IV.1.5.2. Envolvente Sul da Igreja do Carmo

Em **2001** (CNS 16492), a zona envolvente do Convento do Carmo tornou a ser alvo de acompanhamento arqueológico, tendo sido afirmado pelos autores que esta foi, pelo menos desde o século XIV - embora existindo referências bastante anteriores -, alvo de intervenção humana, da qual restarão importantes vestígios. Assim, são referidas algumas ocupações que o sítio teve ao longo dos séculos. Foi parte do adro e cemitério da Igreja do Carmo; zona das Casas aforadas, pertença dos frades Carmelitas; zona de serventia ao povo de Lisboa, pelas antigas escadas da Piedade ou Escadinhas do Carmo; zona de intervenção pombalina com a construção da muralha de suporte da colina, determinada pelo novo plano de ordenamento da cidade pós-terramoto (Ferreira e Neves, 2002: 1).

O espólio então encontrado era constituído por fragmentos arquitectónicos, de entre os quais foram destacados um capitel gótico, fragmentos de revestimento parietal almofadado, várias pedras aparelhadas, elementos de arcos, tambores de colunas, fragmentos de cornijas, dois prováveis pedestais, parte de guarnição de escada, e uma caixa de esmolas (atribuível ao séc. XVII). É igualmente mencionada a descoberta de uma tampa de sepultura completa, assim como «(...) *prováveis fragmentos de tampas de sepultura* (...)» atribuíveis num dos casos aos séculos XIV-XV e, no outro, ao século XVI (Ferreira e Neves, 2002: 3).

De uma intervenção ulterior (em **2005**), efectuada mais uma vez por Rodrigues Ferreira e Maria da Conceição Neves, os autores puseram a descoberto quatro sepulturas. A sua análise permitiu-lhes concluir que das «*quatro inumações estudadas só três se encontravam em condições de fornecerem alguns elementos susceptíveis de serem utilizadas em termos antropológicos, já que o estado de degradação geral, pelas razões já referidas, era grande*»³¹⁸. Assim, daquelas extraem-se as seguintes características gerais: os indivíduos inumados correspondiam a três

318 O seu estado de destruição teria sido causado, segundo os autores, pela utilização de uma retroescavadora na fase prévia à intervenção arqueológica: «*Como se verificará no relatório antropológico, os esqueletos encontravam-se literalmente desfeitos sob o peso da retroescavadora que passou por cima deles a uma distância de cinco centímetros. As intrusões de fragmentos de vidros e de plásticos entre os esqueletos era grande e a ablação de muitas peças ósseas completava o quadro*» (Ferreira e Neves, 2005:16). «*De uma maneira geral os esqueletos encontravam-se extremamente fragilizados, com múltiplas fracturas e arranque de muitos ossos, provocados pela retroescavadora que evoluiu sobre eles, expondo-os e esmagando-os de forma irrecuperável e introduzindo entre os ossos grande quantidade de «lixo» transportado provavelmente entre as lagartas do equipamento que evolucioneu sobre eles*» (Ferreira e Neves, 2005: 19).

homens e uma mulher; quanto à estatura, das quatro sepulturas analisadas, apenas foi possível determiná-la com recurso aos ossos longos (à excepção da Sepultura S1), devido ao seu estado de deterioração; assim, foi possível determinar as estaturas prováveis das restantes sepulturas (Sepulturas S2, S3 e S4), com os valores, respectivamente, de 167cm, 172cm e 143cm (Ferreira e Neves, 2005: 48-49).

No tocante à sua orientação, as quatro inumações estavam orientadas com os pés a Nascente, desenvolvendo-se desta forma paralelamente ao corpo da igreja. A posição das mãos parece ter sido em todos os casos à altura da cintura, não obstante não fosse possível verificar a maioria das mãos, por ausência das mesmas. As idades foram estimadas a partir do desgaste dentário, daí resultando a correspondência a 2 indivíduos à faixa etária dos 25-35 anos à data da morte, 1 indivíduo à faixa etária dos 35-45 anos à data da morte, e 1 indivíduo a uma faixa etária desconhecida à data da morte (Ferreira e Neves, 2005: 50).

Por fim, as quatro sepulturas escavadas corresponderão, em princípio, segundo os responsáveis pela escavação, à cota mais baixa das inumações que terão sido abertas no «*Mirante do Carmo*»³¹⁹: «*Entre outras circunstâncias, fixamos o facto de terem sido efectuadas sem cal mortuária, prática só adoptada no interior da igreja a partir do século XVII, o que nos permitirá admitir uma cronologia anterior para estas sepulturas, o que está de acordo com a cota de inumação. Perdeu-se porém toda a informação que estará contida na porção de metro e meio de argila que presumivelmente cobriria as inumações, desconhecendo-se portanto se após a construção da capela adossada ao exterior da parede Sul da igreja se terá continuado a inumar naquela zona.*» (Ferreira e Neves, 2005: 51).

Os autores justificam a diminuta altura de solo que cobria as sepulturas e a presença de lixo disseminado pelos esqueletos com uma possível intervenção do extinto «(...) ‘*Gabinete do Chiado*’, que teria previamente mandado efectuar uma terraplanagem em todo o *Mirante*, sem acompanhamento arqueológico, datando desse período o aniquilamento quase total de uma calçada à portuguesa presumivelmente do século XIV/XV (foi possível, na altura, preservar anedoticamente uma faixa de calçada com metro e meio de comprimento por meio metro de largura)» (Ferreira e Neves, 2005: 51).

O sítio foi igualmente objecto de um projecto apresentado ao IGESPAR em 2008 (Marques, 2008a), o qual previa a execução de diversas sondagens arqueológicas, nomeada-

319 «Quando referimos a «cota mais baixa» pretendemos apenas referir o tipo de gestão característico das sepulturas medievais e modernas, que consistia em colocar o primeiro corpo do coval a uma cota de razoável profundidade (valor médio 1,5m/1,6m) para permitir que até à colmatação coubesse um número elevado de indivíduos.» (Ferreira e Neves, 2005: 51)

mente as Sondagem 1/Ponto 1³²⁰ e a Sondagem 3/Ponto 3³²¹. A primeira resultou na descoberta de uma pequena cripta que teria funcionado como ossário e onde se acedia por meio de uma escada (Marques, 2009a: 13). A segunda revelou material osteológico humano, descontextualizado, muito provavelmente devido aos revolvimentos provocados pela reutilização sucessiva do espaço sepulcral. Nesta sondagem destaca-se a identificação de duas camadas diferenciadas (Camada 5 e Camada 7), que envolvem as primeiras inumações, sendo que esta última (Camada 7) parece ser comum a todos os outros enterramentos do espaço envolvente, servindo-lhe de base (Marques, 2009a: 24).

Dos trabalhos realizados resultou, assim, a descoberta de 5 (cinco) enterramentos e de um ossário.

IV.1.5.3. Largo do Carmo

Em 2001, mas dizendo esta apenas respeito ao **Largo do Carmo** (CNS 16467), em consequência de uma intervenção de acompanhamento (no âmbito do projecto de Requalificação da Envolvente do Museu do Carmo e identificado como «*Terraços do Carmo*»), é efectuada uma escavação arqueológica³²², cujos resultados se encontram apenas parcelarmente disponíveis, uma vez que até à data não parece ter sido ainda entregue o Relatório de Escavações em sede do IGESPAR. Os trabalhos realizados no ano acima referido revelaram que «(...) no estrato imediatamente anterior surgiu um enterramento de uma criança, verificando-se que o nível do cemitério se encontra em cota a afectar pelo projecto de requalificação do Largo. Um segundo enterramento foi identificado numa sondagem em profundidade, a cerca de 80 cm abaixo da cota da soleira da Igreja. Assim, poderá presumir-se que o pavimento da calçada já desmontado poderá realmente situar-se ao nível do pavimento original do terreiro da Igreja do

320 Junto ao cunhal NE da Escola Veiga Beirão, coincidindo com o local do batente da porta de acesso da vedação metálica então existente. O autor salienta «(...) que este espaço já foi anteriormente intervencionado arqueologicamente pelo Dr. Rodrigues Ferreira, ainda que sem grande rebaixamento de cota existente, contudo, a cerca de 3/4 metros deste espaço foram exumados enterramentos humanos, à cota 37,40, tornando obrigatória a presença de um antropólogo físico, de acordo com a legislação em vigor (Artº 8 do Dec. Lei nº 270/99 de 15 de Julho)» (Marques, 2008a: 7).

321 «(...) no caminho entre o Largo do Carmo e o elevador de Santa Justa, com cerca de 2,5 x 1,5 metros, encostada à fachada lateral Sul da Igreja, pretendendo-se igualmente avaliar o estado de conservação e profundidade dos respectivos alicerces, bem como aferir da existência, ou não, de enterramentos humanos, ainda que seja bastante provável ocorrência. De salientar que esta passagem nunca foi intervencionada arqueologicamente.» (Marques, 2008a: 7-8)

322 No local onde as ossadas exumadas no local totalizavam já os 150 esqueletos e 19 ossários. António Marques (CML) referia, na documentação que consultámos no IGESPAR, que a amostragem da população era suficiente do ponto de vista antropológico para proceder à análise e para retirar algumas conclusões e que a falta de meios financeiros tornava aconselhável proceder-se à exumação dos esqueletos expostos. O local foi inicialmente objecto de intervenção, tendo como Arqueólogo responsável pela CML, António Marques, e Jacinta Bugalhão (IPA). Subsequentemente os trabalhos foram continuados por António Marques (CML), Sónia Cadinha (antropóloga), da Universidade de Coimbra, Ana Margarida Martins (Arqueóloga), Cidália Duarte (Antropóloga) e José Paulo Ruas (fotógrafo).

Carmo, não tendo sofrido alterações de cota consideráveis, evoluindo apenas a nível da estrutura.». Os resultados levaram as arqueólogas responsáveis (Dr.^a Manuela Lima Carvalho e Cláudia M. Cordeiro Costa, ambas pertencentes ao Museu da Cidade) a concluir que o cemitério teria tido uma utilização bastante densa, considerando o lapso cronológico a que respeitava (compreendido entre séc. XIV e XVIII) (Carvalho e Costa, 2001).

O mesmo local foi ainda objecto de um Projecto de Intervenção Arqueológica (datado de 19 de Março de 2008)³²³, concretizado ainda no decurso do mesmo ano. Desta intervenção resultou a colocação a descoberto de inúmeros vestígios osteológicos, dispostos de forma arbitrária, que o autor atribui a uma «(...) *solução expedita e pouco católica de resolver o problema de depósito de uma grande quantidade de ossos humanos, oriundos de um qualquer espaço do convento que foi então sujeito a profundas obras de remodelação.*» (Marques, 2008b: 18). Tal remodelação teria sido feita em meados do século XVIII (Marques, 2009b: 62), «(...) *por altura da realização de obras de vulto no interior do cenóbio que, além de terem provocado demolições e alterações do edificado antigo, implicaram mesmo a transferência de ossadas humanas para este espaço (...).*».

IV.1.6. Convento de São Vicente de Fora

O Convento românico de São Vicente de Fora foi instituído por D. Afonso Henriques em 1147, na sequência do voto feito pelo monarca de, caso conseguisse conquistar Lisboa, mandar erigir um mosteiro dedicado àquele mártir³²⁴. A primeira pedra foi, então, lançada em 21 de Novembro daquele ano. O seu nome deve-se à sua localização geográfica

323 É então referido que «(...) *ainda que a nosso ver de forma pouco verosímil, deverá ser considerada a hipótese de existirem enterramentos humanos neste espaço, designadamente nos espaços previstos para a abertura das Sondagens 5 e Sondagem 1.*» (Marques, 2008a).

324 «*Fiel à sua fé, apesar dos tormentos do martírio, o santo continua sereno e incólume perante os seus inimigos. S. Vicente e D. Afonso Henriques completam-se, pois, para formar uma imagem de conquistadores pacíficos.*» (Fernandes, 1993: 224). A mesma autora refere ainda, concluindo o seu estudo sobre o culto Vicentino: «*1. O aparecimento de S. Vicente, nas vésperas da tomada de Lisboa aos Muçulmanos, é do maior significado. O santo encarna a ideia de conquista pela fé, justificando deste modo uma conquista territorial feita pelas armas. Esta imagem de Atleta Dei vai ser, aliás, reassumida mais tarde, quando uma expansão territorial norte-africana procurar do mesmo modo, um santo patrono e uma justificação religiosa para a guerra. 2. Sem adesão ao movimento das cruzadas, antes aproveitando da melhor maneira as que pelo território passavam, havia uma absoluta necessidade, sentida sobretudo pelo futuro rei, de arranjar cultos fortes, unificadores (pelo menos religiosamente), neste período politicamente conturbado, de toda a população e, afinal, do próprio reino. S. Vicente surge-nos como um culto oficial. A pouca adesão que se fará sentir a partir do séc. XIV denota essencialmente um abandono do culto por parte das classes mais pobres, contrariamente ao revigorar do mesmo por parte das mais abastadas, especialmente dos cavaleiros. Ligado a este facto acresce o de o culto se tornar cada vez mais cidadão. 3. A escolha deste santo, com o objectivo de fornecer uma dimensão ibérica à cidade de Lisboa, foi definitivamente intencional. A par com as razões políticas apontadas, o facto de este santo ser um dos de maior devoção certamente que terá pesado na sua escolha. 4. Por último, os seus atributos iconográficos tornaram-no plenamente adequado aos objectivos político-sociais que se impunham alcançar. A total aceitação deste santo só foi, no entanto, possível enquanto a religião popular pré-cristã, mantendo sobrevivências religiosas antigas, conseguiu identificar-se com o novo culto.*» (Fernandes, 1993: 229).

(«*São Vicente de Fora dos Muros*»), assim como ao seu posicionamento face à cidade fortificada (Silva, 2002: 49; Silva, 2008: 207-208).

O sítio está associado a uma série de figuras que marcaram a vida religiosa da época, de onde se destacam o cavaleiro cruzado Henrique de Bona³²⁵ que, segundo a tradição, teria morrido em batalha contra os muçulmanos, durante o cerco de Lisboa, o mesmo acontecendo ao seu escudeiro. Enterrado no campo santo³²⁶ que viria a ser primeiramente o lugar de uma ermida e mais tarde do próprio mosteiro de São Vicente, a sua santidade manifestar-se-ia por meio de curas milagrosas de peregrinos vindos em romagem à sua sepultura. Fora esta ermida³²⁷ o principal ponto de partida para a instalação dos primeiros monges da Ordem de Santo Agostinho de Prémonté³²⁸. O seu regresso forçado à Flandres, na sequência de um conflito com Afonso Henriques, liga São Vicente de Fora a Santa Cruz de Coimbra por intervenção

325 Este cavaleiro teutónico veio integrado num dos contingentes da Segunda Cruzada que se dirigia para a Terra Santa. A ele se refere o *Indiculum foundationis monasterii Sancti Vicentii*, narrativa escrita na segunda metade do século XII provavelmente por um «(...) anónimo monge teutónico, que poderá ter permanecido em Lisboa e integrado a primitiva comunidade de religiosos que se instalou no cenóbio então fundado» (Pereira, 2004: 53). O mesmo autor indica ainda que «A origem do Mosteiro de S. Vicente, depois designado «de Fora» face à sua posição relativamente à cintura fortificada que envolvia a cidade, radica na igreja construída junto ao cemitério dos cruzados teutónicos, no decorrer do cerco a Lisboa. Presume-se ter sido entregue pelo rei a cônegos flamengos da Ordem dos Premonstratenses, e, desejando estes unir a nova instituição à casa a que pertenciam, cuja sede se encontrava fora de Portugal, Afonso Henriques afastou-os e solicitou a João Peculiar o envio de cônegos crúzios para os substituir, em data incerta.» (Pereira, 2004: 53).

326 Armando de Sousa Pereira menciona mesmo que este teria sido o «(...) lugar de uma antiga necrópole moçárabe». Fora este «O local onde se encontra implantada até ao tempo de Afonso Henriques, tradição que motivara a sua escolha para cemitério dos cruzados teutónicos, sendo a análise dos materiais das sepulturas aí exumadas compatível com o momento da tomada de Lisboa, tendo e conta os sinais de violência que apresentam, segundo o estudo de Armando Santinho Cunha e Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira (Vida e Morte na época de D. Afonso Henriques, Lisboa, 1998), baseado em prospeção arqueológica. As sepulturas mais antigas remontam apenas aos séculos XI-XII, guardando esta necrópole somente os restos mortais dos falecidos em combate, junto da qual foi edificada uma ermida, elemento gerador do futuro templo e Mosteiro de S. Vicente, segundo Manuel Luís Real, «O Convento Românico de S. Vicente de Fora», *Monumentos*, 2 (1995), pp. 14-23» (Pereira, 2004: 61).

327 A esta ermida se refere igualmente Manuel Real: «Segundo o *Indiculum foundationis monasterii Sancti Vicentii*, junto ao cemitério foi edificada uma ermida, tendo sido esta que serviu de elemento gerador do futuro templo e mosteiro de São Vicente de Fora. Apesar de constituir, muito provavelmente, uma construção ainda pouco ambiciosa, é de sublinhar a passagem da carta a Osberno, que atribui aos franceses a autoria da obra, nas igrejas de ambos os cemitérios (interea ecclesial duae a Francis construuntur).» (Real, 1995: 14). O autor reporta-se ao cemitério inglês e normando, a ocidente (onde posteriormente viria a surgir a freguesia dos Mártires), e ao dos flamengos e colonenses, a oriente, onde se ergueria São Vicente. Para a demonstração da pequena dimensão desta ermida veio contribuir a notícia emitida por frei Nicolau de Santa Maria, aquando da demolição do edifício cultural românico, sob cujo altar-mor se descobriu a pedra fundacional da igreja, onde se lia a seguinte inscrição: «*Hoc templum aedificavit Rex Portugalliae Alphonsus I in honorem Beatae Mariae Virginis et Sácti Vincenti Martyris XI Calend. Decembris sub era MCLXXXV*». Quanto à igreja dos Mártires, esta viria a ser integrada no padroado do bispo e cabido de Lisboa, de acordo com uma crónica anónima do século XVIII. No entanto, citando J. H. Pires de Lima, Manuel Real menciona que em 1148 o Mosteiro de Santa Cruz recebeu a doação de uma «ermida e local em Lisboa onde se sepultam os ingleses» (Real, 1995: 22).

328 A Ordem de Santo Agostinho teve como primeiro prior formal em São Vicente Gualtero, flamengo de nascimento, que chegara a Lisboa com outros quatro companheiros pertencentes à Ordem de Prémonté, da Picardia. A sua instalação, porém, não fora do total agrado de Afonso Henriques, que cedo os substituiu por monges crúzios (Araújo, 1993: 61-65; Real, 1995: 15).

régia³²⁹. Daí teria vindo um grupo de cónegos regrantes de Santo Agostinho, provenientes mais precisamente do mosteiro regrante de São Salvador de Banho (Braga)³³⁰.

Na Casa dos Cónegos Regrantes da Ordem de Santo Agostinho teria professado igualmente, entre outras figuras de vulto, Santo António de Lisboa³³¹, enquanto noviço, em 1210 (Araújo, 1993: 61-65; Silva, 2002: 55; IPPAR). Durante a mesma centúria, existe ainda o registo de um recluso voluntário, que ficou recordado pelo nome de «*Pedro inclusi Sancti Vicentii*» no obituário da canónica lisboeta (ver Figuras 27 e 28; Fontes, 2007: 262)³³².

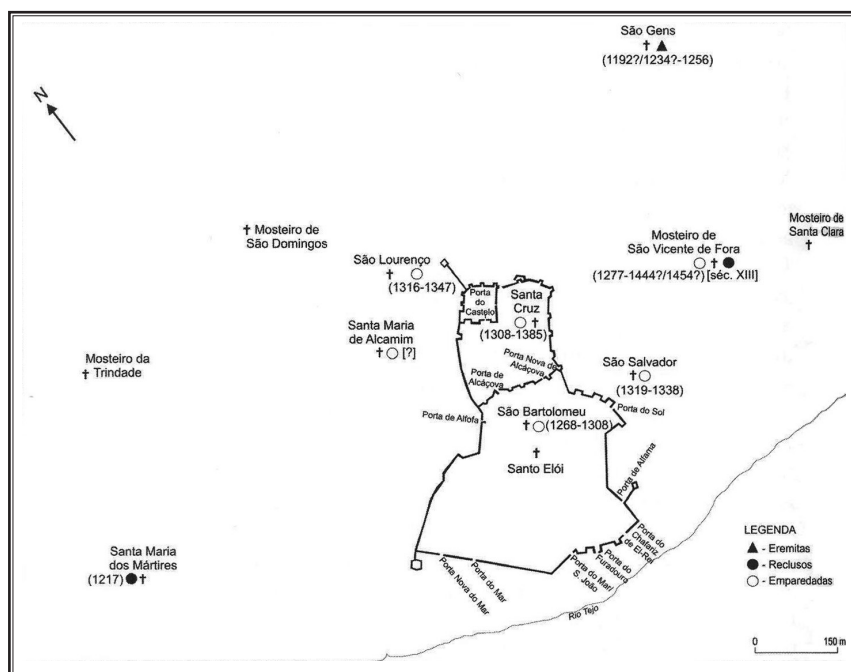


Figura 27 – Reclusos, emparedadas e eremitas em Lisboa (séculos XIII-XIV) (Fontes, 2007: 264).

329 Para Carlos Guardado da Silva, de facto, «(...) S. Vicente, fundado por D. Afonso Henriques, em 1147, em Lisboa, sobre o túmulo de um cavaleiro exemplar que os cruzados tornaram modelo, tem, em muitos aspectos, a mão de Santa Cruz na sua fundação. Não esqueçamos toda a acção de D. João Peculiar, nem o facto de S. Vicente, por se encontrar directamente ligado à casa-mãe, ficar na directa dependência da Santa Sé, o que também não desagradava ao rei português, que procurava junto do Papa a confirmação do título de rex. E não esqueçamos igualmente o respeito e a estima que o nosso primeiro rei tinha por S. Teutónio, seu principal confidente, sendo o primeiro a saber dos projectos das conquistas de Santarém e de Lisboa, permanecendo em oração enquanto decorriam os assaltos a estas fortalezas.» (Silva, 2002: 55).

330 Este grupo teria sido dirigido por D. Godinho Zalema, cerca de 1160, nomeado bispo de Lamego em 1173, sucedendo-lhe D. Mendo e D. Paio, ambos igualmente de São Salvador de Banho (Real, 1995: 15).

331 Os Cónegos Regrantes da Ordem de Santo Agostinho vieram substituir a Ordem de Santo Agostinho de Prémonté, cujo primeiro prior formal, Gualtero, flamengo de nascimento, chegara a Lisboa com outros quatro companheiros pertencentes à Ordem de Prémonté, da Picardia. A sua instalação, porém, não fora do total agrado de Afonso Henriques (Araújo, 1993: 61-65; Real, 1995: 15).

332 A ele se juntariam, entre as centúrias de Duzentos e de Trezentos, numerosas mulheres, «(...) desejosas de uma maior perfeição religiosa, quer como sorores do mosteiro (...), quer como emparedadas (...)» (Fontes, 2007: 265). Com efeito, e segundo o mesmo autor, a primeira menção conhecida de um mosteiro de sorores junto a São Vicente data de 1204. Por outro lado, o obituário do mesmo Convento refere que 8 «inclusas» estavam associadas directamente à canónica, mencionando outras 7 sem as associar a nenhuma igreja ou mosteiro. Daqui pode, no entanto, inferir-se que estariam na órbita do mosteiro (Fontes, 2007: 265).

Por outro lado, no século seguinte, o Mosteiro de São Vicente foi duramente afectado pela epidemia de Peste Negra de 1348-1349; uma das vítimas desta foi o próprio Abade do mosteiro, conforme consta de uma carta de D. Afonso IV ao Papa, solicitando a nomeação de D. Gonçalo Garcia, cónego do mosteiro, para o exercício do respectivo cargo (Barroca, 2003: 1161).

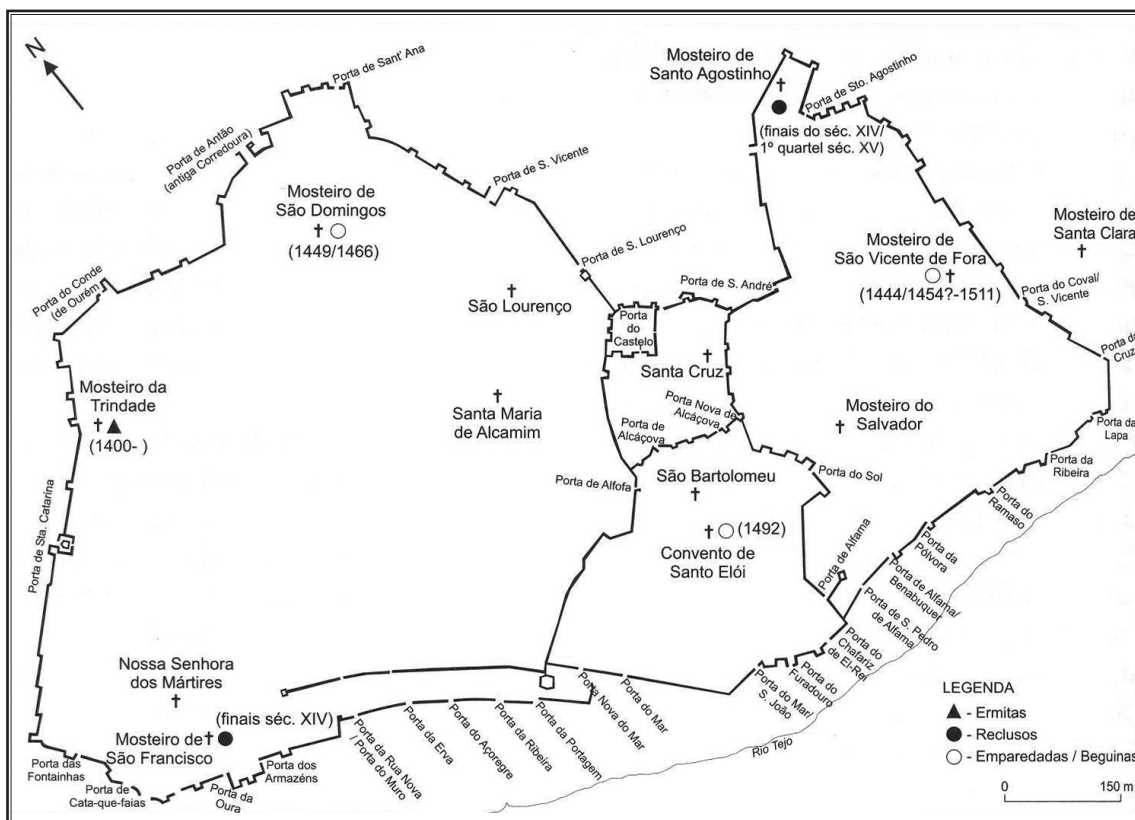


Figura 28 – Eremitas, «emparedadas» e beguinas em Lisboa (século XV) (Fontes, 2007: 270).

No local onde hoje se implanta o Mosteiro de São Vicente, na zona oriental da Lisboa medieval³³³, existira anteriormente, de acordo com Rodrigues Ferreira³³⁴, um cemitério

333 As referências documentais mostram-nos que o local onde hoje se encontra implantado o Mosteiro de São Vicente de Fora teria sido utilizado como enfermaria e cemitério para os cavaleiros cruzados – alemães ou teutónicos, ingleses, flamengos, franceses e de outras nações - que vieram em auxílio de D. Afonso Henriques durante a tomada de Lisboa, em 1147. Tais referências, nomeadamente a carta do cruzado Osberto, apontam para a construção de duas igrejas «(...) sendo uma delas a oriente, construída pelos coloneses e flamengos (...)» (Ferreira, 1995: 9). «De acordo com a narrativa do cruzado R., dirigida a Osberto (ou Osberno) de Baldsway, os sitiados haviam criado dois cemitérios e, junto de cada um, edificaram sua igreja, à sombra da qual repousariam os mortos em combate. O cemitério dos ingleses e normandos situava-se a ocidente, no morro onde, mais tarde veio a surgir a freguesia dos Mártires, enquanto o dos flamengos e colonenses se instalou a oriente, na elevação que tomou o nome do patrono da cidade» (Real, 1995: 14). O cruzado franco Arnulfo menciona apenas o facto de alguns dos corpos dos seus irmãos de armas se encontrarem sepultados junto a Lisboa, sem precisar qual o local (Ferreira, 1995: 10).

334 Arqueólogo responsável pelas intervenções arqueológicas no local de 1978 a 2004, e co-responsável, a par de Maria da Conceição Machado Neves, em 2006-2007.

moçárabe ou visigótico³³⁵.

Feita um pouco a história do sítio³³⁶, abordemos então o ponto de vista das intervenções arqueológicas: Rodrigues Ferreira escavou³³⁷, em 1978, o carneiro e o relicário que foram construídos no local onde teria existido a cerca do antigo mosteiro, considerado então como o cemitério Afonsino onde repousam os cavaleiros cristãos mortos na conquista de Lisboa (CNS 1453).

Os resultados dessas intervenções foram inseridos no Relatório de Escavação Arqueológica de 1982, que versa sobre a intervenção arqueológica no ossário de São Vicente de Fora e que seria a base de republicação sob o mesmo título, o arqueólogo refere a existência, numa camada inferior do referido ossário, de vestígios osteológicos datados desde o século XII até ao século XVI, concluindo que para o mesmo teriam sido transferidas todas as ossadas provenientes das sepulturas do antigo mosteiro Afonsino, bem como as provenientes do cemitério que se encontrava na sua cerca e que se manteve em funcionamento mesmo depois do fim do reinado daquele monarca (Ferreira, 1982: 8)³³⁸. Foi ainda objecto de intervenção o sacrário, onde Frei Nicolau de Santa Maria dizia estarem enterrados os ossos dos cavaleiros cristãos que participaram na conquista de Lisboa. Rodrigues Ferreira encontrou aí de facto, um «(...) *“embrulho”, envolto duplamente em burel fino (1,8 metros de comprimento, por 1,6 metros de largura e 40 centímetros de altura) e contendo uma massa castanha, pulverulenta, semelhante a chocolate em pó, e que outra coisa não é, que os ossos profundamente alterados pela existência de grande quantidade de salitre (nitratos de potássio) naquela galeria.(...)*» (Ferreira, 1982: 12). Tal descoberta não lhe levantou qualquer dúvida quanto à identificação dos cavaleiros tombados na tomada de Lisboa, rematando que «(...) *a coincidência é por demais evidente.*» (Ferreira, 1982:12).

Das 14 (catorze) sepulturas escavadas e inseridas em relatório de trabalhos arqueológicos entregue ao IPPC³³⁹, o autor atribui como datação provável a 7 (sete) delas um

335 Carlos Guardado da Silva é da mesma opinião, quando refere que «*O local do mosteiro de S. Vicente de Fora tem largas tradições como cemitério. Os Visigodos já havia escolhido aquele sítio para enterrarem os seus mortos, embora desconheçamos toda a extensão geográfica da sua implantação (...)*» (Silva, 2002: 47).

336 Para maior detalhe, consultar as obras de Armando Pereira (Pereira, 2004), Carlos Guardado da Silva (Silva, 2002) e A. H. de Oliveira Marques (Marques, 1981), entre outros.

337 Segundo a documentação existente no IGESPAR, prestada por aquele arqueólogo, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais autorizou uma prospecção no local em 1963 e em 1977 foi escavado um ossário existente na Igreja de São Vicente de Fora, onde foram encontrados fragmentos de tecidos atribuíveis aos Sécs. XII a XVIII.

338 Carlos Guardado da Silva refere, por outro lado: «(...) *parece-nos uma evidência que os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho construíram o mosteiro por cima de parte do cemitério visigótico, talvez confundido com o cemitério dos Teutónicos por [Nicolau de] Santa Maria. De qualquer modo é um facto que o espaço compreendido entre a parede traseira do Mosteiro e o paredão de taipa avermelhada, foi utilizado como cemitério, pelo menos até D. Dinis.*» (Silva, 2002: 48).

339 As sepulturas foram melhor descritas em documento não datado, mas que é acompanhado de duas guias de

período que irá dos séculos XIII a XIV³⁴⁰ (sepulturas 1-4, 10-11 e 14); uma sepultura (n.º 6) como correspondente a um intervalo provável entre os séculos XIV e XV; as sete restantes terão como datação provável o período visigótico, compreendido entre os séculos V e VIII. Assim, apenas as oito primeiras (cf. supra) têm lugar no horizonte cronológico do presente estudo, não obstante os sepulcros atribuídos ao período visigótico trazerem informações que consideramos importantes³⁴¹.

Retivemos oito sepulturas para o presente estudo, das quais duas pertenciam a indivíduos do sexo masculino, não sendo determinável o sexo nos restantes casos; sete eram adultos (de idade não determinável) e um era uma criança (com idade estimável de cerca de 6 meses). Todos os oito indivíduos foram sepultados em covais simples, sem cabeceira e sem cobertura perceptível, encontrando-se seis orientados a nascente e o quinto sem orientação (sep. 4). Todos estavam em conexão anatómica e todos sem vestígios de caixão. A totalidade apresentava-se em decúbito dorsal; quanto à posição das mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda, sep. 6, e mão esquerda na cintura, sep. 1), e o púbis (mão esquerda, sep. 10), sendo impossível determinar a posição das mãos de vários indivíduos por o esqueleto se encontrar incompleto. Os oito indivíduos apresentavam ausência de patologias; todos se encontravam sós na sepultura. Um dos indivíduos mostrava dois úmeros depositados no lado esquerdo do corpo (sep. 2).

De entre o espólio correspondente ao intervalo cronológico em estudo e posto a descoberto no ossário, foram encontrados fragmentos de tecidos (provenientes igualmente de períodos históricos posteriores), dois anéis de cobre (n.ºs 120 e 121), um anel de vidro preto³⁴², assim como numismas (um dinheiro de bolhão de D. Sancho I – 1185-1211 – identificado com o n.º 133, e um ceitil de D. João II – 1489-1485 – identificado com o n.º 38) (Ferreira, 1982: 8). Quanto ao sacrário, foi descoberto um fragmento de um prato hispano-árabe, que o autor atribuiu ao século XV³⁴³, e de um numisma, um Real de D. João I – 1383-1433 (iden-

entrega de material arqueológico datadas respectivamente de 1978 e de 1979. Consideramos, portanto, que este documento terá servido de base ao relatório entregue ao IPPC em 1982.

340 Na realidade, o autor não faz referência à atribuição cronológica das sepulturas. Uma vez que refere tratar-se de sepulturas medievais e que parecem ser anteriores à sepultura n.º 6 (datada, essa sim, dos séculos XIV-XV, a acreditar na cronologia do numisma descoberto junto aos vestígios osteológicos e supra mencionado), decidimos apontar aquele período como sendo o provável para os enterramentos.

341 Nomeadamente no que concerne à sua forma antropomórfica ou à sua constituição por esteios verticais. Ver Ficha de Sítio, pp. 415-416, Quadro I.

342 N.º 122 do inventário datado de 1978 e que acompanha o relatório de 1982. Constituído por uma volta completa de varão de vidro, tendo no fecho uma pequena esférula, também de vidro batido. Apresenta as seguintes dimensões: Diâmetro exterior - 14mm; Diâmetro do varão - 1,75mm; Diâmetro da esférula - 4,5mm (Ferreira, 1982: 61, 92).

343 N.º 314 do inventário datado de 1978 e que acompanha o relatório de 1982. «*De cerâmica creme, é esmaltado a branco de ambos os lados. Decorado interiormente com figuras geométricas e estilização de ramos a azul, a amarelo e roxo. Provavelmente do século XV. Sala do relicário. Estrato n.º 8. Dimensões do fragmento: 112mm x 90mm*» (Ferreira, 1982: 63).

tificado com o nº 224), com «(...) *vestígios nítidos de ter estado incorporado numa argamassa, portanto teria já estado integrado numa construção.*» (Ferreira, 1982: 12).

No que diz respeito ao espólio proveniente do cemitério medieval, apenas se encontrava presente em três das sepulturas. Era constituído por um numisma (um real Branco de Bolhão de D. João I – sep. 6), uma espinha de peixe³⁴⁴ e uma pequena chapa de cobre, grosseiramente laminado, com 12,5mm por 11mm e 0,8mm de espessura (sep. 10, na zona da cintura)³⁴⁵. Fora de contexto sepulcral e sem datação precisa, embora admitamos que se podem enquadrar no período histórico em estudo, foram ainda descobertos um dinheiro de D. Sancho I – 1185-1211 (n.º 132)³⁴⁶; um outro numisma, que aquele arqueólogo diz ser provavelmente árabe (n.º 170)³⁴⁷; uma cinta de ferro de 2 cm de altura³⁴⁸; e, finalmente, esporas de ferro, com bico de percussão³⁴⁹.

Em artigo publicado na imprensa refere-se a descoberta, recente, de um «(...) *esqueleto de uma mulher provavelmente falecida no século XIV, em condições difíceis de reconstituir, tudo levando a crer ter sido morte violenta. É que a ossada encontrava-se em posição invulgar de sepultamento, com o braço direito sob a cabeça. Essa mulher estava grávida na altura da morte e*

344 N.º 163 do inventário datado de 1978 e que acompanha o relatório de 1982 (Ferreira, 1982: 44).

345 O autor refere que «*Aderente a esta chapa, estava um fragmento de tecido que de certo modo a embrulhava, com 40mm por 25mm (nº 131). Poderia eventualmente, é mera hipótese, substituir a moeda que normalmente acompanhava o defunto para “pagamento da barca”.*» (Ferreira, 1982: 44).

346 Cortado intencionalmente ao meio, por certo por uma tesoura ou algo idêntico, segundo o autor. Para o fundamentar, refere a utilização dos «dinheiros velhos», citados por Fernão Lopes: «(...) *Estes “dinheiros velhos” que poderiam ser usados como moeda corrente de menor valor, parece que andavam mais associados à cerimónia do casamento, pois no dizer de Fernão Lopes «mas as pessoas preferem estes sempre que possam obtê-los» sugere alguma dificuldade na obtenção destas antiqualhas. Assim, estamos crentes que seria também prática, para além de serem usados no casamento, acompanharem o seu possuidor à última morada, num simbolismo perfeito e daí a sua provável presença no cemitério.*» (Ferreira, 1982: 21, 93).

347 Igualmente cortado ao meio pelo processo mencionado para o numisma anterior e encontrada junto à sepultura n.º 9, atribuída cronologicamente ao período visigótico (Ferreira, 1982: 21, 93).

348 N.º 62 do inventário datado de 1978 e que acompanha o relatório de 1982, descrita pelo autor como «(...) *correspondente a meio círculo com o formato de um corpo humano num corte horizontal à altura abdominal. Numa das extremidades tem uma pequena pala de ferro com duas puas aceradas dirigidas para o lado exterior e uma pequena alheta colocada na parte central. Parece, atendendo ao formato e dimensões tratar-se de um fragmento de um cinto de castidade, com carácter votivo (ausência aparente de local para colocação de fechos ou peças moles) e consequentemente para uso perpétuo. Tem vestígios de ter sido recoberto com tecido ao longo da cinta. Dimensões: Comprimento da cinta - 48,5cm; Largura média da cinta - 2cm; Largura da pala - 5,8cm; Comprimento da pala - 6,5cm; Comprimento da alheta - 5,5cm; Largura média da alheta - 1,2cm. Este provável cinto de castidade foi ensaiado em vários modelos, tendo-se verificado uma total concordância num modelo feminino de 1,45 metros de altura e 46 quilos de peso.*» (Ferreira, 1982: 55, 88).

349 N.ºs 63 e 64 do inventário datado de 1978 e que acompanha o relatório de 1982, descritas pelo autor como mostrando no bico «(...) *vestígios bastante nítidos do doirado primitivo. Um dos lados da espora encontra-se ligeiramente torcido para dentro. Cita-se Freire de Oliveira, no acto da abertura dos alicerces da actual sacristia: «Foram encontrados corpos ainda organizados, dos cavaleiros católicos que morreram na conquista e tomada desta cidade aos mouros, e bem assim vestígios de armas e esporas douradas, achando-se em algumas cabeças cabelos louros...». Admitimos perfeitamente a hipótese de mera coincidência entre a descrição e o nosso achado. Dimensões da espora nº 64: Comprimento total - 18cm; comprimento do bico - 5,5cm.*» (Ferreira, 1982: 55-56).

presume-se que foi sepultada fora das muralhas por ser negróide (ao tempo as pessoas de cor eram enterradas à parte. Havia, por exemplo, o Poço dos Negros).» (Jornal O Século, de 9 de Julho de 1986: 16-17). No entanto, nada encontramos inscrito em relatório que nos permita verificar a veracidade da afirmação.

Em 1987, foram efectuados trabalhos de emergência na cerca do convento e continuou-se a escavação dos cemitérios visigóticos e de tradição afonsina. Foi igualmente levada a cabo a escavação da lixeira da cidade de Lisboa no século XVI. Estas intervenções continuaram durante o ano de 1989, estendendo-se os trabalhos em 1990 ao cemitério de tradição paleocristã (IPA, CNS 1453)³⁵⁰.

Em 1992, durante a escavação efectuada no cemitério medieval (que parece demonstrar a «(...) persistência do cemitério de inumações Teutónico, tendo-se verificado a continuação da sua utilização, se bem que a um nível superior, para o que pensamos ter havido «aporte» de terra, provavelmente das cercanias, já que as características da terra dos dois cemitérios sobrepostos³⁵¹ são muito idênticas (...)» o que permite a existência de «(...) vestígios muito evidentes de que parte do cemitério Teutónico esteve bastante tempo a “céu aberto”». (Ferreira, 1993: 7), foram encontrados quatro silos, situados numa área relativamente pequena, já completamente colmatados pela mesma terra que compõe o cemitério, havendo dois deles que tinham sepulturas sobre a boca³⁵².

Das 9 (nove) sepulturas escavadas e inseridas no relatório de trabalhos arqueológicos³⁵³, o autor atribui como datação provável a todas elas um período que irá dos séculos XII a XIII³⁵⁴ (sepulturas 25 a 33). Uma das sepulturas (sep. 26) não tinha ocupante, limitando-se ao coval aberto, que não chegaria a ter sido utilizado (Ferreira, 1993: 16). Destas, quatro pertenciam a indivíduos do sexo masculino, três ao sexo feminino, não sendo determinável o sexo nos restantes casos; cinco eram adultos (de idade não determinável), um era velho (idade provável entre 60 e 65 anos) e dois eram crianças (uma com idade estimável de 16 anos e

350 Existe referência a um relatório enviado ao Departamento de Arqueologia do IPPC, constituído por cerca de 600 páginas, mas o paradeiro deste é desconhecido pelo IGESPAR, cujos arquivos consultámos.

351 O autor refere-se ao cemitério visigótico e ao cemitério medieval. Quanto aos limites e extensão deste último, Rodrigues Ferreira admite «(...) como muito provável a sua utilização até ao século XIV (...)» e que «(...) com uma certa segurança que os construtores de cerca Fernandina, tendo conhecimento da sua existência, a tivessem feito passar pela sua periferia, pelo que até à obtenção de mais elementos, podemos considerar que o limite Norte e Nascente do cemitério seria a muralha de Lisboa, ficando o seu crescimento assim confinado à cerca do mosteiro que iria, pensamos, para além da actual Rua da Verónica.» (Ferreira, 1993: 7-8).

352 A este respeito escreve posteriormente Rodrigues Ferreira que «Na escavação que vimos efectuando na antiga cerca do Mosteiro de S. Vicente de Fora, no local onde terá estado implantada a enfermaria dos teutónicos durante a tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques, deparámos com um conjunto de quatro silos, situados numa área relativamente pequena, já completamente colmatados por uma terra amarela de transporte pluvial, havendo dois deles que tinham sepulturas do século XIV sobre a sua boca.» (Ferreira, 2001: 49).

353 Ver Quadro II da Ficha de Sítio, pp. 416-417.

354 Cf. nota de rodapé nº 340, p. 149.

a outra um recém-nascido). Sete dos indivíduos foram sepultados em covais simples, sem cabeceira e sem cobertura perceptível; um outro foi sepultado em outro tipo de sepultura, não identificada pelo autor, mas ainda assim sem cobertura perceptível; oito encontram-se orientados a nascente (sep. 27 a 230°, sep. 25 e 33 a 240°, sep. 31 a 260°) e o sétimo a Sul (sep. 30)³⁵⁵. Todos estavam em conexão anatómica e todos sem vestígios de caixão. A quase totalidade apresentava-se em decúbito dorsal, à excepção da sep. 30, cujo ocupante estava inumado em decúbito lateral; quanto à posição das mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda, sep. 27, 31 e 33), ao peito (sep. 25), ao longo do corpo (sep. 28 e 29), ao longo do corpo e abdómen (respectivamente a mão direita e a mão esquerda, sep. 30), sendo impossível determinar a posição das mãos do ocupante da sep. 32 por o esqueleto se encontrar incompleto. Não existe menção à presença ou ausência de patologias; seis indivíduos encontravam-se sós na sepultura. O indivíduo inumado na sepultura 33 apresentava a zona do crânio (ausente) ocupada pelo indivíduo inumado na sep. 32.

No tocante ao espólio correspondente ao intervalo cronológico em estudo, apenas se encontrou um numisma (um disco monetário apagado, que o autor identifica através da metrologia como um dinheiro de bilhão) (Ferreira, 1993: 18-20). O espólio proveniente dos silos foi agrupado por aquele arqueólogo em cinco tipos: o primeiro grupo é constituído por cerâmica comum indiferenciada (tal como testos de bilha ou um botão); o segundo grupo é composto por panelas; o terceiro, por púcaros; os pratos inserem-se no quarto grupo; e, finalmente, o quinto grupo inclui os jarros, constituindo todos eles formas enquadráveis no século XIII (Ferreira, 1992: 45).

Rodrigues Ferreira apresenta ainda algumas conclusões que retirou da análise do conjunto funerário que fora objecto de intervenção, nomeadamente no tocante à cobertura³⁵⁶, à

355 A orientação da sepultura a Sul e a posição do inumado levam Rodrigues Ferreira a equacionar-se tratar-se de um muçulmano. Era um indivíduo «(...) de boa compleição física, inumado em posição lateral, olhando o Sul. O fundo do coval, contrariamente à da maioria das sepulturas, não se abria no calcário margoso, mas foi aproveitada uma ruga natural do subsolo para depositar o corpo (...)» (Ferreira, 1993:27-28). Tal facto, não é contudo, de estranhar, uma vez que muitos muçulmanos e moçárabes ficaram em Lisboa após a Reconquista, continuando a lavar as terras e a ter os seus ofícios como sempre o tinham tido (Silva, 2002: 39-44).

356 «Podemos considerar que não existiam sepulturas cobertas no verdadeiro sentido do termo. Pensamos que algumas das pedras encontradas e erguidas como esteios no meio das sepulturas, corresponderiam a sinais particulares colocados pelos familiares ou amigos do defunto ou, de acordo com as referências que possuímos relativamente a França, para o coveiro ou coveiros do cemitério reconhecerem o local onde havia enterrados para, na reutilização do coval, saberem exactamente onde cavar.» (Ferreira, 1993: 36).

orientação³⁵⁷, à cabeceira de sepultura³⁵⁸, ao comprimento do corpo³⁵⁹, à posição dos braços e mãos³⁶⁰, ao espólio³⁶¹, à existência de sepulturas partilhadas³⁶² e, finalmente, ao tipo de sepulturas³⁶³.

Em publicação posterior (Ferreira, 2001), o autor retoma o assunto para referir que sobre a boca de um dos silos mencionados, localizado no que identifica como Estrato I, «(...) foi aberta a sepultura número 27 (século XIV), para o que foram abertas na rocha duas cavidades para receberem os pés e a cabeça do inumado, ficando a zona da bacia sobre a boca do silo(...)» (Ferreira, 2001: 51). A colmatação dos silos terá sido feita no decurso do século XIV, e as peças encontradas permitiram ao autor equacionar a hipótese de que «(...) teriam muito provavelmente pertencido a um grupo de moçárabes residentes na zona da actual S. Vicente de Fora (vide Vida e Morte na época de D. Afonso Henriques) e que poderiam ter sido os guardas do cemitério cristão onde, anos volvidos, D. Afonso Henriques teria vindo a sepultar os teutónicos.» (Ferreira, 2001: 54).

Rodrigues Ferreira considerou, ainda, que a parte escavada em 1993-94 do cemitério dito «*Afonsino*» representaria apenas um fragmento de um antigo cemitério cristão que deveria existir nos arrabaldes da Lisboa árabe e que por certo ocuparia grande parte da área onde estão, presentemente, edificadas a igreja e parte dos claustros da portaria (Ferreira, 1994: 58; Ferreira, 1995: 11). As sepulturas antropomórficas então escavadas deveriam pertencer aos moçárabes residentes em Lisboa, já que no conjunto foram encontrados vestígios osteológicos

357 «Salvo 1 caso, todas as sepulturas estavam orientadas com os pés a nascente. A única excepção parcial era a de um indivíduo deitado lateralmente sobre a direita – Fig. 11, e que embora mantendo os pés a nascente, ficava virado de frente para Sul, o que nos sugere tratar-se de um indivíduo de religião maometana. Embora estranhando a presença de um maometano num cemitério cristão, e admitindo, como parece (aguardamos análises de C14) que o cemitério terá tido utilização até ao séc. XIV, período bastante conturbado em vários aspectos, pensamos ser possível a coexistência de indivíduos com credo religioso diferente.» (Ferreira, 1993: 36).

358 «Não assinalámos a existência de cabeceiras de sepultura na verdadeira acepção do termo; admitimos que uma ou outra “marca” de sepultura tivesse ficado coincidente com a cabeceira do inumado.» (Ferreira, 1993: 36-37).

359 «A média de altura do corpo é relativamente baixa – 159 cm, situando-se próximo das médias europeias já que desconhecemos números relativamente a necrópoles escavadas em Portugal.» (Ferreira, 1993: 37).

360 «Continua a escapar-nos a simbologia que rodeia o posicionamento dos braços e mãos, embora notemos, neste período, uma nítida tendência para os braços ao longo do corpo ou as mãos colocadas na cintura.» (Ferreira, 1993: 37).

361 «A ausência de espólio é uma constante nos enterramentos cristãos, à excepção de algumas moedas mais ou menos dispersas na terra do cemitério, com excepção de um dinheiro encontrado entre os pés do inumado.» (Ferreira, 1993: 37).

362 «Sob a nomenclatura de “sepulturas partilhadas” congregámos as sepulturas que continham mais do que um corpo, o que só aconteceu, na presente campanha, numa das sepulturas. Tal circunstância permite-nos seguramente presumir a existência de uma gestão permanente no cemitério e, consequentemente, de um carneiro.» (Ferreira, 1993: 37).

363 «O tipo característico das sepulturas existentes na área escavada da necrópole medieval de S. Vicente de Fora é, sem dúvida, o coval simples, ou seja, uma cova aberta na terra onde era depositado o corpo, provavelmente embrulhado numa mortalha. Sendo muito pequena a altura de terra disponível para praticar as inumações, cerca de 70 cm, nota-se nas zonas que teriam menor espessura de terra que houve a preocupação de aumentar artificialmente a profundidade, escavando uma depressão no brando calcário margoso, que numa ou noutra situação assumiu, nitidamente, a forma antropomórfica, dita comumente «sarcófago», embora presumamos não ter sido essa verdadeiramente a intenção do inumador.» (Ferreira, 1993: 38).

pertencentes a homens, mulheres e crianças; no entanto, o autor menciona a existência de sinais aparentes de traumatismo que poderão, eventualmente, ser apontados como causa de morte (Ferreira, 1994: 58; Ferreira, 1995: 11).

De facto, das 9 (nove) sepulturas escavadas e descritas no relatório de trabalhos arqueológicos³⁶⁴, o autor atribui como datação provável a todas elas um período que corresponderá ao século XII (sepulturas 34 a 42). Destas, sete pertenciam a indivíduos do sexo masculino, um ao sexo feminino, não sendo determinável o sexo no restante caso; seis eram adultos (de idades variáveis entre os 18 e os 50 anos), um era velho (idade provável de 60 anos) e um era uma criança (com idade estimável de 12 anos). Sete dos indivíduos foram sepultados em sarcófagos abertos no calcário margoso e dois num coval rectangular único aberto na rocha; todos apresentam ausência de cabeceira; cinco mostram cobertura com grandes pedras, uma com pedras grandes e pequenas (sep. 34) e três sem cobertura perceptível; todas as sepulturas se encontram orientadas a nascente (sep. 35 a 90°). Todos estavam em conexão anatómica e todos sem vestígios de caixão. Todos os indivíduos se apresentavam em decúbito dorsal; quanto à posição das mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda, sep. 38), ao peito e à cintura (mão direita e mão esquerda respectivamente, sep. 39), no abdómen (ambas as mãos, sep. 35, 36, 37, 40 e 42), na cintura e abdómen (respectivamente a mão direita e a mão esquerda, sep. 41), sendo impossível determinar a posição das mãos do ocupante da sep. 34 por o esqueleto se encontrar incompleto. Não existe menção à presença ou ausência de patologias; dois indivíduos encontravam-se sós na sepultura.

No tocante ao espólio correspondente ao intervalo cronológico em estudo, apenas se encontraram três pregos de ferro (à cintura da sep. 35) e um numisma (uma pogeja de dinheiro de bilhão junto à sep. 41) que se desagregou quando da lavagem (Ferreira, 1994: 27-30, 50-53).

O autor refere ainda, não obstante ter efectuado a escavação de parte do cemitério, no decurso de campanha de trabalhos arqueológicos anterior, não lhe ser possível determinar com exactidão a extensão total do mesmo no período correspondente à conquista de Lisboa (Ferreira, 1995: 11). «*Nenhuma das pedras tumulares evidenciava indícios de ter contido qualquer inscrição ou desenho alusivo à condição do defunto, como era hábito na época e vem referido nos documentos que tratam dos enterramentos dos cruzados (...)*» (Ferreira, 1995: 12). É ainda mencionado que o facto de não terem sido encontradas armas não «*(...) deverá ser tido como prova de não se tratar das sepulturas dos cruzados já que, em campanha, longe do reabastecimento, nem sempre eram seguidas com todo o rigor as práticas habituais, tanto mais que o ferro, em estado de pureza para fazer armas, era um elemento relativamente difícil de obter.*» (Ferreira, 1995: 12).

364 Ver Quadro III da Ficha de Sítio, pp. 418-420.

Assim, Rodrigues Ferreira resumiu em quatro pontos principais as conclusões a que teria chegado, a saber:

- 1 - Todo o cemitério deveria ser primitivamente moçárabe³⁶⁵. O rei D. Afonso Henriques, uma vez que se tratava já de solo consagrado (cristão), tê-lo-ia adoptado para que aí funcionasse o cemitério dos cruzados;
- 2 - A parte até então escavada deveria ficar na periferia do cemitério não tendo, por isso, chegado a ser utilizada pelos cruzados;
- 3 - «*O segmento da necrópole escavado em campanhas anteriores, mais próximo do altar-mor da primitiva igreja, deverá ter sido ocupado pelas camadas mais baixas do exército teutónico, vulgo soldados, já que todos os esqueletos encontrados eram de homens e apresentavam traumatismos muito violentos e alguns traumatismos antigos 'resolvidos', sem contudo terem as suas sepulturas cobertas com 'pedras bem lavradas'*» (Ferreira, 1995: 12).
- 4 - Finalmente, é mencionado que «*O segmento referente à aristocracia teutónica talvez fique ad eternum sepultado debaixo do altar-mor (...)*» (Ferreira, 1995: 12).

Os resultados das escavações de 1995 e 1996 mostraram que todos os indícios encontrados confirmavam parcialmente as anteriores conclusões, que apontavam para a ocupação da zona escavada por uma zona agrícola até ao século XIV, por um cemitério durante alguns anos durante o século XIV³⁶⁶ e esporadicamente durante o século XVI, e por uma lixeira durante o século XVII (Ferreira, 1996; Ferreira, 1997b).

No ano seguinte (1997), o arqueólogo procurou confirmar a ocupação habitacional do espaço, antes da construção do convento (séculos X e XI) e da necrópole eventualmente contemporânea (IPA, CNS 1453; Ferreira, 1998b). No decurso desta campanha, Rodrigues Ferreira acreditava poder afirmar que escavava plenamente a necrópole de inumação do século XIV, a qual não deveria muito provavelmente ter sido utilizada para além desse período.

No decurso desta intervenção arqueológica foram postas a descoberto duas sepulturas (sep. 44 e 45), «*(...) abertas no chão de uma provável casa cujas fundações começaram já a surgir e que assentam directamente na camada geológica que neste local, é constituído por um calcário margoso recoberto de abundante terra de descalcificação, vulgo "terra rossa".*» No relatório em

365 Esta é, em todos os casos, a opinião actual de Rodrigues Ferreira (informação transmitida oralmente): as sepulturas mais antigas encontradas em São Vicente seriam não visigóticas mas moçárabes, embora de tradição visigótica.

366 «*Verificámos curiosamente que pelo facto de existir a falésia, o cemitério do século XIV (cemitério já referido em anteriores relatórios), está a um nível inferior ao do século XVI.*» (Ferreira, 1996: 8).

apreço, aquele investigador apresenta «(...) *toda a sequência estratigráfica, verificando que as inumações teriam sido efectuadas, no século XIV, a uma profundidade média de 60 cm, em coval mais ou menos bem individualizado, sendo uma das sepulturas nitidamente coberta de grandes pedras e o corpo deitado sobre o empedrado grosseiro construído com blocos do calcário local. (...)*» (Ferreira, 1998b: 10). Mais refere que «(...) *À cota da fundação foram inumados dois corpos de homem, adultos, com os pés ritualmente virados a nascente, e as mãos sensivelmente à cintura, num compromisso mental idêntico ao das restantes inumações encontradas. Um dos corpos foi parcialmente depositado sobre uma estrutura constituída por pedras calcárias de aproveitamento nitidamente local. Estas pedras, de planta irregular, embora justapondo-se nalguns casos, apresentam uma convexidade lenticular muito perfeita, sugerindo à primeira vista, um afeiçoamento artificial. Trata-se porém de um aproveitamento do primeiro estrato do calcário margoso, muito fissurado e corroído naturalmente pela lixiviação da água gasocarbonatada, que assim vai criando pequenas porções de pedra, justaponíveis e de secção lenticular.*» (Ferreira, 1998b: 12). Mais adiante conclui: «*Continua a parecer-nos muito evidente a relação entre a total destruição do pavimento e o trabalho dos coveiros para a implantação da necrópole, o que indicia também a cota que teria acerca do convento no século XIV – cerca de -70cm.*» (Ferreira, 1998b: 13).

De facto, às 2 (duas) sepulturas escavadas e descritas no relatório de trabalhos arqueológicos³⁶⁷, o autor atribui como datação provável a todas elas um período que corresponderá ao século XIV (sepulturas 44 e 45). Ambas pertenciam a indivíduos do sexo masculino, ambas a indivíduos adultos (de idades variáveis entre os 18 e os 30 anos). Ambos os indivíduos foram sepultados em coval simples, evidenciam ausência de cabeceira; uma das sepulturas apresenta cobertura com grandes pedras toscas (sep. 44), e outra sem cobertura perceptível (sep. 45); ambas se encontram orientadas a nascente (265°). Ambos estavam em conexão anatómica e sem vestígios de caixão. Os dois indivíduos estavam inumados em decúbito dorsal; quanto à posição das mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda, sep. 44) e a cintura e abdómen (respectivamente a mão esquerda e a mão direita, sep. 45). Registou-se a ausência de patologias; ambos os indivíduos se encontravam sós na sepultura (Ferreira, 1998b: 19-23, 24-27).

No tocante ao espólio correspondente ao intervalo cronológico em estudo, mostrou-se ausente.

Entre outras, Rodrigues Ferreira define desta forma os períodos de ocupação daquele espaço:

- «(...) *Ocupação do espaço, em finais do século X, princípios do século XI, por uma população eventualmente de pouca expressão demográfica, que terá constituído e utilizado os silos para a guarda de chicharo.*

367 Ver Quadro IV da Ficha de Sítio, p. 420.

- *Estas populações seriam, eventualmente, constituídas por moçárabes que terão nessas imediações construído a sua necrópole, constituída por sepulturas antropomórficas.*
- *Utilização provável do local para enfermaria e cemitério dos teutónicos.»* (Ferreira, 1998b: 28)

Foram encontrados em 1999 dois fornos presumivelmente do século XVI e que poderiam ter feito parte do estaleiro Filipino. Na mesma campanha foi ainda exumado um esqueleto que terá sido uma das vítimas da Peste Negra, o qual, eventualmente por medo de contágio, terá sido inumado em decúbito ventral³⁶⁸. Em resumo, à sepultura mencionada (sep. 46) no relatório de trabalhos arqueológicos desta campanha³⁶⁹, o autor atribui como datação provável um período que corresponderá ao século XIV. Os vestígios osteológicos correspondiam a um indivíduo do sexo feminino, adulto (com a idade provável de 18 anos). Foi sepultada em coval simples³⁷⁰, não apresentando cabeceira nem cobertura aparente; encontrava-se orientada a nascente. Estava em conexão anatómica e sem vestígios de caixão. Encontrava-se inumada em decúbito ventral; quanto à posição das mãos, estas foram encontradas à altura do abdómen (a mão direita) e ao longo do corpo (mão esquerda). Registou-se a ausência de patologias (cf. as conclusões expressas em nota de rodapé 369); finalmente, encontrava-se só na sepultura (Ferreira, 1998b: 9).

No que diz respeito ao espólio correspondente ao intervalo cronológico em estudo, é constituído por 2 colares, que se encontravam em contexto arqueológico (ao pescoço do indivíduo inumado), um constituído por contas de azeviche e o outro por elementos de quartzo amarelo, de forma losangular e contas de vidro multicolores. A este respeito o autor refere: «*O colar de azeviche é um ornamento relativamente frequente em toda a Idade Média e normalmente era usado como jóia de luto. Porque o azeviche é uma substância muito friável, este colar seria de maior comprimento do que o de quartzo e vidro. Verifica-se que as contas de azeviche não estão gastas pelo atrito com o outro colar. A sua reconstituição só parcialmente é conjecturada, já que foi possível, através da escavação, reconstituir praticamente toda a sequência dos elementos do colar.*» (Ferreira, 2000: 9, 12).

368 O Mosteiro de São Vicente de Fora é igualmente mencionado como tendo sido duramente afectado pela epidemia de peste (a Peste Negra), tendo falecido o próprio Abade, «(...) como se revela numa carta que D. Afonso IV envia ao Papa Clemente VI pedindo que confirmasse D. Gonçalo Garcia, cónego do mosteiro, como novo Abade.» (Barroca, 2000: 304-305). Quanto a esta sepultura, o arqueólogo refere estarmos perante «(...) uma inumação muito provavelmente efectuada durante o século XIV e, admitimos com grande probabilidade, de uma vítima da peste negra. O corpo teria sido provavelmente muito bem embrulhado num lençol ou manta e, não lhe havendo retirado os seus pertences com medo do contágio, foi inumado relativamente à pressa, razão pela qual terá sido inumado em decúbito ventral.» (Ferreira, 2000: 12).

369 Ver Quadro IV da Ficha de Sítio, p. 420.

370 Um coval rectangular de cantos arredondados, aberto directamente na terra. Ver Quadro V da Ficha de Sítio, p. 420.

As intervenções dos anos seguintes³⁷¹ permitiram a possível identificação da fábrica de velas de cera do Mosteiro, cuja parede mais espessa, de aproximadamente 2,96 m, parece ser parte do troço da Cerca Fernandina, aproveitado para integrar a construção; foram ainda identificados a localização do esgoto, assim como a definição da cerca do Mosteiro e a sequência da cerca Fernandina (IPA, CNS 1453).

Já Manuel Real discorda da opinião emitida por Rodrigues Ferreira em 1995 sobre a preexistência de um cemitério anterior ao dos cruzados. Antes a «(...) *estrutura e forma das sepulturas mais antigas, descobertas no local por aquele investigador, apontam claramente para os séculos XI-XII (...)*» (Real, 1995: 14), acrescentando que considera legítimo pensar que estas correspondem à necrópole referida nas descrições da tomada de Lisboa. Fundamenta esta sua tese no facto de as sepulturas – constituídas por pedras soltas e lajes de cobertura – terem um «acusado antropomorfismo», mas sobretudo porque «(...) *todos os esqueletos são masculinos e possuem vestígios que permitem concluir da sua morte violenta (...)*», citando para o efeito as conclusões de Rodrigues Ferreira (Real, 1995: 14, 22)³⁷². Considera, assim, que «*Nada mais natural do que estarmos perante os restos mortais de feridos em combate (...)*» justificando este esclarecimento com a «(...) *invulgar descoberta de uma espada em ferro, “com vestígios bastante nítidos do doirado primitivo” e cuja tipologia corresponde precisamente ao período em questão (...)*» (Real, 1995:14).

Paralelamente, Mário Barroca publica igualmente dados relativos a lápides funerárias e outras inscrições provenientes de São Vicente de Fora e datadas de um período entre os séculos XII e XIV. Assim, refere, a título de exemplo, a inscrição comemorativa da fundação do mosteiro de São Vicente de Fora pelo rei D. Afonso Henriques, de 21 de Novembro de 1147 e hoje desaparecida (Barroca, 2000: 227-228). Igualmente desaparecida está a inscrição comemorativa da trasladação (em 1286) dos corpos da avó e da mãe de D. Domingos Anes Jardo, clérigo e chanceler-mor do rei D. Dinis, e que teria ainda ocupado os cargos de Cónego e Bispo de Évora (em 1281 e de 1285 a 1289, respectivamente) e Bispo de Lisboa de 1289 até à sua morte, que ocorreu em 1293 (Barroca, 2000: 1054-1056). Por fim, a última inscrição publicada por Mário Barroca refere-se à que se encontrava gravada na tampa de sepultura do Prior Gonçalo Garcia, que «*fora Prior de S. Vicente*»³⁷³, e que - também ela - desapareceu,

371 Integrando já o PNTA/98 (decorrido entre 1998 e 2003 e que contou, a partir de 2002, com a participação de Maria da Conceição Machado Neves) e o PNTA/2004 (que contou igualmente com a colaboração da mesma investigadora, como co-responsável).

372 «*O autor fala de enterramentos, com ossos de antigos ocupantes em algumas sepulturas. Era, de facto, corrente a reunião de ossadas de enterramentos anteriores num dos cantos da sepultura, mas isso pode ter-se dado com inumações já da baixa Idade Média, pois o cemitério continuou em uso. Por cima da necrópole primitiva assentam sepulturas mais modernas e há inevitáveis interferências.*» (Real, 1995: 22)

373 Mário Barroca esclarece que ascendera a esse cargo em 1348 ou 1349 «(...) *em consequência da epidemia de Peste Negra de 1348 que afectou duramente esse Mosteiro de Lisboa, vitimando entre outros o Prior D. Pedro Domingues.*» O rei D. Afonso IV comunicara ao Papa a eleição do Prior, solicitando a respectiva confirmação (Barroca, 2000: 1807).

eventualmente durante o terramoto de 1755, que afectou grandemente o antigo mosteiro (Barroca, 2000: 1054-1056).

O edifício primitivo do antigo mosteiro de São Vicente foi demolido, no tempo de Filipe II, por se apresentar em avançado estado de degradação e substituído pelo actual edifício maneirista de carácter monumental, riscado por Filippo Terzi, e cujo modelo é talvez um projecto de Juan de Herrera, autor do Escorial de Madrid. Foi transformado em Paço Episcopal após a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, e nas sucessivas adaptações para instalação de vários serviços públicos sofreu obras que lhe desvirtuaram o carácter original. São de destacar, por constituírem núcleo de grande importância mundial, os belíssimos painéis de azulejos oitocentistas que aí se conservam. A classificação não abrange a cerca anexa.

A Igreja foi classificada como Monumento Nacional pelo Decreto 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910. O Paço ou Mosteiro de São Vicente foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto 33 587, DG 63, de 27-03-1944.

IV.1.7. Igreja de São Domingos

A Igreja e Mosteiro de São Domingos foram mandados construir pelo rei D. Sancho II que lançou a primeira pedra, mas seria já durante o reinado de D. Afonso III, seu irmão, que este seria terminado, em 1247³⁷⁴, três anos depois de aquele monarca subir ao trono. O novo Dormitório seria mandado construir pelo rei D. Manuel, que ordenou igualmente o saneamento do local, através de um caneiro Real que encanava o ribeiro existente, de modo a evitar posteriores inundações de que o local padecia até à época. Posteriormente, e como resultado dos terramotos de 1531 e de 1755, que provocaram danos consideráveis no edifício – o primeiro abria as naves de alta baixo e ao segundo apenas sobreviveriam a Capela-Mor e a Sacristia –, foi este objecto de reconstrução, segundo traçado de Manuel Caetano de Sousa (Barroca, 2000: 849, 1371; Trindade e Diogo, 2000: 59).

No tocante às intervenções arqueológicas sobre o local da Igreja de São Domingos e que resultaram na descoberta do cemitério do Adro da mesma em 1991 (CNS 6187), tiveram início numa fase adiantada das obras de substituição de um colector da rua das Portas de Santo Antão, então realizada pela Câmara Municipal de Lisboa, sob a direcção de António Dias Diogo e Laura Trindade, com a participação de Rodrigo Banha da Silva e dos antropólogos Susan Eugster e Luís Lopes. A intervenção arqueológica de emergência fora provocada pelo aparecimento de ossos humanos (Diogo e Trindade, 1999).

374 Oliveira Marques aponta as datas de 1242-1259 como limites cronológicos para a sua construção (Marques, 199: 94).

Do ponto de vista estratigráfico, e segundo os autores, toda área registada apresentava grande homogeneidade. Todo este conjunto se encontrava em níveis inferiores a um empedrado pré-pombalino e a níveis de terraplanagem da Praça. De facto, o pavimento actual era separado do empedrado pré-pombalino - a uma cota de 1,06m - por várias camadas de aterro pombalino, feito para aumentar a cota da praça assim como para evitar as inundações e constituído por seixos basálticos. Trata-se de um pavimento da época do terramoto de 1755, cuja fundação deverá datar dos inícios do século XVI e finais do século XVII, mais uma vez de acordo com os autores. Imediatamente a seguir surgiam os níveis de terrapleno, encontrando-se no último o nível das sepulturas, que pertenciam ao cemitério do adro da Igreja de São Domingos.

No decurso dos trabalhos, foi possível identificar 12 (doze) sepulturas na totalidade, correspondentes a 21 (vinte e um) enterramentos, chegando a atingir na sep. 4 os 4 (quatro) indivíduos, demonstrando a sua reutilização. A reduzida sobreposição dos enterramentos confirma a curta duração para a vida útil do cemitério.

As sepulturas encontravam-se orientadas com a cabeça a oeste e os pés a leste, escavadas numa profunda camada de areolas provenientes de depósitos aluvionares. O seu topo, à profundidade de 1,30m, apresenta variações na altura conservada entre os 60 e os 70cm. Segundo os autores (Diogo e Trindade, 1999), trata-se de sepulturas muito pobres, em covacho ou coval simples, onde os corpos eram enterrados sem caixão. Os esqueletos pertenciam a ambos os sexos e correspondiam a idades muito variadas (entre os 4 e os mais de 50 anos). Na sepultura 11, foi registado um indivíduo de tipo físico negróide³⁷⁵.

Em estudo posterior, os arqueólogos referem que *«As patologias registadas dizem respeito a uma população pobre, com uma medíocre dieta alimentar, de trabalhadores braçais por vezes obrigados a esforços físicos violentos e continuados, sendo muito comuns as patologias ósseas e apresentando má articulação nas ancas todos os indivíduos com idade estimada em mais de quarenta anos. Dois casos, o de uma mulher de 30/40 anos e de um homem de 40/50 anos, apresentam indícios de brucelose. Por fim, é ainda de salientar a presença desta amostragem de um jovem negróide do sexo masculino. Não apresenta a sequência de desgaste dentário normal para a época, pelo que deverá ter vivido pouco tempo em Lisboa, ou em qualquer outro local com o padrão de dieta que à época aqui se encontrava. Necessariamente de religião católica dado o local e que foi*

375 «A sepultura 11 apresenta-nos dois enterramentos em covacho cuja abertura não foi totalmente coincidente, pertencendo o mais recente a um indivíduo do sexo masculino, de tipo físico negróide, com a idade compreendida entre os dezassete e os dezanove anos. Não apresenta a sequência de desgaste dentário normal para a época, pelo que provavelmente terá vivido pouco tempo a Europa. Também relativamente pouco vulgar para a época é o enterramento de um negro no adro de uma igreja, o que terá de significar que estamos em presença de um cristão, escravo ou homem livre. Até D. Manuel os corpos dos escravos negros pagãos eram simplesmente abandonados, geralmente lançados do Alto de Santa Catarina. A partir desse rei e por razões higiénicas, passaram a ser sepultados no «poço dos negros» (Trindade e Diogo, 2000: 60).

enterrado, provavelmente escravo, não aparenta ter sobrevivido muito tempo à sua expatriação.»
(Trindade et al, 2001: 124).

É de referir que foram encontrados poucos fragmentos de sigillatas sud-gálicas e de *sigillata* clara D depositadas nas areolas e nenhum no interior das sepulturas. Os restantes materiais descobertos nas sepulturas (sep. 2, 8 e 10) enquadram-se em tipologias do século XV-XVI e que os autores comparam com outras que surgiram em níveis do terramoto de 1531 (Trindade e Diogo, 2000: 60-61).

São eles um fragmento de bordo e colo de panela (sep. 2), um fragmento de boca e parede de taça (sep. 8) e um fragmento de boca e parede de copo (sep. 10) (Trindade e Diogo, 2000: 60-61)³⁷⁶.

Ainda no que concerne a esta igreja e às inscrições funerárias e outras, Mário Barroca (Barroca, 2000: 96) refere o sistema de *inscrição ritmada* utilizado na de D. Afonso III, de 1249, que comemorava a fundação do Mosteiro de São Domingos de Lisboa (Insc. N.º 338 do seu *Corpus* Epigráfico). Menciona ainda o exemplo de trasladação para criação de panteão familiar: da família Palhavã (Barroca, 2000: 28-288).

Assim, estão publicadas as seguintes inscrições funerárias:

- D. Pedro Peres³⁷⁷;
- D. Martim Pires Palhavã, Maria Soares, sua mulher, e Teresa Martins, sua filha³⁷⁸;
- D. João Anes Palhavã I³⁷⁹;
- Infante D. Afonso³⁸⁰;

376 Ver Ficha de sítio, pp. 423-432.

377 Falecido em 1276, D. Pedro Peres foi Cónego das Sés de Santiago de Compostela e de Lisboa. A sua inscrição funerária encontrava-se originalmente nas traseiras da Capela de Jesus, no Mosteiro de São Domingos, tendo-se perdido. Mário Barroca refere ser possível que o mesmo Cónego tenha fundado a Capela de Santa Eulália, na Sé de Lisboa, tendo-lhe legado diversos bens (Barroca, 2000: 994-997).

378 Falecidos respectivamente em 1279, 1296 e 1290. O sarcófago onde foram reunidos os três membros da família encontra-se na Ala Norte do Claustro de São Domingos, a única ala sobrevivente até aos nossos dias (Barroca, 2000: 1128-1134). Constituíram a segunda e terceira gerações da família Palhavã: «*Em S. Domingos de Lisboa ficava, portanto, o Panteão desta família que granjeou lugar de certa notoriedade na vida urbana de Lisboa nos fins do séc. XIII e a primeira metade do séc. XIV*». (Barroca, 2000: 28-288). Maria Soares seria igualmente uma das benfeitoras do Mosteiro, uma vez que, além da Capela de Palhavã (panteão da família), mandou ainda terminar o Claustro, o Campanário e o Parlatório do mesmo Mosteiro (Barroca, 2000: 1134).

379 Um dos membros da família Palhavã, falecido em 1310. Hoje desaparecida, esta inscrição teria estado gravada numa lápide ou num silhar de uma Capela do Claustro do Mosteiro (Barroca, 2000: 1370-1372).

380 Filho de D. Afonso III e de D. Beatriz, o Infante D. Afonso faleceu em 1372. O seu túmulo teria estado no Cruzeiro da Igreja de São Domingos, junto ao acesso ao Coro, num espaço privilegiado, tendo sido deslocado, entre os séculos XVI e XVII para a Capela de Santo André (Barroca, 2000: 1388-1395).

- D. Sancha Pires³⁸¹;

- Lopo Gomes³⁸².

Por outro lado, Mário Barroca publicou ainda outras inscrições:

- A inscrição comemorativa da fundação da Igreja³⁸³, referida supra.

IV.1.8. Convento de São Salvador

A Igreja de São Salvador já existia no reinado de D. Sancho II, em 1129 (Silva, 2008: 264). O mosteiro foi fundado cerca de 1391³⁸⁴ (Sousa, 1982f: 219) por D. João de Azambuja, junto àquela igreja, e posteriormente doado em 1392 ao ramo feminino da Ordem de São Domingos. Na Igreja do Salvador existia uma capela instituída pelo tio e pelo pai de D. João de Azambuja, onde ambos tinham os seus túmulos, razão que teria concorrido para escolha desse monumento como sua última morada (Barroca, 2000: 2126). A igreja é reformada entre 1405 e 1415³⁸⁵, sendo concluída em 1478 (Marques, 1994: 96), com o contributo de D. Leonor, mulher de D. João II. Em 1437 Fernão Lopes dava a aprovação notarial ao testamento do Infante D. Fernando (o Infante Santo), que deixava uma série de bens ao convento e às suas religiosas³⁸⁶. Ainda D. João II isentou em 1486 as freiras do convento do pagamento de portagens, tributos e serviços. O edifício sofreu de novo obras de vulto em 1604, mas seria o terramoto de 1755, à semelhança do que aconteceu a muitos outros monumentos

381 D. Sancha Pires foi a mulher de D. João Anes Palhavá II, filho do seu homónimo, sepultado igualmente no mesmo Mosteiro e referido supra. Falecida em 1343, foi inumada num sarcófago de pequenas dimensões coberto com estátua jacente, que se encontra hoje na única ala sobrevivente do Claustro do Mosteiro. O jacente a que aludimos é comparado por Mário Barroca ao da Infanta D. Constança, que se encontra exposto na Sé de Lisboa e que tratámos no subcapítulo correspondente àquele monumento (Sousa, 1982d: 25-28; Barroca, 2000: 1650-1653).

382 Falecido em data precisa desconhecida mas atribuível ao século XIV. A estela rectangular assinalava a cabeceira da sua sepultura, no Adro da Igreja de São Domingos (ainda em posição original, segundo informação recolhida por Cordeiro de Sousa (Sousa, 1982d: 214), e encontra-se hoje no Museu do Carmo. É descrita como mostrando o anverso ocupado pelo epitáfio, organizado em duas regras, e no reverso uma cruz gravada que ostenta os braços rematados em flor-de-lis (Barroca, 2000: 1992-1993).

383 Encontrava-se, segundo aquele autor, sobre a porta que dava acesso da Igreja para o Claustro e teria sido destruída durante o terramoto de 1755 (Barroca, 2000: 846).

384 João Fontes aponta, contudo, para a existência de duas «*emparedadas*» em celas contíguas à Igreja de S. Salvador, entre 1319 e 1338 (Fontes, 2007: 264). De facto, tinha-se criado, junto ao mosteiro de freiras franciscanas, uma casa de *emparedadas* (Caeiro, 1989: 167; Silva, 2008: 265).

385 Em 1427, Joana Vaz de Almeida, mulher de Afonso Eanes Nogueira (cujo panteão familiar fora fundado na Igreja de São Lourenço de Lisboa) escolhe o mosteiro de São Salvador como lugar de sepultura, segundo Mário Farelo, por razões de linhagem, de prestígio do próprio convento ou ainda devido à inserção de familiares seus naquele instituto (Farelo, 2007: 163).

386 Ver o texto completo do testamento, em que deixa igualmente bens a outros conventos de Lisboa (Dinis, 1964: 108-132).

religiosos, que mais o afectaria. Ainda assim, parte do mesmo seria reconstruída de modo a permitir a reinstalação das religiosas (Vale e Ferreira, 1998; Timóteo, 1999).

É de salientar a inscrição existente na tampa do túmulo do cardeal D. João de Azambuja, proveniente do Convento ou Mosteiro do Salvador e que se encontra hoje no Museu Arqueológico do Carmo; foi publicada por Cordeiro de Sousa e, mais recentemente, por Mário Barroca. Assim, este último autor estudou apenas a inscrição funerária referente a D. João de Azambuja³⁸⁷, enquanto o primeiro lhe publicava a biografia e a descrição completa do sepulcro.

Não foram realizados quaisquer trabalhos arqueológicos no Convento de São Salvador, sendo igualmente a lápide funerária de D. João de Azambuja o único exemplar publicado.

IV.1.9. Convento e Igreja de São Francisco

O Convento de São Francisco da Cidade – assim chamado para o distinguir do outro com o mesmo nome, cabeça da província do Algarve e seu contemporâneo –, foi fundado em 1217. Foi o primeiro convento da Ordem Franciscana a ser edificado na cidade de Lisboa e o quarto convento da época Afonsina, erguendo-se fora dos muros da cidade. Cedo se transformou num dos pontos de referência significativos da estrutura urbana e da história da evolução da cidade. Foi alvo de sucessivas transformações estruturais e decorativas, graças a significativas doações concedidas por entidades clericais, aristocráticas e reais portuguesas. Assim, por volta de 1246 foi reconstruído, tendo sido edificada uma nova igreja, por a anterior se revelar já demasiado pequena para o número de fiéis que aí acorria. De facto, e segundo Oliveira Marques, «*Multiplicavam-se as relíquias e as sepulturas nele existentes* “porque, como ele seja o mais antigo que há de religiosos, depois de S. Vicente, (...), quase todos os mais

387 A respeito do túmulo deste cardeal, que foi um dos próximos do rei D. João I, Cordeiro de Sousa refere: «*Este túmulo é uma simples arca de pedra lioz, tendo em volta esculpidos cinco escudos com as armas dos Azambujas – em campo de oiro quatro bandas de vermelho. Outrora os escudos eram oito, hoje faltam três de uma das faces laterais. Na tampa vê-se também em relevo, mas de menores dimensões, o mesmo brasão da família, encimado por um curioso chapéu cardinalício e ladeado da direita por um báculo e da esquerda por uma cruz floreada sobre um cajado ou bastão ferrado no conto. Talvez o bordão do romeiro. A estas insígnias que ocupam todo o comprimento do túmulo, estão pregadas umas pequenas flâmulas ou bandeirolas.*» (Sousa, 1982d: 218). Ainda Cordeiro de Sousa menciona que «*Quando em 1918, ao ser removido para o Museu Arqueológico, se abriu este túmulo, foi encontrado dentro dele um pequeno caixão de madeira pintado de vermelho, medindo 0m,55 x 0m,31 x 0m,30, com a seguinte inscrição: D. João Arcebispo de Lisboa, tendo na tampa pintada a mitra sobre uma almofada e cruzando-se o báculo e a cruz. Este pequeno caixão que contem apenas uns papéis manchados de amarelo, foi de novo encerrado no túmulo no dia 17 de Setembro do dito ano – Informações amavelmente fornecidas pelo falecido arqueólogo António César de Mena.*» (Sousa, 1982d: 219). D. João de Azambuja foi Bispo de Silves (1389-1391), Prelado da Diocese do Porto (1391-1398), Bispo de Coimbra (1398-1402) e, finalmente, Arcebispo de Lisboa (1402-1415, ano da sua morte). Anteriormente a esses cargos fora privado de D. João I, fazendo parte do Conselho do Mestre de Avis a partir de 1383 e do Conselho do Monarca a partir de 1385. Foi ainda Desembargador do Rei (Barroca, 2000: 2117-2128).

nobres e honrados se mandavam sepultar em sua igreja e claustros”» (Marques, 1994: 95). Em finais do século XIV encontramos referências em Fernão Lopes sobre a reclusão de um frade da Ordem Terceira de São Francisco, de nome João, dito da Barroca, de origem castelhana, que, após uma experiência de reclusão em Jerusalém, acabara em Lisboa a sua demanda. Para o efeito, fez-se encerrar numa pequena cela anexa ao convento franciscano, apenas com «*hua estreita janella que ficasse pera vista*» (ver Figura 28; Fontes, 2007: 262). O edifício foi integralmente refeito por D. Manuel I (Marques, 1994: 95). Ocupava todo um quarteirão cerca de 1650³⁸⁸, tendo sofrido, respectivamente em 1708 e em 1741, dois grandes incêndios que o destruíram parcialmente, levando ao seu restauro. Foi um dos raros monumentos da cidade a não sofrer estragos de vulto com o terramoto de 1755 devido à robustez da sua construção, não obstante todo o restante complexo ter sido totalmente destruído (A. Martins, IPPAR).

O edifício foi submetido a três intervenções arqueológicas (CNS 16837):

- A de 1988, efectuada por Fernando Severino Lourenço e por Filomena Rodrigues, devido à necessidade de aproveitamento do edifício anexo ao Museu de Arte Contemporânea. Este servia de depósito de Reservas do Museu, coincidindo com o local onde existiu a antiga Igreja do Convento. No decurso da mesma, foi identificado um sarcófago reaproveitado à face da parede, que não apresentava qualquer ornamentação ou inscrição. No patamar da escada, e compondo o lajeado do chão, podia ver-se uma ou o resto de uma pequena inscrição que não chegou a ser lida; do mesmo modo, o pavimento era constituído por algumas pedras dispostas regularmente, assentando directamente na terra barrenta. Uma destas pedras é uma laje de cabeceira de uma sepultura medieval tendo inscrita uma «Cruz de Malta», que não se encontrava *in situ* (Lourenço e Rodrigues, 1988: 6, 8), verificando-se claramente que funcionou como material de reaproveitamento. Segundo os arqueólogos, «(...) *A pedra tumular pode-nos indiciar a existência de um cemitério nas proximidades: e houve-os certamente. Isto sem querer referir o local de enterramento dos cruzados ingleses que participaram na conquista de Lisboa, e se sabe estar situado nas imediações.*» (Lourenço e Rodrigues, 1988: 11);
- A de 1990, sob a coordenação de Clementino Amaro, para averiguar da existência de uma possível «*cisterna ou ossário*»³⁸⁹,
- Finalmente, a de 1993, coordenada por Maria de Magalhães Ramalho³⁹⁰. Os traba-

388 Delimitado a ocidente pela antiga Rua do Saco, que passava sensivelmente onde hoje passa a Rua Serpa Pinto, a sul pela Rua do Ferragial de Cima, hoje Rua Victor Cordon, e a norte pela actual Rua Anchieta.

389 O respectivo relatório de escavações não se encontra arquivado no IGESPAR, havendo apenas referências ao mesmo. Assim, não sabemos se os objectivos da escavação foram atingidos ou não, nem tão pouco se no decurso dos mesmos foram postos a descoberto enterramentos.

390 Esta foi motivada pelo aparecimento de um conjunto de ossos humanos alegadamente recolhidos por arque-

lhos foram iniciados com as obras do Núcleo Museológico do Museu do Chiado já iniciadas e devido ao aparecimento de várias ossadas humanas, na zona do jardim (junto ao muro-cerca que corre paralelo à Rua Serpa Pinto), num local que não tinha sido ainda alvo de sondagens arqueológicas prévias. Desta forma, foram efectuados o «(...) devido reconhecimento estratigráfico e análise do tipo de deposição das ossadas (é de notar que a numeração das sondagens foi feita, tendo em conta as sondagens efectuadas pelos trabalhadores). (...) As ossadas, por sua vez, foram devidamente armazenadas em caixas para posterior enterramento em local considerado mais apropriado.» (Ramalho, 1993: 2). Contudo, do processo não constam quaisquer resultados ou descrição das sepulturas referidas, impedindo assim a utilização de dados para o presente trabalho. Na mesma intervenção, numa antiga ala de aulas da E.S.B.A.L. (identificada como Sala 18) foi detectado «(...) abaixo do piso existente, um outro nível de pavimento constituído por lajes de pedras, sendo algumas delas resultado de reaproveitamento de antigas sepulturas. Neste local foi possível detectar a existência de lajes com epígrafes góticas bem como outras provavelmente dos séculos XVII e XVIII.» (Ramalho, 1993: 3). A arqueóloga responsável destaca a importância dos elementos de pedra recolhidos e inventariados³⁹¹, bem como o registo integral da cisterna, na zona do pátio, e a qualidade dos materiais que preenchiam o seu interior (IPA, CNS 16837). Da intervenção em apreço resultou a apresentação de uma proposta para criação do Núcleo Museológico no Museu do Chiado sobre a História do Convento de São Francisco, devido à grande abundância de cerâmicas dos séculos XVI e XVII provenientes da antiga Cisterna.

Já Cordeiro de Sousa tinha publicado uma inscrição descoberta como aproveitamento no lajedo³⁹², à qual tinham sido cortadas duas faixas. A particularidade, segundo o autor, é que «(...) Na parte inferior do rectângulo deixado livre pelo letreiro, está gravada uma bota sem tacão e com a biqueira bastante ponteguda voltada para a banda da cabeceira.» (Sousa, 1982c: 23)³⁹³. A inscrição referida, cujos caracteres o autor atribui o período cronológico do século

ólogos durante os trabalhos arqueológicos no Convento de São Francisco, em Lisboa, e despejados em vazeiro do distrito de Setúbal, e na sequência de um telefonema da Polícia Judiciária de Setúbal (7 de Setembro de 1993).

391 Agradecemos à Dr.^a Maria de Magalhães Ramalho a gentileza de ter-nos feito chegar o inventário das peças recolhidas durante a intervenção arqueológica e em depósito no actual Museu do Chiado, peças que, fez questão de precisar, surgiram todas fora de contexto arqueológico.

392 Talvez uma das referidas por Fernando Severino Lourenço e Filomena Rodrigues?

393 Ainda segundo aquele investigador «A representação de instrumentos de ofício ou de objectos que podem indicá-lo, é relativamente vulgar em sepulturas medievais. É bem conhecido o epitáfio do alfaiate Diogo Afonso, no Carmo, acompanhado por uma tesoura e uma régua, e recordo-me de certa tampa do Museu de Guimarães, que tem gravado um cutelo, e de uma cabeceira de sepultura do Museu de Torres Vedras, onde esculpiram uma canga e um arado, etc. Vinha de longe esse costume. Tais representações encontram-se, como se sabe, em estelas romanas.» (Sousa, 1982c: 23-24). Exemplo do costume acima referido é trazido pelos trabalhos de Rosa Varela Gomes (Gomes, 2006: 123-127) e da mesma autora e de Mário Varela Gomes (Gomes e Gomes, 2006: 316-328), que documentou

XIV, menciona uma Vatelida Esteves; poderia eventualmente ser D. Elvira Esteves?

De facto, Mário Barroca publicou as inscrições funerárias de D. Estêvão Anes³⁹⁴ e de sua mulher, assim como a da filha de ambos, D. Elvira Esteves³⁹⁵.

O Convento de São Francisco está classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto 45/93³⁹⁶ (IPPAR).

IV.1.10. Igreja de São Martinho

O edifício da Igreja de São Martinho situava-se no Largo de São Martinho, e terá sido fundado no século XII (Marques, 1994: 98). Demolido no início do século XIX, dele restam como vestígios as escadas reaproveitadas num dos edifícios existentes no local assim como um troço da fachada da torre, igualmente integrada no mesmo (Brazuna, 2005: 17).

Descrita por Júlio Castilho (Castilho, 1937: 14), a paróquia de São Martinho seria uma das mais antigas de Lisboa, encontrando-se referenciada já em 1168 na História Eclesiástica de D. Rodrigo da Cunha. O mesmo autor menciona os manuscritos do Museu do Carmo, de José Valentim de Freitas, segundo os quais é possível que a Igreja de São Martinho tenha sido «(...) na sua origem uma construção semelhante à primeira Sé, feita da mesma pedra dos bancos que até então havia, e ainda ha, por aquelles e mais sitios da cidade (...). Era de architectura arabe, muito simples e tosca.» (Castilho, 1937: 15-16). Os elementos arquitectónicos que aquele autor encontrou durante a demolição do edifício provam as características arabizantes acima mencionadas.

a descoberta de uma sepultura em contexto arqueológico correspondente a um indivíduo jovem e cuja profissão teria sido a de sapateiro. O mesmo foi atestado pela descoberta de uma estela discóide, a cerca de 10m da inumação, que ostentava, de um dos lados, um sapato e uma tesoura. Um outro exemplar encontra-se patente no Museu de Arqueologia do Convento da Orada, em Monsaraz, e é proveniente da escavação da necrópole medieval de São Bartolomeu, na qual fomos assistente de arqueólogo (Gomes e Gomes, 2006: 326).

394 Estêvão Anes faleceu em 1304 e sua mulher (de nome desconhecido) em 1307. O primeiro foi Reposteiro-Mor e Porteiro-Mor do rei D. Dinis (Barroca, 2000: 1328-1331, 1991). Mário Barroca refere a particularidade de a datação relativa ao nome da mulher de Estêvão Anes ser a prova de que a lápide previa desde o início a sua dupla utilização, não da forma usual (gravação da primeira e posterior gravação da segunda) mas sim num momento posterior ao do falecimento da segunda, isto é, ulterior a 1307. O autor aventa como possível que a lápide (hoje desaparecida) te nha sido encomendada por D. Elvira Esteves, filha de ambos e igualmente inumada na mesma igreja, que o autor também reproduz (Barroca, 2000: 1329, 1991).

395 D. Elvira Esteves fez-se enterrar no Claustro do Convento de São Francisco em data desconhecida, embora enquadrável no século XIV. Mário Barroca refere não saber, à semelhança dos autores que publicaram igualmente a mesma e uma vez que também esta inscrição está desaparecida, se «(...) o epitáfio de D. Elvira Esteves estaria gravado em lápide ou, se, pelo contrário, estava registado directamente na sua tampa de sepultura (...)» (Barroca, 2000: 1991), onde, segundo Frei Manuel da Esperança, se podia ver ainda no século XVII o retrato de D. Elvira. E, ainda, desconhece-se se este seria jacente ou apenas gravado como noutros monumentos da mesma época (sécs. XIV e XV) (Barroca, 2000: 1992).

396 Publicado no Diário da República n.º 280, em 30 de Novembro de 1993.

A Igreja foi igualmente referida por Norberto Araújo (Araújo, 1992: 55) nomeadamente no que concerne à sua localização: situar-se-ia em frente ao Limoeiro, ficando encostada ao Pátio do Carrasco³⁹⁷. Ainda segundo o autor, a igreja datava de 1168³⁹⁸, tendo sido reconstruída entre 1634 e 1664 e reedificada cerca de 1760, na sequência do terramoto que a deixou muito arruinada. A paróquia ter-se-ia extinguido em 1835, levando à sua demolição em 1837.

A única referência a sepulturas é feita nos trabalhos de Ferreira de Andrade. Este autor menciona a discordância de José Valentim de Freitas, pintor, relativamente à destruição da igreja. O seu desacordo foi expresso em requerimentos enviados à Câmara Municipal de Lisboa (que estava então encarregue das demolições), nos quais pedia autorização para «(...) tirar alguns apontamentos de antiguidades, tanto de architectura como de inscripções (...)» e chamando a atenção para o estado de abandono a que as sepulturas existentes na Igreja de São Martinho estavam votadas. O pintor chama ainda a atenção para a possibilidade de aí se encontrar sepultado João Fernandes Andeiro, assim como os condes de Vila Nova de Portimão e a respectiva família³⁹⁹.

Em **2005** (CNS 22646), numa intervenção que se enquadrou «(...) numa perspectiva preventiva e de minimização de impactes sobre o património arqueológico decorrente da abertura de valas integradas na empreitada PPF 20 (EPAL, S.A.), abrangendo a Rua da Saudade e o Largo de São Martinho, em Lisboa.», Sandra Brazuna e a restante equipa da ERA – Arqueologia SA trouxeram à luz alguns depósitos resultantes da demolição da igreja, permitindo igualmente a identificação de alicerces de paredes (o da parede Oeste e o limite da parede Norte) e de pavimentos, nomeadamente o do adro⁴⁰⁰. No interior do edifício encontrar-se-iam, então, os

397 Ferreira de Andrade refere «O templo reconstruído de S. Martinho e que tinha a fachada principal para Poente.» (Andrade, 1944: 147).

398 Esta data é apresentada por Norberto de Araújo (Araújo, 1992: 52) e por Carlos Guardado da Silva (Silva, 2008: 245). Ferreira de Andrade apenas diz que «(...) foi S. Martinho que primeiro nesta cidade de Lisboa se abriu ao culto dos fiéis. Remontava, a darmos crédito ao que nos rememora Carvalho da Costa (Mapa de Portugal, vol. III, p. 368. Carvalho da Costa alicerça a sua afirmação na existência duma lapide na igreja e que na tradução dada a estampa por Júlio de Castilho dizia: No dia 13 das calendas de Fevereiro (20 de Janeiro) Jerónimo Remires, primeiro prior desta freguesia, faleceu na era de 1221 (ano de 1183)), a data anterior a 1183.» (Andrade, 1944: 143-155).

399 «(...) vendo o abandono em que se acham as sepulturas nos que outr'ora foram templos, e que se vão demolindo, é que o suplicante recorre aos pios sentimentos da ill^a e exc^a camara municipal d'esta cidade para que nos sítios da sua jurisdição se digne aplicar alguns momentos dos seus cuidados em evitar um escândalo, e em dar um exemplo, mandando trasladar para os cemitérios públicos os ossos que se acham nos referidos lugares entre os quais haverá alguns que até merecem uma medida particular para se collocarem em separado. Nos restos da igreja de S. Martinho talvez se encontre a sepultura de João Fernandes Andeiro, bem conhecido da nossa história. Além de outros, ali se acham sepultados os condes de Villa Nova de Portimão e sua família (...)» (Andrade, 1944: 154-155). João Fernandes Andeiro, amante da rainha D. Leonor e partidário do pretendente castelhano ao trono de Portugal, foi o célebre Conde de Andeiro assassinado pelo grupo liderado por D. João I em 1383.

400 Embora o espaço ocupado pelo adro fosse de identificação relativamente fácil, nomeadamente em termos de orientação no tocante à última fase de utilização («Esta soleira apresentava uma orientação sensivelmente Este/Oeste, podendo corresponder à demarcação da entrada de uma sala situada no interior do adro, do lado Norte do

enterramentos (Brazuna, 2005).

No tocante a este últimos, a arqueóloga responsável conseguiu retirar algumas observações:

- Na estreita área intervencionada no espaço correspondente ao interior do corpo central da Igreja de São Martinho verificou-se a existência de uma prática intensiva de enterramentos, resultando num elevado grau de desarticulação dos esqueletos observados (Brazuna, 2005: 47)⁴⁰¹;
- À semelhança do que era prática comum em qualquer edifício religioso onde o espaço é limitado e tem de ser bem gerido, as inumações mais antigas eram desviadas para a cabeceira e/ou pés do espaço anteriormente ocupado, ou removidas para espaços distintos, para se proceder aos enterramentos mais recentes. Assim, e na área intervencionada registaram-se três espaços de ossário individualizados⁴⁰² (Brazuna, 2005: 49).
- Devido às características muito homogéneas dos depósitos existentes neste espaço e à sua contínua reutilização, na maioria dos casos não foi viável identificar a vala de inumação⁴⁰³ (Brazuna, 2005: 49).

acesso ao espaço principal da igreja.»), «(...) devido à exiguidade do espaço intervencionado, aos inúmeros cortes provocados pelas infraestruturas e à quantidade de grandes raízes não foi possível perceber como terminava o adro da Igreja de São Martinho nesta última fase de utilização e se fazia o acesso à rua.» (Brazuna, 2005: 40-41).

401 «(...) Os primeiros enterramentos encontravam-se naturalmente afectados pelas inúmeras valas contemporâneas, presentes nesta área, uma vez que a demolição da igreja e terraplanagem do largo incluiu a remoção do pavimento, deixando a descoberto o subsolo com os enterramentos a descoberto. De facto as estruturas identificadas, que se relacionavam com as paredes da igreja, correspondiam a alicerces e não se registou qualquer indício do pavimento existente no seu interior. Outro dos responsáveis pela desarticulação e fragmentação dos ossos foram as inúmeras raízes das duas árvores de grande porte existentes no Largo, tendo sido ali plantadas, de acordo com a informação oral da população, nos anos 40 do século passado.» (Brazuna, 2005: 47).

402 Que foram identificados através das UE [1218], [1230] e [1231]; «(...), sobre os quais foram posteriormente depositados outros enterramentos ([196] no caso do ossário [1218] e [1224] por sua vez coberto pelo [197] no caso do ossário [1230]). No que se refere aos ossários [1218] e [1231], foi possível registar o corte da vala em que se encontravam ([1220] – sepultura 5, e [1239] – sepultura 6, respectivamente) devido ao facto de a sua abertura ter cortado parcialmente a estrutura [198]. Outras vezes verificou-se que a abertura de novas valas de sepultura cortou outras mais antigas, perturbando os indivíduos aí depositados. Esta situação foi observada no caso da sepultura 1 (enterramento [115]), bem delimitada devido à utilização de cal, colocada no interior do caixão, ao longo de todo o corpo, e cuja abertura afectou parte dos enterramentos da sepultura 4 à qual se sobrepunha. Afectou ainda parte do enterramento [116], situado imediatamente a Oeste, tendo-lhe cortado os pés. No caso deste enterramento, [116], não foi possível identificar os limites da vala de inumação.» (Brazuna, 2005: 49)

403 «Esta identificação foi possível apenas nos casos em que o corte abrangia já o nível geológico (sepulturas 3 e 4), afectava estruturas (sepulturas 5 e 6), ou outros esqueletos (sepultura 1 em relação ao enterramento [116] e à presença da cal que delimitava ainda o esqueleto [115] da sepultura 1). Com excepção da sepultura 5, onde se registou um ossário, [1218], e um enterramento [196], que se lhe sobrepunha, e da sepultura 4, onde se registaram três enterramentos sobrepostos, [169], [182] e [183], e diversos ossos dispersos de criança e bebé, nas restantes sepulturas (1, 2, 3 e 6) apenas se observou um enterramento ou ossário (no caso da 6) associado. O espaço de sepultura deveria estar delimitado ao nível do pavimento por lajes, como de resto é habitual observar no interior das igrejas. No que a esta intervenção diz respeito, as poucas valas de sepultura identificadas, viram os seus limites ser apenas parcialmente identificados. A excepção é a sepultura 4. Devido ao facto de a abertura deste espaço ter sido, em parte, feita no

- Todos os enterramentos identificados, num número total de 25 (vinte e cinco) inumações primárias parciais e 5 (cinco) secundárias (ossários), associados a um espaço delimitado de sepultura ou não, foram depositados em decúbito dorsal com os membros superiores sobre as regiões torácica ou abdominal, com as mãos sobrepostas, e os membros inferiores em extensão (Brazuna, 2005: 50, 101).
- Partindo da amostra exumada, a deposição deverá ter sido feita em caixão de madeira, pelo menos sua maioria, tendo-se encontrado pequenos fragmentos de madeira e pequenas tachas associados a diversos esqueletos (Brazuna, 2005: 50).
- A orientação geral dos enterramentos foi de Sudoeste-Nordeste, considerando a cabeça no extremo Sudoeste (Brazuna, 2005: 50).
- O espólio associado é praticamente inexistente e o que foi registado – botões, contas de rosário, anéis – não permite, por enquanto, qualquer datação precisa, impossibilitando uma atribuição cronológica a estes enterramentos. O diminuto estado de conservação dos numismas constituiu igualmente um impeditivo para a identificação da mesma, restando, para o fazer, os limites cronológicos da Igreja⁴⁰⁴ (Brazuna, 2005: 50).

Não obstante a falta de informação cronológica proporcionada pelos dois numismas encontrados em contexto arqueológico nas sepulturas e que apenas permitem supor como pertencentes aos séculos XVII-XVIII os enterramentos exumados, decidimos manter a listagem das mesmas (ver ficha de sítio em Apêndices, pp. 449-460).

Finalmente, Nathalie Antunes-Ferreira, após estudar os enterramentos provenientes do espaço correspondente ao interior da igreja de São Martinho, conclui pelo registo de pelo menos 18 (dezoito) indivíduos, entre adultos e não adultos, e de diferentes faixas etárias⁴⁰⁵. Para aquela investigadora, «*O perfil biológico da amostra estudada, na qual estão representados ambos os sexos e todas as classes etárias, sugere a presença de uma população natural. O que*

geológico permitiu-nos registar a sua forma ovalada.» (Brazuna, 2005: 49)

404 «No que se refere a cronologias para estes enterramentos, não possuímos dados que nos permitam integrar cada um deles numa determinada época. O espólio associado é praticamente inexistente e o que foi registado – botões, contas de rosário, anéis – não permite, por enquanto, qualquer datação precisa. Por seu lado, as moedas recolhidas junto a esqueletos, uma junto ao [115] e outra junto ao [150], apenas nos permitiriam dizer que aqueles enterramentos foram efectuados após a data de cunhagem da moeda associada. O que, neste caso, nem mesmo este tipo de informação se pôde aplicar devido ao mau estado dos numismas. Assim, a única cronologia que neste momento podemos atribuir é a da existência da própria Igreja – século XII/XIX. Estratigraficamente, foi possível registar uma sequência temporal de alguns dos enterramentos identificados, expressa na matriz abaixo representada.» (Brazuna, 2005: 50).

405 «Nas inumações secundárias e reduções ósseas analisadas registaram-se pelo menos 18 indivíduos: 13 adultos e cinco não adultos. Nos adultos identificaram-se sete homens, cinco mulheres e um caso de sexo indeterminado. As classes etárias representadas são bebés, crianças, um adolescente, um adulto jovem, adultos maduros e idosos.» (Antunes-Ferreira, 2005: 102).

aumentando a representatividade da amostra poderia permitir inferências antropológicas sobre a paleopopulação»⁴⁰⁶ (Antunes-Ferreira, 2005: 102).

IV.1.11. Praça da Figueira

Foi durante os trabalhos de construção da estação do Metropolitano de Lisboa no Rossio, em 1960, que foi efectuada por Irisalva Moita a escavação de salvamento nas ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos (CNS 1925), colocando a descoberto a Ermida de Nossa Senhora do Amparo e respectivos Apêndices, os níveis inferiores da enfermaria de Santa Clara, a frontaria poente-norte do Hospital (construções que até aí não tinham sido identificadas). Pôs-se ainda a descoberto o cano Real de São Domingos (IGESPAR)⁴⁰⁷. Em 1989, em informação técnica (Inf. 20/10/89), José Luís de Matos menciona a existência de uma importante necrópole romana que havia já sido descoberta durante a construção do túnel do Metropolitano de Lisboa; indica então que seria de supor que parte dessas estruturas romanas permanecia sob os restos do Hospital de Todos-os-Santos.

Construído em 1492, no reinado de D. João II, que quis com ele constituir um Hospital Central em Lisboa⁴⁰⁸, à semelhança do que aconteceria depois em Coimbra, Évora ou Braga, foi durante o reinado de D. Manuel (que o terminou em 1502) que atingiu o seu expoente máximo. A particularidade deste edifício é que, no decurso dos trabalhos ordenados por D. Manuel, as pedras tumulares do almocavar muçulmano de São Gens (zona da Graça) teriam para aí sido levadas, depois da extinção e demolição do mesmo a mando daquele rei, para servir como material de construção de reaproveitamento⁴⁰⁹ (Macias, 1998: 67; Silva, 2008: 85). Parece-nos ser este o caso referido por Mário Barroca (Barroca, 2000: 61-62), que menciona a inscrição funerária que memorizava o óbito de Al-Ab-bas Ahamad, falecido em 17 de Julho de 1398 (Insc. N.º 37).

406 Quanto às patologias encontradas, e ainda segundo a autora, «*No que se refere ao estudo morfológico e patológico não é possível tecer conclusões. No primeiro realizaram-se poucas observações enquanto o segundo incidiu sobre esqueletos, na sua maioria parcialmente articulados e bastante fragmentados. Pode-se, todavia, destacar alguns casos isolados, conforme foi exposto acima, que não permitem extrapolações sobre as interações ambiente-indivíduo e condições higiénico-sanitárias particulares, embora a documentação histórica nos elucide acerca das condições de vida da população em geral deste período.*» (Antunes-Ferreira, 2005: 102).

407 Uma vez que se trata de um trabalho de escavação arqueológica anterior à existência do IPA, encontrámos no respectivo processo apenas uma descrição sumária.

408 Recordemos que era esta a época de surgimento das grandes instituições de caridade (Ramos, 1993; Graça, 2000a: 59).

409 «*(...) Uma lápide funerária foi reutilizada como material de construção, resultado, tudo o indica, duma disposição régia de D. Manuel I que autoriza o uso de cantarias dos cemitérios judeus e mouros na edificação do Hospital Real de Todos-os-Santos. A lápide, datada de 1398, poderia fazer parte do almocavar que existia na encosta do morro da Graça, provavelmente na zona do Forno do Tijolo.*» (Macias, 1998: 67). Igualmente segundo Carlos Guardado da Silva (Silva, 2008: 85) e informação oral do Dr. Rodrigues Ferreira.

O Hospital de Todos-os-Santos seria seriamente danificado durante o terramoto de 1755 e pelo incêndio monumental que a ele se seguiu; já antes o edifício tinha sofrido alguns danos com um incêndio que ocorreu em 1601 e ficou parcialmente destruído devido a outro, este em 1750 (*Relação...*, 1750), que atingiu a igreja e várias dependências; tal facto levou o rei D. José a ordenar a compra de várias propriedades destinadas à sua reconstrução (AAT^T). As escavações arqueológicas dirigidas por Irisalva Moita em 1960 deixam perceptível a sobrevivência de algumas secções do hospital anteriores ao terramoto de 1755. Os trabalhos arqueológicos, efectuados na zona noroeste da praça do Rossio identificaram parte da famosa arcaria da fachada principal. Puseram igualmente a descoberto o claustro noroeste e toda a área do piso térreo sob a enfermaria de Santa Clara, bem como a Ermida de Nossa Senhora do Amparo (Moita, 1990: 2), a enfermaria dos entrevados e incuráveis e mais alguns compartimentos não identificados (Moita, 1993: 21). A seguir ao terramoto foram erguidos hospitais provisórios em São Bento e na casa dos Almadás, seguidamente no Rossio e às Portas de Santo Antão, enquanto se faziam as adaptações necessárias no Colégio de Santo Antão, que pertencera aos Jesuítas. Vinte anos depois, procedeu-se à transferência dos doentes e serviços para as novas instalações. Sob a orientação do então enfermeiro-mor, D. Jorge Francisco de Mendonça Furtado, os habitantes de Lisboa, incluindo a nobreza da corte e as comunidades religiosas, ajudaram a transportar as macas com os doentes e feridos, para as suas novas instalações. O Hospital passou a chamar-se Real de São José em homenagem ao monarca, mantendo-se a estrutura orgânica e funcional que tinha antes do terramoto (AAT^T, in <http://www.aatt.org>).

IV.1.12. Igreja de São Lourenço

Igualmente denominada por São Lourenço da Mouraria, desta igreja mais não temos que escassos elementos (Marques, 1994: 99; Silva, 2008: 253). Os primeiros documentos que se lhe referem são constituídos por uma lista de templos da cidade de Lisboa, lista essa datada de 1209 ou 1229; mas a fundação da mesma, segundo Mário Barroca e citando diversos autores, poderá ser balizada entre 1191 e 1209 (Barroca, 2000: 970).

Teria sido D. Vicente Martins, Alvazil de Lisboa em 1285⁴¹⁰ e Vigário do Rei, a proceder à fundação de uma das capelas (dedicada a Santa Vitória), para sepultura de seu filho (Martim Vicente) e de seus irmãos (Domingos Martins, Pedro Martins e Maria Martins) (Barroca, 2000: 970). Essa datação coloca-a ainda num período arquitectónico românico (a que pertencem aliás algumas das sepulturas de que falaremos adiante).

410 Ocuparia já o cargo em 1276, e existe um seu homónimo registado como Tesoureiro do Rei em 1286. De qualquer forma, a inscrição referida apresenta o nome do Bispo D. Mateus, que ocupou o cargo na Diocese de Lisboa entre 1258 e 1282 (Barroca, 2000: 970).

Data de 1296 a fundação de uma outra capela na mesma igreja: a Capela de Santa Ana. Esta, estabelecida por testamento por Mestre Pedro (gozava de grande prestígio junto do rei e da cidade de Lisboa), que a deixou em morgado, provavelmente por falta de herdeiros, a seu irmão Lourenço Peres (Farelo, 2007: 146). Mário Farelo descreve todas as ligações ao panteão familiar até ao legista Mestre João das Leis, no reinado de D. João I (Farelo, 2007)⁴¹¹. Não deve ser ainda esquecida a referência à presença de emparedadas entre 1316 e 1317, associadas a esta igreja (ver Figura 27; Fontes, 2007: 24).

Contudo, é no período gótico que ao primitivo templo se acrescentam 5 (cinco) capelas no estilo correspondente. Gravemente destruída pelo terramoto de 1531, é objecto de obras, sendo-lhe ainda adossado o palácio do Visconde de Ponte de Lima, e à qual está ligada na parede norte através de uma tribuna. Esta ocupa provavelmente o espaço onde existiriam as capelas góticas laterais. Séculos volvidos, foi o terramoto de 1755 que lhe destruiu o tecto e o coro; novamente submetida a obras, foi terminada em 1763.

A Igreja de São Lourenço (anexada ao Palácio da Rosa) foi objecto de duas intervenções arqueológicas (CNS 13790).

A primeira data de 1992-1993, sob a responsabilidade do arqueólogo Clementino Amaro, e integrou-se num projecto de restauro efectuado no Palácio da Rosa e na referida igreja, coordenada por técnicos do IPPAR (Amaro, 1999). Foram então efectuadas 8 sondagens: as sondagens 1 e 2 na nave da igreja; as sondagens 3 a 6 na primeira capela gótica; a sondagem 7 na antiga casa do guarda; finalmente, a sondagem 8, realizada na segunda capela gótica.

Clementino Amaro começa por referir que, no tocante às duas primeiras sondagens (**sondagens 1 e 2**), é necessário ter em conta que «*Tratando-se de uma intervenção arqueológica no interior de um templo com a sua origem no século XIII, necessariamente apresenta uma sequência de enterramentos representativa de diferentes momentos e todas as evidências de que foi intensamente utilizado, quer pelos diferentes níveis de deposição registados, quer pelo levantamento das inumações mais antigas e sua deposição em ossários (...), ou simplesmente os ossos remanescentes foram depositados junto à nova inumação.*» (Amaro, 1999: s.n.). Por essa razão, e em virtude da intensa utilização como local de enterramento, poucas das cerca de quarenta inumações registadas se apresentavam completas, estando algumas delas apenas «*(...) reduzidas a alguns*

411 O autor conclui que «*(...) No entanto, a influência da família no meio eclesiástico da cidade não se ficaria por aqui. Na realidade, os «Nogueiras» destacaram-se, neste particular, por terem conseguido transformar a igreja de S. Lourenço de Lisboa no centro sócio-económico da família (enquanto lugar de inserção de clientelas e sede dos morgados) e no pólo agregador da sua memória (capelas, aniversários, panteão familiar). Os vínculos assim criados tornavam-na praticamente num «bem» familiar. Enquanto marca de distinção importante, esta relação privilegiada com a igreja de S. Lourenço de Lisboa contribuía, de forma substantiva, para a referida projecção familiar na urbe, a qual tinha ainda como outro elemento fundamental, a ligação da família ao oficialato régio, personificada pelas carreiras, por exemplo, de Lourenço Peres Senior, de Mestre João das Leis e do seu sogro, Afonso Eanes Carregueiro.*» (Farelo, 2007: 154).

sectores do esqueleto.» (Amaro, 1999: s.n.). Para o efeito contribuíram igualmente as diferentes fases de reconstrução e de obras pelas quais a igreja passou, destruindo parte das inumações. Por outro lado, os enterramentos foram praticados no interior do templo até à proibição dos mesmos no segundo quartel do século XIX.

O templo medieval manteve, segundo aquele investigador, a orientação clássica Este-Oeste, apresentando todos os indivíduos inumados a cabeça para Oeste.

Sob o pavimento da nave da igreja (primeiro nível⁴¹²) que apresentava ainda a «(...) *delimitação dos talhões de enterramento devidamente numerados (...)*» (Amaro, 1999: s.n.), apareceu um segundo nível correspondente a um período de enterramentos anteriores, pertencentes provavelmente ao período quinhentista. Finalmente, num terceiro e último nível, surgem as inumações correspondentes a um primeiro momento de enterramentos (o período que se seguiu à construção do templo, e de que alguns conservavam ainda «(...) *vestígios nítidos da cova aberta na argila da base (...)*» (Amaro, 1999: s.n.). O autor conclui, assim, que os enterramentos efectuados nos períodos Medieval e Moderno tê-lo-iam sido a partir da «(...) *cota média de -1,15m em relação à actual soleira da porta principal (cota absoluta de 39,35m (...))*» (Amaro, 1999: s.n.). Foram ainda registados «(...) *enterramentos do período Moderno ocupando por vezes as valas abertas no solo de base, no período Medieval (...) verificando-se a recolha de ossadas anteriores aos pés da última inumação, com destaque para os crânios (...), ou em simples ossários (...)*» (Amaro, 1999: s.n.).

O espólio encontrado nesta sondagem é constituído por seis pregos, que se encontravam alinhados junto aos pés de uma das inumações feita directamente na argila de base (à cota média de -1,70m), indicando a utilização de caixão (para além do uso de mortalha) (Amaro, 1999: s.n.).

Na **sondagem 2**, foram ainda «(...) *detectados vestígios de pequenos muretes que, apesar de a área ser muito reduzida, sugere tratar-se de estruturas de compartimentação da necrópole medieval e quinhentista (...)*» (Amaro, 1999: s.n.). Um destes muretes assenta sobre um silo preexistente (silo 2).

De facto, e de acordo com o mesmo autor, a construção do templo e a abertura das sepulturas mais antigas afectaram parcialmente uma malha de silos do período islâmico. Estes terão sido entulhados, muito provavelmente, por meados do século XII, atendendo à datação das peças exumadas no interior daqueles⁴¹³ (Amaro, 1999: s.n.).

412 O autor identifica os diferentes níveis como «camadas» (Amaro, 1999: s.n.).

413 «(...) *A construção do templo e a abertura das sepulturas mais antigas afectaram parcialmente uma malha de «silos» do período islâmico (...), como são os exemplos da inumação 20, sob a qual é visível o contorno superior de um dos silos (...), e a construção do alicerce da parede sul da nave dentro do silo 1, o que só viabilizou a escavação deste em cerca de 1/3 da área (...). Foram entulhados, muito provavelmente, por meados do século XII, atendendo à datação*

Nas **sondagens 3 a 6**, e no nível correspondente ao período do templo românico, subsiste um enterramento aberto na rocha de base que apresenta vestígios da vala aberta, mas reduzido já aos membros inferiores (Amaro, 1999: s.n.).

A **sondagem 7** foi efectuada num espaço que faz parte da antiga casa do guarda do palácio e que se localiza a Este da primeira capela gótica. Nesta, sob «(...) *a camada de nivelamento, surge uma camada arenosa, compacta, de cor clara, com algum espólio cerâmico (...) onde foram registadas as inumações, todas atribuíveis ao período Medieval.*» (Amaro, 1999: s.n.). A maioria das inumações foi depositada directamente na rocha de base, através da abertura de valas (como os casos das inumações 24 e 27), sendo em alguns casos ainda visíveis os contornos antropomórficos.

A necrópole nesta zona (sondagem 7) deverá, de acordo com o que aquele arqueólogo refere, corresponder ao momento do templo românico e a enterramentos efectuados na área sul, externa ao templo. Com a construção das capelas, parte dos enterramentos ficam sob as paredes da primeira capela gótica⁴¹⁴ (Amaro, 1999: s.n.). Outros foram destruídos pela construção, em período quinhentista, do Palácio da Rosa e do compartimento correspondente à casa do guarda⁴¹⁵. Um das inumações intervencionadas neste espaço apresentava pregos junto aos pés, o que leva aquele investigador a considerar este achado como um indício da utilização de caixão de madeira⁴¹⁶ (Amaro, 1999: s.n.).

Por fim, a **sondagem 8**, efectuada no lado exterior da parede sul da nave (logo correspondente ao interior da segunda capela gótica que lhe fica anexa, trouxe à luz uma inumação (inumação 35) e um silo (silo 15). No tocante à inumação, esta «(...) *foi escavada só até ao nível dos joelhos, já que a parte inferior dos membros se encontra sob a actual escada de acesso à capela. Os membros superiores encontram-se cruzados sobre o ventre.*» (Amaro, 1999: s.n.). Quanto ao silo, encontrava-se cortado a meio pelo alicerce da parede sul da nave da igreja. Foi exumada grande quantidade de espólio cerâmico,

das peças exumadas no interior daqueles, conjunto este que se encontra na sondagem 2 (nave – lado sul), capelas laterais e antiga casa do guarda. Na sondagem 1 (nave – lado norte) não se detectaram vestígios explícitos de silos. No entanto, surgiram alguns indícios de estruturas escavadas na rocha que no entanto foram fortemente arrasadas pela necrópole medieval, não permitindo assim qualquer leitura conclusiva (...)» (Amaro, 1999: s.n.).

414 «(...) *corresponder ao momento do templo românico, ficando esta intervenção na área externa do mesmo, ou seja, corresponde a enterramentos efectuados na área sul, externa ao templo. Com a construção das capelas, parte dos enterramentos ficam sob as paredes da primeira capela gótica (como os casos das inumações 24 e 30 (...)) e inumações 32 a 34). Igualmente sob os vestígios de um pequeno compartimento de origem medieval (...) se identificou um conjunto de enterramentos, como os casos das inumações 26, 28 e 31 (...). As inumações 27 e 28 foram destruídas, em grande parte, na sequência da recente abertura da vala 1 (...).*» (Amaro, 1999: s.n.).

415 «(...) *Outras inumações foram destruídas ou mutiladas durante a fase de construção do Palácio da Rosa, no período quinhentista ao edificar o compartimento anexo à primeira capela gótica (antiga casa do guarda), como são os casos das inumações 25 e 29 (...).*» (Amaro, 1999: s.n.).

416 «(...) *A primeira destas [inumação 25] apresenta ainda pregos junto aos pés, indício da utilização de caixão de madeira (...).*» (Amaro, 1999: s.n.).

parte apresentando pintura a branco, todo ele integrável no horizonte islâmico (Amaro, 1999: s.n.).

Quanto ao espólio, e além do que já indicámos em página anterior, Clementino Amaro refere que «(...) *Associado a algumas inumações foi recolhida uma colecção de moedas, infelizmente em mau estado de conservação, sendo provável que parte delas correspondam ao período quinhentista.*» (Amaro, 1999: s.n.). Assim, e dada «(...) *a escassez de espólio associado, a sequência cronológica provisória dos enterramentos, foi atribuída essencialmente pelas características dos enterramentos, condições e local de deposição e a interrelação estabelecida entre as mesmas e os momentos construtivos do templo.*» (Amaro, 1999: s.n.).

Aquele investigador expressa ainda algumas conclusões: por um lado, o registo de 43 inumações, integráveis nos períodos medieval, moderno e contemporâneo, remetendo para o estudo antropológico eventuais resultados posteriores; por outro, que na deposição da inumação, as mãos, regra geral, eram colocadas sobre a região pélvica ou baixo-ventre. A posição das mãos colocadas sobre o peito aparece em apenas dois enterramentos, mas torna-se, segundo opinião do autor, mais comum nos enterramentos mais recentes feitos em caixão⁴¹⁷ (Amaro, 1999: s.n.).

Por fim, complementa as conclusões acima referidas mencionando que a colocação de uma moeda junto ao morto parece ter persistido durante a Idade Média e a Idade Moderna, embora tenha adquirido nessa época um carácter menos religioso e mais do domínio da superstição⁴¹⁸ (Amaro, 1999: s.n.).

A segunda campanha de escavações só viria a ter lugar em 2007, sob a responsabilidade de Sandra Brazuna e de Marta Lacasta Macedo, ambas integradas na equipada ERA Arqueologia SA⁴¹⁹. Esta localizar-se-ia sobretudo no próprio Palácio da Rosa, não conduzindo à descoberta de quaisquer vestígios arqueológicos.

417 «(...) *Quanto a atitudes relacionadas com o ritual da morte, poder-se-á destacar, numa provisória análise, que na deposição da inumação, as mãos, regra geral, são colocadas sobre a região pélvica ou baixo-ventre. Identificaram-se poucas situações em que as mãos estejam colocadas sobre o peito, como os casos da inumação 13 e provavelmente a 15. No entanto esta posição das mãos já é mais comum nos enterramentos mais recentes feitos em caixão.*» (Amaro, 1999: s.n.).

418 «(...) *Durante os períodos Medieval e Moderno sobrevive, já com um certo carácter de superstição e de tradição, o acto de colocar uma moeda junto do morto, seguindo um ritual vindo da época clássica.*» (Amaro, 1999: s.n.).

419 Em 2005, o Dr. Armando Sabrosa seria nomeado responsável pelo acompanhamento dos trabalhos arqueológicos na Igreja de São Lourenço por passagem à aposentação de Clementino Amaro e abandono do local em 1999 por falta de condições de higiene/salubridade e segurança (ataque de pulgas), mencionadas na documentação que consultámos.

IV.1.13. Convento do Espírito Santo da Pedreira

O Convento do Espírito Santo da Pedreira localizava-se onde ainda hoje se mantêm os Armazéns do Chiado. No mesmo local tinha existido, desde 1279, a antiga Casa do Espírito Santo, conduzida por uma irmandade de nobres e ricos mercadores de origem judaica. Esta irmandade promovia a associação e a entreaajuda financeira. O conjunto era constituído pela casa, por um hospital e pelo respectivo espaço conventual. A sua localização, a Pedreira, deve o seu nome à região inóspita e constituída por terrenos calcários e saibroso, e que não permitia a entrada do rio (Santana e Sucena, 1994: 351-353).

Durante o século XVII foi objecto de diversas obras de reconstrução. Contudo, seria com o terramoto de 1755 que o convento viria a ser totalmente destruído, passando a comunidade religiosa para instalações no Convento das Necessidades até que as respectivas obras fossem concluídas. Estas, no entanto, nunca foram terminadas, passando o imóvel a ter outros usos: como Palácio Barcelinhos ou, mais tarde, como os Grandes Armazéns do Chiado, surgidos em 1894. Seria totalmente destruído durante o incêndio que sofreu em 1988, que arruinou uma parte da Baixa, onde se integra, permitindo assim a redescoberta do Convento do Espírito Santo da Pedreira (França, 1987: 159; Santana e Sucena, 1994: 351-353).

A escavação arqueológica de acompanhamento da reconstrução dos antigos Armazéns do Chiado esteve, em **1991**, a cargo de Maria Moreira Ramalho e de Catarina Viegas Taveira (CNS 15909).

No decurso da mesma foi identificado um pequeno cemitério, localizado no que teria sido eventualmente a cripta da antiga Igreja. O cemitério era constituído por cerca de vinte sepulturas, delimitadas por muretes pouco espessos (de cerca de 27cm) e uma altura de 120cm. Data do período Moderno. Foram ainda encontrados um arco pertencente a um possível Claustro e vestígios de construções correspondentes ao período Pombalino.

IV.1.14. Igreja de São João Baptista (Lumiar)

A igreja de São João Baptista e São Mateus está indelevelmente ligada à figura do rei D. Dinis. Assim, a mesma seria fundada em 1276 pelo bispo de Lisboa, D. Mateus, no local onde o pai do rei, D. Afonso III, possuía uma casa de campo com quinta. Seria D. Dinis quem se encarregaria de a prover, ao mesmo tempo que doava em 1312 o Paço pertencente a seu pai ao seu filho bastardo (D. Afonso Sanches), fruto da sua relação com D. Gracia. O Paço e a respectiva igreja, de uma só nave, seriam mais tarde doados, em 1331, ao Mosteiro de São Dinis de Odivelas, pela viúva de D. Afonso Sanches, D. Teresa Martins, em memória

das almas de seu marido e de seu sogro. Contudo, seria o mesmo confiscado por D. Afonso IV, que o integrou nos bens da Coroa (Sousa, 1982e: 97-99; Inácio, 2000: 107-108).

Existe uma inscrição funerária e comemorativa da instituição da capela de Santa Brígida, sobre suporte de calcário e letras capitais quadradas, de feitura do século XVI, que marca a sepultura dos três cavaleiros irlandeses («*ibernios*») que tinham trazido a relíquia de Santa Brígida (originária e martirizada na Irlanda) para Portugal, com destino ao mosteiro de São Dinis de Odivelas, então em construção (Sousa, 1982e: 94-96; Vale e Ferreira, 1994; Avellar *et alii*, 2004; Rosa, 2005)⁴²⁰.

Foi aliás durante o século XVI que a igreja sofreu modificações de vulto, passando de nave única a três naves. Depois de vicissitudes várias (entre abandono e incúria⁴²¹), a Igreja de São João Baptista sofreu destruições importantes com o terramoto de 1755 (Sousa, 1982e: 102-105; Vale e Ferreira, 1994; Avellar *et alii*, 2004; Rosa, 2005).

Sobreviveu ainda a um incêndio em 1932, tendo sido recuperada e integrada, em anos mais recentes, no Plano de Pormenor de Salvaguarda do Paço do Lumiar (Vale e Ferreira, 1994; Avellar *et alii*, 2004; Rosa, 2005).

Encontra-se hoje abrangida pela classificação de que foi alvo, em 1997, o Paço do Lumiar.

IV.1.15. Igreja de São Lourenço (Carnide)

A Igreja de São Lourenço, em Carnide, foi fundada em 1321, tendo sido reconstruída em 1342 e elevada a igreja paroquial no mesmo ano. Data do século XVI a remodelação do seu interior (cerca de 1592). Como muitos outros edifícios religiosos, foi grandemente danificada em consequência do terramoto de 1755, cuja reconstrução se encontrava concluída apenas em 1808, incluindo o arranjo do adro e a colocação do cruzeiro. Foi novamente restaurada

420 Segundo Cordeiro de Sousa, que nos relata a lenda, refere que a tradição diz que os cavaleiros irlandeses tinham parado para se reparar das fadigas da viagem junto ao Paço do Lumiar. De manhã, no caminho para o mosteiro de São Dinis, dão pela falta da Relíquia, que encontram pendurada num pinheiro onde anteriormente tinham pernoitado; nova tentativa de levar a relíquia a São Dinis e novo desaparecimento. A população solicita então ao bispo (D. João de Solhães) que permita que a relíquia de Santa Brígida se mantenha no que era então a ermida de São João do Lumiar. Começava assim uma longa disputa entre as religiosas de São Bernardo do mosteiro de São Dinis de Odivelas e a Igreja de São João do Lumiar, contenda que foi, segundo a tradição, resolvida pela própria santa mártir (Sousa, 1992e: 94-95).

421 É aliás na visitação de 1630 que se faz referência às sepulturas existentes no adro. Cordeiro de Sousa refere a situação da seguinte forma: «(...) Era tal abandono em que tudo se achava que na visitação de 2 de Setembro de 1630 se ordena ao prior para, no prazo de três meses e sob pena de excomunhão e 5 cruzados para a Santa Cruzada, fazer murar o adro, a fim de os carros e as cavalgadas, que por ele passavam continuamente, tendo serventia por outra parte, não o escavassem, fazendo aparecer “os ossos dos defuntos” ali sepultados!». Catorze anos passados é feita nova imposição ao «Juiz da igreja», mas em 1706 ainda a mesma não se encontrava feita (Sousa, 1982f: 104).

em 1860 e encerrada ao culto em 1913. Após 70 anos de encerramento e depois de obras de restauro profundas, reabriu ao culto em 1990 (Vale e Gomes, 1996; Figueirinhas, 1998).

No recinto que envolve o edifício são reconhecíveis diversos fragmentos de sepulturas, provenientes do cemitério primitivo que se encontrava anexo ao templo, nomeadamente a que foi publicada por Cordeiro de Sousa e correspondente já a finais do século XVI (Sousa, 1966b).

Por seu turno, Mário Barroca publica a inscrição comemorativa da fundação da igreja⁴²², surgida na sua versão moderna e referida por Gabriel Pereira, mas desaparecida já em 1898 (Barroca, 2000: 1638-1639).

IV.2. Resultados das sondagens/escavações já realizadas no termo de Odivelas

Odivelas passou a figurar na lista dos concelhos portugueses a partir de 1998⁴²³. Até essa data fazia parte do concelho de Loures. Embora território de intensa ocupação até ao período romano e igualmente durante este, não se conhecem até à data intervenções arqueológicas que tenham posto a descoberto necrópoles ou sepulturas individualizadas para o período sobre o qual este estudo versa.

No entanto, o vizinho concelho de Loures apresenta sítios de contextos funerários e classificados como pertencentes a um período Medieval Cristão. São eles a Igreja Matriz de Loures⁴²⁴ (CNS 3680), a sepultura de Frielas⁴²⁵ (CNS 20055) e a Necrópole de Trotos⁴²⁶ (CNS 10316).

422 O fundador fora o Bispo D. João Afonso de Brito (entre 1326 e 1342), que mandara construir a igreja por intermédio do Chantre de Lisboa, Pero Sanches, e que a doou em 1342 ao capelão D. João de Ourém. D. João Afonso de Brito faleceria em 1342 (Barroca, 2000: 1639).

423 É publicada em Diário da República, em 1998, a Lei n.º 84/98, que procede à criação do Município de Odivelas (<http://www.cm-odivelas.pt/Concelho/Historia/index.htm>).

424 Foram aí recolhidas cabeceiras de sepultura pertencentes a uma necrópole medieval (Base de Dados Endovélico). Ver igualmente Guedes e Costa, 2006 e Oliveira, 2006.

425 «A cabeceira de sepultura foi encontrada em terrenos contíguos à Igreja de S. Julião de Frielas. Foi feita em calcário e apresenta na face visível cruz latina, realizada em baixo-relevo e inscrita num círculo. Actualmente encontra-se incrustada na face interior de um muro particular.» (Base de Dados Endovélico).

426 A necrópole de Trotos foi parcialmente destruída por uma estrada que cortou o «morro» onde esta se encontrava. Foi escavada na década de 80 do século XX, mas desconhece-se o paradeiro do espólio que foi recolhido, à excepção do espólio osteológico (Base de Dados Endovélico).

IV.2.1. Mosteiro de São Dinis de Odivelas

Situado no termo de Lisboa à época e hoje no termo de Odivelas, o mosteiro de São Dinis foi fundado e dotado pelo rei D. Dinis, com o consentimento e a autoridade do bispo de Lisboa (D. João de Soalhães, que já mencionámos). Segundo a lenda, a fundação dever-se-ia a um voto do rei D. Dinis, depois de ter sido salvo das garras de um urso. No entanto, diversos autores põem em causa a motivação, considerando que «(...) *parece que este acto piedoso, associado à grandeza da construção, contribuía, acima de tudo, para reforçar a imagem de um soberano magnânimo e para a afirmação pessoal do rei, através de uma obra que garantia a perpetuação e a glorificação da sua memória. Hermínia Vilar e Maria João Branco consideram que, para tal, concorria ainda, intencionalmente, a invocação de S. Dinis para patrono do mosteiro, justificada pelo monarca “em virtude de ter nascido no dia da celebração da sua festa e de o considerar como seu santo protector” (...).*» (Rêpas, 2007: 232).

A edificação do mosteiro cisterciense, segundo Paulo Almeida Fernandes (Fernandes, 2010), deve-se igualmente às condições propícias do lugar para a instalação dos monges brancos, devido não só ao isolamento rural, mas também à existência de linhas de água, «(...) *condições essenciais ao aproveitamento agrícola no interior da cerca monástica e valores tão caros ao fundador da Ordem, São Bernardo.*» (Fernandes, 2010).

Ainda segundo o mesmo autor, «*Reunidas as condições necessárias, a obra arrancou em 1295, ao mesmo tempo que o monarca e as religiosas nobres envolvidas no projecto dotavam a instituição de autonomia financeira, que asseguraria não apenas a marcha da construção como, também, a evolução sustentada da comunidade. Ao que tudo indica, os trabalhos decorreram com relativa rapidez e, dez anos depois, o mosteiro foi entregue às bernardas, devendo-se a orientação técnica aos arquitectos Antão e Afonso Martins, que deixaram as suas siglas em numerosos silhares. As obras, todavia, prolongaram-se pelos anos seguintes, de acordo com uma prática comum na Idade Média, coexistindo a vivência monacal com o avanço das construções.*» (Fernandes, 2010).

«*Ponto fulcral dos mosteiros cistercienses, o conjunto de Odivelas estrutura-se em torno do seu claustro, ele próprio estabelecido em função da rede hidrográfica do local. Aqui, o claustro determinou a construção da igreja do lado Sul, o que não é muito comum, mas que encontra plena justificação nas condições geográficas do sítio.*» (Fernandes, 2010).

Pouco resta da construção inicial, de acordo com aquele investigador:⁴²⁷ subsistem

427 «(...) *apenas a cabeceira da igreja, com seu portal lateral Sul (dotado de narthex) e parte do claustro. A cabeceira integra-se na perfeição no chamado Gótico dionisino, de perfil tripartido (com capela-mor mais ampla e alta que os absidiolos) e de planta exterior poligonal, com contrafortes nos ângulos que permitem a abertura, nos panos médios da capela-mor, de grandes janelões verticais de duplo lume. No interior, a hierarquização destes espaços encontra materialização efectiva na luminosidade, sendo a capela-mor abundantemente iluminada e os absidiolos apenas escassamente, passando aqui os janelões de duplo lume a estreitas frestas verticais, reforçando-se o estatuto das capelas*

apenas a cabeceira e o seu portal Sul (Fernandes, 2010).

Como a maior parte dos edifícios religiosos, foram muitas as alterações verificadas ao longo dos séculos no conjunto monacal de São Dinis de Odivelas. Assim, e logo no século XV (em 1424), a rainha D. Filipa de Lencastre instituiu uma capela, anexa ao absidiolo Sul e associada ao portal lateral da igreja⁴²⁸ (Fernandes, 2010).

As obras continuaram pelos tempos seguintes, em particular durante os séculos XVII e XVIII. A última grande campanha ocorreu após o terramoto de 1755, «(...) altura em que o corpo da igreja abateu e numerosas dependências monacais ficaram afectadas. A reconstrução da igreja privilegiou um espaço amplo, sem divisórias, com arcos extremos de volta perfeita e abatidos, que suportam uma abóbada de lunetas.» (Fernandes, 2010).

A igreja é ainda hoje a parte melhor conservada e contém dois túmulos góticos, do século XIV, um dos quais do rei D. Dinis⁴²⁹, «(...) com jacente e faciais decorados com edículas trilobadas onde se integram religiosos, obra cimeira da nossa arte tumular medieval, apesar de bastante desfigurada pelo terramoto e pelas invasões napoleónicas.»⁴³⁰ (Fernandes, 2010).

Por outro lado, Mário Barroca salienta que a «situação privilegiada de Alcobaça altera-se com D. Dinis, que como se sabe escolheu o Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, por ele fundado às portas do novo centro de decisão política, para ser enterrado. Ainda hoje se pode admirar o seu túmulo na capela lateral do lado do Evangelho de Odivelas, com arca ornamentada e coberta com

laterais como dependências anexas pela baixa abóbada de cruzaria de ogivas e de nervuras bem salientes.» (Fernandes, 2010). É na capela-mor que se encontra a sepultura do infante D. João (nascido em 1326 e falecido com um ano, em 1327), filho de D. Afonso IV e de D. Beatriz de Castela.

428 «(...) A gramática arquitectónica deste espaço é semelhante à da cabeceira, mantendo a planta poligonal, mas os elementos decorativos são diferentes, assim como a dimensão dos vãos. Mais importantes foram as obras quinhentistas, século a que corresponde o Claustro da Moura e diversas obras na parte monacal. Um pouco por todo o mosteiro, encontram-se elementos manuelinos, materiais que provam uma dinâmica construtiva alargada durante a primeira metade do século XVI.» (Fernandes, 2010).

429 O outro pertenceria a sua filha, Maria Afonso, e encontra-se vazio (<http://www.cm-odivelas.pt/Extras/Patrimonio/detalhe.asp?id=9>).

430 Cordeiro de Sousa (Sousa, 1966: 33-38) descreve o túmulo, incluindo as dimensões efectuadas por Vergílio Correia (2,80m x 1,30m x 1,20m) (Sousa, 1966: 34), referindo igualmente o seguinte episódio: «(...) Em 1938, no mês de Maio, durante umas obras de restauro levadas a efeito no velho monumento dionisino, ao reconduzirem o túmulo para a acanhada absidiola onde estivera, com o pretexto do seu grande peso – como se actualmente não houvesse processo de transportar cargas muito superiores – mas, ao que é de supor, satisfazendo certas curiosidades pueris; cometeu-se a profanação de retirar a tampa do sarcófago, o que nas passadas transferências nunca se julgou necessário. Encontraram-se os destroços de um caixão de madeira de carvalho, entre os quais a ossada do Rei, em decúbito lateral esquerdo, posição provavelmente resultante das anteriores deslocações do túmulo. Estava envolta numa tela de seda com listas verdes e alaranjadas, tecida com fios de ouro, e os restos de um camisote de escarlata, tudo enleado numa fita de seda. A cabeça estava intacta. Era pequena, condizendo com o corpo que não devia exceder 1m,65 de altura, encontrando-se junto “mas despegada” da face, a barba ruiva e, soltas, umas madeixas de cabelo um pouco mais claro, e a dentadura muito branca. Informações estas transmitida pela imprensa da época, de que excluo uma fantasiosa alusão ao pinhal de Leiria que nem se sabe por quem foi mandado plantar. Infelizmente desta escusada profanação não resultou nenhum estudo que a justificasse.» (Sousa, 1966: 37).

estátua jacente (o primeiro jacente de um monarca português, infelizmente tão maltratado e tão desastradamente reconstituído).» (Barroca, 2000: 290).

É de facto este autor quem publica a inscrição comemorativa da fundação da Capela de Santo André, entre 1312-1320, custeada por D. Maria⁴³¹, filha de D. Dinis, e que era confessa na ordem cisterciense, na casa fundada por seu pai.

Publicou ainda as seguintes inscrições funerárias:

- De D. Urraca Pais de Moles⁴³², Abadessa do Mosteiro;
- De D. Berengária Pimentel⁴³³, igualmente Abadessa do Mosteiro.

Por fim, Mário Barroca publica uma inscrição que representa o nome do Mestre ou do Arquitecto do Mosteiro (Antão Martins)⁴³⁴, que se encontraria gravado num capitel do Mosteiro, mas que ele mesmo não conseguiu encontrar. Recorde-se que existem dois nomes associados à construção do Mosteiro: o primeiro é Antão Martins e o segundo Afonso Martins, que assinava em 1324 como Mestre da obra de Odivelas (Barroca, 2000: 1124).

O Mosteiro de São Dinis de Odivelas, convertido desde há muito no Instituto de Odivelas, foi classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, publicado em DG n.º 136, de 23 de Junho de 1910. Está actualmente em estudo para ZEP Conjunta do Mosteiro, da Igreja Matriz e do Memorial de Odivelas.

431 Mário Barroca indica que D. Maria seria uma das duas filhas bastardas de D. Dinis, ambas homónimas: uma delas professaria na ordem cisterciense existente no mosteiro de Odivelas, e viria a falecer em 1320, tendo sido enterrada no claustro do mosteiro, «*na parede que responde à Capella de São João Baptista*»; a outra teria casado com D. João de La Cerda (Barroca, 2000: 1397).

432 D. Urraca Pais de Moles, falecida em 1340. Foi sepultada na Sala do Capítulo do Mosteiro, onde a sua sepultura se encontra ainda hoje embutida, embora em mau estado de conservação. O mesmo local tinha sido igualmente escolhido por outras Abadessas (três Abadessas e uma Freira) como sepultura (já no século XVIII), utilizando os poucos espaços disponíveis nesta tampa de sepultura de notáveis dimensões para inscrever os seus epitáfios, ou mandando, para o efeito, embutir outras lápides na tampa de sepultura referida. A tampa apresenta ao centro o retrato de corpo inteiro da Abadessa, retratada com vestes compridas, em pregas realistas, com a cabeça coberta por véu e segurando o báculo abacial com a mão direita e o Livro com a esquerda. D. Urraca Pais de Moles teria ingressado antes como freira no Mosteiro do Lervão, sendo, enquanto Abadessa, entre 1316 e 1340, a quarta de São Dinis de Odivelas (Barroca, 2000: 1615-1620).

433 Falecida no último quartel do século XIV, esta Abadessa repousa igualmente na Sala do Capítulo do Mosteiro. A tampa mostra um báculo com crosse de tipo gótico, gravado à esquerda, ao longo da mesma. À semelhança de D. Urraca, também nesta sepultura foram incluídos outros epitáfios, igualmente no século XVIII, apresentando-se pelo menos um deles em verso, como passou a ser moda na época (Barroca, 2000: 2017-2020).

434 Este estaria relacionado com uma primeira fase das obras do Mosteiro. O capitel referido estaria já avulso quando foram realizadas as obras de reconstrução da nave, após o Terramoto de 1755 (Barroca, 2000: 1123-1124).

IV.3. Resultados das sondagens/escavações já realizadas no termo de Sintra

A vila de Sintra foi incluída no termo de Lisboa por carta régia de D. João I, datada de 6 de Setembro de 1385⁴³⁵. Correspondendo ao período do presente estudo, encontramos no termo de Sintra (ou melhor, no actual concelho de Sintra) inúmeros exemplos de necrópoles em torno de estruturas religiosas: são de referir os casos das Igrejas de Nossa Senhora de Milides⁴³⁶, de São Miguel de Sintra⁴³⁷, de São Pedro de Canaferrim⁴³⁸ e de Santa Maria do Arrabalde⁴³⁹. Existe ainda referência à necrópole de Portela dos Almornos⁴⁴⁰.

IV.3.1. Cemitério medieval de São Miguel de Odrinhas

Conhecido desde há muito, o sítio de São Miguel de Odrinhas (CNS 659) salientou-se pela sua importância de local de sobreposição de culturas e reutilização de espaços. Destacam-

435 (1958) - Documentos do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, *Livros de Reis*, vol. II, Lisboa: 11.

436 Em torno desta ermida (CNS 19455) subsiste ainda uma necrópole medieval, implantada parcialmente num campo de silos alto-medieval. As sepulturas, orientadas Este-Oeste, são escavadas na rocha, apresentando por vezes uma forma antropomórfica, e são cobertas por lajes calcárias toscas. «*Verifica-se o reaproveitamento e sobreposição sucessivos de sepulturas, e a destruição de sepulcros mais antigos por outros mais recentes, indiciando uma ocupação funerária intensa ao longo de 300 anos. A ocupação documentada baliza-se entre os séculos XII e XIV, parecendo ter constituído a primeira necrópole cristã de Colares.*» (Base de Dados Endovélico; AAVV, 2002).

437 A referência diz respeito à necrópole e à antiga nave da igreja que se encontram soterradas (Base de Dados Endovélico; AAVV, 2002).

438 A necrópole (CNS 19454) distribui-se em volta da igreja, edificada no século XII e abandonada progressivamente desde o final do século XIV, tendo sido afectada no século XIX pela abertura de acessos ordenada por D. Fernando II. Tal como na igreja de Nossa Senhora de Milides (ver nota de rodapé 436), as sepulturas que compõem esta necrópole foram escavadas na rocha e cobertas por lajes toscas. As sepulturas foram reaproveitadas, tendo sido encontrados depositados aos pés de uma delas, que continha ainda uma inumação em decúbito dorsal, os restos osteológicos dos seus anteriores ocupantes. Surgiram assim alguns casos esporádicos de verdadeiros ossários. Os sepulcros não tinham qualquer espólio, tendo sido possível recolher restos dos vestígios osteológicos que podem remontar, pelas suas características e pelo período de ocupação da própria igreja, ao final do século XII e início do século XIII (Base de Dados Endovélico; AAVV, 2002; Antunes-Ferreira *et alii*, 2000).

439 A necrópole (CNS 4037) surgiu durante as obras de instalação de uma fossa no adro da igreja, onde um grande número de enterramentos foi detectado. A respectiva escavação arqueológica ficou a cargo de José Beleza Moreira. A Igreja de Santa Maria do Arrabalde foi construída entre os séculos XIII e XIV. Sofreu obras no século XV, apresentando por isso características do período manuelino. Foi posteriormente classificada como Monumento Nacional (Monumentos, nº 18). Quanto à necrópole, e numa área relativamente pequena, foram detectadas cerca de 38 (trinta e oito) sepulturas de vários tipos: abertas na rocha, de lajes laterais, de pedra, e mesmo um sarcófago, assim como várias tampas de sarcófago. Os enterramentos, correspondentes a um primeiro nível a contar de baixo, correspondem a meados da primeira Dinastia, com um reaproveitamento posterior, até D. João I. Os outros dois níveis vão do século XV/XVI ao século XVII e/ou XVIII. Além dos materiais osteológicos, foram encontrados numismas que vão desde o reinado de D. Sancho II até ao de D. João V, com maior incidência sobre o século XV. Foram ainda descobertos alfinetes, um unguentário, cavilhas, fragmentos de vidro e de cerâmica. Infelizmente não se encontra bem expresso no relatório referido a cronologia correspondente, dado que existe indicação de que estavam inseridos em contexto funerário (Moreira, 1983).

440 Desta necrópole (CNS 6573) existe apenas a referência da sua existência (Base de Dados Endovélico).

se os trabalhos de António Gomes Barreto (Barreto, 1988a; Barreto, 1988b) e Félix Pereira (Pereira, 1908; Pereira, 1914), assim como os de D. Fernando de Almeida (Almeida, 1958a; Almeida, 1958b; Almeida, 1962), ou os deste último em associação com Joaquim Fontes (Fontes e Almeida: 1979). A Capela de São Miguel está sobreposta parcialmente a uma villa romana, cuja planta não pode ser recuperada, não obstante a descoberta de alguns mosaicos. Profundamente destruída pela capela e pelo cemitério medieval que lhe está adjacente, dela só restam uma pequena sala com abside em arco de ferradura aberta para uma sala rectangular, que apresenta como dimensões 11m x 6m.

As primeiras escavações arqueológicas verificadas em São Miguel de Odrinhas foram levadas a cabo por Camarate França em 1949 «(...) numa área a nascente da capela-mor da Igreja de São Miguel. Durante estes trabalhos identificou-se para além de um troço de muro, uma sepultura com tampa e caixa pétrea, no interior da qual permaneciam duas inumações que se sobrepunham a outra estrutura sepulcral, mas de planta antropomórfica (...)» (Coelho, 2007: 2; Coelho, 2010: 120).

Já em 1953-1954 se referia a descoberta de cabeceiras de sepultura de tradição cristã, existentes no adro da Capela de São Miguel de Odrinhas. A importância do sítio levou à criação, em 1955, do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas; em relatório enviado depois deste evento, relatório que lhe tinha sido solicitado sobre um túmulo em arcossólio junto ao qual existia uma inscrição, existente numa das paredes laterais da capela, e que Félix Alves Pereira tinha datado do século XIV, Cordeiro de Sousa rectifica a leitura, remetendo-a para o século XVI⁴⁴¹. Ainda no mesmo relatório, aquele investigador menciona que «*Em volta da pequenina igreja lá está o velho cemitério medieval, como dispunham as antigas determinações conciliares que mandavam reservar uma faixa de 30 a 60 passos destinada ao enterramento dos fiéis defuntos, e onde ainda hoje vemos, marcando as cabeceiras das sepulturas, não poucas estelas discóides com a cruz “românica” ou o signum Salomonis.*».

Só em 1957 «(...) se dá início às escavações sob orientação de D. Fernando de Almeida, altura em que foram postos a descoberto os vestígios de uma necrópole medieval dos séculos XIII-XV(...) Podemos, pois, afirmar que a intervenção arqueológica da década de 1950 revelou um importante conjunto de sepulturas medievais dos séculos XII-XV, que se verificou estarem implan-

441 Cordeiro de Sousa (em relatório de 23.12.1955) atribui a datação apresentada por Alves Pereira ao aspecto arcaico, que o aproximava do tipo de caracteres em gótico minúsculo ou monacal e que caracterizava a escrita lapidar em Portugal no século XIV. Por outro lado, os caracteres em gótico minúsculo não apareceriam antes do século XV. Ainda assim, a sepultura dizia respeito a Fernando Eanes, ou Fernãdeanes, pessoa de indiscutível posição e bens, que lhe peritaram poder mandar efectuar a sepultura em questão para si e para as cinzas do seu avô, como consta na respectiva inscrição funerária. A mesma identifica o inumado como sendo «Pesador» de Lisboa, ou seja, o homem que pesava ou que muito provavelmente dirigia a pesagem dos géneros, ainda segundo as explicações de Cordeiro de Sousa.

tadas sobre as estruturas da domus de uma villa romana. As sepulturas, num número total de 40, com orientação E-O tinham como base a própria rocha calcária ou vestígios de opus signinum correspondente às anteriores ocupações do espaço. (...)» (Coelho, 2007: 3-4).

No catálogo relativo ao mesmo Museu Arqueológico, Joaquim Fontes (Fontes, 1960: 5, 10) descreve aquele cemitério medieval, indicando que as cabeceiras de sepultura que se encontravam deslocadas (e não *in loco*, como as restantes), tinham recolhido ao museu. Refere alguns casos singulares⁴⁴² (Fontes, 1960: 8, 12, 18, 22-24), nomeadamente a inumação dupla em algumas das sepulturas (Fontes, 1960: 26).

O sítio foi objecto de duas intervenções arqueológicas em períodos mais recentes: a primeira em 1992, tendo como responsável o actual Director do Museu, José Cardim Ribeiro; e a segunda em 1997, tendo como co-responsáveis José Cardim Ribeiro e Catarina Coelho.

A sondagem efectuada em **1992** destinava-se à verificação da existência ou não de vestígios arqueológicos numa área que se encontra ocupada pelo actual edifício do Museu. Não encontrámos o relatório referido, mas sabemos ter resultado da mesma a identificação da *pars rustica* da *villa* romana, o que permitiu a construção das estruturas museológicas hoje existentes (Base de Dados Endovélico). No relatório correspondente à campanha de 1997, contudo, Catarina Coelho (Coelho, 2007) refere alguns dos resultados da sondagem de 1988⁴⁴³, efectuada durante a campanha de restauro do imóvel sob orientação de José Cardim Ribeiro e Élvio Melim de Sousa, durante a qual foi aberta uma sondagem no adro Sul da Igreja (Coelho, 2007: 6-7).

No decurso desta foram identificadas 40 sepulturas, apenas 8 delas integralmente escavadas. *«As sepulturas identificadas foram, tal como as restantes identificadas a Norte e a Nascente da igreja, construídas directamente sobre os estratos e estruturas romanas. A necrópole medievall/moderna encontra-se maioritariamente orientada no sentido E-O, à excepção das sepul-*

442 *«A Rodilha, para facilitar o transporte, foi uma das cabeceiras circulares de sepulturas que cercavam o templo de S. Miguel. (...)»* (Fontes, 1960: 8). *«(...) Junto ao Museu, na sua face sul, estão dispostas várias pedras que limitavam uma sepultura cristã. A laje que contribuía para fechar o recinto tumular era grande lápide romana (...) que, para sua conservação, se deslocou e está na alpendrada. (...) Há a assinalar pormenor curioso a este respeito. Para que nenhum vestígio pagão estivesse em contacto com o cadáver de um cristão, a inscrição ficou voltada para fora. Assim a fui desenterrar»* (Fontes, 1960: 12). *«(...) Voltando à entrada do Museu e caminhando para a esquerda encontra-se um túmulo cristão do cemitério que enche quase completamente o adro da Capelinha (...) Para aqui foi transportado e reconstruído com rigor. Dentro encontrava-se um esqueleto.»* (Fontes, 1960: 18). *«(...) No anexo encontram-se duas lápides de sepulturas cristãs, sem dísticos, sem pompas, num apagamento de personalidades que impressiona. Simples cruz em cada uma delas, a dizer-nos a religião dos desaparecidos (...) A simplicidade dos túmulos dos primeiros cristãos de Odrinhas não deixa de ser impressionante, se se compara com a dos pagãos aqui encontradas.»* (Fontes, 1960: 22-24).

443 Não encontrámos qualquer referência a uma intervenção arqueológica efectuada em 1988. É possível que a investigadora se refira à intervenção de 1992 e da qual, como referimos igualmente, não existe cópia no Arquivo de Arqueologia do IPPAR.

turas identificadas em torno da estrutura absidal, seguindo radialmente a mesma. De um modo geral as sepulturas seguem modelos já registados em necrópoles coevas, designadamente a correlação das estruturas tumulares com as paredes do edifício religioso. Efectivamente, coloca-se a hipótese das sepulturas registadas à volta da estrutura absidal, sem a orientação canónica a Nascente, pertencerem a uma fase mais arcaica da necrópole, articulada com a tese avançada por Cardim Ribeiro (...) da abside poder ter albergado uma primitiva igreja de São Miguel, anterior à que actualmente existe. Esta interpretação poder-se-ia relacionar ainda com um outro muro ortogonal, aparentemente distinto dos restantes compartimentos da domus, a NE da estrutura absidal que poderia correlacionar-se com essa primitiva ocupação cristã alto-medieval.» (Coelho, 2007: 7).

O espólio osteológico identificado nas sepulturas escavadas tinha permanecido *in situ*, tendo posteriormente sofrido intervenção da responsabilidade de Teresa Fernandes (do Departamento de Biologia da Universidade de Évora), em 1999 e 2005 (Coelho, 2010: 123). Os resultados preliminares indicavam a existência de cerca de 450 sepulturas, 229 das quais com um índice de utilização de 5,44 durante um período de cerca de 200 anos⁴⁴⁴ (Coelho, 2007: 8; Coelho, 2010: 123).

Por outro lado, a tese acima referida e defendida por Cardim Ribeiro teria como suporte a implantação de diversas estruturas tumulares em torno da estrutura absidal «(...) seguindo a planta do templo, sem qualquer atenção à orientação canónica a Nascente, com paralelos registados em outros sítios arqueológicos onde foram identificadas igrejas com necrópoles associadas (Kliemann, 1987: 498). Saliente-se, ainda, que algumas das sepulturas identificadas imediatamente a Norte da actual igreja parecem desenvolver-se sob a fachada setentrional deste imóvel, pressupondo a existência do campo santo previamente ao edifício (...)» (Coelho, 2007: 9-10).

Na escavação arqueológica de 1997, as oito sepulturas encontradas na zona definida como Área 1 da intervenção são «(...) em tudo (orientação, tipologia, morfologia e estado de conservação do espólio antropológico) semelhantes às identificadas em campanhas anteriores, concretamente 1949 (Camarate França), 1957-58 (D. Fernando de Almeida) e 1988 (J. Cardim Ribeiro e E. Melim de Sousa). Efectivamente, os túmulos registaram-se na totalidade junto ao limite poente da designada Área 1, num espaço com cerca de 36 m², em perfeita continuidade

⁴⁴⁴ «(...) Atestou-se um elevado índice de ocupação de cada sepultura, não existindo sepulcros específicos para indivíduos com idades inferiores a 10 anos. A dimensão generalizada das sepulturas indicia a sua construção para inumação original de indivíduos adultos. Na globalidade o espólio osteológico apresentava mau estado de conservação, com perda de ossos e muita fragmentação do conjunto (sobretudo das intervenções anteriores a 1997). Tratava-se, na sua maioria, de indivíduos adultos, cerca de 95% com mais de 20 anos, 50% dos quais seriam masculinos. A população adulta apresentava no conjunto um elevado índice de robustez denotando-se, porém, um grande dimorfismo sexual ao nível da estatura. Dada a grande longevidade apurada para os indivíduos adultos desta colecção, verificara-se poucos vestígios de lesões, a ausência de dentes e sinais de patologias degenerativas associadas à idade (artroses). (...)» (Coelho, 2010: 123). A autora refere que os dados supra foram os apresentados por Teresa Fernandes em conferência na Associação dos Arqueólogos Portugueses em 2008.

com o campo santo já anteriormente identificado. Verificou-se, justamente, que quer para Sul quer para Nascente da superfície intervencionada não foram registados quaisquer sepulcros pelo que, aparentemente, não existiram ou não se conservaram vestígios da necrópole nesta área específica. (...)» (Coelho, 2007: 17; Coelho, 2010: 128).

Catarina Coelho indica ainda que *«As características tipológicas e morfológicas são comuns a todas as estruturas. Recorreu-se à matéria-prima local, blocos e lajes calcárias, na construção das coberturas e caixas das sepulturas. O substrato rochoso constituía a base das mesmas. Contudo, identificaram-se as especificidades em cada uma das realidades exumadas que importa assinalar.»* (Coelho, 2007: 7; Coelho, 2010: 128).

Todas as sepulturas foram colmatadas com as terras existentes no local onde foram implantadas. É desta forma que aquela investigadora explica a presença de espólio cerâmico, assim como de algumas *tessellae*, que se deve ao facto de *«(...) estarmos em presença de uma necrópole medieval embutida sobre as ruínas de uma villa romana.»* (Coelho, 2007: 20; Coelho, 2010: 129).

No que diz respeito à dimensão do campo santo, não parecem existir dados concretos sobre a mesma, embora Catarina Coelho refira o facto de terem sido identificadas sepulturas aquando do alargamento da estrada que circunda as ruínas a Nordeste. Menciona a recolha de algumas estelas discóides, mas não se apurou ao certo de onde provêm exactamente e nem a que exemplares correspondem. O limite oeste da necrópole parece estar já definido, apenas devendo existir ainda vestígios conservados da mesma para Norte e para Poente.

O estudo antropológico não foi efectuado no local, embora tenha constituído a tese de doutoramento da investigadora que os recolheu: Teresa Fernandes⁴⁴⁵ menciona o extenso cemitério que envolve a Capela de São Miguel, constituído por caixas sepulcrais constituídas por blocos pétreos⁴⁴⁶ grosseiramente talhados, de forma maioritariamente rectangular, cobertas com lajes e assinaladas por cabeceiras de sepultura ou estelas discóides (Pereira, 2008: 20). A preferência pelo local de enterramento está mais marcada de um dos lados do templo, em torno do qual se aglomera um número maior de sepulturas. Essa preferência é também visível na menor densidade de reutilizações nas sepulturas mais afastadas desse local (Pereira, 2008: 259-260). As taxas de reutilização das sepulturas apontadas por Teresa Fernandes rondam os 85%, estimando aquela investigadora um número médio de indivíduos por sepultura em 5,2.

445 Não queremos deixar de agradecer a enorme amabilidade que a Professora Doutora Teresa Fernandes demonstrou, ao facultar-nos informação constante na sua Tese de Doutoramento, a qual não foi ainda publicada.

446 Em calcário, abundante na envolvente, ou recorrendo a reutilização de materiais, igualmente disponíveis nas cercanias, provenientes dos vestígios romanos existentes no local (Pereira, 2008: 29).

Por outro lado, os níveis de mortalidade atingem cerca de 17% dos indivíduos inumados no primeiro ano de vida (Pereira, 2008: 260). Os idosos constituem uma taxa de cerca de 40% dos adultos, indicando que esta população atingia ainda assim uma longevidade notável. Ainda assim, e com um número total de sepulturas de cerca de 261 (duzentos e sessenta e um)⁴⁴⁷ que, de acordo com o que já referimos, foram identificadas nas quatro campanhas de escavações de 1988, 1997, 1999 e 2005, Teresa Fernandes não exclui que este seja apenas um total parcial, dada a existência de áreas que ainda não foram objecto de intervenção arqueológica e que possuem potencial estratigráfico⁴⁴⁸ (Pereira, 2008: 21).

As sepulturas que analisou correspondem a uma população cristã, inumada em decúbito dorsal, com orientação Este-Oeste⁴⁴⁹. O interior das sepulturas era colmatado com terra, encontrando-se, pelo menos em parte, identificadas com uma estela discóide.

É no entanto quanto aos rituais fúnebres que os resultados a que chegou são mais interessantes. Aquela investigadora observou, então, duas dicotomias (Pereira, 2008: 259):

- uma relacionada com o comportamento funerário para com as crianças: aparentemente a idade limite da infância seriam os 10 anos. A partir dessa idade, passando a ser considerados adultos (pelo menos do ponto de vista funerário), seriam inumados em sepulturas que contêm adultos e que foram construídas para adultos. Não aparecem em sepulturas de crianças indivíduos com 10 anos ou mais (Pereira, 2008: 259);
- a outra relacionada com o sexo: às mulheres estava reservada a posição ritual das mãos cruzadas sobre a bacia, posição que os indivíduos do sexo masculino não apresentavam. Quanto a estes, as mãos adoptavam uma posição variada. Descreve, no entanto, um caso (SMO99Sep2) de morfologia sexual ambígua⁴⁵⁰.

447 Correspondentes a cerca de 173 (cento e setenta e três) indivíduos, segundo informação oral. «(...) Das 261 sepulturas conhecidas foram escavadas 90, 50 nas campanhas da responsabilidade do arqueólogo Camarate França e de D. Fernando de Almeida, 12 escavadas durante a campanha de 1988, 8 durante a campanha de 1997, 6 nos trabalhos de 1999 e, finalmente, 14 durante a intervenção de 2005. (...)» (Pereira, 2008: 23).

448 «(...) Perante este panorama afigura-se como muito provável que a área da necrópole actualmente exposta corresponda a cerca de metade do cemitério medieval de S. Miguel de Odrinhas e que este se localizava em torno da capela e a Norte, Nordeste e Noroeste desta, sem no entanto se aproximar da área de implantação das actuais estruturas do Museu, a qual foi sondada em 1992 e não revelou qualquer tipo de sepulcro. (...)» (Pereira, 2008: 23).

449 «(...) Há algumas diferenças, de poucos graus, nas orientações, de sepultura para sepultura, o que provavelmente corresponde à construção das sepulturas em diferentes períodos do ano. As sepulturas que apresentam estes pequenos desvios em relação ao eixo Oeste-Este estão espalhadas um pouco por toda a área da necrópole e os seus desvios são nos dois sentidos, ou seja, a cabeceira pode estar ligeiramente rodada para norte ou para sul, embora a situação mais frequente seja a primeira. A orientação das sepulturas é independente da sua posição em relação à capela, mais concretamente em relação ao altar mor.» (Pereira, 2008: 29-30).

450 «(...) A única excepção a este padrão sexual é a do indivíduo SMO99Sep2, identificado como de sexo masculino com base na morfologia do osso coxal, mas cuja diagnose sexual com base em caracteres métricos indicava o sexo feminino. Este indivíduo comportava-se em termos estatísticos como um "out-layer" à estatura do grupo sexual mas-

Os corpos eram depositados na sepultura em decúbito dorsal, com os membros superiores cruzados, com a variante supra, e os membros inferiores estendidos, envolvidos em mortalhas; a maioria das sepulturas teria sido colmatada com terra⁴⁵¹.

Quanto ao espólio encontrado na necrópole, Teresa Fernandes refere a ausência quase generalizada de mobiliário funerário, consentâneo com a «*despersonalização da morte*» vigente na época (Pereira, 2008: 259).

Segundo Catarina Coelho, o espólio encontrado em 1997 constitui seis grandes grupos: cerâmica, metal, vidro, material lítico, osso polido e restos faunísticos de cronologias mais recentes (séculos XV a XVII). Destaca-se⁴⁵² um número significativo de marcas de jogo (53 exemplares). Foi ainda descoberto o mesmo tipo de objectos em suportes de calcário e arenito (material lítico), em número de cinco (Coelho, 2007: 28).

No tocante aos numismas, há a registar a descoberta no local da necrópole 72 (setenta e dois) exemplares medievais (séculos XIII-XIV) e modernos⁴⁵³ (séculos XV e XVII), de que se salienta o numisma encontrada na mão da inumação da sepultura 7⁴⁵⁴ [UE 54]. Teresa Fernandes faz ainda referência a um numisma envolto em tecido depositado na mão direita de um esqueleto⁴⁵⁵ surgido durante a intervenção de 1988 (SMO88Sep9-1) (Pereira, 2008: 32-33).

No que concerne à existência de patologias, estas estão sobretudo relacionadas com

culino. (...)» (Pereira, 2008: 259).

451 «(...) os corpos eram depositados nas sepulturas, em decúbito dorsal com os membros inferiores estendidos e os superiores flectidos (figura 4.13) provavelmente envoltos em mortalhas, já que não se encontraram quaisquer vestígios de elementos de vestuário, nem de caixões. O envolvimento em mortalhas e a sepultura com o “corpo à terra” é uma situação muito frequente para a Idade Média (Barroca, 1987). Depois de colocados no interior da sepultura os corpos terão, muito provavelmente, sido cobertos com terra, a qual colmataria a sepultura. A colmatagem com terra das sepulturas é deduzida da manutenção da maior parte das articulações em posição anatómica (por exemplo, mãos e pés) e do facto da terra que enchia as sepulturas conter fragmentos cerâmicos, tessellae, moedas não coevas da cronologia do cemitério, etc. (...)» (Pereira, 2008: 30-31).

452 «(...) um conjunto significativo de 53 fragmentos [de malhas de jogo]. Todos os exemplos se encontram completos e elaborados a partir de ímbrices ou recipientes de cerâmica comum. Porém, a sua presença foi registada em quase todos os contextos estratigráficos, exceptuando as estruturas tumulares, pelo que se torna muito difícil atribuir-lhes uma cronologia precisa.» (Coelho, 2007: 25)

453 «Ainda que em apenas uma das sepulturas intervencionadas tenha sido possível identificar um numisma na mão da inumação ali depositada (sep. 7 [UE 54]), certo é que os exemplares recolhidos confirmam as balizas cronológicas já previamente aferidas para a ocupação do cemitério de São Miguel de Odrinhas (...) estatisticamente observa-se a existência de dois grandes grupos cronológicos, um aproximadamente entre 1223-1383, e outro mais significativo centrado nas cunhagens da segunda dinastia. Tal realidade pode uma vez mais vir a comprovar-se através da leitura histórica do sítio, sobretudo se atentarmos, por um lado, à existência de um local de culto no século XIII em São Miguel de Odrinhas e, por outro, à grande campanha de obras manuelinas que certamente deverá ter conferido alguma centralidade à igreja de S. Miguel.» (Coelho, 2007: 26)

454 Indivíduo que teria cerca de 15 anos à altura da morte e que Teresa Fernandes denomina «SMO97Sep7» (Pereira, 2008: 24).

455 Um sub-adulto com cerca de 10 anos (Pereira, 2008: 32-33).

a taxa de indivíduos idosos: trata-se de perdas dentárias e de osteoartroses, numa população que tinha uma constituição robusta, habituada a esforços físicos (mais presente nos homens), e que não apresentava um índice elevado de cáries nem de indícios de processos infecciosos (Pereira, 2008: 262).

IV.3.2. A Ermida de São Saturnino

O último exemplo escolhido para incluir o presente trabalho foi a Ermida de São Saturnino⁴⁵⁶, no sopé do morro onde se implanta a mais conhecida Capela de Nossa Senhora da Peninha, no concelho de Sintra.

Da Ermida pouco mais resta hoje que as paredes e a cobertura. Utilizada como curral nas últimas quatro a cinco décadas, o edifício existente quase nada mostra da Ermida original, e que dataria do século XII. Data de 1192 a carta de doação da igreja, passada por D. Sancho I a Pedro «*eremita de Cintra*»⁴⁵⁷, identificando-o como pertencendo ao «*sanctuariolum Beati Saturnini de monte Sintrie*» (Garcia, 1997: 86). Sabe-se, assim, que a Ermida já existia e que foi construída durante o reinado de D. Afonso Henriques. Com a morte do eremita, a ermida e as terras que lhe estavam confiadas passaram para a administração de São Vicente de Fora⁴⁵⁸, passagem confirmada por D. Afonso III e, mais tarde, por D. Sebastião em 1577, D. Filipe II em 1635 e, finalmente, D. Pedro II em 1682. As sucessivas confirmações aprovavam todas as isenções e liberdades perpétuas contidas na doação de D. Sancho I (Garcia, 1997: 89).

No século XVIII a Ermida de São Saturnino sofreu grandes danos provocados pelo terramoto de 1755, intensificando o decréscimo do culto a São Saturnino e o sucessivo aban-

456 O culto a São Saturnino tem as suas raízes na cidade francesa de Toulouse, da qual foi o primeiro bispo e onde veio a morrer martirizado, no século III. Inserir-se na continuidade das tradições visigóticas que persistiram na Idade Média e que tiveram maior expressão na Península Ibérica. Era o santo padroeiro a quem se recorria, em zonas de pastoreio, para curar os males da «*tournis*» (um parasita da família da *Taenia* que se alojava no encéfalo do gado bovino e ovino), assim como das cólicas saturninas, que eram causadas por excesso de chumbo no sangue (Garcia, 1997: 99).

457 Conhecido como homem pio e devoto, o eremita Pedro de Sintra recolher-se-ia anos mais tarde ao mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa, onde viveu emparedado até ao final da sua vida (Garcia, 1997: 89; Fontes, 2007: 273).

458 A administração da ermida de São Saturnino pelo mosteiro de São Vicente de Fora atravessou, de acordo com o estudo efectuado por Cristina Tété Garcia, três fases. «*A primeira fase, que terá decorrido entre os finais do século XII e os finais do século XIV, corresponde à necessidade de arrotear e povoar as terras; assim, a ermida foi arrendada conjuntamente com as propriedades anexas, obrigando-se os agricultores a pagar rendas em géneros (...)*»; a segunda fase corresponde ao período compreendido entre os séculos XV e XVI (numa altura em que na mesma região se assistia ao aumento da edificação de novas ermidas, capelas e conventos, como o de São Miguel de Odrinhas, que referimos anteriormente), sendo este mesmo período marcado por «*(...) sucessivas campanhas de melhoramentos do templo, testemunho do dinamismo do culto de São Saturnino nas povoações circundantes.*»; finalmente, a terceira fase é caracterizada por um movimento, durante o qual «*A partir do século XVI os arrendatários, de ora em diante denominados eremitãos, passam a habitar o morro da Peninha, junto à ermida de São Saturnino.*» (Garcia, 1997: 89).

dono a que a ermida estava votada.

O sítio, conhecido desde há muito, foi adquirido pelo Parque Natural de Sintra-Cascais (PNSC) com a finalidade de aí criar o pólo de um programa de valorização do próprio Parque. Nesse sentido, foram efectuadas entre 1993 e 1995 escavações arqueológicas, com o objectivo de, por um lado verificar da «*eventual existência de estruturas medievais*» e, por outro, conseguir a «*definição das fases construtivas do templo.*» (Garcia, 1997: 86).

A escavação efectuada em 1993, coordenada por Cristina Tété Garcia, foi-o primeiramente no interior do actual edifício, na zona que num primeiro momento foi a antiga capela-mor (aninhada entre as paredes Norte e este da ermida primitiva) e que, num segundo momento, foi aproveitada como zona de cozinha. Aqui foram descobertas no nártex sepulturas datadas de finais do século XV e a primeira metade do século XVI, tapadas com terras recolhidas nas imediações e que correspondiam a ocupações anteriores (Garcia, 1997: 92-93).

No outro extremo da ermida, «*(...) num afloramento sienítico de forma quase plana foi o local escolhido para estabelecer uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha. A necrópole, em estado avançado de desagregação, é a estrutura mais antiga posta a descoberto, composta por dezasseis sepulturas e dois ossários. Uma camada superficial de terras bem compactadas com cerca de 15-20 cm de espessura cobria a necrópole, e terras castanho-escuras preenchiam ao interior das sepulturas.*» (Garcia, 1997: 93).

A intervenção arqueológica permitiu, assim, definir três grupos de enterramentos na Ermida de São Saturnino, datáveis entre os finais do século XII e o século XVIII.

O primeiro grupo assentou, como referimos, num afloramento rochoso único, onde foram escavadas dezasseis sepulturas e «*(...) utilizadas duas cavidades naturais como ossários(...)*», identificados com os nºs 7 e 17. «*Este espaço sagrado era delimitado a este e oeste por dois blocos rochosos de grandes dimensões identificados por duas cruzes neles gravadas. A capela-mor da ermida construída no século XVI veio abrigar a necrópole a norte, tendo a sacristia sido implantada neste período sobre algumas sepulturas, supondo-se que estas se prolonguem por baixo da actual sacristia (...)*» (Garcia, 1997: 93-94). Esta última área (a actual sacristia) não foi objecto de intervenção.

No tocante à tipologia das sepulturas, forma de deposição e grupo etário representado, assim como aos materiais associados, aquela investigadora concluiu que «*(...) esta necrópole foi longamente utilizada entre os finais do século XIII/XIII, ocorrendo os últimos enterramentos no século XV. (...) As sepulturas mais antigas correspondem a cavidades abertas na rocha, de forma rectangular a sub-rectangular, com dimensões adaptadas a crianças e adultos e seriam cobertas com*

lajes, apesar de se encontrarem sem cobertura à data da descoberta (...). A escassez de afloramentos rochosos como este tornava inevitáveis utilizações repetidas. Esta utilização intensa terá levado à necessidade de proceder repetidamente a operações de limpeza, reunindo as ossadas em sepulturas ou cavidades naturais constituindo ossários, ao mesmo tempo que outras, agora vazias, esperavam a vez de ser de novo utilizadas. Deste modo, restaram apenas dois enterramentos de adultos (...) As paredes sul das sepulturas 4 e 14 terão sido reforçadas em fase posterior por espessos blocos pétreos, devido à inclinação da rocha, incluindo cada uma dois enterramentos de adultos e duas crianças em ossário.» (Garcia, 1997: 95).

Cristina Tété Garcia refere ainda que as últimas utilizações da necrópole da Ermida de São Saturnino, no que diz respeito ao seu extremo Este, ocorreram no século XV, em sepulturas infantis de caixa sepulcral de forma rectangular ou de forma ovalóide, definida por blocos graníticos assentes na rocha. De facto, todas estas sepulturas se encontravam preenchidas por enterramentos de não adultos. Dois deles eram acompanhados por moedas do reinado de D. João I. O ossário que se encontrava integrado na sepultura 1 deve corresponder, assim, ao levantamento das sepulturas que se localizavam no espaço onde mais tarde, já no século XVII, se pretendeu erguer a nova sacristia (Garcia, 1997: 95-96).

Quanto ao espólio associado aos enterramentos (ver ficha de sítio, p. 529), era essencialmente constituído por cerâmica comum, à excepção dos três numismas (Real de D. João I no interior das mãos do esqueleto 28 – sepultura 15 –, outra do mesmo monarca na sepultura 13 e a de D. Afonso V no ossário) e do prego proveniente da sepultura 1.

IV.4. Resultados das sondagens/escavações já realizadas em Toulouse

Porque vivemos e trabalhamos em Toulouse, França, como referimos na Introdução ao presente trabalho, tendo assim mais facilmente acesso a informação relacionada com esta cidade europeia (e porque achámos curiosa a ligação de São Saturnino, no termo de Sintra, àquela cidade francesa), escolhemos, de entre os muitos sítios arqueológicos que têm sido objecto de trabalhos arqueológicos naquele burgo, dois que constituíssem possíveis casos de estudo.



Figura 29 – Paróquias e cemitérios em Toulouse cerca de 1350. Paróquias (números a branco): 1. Basílica Saint-Sernin; 2. Igreja Notre-Dame du Taur; 3. Igreja Saint-Pierre-des-Cuisines; 4. Igreja Sainte-Marie de la Daurade; 5. Grupo catedral de Sint-Étienne ; 6. Igreja Saint-Nicolas; 7. Igreja Sainte-Marie de la Dalbade. Principais cemitérios exteriores (números a verde): 1. Villeneuve; 2. Saint-Sauveur; 3 e 4. Cemitérios judaicos; 5. Saint-Michel. Outros (números a amarelo): 1. Dominicanos; 2. Agostinhos; 3. Saint-Pierre Saint Géraud; 4. Carmes; 5. Saint-Jean (Fonte: DRAC)⁴⁵⁹.

Assim, tendo em conta as características dos sítios analisados no Capítulo IV, quer do ponto de vista arqueológico quer do ponto de vista antropológico, tentámos verificar se os modelos que podemos tentar esboçar para a cidade de Lisboa e o seu termo são característicos sobretudo da zona regional onde se encontram implantados, ou se se enquadram num modelo mais vasto, de cariz morfológico atribuível à expansão da cultura medieval.

Procurámos obter paralelos entre duas cidades europeias, localizadas em dois países diferentes, dissemelhantes quer do ponto de vista histórico quer do ponto de vista cultural,

459 DAO: F. Dieulefait; dados: G. Wild, H. Molet, Q. Cazes. Fundo: © museu Saint Raymond – museu des Antiquités da cidade de Toulouse e serviço de Urbanismo da cidade de Toulouse.

mas que pudessem, contudo, apresentar elementos funerários correspondentes ao mesmo limite cronológico, a saber, os séculos XII a XV.

Relembramos que escolhemos para o caso português dois tipos de expressão no espaço funerário: assim, temos o enterramento no interior do edifício religioso (existência de sepulturas móveis, do tipo jacente; existência de lajes tumulares ou funerárias; e lápides funerárias) e no seu exterior (cemitério).

Os casos que decidimos apresentar como estudo comparativo são dois: o do cemitério medieval de Saint-Michel, em Toulouse, França (Paya *et alii*, 2004); e o do Grande Priorado de Saint-Jean de Jérusalem, na mesma cidade (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001).

Os sítios localizam-se em zonas marginais do espaço urbano: o primeiro – Saint-Michel – situava-se junto à antiga porta sul da muralha da cidade, em contacto com o castelo Narbonnais, mas no seu exterior. Da antiga Porta Narbonesa (virada na direcção de Narbonne, a sudeste) partiam quatro eixos viários: o caminho narbonês, para Sul; o caminho *ad Espinetum* (na direcção de Montauban), para Este; o caminho *ad Féletrane* (caminho de Saint-Roch), a Oeste; e, finalmente, o caminho de Sauzat, a Norte. O cemitério⁴⁶⁰ encontrava-se, pois, não muito distante de todas estas redes viárias. Por outro lado, a leprosaria⁴⁶¹ estaria junto à Porta no século XII, a Este da via, e o recinto do Priorado de Lézat encontrava-se igualmente junto à Porta, embora à saída (Paya *et alii*, 2004: 19-20); o segundo – Saint-Jean –, junto uma ilhota urbana, e cuja localização foi determinada do ponto de vista topográfico pela implantação das igrejas de Sainte-Marie de la Dalbade e de Saint Rémi, tendo igualmente sido fulcral a conquista desse espaço pelos Hospitalários.

Ambos os sítios se incluem quase completamente, desde a origem até ao seu abandono, no limite cronológico do presente trabalho e foram escolhidos tendo em conta as características acima referidas. No entanto, sublinhamos, estes constituem apenas dois dos casos que têm sido, nos últimos anos, objecto de intervenção e de investigação científica. A ele se juntam os casos da Catedral de Saint-Étienne e de Saint-Pierre-des-Cuisines, para citar apenas os mais importantes estudados na cidade de Toulouse (ver Figura 29).

460 A presença dos cemitérios encontra-se atestada tardiamente: os leprosos tinham o seu próprio cemitério no interior do seu recinto, o qual tinha sido autorizado pelo III Concílio de Latrão em 1179; a comunidade judaica tinha igualmente o seu próprio cemitério sob os muros do Castelo Narbonês (1270-1278). A prática funerária dos judeus respeitava as proibições da época antiga, inumando assim os seus defuntos fora de muros. O seu cemitério seria provavelmente tão antigo como a sua presença em Toulouse, atestada pelo menos desde 1071. Por fim, o cemitério em estudo, que se encontrava fora da Porta Narbonesa, e que se encontra mencionado em documentos que estipulam um negócio entre comerciantes. Os paroquianos da Dalbade (a zona imediatamente limítrofe) utilizavam igualmente este cemitério como local de inumação habitual (Paya *et alii*, 2004: 23-24).

461 A leprosaria seria transferida para outro local em Setembro de 1245. Conhecem-se as zonas de implantação de quatro leprosas em Toulouse no século XII: em Arnaud-Bernard, em Sainte-Marie de Saint-Cyprien, em Matabiau e na Porta Narbonnaise (Paya *et alii*, 2004: 21-22).

Remetemos para os Apêndices a descrição histórica; a dos elementos arqueológicos, tipológicos e cronológica; os dados antropológicos dos dois sítios; as características relativas às patologias e, finalmente, a referência ao espólio encontrado.

Do mesmo modo, e para melhor compreensão das descrições relativas às sepulturas, elaborámos para estes sítios, com base nas informações recolhidas nos respectivos relatórios de escavação, que consultámos, fichas de sítio e respectivos quadros, seguindo o mesmo modelo que utilizámos para o estudo efectuado para Lisboa, Sintra e Odivelas, e que, tal como as anteriores, podem ser encontradas nos Apêndices (Apêndice C, pp. 533-590 e 591-602, respectivamente).

IV.5. Análise comparativa

De acordo com o que referimos no subcapítulo «Objectivo do Estudo» (subcapítulo I.1.) escolhemos para o capítulo que agora se conclui dois tipos de sítios.

No primeiro caso encontram-se os que apresentavam contextos arqueológicos de carácter funerário (como nos casos do Convento do Carmo, do mosteiro de São Vicente de Fora, a Igreja de São Martinho, a Igreja de São Lourenço ou o Convento do Espírito Santo da Pedreira, no termo de Lisboa, e a necrópole medieval de São Miguel de Odrinhas e a Ermida de São Saturnino, no termo de Sintra).

No segundo caso considerámos os sítios para os quais, não existindo informação de contexto arqueológico, foram efectuados trabalhos de compilação de inscrições funerárias ou arcos tumulares (como os exemplos da Sé de Lisboa, da Igreja de São Cristóvão, o Convento de São Salvador, a Igreja de São Francisco ou ainda a Praça da Figueira, assim como São João do Lumiar, no termo de Lisboa, e o mosteiro de São Dinis de Odivelas, no termo de Odivelas).

Estes parecem demonstrar que apenas uma elite económica e cultural tinha acesso aos mesmos: o enterramento dentro das igrejas requeria poder económico e poder de influência, o mesmo acontecendo com a implantação de lápides, que supõem recurso a materiais nobres e artífices especializados capazes de efectuar um trabalho durável e esteticamente bem feito.

A mesma metodologia foi seguida para os três termos: Lisboa, Odivelas e Sintra. Deparámo-nos com algumas dificuldades relativamente à colecção de dados: nos casos em que existiu intervenção arqueológica, esta raramente se efectuou em extensão. Na grande generalidade dos casos, os vestígios arqueológicos descobertos e que dizem respeito à identifi-

cação de necrópoles, foram o resultado de intervenções de emergência, de acompanhamento de trabalhos de restauro dos edifícios, de ordenamento do espaço envolvente (salientamos os casos do Convento do Carmo, do mosteiro de São Vicente de Fora ou da Igreja de São Lourenço, no termo de Lisboa, e de São Miguel de Odrinhas ou da Ermida de São Saturnino, no termo de Sintra), ou ainda de acompanhamento de obras de instalação de infra-estruturas (como nos casos da envolvente da Igreja de São Cristóvão).

Ao anteriormente referido acresce que mesmo para os que foram objecto de intervenção, tendo-o sido em período anterior aos anos 80 do século XX, para alguns deles apenas conhecemos os resultados publicados pelos seus autores e investigadores, os quais resumem todo o processo e todos os eventuais pormenores que poderiam ter utilidade para o presente trabalho. São importantes, sim, mas mais não servem que como referência.

Esta questão condiciona de alguma forma os resultados obtidos em cada uma das intervenções efectuadas, uma vez que apenas nos permite conjecturar a dimensão de cada uma das necrópoles; de facto, cada uma das necrópoles «parciais» postas a descoberto representa apenas uma amostra da população medieval cujos vestígios osteológicos foram encontrados. Muito importante, certamente, porque nos permite tirar ilações sobre caracteres representativos da vida quotidiana das populações medievais urbanas e rurais, mas ainda assim uma amostra.

Em relação à tipologia de enterramentos, estamos em presença de vários tipos: a sepultura individual, a sepultura individual reutilizada e o ossário.

No termo de Lisboa, as 138 sepulturas que retivemos para o presente estudo são constituídas por vestígios osteológicos de um total de 138⁴⁶² indivíduos; para o termo de Sintra, as 26 sepulturas escolhidas correspondem a um total estimado de 67 inumações⁴⁶³.

Dos 204 indivíduos, 93 foram sepultados em covais simples, 4 indivíduos em sepultura escavada na rocha de forma oval ou ovalada, 9 indivíduos em sepultura escavada na rocha de forma rectangular, 4 em sepultura escavada na rocha de forma subrectangular, 10 em sepultura escavada na rocha de forma antropomórfica e 2 noutro tipo de sepultura (indefinido). Verificou-se ainda a existência de utilização de 2 cavidades naturais. Para 5 indivíduos não foi possível verificar a configuração da sepultura e dos restantes 34 (correspondentes à Igreja de São Lourenço de Lisboa) não existe informação.

462 A amostra é constituída da seguinte forma: 5 enterramentos para o Convento do Carmo (CC); 9 para a Igreja do Carmo (envolvente Sul) (IC); 28 para São Vicente de Fora (SVF); 23 para a Igreja de São Domingos (SD); 29 para a Igreja de São Martinho (SM); e, finalmente, 43 para a Igreja de São Lourenço (SL) (ver as fichas de sítio respectivas). Não contabilizámos os cerca de 150 esqueletos e 19 ossários referidos para o Largo do Carmo («Terraços do Carmo»).

463 Considerámos os sítios de São Miguel de Odrinhas (SMO) e da Ermida de São Saturnino (SS) (ver fichas de sítio respectivas).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							34		
Coval simples	5	4		18	23	29	7	8	
Escavada na rocha – forma oval ou ovalada									4
Escavada na rocha – forma rectangular				2					7
Escavada na rocha – forma subrectangular									4
Escavada na rocha – forma antropomórfica				7			2		1
Outra				2					
Cavidade natural									2
Não foi possível verificar		5							
Totais	5	9		29	23	29	43	8	18

Quadro 1 – Distribuição por tipologia de sepultura.

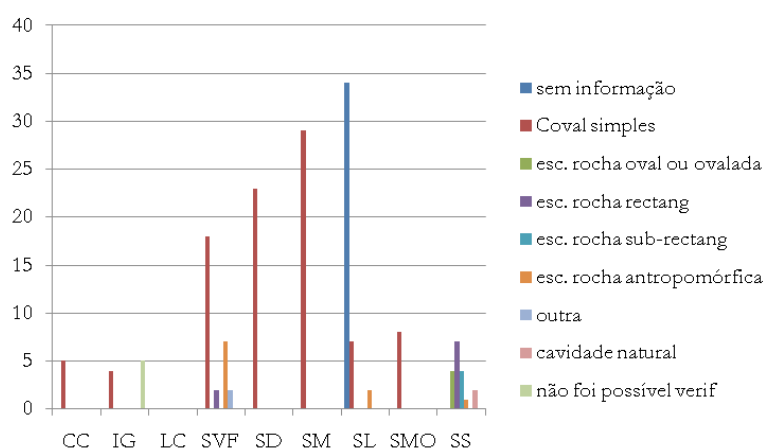


Gráfico 1 - Distribuição por tipologia de sepultura.

Verificamos, assim, que a grande maioria foi enterrada na forma de sepultamento mais simples: o coval simples ou covacho. Contudo, mais uma vez, a falta de informação limita um pouco as conclusões (Ver Quadro 1 e Gráfico 1).

Quanto à cobertura das sepulturas, 102 não têm cobertura perceptível, enquanto 8 são cobertas por duas, três ou quatro pedras toscas (São Vicente de Fora). 11 sepulturas foram cobertas por lajes, correspondendo aos sítios do termo de Sintra. Quanto às restantes 43, mais uma vez não temos informação disponível (ver Quadro 2 e Gráfico 2).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							43		
Cobertura com lajes								4	7
Cobertura com pedras toscas				8					
Sem cobertura perceptível	5	9		21	23	29		4	11
Totais	5	9		29	23	29	43	8	18

Quadro 2 – Distribuição por tipos de cobertura.

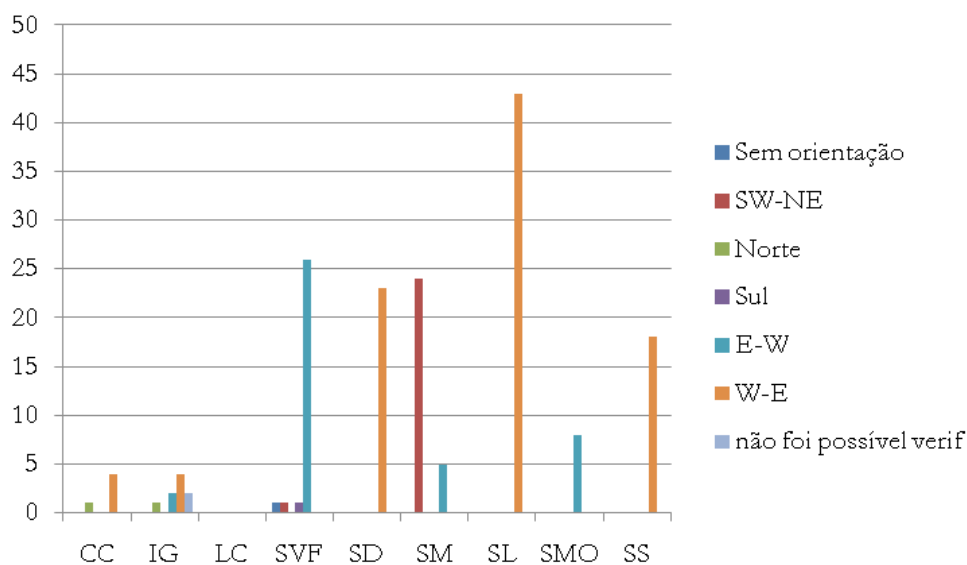


Gráfico 2 – Distribuição por tipos de cobertura.

Do mesmo modo, 77 dos enterramentos não tinha cabeceira, enquanto 39 eram identificados com cabeceira. Para as restantes 48, ou não foi possível verificar ou não existe registo da informação (ver Quadro 3 e Gráfico 3).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							43		
Com cabeceira	1			1		29		8	
Sem cabeceira	4	4		28	23				18
Não foi possível verificar		5							
Totais	5	9		29	23	29	43	8	18

Quadro 3 – Distribuição por existência de cabeceira.

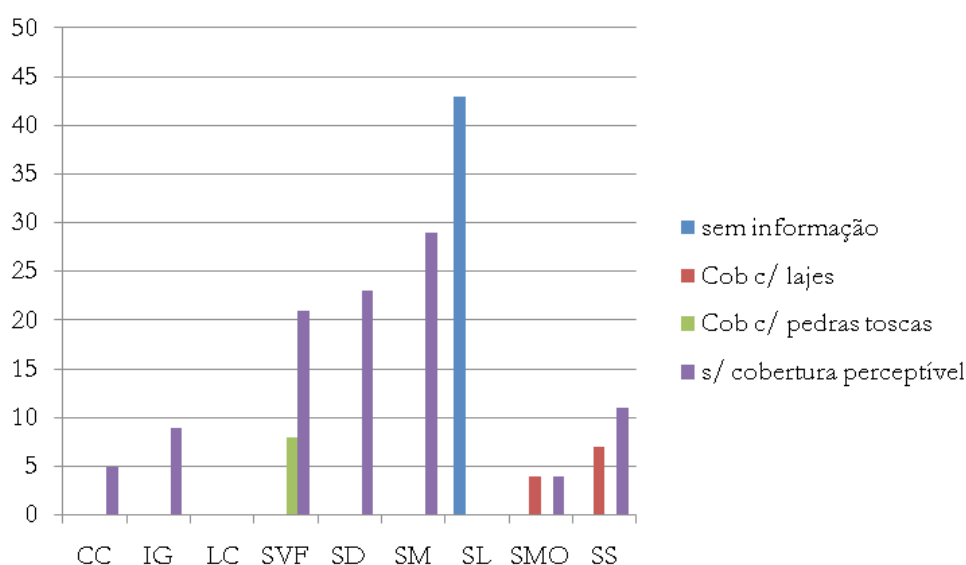


Gráfico 3 – Distribuição por existência de cabeceira.

No tocante à orientação, a informação é mais completa. Assim: temos 1 sepultura sem orientação definida (São Vicente de Fora); 26 estão orientadas a Sudoeste-Nordeste (uma em São Vicente de Fora e 24 em São Martinho); 2 estão orientadas a Norte (uma no Convento do Carmo e outra na Igreja do Carmo, envolvente Sul); 1 dos enterramentos está orientado a Sul (Sep. 30, São Vicente do Fora); 32 inumações estavam orientadas Este-Oeste (2 na Igreja do Carmo, 25 em São Vicente de Fora, 5 em São Martinho e 8 em São Miguel de Odrinhas); 92 estavam orientadas Oeste-Este (4 no Convento do Carmo, 4 na Igreja do Carmo, 23 na Igreja de São Domingos, 43 na Igreja de São Lourenço e 18 na Ermida de São Saturnino); por fim, não foi possível verificar a orientação para 2 das sepulturas da Igreja do Carmo (ver Quadro 4 e Gráfico 4). Observa-se que existem três variações principais quanto à orientação das sepulturas: Sudoeste-Nordeste, Este-Oeste e Oeste-Este, sendo esta última predominante.

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem orientação				1					
SW-NE				1		24			
Norte	1	1							
Sul				1					
E-W		2		26		5		8	
W-E	4	4			23		43		18
Não foi possível verificar		2							
Totais	4	9		29	23	29	43	8	18

Quadro 4 – Distribuição por orientação das sepulturas.

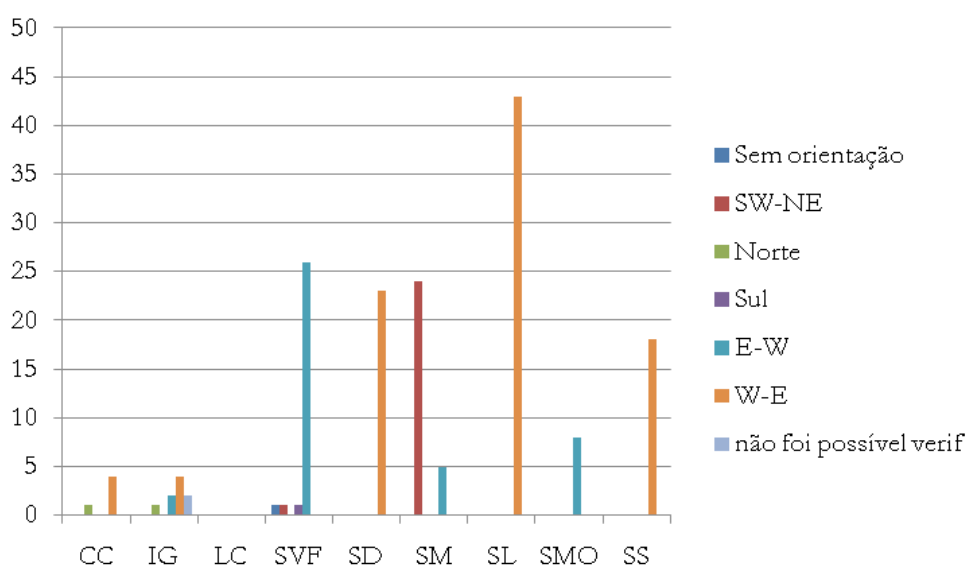


Gráfico 4 – Distribuição por orientação das sepulturas.

Sem que tenhamos informação quanto ao uso de caixão em 43 enterramentos (na sua quase maioria pertencentes à Igreja de São Lourenço), a sua existência é positiva em 5 casos (Convento do Carmo e Igreja do Carmo, São Martinho e São Lourenço) mas inexistente em 90 casos. Contudo, a ausência de espólio metálico (pregos ou cavilhas) não implica que as inumações não tenham sido efectuadas em interior de caixão. Ainda assim, a inexistência de dados concretos a este respeito não nos permite identificar a viabilidade dessa conjectura (ver Quadro 5 e Gráfico 5).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1			42		
Com caixão	1	1				2	1		
Sem caixão	4	8		28	23	27		8	18
Totais	5	9		29	23	29	43	8	18

Quadro 5 – Distribuição de sepulturas com e sem caixão.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

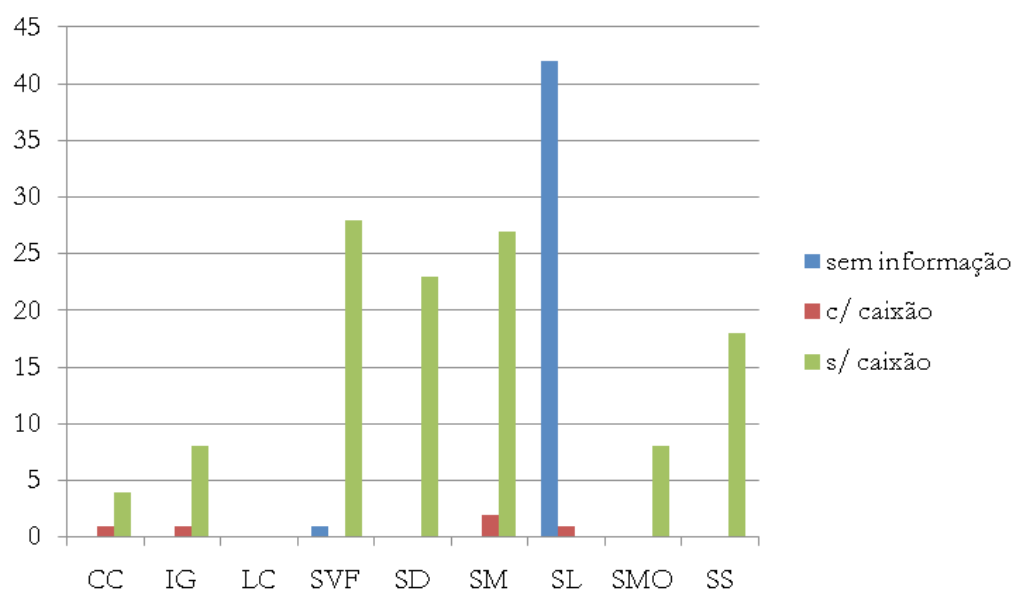


Gráfico 5 - Distribuição de sepulturas com e sem caixão.

No tocante aos restos humanos, e no conjunto dos sítios que foram objecto de intervenção arqueológica, das 163 sepulturas exumadas não conseguimos informação para cerca de 32 (São Lourenço); em 56 das inumações os esqueletos estavam completos, embora incompletos em outros 116 casos (ver Quadro 6 e Gráfico 6). A grande maioria encontrava-se em conexão (101 casos, dos quais 5 para o Convento do Carmo, 9 para a Igreja do Carmo, 23 para São Domingos, 21 para São Martinho e 43 para São Lourenço, 8 para São Miguel de Odrinhas e, finalmente, 18 para a Ermida de São Saturnino). Um total de 76 corpos não se encontrava em conexão (27 para São Vicente de Fora, 8 para São Martinho e 41 para São Saturnino) (ver Quadro 7 e Gráfico 7).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1			32		
Completo	3			16	12			8	17
Incompleto	2	9		11	11	29	11	1	42
Totais	5	9		28	23	29	43	9	59

Quadro 6 – Distribuição por estado dos esqueletos.

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1					
Em conexão	5	9			23	21	43	8	18
Sem conexão				27		8			41
Totais	5	9		28	23	29	43	8	59

Quadro 7 – Distribuição por disposição dos esqueletos.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

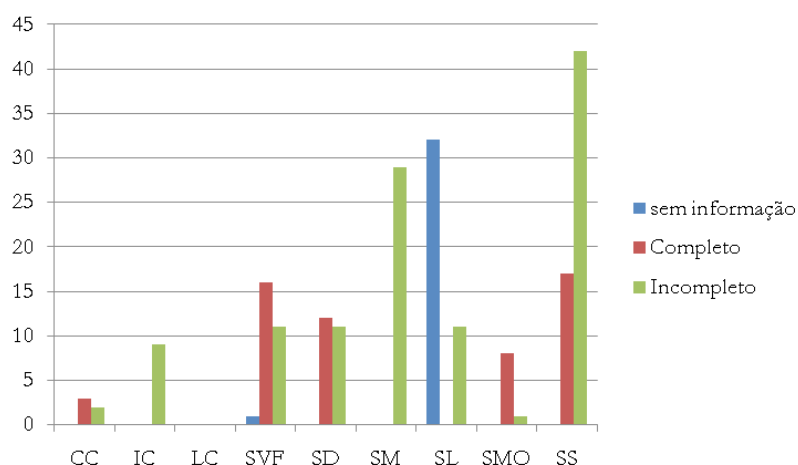


Gráfico 6 – Distribuição por estado dos esqueletos.



Gráfico 7 – Distribuição por disposição dos esqueletos.

Dos 204 enterramentos encontrados, 22 pertenciam a indivíduos do sexo feminino, 36 ao sexo masculino e dos restantes 146 ou não foi possível determinar o sexo ou não existe informação disponível (ver Quadro 8 e Gráfico 8).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							43		
F	5	2		5	4	6			
M		2		15	7	12			
ND		5		8	12	11		8	59
Totais	5	9		28	23	29	43	8	59

Quadro 8 – Distribuição por sexo.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

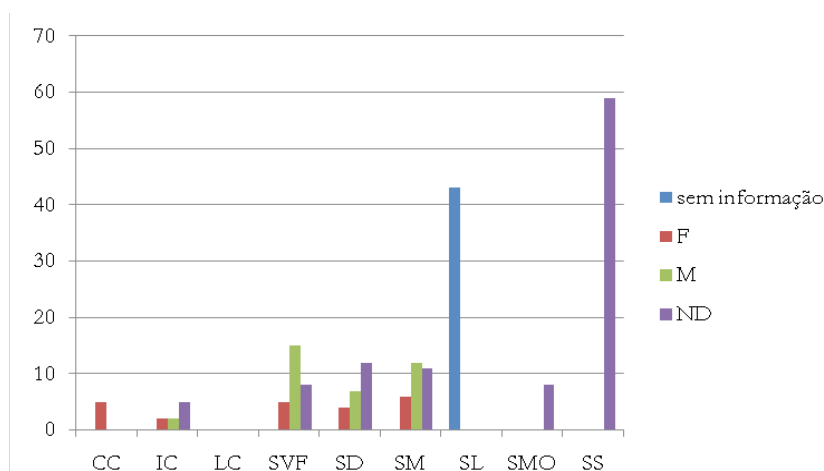


Gráfico 8 – Distribuição por sexo.

No tocante às faixas etárias, 23 eram crianças, 12 não adultos (adolescentes?), 83 adultos (de idade não determinável) e 4 eram velhos (com idade estimável em 65 anos); 38 correspondem a uma idade não determinada e sobre os restantes 44 não existe informação disponível. Não é, de facto, expressiva a amostra, uma vez que para mais de um terço das mesmas foi possível reunir os respectivos dados (ver Quadro 9 e Gráfico 9).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1			43		
Criança		1		4	4	3		1	10
Não adultos									12
Adultos	3	7		21	15	19			18
Velhos	2			2					
ND		1			4	7		7	19
Totais	5	9		28	23	29	43	8	59

Quadro 9 – Distribuição por faixas etárias.

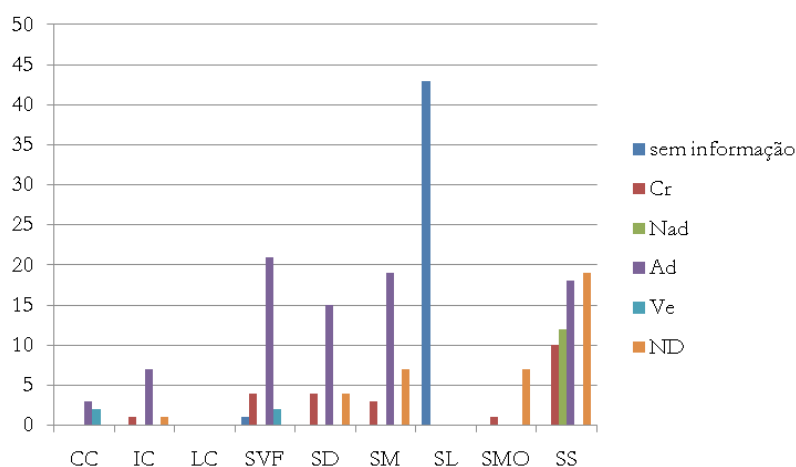


Gráfico 9 – Distribuição por faixas etárias.

A quase totalidade apresentava-se em decúbito dorsal (163 enterramentos); apenas 1 se encontrava em decúbito ventral (São Vicente de Fora, sep. 46) e 1 outro em decúbito lateral (igualmente São Vicente, sep. 30), esta última identificada como um indivíduo de religião muçulmana (ver Quadro 10 e Gráfico 10). Em 8 dos casos não foi possível identificar a forma de deposição.

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1					
Decúbito dorsal	5	9		25	23	21	43	8	18
Decúbito ventral				1					
Outra				1					
Não foi possível verificar						8			
Totais	5	9		28	23	29	43	8	18

Quadro 10 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.

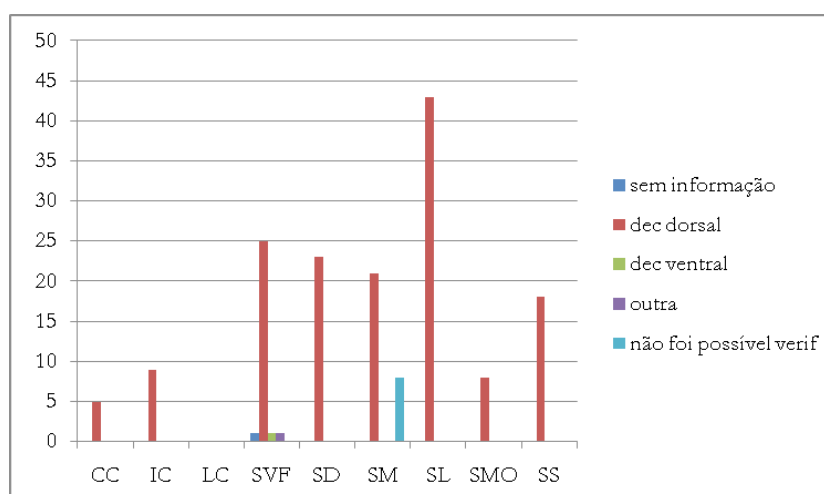


Gráfico 10 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.

Quanto à posição dos membros inferiores, sobretudo as mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda), púbis e cintura (mão direita no púbis e mão esquerda na cintura), o abdómen (mão direita e mão esquerda) ou o peito, num número diversificado de combinações, sendo impossível determinar a posição das mãos de cerca de 36 dos indivíduos por o esqueleto se encontrar incompleto. Salientamos o caso de São Miguel de Odrinhas, no tocante à sepultura que apresenta como posição o braço direito dobrado, virado para cima, sobre o tórax com a mão a tocar no crânio (ver ficha de sítio, assim como Quadro 11 e Gráfico 11).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1			41		
Mão direita - cintura	2	3		6				3	
Mão direita - peito		1		2		4	2		
Mão direita - pélvis/púbis	1			1	23	3		1	
Mão direita - abdómen	1			7					18
Braço direito - longo do corpo				3		1		3	
Outra								1	
Não foi possível verificar	1	5		8		21		1	
Totais	5	9		28	23	29	43	9	18

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							41		
Mão esquerda - cintura	3	3		9				2	
Mão esquerda - peito		1		1		1	2	1	
Mão esquerda - pélvis/púbis					23	1		1	
Mão esquerda - abdómen	1			7		2		1	18
Braço esquerdo - longo do corpo				3		1		3	
Outra									
Não foi possível verificar	1	5		8		24			
Totais	5	9		28	23	29	43	8	18

Quadro 11 – Distribuição quanto à disposição dos membros superiores.

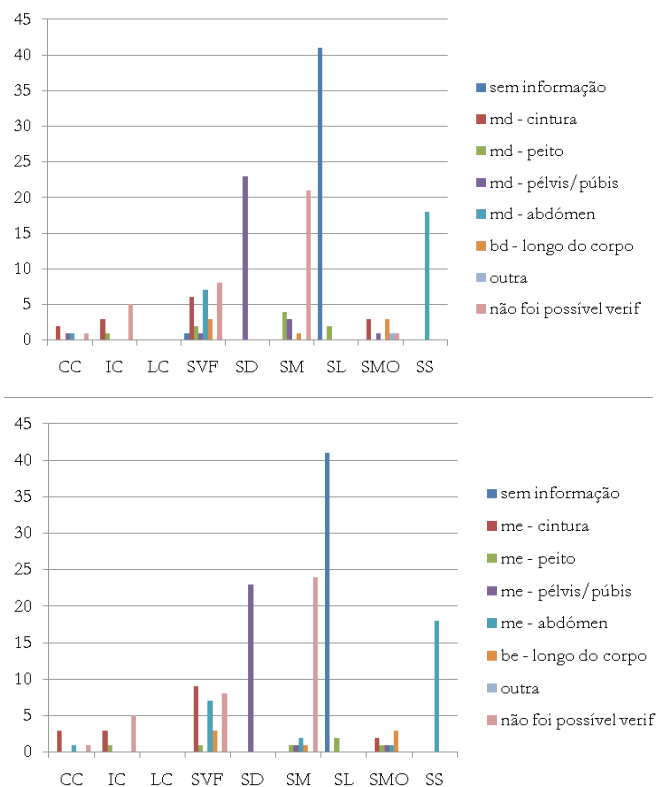


Gráfico 11 – Distribuição quanto à disposição dos membros superiores.

Em relação à existência de evidência rácica, apenas em 4 casos está presente: 3 indivíduos que sugerem raça eurocaucasiana (Igreja do Carmo, envolvente Sul, seps. S2, S3 e S4) e um indivíduo de raça negróide (São Domingos, sep. 11/2) (ver fichas de sítio, Quadro 12 e Gráfico 12). Para os restantes 110 indivíduos não possuímos informação.

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							43	8	59
Com evidência rácica		3			1				
Sem evidência rácica	5	6		28	22	29			
Totais	5	9		28	23	29	43	8	59

Quadro 12 – Distribuição por evidência rácica.

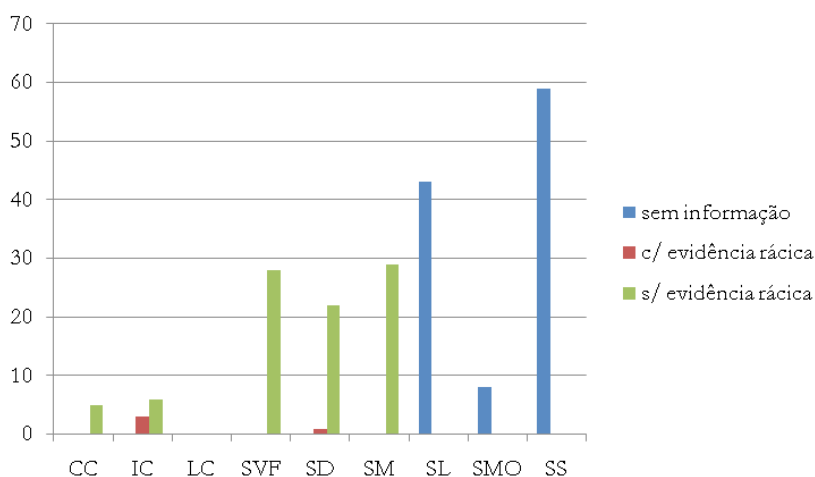


Gráfico 12 – Distribuição por evidência rácica.

Para 126 indivíduos não existe informação sobre patologias; 38 apresentavam ausência de patologias; pelo contrário, 34 dos indivíduos exumados apresentavam patologias⁴⁶⁴ (ver fichas de sítio, Quadro 13 e Gráfico 13).

464 Em **São Domingos** foram encontrados casos que apresentavam patologias ósseas de tipo alveolar (1 caso), artroses e exostoses ósseas, possivelmente de origem inflamatória (1 caso), patologias nos ligamentos e articular nos acetábulos, pequenas osteofitoses e graves problemas de articulação da anca, espondilose, possíveis curvaturas anómalas laterais da coluna (em pelo menos 2 casos), perda de dentes, perturbações do crescimento ósseo (1 caso) e dois casos em que coincidem a má articulação das ancas e uma possível brucelose. Em outros dois casos existem evidências de esforços físicos violentos e continuados (ver ficha de sítio, em Apêndices, pp. 429-430). Para **São Martinho** estão presentes casos de artroses e entesopatias (3 casos), costelas com sinal de condições infecciosas (1 caso), periostites (3 casos), osteomalacia (devido a deficiência de vitamina A, 1 caso), hipoplasias dentárias (provocadas por desequilíbrio fisiológico durante a infância, devido a deficiências nutritivas e/ou doenças, 2 casos, um deles sobre 18 dentes), a presença de uma espinha bífida (oculta nas 2 últimas vértebras sagradas, 1 caso), artrite severa (1 caso) e perda de dentes *ante-mortem* (1 caso) (ver ficha de sítio, em Apêndices, pp.455-458).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				16			43	8	59
Com patologias					19	15			
Sem patologias	5	3		12	4	14			
Não foi possível verificar		6							
Totais	5	9		28	23	29	43	8	59

Quadro 13 – Distribuição por existência de patologias.

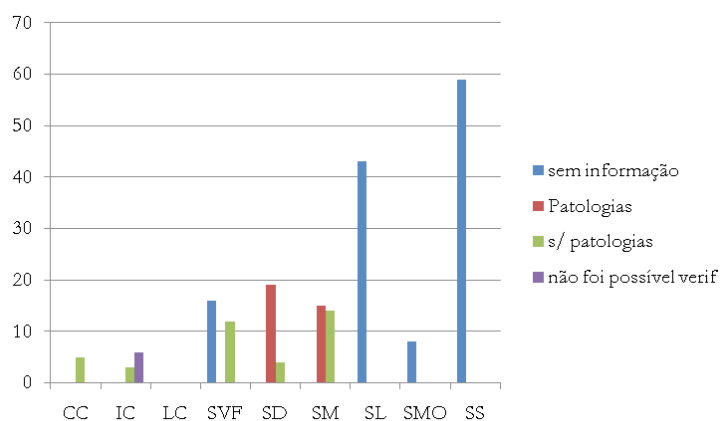


Gráfico 13 – Distribuição por existência de patologias.

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							43		
Só na sepultura	3	8		21	6	12		4	8
Com outros ocupantes	2	1		7	17	2		4	8
Ossário									2
Não foi possível verificar						15			
Totais	5	9		28	23	29	43	8	18

Quadro 14 – Distribuição de reutilização de sepulturas.

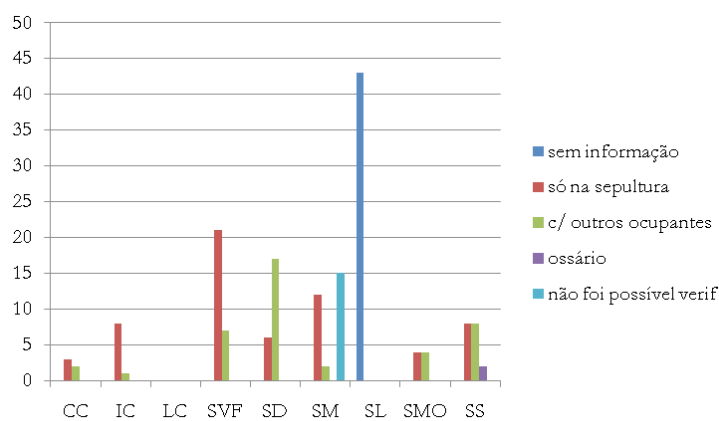


Gráfico 14 – Distribuição de reutilização de sepulturas.

Dos enterramentos postos a descoberto, 62 indivíduos encontravam-se sós na sepultura, enquanto 41 apresentavam outros ocupantes. Salientamos vários casos de reutilização de sepulturas: um deles mostrava a presença de um braço, em conexão anatómica, ao lado do braço do respectivo esqueleto (sep. 40, Convento do Carmo), um outro que apresentava um esqueleto de um recém-nascido, em muito mau estado, entre as pernas (sep. 43, Convento do Carmo) e o último, uma criança recém-nascida enterrada em substituição do crânio de um adulto (sep. 32, São Vicente de Fora). Foi registada a presença de 2 ossários na Ermida de São Saturnino (que ocupavam as cavidades naturais representadas no Quadro 1). Não foi possível verificar a reutilização para 15 casos e para os restantes 43 não existe informação (ver Quadro 14 e Gráfico 14).

No que diz respeito ao espólio, apenas se encontrava presente em 24 das 163 sepulturas exumadas (Quadro 15 e Gráfico 15).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação							42		
Com espólio	3			5		6	1	1	8
Sem espólio	2	9		23	23	23		7	10
Totais	5	9		28	23	29	43	8	18

Quadro 15 – Distribuição por presença de espólio.

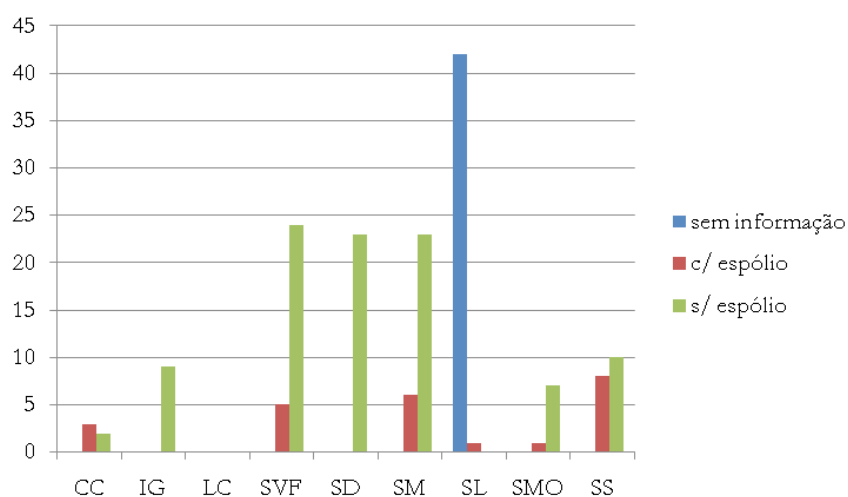


Gráfico 15 – Distribuição por presença de espólio.

Quanto à tipologia do espólio em contexto funerário, podemos apontar o seguinte:

- Uma fivela de cinto (sep. 39), dois numismas (um real preto de D. Duarte e um ceitel de D. Afonso V – sep. 40) e restos de um colchete e um numisma (um real preto de D. Duarte – sep. 43) provenientes do **Convento do Carmo**;
- Um Real Branco de Bolhão de D. João I (encontrado à cintura da sepultura 6 [1982]), uma espinha de peixe e uma pequena chapa de cobre, grosseiramente laminado, com 12,5mm por 11mm e 0,8mm de espessura (sep. 10 [1982]), um disco monetário apagado, identificado através da metrologia como um dinheiro de bilhão (sep. 25 [1992]), 3 pregos de ferro (sep. 35 [1994]), uma pogeja de bilhão (sep. 41 [1994]), e 2 colares (1 de azeviche e outro de quartzo amarelo, de forma losangular e contas de vidro multicolores (sep. 46 [1999]) encontrados no mosteiro de **São Vicente de Fora**;
- Fragmentos de vidro de pequena moldura (sep. 115), tachas, 1 prego e 1 possível pega de caixão (sep. 138), contas de osso (sep. 143), contas de terço (sep. 1235), 1 numismas de difícil leitura (sep. 150) e restos de mortalha, filamentos esverdeados e alfinetes de mortalha (sep. 1225), exumados na Igreja de **São Martinho**;
- 6 pregos, alinhados aos pés das inumação (sep. 18) indiciando a utilização de caixão, para além do uso da mortalha), recuperados na Igreja de **São Lourenço**;
- Um ceitel (interior da mão direita, cruzada sobre a cintura, sep. 7), descobertos em **São Miguel de Odrinhas**;
- E, finalmente, uma moeda de D. Afonso V, 1 prego, fragmentos de cerâmica comum (sep. 1), fragmentos de cerâmica comum (sep. 5), fragmento de bordo de cerâmica comum (secção quadrangular, pasta laranja) e disco cerâmico (sep. 9), fragmentos de faiança e cerâmica comum de pasta laranja (sep. 11), fragmentos de cerâmica comum de pasta laranja (sep. 12), uma moeda de D. João I, faiança, cerâmica comum de pasta laranja, fragmento de sílex (sep. 13), um Real de D. João I no interior das mãos do esq. 28, fragmento de cerâmica (sep. 15), e fragmentos de cerâmica comum de pasta laranja (sep. 17 e 17a), provenientes da Ermida de **São Saturnino**.

Tentámos, com os dados disponíveis, fazer um resumo do espólio encontrado em contexto funerário (no interior das inumações). Ressalvamos o caso de São Saturnino, dado

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

que não obtivemos valores numéricos que identificassem as quantidades dos fragmentos, contabilizando as existências como uma única unidade (ver Quadro 16 e Gráfico 16).

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Cerâmica									11
Vidro						1			
Metal	2			4		3?	6		1
Numismas	3			3		1		1	3
Objectos de adorno				2		1			
Contas de osso						1			
Líticos									1
Outros (material não identificado)						1			
Vestígios faunísticos				1					
Totais	5	0		10	0	5	6	1	16

Quadro 16 – Distribuição de tipologias de espólio.

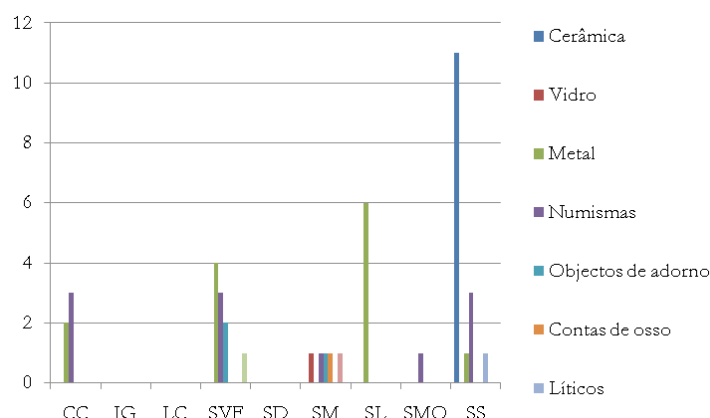


Gráfico 16 – Distribuição de tipologias de espólio.

Relativamente à cronologia atribuídas aos sepultamentos, esta é mais ou menos dispare, como podemos observar nos Quadro 17 e Gráfico 17:

	CC	IG	LC	SVF	SD	SM	SL	SMO	SS
Sem informação				1					11
Séc. XII				9					
Séc. XII-XIII				6			6		
Séc. XIII								1	
Séc. XIII-XIV				8		29			18
Séc. XIV				3					
Séc. XIV-XV				1					
Séc. XV									
Séc. XV-XVI	5	9			23				
Totais	5	9		28	23	29	43	8	18

Quadro 17 – Distribuição por períodos cronológicos.

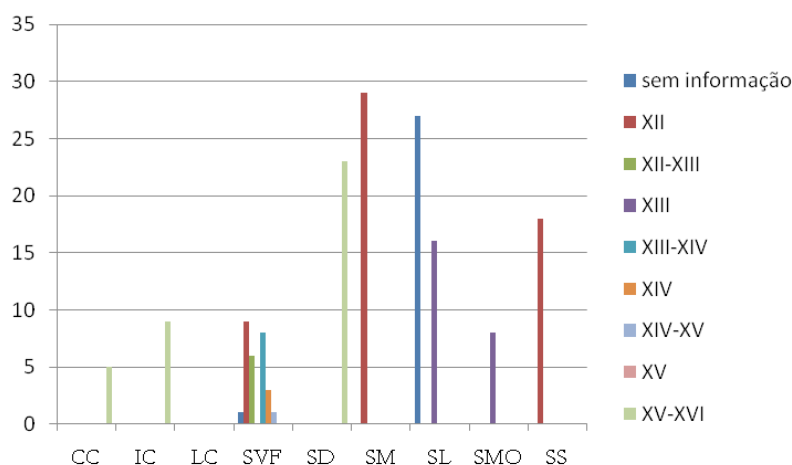


Gráfico 17 – Distribuição por períodos cronológicos.

A partir dos exemplos que estudámos, podemos tirar algumas conclusões. Em primeiro lugar, estamos em presença de vários tipos de enterramento, como referimos supra: a sepultura individual, a sepultura individual reutilizada e o ossário. A maioria das sepulturas é constituída por covais simples, e rodeadas ou não de pequenas pedras (no caso de São Vicente de Fora); na grande maioria não apresentam cabeceira (tanto no termo de Lisboa⁴⁶⁵ como no termo de Sintra), com as excepções da Igreja de São Martinho e da necrópole de São Miguel de Odrinhas; na generalidade dos casos não tinham cobertura perceptível; quanto à orientação das sepulturas e dos cadáveres inumados, na sua maioria com a cabeça virada para ocidente e os pés para oriente, o que é muito comum na Europa, a maioria dos enterramentos estudados enquadra-se neste modelo. Exceptuam-se os casos de São Martinho, com orientação Sudoeste-Nordeste, e São Vicente de Fora e São Miguel de Odrinhas, com orientação Este-Oeste.

No tocante ao conteúdo dos enterramentos, no maior número de casos não foi utilizado caixão, ou deles não existem vestígios. Podemos supor, portanto, que os corpos seriam apenas envoltos numa mortalha e assim enterrados.

Por outro lado, o número elevado de reutilizações a que cada túmulo era submetido leva a que numa grande percentagem os corpos inumados se encontrassem incompletos. A esta condicionante juntam-se outras características da vida de um grande centro urbano, com construções sucessivas e reutilização de espaços em desuso ou abandonados, que perturbam

⁴⁶⁵ Do ponto de vista do ritual funerário, assistimos no termo de Lisboa à raridade da presença de estelas discóides, à excepção da estela funerária descoberta no Terreiro do Trigo e à qual já fizemos menção (nota de rodapé 263). Não quer dizer que nunca tenham sido utilizadas, mas que foram muito provavelmente reutilizadas como material de construção perfeitamente disponível para a edificação ou reedificação de edifícios urbanos.

grandemente os vestígios arqueológicos aos quais por vezes se sobrepõem. Não descuramos, por isso, em absoluto, o grau maciço de destruição que o terramoto de 1755 provocou no subsolo da cidade de Lisboa, mas que igualmente os que o antecederam no século XVI já tinham provocado. Ainda assim, destacamos o facto de a maioria dos casos de enterramento estudados se encontrar em conexão anatómica, ainda que incompletos.

Relativamente ao sexo dos indivíduos inumados, já o referimos, a amostra não é suficientemente expressiva, não obstante o facto de os identificados pertencerem sobretudo ao sexo masculino. Tão pouco é expressiva a divisão por faixas etárias: apenas nos parece verosímil a inexistência de muito poucos indivíduos de idade superior a 65 anos, numa época em que a esperança de vida era relativamente curta; contudo, parece-nos que o número de crianças e jovens está aquém da realidade que nos é relatada do ponto de vista histórico: o de uma época caracterizada por fomes, doenças, catástrofes naturais e alguma instabilidade social. Se compararmos estas informações com as provenientes dos Quadros 9 e 13, verificamos que o número de indivíduos para os quais foram identificadas patologias é relativamente semelhante ao daqueles que não apresentam sinais de patologias. No entanto, o número elevado de casos para os quais não existe informação condiciona conclusões.

Quanto às posições rituais, caracterizam-se pela deposição em decúbito dorsal, com uma variedade grande de combinações, expressas nas fichas de sítio que acompanham o presente trabalho. Ainda assim, parece-nos que o maior número de colocações dos membros superiores é feito com o cruzamento das duas mãos ao nível do púbis ou da pélvis, numa tentativa de demonstração de pudor característica da religião cristã. Destacamos ainda as deposições em decúbito ventral da vítima de peste de São Vicente de Fora e em decúbito lateral para o presumível muçulmano no mesmo sítio arqueológico.

Com respeito aos membros inferiores (informação que não incluímos nos quadros apresentados nem tão pouco nas fichas de sítio) são total e exclusivamente dispostos estendidos e paralelos.

Não obstante o grande número de casos para os quais não existe informação, e os poucos casos de evidência rática identificados (nomeadamente o indivíduo de raça negróide proveniente de São Domingos, sep. 11/2, assim como o indivíduo que parece ser de religião muçulmana, exumado em São Vicente, sep. 30⁴⁶⁶), parece-nos podermos estar perante populações de origem eurocaucasiana.

466 Rodrigues Ferreira refere ainda a descoberta de um negróide inumado, mas com os pés voltados a poente na necrópole de São Vicente. No entanto, não ficou claro se aquele investigador o situa no contexto das sepulturas moçárabes ou no das sepulturas dos «cavaleiros Teutónicos» (período da tomada de Lisboa) (Cunha e Ferreira, 2008: 73).

Finalmente, no tocante ao espólio, verificamos que se encontra presente num número muito pequeno de inumações. E mesmo nos casos da Ermida de São Saturnino não ficou claro que seja o resultado de inclusão como espólio funerário (ritual), podendo igualmente significar que as terras circundantes foram utilizadas para cobrir as sepulturas, «poluindo» as mesmas com materiais provenientes da vida de todos os dias. Estão excluídos os casos específicos que apresentámos em geral como conteúdo quase «seguro» de uma determinada sepultura, em especial dos colares e dos numismas de São Vicente de Fora, e os numismas provenientes de São Miguel de Odrinhas e da Ermida de São Saturnino, que confirmam a persistência do costume de colocar moedas, eventualmente em desuso, no interior de uma das mãos do inumado.

Pelo atrás exposto, parece-nos estar perante três situações sociais e económicas distintas: por um lado, uma classe economicamente mais poderosa, que lhe permitia uma atitude perante a morte mais consentânea com os seus valores morais e religiosos, e com a preservação do seu corpo (identificado quase sempre através da aposição de inscrição ou de lápide funerária); uma outra camada da população, constituída por letrados (ver o caso de São Lourenço) ou habitando em zonas da cidade de maior prestígio (ver o caso de São Martinho, que se situava junto a um Paço Real, ou ainda do Convento do Carmo), para a qual se identifica mesmo a ausência de epitáfio, não obstante terem sido inumados no interior de um templo religioso; finalmente, uma terceira camada da população, de cariz social e económico mais desfavorecido, mais pobre, ou mesmo de cariz mais rural que, imbuída das mesmas preocupações com a morte e a vida além-túmulo, conseguiu lugar de sepultura junto a um edifício religioso (ver os casos de São Domingos, do Largo do Carmo, no termo de Lisboa, ou de São Miguel de Odrinhas e da Ermida de São Saturnino, no termo de Sintra).

Por outro lado, no que diz respeito aos casos escolhidos para estudo comparativo, utilizámos dois tipos de sítios: no primeiro caso um cemitério suburbano, que se constituiu sem seguir a construção de um edifício religioso. Foi de facto este que se seguiu à implantação daquele e não o inverso; no segundo caso escolhemos um sítio que poderia ter uma população heterogénea, dada a sua ligação com uma Ordem militar-religiosa.

Em ambos os casos nos interessou o facto de o interior do monumento religioso (igreja de Saint-Michel e igreja e claustro de Saint-Jean/Saint-Rémi) mostrar duas realidades sociais, como é observável pelas descrições (ver Apêndice C) e comprovável do ponto de vista arqueológico e antropológico.

Os sítios, como nos casos portugueses que apresentámos, parecem demonstrar que apenas uma elite económica e cultural tinha acesso aos mesmos: o enterramento dentro das igrejas requeria poder económico e poder de influência, o mesmo acontecendo com a implan-

tação de lápides e a construção de jazigos, que suponham recurso a materiais nobres e artífices especializados capazes de efectuar um trabalho durável e esteticamente bem executado.

Seguimos para estes a mesma metodologia que para os sítios de Lisboa, Odivelas e Sintra. Deparámo-nos com algumas dificuldades relativamente à colecção de dados: a grande quantidade de informação disponível (exceptuando os casos em que ainda se encontra em estudo) tornou o processo de análise e de cruzamento dos dados mais moroso.

Assim, elaborámos os quadros que se seguem de forma a facilitar a compreensão destes dados e de modo a permitir elaborar comparações a partir dos mesmos elementos de base estudados para Lisboa. São, por isso, de nossa autoria os quadros e gráficos apresentados infra.

Em relação à tipologia de enterramentos, estamos em presença de vários tipos: a sepultura individual (em fossa ou coval simples e em fossa organizada), a sepultura individual reutilizada, o jazigo e o ossário ou carneiro.

Assim, em Toulouse, as 774 sepulturas que retivemos para o presente estudo são constituídas por um total de 808⁴⁶⁷ enterramentos.

Dos 808 indivíduos, 512 foram sepultados em covais simples, 5 indivíduos em jazigo, e 86 noutro tipo de sepultura (carneiro). Para os restantes 210 não foi possível determinar a tipologia de inumação ou não existe informação.

	SM	SJ
Sem informação	3	35
Coval simples	487	25
Escavada na rocha – forma oval ou ovalada		
Escavada na rocha – forma rectangular		
Escavada na rocha – forma subrectangular		
Escavada na rocha – forma antropomórfica		
Outra	78	8
Cavidade natural		
Não foi possível verificar	172	
Totais	740	68

Quadro 18 – Distribuição por tipologia de sepultura.

467 A amostra é constituída da seguinte forma: 740 enterramentos para Saint-Michel (SM); e 68 para Saint-Jean (ver as fichas de sítio respectivas). Não incluímos quaisquer elementos relativos à *Cité Judiciaire*.

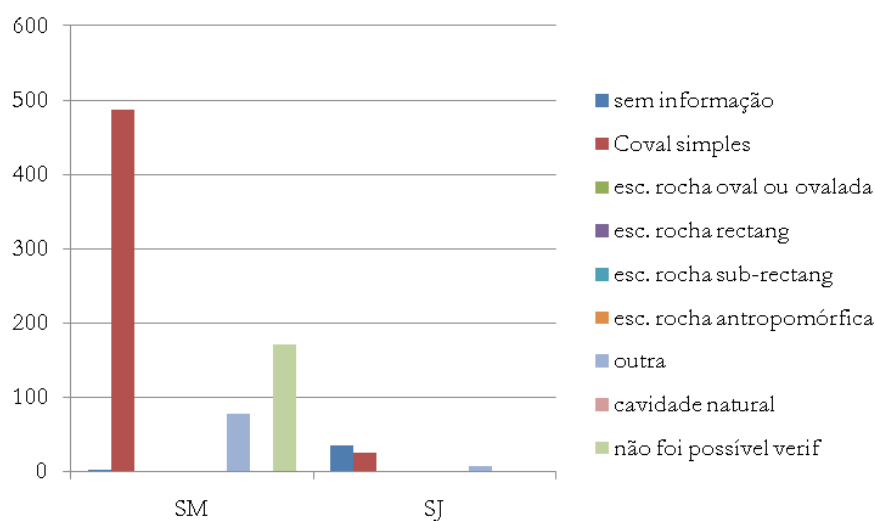


Gráfico 18 - Distribuição por tipologia de sepultura.

Verificamos, assim, que a grande maioria foi enterrada na forma de sepultamento mais simples: o coval simples ou fossa (Ver Quadro 18 e Gráfico 18).

Quanto à cobertura das sepulturas, 722 não têm cobertura perceptível, enquanto 1 é coberta por seixos (Saint-Michel). 6 sepulturas apresentam-se cobertas com tampas constituídas por pranchas de madeira, de que foram encontrados vestígios, correspondendo a Saint-Michel. Existem 11 sepulturas em jazigo para Saint-Michel e 5 para Saint-Jean. Quanto às restantes 63, mais uma vez não temos informação disponível (ver Quadro 19 e Gráfico 19).

	SM	SJ
Sem informação		63
Cob c/ lajes		
Cob c/ pedras toscas		
Cob c/ seixos	1	
Cob c/ pranchas	6	
Jazigo	11	5
s/ cobertura perceptível	722	
Totais	740	68

Quadro 19 – Distribuição por tipos de cobertura.

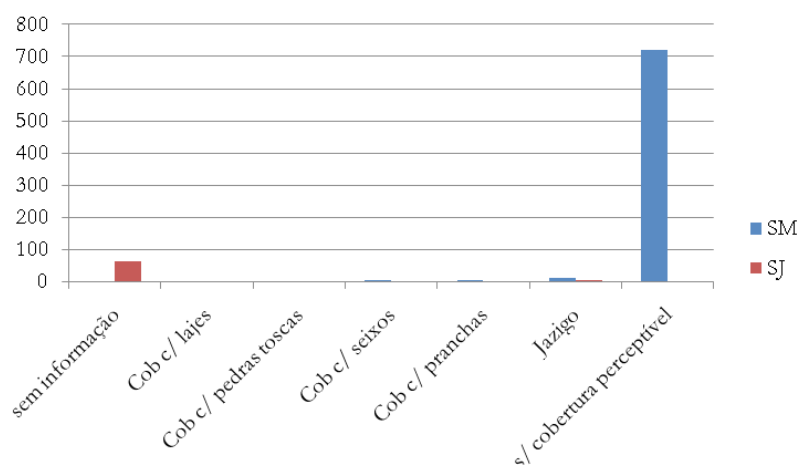


Gráfico 19 – Distribuição por tipos de cobertura.

Do mesmo modo, 766 dos enterramentos não tinham cabeceira, enquanto 5 eram identificados com cabeceira (Saint-Michel). Para as restantes 37, ou não foi possível verificar ou não existe registo da informação (ver Quadro 20 e Gráfico 20).

	SM	SJ
Sem informação		37
Com cabeceira	5	
Sem cabeceira	735	31
Não foi possível verificar		
Totais	740	68

Quadro 20 – Distribuição por existência de cabeceira.

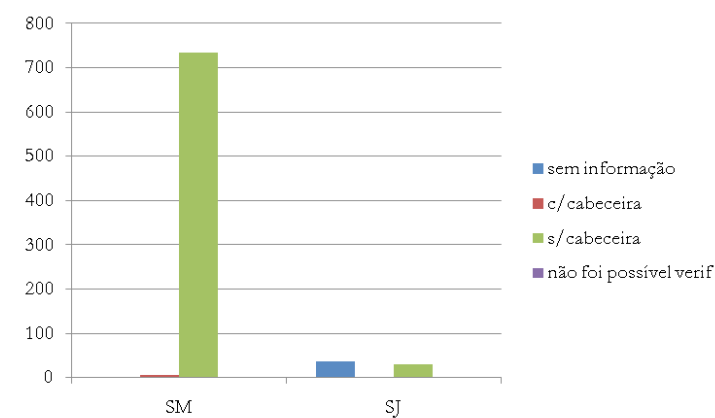


Gráfico 20 – Distribuição por existência de cabeceira.

No tocante à orientação, a informação é mais completa. Assim: temos 51 sepulturas sem orientação definida (16 para Saint-Michel e 35 para Saint-Jean); 7 estão orientadas a Sudoeste-Nordeste (Saint-Michel); 11 estão orientadas a Sudeste-Noroeste (Saint-Michel); 1 está orientada a Norte (Saint-Jean) e 47 orientadas Norte-Sul (Saint-Michel); 1 dos túmulos está orientado Noroeste-Sudeste (Saint-Michel); 1 dos enterramentos está orientado a Sul (Saint-Jean); 659 inumações estavam orientadas Este-Oeste (656 em Saint-Michel e 3 em Saint-Jean); 28 estavam orientadas Oeste-Este (Saint-Jean); por fim, não foi possível verificar a orientação para 2 das sepulturas de Saint-Michel (ver Quadro 21 e Gráfico 21). Observa-se que existem três variações principais quanto à orientação das sepulturas: Norte-Sul, Este-Oeste e Oeste-Este, a segunda predominante.

	SM	SJ
Sem orientação	16	35
SW-NE	7	
SE-NW	11	
NW-SE	1	
Norte		1
N-S	47	
Sul		1
E-W	656	3
W-E		28
Não foi possível verif	2	
Totais	740	68

Quadro 21 – Distribuição por orientação das sepulturas.

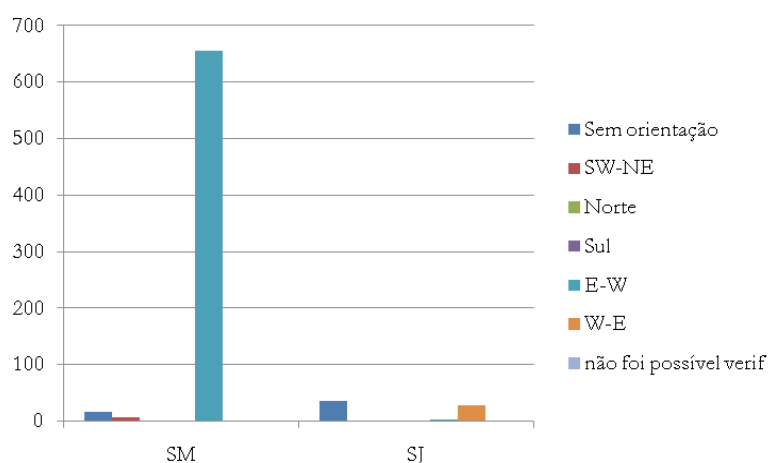


Gráfico 21 – Distribuição por orientação das sepulturas.

Sem que tenhamos informação quanto ao uso de caixão em 37 enterramentos (todos pertencentes a Saint-Jean), a sua existência é positiva em 46 casos (43 para Saint-Michel e 3 para Saint-Jean) mas inexistente em 725 casos. Contudo, a pouca presença de espólio

metálico (pregos ou cavilhas) não implica que as inumações não tenham sido efectuadas em interior de caixão, tanto mais que em alguns casos não contabilizados como tendo incluído este contentor, em Saint-Michel, tinham presentes pregos nas terras de enchimento (reaproveitamento?). Ainda assim, a inexistência de dados concretos a este respeito não nos permite identificar a viabilidade dessa conjectura (ver Quadro 22 e Gráfico 22).

	SM	SJ
Sem informação		37
Com caixão	43	3
Sem caixão	697	28
Totais	740	68

Quadro 22 – Distribuição de sepulturas com e sem caixão.

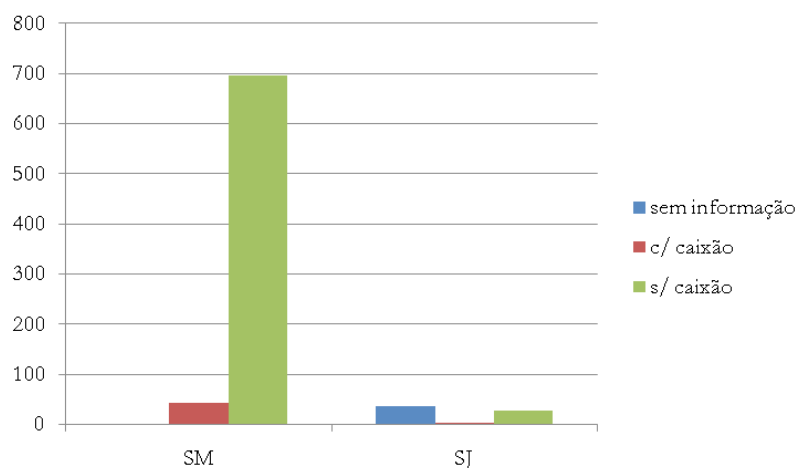


Gráfico 22 - Distribuição de sepulturas com e sem caixão.

No tocante aos restos humanos, e no conjunto dos sítios que foram objecto de intervenção arqueológica, das 163 sepulturas exumadas não conseguimos informação para cerca de 41 (6 para Saint-Michel e 35 para Saint-Jean); em 88 das inumações os esqueletos estavam completos, embora incompletos em outros 459 casos e destruídos para 213 casos (ver Quadro 23 e Gráfico 23). A grande maioria encontrava-se em conexão (552 casos, dos quais 519 para Saint-Michel e 33 para Saint-Jean). Um total de 250 corpos não se encontrava em conexão (215 para Saint-Michel e 35 para Saint-Jean) (ver Quadro 24 e Gráfico 24).

	SM	SJ
Sem informação	6	35
Completo	81	7
Incompleto	433	26
Destruído	213	
Totais	733	68

Quadro 23 – Distribuição por estado dos esqueletos.

	SM	SJ
Sem informação	6	
Em conexão	519	33
Sem conexão	215	35
Totais	740	68

Quadro 24 – Distribuição por disposição dos esqueletos.

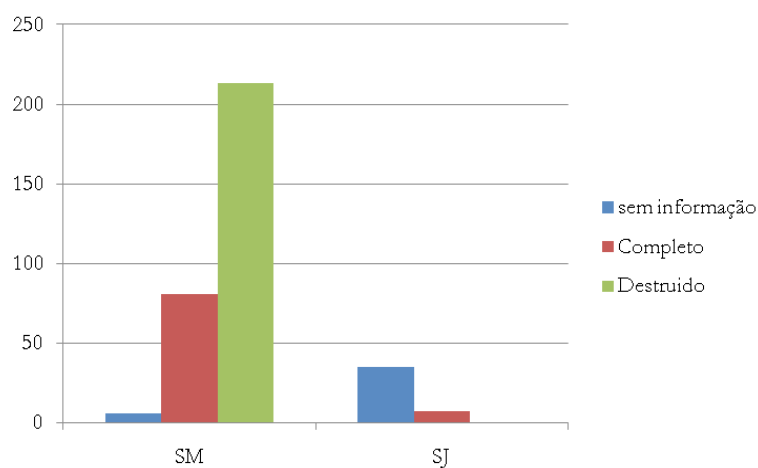


Gráfico 23 – Distribuição por estado dos esqueletos.

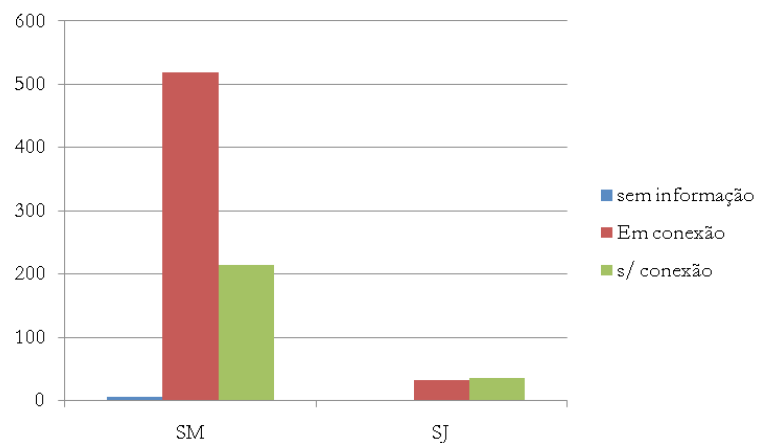


Gráfico 24 – Distribuição por disposição dos esqueletos.

Dos 808 enterramentos encontrados, 128 pertenciam a indivíduos do sexo feminino, 214 ao sexo masculino e dos restantes 466 ou não foi possível determinar o sexo ou não existe informação disponível (ver Quadro 25 e Gráfico 25).

	SM	SJ
Sem informação	6	36
F	124	4
M	202	12
ND	408	16
Totais	740	68

Quadro 25 – Distribuição por sexo.

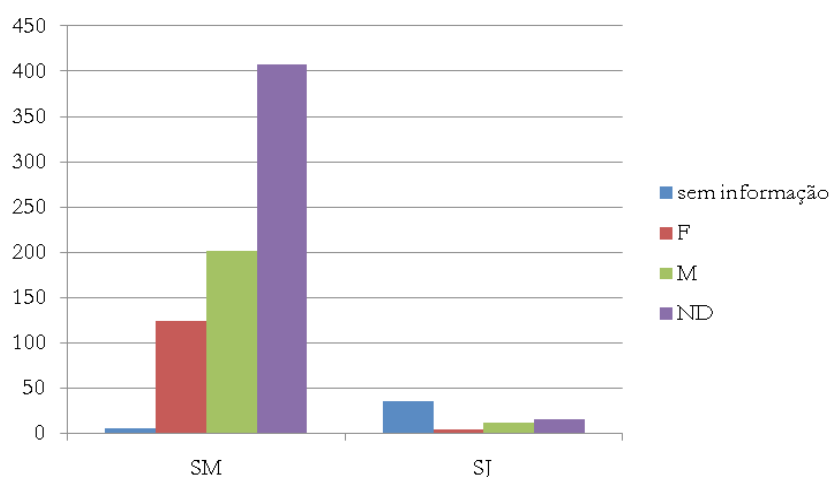


Gráfico 25 – Distribuição por sexo.

No tocante às faixas etárias, 200 eram crianças, 23 não adultos (adolescentes?), 577 adultos (de idade não determinável) e 1 era velho (com idade estimável acima dos 45 anos); 3 correspondem a uma idade não determinada e sobre os restantes 4 não existe informação disponível. Os adultos têm idades estimadas em mais de 25 ou mais de 30 anos, para ambos os sexos (ver Quadro 26 e Gráfico 26).

	SM	SJ
Sem informação	4	
Criança	161	39
Não adultos	23	
Adultos	548	29
Velhos	1	
ND	3	
Totais	740	68

Quadro 26 – Distribuição por faixas etárias.

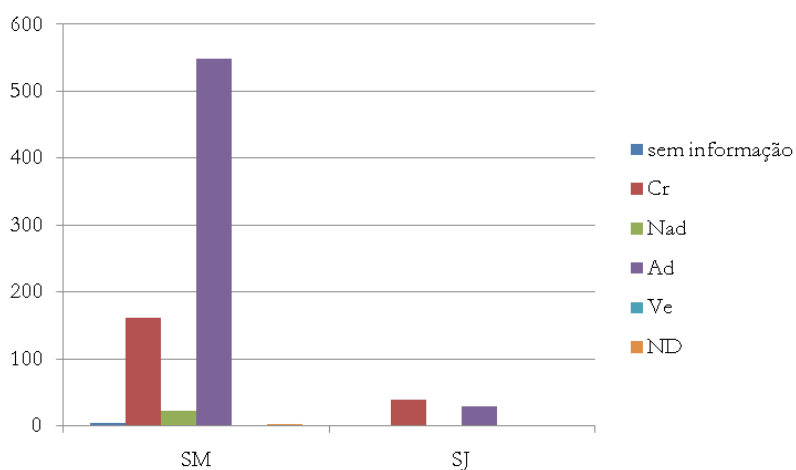


Gráfico 26 – Distribuição por faixas etárias.

A quase totalidade apresentava-se em decúbito dorsal (390 enterramentos); apenas 3 se encontravam em decúbito ventral (Saint-Michel) e 7 em decúbito lateral (4 para Saint-Michel e 3 para Saint-Jean) (ver Quadro 27 e Gráfico 27). Em 367 dos casos não foi possível identificar a forma de deposição e em 47 a informação não se encontrava disponível.

	SM	SJ
Sem informação	6	35
Decúbito dorsal	360	30
Decúbito ventral	3	
Outra	4	3
Não foi possível verificar	367	
Totais	740	68

Quadro 27 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.

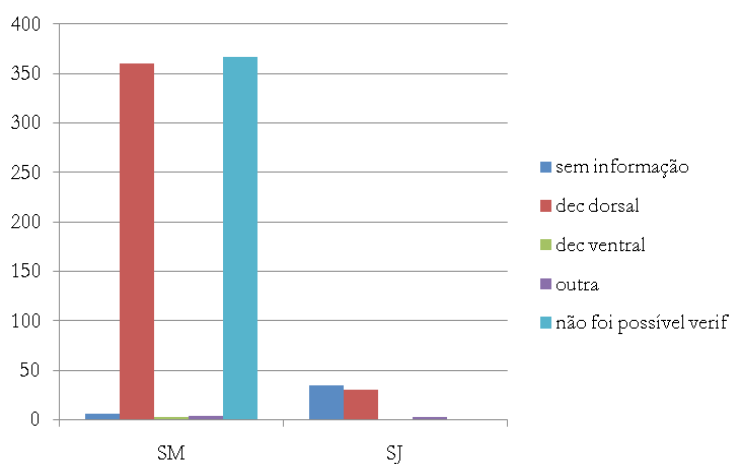


Gráfico 27 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.

Quanto à posição dos membros inferiores, sobretudo as mãos, estas variam entre a cintura (mão direita e mão esquerda), púbis e cintura (mão direita no púbis e mão esquerda na cintura), o abdómen (mão direita e mão esquerda) ou o peito, num número diversificado de combinações, sendo impossível determinar a posição das mãos de cerca de 36 dos indivíduos por o esqueleto se encontrar incompleto. Salientamos os casos de Saint-Michel, que apresenta 8 sepulturas com uma das mãos ao ombro (ver ficha de sítio, assim como Quadro 28 e Gráfico 28).

	SM	SJ
Sem informação	4	37
Mão direita - cintura	162	1
Mão direita - peito	77	5
Mão direita - pélvis/púbis	29	6
Mão direita - abdómen	75	4
Braço direito - longo do corpo	27	
Outra	8	2
Não foi possível verificar	358	13
Totais	740	68

	SM	SJ
Sem informação	6	37
Mão esquerda - cintura	166	1
Mão esquerda - peito	72	6
Mão esquerda - pélvis/púbis	25	4
Mão esquerda - abdómen	73	6
Braço esquerdo - longo do corpo	29	
Outra	4	2
Não foi possível verificar	365	12
Totais	740	68

Quadro 28 – Distribuição quanto à distribuição dos membros superiores.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

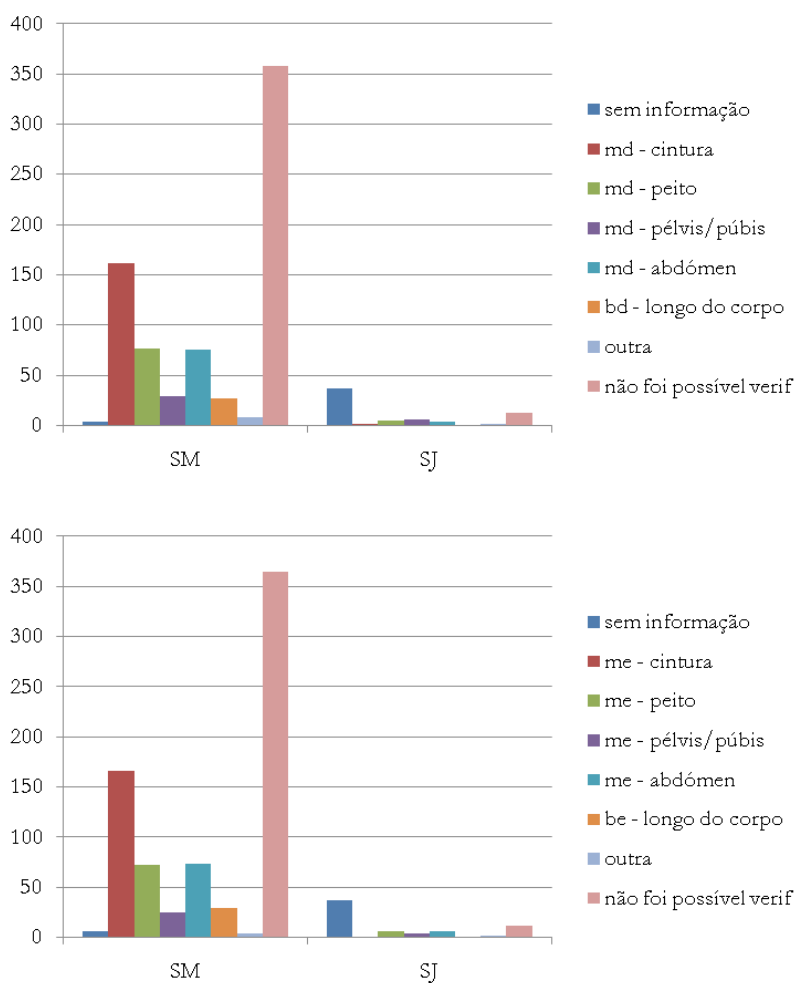


Gráfico 28 – Distribuição quanto à distribuição dos membros superiores.

Em relação à existência de evidência rática, nenhum dos casos apresenta informação (ver fichas de sítio, Quadro 29 e Gráfico 29).

	SM	SJ
Sem informação	740	68
Com evidência rática		
Sem evidência rática		
Totais	740	68

Quadro 29 – Distribuição por evidência rática.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

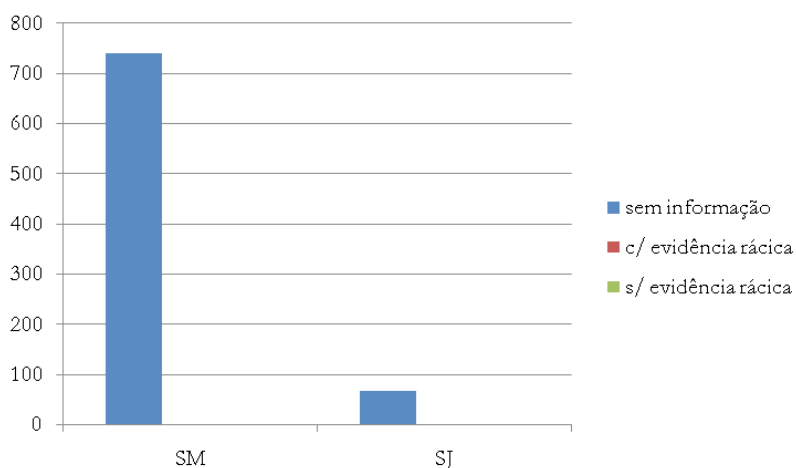


Gráfico 29 – Distribuição por evidência rática.

Para 67 indivíduos não existe informação sobre patologias (Saint-Jean); 564 apresentavam ausência de patologias; pelo contrário, 177 dos indivíduos exumados (176 para Saint-Michel e 1 para Saint-Jean) apresentavam patologias⁴⁶⁸ (ver fichas de sítio, Quadro 30 e Gráfico 30).

	SM	SJ
Sem informação	2	35
Só na sepultura		25
Com outros ocupantes	31	8
Ossário	2	
Não foi possível verificar	705	
Totais	740	68

Quadro 30 – Distribuição por existência de patologias.

⁴⁶⁸ Em **Saint-Michel** foram encontrados casos que apresentavam patologias ósseas de tipo hiperostótico (soldadura de vértebras, etc.); patologias relacionadas com tuberculose (óssea e pulmonar); casos de sífilis e lepra; osteomielites diversas em diversos corpos ósseos. Existem igualmente casos de trepanação por raspagem e de amputação; dismorfias dos membros inferiores de origem congénita. E são múltiplos os casos de fracturas e de esmagamento de extremidades dos membros superiores e inferiores (ver ficha de sítio, em Apêndices, pp. 533-590). Para **Saint-Jean** apenas um indivíduo mostra caso de patologia de origem infecciosa na parte anterior de um fémur (ver ficha de sítio, em Apêndices, pp. 591-602).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO (SÉCULOS XII A XV)

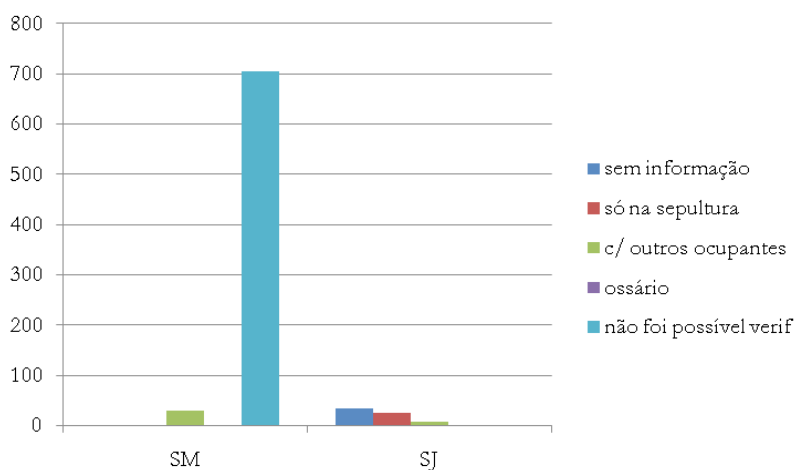


Gráfico 30 – Distribuição por existência de patologias.

	SM	SJ
Sem informação	2	35
Só na sepultura		25
Com outros ocupantes	31	8
Ossário	2	
Não foi possível verificar	705	
Totais	740	68

Quadro 31 – Distribuição de reutilização de sepulturas.

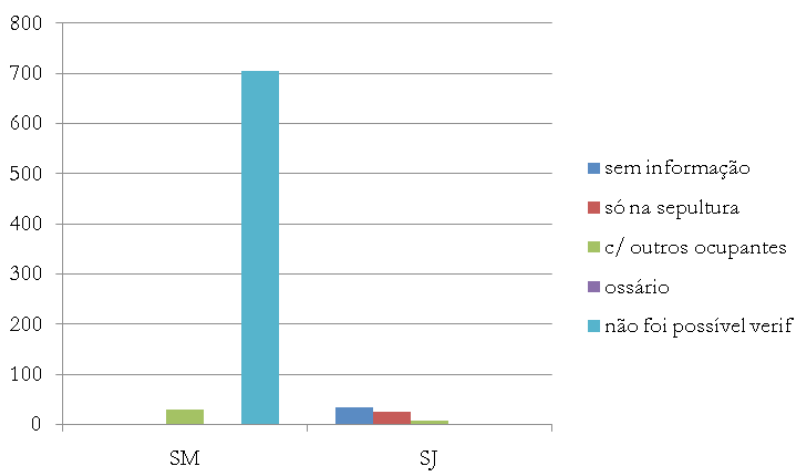


Gráfico 31 – Distribuição de reutilização de sepulturas.

Dos enterramentos postos a descoberto, 730 indivíduos encontravam-se sós na sepultura, enquanto 39 apresentavam outros ocupantes. Salientamos vários casos de reutilização de sepulturas: dois que apresentavam um esqueleto de um recém-nascido, em muito mau

estado, no braço direito da mãe (sep. 377, Saint-Michel) e outro ainda no ventre (sep. 604B, Saint-Michel). Foi registada a presença de 2 reduções em Saint-Michel. Para os restantes 37 não existe informação (ver Quadro 31 e Gráfico 31).

No que diz respeito ao espólio, apenas se encontrava presente em 61 das 808 sepulturas exumadas (Quadro 32 e Gráfico 32).

	SM	SJ
Sem informação		35
Com espólio	49	12
Sem espólio	691	21
Totais	740	68

Quadro 32 – Distribuição por presença de espólio.

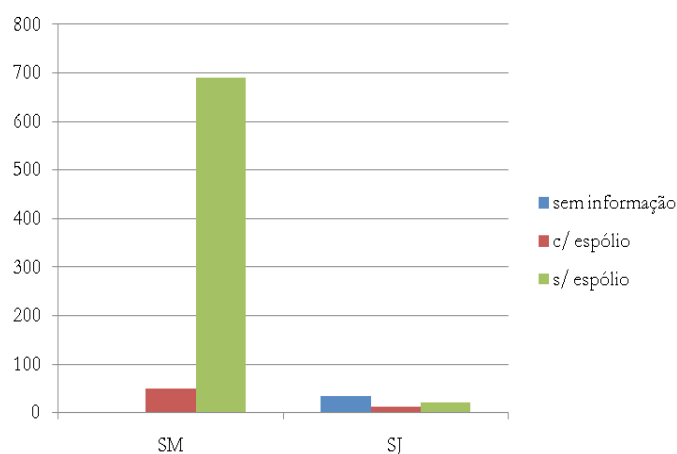


Gráfico 32 – Distribuição por presença de espólio.

Quanto à tipologia do espólio em contexto funerário, podemos apontar o seguinte:

- Anéis de bronze (seps. 3, 28, 43, 87, 315, 543, 561 e 706), 1 placa-fivela⁴⁶⁹ rebitada a bronze (sep. 267), um fuzilhão de fivela (sep. 69), um brinco redondo com fuzilhão (sep. 234) e um anel com pedra (sep. 315) provenientes de **Saint-Michel**;
- Anéis ainda *in situ* nos dedos anelares (sep. 12 e 16) de Saint-Jean;
- Dois numismas (sep. 527, junto às costelas, e sep. 531, no rachis torácico) encontrados em **Saint-Michel**;

⁴⁶⁹ Ver Glossário, Apêndice B, p. 334.

- Conchas de Santiago (sep. 250, 262, 285, 378, 429, 489 e 585) e contas de rosário (sep. 5, 83 e 93), exumados em **Saint-Michel**; dois recipientes em madeira (contendo resina? – sep. 27 e 28) e rede de cabelo (sep. de criança nº 27) descobertos na galeria de **Saint-Jean**;
- Alfinetes de mortalha em bronze (sep. 4, 61, 68, 69, 70, 92, 97, 128, 155, 193, 415); inúmeros pregos (sep. 13, 18, 20, 26, 44, 51, 68, 92, 107, 132, 167, entre outros) indiciando a utilização de caixão, para além do uso da mortalha), recuperados no cemitério de **Saint-Michel**; pregos (sep. 13, 15 e 21) igualmente provindos da galeria de **Saint-Jean**;
- E, finalmente, dois objectos em chumbo (um cálice e uma patena, sep. 31) do cemitério de **Saint-Jean**.

Tentámos, com os dados disponíveis, fazer um resumo do espólio encontrado em contexto funerário (no interior das inumações) (ver Quadro 33 e Gráfico 33).

	SM	SJ
Cerâmica		
Vidro		
Metal	48	6
Numismas	2	1
Objectos de adorno	13	4
Contas de osso		
Líticos		
Madeira		2
Outros (material não identificado)	7	1
Vestígios faunísticos		
Totais	70	14

Quadro 33 – Distribuição de tipologias de espólio.

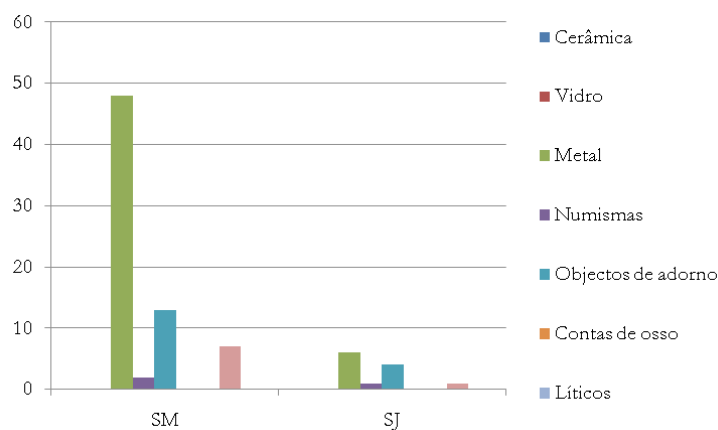


Gráfico 33 – Distribuição de tipologias de espólio.

Relativamente à cronologia atribuídas aos sepultamentos, esta é mais ou menos dispare, como podemos observar nos Quadro 34 e Gráfico 34:

	SM	SJ
Sem informação	54	38
Séc. XII	33	
Séc. XII-XIII	97	
Séc. XIII	205	1
Séc. XIII-XIV		2
Séc. XIV	53	2
Séc. XIV-XV	147	25
Séc. XV	151	
Séc. XV-XVI		
Totais	740	68

Quadro 34 – Distribuição por períodos cronológicos.

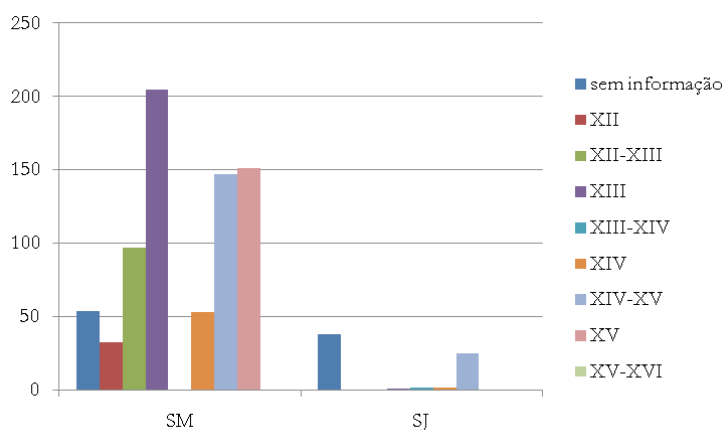


Gráfico 34 – Distribuição por períodos cronológicos.

A partir dos dois exemplos que estudámos, podemos tirar algumas conclusões: em primeiro lugar, estamos em presença de vários tipos de enterramento, como referimos supra: a sepultura individual, a sepultura individual reutilizada, o jazigo e o ossário. A maioria das sepulturas é constituída por covas simples, e rodeadas ou não de seixos e de fragmentos de tijolos (no caso de Saint-Michel); na grande maioria não apresentam cabeceira (os casos que conhecemos provêm de Saint-Michel); na generalidade dos casos não tinham cobertura perceptível, embora em Saint-Michel tenham sido encontrados vestígios de madeira e seixos cuja colocação faz supor que os mesmos teriam servido para suportar um tipo de cobertura; quanto à orientação das sepulturas e dos cadáveres inumados, uma minoria apresenta-se com a cabeça virada para ocidente e os pés para oriente, o que é muito comum na Europa; a maioria dos enterramentos estudados está orientada para Este-Oeste, existindo um número significativo de sepulturas orientadas a Norte-Sul (todos eles em Saint-Michel).

No tocante ao conteúdo dos enterramentos, no maior número de casos não foi utilizado caixão, ou dele não existem vestígios. Podemos supor, portanto, que os corpos seriam apenas envoltos numa mortalha e assim enterrados. Existe, no entanto, um número significativo de casos em que esta prática está atestada por vestígios arqueológicos.

Por outro lado, o número elevado de reutilizações a que cada túmulo era submetido leva a que numa grande percentagem os corpos inumados se encontrassem incompletos. A esta condicionante juntam-se outras características da vida de um grande centro urbano, com construções sucessivas e reutilização de espaços em desuso ou abandonados, que perturbam grandemente os vestígios arqueológicos aos quais por vezes se sobrepõem. Ainda assim, destacamos o facto de a maioria dos casos de enterramento estudados se encontrar em conexão anatómica, embora incompletos.

Relativamente ao sexo dos indivíduos inumados, já o referimos, a amostra não é suficientemente expressiva, não obstante o facto de os identificados pertencerem sobretudo ao sexo masculino. Tão pouco é expressiva a divisão por faixas etárias: apenas nos parece verosímil a inexistência de muito poucos indivíduos de idade superior a 65 anos, numa época em que a esperança de vida era relativamente curta; contudo, parece-nos que o número de crianças e jovens está aquém da realidade que nos é relatada do ponto de vista histórico: o de uma época caracterizada por fomes, doenças, catástrofes naturais e alguma instabilidade social, resultante das lutas religiosas contra os Cátaros. Se compararmos estas informações com as provenientes dos Quadros 26 e 30, verificamos que o número de indivíduos para os quais foram identificadas patologias é inferior ao daqueles que não apresentam sinais de patologias. No entanto, o número elevado de casos para os quais não existe informação condiciona conclusões.

Quanto às posições rituais, caracterizam-se pela deposição em decúbito dorsal, com uma variedade grande de combinações, expressas nas fichas de sítio que acompanham o presente trabalho. Ainda assim, parece-nos que o maior número de colocações dos membros superiores é feito com o cruzamento dos dois braços ao nível da cintura; das duas mãos ao nível do abdómen e, finalmente, dos dois braços cruzados no peito.

Com respeito aos membros inferiores (informação que não incluímos nos quadros apresentados nem tão pouco nas fichas de sítio) são total e exclusivamente dispostos estendidos e paralelos.

Não obstante a inexistência de informação a esse respeito, parece-nos poder estar perante populações de origem euro caucasiana.

Finalmente, no tocante ao espólio, verificamos que se encontra presente num número muito pequeno de inumações. Quando existe, fica claro que é o resultado de inclusão como

espólio funerário (ritual), podendo no entanto igualmente significar que as terras circundantes foram utilizadas para cobrir as sepulturas, «poluindo» as mesmas com materiais provenientes da vida de todos os dias.

Pelo atrás exposto, parece-nos estar igualmente perante três situações sociais e económicas distintas: por um lado, uma classe economicamente mais poderosa, que lhe permitia uma atitude perante a morte mais consentânea com os seus valores morais e religiosos, e com a preservação do seu corpo (identificado quase sempre através da colocação do cadáver em jazigo e provido ou não de lápide funerária, em Saint-Jean); uma outra camada da população, constituída por habitantes em zonas da cidade de maior prestígio, para a qual se identifica mesmo a ausência de epitáfio, não obstante terem sido inumados no interior de um templo religioso (Saint-Michel); finalmente, uma terceira camada da população, de cariz social e económico mais desfavorecido, mais pobre, ou mesmo de cariz mais rural que, imbuída das mesmas preocupações com a morte e a vida além-túmulo, se fazia inumar em zona não provida de edifício religioso (primeiras fases de Saint-Michel) e que, seguidamente conseguiu lugar de sepultura junto ao mesmo, em sucessivas campanhas de alargamento ou ampliação.

Como paralelos para os sítios escolhidos para Lisboa temos, do ponto de vista histórico, o facto de também Toulouse (embora com um século de atraso) ter beneficiado de uma isenção papal relacionada com uma luta religiosa. Assim, para combater a heresia cátara, o papa concedeu benefícios aos cavaleiros que desejassem interromper as suas incursões na Terra Santa, substituindo-as pelo combate no território francês em nome da fé. Relembramos que foi esse o caso de Lisboa no momento da Reconquista, e que permitiu ao rei português contar com a ajuda dos cavaleiros cruzados para a tomada da cidade à sua população islâmica.

Por outro lado, a cidade possuía muita da sua actividade em relação com o rio. Àquele estão igualmente ligadas muitas patologias, observáveis pelos sinais deixados nos vestígios osteológicos. No entanto, as mesmas patologias são igualmente integráveis nas circunstâncias gerais de vida – populações com carências alimentares, entre outras – que se faziam sentir nas cidades europeias dos séculos XII a XV, para o que contribuíram os ciclos de fome e a peste, respectivamente dos séculos XIII e XIV.

Do ponto de vista morfológico e tipológico, ambos os sítios mostram um carácter funerário diferenciado no tocante à expressão disponível e atribuível a classes sociais existentes na cidade: os jazigos e o enterramento no interior da igreja e do seu recinto para uma camada da população com maior poder económico, o enterramento no cemitério anexo para a população mais pobre e nem sempre residente, como no caso de Saint-Jean.

Ambos os sítios sofreram mutações quer no tocante à orientação das sepulturas quer quanto ao perímetro associado ao cemitério, seguindo igualmente a evolução urbana da cidade. Estes elementos são, contudo, muito mais visíveis no cemitério de Saint-Michel, de maior dimensão, do que no cemitério de Saint-Jean. De resto, tanto no primeiro como no segundo cemitérios, para responder à falta de espaço que o grande número de enterramentos exigia, foram adoptadas soluções «inovadoras». Tal é o caso dos jazigos construídos ao longo dos muros do cemitério em Saint-Michel, ou dos ossários da galeria de Saint-Jean⁴⁷⁰. As soluções adoptadas, no entanto, não são apenas uma característica regional, mas constituem um elemento marcador da evolução populacional e urbana de quase todas as cidades europeias.

Tendo em conta os paralelos que tentámos encontrar com os casos de Toulouse, estes parecem demonstrar que em ambas as cidades (Lisboa e Toulouse) apenas uma elite económica e cultural tinha acesso ao enterramento dentro das igrejas, que requeria poder económico-financeiro e poder de influência, o mesmo acontecendo com a implantação de lápides e a construção de jazigos; estas supõem recurso a materiais nobres e artífices especializados capazes de efectuar um trabalho durável e esteticamente bem executado.

Em ambos os casos a maioria dos sepultamentos foi feito em coval simples (94 para um universo de 164 sepulturas em Lisboa e Sintra, e 512 num universo de 808 enterramentos para os dois sítios de Toulouse). Tal como em Lisboa, as sepulturas dos cemitérios de Toulouse parecem não ter cobertura perceptível, nem apresentar cabeceira.

Quanto à orientação apresentada, a esmagadora maioria dos túmulos estava orientada Este-Oeste, embora esteja igualmente presente uma grande diversidade de orientações. À semelhança de Lisboa, a quase totalidade não apresenta vestígios de caixão, não obstante a existência de 46 casos onde tal evidência surge.

Os vestígios osteológicos, presentes em 514 sepulturas, encontram-se apenas completos em 81 casos e incompletos em 433, embora em grande parte se encontrassem em conexão anatómica (cerca de 519). Dos 808 encontrados, apenas foi possível determinar o sexo de 348 indivíduos: 214 pertenciam ao sexo masculino e 128 ao sexo feminino. As faixas etárias mais representadas são as crianças (200) e os adultos (577, de idade não determinada). E também aqui não existe diferenciação entre zonas de enterramento específicas para crianças, existindo mesmo dois casos em que o feto se encontraria no ventre (um caso) e no braço direito do adulto (um caso igualmente)

Cerca de metade das inumações escavadas apresentava-se em decúbito dorsal (390 enterramentos). Existem no entanto casos em que foram adoptadas outras posturas (nomea-

470 Ver Apêndices A e C.

damente 3 inumados em decúbito ventral e 7 outros em decúbito lateral direito ou esquerdo). No tocante às posições adoptadas para a disposição dos membros superiores, numa grande maioria dos casos ou não existe informação ou não foi possível confirmar a disposição dos membros superiores (358 a 365 casos para Saint-Michel e 12 a 13 casos para Saint-Jean). A posição predominante nos casos em que foi possível identificar a mesma é a de ambos os braços sobrepostos, com os cotovelos em ângulo a 90°, seguida das mãos sobre o peito ou sobre o abdómen. Na esmagadora maioria dos enterramentos (à excepção dos 7 exemplos de inumação em decúbito lateral), os membros inferiores encontravam-se em extensão e alinhados.

Não existe informação sobre evidência r  ica para os sítios de Toulouse. E de cerca de 741 indivíduos estudados, 176 apresentavam sinais de patologias ósseas de tipo hiperost  tico (soldadura de vértebras, etc.); patologias relacionadas com tuberculose (  ssea e pulmonar); casos de sífilis e lepra; osteomielites diversas em diversos corpos ósseos. Existem igualmente casos de trepana  o por raspagem e de amputa  o, indicando sobrevivência    interven  o, assim como dismorfias dos membros inferiores de origem cong  nita. São múltiplos os casos de fracturas e de esmagamento de extremidades dos membros superiores e inferiores.

O sistema de reutiliza  o das sepulturas estava presente, embora em número reduzido (em apenas 39 dos sepulcros existiam outros ocupantes). Saliente-se a existência de apenas dois ossários.

Foram encontrados vestígios arqueológicos de mobiliário funerário para a primeira categoria acima enunciada (acessórios de vestuário e objectos de adorno) em 17 casos, com 54 objectos em metal correspondentes à segunda categoria (objectos da vida quotidiana - instrumentos, objectos de *toilette* -, objectos de carácter mágico ou religioso) e, finalmente, apenas 3 numismas. Destacamos ainda a presença de 2 taças em madeira, que continham resina (?) e que se encontravam no interior dos dois sarcófagos de Saint-Jean. Assinalamos também a presença de insígnias de peregrina  o, objectos (de carácter utilitário ou simbólico) apontados por   lizab  th Lorans: o alforge, a garrafa/cantil, o bordão com agulheta, a concha, cuja origem mediterrânica ou atlântica permite determinar o destino do peregrino (Santiago de Compostela, Roma, Jerusalém). Essa concha, perfurada por dois furos, podia ser cozida no topo do vestu  rio⁴⁷¹. E    esta mesma concha que surge nos dois sítios que escolhemos, uma vez que Toulouse se encontra num dos caminhos franceses para Santiago de Compostela.

471 O cemitério de Saints-Côme-et-Damien (Montpellier) mostra várias dessas insígnias de peregrina  o nas fases mais tardias (séculos XIV-XVI), enquanto os acessórios de vestuário estão presentes desde o século XII, continuando muito minoritários nesse período. Aqui, como noutros locais, a maioria dos defuntos devia ter sido inumada em mortalha durante o essencial da Idade Média e é preciso esperar pelos séculos XV-XVI para notar um aumento e uma diversifica  o do mobiliário (Lorans *in* Crubézy *et alii*, 2007: 224-225).

Do ponto de vista histórico, e pondo em paralelo Lisboa e Toulouse, podemos apontar o facto de também esta última cidade (embora com um século de atraso) ter beneficiado de uma isenção papal relacionada com uma luta religiosa. Assim, para combater a heresia cátara, o papa concedeu benefícios aos cavaleiros que desejassem interromper as suas incursões na Terra Santa, substituindo-as pelo combate no território francês em nome da fé. Relembramos que foi esse o caso de Lisboa no momento da Reconquista, e que permitiu ao rei português contar com a ajuda dos cavaleiros cruzados para a tomada da cidade à sua população islâmica.

Por outro lado, nos sítios estudados e para os quais existe informação proveniente de intervenções arqueológicas, as tumulações eram efectuadas maioritariamente em covais simples, com o envolvimento do corpo em simples sudário, na generalidade dos casos com o cadáver desnudo e sem mobiliário funerário. Existem poucos exemplos de alfinetes de mortalha nos sítios portugueses, e não são igualmente abundantes em Toulouse, embora proporcionalmente em maior número. Contudo, o espólio em contexto funerário encontrado em Lisboa e Sintra e constituído por numismas é por sua vez proporcionalmente maior que o posto a descoberto em Toulouse, verificando-se o inverso quanto a objectos de adorno.

Do ponto de vista morfológico e tipológico, ambos os sítios mostram um carácter funerário diferenciado no tocante à expressão disponível e atribuível a classes sociais existentes na cidade: os jazigos e o enterramento no interior das igrejas e do seu recinto para uma camada da população com maior poder económico e com maior influência, o enterramento no cemitério anexo para a população mais pobre e nem sempre residente, como no caso de Saint-Jean.

Por outro lado, ambas as cidades possuíam muita da sua actividade relacionada com o rio. Àquele estão igualmente ligadas muitas patologias, observáveis pelos sinais deixados nos vestígios osteológicos. No entanto, as mesmas patologias são igualmente integráveis nas circunstâncias gerais de vida – populações com carências alimentares, entre outras - que se faziam sentir nas cidades europeias dos séculos XII a XV, para o que contribuíram os ciclos de fome e a peste, respectivamente dos séculos XIII e XIV.

Alguns dos sítios sofreram mutações quer no tocante à orientação das sepulturas quer quanto ao perímetro associado ao cemitério, seguindo igualmente a evolução urbana da cidade e as campanhas de reconstrução ou ampliação dos templos aos quais estavam associados. Estes elementos são, contudo, muito mais visíveis no cemitério de Saint-Michel, de maior dimensão, do que no cemitério de Saint-Jean, assim como na distribuição das sepulturas da Ermida de São Saturnino (as sepulturas correspondentes aos séculos XVI e XVII/XVIII estão centralizadas noutros espaços do mesmo recinto).

De resto, tanto no primeiro como no segundo cemitérios, para responder à falta de espaço que o grande número de enterramentos exigia, foram adoptadas soluções «inovadoras». Tal é o caso dos jazigos construídos ao longo dos muros do cemitério em Saint-Michel, ou dos ossários da galeria de Saint-Jean. Em Portugal, essa «inovação» foi igualmente ultrapassada com a construção de carneiros ou ossários, como em São Vicente de Fora ou no Convento do Carmo. As soluções adoptadas não são, por isso, apenas uma característica regional, mas constituem um elemento marcador da evolução populacional e urbana de quase todas as cidades europeias. E é a este nível que Lisboa, finalmente, se encontra em finais do século XV: uma cidade cosmopolita, que beneficiará a partir do século seguinte da expansão além-mar do reino português.

CAPÍTULO V – INTEGRAÇÃO CULTURAL

V.1. Descrição dos resultados

A questão do mobiliário funerário é extremamente importante, uma vez que a sua raridade faz com que os enterramentos que contêm espólio se revistam de um outro interesse. Élisabeth Lorans refere, para o território francês, o desaparecimento da sepultura vestida e a rarefacção dos depósitos entre os séculos VIII e XV⁴⁷², como preconização da humildade. Define o termo «**mobiliário funerário**» como os «(...) *objectos contidos num túmulo quer tenham sido utilizados pelo defunto ou depositados no próprio contentor ou na fossa.*»⁴⁷³. A primeira categoria reúne sobretudo os **acessórios de vestuário e os objectos de adorno**; a segunda inclui elementos de natureza e de estatuto muito diferentes, tais como armas, objectos da vida quotidiana (instrumentos, objectos de *toilette*), objectos de carácter mágico ou religioso, símbolos de funções e de poder⁴⁷⁴.

Em Portugal são relativamente raros os depósitos de mobiliário funerário, prendendo-se tal facto com a «morte despersonalizada» que corresponde aos comportamentos das camadas inferior e intermédia da sociedade (Barroca, 1987; Ferreira, 1992; Pereira, 2008: 32).

Assim, embora entre os séculos X e XV sejam praticamente inexistentes os elementos de vestuário, o que parece corresponder ao envolvimento do corpo numa mortalha ou sudá-

472 «Tanto o mobiliário usado como o mobiliário depositado, sob a forma que era a sua até então [abundante e variado, sobretudo em meio rural], desaparecem quase totalmente dos túmulos a partir do final do século VII e no início do século VIII. A acção pastoral da Igreja é o mais frequentemente invocada para dar conta desta mudança radical, acção que preconiza a humildade, de forma que os depósitos mais ou menos ostentatórios, que representam um “investimento improdutivo”, se substitui uma outra forma de “entesouramento de intenção funerária”, para retomar os termos de Georges Duby em *Guerreiros e Camponeses*. Desde logo a Igreja recebeu as riquezas até aí enterradas tanto nos túmulos dos grandes como dos humildes, constituindo assim os tesouros dos seus santuários em troca da oração pelos mortos.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 224). E, continua, «A partir do século VIII, o depósito de objectos torna-se portanto muito raro e continua a sê-lo até ao século XI. Por um lado, encontramos em alguns casos, como no período anterior, uma moeda depositada na mão ou na boca do defunto. Mesmo se o significado do óbolo a Caronte é bem conhecido dos letrados da Idade Média, devemos antes ver na persistência deste uso, mantido até à época moderna, o desejo de proteger os mortos graças às divisas religiosas e aos motivos cristãos que têm um certo número de moedas: cruz, Agnus Dei, figura de santo, cruz episcopal, etc. Por outro lado, os objectos símbolo da função – mais frequentemente religiosos – estão igualmente atestados: pátenas e cálices, ou antes os seus simili fabricados num material comum (vil metal, madeira ou vidro), tais como os exemplares de estanho dos séculos VIII-IX (...); cruz ou tau [ver Glossário, Apêndice B, p. 337] abacial ou episcopal (...); matriz de selo já citada, que foi mostrada numa das inumações de canónicos (...).»

473 Glossário, Apêndice B, p. 332, e Lorans in Crubézy et alii, 2007: 222.

474 «(...) Todas essas categorias estão longe de ser estanques: um mesmo objecto, tal como as espadas, pode ser por vezes usado, por vezes depositado e as razões de um depósito podem ser múltiplas, associando a oferta ao valor religioso, por exemplo. Tendo a natureza e a função do mobiliário variado ao longo do período considerado, impõe-se uma apresentação cronológica.» (Lorans in Crubézy et alii, 2007: 222).

rio⁴⁷⁵ e à sua deposição directamente na sepultura no período em estudo, há no entanto casos em que essa «regra» não foi seguida, tendo sido encontrados vestígios arqueológicos para a primeira categoria acima enunciada (acessórios de vestuário e objectos de adorno):

- uma fivela de cinto (sep. 39) e restos de um colchete (sep. 43), descobertas no **Convento do Carmo**⁴⁷⁶,
- 2 anéis de cobre e um anel de vidro preto (provenientes do ossário), 2 colares (1 de azeviche e outro de quartzo amarelo, de forma losangular e contas de vidro multicolores) (sep. 46), provenientes de **São Vicente de Fora**.
- fragmentos de cerâmica comum (sep. 1), fragmentos de cerâmica comum (sep. 5), fragmento de bordo de cerâmica comum (secção quadrangular, pasta laranja) e disco cerâmico (sep. 9), fragmentos de faiança e cerâmica comum de pasta laranja (sep. 11), fragmentos de cerâmica comum de pasta laranja (sep. 12), faiança, cerâmica comum de pasta laranja, fragmento de sílex (sep. 13), fragmento de cerâmica (sep. 15), e fragmentos de cerâmica comum de pasta laranja (sep. 17 e 17a), provenientes da Ermida de **São Saturnino**.

No tocante à segunda categoria (objectos da vida quotidiana - instrumentos, objectos de toilette -, objectos de carácter mágico ou religioso), correspondem-lhe os seguintes materiais arqueológicos:

- Dois numismas (um real preto de D. Duarte e um ceítil de D. Afonso V – sep. 40) e um numisma (um real preto de D. Duarte – sep. 43) provenientes do **Convento do Carmo**;
- Um Real Branco de Bolhão de D. João I (encontrado à cintura da sepultura 6 [1982]), uma pequena chapa de cobre, grosseiramente laminado, com 12,5mm por 11mm e 0,8mm de espessura (sep. 10 [1982]), um disco monetário apagado, identificado através da metrologia como um dinheiro de bilhão (sep. 25 [1992]), uma pogeja de bilhão (sep. 41 [1994]), encontrados no mosteiro de **São Vicente de Fora**;
- Fragmentos de vidro de pequena moldura (sep. 115), contas de osso (sep. 143),

475 Uma situação não impedia a outra, não sendo conclusiva a não descoberta de elementos de vestuário. No entanto, a descoberta de algumas sepulturas cujos vestígios arqueológicos mostravam uma notável conexão anatómica, nomeadamente ao nível dos membros superiores e extremidades, parece indicar a utilização de uma peça que envolveria o corpo. Esta mantê-lo-ia sob tensão (apertado), o que não permitiu a deslocação das falanges, decorrente normalmente do processo de decomposição. Tal é o caso, por exemplo, de túmulos encontrados no cemitério de Saint-Michel e que apresentamos nos índices A e C.

476 Ver subcapítulo IV.1.5.1., p. 138.

contas de terço (sep.1235), e 1 numisma de difícil leitura (sep. 150), exumados na **Igreja de São Martinho;**

- Um ceartil (interior da mão direita, cruzada sobre a cintura, sep. 7), descobertos em **São Miguel de Odrinhas;**
- E, finalmente, uma moeda de D. Afonso V, uma moeda de D. João I, e um Real de D. João I no interior das mãos do esq. 28), provenientes da Ermida de **São Saturnino.**

V.2. Síntese

Aos materiais acima referidos, encontrados em contexto arqueológico no interior das sepulturas dos diferentes sítios (ver supra o que diz respeito a São Saturnino), não adicionámos todos os outros materiais arqueológicos, como fragmentos de cerâmica, marcas de jogo ou numismas encontrados fora de contexto, embora na envolvente tumular. Desta forma, para São Vicente de Fora, Rodrigues Ferreira considerou a existência de cinco grupos de cerâmica, descobertos nos silos medievais escavados: um primeiro grupo constituído por cerâmica comum indiferenciada (testo de bilha, botão); um segundo grupo composto por panelas; um terceiro grupo, onde se integram os pratos; e um quinto e último grupo, constituído por jarros. O autor data estes grupos de cerâmicas do século XIII.

CONCLUSÃO

Os trabalhos sobre os comportamentos do homem face à morte são, de acordo com o vimos no capítulo I, inúmeros e abordados de pontos de vista diferentes: História, História da Arte, Tratadística, Heráldica, Arqueologia e Bioantropologia. E, como pudemos constatar no mesmo capítulo, a maioria dos sítios arqueológicos associados a contextos funerários conhecidos e estudados com maior profundidade em Portugal, para a Alta Idade Média, são constituídos por sepulturas escavadas na rocha, agrupadas em necrópoles, agrupamentos ou simplesmente isoladas. As tipologias dominantes variam entre não antropomórficas e antropomórficas, de uma região a outra.

Têm sido, no entanto, não obstante a existência de sepulturas escavadas na rocha junto a edifícios religiosos (relembremos os casos de Coimbra, do Porto e da Sé de Lisboa), menos investigados os cemitérios em torno destes. A excepção é feita quando os mesmos são objecto de reabilitação ou de requalificação nos espaços envolventes. As intervenções arqueológicas então efectuadas permitem, assim, um conhecimento mais efectivo dos vestígios osteológicos encontrados, os quais nos conduzem, não raras vezes, a elaborar novas hipóteses, mais precisas, quanto às populações que albergam.

Na Alta Idade Média, no Ocidente, e o nosso País não foge à regra, a ocupação do solo e o povoamento foram progressivamente caracterizados por uma associação estreita entre os lugares de culto, as zonas funerárias e o *habitat*, três realidades que se encontravam dissociadas no mundo antigo. Enquanto as igrejas e as sepulturas tendiam a polarizar a organização social, mantinham-se ainda assim os espaços funerários isolados ou em pequenos grupos, que acabaram pouco a pouco por ser abandonados em benefício dos «circuitos» funerários que rodeavam as igrejas e que tinham sido consagrados como estas últimas⁴⁷⁷.

A constituição desses «campos santos» manifestava-se portanto igualmente pelo ordenamento de cemitérios que beneficiavam da protecção dos santos mártires inumados no edifício religioso ao qual estavam associados. A proibição de enterramento nas igrejas provocou tendência para afastar os cadáveres das igrejas, relegando-os para espaços vocacionados para o efeito e que, pela função que desempenham, são também eles imbuídos do carácter sagrado e cultural de que o edifício religioso beneficiava, como refere Maria João Bastos (Bastos, 1996: 110). E, embora tentada muitas vezes, revelou-se quase sempre ineficaz, sobretudo entre aqueles que detinham maior prestígio social ou maior poder económico.

Assim, em Portugal, assistimos no último quartel do século XIII e primeira meta-

⁴⁷⁷ Ver a este respeito Lawers, 2005.

de do XIV a um *boom* de produção escultórica que se caracteriza não só por um aumento substancial das encomendas, mas também pela introdução de novidades no tocante a estilos e a iconografia que marcam um ponto decisivo de adesão aos valores do Gótico. Os exemplos que apresentámos para alguns dos sítios que estudámos em Lisboa disso são exemplo, demonstrando nos casos da Sé de Lisboa claras influências da arte aragonesa e francesa. E a diferença entre um túmulo com jacente ou uma sepultura rasa, com lápide funerária, podia ser apenas uma questão de escolha ou de gosto⁴⁷⁸. A despersonalização da morte na Alta Idade Média, defendida por Mário Barroca, estava assim ultrapassada, funcionando ainda segundo hierarquias relativamente a locais de maior prestígio (o altar), de maior frequência e de passagem quotidiana.

Para os outros, sem influência ou capacidade financeira para se fazer inumar no interior da igreja, a situação era diferente, embora se mantivesse a mesma hierarquização: o sepultamento junto ao edifício religioso garantia uma maior proximidade das bênçãos e da protecção divina, beneficiando das orações e das esmolas dos fiéis. Mantinha, contudo, não obstante a mudança do quadro mental ocorrida a partir do século XIII, a utilização do enterramento em sepulturas anónimas.

E porque as sepulturas de tipologias mais cuidadas requeriam uma mão-de-obra especializada (nomeadamente no tocante às sepulturas escavadas na rocha), mesmo tendo em conta as sucessivas reutilizações de que os exemplos que apresentámos em Lisboa são mais ou menos pródigos, a opção pelo tipo mais simples foi maioritariamente tomada.

Na presente Dissertação escolhemos como objecto de estudo, no termo de Lisboa, a Sé Catedral de Lisboa; a Igreja de Santa Luzia; o Convento da Graça e a antiga Igreja de Santo André; a Igreja de São Cristóvão; o Convento do Carmo e o respectivo Largo; o Convento de São Vicente de Fora; a Igreja de São Domingos; o Convento de São Salvador; a Igreja de São Francisco; a Igreja de São Martinho; a Praça da Figueira; a Igreja de São Lourenço; o Convento do Espírito Santo da Pedreira; a Igreja de São João Baptista (Lumiar); e, finalmente, a Igreja de São Lourenço (Carnide); no termo de Odivelas, o Convento de Odivelas; e, por fim, no termo de Sintra, o cemitério medieval de Odrinhas e a Ermida de São Saturnino.

478 Ver Fernandes, 2001. «Na Idade Média, escolher uma forma de sepultura é uma decisão que, longe de ser inconsequente, é acima de tudo demonstrativa de uma intencionalidade ou propósito. E o acesso à escolha está afecto, obviamente, às classes sociais detentoras do poder económico e do prestígio social. Fazer-se sepultar num monumento funerário ou fazer-se sepultar em campa rasa pressupõe gostos e intenções muito diferentes. Os monumentos sepulcrais constituídos por arca e tampa, com ou sem jacente, e decorados com temas religiosos, heráldicos ou outros, marcam um desejo claro de quem neles se faz sepultar de deixar a sua memória, da sua família ou das acções pelas quais se notabilizou, perpetuar-se nos séculos seguintes e marcar uma presença bem definida e visível no espaço sagrado eleito.» (Fernandes, 2001: 27). Não esqueçamos que mesmo nos casos em que o defunto escolheu uma campa rasa, a questão do legado da memória continuava presente, nomeadamente no caso das sepulturas daquele tipo na Sé de Lisboa, claramente beneficiando de outras influências culturais (Bartolomeu Joanes e os seus companheiros).



Figura 30 – Os sítios estudados no centro do termo de Lisboa: 1 - Sé Catedral de Lisboa; 2 - Igreja de Santa Luzia; 3 - Convento da Graça e antiga Igreja de Santo André; 4 - Igreja de São Cristóvão; 5 - Convento do Carmo e o respectivo Largo; 6 - Convento de São Vicente de Fora; 7 - Igreja de São Domingos; 8 - Convento de São Salvador; 9 - Igreja de São Francisco; 10 - Igreja de São Martinho; 11 - Praça da Figueira; 12 - Igreja de São Lourenço; 13 - Convento do Espírito Santo da Pedreira.

As intervenções arqueológicas efectuadas, como referimos na introdução a esta Dissertação, que puseram a descoberto contextos funerários não se esgotam, voltamos a frisar, nos exemplos que escolhemos. Optámos para o presente estudo por dois tipos de sítios: os que mostravam contextos arqueológicos de carácter funerário (apresentamos os casos do Convento do Carmo, do Convento de São Vicente de Fora, da Igreja de São Martinho, da Igreja de São Lourenço ou do Convento do Espírito Santo da Pedreira) e os sítios para os quais, não existindo aquela informação (como a Igreja de São Cristóvão, o Convento de São Salvador, a Igreja de São Francisco ou ainda a Praça da Figueira) ou para os quais os elementos não são utilizáveis do ponto de vista da comparação de dados, foram contudo efectuados trabalhos de compilação de inscrições funerárias. Em alguns dos casos ambos coincidem.

Deixámos de lado informações sobre outras intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Lisboa e no seu termo, quer por se tratar de situações pontuais, quer por se enquadrarem fora do contexto do presente trabalho. Não queremos, contudo, deixar de lhes fazer referência, dado que trabalhos posteriores sobre os mesmos sítios e sobre tema idêntico terão necessariamente de tê-los em conta para uma visão de conjunto da arqueologia funerária nesta cidade.

Tendo em conta a metodologia apresentada no subcapítulo II.3.1, no tocante à sepultura, nomeadamente a contentores, tratamento do corpo e mobiliário funerário, sobretudo no que diz respeito a:

- **Fossas em plena terra, coval simples ou covacho**, que estão presentes em São Vicente ou em São Domingos as sepulturas escavadas directamente em zonas de marga branda ou bastante arenosa; em São Vicente estão também presentes dois tipos, constituídos por esteios de pedra de recolha local, adoptando uma tendência francamente antropomórfica, ou escavadas directamente na terra, com forma também antropomórfica e tapados com grandes pedras, sem afeiçoamento. Em Lisboa, as sepulturas escavadas na rocha de forma antropomórfica, parecem sobreviver, ou pelo menos a sua reutilização, até finais do século XIV e inícios do século XV.
- **Sepulturas escavadas na rocha**: presentes em São Vicente (sepulturas escavadas em calcário) e no termo de Sintra, na Ermida de São Saturnino (sepulturas escavadas em granito).
- **Sarcófagos ou túmulos em pedra**: destacam-se, para Lisboa, o núcleo de arcas tumulares da Sé Catedral e os túmulos dos Mirandas na Igreja de São Cristóvão; ou, para Odivelas, o túmulo de D. Dinis.
- **Contentores em madeira: cofragens e caixões**: em Lisboa, salienta-se a descoberta de um caixão trapezoidal, depositado sobre uma estrutura de tijoleira, no Convento do Carmo, com uma cronologia atribuível ao século XV (ver Ficha de Sítio, em Apêndices, p. 385); a presença de 11 pregos, *in situ* e na vertical, com a ponta virada para cima, que indiciam a presença de um caixão, na Igreja do Carmo (ver Ficha de Sítio, em Apêndices, p. 395); 6 pregos, alinhados aos pés da inumação (sep. 18), indicando o uso de caixão, para além do uso de mortalha, em São Lourenço (ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 475); e os indícios de dois caixões (seps. 115 e 138), o primeiro com restos de tachas de cobre e, o segundo, com tachas, um prego e uma possível pega de caixão⁴⁷⁹, provenientes da Igreja de São Martinho (ver Ficha de Sítio, em Apêndices, p. 455).
- **Carneiros e jazigos**: surgem no Convento do Carmo e em São Vicente, onde são também descritos como «cemitérios de abóbada» (Cunha e Ferreira, 1998: 28-29).

No tocante ao **tratamento do corpo**, salientam-se ainda os seguintes aspectos:

479 Contudo, face à cronologia apresentada (sécs. XII-XIX), é muito possível que os vestígios de caixão correspondam a um período posterior ao século XV.

- a existência de uma **prática generalizada da inumação**, tendo-se a inumação individual tornado progressivamente regra. Esta prática coexiste ainda com os jazigos e com as fossas colectivas, como a encontrada na Escola Secundária D. João de Castro, a qual parece ter resultado ou de uma epidemia ou de um naufrágio (devido à sua proximidade do rio Tejo).
- **Uso da mortalha:** surgem evidências da mortalha e dos respectivos alfinetes em São Martinho (sep. 1225; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 455) e em São Lourenço (sep. 18; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 475). Existem, ainda, vestígios de vestuário (incluindo acessórios): no Convento do Carmo (1 fivela de cinto – sep. 39 -, e 1 colchete – sep. 43; em São Vicente (Cunha e Ferreira, 1998) e em São Martinho.
- **Transporte e a colocação do defunto no túmulo:** parece-nos poder enquadrar-se nesta perspectiva a sep. 8, encontrada no carneiro de São Vicente (Cunha e Ferreira, 1998: 77-78).
- **Consequências da reutilização dos túmulos nas ossadas: reduções de corpos e ossários:** no termo de Lisboa, encontram-se neste caso os seguintes exemplos, de entre os que estudámos: Convento do Carmo (sep. 40 e 43; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 385); São Vicente de Fora (sep. 33, 34, 35, 37, 38, 30, 40 e 41; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 415-416); São Domingos (sep. 2/1 e 2/2, 4/1, 4/2, 4/3 e 4/4, 6/1, 6/2 e 6/3, 7/1 e 7/2, 8/1 e 8/2 e, finalmente, 11/1 e 11/2; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 429-430); São Lourenço (sep. 3 e 18; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 475); no termo de Sintra, São Miguel de Odrinhas (sep. 1, 2, 6 e 7; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 519-520) e São Saturnino (sep. 1, 2 e 6; ver Ficha de sítio, em Apêndices, p. 529).

Especificamente identificados como ossários temos quatro casos em São Martinho (sep. 1218, 1223, 1224 e 1234; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 455-456), cinco casos para São Miguel de Odrinhas (sep. 1, 2, 5, 7 e 8; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 519-520) e três casos em São Saturnino (sep. 7, 17 e 17a; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 529-530).

Existe ainda uma outra tipologia, definida como «caixa-ossário», de que surgem os exemplos de São Cristóvão (túmulos 3, 4, 5, 6 e 6A; ver Ficha de sítio, em Apêndices, pp. 374-375).

Assim, conforme pudemos constatar através da comparação dos tipos de sepultura, a maioria dos enterramentos (ver o subcapítulo IV.5) foi efectuada em coval simples, não obstante a existência de sepulturas escavadas na rocha de formas diversas em pelo menos

três sítios (que referimos já por diversas ocasiões para São Vicente de Fora e São Lourenço para o termo de Lisboa, e em São Saturnino para o termo de Sintra, onde são maioritárias). Infelizmente a informação não é totalmente completa, devido ao número de enterramentos para os quais o tipo de sepultura não pôde ser determinado. Igualmente na sua maioria, os enterramentos não apresentavam cobertura perceptível nem cabeceira.

Quanto à orientação predominante, parece ser Oeste-Este, seguida de Este-Oeste. A terceira direcção é a de Sudoeste-Nordeste (Igreja de São Martinho).

A maior parte das inumações foi feita sem recurso a caixão, ou pelo menos desse contentor não restam vestígios; apenas num número reduzido de sítios surgem elementos que permitem falar de féretro. São os casos do Convento do Carmo, da Igreja do Carmo, de São Martinho e de São Lourenço (ver p. 199). E o exemplo da Igreja do Carmo (sep. 43) corresponde à tipologia de caixão de madeira, de forma trapezoidal descrita a partir da análise documental por Oliveira Marques (Marques, 1964: 212).

No tocante aos restos humanos, o número de vestígios completos é em número muito inferior aos incompletos, embora em grande parte se encontrassem em conexão anatómica. E estes parecem representar uma pequena porção da totalidade de corpos inumados, a qual muitas vezes se resume a fragmentos de pequenas dimensões e de difícil determinação. Ainda assim, para os casos estudados, os enterramentos que não se encontravam em conexão anatómica aproximam-se do primeiro número (76 para 101 casos). Dos 204 encontrados, apenas foi possível determinar o sexo de 58 indivíduos: 36 pertenciam assim ao sexo masculino e 22 ao sexo feminino.

As faixas etárias mais representadas são as crianças (23) e os adultos (83, de idade não determinada). No entanto, e como referimos na p. 201, este número não é muito significativo, dado que temos pelo menos 44 casos para os quais não foi possível determinar-se a idade à morte. Mas tudo parece comprovar que, conforme defendia Oliveira Marques, a esperança de vida máxima seria de 70 anos, à qual poucos chegavam, mesmo entre classes mais privilegiadas e abastadas (Marques, 1964: 210). Os indivíduos de idade mais avançada rondam os 60 a 65 anos e surgem no Convento do Carmo e em São Vicente de Fora. Nos casos de Lisboa, contudo, é de salientar que as crianças não eram enterradas em locais diferentes dos dos adultos, à excepção do cemitério de São Miguel de Odrinhas, em que deixam de ser inumadas em sepulturas infantis a partir dos dez anos de idade. A partir dessa faixa etária ocupavam até, com frequência, a mesma sepultura que os adultos.

No tocante aos rituais de inumação, a quase totalidade apresentava-se em decúbito dorsal (163 enterramentos). Existem no entanto casos em que foram adoptadas outras posturas

(nomeadamente 1 inumado em decúbito ventral e 1 outro em decúbito lateral – São Vicente de Fora, respectivamente sep. 46 e sep. 30 –, este último identificado como um indivíduo de religião muçulmana). No tocante às posições adoptadas para a disposição dos membros superiores, numa grande maioria dos casos ou não existe informação ou não foi possível confirmar (41 casos para São Lourenço e 21 a 24 casos para São Martinho). É de sublinhar a posição convencionalizada correspondente aos indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino inumados em São Miguel de Odrinhas (às mulheres estava reservada a posição ritual das mãos cruzadas sobre a bacia, não apresentada pelos homens). A posição predominante nos casos em que foi possível identificar a mesma é a de ambas as mãos sobre o púbis/pélvis, seguida das mãos sobre o abdómen. Quanto aos membros inferiores, estes encontravam-se na sua quase total maioria alinhados e estendidos.

A evidência rácica está presente apenas em 4 casos: 3 indivíduos que sugerem raça eurocaucasiana (Igreja do Carmo, envolvente Sul, seps. S2, S3 e S4) e um indivíduo de raça negróide (São Domingos, sep. 11/2). Para os restantes 110 indivíduos não possuímos informação, mas é muito possível que correspondam a raça euro-caucasiana.

De cerca de 126 indivíduos estudados, 34 apresentavam sinais de patologias ósseas e de patologias nos ligamentos e nas articulações. São patentes vestígios deixados por condições infecciosas, um caso de brucelose, hipoplasias devidas a desequilíbrios fisiológicos durante a infância (sendo num dos casos muito grave, pela sua presença em 18 dentes). De facto, Lisboa possuía muita da sua actividade relacionada com o rio. Àquele estão igualmente ligadas muitas patologias mencionadas, observáveis pelos sinais deixados nos vestígios osteológicos. E os encontrados em São Domingos têm-no bem patente: dizem respeito a uma população pobre, com uma medíocre dieta alimentar, e correspondem a trabalhadores braçais obrigados a esforços violentos e continuados, marcados na má articulação das ancas em indivíduos que aparentam ter mais de 40 a 50 anos. No entanto, as mesmas patologias são igualmente integráveis nas circunstâncias gerais de vida – populações com carências alimentares, entre outras - que se faziam sentir nas cidades europeias dos séculos XII a XV, para o que contribuíram os ciclos de fome e a peste, respectivamente dos séculos XIII e XIV. São sobretudo visíveis na população adulta, maioritária em todos os sítios estudados.

Esses factores parecem ter, no entanto menos incidência na população inumada em São Miguel de Odrinhas: sem deixar de mostrar sinais de esforços físicos continuados, aquela aparenta ser mais robusta e sem apresentar um índice elevado de cáries ou de processos infecciosos.

O sistema de reutilização das sepulturas estava presente em grande medida, dado que em cerca de 40% dos sepulcros existiam outros ocupantes. Saliente-se o enterramento

simultâneo de crianças e adultos, como já referimos anteriormente, e a existência de ossários, nomeadamente em São Saturnino. Mais uma vez, contudo, insistimos que as conclusões não poderão ser senão parciais, dado que não existe muita informação disponível.

Finalmente, continuam a ser escassas as informações sobre o mobiliário funerário, cuja ausência já atribuímos, como muitos autores antes de nós, à expressão da humildade e do despojamento que caracterizava a ideia de morte e do «passamento» no período entre o século XII e o século XV. Contudo, persistem ainda velhos costumes, como o dos «dinheiros velhos» ou o óbolo para Caronte; são visíveis em diversas sepulturas nos sítios que estudámos. Existem poucos exemplos de alfinetes de mortalha nos sítios seleccionados. Contudo, o espólio em contexto funerário encontrado em Lisboa e Sintra e constituído por numismas é por sua vez significativo, verificando-se o inverso quanto a objectos de adorno.

De acordo com o anteriormente exposto, a investigação arqueológica sobre necrópoles em meio urbano tem contribuído, nos últimos anos, para um melhor conhecimento da realidade que representava a Morte na Idade Média. Embora o estado do conhecimento sobre as fontes escritas do período medieval tenha igualmente evoluído, é patente que a reflexão arqueológica encontra ainda algumas dificuldades no domínio funerário.

A relativa inexistência de escavações em espaços sepulcrais devidamente estruturadas e sistemáticas no território nacional não permite ainda, senão esparsamente, verificar uma série de outros elementos (tais como a coabitação dos vivos com os mortos, o tratamento particular proporcionado a determinada classe de indivíduos, através da localização do túmulo ou da sua qualidade arquitectónica) acarretando a necessidade de comparações com exemplos internacionais, cuja investigação se encontra mais avançada. Em Lisboa, por exemplo, a maioria dos edifícios religiosos (excepção feita à desaparecida igreja de São Martinho) que podiam incluir exemplos representativos da população de camada social mais favorecida, não foi ou não pôde, por razões económicas ou outras, ser objecto de intervenção, à semelhança do que foi feito para a Sé do Porto ou para o Convento de São Francisco de Santarém, mencionados no Capítulo I da presente dissertação.

Por outro lado, verifica-se igualmente a necessidade do recurso da arqueologia a outras fontes contemporâneas disponíveis, como os textos e a iconografia, assim como a outras disciplinas, tais como bioantropologia, a antropologia social, a etnologia ou a sociologia, como preconizado pelos diversos autores que citámos na presente dissertação.

Neste sentido, julgamos que o contributo fornecido pela arqueologia funerária permite, em muitos casos, a complementaridade e a prova material das informações colhidas pelos historiadores nos documentos coevos do período que estudamos – em particular dos

testamentos, das doações, dos cânones –, beneficiando ao mesmo tempo do carácter imaterial, intangível e subjectivo a que aquela disciplina escapa. E as informações recolhidas em campo são preciosas, especialmente no tocante às formas de inumação e à confirmação física das dificuldades sentidas pela população lisboeta medieval durante as vicissitudes pelas quais o território (que abarca os três termos) passou durante aquele período histórico. Estas correspondem às difíceis condições de vida da população com menos meios económicos e que, quer queiramos quer não, acaba por se encontrar representada na maior parte dos sítios intervencionados. Em tal participa a análise das patologias e da traumatologia, que fornecem informações valiosas sobre as condições de vida, sobre a nutrição e muitos outros aspectos culturais.

Ainda assim, pela quantidade de dados arqueológicos recolhidos (não obstante nem todos os sítios arqueológicos estudados integrarem desenhos arqueológicos específicos para cada sepultura) podemos reconstituir pouco a pouco não apenas a ocupação do espaço urbano dedicado a fins funerários, mas também começar a delinear uma sistematização de tipologias e de formas de enterramento.

Pensamos, por isso, com base nos elementos que recolhemos, poder desde já propor uma tabela tipológica das sepulturas em uso no termo de Lisboa:

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

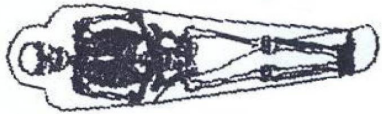
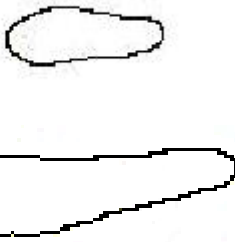
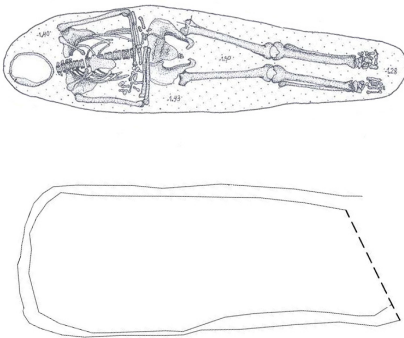
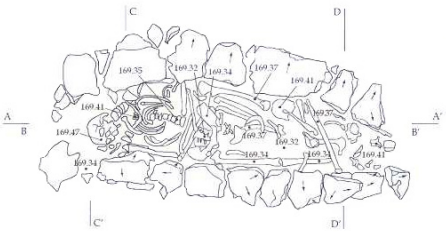
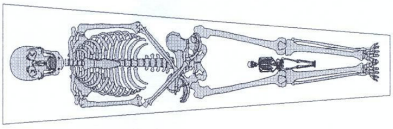
<p>A Sepulturas escavadas na rocha antropomórficas</p>	
<p>B Sepulturas escavadas na rocha oval ou ovalada</p>	
<p>C Coval simples</p>	
<p>D Coval organizado</p>	
<p>E Caixão</p>	

Tabela 1 – De cima para baixo: A – São Vicente de Fora; B – São Saturnino (ambos os casos); C – São Lourenço (em cima) e São Martinho (em baixo); D – São Miguel de Odrinhas; E - Igreja do Carmo.

Do ponto de vista morfológico e tipológico, os sítios estudados mostram um carácter funerário diferenciado no tocante à expressão disponível e atribuível a classes sociais existentes na cidade: os jazigos e o enterramento no interior das igrejas e do seu recinto para uma camada da população com maior poder económico e com maior influência, o enterramento no cemitério anexo para a população mais pobre.

Pelo atrás exposto, parece-nos estar perante três situações sociais e económicas distintas: por um lado, uma classe economicamente mais poderosa, que lhe permitia uma atitude perante a morte mais consentânea com os seus valores morais e religiosos, e com a preservação do seu corpo (identificado quase sempre através da aposição de inscrição ou de lápide funerária); uma outra camada da população, constituída por letrados (ver o caso de São Lourenço) ou habitando em zonas da cidade de maior prestígio (ver o caso de São Martinho, que se situava junto a um Paço Real, ou ainda do Convento do Carmo), para a qual se identifica mesmo a ausência de epitáfio, não obstante terem sido inumados no interior de um templo religioso; finalmente, uma terceira camada da população, de cariz social e económico mais desfavorecido, mais pobre, ou mesmo de cariz mais rural que, imbuída das mesmas preocupações com a morte e a vida além-túmulo, conseguiu lugar de sepultura junto a um edifício religioso (ver os casos de São Domingos, do Largo do Carmo, no termo de Lisboa, ou de São Miguel de Odrinhas e da Ermida de São Saturnino, no termo de Sintra).

Alguns dos sítios sofreram mutações quer no tocante à orientação das sepulturas quer quanto ao perímetro associado ao cemitério, seguindo igualmente a evolução urbana da cidade e as campanhas de reconstrução ou ampliação dos templos aos quais estavam associados. Estes elementos são, contudo, muito mais visíveis na distribuição das sepulturas da Ermida de São Saturnino (as sepulturas correspondentes aos séculos XVI e XVII/XVIII estão centralizadas noutros espaços do mesmo recinto) e de São Lourenço.

De resto, para responder à falta de espaço que um grande número de enterramentos num espaço condicionado exigia, foram adoptadas soluções «inovadoras». Tal é o caso dos carneiros ou ossários, como em São Vicente de Fora ou no Convento do Carmo. As soluções adoptadas não são apenas uma característica regional, mas constituem um elemento marcador da evolução populacional e urbana de quase todas as cidades europeias. E é a este nível que Lisboa, finalmente, se encontra em finais do século XV: uma cidade cosmopolita, que beneficiará a partir do século seguinte da expansão além-mar do reino português.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Específica

- (1958) - Documentos do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, *Livros de Reis*, vol. II, Lisboa: 11.
- (1994) - «Carmo (Convento e Igreja do)», *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa.
- AAVV (1993) - *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado. Inventário*.
- AAVV (2002) – *Património Metropolitano. Inventário Geo-referenciado do Património da Área Metropolitana de Lisboa*, CD-Rom, Junta Metropolitana de Lisboa, Lisboa.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (dir.) (1990) – *Les Villa Romaines de São Cucufate (Portugal)*, Mission d'Archéologie Française au Portugal, Institut d'Archéologie de l'Université de Coimbra, E. de Broccard, Paris.
- ALEGRIA, António (2007) - «As estelas Medievais do Museu de Évora». *Cenáculo*, Boletim *on line* do Museu de Évora, n.º 2.
- ALEXANDRE-BIDON, Danièle (1998) – *La Mort au Moyen Age XIIIe-XVIe siècle*. Hachette Littératures, Paris.
- ALEXANDRE-BIDON, Danièle ; TREFFORT, Cécile (1993) - *A réveiller les morts, la mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Presses Universitaires de Lyon. Association des amis des bibliothèques de Lyon, Lyon.
- ALMEIDA, F. (1986) – *Carta Geológica do Concelho de Lisboa*, Escala 1:10.000, Serviços Geológicos de Portugal, Direcção-Geral de Geologia e Minas, Lisboa.
- ALMEIDA, Pedro (2008) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos – PRR 48. Rua de Santo Estêvão e Envolventes. Acompanhamento Arqueológico. Lisboa*, enviado ao IGESPAR em 16-10-2008.
- AMARAL, Maria Antónia de Castro Athayde (2001) – «A Necrópole de São Pedro de Marialva. Estudo Arqueológico», *Revista Estudos Património*, n.º 1, Lisboa: 129-138.
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1992) - «Arqueologia urbana de Lisboa - sua evolução», *Al-madan*, 2ª Série, 1 Almada: 19-22.

- AMARO, Clementino José Gonçalves (1993) - «Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa.», *Estudos Orientais IV – Os fenícios no Território Português*, Instituto Oriental, Lisboa: 183-192.
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1995) - «Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa», *4ª Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa; Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, (*Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica*, 4): 337-342.
- AMARO, Clementino (1998) - «Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível», *Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Ministério da Cultura/IPM/ Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 61-71.
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1999) - *Palácio da Rosa – Igreja de S. Lourenço – Mouraria, Lisboa. Relatório de Trabalhos Arqueológicos*, relatório entregue ao IPA.
- ANDRADE, Ferreira (1944) – *A Freguesia de S. Cristóvão*. vol. I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- ANDRADE, Ferreira de (1949) - *A Freguesia de Santiago. Subsídios Para a Historia das suas Ruas, Edifícios e Igreja Paroquial*, Vol. II, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa: 143-155.
- ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; CARDOSO, Olívio; CUNHA, Eugénia (2000) - «Paleobiologia de um grupo populacional medieval de São Pedro de Canaferrim», *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Contributos das ciências e das tecnologias para a arqueologia da Península Ibérica. Vila Real 1999*, Vol. 9, ADECAP, Porto: 407-418.
- ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2005) - «Relatório da Intervenção Arqueológica da Antiga Igreja de São Martinho (Freguesia de Santiago, Lisboa): a Exumação e Análise das Ossadas Humanas», *in* Brazuna, 2005: 58-102.
- ARAÚJO, Norberto de (1992) – *Peregrinações em Lisboa*, vol. II, 2.ª Edição, Veja, Lisboa.
- ARAÚJO, Norberto de (1993) – *Peregrinações em Lisboa*, vol. VIII, 2.ª Edição, Veja, Lisboa.
- ARRUDA, Ana Margarida; TEIXEIRA DE FREITAS, Vera; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan I. (2000) - «As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3, 2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 25-59.
- ATAÍDE, Margarida (2004) - *Contributo para o estudo de Monsaraz - os resultados das escavações*

arqueológicas no Revelim de São João - (à memória do Professor Doutor Arquitecto João Rosado Correia). (Dissertação de Mestrado em Monaquismo e Identidades Europeias apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), Lisboa.

AUBARBIER, Jean-Luc; BINET, Michel (2001) – *Le Pays Cathare*, Col. Itinéraires de Découverte, Ed. Ouest-France e Le Grand Livre du Mois, Paris.

AVELLAR, Filipa; OLIVEIRA, Lina; ANDRADE, Sara (2004) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

BARBOSA, Pedro Gomes (1990) – «O Medievalista e a Arqueologia (Reflexões sobre o caso português)». *ICALP*, 19, Março, 109-121.

BARBOSA, Pedro Gomes (2007) - «Mouros e Cristãos no Relato da Conquista de Lisboa [1]», in Krus *et alii*, 2007: 84-92.

BARCELÓ, Miquel; KIRCHNER, Helena; LLURÓ, Josep M., MARTÍ, Ramon; TORRES, José M. (1988) - *Arqueología medieval. En las afueras del «medievalismo»*, Editorial Crítica, Barcelona.

BARROCA, M. J.; MORAIS, A.C. (1983) - «Sepulturas medievais na terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)». *Arqueologia* (GEAP), 8. Porto: 92-101.

BARROCA, Mário Jorge (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*, Ed. Policopiada, Porto.

BARROCA, Mário Jorge (1989) - «Núcleo de Estudo das sepulturas escavadas na rocha». *Arqueologia* (GEAP), 19, Porto: 180-183.

BARROCA, Mário Jorge (1992) - «Túmulo de D. Lopo Fernandes Pacheco». *Nos Confins da Idade Média. Arte Portuguesa Séculos XII-XIV*, Instituto Português de Museus, Lisboa, in Fernandes, 2001.

BARROCA, Mário Jorge (1996) – «O Túmulo de D. Nuno Martins de Chacim no Mosteiro de Castro de Avelãs», *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 13, Porto: 595-616.

BARROCA, Mário Jorge (1997) – «Cenas de Passamento e de Lamentação na Escultura Funerária Medieval Portuguesa (Séc. XIII a XV)», *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 14, Porto: 655-684.

BARROCA, Mário Jorge (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, (Dissertação

de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto),
Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa.

BARROCA, Mário Jorge (2003) - «A Peste Negra na Epigrafia Medieval Portuguesa», *in*
Fonseca, 2003: 1159-1166.

BARROS, Filomena (1994) - «Mouraria (sécs. XII a XV)», *Dicionário da História de Lisboa*,
Carlos Quintas e Assoc., Lisboa: 590-592.

BARROS, Filomena (1998) - *A Comuna Muçulmana de Lisboa. Sécs. XIV e XV*, 4, Biblioteca
de Estudos Árabes, Hugins, Lisboa.

BASTOS, Maria do Rosário (1996) – «Prescrições Sinodiais Sobre o Culto dos Mortos nos
Séculos XIII a XVI», *in* Mattoso, 1996: 109-125.

BATATA, Carlos (2000) – *Relatório Intercalar Rua Damasceno Monteiro*, OZECARUS.

BEIRANTE, Maria Ângela (1982) - «Para a história da morte em Portugal (sécs. XII-XIV)»,
sep. de *Estudos de História de Portugal, Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, vol.
I, Estampa, Lisboa: 359-383.

BIRG, Manuela (1994) – «A Igreja de Santa Maria Maior», *Dicionário da História de Lisboa*,
Lisboa, *in* Villamariz, 2004.

BORDE, François; CAP, Henry; CARME, Rémy; CONAN, Sandrine; DIEULAFAIT,
Francis; DORMOY, Christian; DRIEUX-DAGUERRE, Monique; DUCHESNE,
Sylvie; DUFRESNE, Philippe; FOURNIÉ, Michelle; GARGAM, Céline; GODIN,
Rosalie ; JOLLIOT, Georges ; LAMARQUE, Céline; LANOS, Philippe; MACÉ,
Laurent; MARTIN, Hélène; PORTET, Nicolas; POUSTHOMIS-DALLE, Nelly;
SERVELLES, Christian; SUAUI, Bernardette; VALLET, Sophie ; VIDAL, Pierre e
WATIN-GRANDCHAMP, Dominique (2008) – *Toulouse, Ancien Grand Prieuré de
Saint-Jean de Jérusalem (31 555 01 AH), Rapport Final d'Étude et Fouilles Programmées
Triennales 2004-2006*, Relatório entregue ao Service Régional d'Archéologie Midi-
Pyrénées.

BORDONOV, Georges (1984) – *Les Rois qui ont fait la France*, vol. «Les Capétiens/Saint-
Louis», Ed. Pygmalion Gérard Watlet Paris et Le Grand Livre du Mois, Paris.

BOROBIO, M. J.; MORALES, F. (1986) - «Memoria de las excavaciones arqueológicas
realizadas en la Iglesia de San Pedro de Caracena (Soria)». Delegación Territorial de
Cultura de la Junta de Castilla-León de Soria, Soria. *In* Hernández, 1991.

- BORST, Arno (1984) – *Les Cathares*, Bibliothèque Historique, Col. Histoire des Religions, Ed. Payard, Paris.
- BRANCO, Maria João (2001) – «A Conquista de Lisboa Revisitada», *in Arqueologia Medieval*, 7, Lisboa: 217-234.
- BRAZUNA, Sandra (2005) – *Rua da Saudade/Largo de São Martinho (Lisboa). Relatório dos Trabalhos Arqueológicos/423.05*.
- BRENON, Anne (1996) – *Les cathares, Pauvres du Christ ou apôtres de Satan*, Col. Découverte, Ed. Gallimard, Paris.
- BUGALHÃO, Maria Jacinta (2005) – *Trabalho Arqueológico Anual – 2000. Intervenção de Emergência na Escola Secundária D. João de Castro*.
- BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001) – «O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: Urbanismo e Produção Oleira», *Arqueologia Medieval*, 7, Lisboa: 111-145.
- BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João (2003) – «Vestígios de Produção Oleira Islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa», *Arqueologia Medieval*, 8, Lisboa: 129-191.
- BUGALHÃO, Jacinta; MARTÍNEZ, Susana Gomez (2005) – «Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo Islâmico». *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Coord. Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina F. Fernandes, Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Palmela: 237-262.
- BUGALHÃO, Jacinta; QUEIROZ, Paula F. (2006) – «Testemunhos do consumo de frutos no Período Islâmico, em Lisboa», *Al-Andaluz Espaço de Mudança – Balanço de 25 anos de História e Arqueologia Medievais (Homenagem a Juan Zozia Stabel-Hansen)*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola: 195-212.
- CAEIRO, Baltazar Matos (1989) – *Os Conventos de Lisboa*, Distri Editora, Lisboa.
- CALADO, Marco; LEITÃO, Vasco (2015) – «A ocupação islâmica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8, Lisboa: 459-470.
- CALMES, Christophe; CARME, Rémy; COMELONGUE, Marc; DORMOY, Christian; FIGUEIRAL, Isabel; FOURNIÉ, Michelle; HALLAVANT, Charlotte; MACÉ, Laurent; MOULHERAT, Christophe; PORTET, Nicolas; POUSTHOMIS-DALLE, Nelly; RUAS, Marie-Pierre; SUAUI, Bernardette e VOUVE, Frédérique (2005) –

Toulouse, Ancien Grand Prieuré de Saint-Jean de Jérusalem (31 555 01 AH), Rapport Intermédiaire d'Étude et Fouilles Programmées Triennales; Relatório entregue ao Service Régional d'Archéologie Midi-Pyrénées.

CAMPOS, Vicent (1997) – «Las sepulturas medievales: Introducción a su estudio práctico», *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, ISSN 01212-2960, 18, Barcelona, 525-544.

CARDOSO, Guilherme (2005) - *Estelas medievais da Igreja do Cadaval*. Museu Municipal do Cadaval, Câmara Municipal do Cadaval.

CARDOSO, Guilherme; MIRANDA, Jorge; TEIXEIRA, Carlos A. (2009) – *Registo Fotográfico de Alcabideche e Alguns Apontamentos Histórico-Administrativos*. Junta de Freguesia de Alcabideche.

Carmona, Mário (1954) - *O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa*. s.e., s.l.

CARVALHO, Manuela Lima e COSTA, Cláudia M. Cordeiro (2001) - *Escavações arqueológicas no Largo do Carmo (Lisboa), no âmbito do projecto de Requalificação da Envolvente do Museu do Carmo*. Informação 10Ago01/06129.

CASA MARTINEZ, C. de la (1991) – *El mundo funerario del Medievo hispano cristiano en Soria. Estudio arqueológico de sus necrópolis*, Barcelona.

CASA MARTINEZ, C. de la (1992) - *Las Necropolis Medievales de Soria*, Junta de Castilla y León, Valladolid.

CASA MARTINEZ, C. de la; IZQUIERDO BERTIZ, J. M. (1979) - «Excavaciones de la necrópolis medieval de Tiermes. Campaña 1978». *Celtiberia*, 57, C.E.S., Soria, in Hernández, 1991.

CASA MARTINEZ, C. de la; SIMONENA, Carmen Jusué; BES, Joan Menchó i (1994) - *Apostillas al estudio "Estelas Medievales Cristianas de la Península Ibérica"*, Cuadernos de Sección. Antropología-Etnografía 10 (1994), ISBN 8487471-57-9. Eusko Ikaskuntza, Donostia: 595-608.

CASACA, Cecília; FERREIRA, F. E. Rodrigues (2008) - «Necrópole da Sé Silves», in *Arqueologia e História*, 56/57, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 103-110.

CASTANYER, Immaculada Ollich i (191993-1994) - «Arqueología de la muerte: una perspectiva de la Història Medieval», *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, ISSN 01212-2960, 14-15, Barcelona: 277-290.

- CASTILHO, Júlio (1970) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, 3ª edição, Lisboa, in FERNANDES, 2001.
- CASTILLO, Alberto del (1968) - «Cronología de las tumbas llamadas «Olerdolanas». *Crónica del XI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza: 835-845. In Hernández, 1991.
- CASTILLO, Alberto del (1972) - «Necrópolis de Duruelo de la Sierra (Soria), en excavaciones altomedievales en las provincias de Soria, Logroño e Burgos». *Excavaciones Arqueológicas en España*, 74. Ministerio de Educación y Ciencia, Madrid. In Hernández, 1991.
- CATALO, J.; PONS, J.; LE NOHEH, C.; MOLET, H.; DUCHESNE, S. (colab.); RODET-BELARBI, I. (colab.) e GENEVIÈVE, V. (colab.) (1999) – *La Cité Judiciaire de Toulouse (Haute-Garonne) n.º site 31 555 066 AH. D.F.S. de la Phase 1*; Relatório entregue ao Service Régional d'Archéologie Midi-Pyrénées.
- CATALO, Jean e POUSTHOMIS-DALLE, Nelly (2001) – *Toulouse, Ancien Grand Prieuré de Saint-Jean de Jérusalem (31 555 01 AH), Document Final de Synthèse, Sondages d'Évaluation*; Relatório entregue ao Service Régional d'Archéologie Midi-Pyrénées.
- CHAMBEL, Pedro (2005) - «Marcas do Quotidiano nos Monumentos Funerários. A Representação de Animais na Tumulária Medieval do Entre-Douro-e-Minho». *Medievalista on-line*, Ano 1, 1. Instituto de Estudos Medievais (www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista).
- COELHO, António Borges (2001) – «Lisboa nos dois primeiros séculos após a “Reconquista”», *Arqueologia Medieval*, 7, Lisboa: 235-242.
- COELHO, Catarina (2007) – *Relatório da Intervenção Arqueológica Preventiva realizada nas Ruínas de São Miguel de Odrinhas (Sintra)*, 1997. Relatório enviado ao IPA.
- COELHO, Catarina (2010) - «Ruínas Arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997». *Arqueologia e História*, 56-57, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 119-142.
- COELHO, Teresa de Campos (1998) - «Trabalhos de recuperação da Igreja de S. Lourenço de Lisboa», *Pedra & Cal - Revista do Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico*, 0, Lisboa: 38-41.
- COLARDELLE, Michel (1996) - «Terminologie descriptive des sépultures antiques et médiévales, in *Archéologie du cimetière chrétien* (1996). Actes du 2e Colloque ARCHEA, Orléans, 29 septembre-1er octobre 1994, Tours.

- CORREIA, João Rosado (1994) - *Monsaraz e o seu Termo. Plano de Salvaguarda/Uma Estratégia de Futuro*, Fundação Convento da Orada, Lisboa.
- CORREIA, Virgílio (1918) - «Cabeceiras de sepultura medievais». *Terra Portuguesa*, ano III, 25-6, Agosto e Setembro de 1918. Lisboa: 20-4.
- CORREIA, Virgílio (1924) - *Monumentos e Esculturas (séculos III-XVI)*, 2ª ed., Livraria Ferin, Lisboa, in Fernandes, 2001.
- COSTA, Adelaide Pereira Millán da (1996) - «O Espaço dos Vivos e o Espaço dos Mortos nas Cidades da Baixa Idade Média», in Mattoso, 1996: 177-186.
- Crubézy, E.; Duchesne, S. e Arlaud, C. (dir.) (2006) - *La Mort, les Morts et la Ville (Montpellier - Xe-XVIIe Siècles)*, Editions Errance, Paris.
- CRUBEZY, Eric (2007) – «L'étude des sépultures, ou du monde des morts au monde des vivants», in Crubézy et alii, 2007: 8-60.
- Crubézy, Eric; Lorans, Elisabeth; Masset, Claude; Perrin, Franck; Tranoy, Laurence; Ferdière, Alain (dir.) (2007) - *Archéologie funéraire*, Editions Errance, 2.ª ed., Paris.
- CUNHA, Armando Santinho; FERREIRA, F.E. Rodrigues (1998) – *Vida e Morte na época de D. Afonso Henriques*, Hugin, Lisboa.
- CUNHA, Armando Santinho; FERREIRA, F.E. Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2000) - «A provável sepultura de D. Duarte Brandão». *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 53-58.
- CUNHA, Eugénia (1997) - «Populações Medievais Portuguesas (Séculos XI-XV). A Perspectiva Paleobiológica», *Arqueologia Medieval*, 5, Lisboa: 57-83.
- CUNHA, Eugénia; UMBELINO, Cláudia; TAVARES, Teresa (2001) - «A necrópole de São Pedro de Marialva. Dados antropológicos», *Revista Estudos Património*, 1, Lisboa: 139-143.
- DIAS, Maria T. (dir.) (1990) - «O Rossio», (Guias de Lisboa pelos Olisipógrafos, 1), Ibis Editores, Lda, Lisboa.
- DINIS, António Joaquim Dias (dir., org. e críticas) (1964) - *Monumenta Henricina*, Vol. VI – 1437-1439, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Coimbra: 108-132.

- DIOGO, António Dias (1993) – *Relatório da Intervenção Arqueológica efectuada na Rua de S. Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel*, em Lisboa, apresentado ao IPPAR.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1998) - «Intervenção arqueológica na rua João do Outeiro, n.º 36/44, na Mouraria, em Lisboa». *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela: 257-265.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1999) - «Estudos Arqueológicos Efectuados pelo G.T.T.R.L. no Martim Moniz e sua Envolvente», *OLISIPO*, Grupo dos Amigos de Lisboa, II série, Lisboa: 8: 44-54.
- DIONÍSIO, M. M. David (1990) – *Escultura Funerária Portuguesa do Século XV, 1ª parte: Aspectos Gerais – Revisão de problemas*, Dissertação em História da Arte Medieval, Mestrado de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, in Ramalho, 1994.
- DORDIO, Paulo (2005) - «Projecto de estudo histórico e arqueológico da Sé do Porto – o cemitério», *Revista Estudos Património*, 8, Lisboa: 26-34.
- DRAC (s.d.) – *Hôtel des Chevaliers de Saint-Jean de Jérusalem*, Direction Régionale des Affaires Culturelles, Midi-Pyrénées.
- DUARTE, Cidália (2000) – *Casal de São Brás (Amadora). Relatório de análise osteológica dos restos humanos exumados em 1999*, Relatório de trabalhos arqueológicos de emergência apresentado ao IPA.
- DUARTE, Cidália (2003) – «Bioantropologia», *Trabalhos de Arqueologia*, 29, Lisboa: 263-296.
- DUBY, Georges (1987) – *Le Moyen Âge*, Ed. Hachette e Le Grand Livre du Mois, Paris.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (1999) – *Casal de São Brás – Amadora*, Relatório de trabalhos arqueológicos de emergência apresentado ao IPA.
- FAGUNDES, João (1994) - «A Sé», in Moita, 1994: 115-128.
- FARELO, Mário (2006) - «O direito de padroado na Lisboa Medieval», *Promontória*.
- FARELO, Mário (2007) - «Ao serviço da Coroa no século XIV: o percurso de uma família de Lisboa, os “Nogueiras”», in Krus *et alii*, 2007: 145-168.
- FARO, Catarina Isabel de Oliveira (2001) – «A Mouraria de Lisboa dos séculos XII-XV»,

- Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 99-108.
- FELGUEIRAS, J. E. (1962) - «Notas para a solução de um problema de História da Arte», *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, 20, Lisboa, Abril, in Fernandes, 2001.
- FERDIERE, Alain (2007) – in Crubézy *et alii*, 2007: 5-7.
- FERNANDES, Carla Varela (2001) - *Memórias de Escultura Tumular Medieval da Sé de Lisboa*, 1.^a Ed., IPPAR, Lisboa.
- FERNANDES, Carla Varela (2002) - *Memórias de Pedra. Escultura Tumular Medieval da Sé de Lisboa*. Ippar/Soc. Agric. Valle-Flôr/Tribunal Administrativo C. Lisboa, Lisboa.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2004) – *O Castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, Palmela: 311-325.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2005) – «Palmela no período da Reconquista». In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Coord. Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina F. Fernandes, Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Palmela: 311-325.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2005) - «Arqueologia Medieval em Portugal: 25 Anos de Investigação». *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXVI: 149-173.
- FERNANDES, Lúcia (1993) - «O Culto Vicentino na Formação do Reino Português», *Arqueologia Medieval*, Edições Afrontamento, Porto: 221-231.
- FERNANDES, Paulo Almeida (2003) - «A marginalidade do lado cristão: o breve exemplo dos moçárabes de Lisboa», in Fonseca *et alii*, 2003: 1231-1237.
- FERNANDES, Paulo Almeida (2007) - «Os Moçárabes de Lisboa e a sua importância para a evolução das comunidades cristãs sob domínio islâmico», in Krus *et alii*, 2007: 71-83.
- FERNANDES, Paulo Almeida (2010) - *Mosteiro de Odivelas*, in <http://www.ippar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/benscomproteccaolegal/detail/70250>.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (s.d.) – *Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora. Relatório das Campanhas anteriores (1978-1979)* apresentado ao IPPC.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1982) - *Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa*, Relatório entregue ao IPPC em 29.11.82.

- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1983) - «Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa», *Revista Municipal de Lisboa*, 2ª série, 4, Lisboa: 5-36.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1984) - «Mil e cem anos na história de S. Vicente de Fora - Contributo da arqueologia», *Al-madan*, 1ª série, 2, Almada: 10-13.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1985) - «O Cemitério dos Cruzados de São Vicente de Fora - Subsídios para a reconstituição da sua fisionomia», *Revista Municipal de Lisboa*, 12 - 2º trimestre, Lisboa.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1994) – *Acompanhamento arqueológico das obras de reconstrução do Mosteiro de S. Vicente de Fora*, Relatório entregue ao IPPAR em Junho de 1994.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1995) - «O Mosteiro Afonsino de S. Vicente de Fora», *Monumentos*, 2, Lisboa: 8-13.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1996) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Campanha de 1995 - Relatório*, Relatório entregue ao IPPAR em Abril de 1996.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1997a) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Intervenção Arqueológica – Campanha de 1996*, Relatório entregue ao IPPAR em Janeiro de 1997.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1997b) – *Igreja do Carmo. Intervenção Arqueológica*. Relatório de Escavação apresentado ao IPPAR em Janeiro, Processo 82/1(210) DA.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998a) - «Ensaio para uma leitura económica e social do contexto arqueológico de S. Vicente de Fora», *Olisipo*, 2ª série, 6, Lisboa: 11-37.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998b) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Intervenção Arqueológica – Campanha de 1997*, Relatório entregue ao IPPAR em Janeiro de 1998.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1999) - «Escavações Arqueológicas da Igreja do Convento do Carmo». *Arqueologia e História*, 51, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 73-164.

- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (2000) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Relatório da Intervenção Arqueológica de 1999*, Relatório entregue ao IPA em Janeiro de 2000.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (2001) - «Os Silos medievais de S. Vicente de Fora», *Arqueologia e História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa. 53: 49-66.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2001) – *Acompanhamento Arqueológico. Zona Adjacente ao Lado Sul da Igreja do Carmo*. Relatório de Progresso apresentado ao IPPAR em Setembro de 2002, Processo 2001/1(297).
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2005) – *Ligação pedestre ao elevador de Santa Justa. Acompanhamento Arqueológico*. Relatório de Intervenção apresentado ao IPPAR em Setembro de 2005, Processo 2001/1(297).
- FERREIRA, Mulize; JORGE, Ana; RAMOS, Rita (2000) – *Zara – Rua Augusta (Lisboa)*. *Relatório final da escavação de salvamento arqueológico*, Relatório ERA 79/00.
- FIGUEIREDO, Paula (2008) – *Sé de Lisboa*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (www.monumentos.pt).
- FIGUEIRINHAS, Laura (1998) – *Igreja de São Lourenço*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.
- FONSECA, Luís Adão da; AMARAL, Luís Carlos e SANTOS, Maria Fernanda Ferreira (coord.) (2003) – *Os Reinos Ibéricos na Idade Média: Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, Livraria Civilização Editora, Porto.
- FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», *in* Krus *et alii*, 2007: 259-277.
- FONTES, Luís; LEMOS, Francisco Sande e CRUZ, Mário (1997-1998) - «"Mais Velho" que a Sé de Braga. Intervenção Arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar», *in* *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 14-15: 137-164.
- FONTES, Luís Fernando de Oliveira (2002) - «Arqueologia Medieval Portuguesa», *Arqueologia e História*, 54 [Actas das VI Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. «Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal», (25 a 27 de Maio 2000)], Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 221-238.

- FRANÇA, José Augusto (1987) - *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, 3ª ed., Bertrand Editora, Lisboa.
- FRANKOWSKI, Eugeniusz *et alii* (1989) - *Estelas discoideas de la Península Ibérica*, 2.ª ed. Madrid.
- GAMEIRO, Odília Alves (2007) - «Sociologia e geografia do culto medieval dos Santos Mártires de Lisboa», in Krus *et alii*, 2007: 371-387.
- GARAI-OLAUN, Agustín Azkarate (1990) - «Elementos de Arqueología Cristiana en la Viscaya Altomedieval». *Isturitz: Cuadernos de prehistoria - arqueología*, ISSN 1137-4489, Nº 2: 7-136.
- GASPAR, Alexandra; AMARO, Clementino (1997) - «Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa», *La Céramique Médiévale en Méditerranée* (Actes du Ve Congrès de l'AECM2), Narration Éditions, Aix-en-Provence: 337-345, in Trindade e Diogo, 2000.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (1999a) - *Relatório das Escavações Arqueológicas do Espírito Santo II* - 1997. Relatório enviado ao IPA.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (1999b) - *Relatório das Escavações Arqueológicas na Praça Nova, Castelo de S. Jorge* - 1997. Relatório enviado ao IPA.
- GOMES, Ana; SEQUEIRA, Maria José (2001) - «Continuidades Descontinuidades na Arquitectura Doméstica do Período Islâmico e Após a Conquista da Cidade de Lisboa: Escavações Arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva», in *Arqueologia Medieval*, 7, Lisboa: 103-110.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2006) - «Estelas discóides da necrópole da Sé de Silves (Algarve, Portugal). Contexto e cronologia». In *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*, Suplemento 3 de *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 309-330.
- GOMES, Rosa Varela (2002) - «Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura». *Trabalhos de Arqueologia*, 23, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GOMES, Rosa Varela (2006) - «Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: o núcleo urbano». *Trabalhos de Arqueologia*, 44, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GONÇALVES, Ana; SILVA, Ricardo; TAVARES, Paula; SANTOS, Ana Luísa; TEICHNER,

- Félix (2004) - «A Necrópole do Castelo de Viana do Alentejo: síntese da intervenção arqueológica e do estudo antropológico», *Revista Estudos Património*, 7, Lisboa: 138-145.
- GONÇALVES, Anabela (2005) – *Rua dos Anjos e Outras/PF20. Parecer Mensal* 8, Janeiro de 2005.
- GONÇALVES, António Manuel; SEGURADO, Jorge (1984) - *O Largo da Rosa e do Nobre Sítio de São Lourenço*, Academia Portuguesa de História, Lisboa.
- GONZALO, Josefina Andríó; RIVAS, Encarnación Martín; SOUICH, Philippe du (1996) – «La Necrópolis Medieval del Monasterio de San Millán de la Cogolla de Suso (La Rioja)». *BERCEO*, 130, Logroño: 49-106.
- GOULÃO, Maria José (1995) - «Figuras do além: a escultura e a tumulária». *História da Arte Portuguesa* / dir. Paulo Pereira. *Temas e Debates*, Vol. 2. Lisboa: 157-179.
- GRAÇA, Luís (2000a) - «O Hospital Real de Todos os Santos. Parte I», *Textos sobre Saúde e Trabalho*, 59 (<http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos59.html>).
- GRAÇA, Luís (2000b) - «O Hospital Real de Todos os Santos. Parte II», *Textos sobre Saúde e Trabalho*, 60 (<http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos60.html>).
- GUEDES, Jorge; COSTA, Luís (2006) - «Cabeceiras de sepultura do adro da Igreja Matriz de Loures (2003)». *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*, Suplemento 3 de *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 199-213.
- HERNÁNDEZ, Fernando Morales (1991) – «Una necrópolis medieval en El Soto de Garay (Soria)». *En la España Medieval*, 14. Universidade Complutense-Madrid: 45-75.
- IGESPAR, Base de Dados ENDOVÉLICO.
- INÁCIO, Carlos (2000) – «Paço do Lumiar, Apontamentos de História». *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 107-120.
- KLIEMANN, Katia (1987) – «La orientación de las sepulturas medievales». *II Congreso de Arqueología Medieval Española (Madrid, 19 a 24 de Enero)*, Tomo I: Ponencias. Madrid: Comunidad de Madrid, Asociación Española de Arqueología Medieval: 572-579, in Coelho, 2007.
- KRUSS, Luís; OLIVEIRA, Luís Filipe e FONTES, João Luís (Coord.) (2007) – *Lisboa Medieval. Os Rostos da Cidade*, Livros Horizonte, Lisboa.

- LAWERS, Michel (2005) – *Naissance du cimetière. Lieux Sacrés et terre des morts dans L'Occident médiéval*. Aubier, Editions Flammarion, Paris.
- LEAL, Paula Cristina de Araújo Marques (2005) – «Breve História da Igreja de São Martinho», in Brazuna, 2005: 17-22.
- LE MOS, Francisco Sande; MARCOS, D.(1985) – «A Necrópole Medieval de Vila dos Sinos – Mogadouro. Segunda Campanha de Escavações - 1982». *Cadernos de Arqueologia* (Portugal), I: 127-146.
- LILLEY, J.M.; STOUT, G.; BROTHWELL, D.R.; WILLIAMSON, M.H. (1994) – «The jewish burial ground at jewbury», *The archaeology of York, volume 12: The medieval Cemeteries*, fasc. 3, Y.A.T.E.R: 295-572, in Catalo et alii, 1999.
- LIMA, J. H. Pires de (????) – *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no Século XII*.
- LOTH, S.; ISACN, M. Y. (1989) - «Morphological assessment of age in the adult: the thoracic region». In *Age markers in the human skelekon*. Ed. Iscan, M. Y.: 105-135.
- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002) – *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- LOPES, Luís (1996) – *Aspectos antropológicos das inumações do Carmo*. Comunicação apresentada à Secção de Antropologia da Sociedade de Geografia de Lisboa em 26 de Junho de 1996.
- LOPES, Luís (1996) – *Reflexão sobre a importância dos estudos osteológicos como complemento dos estudos históricos*. Comunicação apresentada à Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses em 2 de Abril de 1996.
- LOPES, Luís (1997) – *Relatório sobre o material osteológico recolhido na Igreja do Carmo (2.ª fase)*. Apresentado ao IPA.
- LOPES, Luís e NETO, Maria Cristina (1999) – «Nota sobre alguns aspectos antropológicos dos restos humanos exumados da Igreja do Antigo Convento do Carmo de Lisboa». *Arqueologia e História*, 51, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 205-219.
- LORANS, Elisabeth (2007) – «Le monde des morts de l'Antiquité tardive à l'époque moderne (IVe-XIXe S.)», in Crubézy et alii, 2007: 177-234.
- LOURENÇO, Fernando Severino; RODRIGUES, Filomena (1988) – Relatório das Sonda-

gens efectuadas no Anexo do Museu de Arte Contemporânea – Antigo Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, entregue ao IPPC.

LOURENÇO, Sandra (2007) - «O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva». *Trabalhos de Arqueologia*, 50, Lisboa.

LOURINHO, Manuel H. (1972) – «A Ermida de Nossa Senhora da Escada nas suas relações com a Igreja e o Convento de S. Domingos». *Olisipo*, 134: 32-45.

LOURINHO, Manuel H. (1973) – «A Igreja de S. Domingos de Lisboa». *Olisipo*, 136: 38-47.

MACEDO, Francisco Pato de (1995a) - «O descanso eterno: a tumularia». *História da Arte Portuguesa / dir. Paulo Pereira. Temas e Debates*, Vol. 1. Lisboa: 435-446.

MACEDO, Francisco Pato de (1995b) - «O descanso eterno: a tumularia: os túmulos de D. Pedro e D. Inês». *História da Arte Portuguesa / dir. Paulo Pereira. Temas e Debates*, Vol. 1. Lisboa: 446-454.

MACIAS, Santiago (1998) – «Casas urbanas e quotidiano no Gharb Al-Ândalus», *Portugal Islâmico. Os últimos Sinais do Mediterrâneo*, Instituto Português de Museus, Lisboa: 109-120.

MARKALE, Jean (1986) – *Monségur et l'énigme cathare*, Ed. France Loisirs e Ed. Pygmalion Gérard Watlet Paris, Paris.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1964) – *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1981) – «A persistência do Elemento Muçulmano na História de Portugal após a Reconquista. O exemplo da cidade de Lisboa», *História e Crítica*, Lisboa: 19-24.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987a) – «Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV», *Nova História de Portugal*, vol. IV, Editorial Presença, Lisboa.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987b) – *A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida quotidiana*, 5ª ed., Sá da Costa, Lisboa.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1988a) – «Lisboa Medieval: uma visão de conjunto», *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, Lisboa: 96-107.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1988b) – «A Persistência do Elemento Muçulmano na

- História de Portugal Após a “Reconquista”. O exemplo da cidade de Lisboa», *Novos Ensaio de História Medieval Portuguesa*, Lisboa: 80-91.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1994) – «Depois da Reconquista», in Moita, 1994: 89-113.
- MARQUES, António (2008a) – *Pátio B – Área envolvente Sul da Igreja do Convento do Carmo. Projecto de Sondagens Arqueológicas*, 17 de Outubro de 2008.
- MARQUES, António (2008b) - *Terraços do Carmo. Relatório de Progresso*, apresentado ao IPA em 27 de Junho de 2008.
- MARQUES, António (2009a) – *Pátio B - Área Envolvente Sul da Igreja do Convento do Carmo (PBIC 08). Intervenção Arqueológica - Relatório Preliminar*, apresentado ao IGESPAR em 5 de Março de 2009.
- MARQUES, António (2009b) – *Terraços do Carmo (TC 08). Intervenção Arqueológica - Relatório Final*, apresentado ao IPA em 5 de Fevereiro de 2009.
- MARQUES, J. A. M.; GAMA, T.M.S. (1992) - «Contributo para o estudo das sepulturas escavadas na rocha: Necrópole das Forcadas (Matança, Fornos de Algodres)». *Beira Alta*. 51, 1-2, Viseu: 85-129.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (1995) – *Sepulturas Escavadas na Rocha na Região de Viseu*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- MARSEILLE, Jacques (1997) – *Nouvelle Histoire de la France*, Vol. VI – La France Capétienne 1180/1314, Dictionnaire Le Robert e France Loisirs, Paris.
- MARTINS, Maria João (2004) - *Solo Urbano Solo Rural: Efeitos da Classificação no Território Ibérico*, Lisboa (http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/070.pdf)
- MARTINS, Miguel Gomes (2001) – *Lisboa e a Guerra. 1367-1411*, Livros Horizonte, Lisboa.
- MARTÍN-BUENO, M.; LÓPEZ ARMINSEN, A. (1978) - «La necrópolis medieval de Valcarlos en Tamarite de Litera (Huesca)», *Caesar-Augusta*, 45-46, Zaragoza, in Hernández, 1991.
- MATOS, José Luís Martins de (1994) - «Escavações arqueológicas nos claustros da Sé de Lisboa», *Al-madan*, 2ª Série, 3, Almada: 108.

- MATOS, José Luís de (2001) – «Lisboa islâmica». *Arqueologia Medieval*. Edições Afrontamento, 7, Porto: 79-87.
- MATOSO, Inês (2000) - *Um apontamento de tumulária medieval: o conjunto da igreja de São Cristóvão*: Lisboa. Câmara Municipal. Gabinete de Estudos Olisiponenses. Lisboa.
- MATOSO, Inês (2001) – «Um Apontamento de Tumularia Medieval – O Conjunto de Igreja de São Cristóvão em Lisboa». *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 75-90.
- MATTOSO, José (dir.) (1996) – *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. 1.^a edição, João Sá da Costa, Lisboa.
- MELO, Maria de La Salette Lopes Santos (2009) – *Lisboa Islâmica – Contributo para o Estudo do Sistema Defensivo*. Dissertação de Mestrado em História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (exemplar policopiado).
- MENCHÓN I BES, Joan (1998) - «Necrópolis altomedievales y despoblación en la provincia de Tarragona: El caso de la Conca de Barberá». *Arqueologia y territorio medieval*, ISSN 1134-3184, 5: 5-30.
- MENCHÓN I BES, Joan Josep; SOLE I BORRAS, Francesc Xavier (1994) - «Técnicas de talla en las estelas funerarias de época medieval en Catalunya». Zainak, *Cuadernos de Antropología-Etnografía*, ISSN 1137-439X, 10: 515-536.
- MOITA, Irisalva (coord.) (1960) – *Lisboa – Praça da Figueira (Hospital Real de Todos os Santos*. Relatório de trabalhos arqueológicos apresentado ao IPPC, Lisboa.
- MOITA, Irisalva; MARQUES, Jorge (fot.) (1992) – *V Centenário do Hospital de Todos os Santos*. Correios de Portugal, Lisboa.
- MOITA, Irisalva (1993) - *Hospital Real de Todos os Santos: séculos XV a XVIII*. Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa.
- MOITA, Irisalva (coord.) (1994) – *O Livro de Lisboa*. Livros Horizonte, Lisboa.
- «Santa Maria de Sintra», *Monumentos* – Boletim da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, 18, Dezembro de 1939, CD-Rom.
- MOREIRA, José Beleza (1983) – *Adro da Igreja de Santa Maria do Arrabalde (Sintra)*. *Relatório Preliminar*. Enviado ao IPPC em 31 de Janeiro de 1983.

- MOREIRA, José Beleza (1979) – «Cabeceiras de Sepultura Medievais». *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra: 163-169.
- MOREIRA, José Beleza (1994) – «Algumas profissões representadas em estelas discóides portuguesas». Cuadernos de Sección. *Antropología-Etnografía* 10 (1994). ISBN 8487471-57-9. Eusko Ikaskuntza, Donostia: 271-296.
- MOTA, João Paulo (2004) – «A conquista de Lisboa aos Mouros. Possíveis relações textuais entre as Cartas dos Cruzados», *A Nova Lisboa Medieval*, Edições Colibri, Lisboa: 43-49.
- MOTA, Susana Terra da (1996) – *Sepulturas Escavadas na Rocha: a Necrópole de S. Bartolomeu no Arrabalde de Monsaraz*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- NETO, João (1992) – *Sé de Lisboa*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (www.monumentos.pt)
- NETO, Maria Cristina; LOPES, Luís (1989) – «Algumas considerações sobre os achados ósseos da 2.^a Capela da Epístola da Igreja do Convento do Carmo em Lisboa». *Actas do Colóquio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa: 149-153.
- NETO, Maria Cristina; LOPES, Luís (1995) – *Contribuição para a história demográfica da Freguesia da Charneca – Lisboa, entre 1921 e 1954*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- NETO, Maria Cristina; LOPES, Luís (1997) – *Relatório sobre o material osteológico recolhido na Igreja do Carmo (1.^a fase)*. Apresentado ao IPPAR.
- NETO, Maria Cristina (1996) – *Os enterramentos na Igreja do Carmo através das Crónicas dos Carmelitas*. Comunicação apresentada à Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa em 2 de Maio de 1996.
- NETO, Maria Cristina (1996) – *Os enterramentos no Convento do Carmo em Lisboa*. Comunicação apresentada à Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa em 4 de Novembro de 1996.
- NETO, Maria Cristina; SERRÃO, Eduardo da Cunha (1986) – *Relatório das Escavações nas*

Ruínas da Igreja de Santa Maria do Vencimento do Monte do Carmo, Relatório apresentado ao IPPC em Julho de 1986, Processo 82/1(210)DA.

- NETO, Maria Cristina; SERRÃO, Eduardo da Cunha e SANTANA, Francisco (1993) – «Escavações de dois carneiros nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo». *Arqueologia e História*. Série X, III, Lisboa: 223-228.
- NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos (2006) – «Sepulturas medievais escavadas na rocha no concelho de Lousada: o cemitério rupestre do Irmeiro (Boim)». *Oppidum*, 1: 47-67.
- OLIVEIRA, Ana Cristina (2006) - «Cabeceiras de sepultura do Concelho de Loures». *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*, Suplemento 3 de *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 215-242.
- OLIVEIRA, Eduardo F. de (1882-1911) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*, 17 vols, Lisboa, Tipografia Universal.
- OLIVEIRA, José Augusto (trad.); SILVA, Augusto Vieira da (pref.) (1935) - *Conquista de Lisboa aos mouros: 1147: narrada pelo cruzado Osberno, testemunha presencial*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- OLIVEIRA, José Augusto (1938) – *O Cêrco de Lisboa em 1147. Narrativa do glorioso feito conforme os documentos coevos*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- OLLICH I CASTANYER, L. (1982) – «Tipologia de la Necrópolis Medieval de l'Esquerda (Osona), en Necrópolis i Sepultures medievals de Catalunya». *Acta/Mediaevalia*, Annex 1. Facultat de Geografia i Historia. Pedralbes, Barcelona, in Hernández, 1991.
- OSÓRIO, Maria Isabel Pinto; SILVA, António Manuel S. P. (2003) - «Arqueologia de um espaço urbano. A Casa-Museu Guerra Junqueiro (Porto). Primeira Notícia», *Actas do III Colóquio de Arqueologia Urbana* (Almada, 1997), Câmara Municipal de Almada, Almada, in Dordio, 2005: 33.
- PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J.L.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M.A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M.L.; HENRIQUES, P.; FALÉ, P. (2006) – *Notícia explicativa da Folha 34-D Lisboa*, Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, Lisboa.
- PAYA, D.; CATALO, J.; CABOT, E.; DUCHESNE, S.; MOLET, A.; com a colaboração de CALLEDE, F.; GENEVIEVE, V.; DAYRENS, O.; LLECH, L. e MARLIÈRE, P.

- (2004) – *Metro Station Palais de Justice à Toulouse*, (nº sítio 31 555061 AH), relatório apresentado ao S.A.R. (Service Régional d'Archéologie).
- PAYA, Didier (2007) - «Le cimetière Saint-Michel de Toulouse : organisation et typologie des tombes». *Actes du 4e Congrès International d'Archéologie Médiévale et Moderne*, de 3 a 8 de Setembro 2007 em Paris, 2007, 8 págs e 10 figuras, publicação electrónica: <http://medieval-europe-paris-2007.univ-paris1.fr/D.paya.pdf>.
- PEYRE, Gilles (1993) – «Toulouse, Allées Paul Feuge», *Bilan Scientifique de la Région Midi-Pyrénées*, 1992. Ministère de l'Éducation Nationale et de la Culture, Direction du Patrimoine, Sous-direction de l'Archéologie, Paris: 54.
- PEREIRA, Armando de Sousa (2004) – «Guerra e Santidade: O Cavaleiro-Mártir Henrique de Bona e a Conquista Cristã de Lisboa», in *A Nova Lisboa Medieval*, Edições Colibri, Lisboa: 51-73.
- PEREIRA, Félix Alves (1915) - «Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)», *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 20, Lisboa: 107-115.
- PEREIRA, Maria Teresa Ribeiro Matos Fernandes Rocha (Teresa Fernandes) (2008) - *A População Medieval de S. Miguel de Odrinhas (Sintra) - Caracterização Biológica*, Dissertação de Doutoramento para a obtenção do Grau de Doutor em Biologia, apresentada à Universidade de Évora, Évora.
- PEREIRA, Paulo (1994) – «O Convento do Carmo», in Moita, 1994: 129-138.
- PEREIRA, Paulo (1995) – *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, in Villamariz, 2004.
- PERNOUD, Régine (1977) – *O Mito da Idade Média*, Colecção Saber, Ed. Europa-América, Lisboa.
- PINA, Isabel Castro (1996) – «Ritos e Imaginário da Morte em Testamentos dos Séculos XIV e XV», in Mattoso, 1996: 125-164.
- PINTO, Lara; ROBALO, Elisabete (2003) – *Parecer Mensal 2. Calçada Nova do Colégio e Envolventes*, Era Arqueologia SA: 5-6.
- PONTE, Salete da (1997) - «Necrópoles medievais de Tomar». *Arqueologia Medieval*, 5. Porto/Mértola: 47-56.
- RAMALHO, M.; PAIS, J.; REY, J.; BERTHOU, P.Y.; ALVES, C.A.M.; PALÁCIOS, T.;

- LEAL, N.; KULLBERG, M.C. (1993) – *Notícia explicativa da Folha 34-A Sintra*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- RAMALHO, Maria de Magalhães (1993) – *Relatório de Trabalhos Arqueológicos realizados no Antigo Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa*, entregue no IPPAR em 14 de Outubro.
- RAMALHO, Maria de Magalhães (1994) - «Testemunhos da vivência da morte no Convento de S. Francisco – Santarém, *Actas das V Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1993), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 161-172.
- RAMALHO, Maria M. B. Magalhães (1998) – *O Convento de S. Francisco de Santarém – História e Arqueologia de um Monumento*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- RAMALHO, Maria M.B. de Magalhães (2001) - «“Memórias sepulcrais” do Convento de S. Francisco de Santarém». In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 4, 1.2001. Lisboa: 145-185.
- RAMALHO, M. B. de Magalhães; LOPES, Carla (2005) – «Fragmentos do quotidiano na Santarém dos séculos X-XI. Objectos, alimentação e meio ambiente». *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Coord. Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina F. Fernandes, Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Palmela: 263-273.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira (1993) - «Do Hospital Real de Todos os Santos à História Hospitalar Portuguesa», *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade do Porto, Porto: 333-350.
- REAL, Manuel Luís (1982) - «A organização do espaço arquitectónico entre beneditinos e agostinhos no século XII», *Arqueologia*, 6, Porto: 118-132.
- REAL, Manuel Luís (1995) - «O convento românico de São Vicente de Fora», *Monumentos*, Lisboa. 2: 14-23.
- REAL, Manuel Luís (1995) - «Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular», *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, (Lisboa, 1992), Barcelona, Institut d’estudis Catalans, Universitat de Barcelona, Universidade Nova de Lisboa: 17-68.
- REAL, Manuel Luís (1998) – «Os Moçárabes do Gharb Português», *Portugal Islâmico. Os*

últimos Sinais do Mediterrâneo, Instituto Português de Museus, Lisboa: 35-56.

REI, António (2001) – «As Portas da Cerca de Lisboa no período islâmico. Estudo e reconstituição textual da notícia sobre as portas de Lisboa, a partir dos geógrafos árabes». *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 35-43.

REI, António (2004) – «Ocupação Humana no Alfoz de Lisboa durante o período islâmico (714-1147)», *A Nova Lisboa Medieval*, Edições Colibri, Lisboa: 25-42.

(1750) - *Relação Verdadeira e Individual do formidável incêndio, que se ateou no Hospital Real de Todos os Santos da Cidade de Lisboa, em 10 de Agosto, deste anno de 1750.* – Lisboa: na Officina de Manoel Soares.

RÊPAS, Luís Miguel (2007) - «Entre o mosteiro e a cidade: o recrutamento social das “donas” de Odivelas», *in* Kruss *et alii*, 2007: 232-238.

RIBEIRO, A.; ANTUNES, M. T.; FERREIRA, M. P.; ROCHA, R. B.; SOARES, A. F.; ZBYSZEWSKI, G.; MOITINHO DE ALMEIDA, F.; CARVALHO, D. de; MONTEIRO, J. H. (1980) – *Introduction à la Géologie Générale du Portugal*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

RIBEIRO, José Cardim (2006) - «A estela funerária medieval: questões de origem e de terminologia, rotas de difusão, enquadramento histórico e função social». *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*, Suplemento 3 de *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 597-611.

RIBEIRO, Manuel (1931) – *A Sé de Lisboa*, Porto, Edições Marques Abreu, *in* Villamariz, 2004.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann; DAVEAU, Suzanne (1998) – *Geografia de Portugal*. vol. I. A Posição Geográfica e o Território, Edições João Sá da Costa, Lisboa.

Rio (2003) – Revista Informativa de Óbidos, Setembro 2003: 18.

RIU, Manuel Riu (1983) – «Los Estudios sobre arqueologia medieval en España», *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, ISSN 01212-2960, 4: 277-288.

RIU, Manuel Riu (1990-1991) – «La investigación arqueológica en Francia, balance y perspectivas», *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, ISSN 01212-2960, 11-12: 529-532.

RIU, Manuel y BOLÓS, J. (1982) - «Observacions Metodològiques, esquemes i fitxes

de treball per a l'estudi de les sepultures, en Necrópolis i sepultures medievals de Catalunya». *Acta/Mediaevalia*, Annex I. Facultat de Geografia i Historia. Pedralbes, Barcelona, 25-27, in Hernández, 1991.

ROCHA, Artur; REPRESAS, Jessica (2008) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Edifício-Sede do Banco de Portugal (Lisboa) Volume I* – Texto, Lisboa, Relatório entregue em Maio 2008.

ROLLO, Raul (1994) – «Igreja e Convento de S. Domingos», *Dicionário da História de Lisboa*, Sacavém, Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda: 794-797.

ROSA, Ana (2005) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

RUELA, Rosa (1991) – «Cemitério medieval vem à luz no Largo de São Domingos». *A Capital*, 11 de Outubro: 11.

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (dir.) (1994) - *Dicionário da História de Lisboa*, 1.^a ed., Sacavém, Carlos Quintas & Associados – Consultores, 1994: 351-353.

SALDANHA, Nuno; SOROMENHO, Miguel (1994) - «O Mosteiro e Igreja de São Vicente de Fora», in Moita, 1994: 207-218.

SANTOS, A.C.C.F. (1993) - «Contributo para o estudo das sepulturas rupestres do Monte do Senhor da Boa Morte». *CIRA: Boletim Cultural*, 5, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira: 13-48.

SANTOS, Ana Luísa, UMBELINO, Cláudia (2007) - «Os militares da Reconquista Cristã. Dados Antropológicos sobre o passado Medieval e muçulmano de Évora». *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, 2, Dezembro 2007, Évora: 4-16.

SEPÚLVEDA, Eurico de; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) - «Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a terra sigillata», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 401-414.

SERRA, Susana (2009) – *Castelo de S. Jorge. Núcleo Museológico*, Câmara Municipal de Lisboa e EGEAC, Lisboa.

SILVA, Armando Coelho F.; CENTENO, Rui M. S. (1980) - «Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977-1978». *Portugalia*. Porto: 57-78.

- SILVA, A. Vieira da (1987) – *A Cerca Moura de Lisboa. Estudo histórico descritivo*. 3.^a edição, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- SILVA, Carlos Guardado da (2002) – *O Mosteiro de S. Vicente de Fora. A comunidade regrente e o património rural (séculos XII-XIII)*. Edições Colibri, Lisboa.
- SILVA, Carlos Guardado da (2008) – *Lisboa Medieval. A organização e a estruturação do espaço urbano*. Edições Colibri, Lisboa.
- SILVA, José Custódio Vieira da (2006) – «Lisboa Medieval. Breves Reflexões», *Revista de História da Arte*, 2, Instituto de História da Arte, Lisboa.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da Silva (1973) - «Igreja do Convento do Carmo», *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da Silva (1973) - «Largo do Carmo», *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*.
- SILVA, Rodrigo Banha da (1999) - *Relatório da Intervenção Arqueológica «Rua dos Douradores 1997» (Lisboa)*. Câmara Municipal de Lisboa, Departamento do Património Cultural, Divisão de Museus, Serviços de Arqueologia, Lisboa.
- SOBRAL, José Manuel (1987) – «Mentalidade, acção, racionalidade - uma leitura crítica da história das mentalidades», *Análise Social*, vol. XXIII (95), 1987 – 1.º : 37-57, in VILAR, 1990.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de (1927) – *Inscrições Sepulcrais da Sé de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional in Villamariz, 2004.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de (1951) – *Os «Jacentes» da Sé de Lisboa e a sua Indumentária*, in Fernandes, 2001.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de (1953) – «Os «Jacentes» da Sé de Lisboa e a sua Indumentária», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa in Villamariz, 2004.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de (1966a) – «Malfeitorias no túmulo do Rei D. Dinis», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. III, 2.^a ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 33-38.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de (1966b) – «Uma campa em São Lourenço de Carnide», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. III, 2.^a ed., Lisboa,

Câmara Municipal de Lisboa: 89-90.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982a) – «O cemitério da Ordem de Santiago no Adro da Sé», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. I, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 11-13.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982b) – «As Sepulturas de Santa Luzia», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. I, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 69-77.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982c) – «Uma velha inscrição de S. Francisco da Cidade», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. I, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 23-24.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982d) – «Dois túmulos medievais em São Domingos de Lisboa», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. I, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 25-28.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982e) – «A igreja paroquial de São João Baptista do Lumiar (Breves apontamentos para a sua história)», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. II, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 93-111.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982f) – «Inscrições Lisbonenses recolhidas no Museu do Carmo», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. II, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 213-265.

SUCENA, Eduardo (2001) – «Os Muros Afonsinos de Lisboa», *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 45-48.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1989) – *Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença,

TÁVORA, Luís Gonzaga de Lencastre e (1984) – *A Heráldica Medieval na Sé de Lisboa*, Ramos Afonso & Moita, in Fernandes, 2001.

TEIXEIRA, F.A. Garcez; SOUSA, José Maria Cordeiro (1928) - «Inscrições do Museu do Carmo», *Arqueologia e História*, 6ª série, 6, Lisboa: 21-22.

TEIXEIRA, Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes (1996) - *De Aquae Flaviae a Chaves: Povoamento e Organização do Território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade

do Porto, Porto.

TENTE, Catarina (2007) - «A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela». *Trabalhos de Arqueologia*, n. 47, Lisboa.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998) - «Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 1, 2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 191-218.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002) - «Sepulturas Medievais do Distrito de Évora». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 5, 1, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 239-258.

TEVES-COSTA, Paula; ALMEIDA, I. Moitinho de; GOMES, Emília (2004) - «Caracterização Geotécnica dos Solos da Área da Grande Lisboa e Concelhos Limítrofes», *SÍSMICA 2004 - 6º Congresso Nacional de Sismologia e Engenharia Sísmica*, Lisboa: 311-320.

TIMÓTEO, Maria (1999) - *Convento de São Salvador*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

TORRES, Cláudio (2001) - «Lisboa Muçulmana. Um espaço urbano e o seu território». *Arqueologia Medieval*, 7, Lisboa: 73-77.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1998) - *O Legado Islâmico em Portugal*, Fundação Círculo de Leitores, Lisboa.

TORRES BALBÁS, Leopoldo, s.d. - *Ciudades Hispano-Musulmanas. Historia e instituciones: organización de las ciudades: las calles*, Tomos I, s.l., Ministério de Assuntos Exteriores.

TORRES BALBÁS, Leopoldo, s.d. - *Ciudades Hispano-Musulmanas. Las defensas urbanas*, Tomos II, s.l., Ministério de Assuntos Exteriores.

TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (2000) - «Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de S. Domingos». *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 59-71.

TRINDADE, Laura; LOPES, Luís; NETO, Jorge Luís; DIOGO, A.M. Dias (2001) - «Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa». *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 109-124.

- VALDEZ, Joana; PINTO, Filipa; NISA, João (2008) - «Sepulturas Escavadas na Rocha do Monte do Biscaia (Gáfete, Crato), *Almadan on-line, Adenda electrónica*, II Série (16), Lisboa: 1-7.
- VALE, Teresa Leonor M. (2003) - «Breve percurso pela tumulária do antigo Convento de S. Domingos de Benfica, Lisboa: abordagem de alguns exemplares relevantes». *Olisipo* : boletim do Grupo Amigos de Lisboa. - Lisboa. - S. 2, 18 (JAN.-JUL. 2003): 18-30.
- VALE, Teresa; GOMES, Carlos (1994) – *Igreja de São Lourenço*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.
- VALE, Teresa; FERREIRA, Maria (1998a) - *Convento de São Salvador*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.
- VALE, Teresa; FERREIRA, Maria (1998b) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.
- VALERA, António Carlos (1990) – *Sepulturas escavadas na rocha do Concelho de Fornos de Algodres*, G.A.F.A.L., Fornos de Algodres.
- VALERA, António Carlos (2005) - «Intervenções da ERA Arqueologia S.A. em 2004», *Almadan*, IIª Série, 13, Almada: 144-145.
- VALERO, Sebastián Andrés (1979) – *Excavaciones arqueológicas en Varea (Logroño, Rioja): Necropolis Medieval (Primera campaña, 1979)*, Logroño: 51-63.
- VASCONCELLOS, José de Leite de (1900) - «Analecta epigráfica lusitano-romana», *O Arqueólogo Português*. 1ª série, 5, Lisboa: 138-143; 170.
- VIANA, Abel (1949) - «Estelas discóides do Museu de Beja». *Arquivo de Beja*, Vol. VI. Beja: 37-83.
- VICÊNCIO, Ana M. G.; MORIM, Elisabete L.; PARREIRA, Vera C. M. (2003) - RECURSOS PEDOLÓGICOS. Caracterização dos Solos.
- VIEIRA, Marina Afonso (2004) – «Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval». *Trabalhos de Arqueologia*, 36, Lisboa.
- VILAR, Hermínia Maria de Vasconcelos Alves (1990) – *Vivência da Morte na Estremadura Portuguesa (1300-1500)*. (Dissertação de Mestrado de História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Lisboa.

VILAR, Hermínia Vasconcelos (1996) – «Rituais da Morte em Testamentos dos Séculos XIV e XV (Coimbra e Santarém)», *in* Mattoso, 1996: 165-176.

VILAR, Hermínia; BRANCO, Maria João (1992) - «A fundação do mosteiro de Odivelas» *in Actas. Congreso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense: 590-592.

VILLAMARIZ, Catarina – «A Sé de Lisboa e a Arquitectura Claustal», *A Nova Lisboa Medieval*, Edições Colibri, Lisboa, 2004: 153-164.

ZAMORA CANELLADA, Alonso (1979) - «Excavaciones en el Atrio Norte de San Millán de Segovia. Epocas céltica y medieval». *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 6, Madrid, *in* Hernández, 1991.

Cartografia

ATLAS do Ambiente Digital (1975a) – *Temperatura*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1975b) – *Precipitação*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1975c) – *Vento*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1975d) – *Radiação Solar*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1975e) – *Geada*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1978) – *Carta dos Solos*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1980) – *Acidez e Alcalinidade dos Solos*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1982a) – *Carta de Capacidade de Uso do Solo*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1982b) – *Carta Hipsométrica*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1984a) – *Notícia Explicativa I.4.1 e I.4.2, Precipitação, Quantidade Total e Número de dias no ano (Precipitação Igual ou Superior a 1,00mm)*, Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa.

ATLAS do Ambiente Digital (1984b) – *Carta Ecológica*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1985) – *Regiões Naturais*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1986) – *Notícia Explicativa I.5.1, Geada, Duração da época no ano agrícola. Número de dias no ano (Outubro a Setembro)*, Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa.

ATLAS do Ambiente Digital (1989) – *Carta da Hidrografia Continental*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

ATLAS do Ambiente Digital (1990) – *Notícia Explicativa I.7, Vento*, Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa.

ATLAS do Ambiente Digital (1999) – *Zonas Fitogénicas Predominantes*, esc. 1:1000000, Instituto do Ambiente.

BRAUN, Georg (1541-1622) - *Olisipo, sive ut pervetustae lapidum inscriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiu* [Material cartográfico / J. Braunio - [Escala não determinada] - [S.l.: s.n., 19--] - 1 vista, facsimilada: p&b; 20,40x48,60 cm em folha de 32,00x58,70 cm <http://purl.pt/1514> - Na margem inferior apresenta impressa a menção: “*Vista de Lisboa no século XVI, segundo o Theatrum Urbium de J. Braunio*” - Este exemplar, C.C. 250 V., apresenta duas cotas antigas inscritas no verso.

Carta Geológica de Portugal (2006) – Folha 34-D, Lisboa, esc. 1:50000, Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, Ministério da Economia e da Inovação, Lisboa.

Carta Geológica de Portugal (2007) – Folha 34-B, Loures, esc. 1:50000, Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, Ministério da Economia e da Inovação, Lisboa.

Carta Militar de Portugal Série M888 (2008) – Folha 415, Colares (Sintra), esc. 1:25000, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Carta Militar de Portugal Série M888 (2009) – Folha 402, Mafra, esc. 1:25000, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Carta Militar de Portugal Série M888 (2009) – Folha 417, Loures, esc. 1:25000, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Carta Militar de Portugal Série M888 (2009) – Folha 431, Lisboa, esc. 1:25000, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Lisbona per praeclara Portugalliae metropolis [Material cartográfico] - [Escala não determinada] - [S.l.]: Rombout van den Hoeye, [16--] - 1 pl.: gravura, p&b; 41,30x53,70 cm <http://purl.pt/1714> - O exemplar, C.C. 252 V., apresenta duas cotas antigas inscritas no verso. - Na parte inferior contém notícia explicativa em latim, flamengo e francês

Olisipo, sive ut pervetustae lapidum indcriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiv. [Material cartográfico]: *Caecale et Batheleem oppidula* / George Braun - [Escala não determinada]. - [S.l. : s.n., 15--] - 1 pl.: gravura, p&b; 34,50x48,20 cm em folha de 38,50x51,70 cm <http://purl.pt/3384> - No verso, apresenta texto em latim.

Olisippo [Material cartográfico]: Lisabona. - [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 15--] - 1 pl.: gravura, p&b; 28,90x36,20 cm <http://purl.pt/1420> - O exemplar, C.C. 142 P2, apresenta duas cotas antigas inscritas no verso. - Na parte inferior contém uma legenda em latim.

Olisippo [Material cartográfico]: Lisabona. - [Escala não determinada] - [Lisboa : s.n., 15--] - 1 pl.: gravura, p&b; 28,40x36,80 cm em folha de 29,70x38,50 cm <http://purl.pt/1755> - O exemplar, C.C. 132 P2, apresenta duas cotas antigas inscritas no verso.

TINOCO, João Nunes (???-ca1689) - *Planta da cidade de Lxa em q se mostrão os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro...* [Material cartográfico / delineada por João Nunes Tinoco; gr.Carvalho Jº r. - Escala [ca 1:3 100] - [Lisboa]: Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos do Reino, 1884 - 1 pl.: color.; 72x54 cm. <http://purl.pt/3880> - Na parte inferior da carta tem nomes de algumas ruas, praças, travessas e becos da cidade de Lisboa e respectivas freguesias

Web Sites

Base de Dados Endovélco/IPA

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71145

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71804

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=72498

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71213

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=70502

<http://www.larioja.com/20070805/cultura/hallan-calle-agustin-logrono-20070805.html>

<http://www.medievalum.com/index.php/hallada-en-armentia-una-necropolis-medieval.html>

<http://www6.uniovi.es/mieres/veranes/necro.htm>

<http://ww2.publico.clix.pt/print.aspx?id=1358630&idCanal=undefined>

<http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=3443>

http://www.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/carta_solos_aveiro.htm

<http://www.spea.pt/IBA/IBAs%20PDF/PT021.pdf>

<http://www.oceanario.pt/>

<http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=226>

Bibliografia Geral

- AA.VV. (2006) – *Presentación Resultados Excavación – Iglesia de San Martin de Forua – 15 de junio de 2006*. Diputación Foral de Bizkaia.
- ANÓNIMO (1969) – *Crónica do Condestabre de Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.
- ARIÉS, Philippe (1988) – *O Homem Perante a Morte*. 2 vols. Lisboa: Europa-América.
- AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de (2001) – «Quatro pedras de armas de estilo quatrocentista do património de Lisboa». *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 91-97.
- BAENA, Visconde de Sanches de (1872) – *Archivo Heráldico-Genealógico*. Lisboa.

- BALMAÑA, Elisenda Vives i (1982) – «Estudi antropològic de dos enterraments infantils de San Miquel de la Vall», *Acta històrica et archaeologica mediaevalia*, 3, Barcelona: 201-208.
- BARAT, Yves (2001), com a colaboração de M. LANGLOIS, D. BRICON - «Habitats et nécropoles du haut Moyen Âge en vallée de Vaucouleurs (sites de Septeuil et Villette, Yvelines)», *Revue archéologique du centre de la France*, 40: 133-165.
- BOC, 217, 9 Nov. 2001, Decreto 102/2001.
- BOLÒS I MASCLANS, Jordi; SABATER, Miquel Fàbreges (1982) – «Sepultures excavades a la roca a les roladies de Serrateix», *Acta històrica et archaeologica mediaevalia*, 3, Barcelona: 155-172.
- BOLÒS, J.; PAGÈS, M. (1997) – «Les sepultures excavades a la roca». «Necrópolis i Sepultures Medievals a Catalunya». *Acta/Mediaevalia*, anexo 1: 59-103.
- BONIN, Thierry (2000) - «Le site de Chessy et l'occupation du sol en Île-de-France (VIe-Xe siècle)», *Archéologie médiévale*, 29: 1-68.
- BROTHWELL, D.R. (1975) – *Digging up bones*. London: British Museum.
- Burial in Early Medieval England and Wales*. Éd. S. LUCY e A. REYNOLDS (Soc. Medieval archeol. Mon., 17), Londres, 2002.
- CABALLERO ZOREDA, Luis, 1989 – *Pervivencia de elementos visigodos en la transición al mundo medieval. Planteamiento del tema*, «Actas del III Congreso de Arqueología Medieval Española», vol. I, Universidad de Oviedo: 111-134.
- CAEIRO, Baltazar Matos (1989) – *Os Conventos de Lisboa*. Lisboa: Distri Editora.
- CAMPOS, Vincent (1997) – «Las sepulturas medievales: Introducción a su estudio práctico», *Acta històrica et archaeologica mediaevalia*, 18, Barcelona: 525-544.
- CANTINO-WATAGHIN (Gisella) e LAMBERT (Chiara), «Sepulture e città. L'Italia settentrionale tra IV e VIII secolo», *Sepulture tra IV e VIII secolo...*: 89-114.
- CANTINO-WATAGHIN, Gisella (2000) - «Christianisation et organisation ecclésiastique des campagnes : l'Italie du Nord au IVe-VIIIe siècles», in G. P. BROGIOLO, N. GAUTHIER, N. CHRISTIE (éd.), *Towns and their Territories between Late Antiquity and the Early Middle Ages*, Leyde-Boston-Cologne, (*The Transformation of the Roman World*, 9): 209-234.

- CARBONELL, Jordina Sales (1993-1994) – «Tombes i necrópolis isolades a la comarca de L'Anoia», *Acta històrica et archaeologica mediaevalia*, 14-15, Barcelona: 317-336.
- CARVALHO, Sérgio Luís (1989) – *Cidades Medievais Portuguesas. Uma introdução ao seu estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CASIMIRO, Augusto (1947) – *Lisboa Mourisca*. Vila Nova de Famalicão: Minerva.
- CASTANYER, Immaculada Ollich i (1993-1994) – «Arqueología de la mort: una perspectiva de la Història Medieval», *Acta històrica et archaeologica mediaevalia*, 14-15, Barcelona: 277-290.
- CASTILHO, Júlio de (1936) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. 2.^a Ed., 12 vols. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CLARIANA, F. (1992) – «Anotaciones al estudio de las necrópolis altomedievales de la comarca del Maresme», *Actas del III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo, 1989, Tomo 2: 493-499.
- COELHO, ANTÓNIO BORGES (1972) – *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. I e 2, Lisboa.
- COELHO, Catarina (2002) – «O Castelo dos Mouros (Sintra)», *Mil Anos de Fortificações na península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, Lisboa: 397-404.
- COLARDELLE, Michel (1983) - *Sépulture et traditions funéraires du Ve au XIII siècle apr.J.-C. dans les campagnes des Alpes françaises du Nord*, Grenoble.
- CROS, João du (1956) – *Livro do Armeiro-Mor*. Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- CRUBÉZY, Éric e RAYNAUD, Claude (1988) - «Le passage de la sépulture individuelle à la sépulture de groupe, du IIIe au XIIe siècle, dans le sud-ouest de la France», in L. BUCHET (dir.), *Anthropologie et histoire ou Anthropologie historique*. Actes des 3e journées anthropologiques de Valbonne (1986), Paris : 195-208.
- Chancelarias Portuguesas. D. Afonso IV.* (1992). 3 vols., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- Chancelarias Portuguesas. D. Duarte.* (1992). 3 vols., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I.* (1992). 1 vol., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.

tífica, Lisboa.

CHAPELOT, Jean (s.d.) - «Le point de vue d'un archéologue. La transition de l'habitat rural en Provence de l'Antiquité tardive au XIe-XIIIe siècles, un phénomène encore mal cerné. Le cas de la France du Nord» em *Autour du «village»...* no prelo.

CHOUQUER, Gérard e FAVORY, François (1991) - *Les Paysages de l'Antiquité. Terres et cadastres de l'Occident romain*, Paris.

D'ORNELAS, A. (1923) - «Os túmulos de D. Pedro e D. Duarte de Menezes». *História e Genealogia*. CXXVII, 10, Lisboa: 173-185.

DE MEULEMEESTER, Johnny; HENROTAY, Denis e MIGNOT, Philippe (1999) - «Facteurs de regroupement villageois entre Meuse et Moselle au sud de la Meuse (Belgique/Grand-Duché de Luxembourg). Une appréciation actuelle des connaissances archéologiques», *Ruralia*, 3, Prague: 24-36.

DEOS, Frei Jacinto de (1670) - *Escudo dos Cavaleiros das Ordens Militares*. Lisboa.

DIAS, Marina T. (dir.) (1990) - *O Rossio* (Guias de Lisboa pelos olisipógrafos, 1). Íbis Editores, Lda, Lisboa.

DIAS, P. (1986) - *História da Arte em Portugal, O Gótico*, 4, Alfa, Lisboa.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (s.d.) - Intervenção arqueológica na rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa). *Actas do I Colóquio Estudos de Lisboa*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

DUBY, Georges (1990) - *A Idade Média, uma Idade do Homem*. Coleção Teorema, Editorial Teorema, Lisboa.

DURAND, Marc (1988) - *Archéologie du cimetière médiéval au sud-est de l'Oise. Relations avec l'habitat et évolution des rites et des pratiques funéraires du VIe au XVIe siècle, n.º spécial de la Revue archéologique de Picardie*.

DUVAL, Yvette (1988) - *Auprès des saints, corps et âmes. L'inhumation «ad sanctos» dans la chrétienté d'Orient et d'Occident du IIIe au VIIe siècle*, Paris.

Encyclopaedia Judaica (1979), vol. IV, Israel.

FERNÁNDEZ, Emilio Mitre (1986-1987) - «La preparación ante la muerte en torno a 1300», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 7-8, Barcelona: 219-243.

- FÉVRIER, Paul-Albert (1987) – *La mort chrétienne in* «Setimane di studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo», XXXIII, vol. II, Spoleto: 881-942.
- FIXOT, Michel e ZADORA-RIO, Elisabeth (dir) (1994) - *L'Environnement des églises et la topographie religieuse des campagnes médiévales*. Actes do IIIe congrès international d'archéologie médiévale (Aix-en-Provence, 18-20 septembre 1989), Paris.
- FRANÇA, José Augusto (coord.) (1994) – *A Sétima Colina*. Roteiro Histórico-Artístico. Livros Horizonte, Lisboa.
- FREIRE, A. (1973) – *Brasões da Sala de Sintra*. 3.^a Ed., vol. 2, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- FREIRE, Anselmo Braancamp (s.d.) – Cartas de Quitação del Rei Dom Manuel? *In Archivo Histórico Portuguez*. Lisboa: vol. 3.
- GAIME, Sébastien ; ROUGER, Éric; GAUTHIER, Fabrice; ARBARET, Laurent e AUVI-
TY, Cyrille (1999) - «De la nécropole à la motte castrale : l'exemple du site d'Olby
(Puy-de-Dôme). Premières données de fouilles», *Archéologie médiévale*, 29: 69-98.
- GALINIE, Henri (1996) - «Le passage de la nécropole au cimetière : les habitants des villes
et leurs morts, du début de la christianisation à l'an mil», *Archéologie du cimetière
chrétien...*: 17-22.
- GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras (1992) – *Nobiliário das Famílias de Portugal*. Vol.
III, tomos VII, VIII e IX, 3.^a Ed., Ed. de Carvalho de Basto, Braga.
- GÓIS, Damião de (2001) – *Descrição da Cidade de Lisboa*. Livros Horizonte, Lisboa.
- GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra (2002) – «O Castelo de S. Jorge – da fortaleza islâmica
à alcáçova cristã. Contribuição para o seu estudo», *in Mil Anos de Fortificações na
península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Edições Colibri, Câmara Municipal de
Palmela, Lisboa: 397-404.
- GONÇALVES, A.M. (1994) – «São Cristóvão (Igreja de)». *Dicionário da História de Lisboa*.
Lisboa: 793-794.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vols. V e XIV, Ed. Enciclopédia.
- GUERRERO SALA, Luís; SOLE MUNTANÉ, Judit; MUJAL RIBAS, Diego (1997) –
*Hostilidad y medio. Individuos de la necrópolis medieval de Santa María de Ivorra (La
Segarra, Lérida)*. Comunicaciones: 1-8.

- HÉLAS, Jean-Claude (1998) - «Cimetières médiévaux et rites funéraires en Languedoc : l'apport de l'archéologie», em *La Mort et l'Au-delà en France méridionale (XIIe-XVIe siècle)*, Cahiers de Fanjeaux, Toulouse : 283-318.
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho (1990) – *Portugal nos Finais da Idade Média: Estado, Instituições, Sociedade Política*. Livros Horizonte, Lisboa.
- HUNOT, J.Y. (1994) - «Le combustible dans les vases funéraires médiévaux et modernes en Anjou», dans *Fontevraud – Histoire – Archéologie*, 3: 49-61.
- IZQUIERDO BERTIZ, José Maria (1977) – *Trillo*: 273-275.
- IZQUIERDO, J. M^a (1975) – «La necrópolis medieval de las Vegas de Pedraza (Segovia)». *XIV Congreso Nacional de Arqueología*. Vitoria: 1241-1250.
- LEAL, A. P. (1875) – *Portugal Antigo e Moderno Dicionario ...*. Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia, Lisboa.
- LEÃO, Duarte Nunez do (1785) – *Descrição de Portugal*. Cap. 87, 2.^a Ed.. Officina de Simão T. Ferreira, Lisboa.
- LE MOS, Maximiano (s.d.) – *Enciclopédia Portuguesa Illustrada*. vol. IV. Ed. Lemos e Sucessor, Porto.
- LOPES, Fernão (1983) – *Crónica de D. João I*. 2 vols. Livraria Civilização Editora, Lisboa.
- MAIOR, M. R. (1949) – «A casa dos Mirandas na Rua das Flores». *Revista Municipal*. 40, Lisboa: 29-32.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1978) – *Introdução à História da Agricultura em Portugal. A questão cerealífera durante a Idade Média*, Editorial Presença, Lisboa.
- MATOS, S. (s.d.) – *Igrejas e Mosteiros de Lisboa*. Coleção Arte e Turismo. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa: 16-17.
- MATTOS, Armando de (1940) – *Brasonário de Portugal*. vol. 1. Livraria Fernandes Machado, Porto.
- MATTOSO, José (1982) – *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- MATTOSO, José; GONÇALVES, Iria; MIRANDA, Maria Adelaide; SERRA, Teresa Bo-

- telho; GOMES, Rosa Varela; CUNHA, Eugénia (2004) – *Estudos medievais*. Livros Horizonte, Lisboa.
- MOREIRA, A. J. (1847) – *Ramalhete*.
- MORENO, H. B. (1980) – *Batalha de Alfarrobeira*. 2.^a Ed., Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra.
- OLIVEIRA, António Resende de (2007) – «A Cultura da Nobreza (sécs. XII-XIV). Balanço sem perspectivas», *Medievalista on-line*, Ano 3, 3. Instituto de Estudos Medievais (www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista).
- PATRIARCADO de Lisboa (s.d.) – *Inventário Artístico*, vol. 1-4, Comissão de Arte Sacra, Lisboa.
- PAYA, Didier (1996) - *La Tombe et le Cimetière en Languedoc au Moyen Âge. L'exemple du diocèse de Maguelone (VIe-XVIe siècle)*, tese dactilografada. Montpellier III, 3 vol.
- PAYO, Conde de São (1935) – *A Capela da Piedade na Antiga Igreja do Carmo de Lisboa*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- PECQUEUR, Laure (2003) - «Des morts chez les vivants. Les inhumations dans les habitats ruraux du haut Moyen Âge en Île-de-France», *Archéologie médiévale*, 33: 1-31.
- PEREIRA DE STA ANNA, Fr. Joseph (1745) – *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observância nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Domínio*. Tomo Primeiro, Lisboa.
- PEREIRA, L. G. (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa*, Biblioteca Nacional, Lisboa: 325-377.
- PESEZ, Jean-Marie (1999) - «L'habitat dispersé : un problème historique pour l'archéologie» em B. CURSENTE (Éd.), *L'Habitat dispersé médiéval et moderne* (Flaran 18), Toulouse: 7-38.
- PILET, Christian (dir.) (1994) - *La Nécropole de Saint-Martin-de Fontenay (Calvados). Recherches sur le peuplement de la plaine de Caen du Ve siècle avant J.-C. au VIIe siècle après J.-C.*, Paris.
- PILET, Christian; ALDUC-LE BAGOUSSE, Armelle; BLONDIAUX, Joël; BUCHET, Luc; GRÉVIN, Giles e PILET-LEMIERE, Jacqueline (1990) - «Les nécropoles de Giberville (Calvados). Fin du Ve siècle-fin du VIIe siècle après J.-C.», *Archéologie médiévale*, t. 20: 3-140.

- PORTUGAL, Fernando e MATOS, Alfredo (1974) – *Lisboa em 1758*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- PRIGENT, D. (1996) - «Les céramiques funéraires (XIe-XVIIe siècle)», dans *Archéologie du cimetière chrétien* : 215-224 ;
- RESENDE, Garcia de (1973) – *Crónica de D. João II e Miscelânea*. Ed. INCM, Lisboa.
- RIU, Manuel Riu (1982) – «Enterramientos infantiles frente a las puertad o en el subsuelo de las viviendas en al España medieval (siglos X al XIII)», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 3, Barcelona: 185-200.
- RIU, Manuel Riu (1983) – «Los estudios sobre arqueología medieval en España», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 4, Barcelona: 277-288.
- RIU, Manuel Riu (1990-1991) – «La investigación arqueológica en Francia, balance y perspectivas», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 11-12, Barcelona: 529-532.
- RODRÍGUEZ, Salvador Claramunt (1986-1987) – «La muerte en la Edad Media: El mundo urbano», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 7-8, Barcelona: 205-218.
- ROIGÈ, Prim Bertran i (1982) – «Hallazgo de sepulturas antropomorfas y de una ollita gris en Bergús (Cardona, Barcelona)», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 3, Barcelona: 173-184.
- ROLDÁN, Ramón Bohigas; ROGINA, Pedro M. Sarabia; GABIOLA, Teresa Brígido; SANCINES, Ana Sobremazas (1986-1987) – «La necrópolis y el sarcófago grabado medievales de Collado de Cieza (Cantabria)», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 7-8, Barcelona: 413-420.
- ROMANO, David (1993-1994) – «Fossars jueus catalans», *Acta histórica et archaeologica mediaevalia*, 14-15, Barcelona: 291-315.
- SÁ, Mestre Fr. Manoel de (1727) – *Memorias Históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal*, Parte Primeira. Lisboa.
- SANTA ANA, Frei José de (1745) – *Crónica dos Carmelitas*. Lisboa.
- SANTOS, Maria Helena Ribeiro dos (2000) – *A Baixa Pombalina. Passado e Futuro*. Livros Horizonte, Lisboa.
- SERRALONGUE, Joël e TREFFORT, Cécile (1995) - «Inhumations secondaires et osse-

ments erratiques de la nécropole des Combes, à Yvoire (Haute-Savoie). Analyse archéologique et questions historiques» in *Pages d'archéologie médiévale en Rhône-Alpes*, t. 2 : 105-119.

SIDARUS, Adel; REI, António (2001) – «Lisboa e seu termo segundo os geógrafos árabes». *Arqueologia Medieval*, 7, Edições Afrontamento, Porto: 37-72.

SILVA, A.V. (1968) – *Dispersos*. vol. I. Biblioteca de Estudos Olisiponenses, Lisboa.

SILVA, E.S.F. (1947) – «A Igreja Paroquial de São Cristóvão», in Sep. *Olisipo*. Lisboa.

SOUSA, J. M. C. (1940) – *Inscrições Portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*. Academia Portuguesa de História, Lisboa.

SOUSA, J. M. C. (1951) – «A Inscrição Tumular do Bispo D. Fernando de Miranda», *Olisipo*. 53, Lisboa: 4-11.

SOUSA, J. M. C. (1982) – «Ainda a “capela dos Mirandas” na igreja de S. Cristóvão». *Colecção Olisiponense*, (2.^a Ed.). 2, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa: 83-84.

(1999) *Spaces of the Living and the Dead : An Archaeological Dialogue*, éd. C. E. KARKOV, K. M. WICKHAM-CROWLEY e B. K. YOUNG, Oxford (American Early Medieval Studies, 3).

TÁVORA, D. L. L. (1989) – *Dicionário das Famílias Portuguesas*. Quetzal Editores, Lisboa: 275.

TEIXEIRA, Fr. Domingos (1723) – *Vida de D. Nuno Álvares Pereira, Segundo Condestável de Portugal*. Lisboa.

TORRES, Cláudio (1992) – *História de Portugal*, Dir. J. Mattoso, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa: 360-437.

TREFFORT, Cécile (1994) - *Genèse du cimetière chrétien. Étude sur l'accompagnement du mourant, les funérailles, la commémoration des défunts et les lieux d'inhumation à l'époque carolingienne (entre Loire et Rhin, milieu VIIIe-début IXe siècle)*, tese dactilografada, Lyon, Université Lumière-Lyon II.

TREFFORT, Cécile (1996), *L'Église carolingienne et la Mort. Christianisme, rites funéraires et pratiques commémoratives*, Lyon.

VAN OSSEL, Paul (1992) - *Établissements ruraux de l'Antiquité tardive dans le nord de la*

Gaule = *Gallia*, 51e supplément, Paris.

VÁRIOS (1989) – *Comemoração dos 600 Anos da Fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

VAUCHEZ, André (1995) – *A espiritualidade da Idade Média Ocidental. Séc. VIII-XIII*. Editorial Estampa, Lisboa.

VIDAL, Eduardo (1877) – *História de Portugal*. 6 vols. Officina Typographica de J. A. De Mattos, Lisboa.

VISMARA, G. «La citta dei morti», em part.: 513-514.

WEELS, Calvin (1969) – *Ossos, Corpos e Doenças*. Col. Historia Mundi. Editorial Verbo, Lisboa.

YOUNG, Bailey K. (1991) – «Les nécropoles (IIIe-VIIIe siècle)», in *Naissance des arts chrétiens. Atlas des monuments paléochrétiens de la France*, Imprimerie Nationale, Paris: 94-121.

ZADORA-RIO, Élisabeth (1995) – «Le village des historiens et le village des archéologues», in *Campagnes médiévales : l'homme et son espace. Études offertes à Robert Fossier*, Paris: 145-153.

ZADORA-RIO, Élisabeth (2003) – «The Making of Churchyards and Parish Territories in the Early-Medieval Landscape of France and England in the 7th-12th Centuries: A Reconsideration», *Medieval Archaeology*, 47: 1-19.

ZADORA-RIO, Élisabeth ; GALINIÉ, Henri (2001) – «Les fouilles du site de Rigny, VIIe-XIXe s. (commune de Rigny-Ussé, Indre-et-Loire) : l'habitat, les églises, le cimetière. Troisième et dernier rapport préliminaire (1995-1999)», *Revue archéologique du centre de la France*, t. 40: 167-242.

Web Sites

www.turismoburgos.org

Índice das figuras

- Figura 1 – *Olisippo* [Material cartográfico]: *Lisabona*. - [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 15--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 28,90x36,20cm, in <http://purl.pt/1420>, Biblioteca Nacional. 56
- Figura 2 - *Olisippo* [Material cartográfico]: *Lisabona*. - [Escala não determinada]. - [Lisboa: s.n., 15--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 28,40x36,80cm em folha de 29,70x38,50cm, in <http://purl.pt/1755>, Biblioteca Nacional. 57
- Figura 3 - BRAUN, Georg, 1541-1622 *Olisipo, sive ut pervetustae lapidum indcriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiu*. [Material cartográfico]: *Caecale et Batheleem oppidula* / George Braun, [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 15--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 34,50x48,20cm em folha de 38,50x51,70cm <http://purl.pt/3384>, Biblioteca Nacional. 57
- Figura 4 - BRAUN, Georg, 1541-1622 *Olisipo, sive ut pervetustae lapidum inscriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiu* [Material cartográfico / J. Braunio. - [Escala não determinada]. - [S.l.: s.n., 19--]. - 1 vista, facsimilada : p&b ; 20,40x48,60 cm em folha de 32,00x58,70cm, in <http://purl.pt/1514>, Biblioteca Nacional. 58
- Figura 5 - *LISBONA PER PRAECLARA PORTUGALLIAE METROPOLIS* [Material cartográfico]. - [Escala não determinada]. - [S.l.]: Rombout van den Hoeye, [16--]. - 1 pl.: gravura, p&b; 41,30x53,70cm, in <http://purl.pt/1714>, Biblioteca Nacional. 58
- Figura 6 - TINOCO, João Nunes (?) -ca 1689 *Planta da cidade de Lxa em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro...* [Material cartográfico / delineada por João Nunes Tinoco; gr.Carvalho Jº r.. - Escala [ca 1:3 100]. - [Lisboa] : Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos do Reino, 1884. - 1 pl. : color. ; 72x54cm, in <http://purl.pt/3880>, Biblioteca Nacional. 59
- Figura 7 - Carta Geológica de Lisboa, esc. 1:100 000. 82
- Figura 8 - Carta Geológica 34B, esc. 1:100 000. 82
- Figura 9 – Carta Geológica, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000. 84
- Figura 10 - Carta da Hidrografia Continental, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000. 86
- Figura 11 - Carta da Temperatura, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000. 88

Figura 12 - Carta Hipsométrica, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	90
Figura 13 - Carta do Vento, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	91
Figura 14 - Carta da Precipitação, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	92
Figura 15 - Carta da Radiação Solar, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	94
Figura 16 - Carta da Geadas, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	95
Figura 17 - Carta dos Solos, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	96
Figura 18 - Carta de Capacidade de Uso do Solo, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	97
Figura 19 - Carta de Acidez e Alcalinidade dos Solos, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	99
Figura 20 - Carta Ecológica, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	100
Figura 21 - Carta das Regiões Naturais, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	101
Figura 22 - Carta das Zonas Fitogeográficas Predominantes, Atlas do Ambiente, esc. 1:25 000.	103
Figura 23 – Fragmento da planta de Lisboa, mostrando a implantação da Cerca Moura (segundo Oliveira, 1938) e localização possível de alguns dos cemitérios referidos supra, à época da tomada de Lisboa pelos Cruzados: a verde o cemitério moçárabe de São Mamede; a azul os cemitérios muçulmanos junto à encosta de São Vicente, à encosta da Graça, no monte do Castelo e um eventual cemitério em São Gens; finalmente, a vermelho, o cemitério judaico junto a São Gens.	110
Figura 24 – Fragmento da planta de Lisboa, mostrando a implantação da Cerca Moura (segundo Oliveira, 1938) e localização possível dos acampamentos dos cavaleiros alemães e portugueses (a vermelho) e dos ingleses (a azul), na época do cerco de Lisboa.	116
Figura 25 - Alçado esquemático com indicação das epígrafes (números árabes) e dos elementos heráldicos tumulares (números romanos) da Capela dos Miranda de São Cristóvão de Lisboa (in Matoso, 2001).	143
Figura 26 – Pormenor da Planta de Lisboa no final do século XVI, com a localização de Santa Maria do Carmo (in Ferreira, 1997).	147
Figura 27 – Reclusos, emparedadas e eremitas em Lisboa (séculos XIII-XIV) (Fontes, 2007: 264).	155

Figura 28 – Eremitas, «emparedadas» e beguinas em Lisboa (século XV) (Fontes, 2007: 270). 156

Figura 29 – Paróquias e cemitérios em Toulouse cerca de 1350. Paróquias (números a branco): 1. Basílica Saint-Sernin; 2. Igreja Notre-Dame du Taur; 3. Igreja Saint-Pierre-des-Cuisines; 4. Igreja Sainte-Marie de la Daurade; 5. Grupo catedral de Sint-Étienne; 6. Igreja Saint-Nicolas; 7. Igreja Sainte-Marie de la Dalbade. Principais cemitérios exteriores (números a verde): 1. Villeneuve; 2. Saint-Sauveur; 3 e 4. Cemitérios judaicos; 5. Saint-Michel. Outros (números a amarelo): 1. Dominicanos; 2. Agostinhos; 3. Saint-Pierre Saint Géraud; 4. Carmes; 5. Saint-Jean (Fonte: DRAC). 205

Figura 30 – Os sítios estudados no centro do termo de Lisboa: 1 - Sé Catedral de Lisboa; 2 - Igreja de Santa Luzia; 3 - Convento da Graça e antiga Igreja de Santo André; 4 - Igreja de São Cristóvão; 5 - Convento do Carmo e o respectivo Largo; 6 - Convento de São Vicente de Fora; 7 - Igreja de São Domingos; 8 - Convento de São Salvador; 9 - Igreja de São Francisco; 10 - Igreja de São Martinho; 11 - Praça da Figueira; 12 - Igreja de S. Lourenço; 13 - Convento do Espírito Santo da Pedreira. 256

Índice dos quadros

Quadro 1 – Distribuição por tipologia de sepultura.	210
Quadro 2 – Distribuição por tipos de cobertura.	211
Quadro 3 – Distribuição por existência de cabeceira.	211
Quadro 4 – Distribuição por orientação das sepulturas.	212
Quadro 5 – Distribuição de sepulturas com e sem caixão.	213
Quadro 6 – Distribuição por estado dos esqueletos.	214
Quadro 7 – Distribuição por disposição dos esqueletos.	214
Quadro 8 – Distribuição por sexo.	215
Quadro 9 – Distribuição por faixas etárias.	216
Quadro 10 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.	217
Quadro 11 – Distribuição quanto à disposição dos membros superiores.	218

Quadro 12 – Distribuição por evidência rática.	219
Quadro 13 – Distribuição por existência de patologias.	220
Quadro 14 – Distribuição de reutilização de sepulturas.	220
Quadro 15 – Distribuição por presença de espólio.	221
Quadro 16 – Distribuição de tipologias de espólio.	223
Quadro 17 – Distribuição por períodos cronológicos.	224
Quadro 188 – Distribuição por tipologia de sepultura.	229
Quadro 19 – Distribuição de reutilização de sepulturas.	239

Índice dos Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição por tipologia de sepultura.	210
Gráfico 2 – Distribuição por tipos de cobertura.	211
Gráfico 3 – Distribuição por existência de cabeceira.	212
Gráfico 4 – Distribuição por orientação das sepulturas.	213
Gráfico 5 - Distribuição de sepulturas com e sem caixão.	213
Gráfico 6 – Distribuição por estado dos esqueletos.	214
Gráfico 7 – Distribuição por disposição dos esqueletos.	215
Gráfico 8 – Distribuição por sexo.	215
Gráfico 9 – Distribuição por faixas etárias.	216
Gráfico 10 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.	217
Gráfico 11 – Distribuição quanto à disposição dos membros superiores.	218
Gráfico 12 – Distribuição por evidência rática.	219
Gráfico 13 – Distribuição por existência de patologias.	220

Gráfico 14 – Distribuição de reutilização de sepulturas.	221
Gráfico 15 – Distribuição por presença de espólio.	222
Gráfico 16 – Distribuição de tipologias de espólio.	224
Gráfico 17 – Distribuição por períodos cronológicos.	224
Gráfico 18 - Distribuição por tipologia de sepultura.	229
Gráfico 19 – Distribuição por deposição das inumações na sepultura.	236

Índice das tabelas

Tabela 1 – De cima para baixo: A – São Vicente de Fora; B – São Vicente de Fora (sepultura com e sem cobertura); C – São Vicente de Fora; D – São Saturnino (ambos os casos); E – São Lourenço (em cima) e São Martinho (em baixo); F – São Miguel de Odri-nhas; G - Igreja do Carmo.	265
---	-----

APÊNDICES

APÊNDICE A

CASO COMPARATIVO: CEMITÉRIO DE SAINT-MICHEL E CEMITÉRIO DO GRANDE PRIORADO DE SAINT-JEAN DE JÉRUSALEM, TOULOUSE

A.1.1. O cemitério de Saint-Michel

Este sítio integrava-se num conjunto constituído igualmente pelo cemitério moderno, assim como uma parte da Igreja de Saint-Michel, junto à via Narbonesa antiga (Paya *et alii*, 2004: 1). Foi descoberto quando da realização de escavações arqueológicas para a construção da estação de Metropolitano *Palais de Justice*, em Toulouse, muito recentemente.

Na Idade Média, a sua denominação era *barri du Castel* (em occitano), passando mais tarde a Saint-Michel. Situava-se junto à antiga porta sul da muralha da cidade, em contacto com o castelo Narbonnais. A Igreja de Saint-Michel foi construída depois de 1331, dentro do cemitério, e esteve em actividade até 1778¹. Outros investigadores permitiram pôr a descoberto vários túmulos medievais, como G. Peyre em 1992, cujos resultados se mantêm inéditos², na zona abrangida pelas praças Feuge e Lafourcade (ver Figura 31), ou como Jean Catalo, que evidenciou a existência de sepulturas quando da construção da *Cité Judiciaire*. Tanto um como outro dos arqueólogos efectuaram as intervenções referidas na envolvente directa do cemitério de Saint-Michel (Paya *et alii*, 2004: 1).

Com efeito, a intervenção de Jean Catalo (Catalo *et alii*, 1999) (RAP 01125) integrou-se num projecto de renovação e de reestruturação do *Palais de Justice* (Palácio de Justiça), e na sua transformação em *Cité Judiciaire* (Cidade Judicial). Os trabalhos permitiram pôr a descoberto o Castelo *Narbonnais* (Narbonês), que fora a residência dos Condes de Toulouse.

1 Este corresponde de facto ao cemitério de La Dalbade, como veremos adiante, no seio do qual foi construída a igreja de Saint-Michel em 1331 (Catalo *et alii*, 1999: 6).

2 Foi publicada uma breve referência aos trabalhos (Peyre, 1993), não tendo sido entregue qualquer relatório de escavação.



Figura 31 - Planta abrangendo as três zonas de intervenção arqueológica no cemitério de Saint-Michel (Toulouse) (in Paya et alii, 2004)

No que pode ser considerado um dos episódios mais célebres da cruzada dos Albigenses³, a Coroa de França tomou posse do condado de Toulouse no século XIII e transformou o seu castelo em cidade real (Catalo *et alii*, 1999: 3).

Na envolvente directa do castelo, encontrava-se a zona funerária. Esta, contudo, dividia-se em dois núcleos separados, que o investigador Jean Catalo denominou «cemitério 1» e «cemitério 2» (Catalo *et alii*, 1999).

Em ambos os casos houve evolução do modo de inumação.

O «cemitério 1» foi ocupado em três fases distintas, seguindo um eixo Este-Oeste: uma fase inicial de inumações desde a Antiguidade, com túmulos em espaço colmatado e sem ordenamento; uma segunda fase, com sepulturas datando dos séculos VIII-X, que apresentavam suporte ao nível da cabeça em material perecível sobre (ou inclinado para) a fossa, induzindo uma colmatagem progressiva; finalmente, a utilização final do cemitério situa-se em torno do ano 1000, com túmulos profundos e antropomórficos e que atinge o seu limite cronológico nos séculos XI-XIII (Catalo *et alii*, 1999: 39-40).

As sepulturas pertencentes a este último grupo⁴ distinguem-se das restantes pela sua posição estratigráfica e por uma tipologia afirmada. São túmulos geralmente profundos e rupestres (no sentido em que o substrato subjacente compõe directamente as paredes daqueles), mas o nível de superfície é marcado pela colocação de seixos de grande calibre e de fragmentos de telhas que destacam o contorno da zona escavada (Catalo *et alii*, 1999: 27). Estes materiais eram utilizados igualmente para a fixação de uma cobertura de carácter perecível, constituída por pranchas, dado que foram encontrados vários exemplares no

3 Referimo-nos ao episódio de cruzada contra os Cátaros, um conflito armado que decorreu entre 1209 e 1244, por iniciativa do Papa Inocêncio III, e que contou com o apoio da dinastia dos Capetos, reis de França à época. O objectivo consistia em reduzir pela força o catarismo, um movimento religioso de carácter gnóstico e maniqueísta e considerado herético, implantado no sudoeste de França, com o seu centro em Albi. Os cátaros eram apoiados no século XIII por diversos senhores: a coroa de Aragão; o seu vassalo, o conde de Toulouse, Raimundo VI; e os vassalos do condado de Toulouse, os condados de Cominges, Foix, Carcassone, Béziers, Albi e Limoux. O apoio declarado destes aos primeiros contra o clero católico culminou na batalha de Muret, em 1213, onde morreu o rei aragonês, Pedro II o Católico. Ao conde de Toulouse tinha-lhe valido a excomunhão em 1207. O assassinato do legado papal precipitou a intervenção de Inocêncio III e da coroa francesa e levou à constituição de um movimento de cruzada, que concedia a quem a fizesse privilégios semelhantes aos das cruzadas na Terra Santa. Depois de vários episódios sangrentos, muitos deles comandados por Simão de Monfort, como o massacre de Béziers (em que foram mortas 7.000 a 8.000 pessoas), ou o de Minerve (onde foram executados na fogueira 140 cátaros), teve lugar a batalha de Muret. Depois de 1226 sucederam-se as intervenções do monarca francês (quedas de Montségur em 1244 e de Quéribus em 1255, últimos redutos do catarismo, e submissão dos condes de Toulouse e seus vassalos à coroa francesa), o território do sudoeste ficaria definitivamente fora do domínio de Aragão e passaria a fazer parte integrante da coroa francesa. A este respeito ver Pernoud, 1977: 108-119; Borst, 1984; Bordonov, 1984; Markale, 1986; Duby, 1987: 372-292; Brenon, 1996; Marseille, 1997: 62-67; Aubarbier e Binet, 2001.

4 Sepulturas 7, 28, 37, 38, 52, 54, 55, 59, 62, 65, 69 e 70, ou seja, um total de 12 sepulturas.

enchimento da fossa. Jean Catalo conclui, portanto, que se tratava de sepulturas em espaço não colmatado⁵, facto confirmado pelo estudo tafonómico, e que implicou algumas vezes a deslocação do esqueleto (Catalo *et alii*, 1999: 27).

Na sua forma mais elaborada, o fundo da fossa era escavado de forma antropomórfica para acolher o mais justamente possível o corpo do defunto; era por vezes escavado um alvéolo cefálico a meia altura da fossa, o que dá ao esqueleto uma posição particular que caracteriza este período: o corpo estava adossado à parede ocidental da fossa, com os ombros comprimidos, a coluna cervical quase na vertical e o crânio em báscula para a frente; é observada a mesma posição em sepulturas ou inumações que não dispõem nem de alvéolo cefálico nem de forma antropomórfica. A decomposição fazia-se em meio não colmatado ou semi-colmatado (Catalo *et alii*, 1999: 27-28). Jean Catalo destaca ainda duas sepulturas (sep. 1a e 1b), situadas na mesma zona topográfica, no ângulo sudeste da escavação, dado que se encontram cerca de 1m mais altas que as outras e inscrevem-se na terraplanagem que sela as primeiras fases do cemitério. Pertencem a uma utilização da área funerária muito posterior e parecem ter incluído inumações em caixa de madeira, diferenciando-se também neste aspecto das referidas anteriormente (Catalo *et alii*, 1999: 28).

O estudo antropológico apresentado não distingue esta fase das anteriores, pelo que contabiliza 39 sepulturas (o total de todas as fases), apresentando 39 inumações *in situ*, 3 em redução e 9 provenientes dos enchimentos. O resultado em termos de efectivos é constituído por 19 indivíduos imaturos e 23 adultos, repartidos entre 15 homens e 5 mulheres. Para os restantes não foi possível determinar o sexo (Catalo *et alii*, 1999: 28-29).

Relativamente às patologias apresentadas⁶, o indivíduo da sepultura 38 (do sexo masculino, com mais de 30 anos) apresenta indícios relacionados com problemas de crescimento, uma fractura consolidada do lado direito e uma artrose pós-lombar; o da sepultura 69 (do sexo masculino, com idade aproximada entre 14 e 15 anos) mostra sinais resultantes de problemas de crescimento; e o da sepultura 59 (do sexo masculino? com mais de 30 anos) evidencia vestígios de esmagamento dos corpos vertebrais, artrose cervical antero-lateral, torácica e lombar (Catalo *et alii*, 1999: 18, 36-37).

5 «(...) O ordenamento de superfície parece por vezes dizer apenas respeito à parte ocidental do túmulo (sep. 59, 65, 69, 70). Esta particularidade poderia explicar as características de espaço colmatado que apresentam os membros inferiores dos esqueletos de algumas sepulturas. Nesta eventualidade, o túmulo não era perfeitamente hermético e a decomposição fazia-se em espaço semi-colmatado. O túmulo 38 dispunha de um ordenamento mais cuidado dado que a partir de uma escavação ovóide, era reservado um espaço quadrangular, com ajuda de uma caixa ou de pranchas formando parede, para a manutenção de um primeiro enchimento bem identificável na escavação arqueológica.» (Catalo *et alii*, 1999: 27).

6 Malformações vertebrais, problemas de ossificação, problemas de crescimento, problemas nutricionais e carências vitamínicas, patologias traumáticas (fracturas) e patologias degenerativas (artroses vertebrais) (Catalo *et alii*, 1999: 18).

O «cemitério 2», por outro lado, localiza-se na parte setentrional da zona de escavação, ocupando a parte central do fosso norte. Está implantado na zona de enchimento do fosso, em média a cerca de 1m abaixo do «cemitério 1». As 30 sepulturas postas a descoberto apresentam uma maioria de indivíduos imaturos (crianças abaixo dos 6 anos – 52% – e indivíduos de idade perinatal – 10%), associadas a uma grande maioria de sepulturas de adultos do sexo masculino⁷, e complementam o primeiro cemitério do ano mil até ao início do século XII⁸ (Catalo *et alii*, 1999: 48-51, 61-62).

Uma das hipóteses levantadas pelo investigador é que o «cemitério 2» corresponda a uma outra lógica de implantação, coincidindo com o cemitério judaico referido na documentação coeva. Estabelecido na sua origem ao lado do castelo Narbonês, seria transferido até 1325 para outro local⁹ (Catalo *et alii*, 1999: 62). Dado que as escavações em cemitérios judaicos são raras¹⁰, Jean Catalo fundamenta a sua teoria através da comparação com o exemplo da

7 «Os 30 túmulos do cemitério 2 fornecem um NMI de 30 indivíduos in situ, e 1 proveniente dos enchimentos. O efectivo do cemitério 2 está repartido entre 20 indivíduos imaturos e 11 adultos (4 mulheres e 7 homens). Uma grande maioria de homens e de crianças está inumada no cemitério 2. As crianças cuja idade está compreendida entre os 0 e os 3-4 anos estão inumadas no seio de um grupo de homens. Os túmulos das mulheres e das crianças mais velhas são distintos das outras sepulturas: quer estão situadas na periferia da zona escavada quer têm uma orientação diferente. Assim, podemos evidenciar um sector privilegiado, que associa preferencialmente homens e crianças de menos de 5 anos. (...)» (Catalo *et alii*, 1999: 51).

8 «(...) No plano antropológico e demográfico, a comparação entre os dois cemitérios apresenta-os como duas entidades complementares. As classes de idade não representadas no cemitério 1 são-no no cemitério 2, para populações muito semelhantes do ponto de vista biológico. Esta complementaridade não parece o resultado da existência de sectores privilegiados, por exemplo reservados às crianças para o cemitério 2, dado que as duas necrópoles não são estritamente contemporâneas. Esta característica é mais a consequência da duração de utilização de cada uma delas: longa para o cemitério 1 (séculos IV-X), curta para o cemitério 2 (séculos X-XII). A proporção de imaturos atinge os 2/3 dos efectivos do cemitério 2 (contra menos de metade no cemitério 1). Esta quantificação é compatível com o esquema de mortalidade natural para uma esperança de vida entre 25 e 30 anos. Tinha sido revelada uma proporção equivalente de imaturos para o cemitério da catedral de Saint-Etienne. Não se trata, portanto, aqui de um sector reservado ou de uma mortalidade de crise, mesmo se não foi escavada a totalidade da área funerária.» (Catalo *et alii*, 1999: 62)

9 «(...) Num acto de 1281, citado por Castel, é dito que “o Rei teria tomado o cemitério dos judeus para aumentar a construção do castelo narbonês, o qual cemitério estava junto ao dito castelo”... o capítulo e o preboste de Saint-Etienne permitem-lhe transferir o seu cemitério para esse campo, a troco do pagamento todos os anos de uma libra de gengibre ao capítulo de Saint-Etienne. Esse terreno foi recuperado pelo senechal real no quadro da operação de extensão do muro do Palácio entre 1274 e 1281. Essa transferência por razão de compra é confirmada por uma outra venda ao rei.» (Catalo *et alii*, 1999: 62). A existência de uma comunidade judaica em Toulouse está comprovada por textos desde o ano mil e em meados do século XI, formando um grupo humano de cerca de 200 a 300 pessoas nos séculos XII e XIII. O seu centro religioso era constituído pela sinagoga (ou «scola judéorum») e pelas respectivas dependências (banhos, tribunal e jardim). «(...) Severamente atingida pelas medidas económico-religiosas de Filipe le Hardi, depois fiscais de Filipe o Belo, a comunidade judaica de Toulouse diminui rapidamente entre 1274 e 1296. Em 1306 intervem a medida de expulsão do reino, o fecho da sinagoga e a apreensão de todos os seus bens, móveis e imóveis, que são de seguida vendidos em leilão. A venda da sua “scola” em 1310, do tribunal e do jardim em 1324 e o do seu cemitério do caminho de Auripens em 1325 marca o fim de uma organização comunitária judaica em Toulouse durante um longo período.» (Catalo *et alii*, 1999: 63).

10 «(...) Em França, a mais recente é a de Ennezat, perto de Clermont-Ferrand em 1992, mas para uma necrópole dos séculos XIII-XIV.(...)» (Catalo *et alii*, 1999: 64).

intervenção arqueológica levada a cabo em York, em Inglaterra, nomeadamente no tocante às sepulturas infantis associadas às de adultos do sexo masculino, ausência de pedras tumulares e homogeneidade tipológica ¹¹ (Catalo *et alii*, 1999: 64).

Para além dos fossos do castelo, estendia-se o cemitério de Saint-Michel.

Da sua totalidade foram objecto de intervenção, da responsabilidade de Didier Paya¹² e dos seus colaboradores, cerca de 320 m² de área funerária, dos quais 105 m² foram tratados num metro de espessura sedimentar (RAP 02876), e identificado e exumado um total de 729 indivíduos (esqueleto completo ou parte de esqueleto em conexão anatómica), à razão de aproximadamente 7 sepulturas por dia. A densidade média de sepulturas era de 7 inumações/m³. Assim, os investigadores estimam que o número de sepulturas efectivamente conservadas era de 2240, mas que antes das destruições da época moderna poderiam ultrapassar as 5000 (Paya *et alii*, 2004: 6). Neste cemitério, os numerosos cortes devidos à forte densidade de inumação permitem estabelecer uma cronologia relativa das sepulturas umas em relação às outras (Paya *et alii*, 2004: 16).

Segundo Jean Catalo, o estudo da arqueologia de um cemitério medieval distingue as informações de origem estratigráfica (tais como a topografia e a arquitectura da sepultura, o mobiliário e a cronologia relativa) das de natureza mais antropológica (como a posição e a tafonomia, o sexo e a idade ou a biologia) (Paya *et alii*, 2004: 14). Quanto às primeiras, a arquitectura das sepulturas é frequentemente o único parâmetro que pode ser tomado em conta para definir a tipologia dos modos de tumulação, fornecendo dados cruciais que constituem, também eles, critérios de classificação (Paya *et alii*, 2004: 16).

Saint-Michel surgiu por decisão do Conde Alfons, cerca de 1125, que decidiu criar um espaço de «zona franca», protegido, com uma entidade jurídica que possuía privilégios atractivos. Estendia-se por uma zona exterior das muralhas de Toulouse, atingindo cerca de 400 m. Um certo número de estabelecimentos religiosos e hospitalares vão implantar-se nesta

11 «(...) A escavação do cemitério de York, em Inglaterra, constitui o melhor estudo de referência. Evidenciou o pouco de diferenças entre cemitério cristão e este cemitério judaico do final dos séculos XII e XIII. São notáveis algumas analogias entre o sítio de York e o cemitério 2 da Cité Judiciaire: poucos cortes, grupo de crianças associadas a homens, ausência de pedras tumulares, homogeneidade tipológica. Não está excluído que as áreas funerárias descobertas correspondem ao cemitério judaico de Toulouse dado que as últimas sepulturas são contemporâneas da sua transferência. Os marcadores topográficos à nossa disposição tendem efectivamente a situá-lo na zona a Este do castelo Narbonês. Contudo, a antiguidade do cemitério 1 aparece pouco compatível com uma tal identificação. Se os últimos túmulos, apenas entrevistados, são bastante contemporâneos dos textos que mencionam o cemitério judaico, a sua sobreposição na localização de uma necrópole da Antiguidade tardia parece pouco provável. Apenas novos documentos e a exploração de outros sectores a Este do castelo Narbonês anterior ao final do século XIII poderiam fornecer informações próprias para infirmar ou confirmar esta hipótese.» (Catalo *et alii*, 1999: 64). Para o cemitério de York, consultar Lilley *et alii*, 1994.

12 Especialista em Arqueologia Funerária no INRAP da Universidade de Toulouse Le Mirail.

área, atraindo por isso uma população muito heterogénea constituída por artesãos, comerciantes e jornaleiros (trabalho braçal). A população nos *barri* do Castel, do Port Saint Antoine, de Sainte-Catherine e de Hauterive atingia, entre os séculos XIII-XIV, perto de 1500 habitantes. Estes, cerca de 1330, pediram que fosse construída a igreja de Saint-Michel, paga a suas expensas¹³ (Paya *et alii*, 2004: 17-18).

Da antiga Porta Narbonesa (virada na direcção de Narbonne, a sudeste) partiam quatro eixos viários: o caminho narbonês, para Sul; o caminho *ad Espinetum* (na direcção de Montauban), para Este; o caminho *ad Féletrane* (caminho de Saint-Roch), a Oeste; e, finalmente, o caminho de Sauzat, a Norte. O cemitério¹⁴ encontrava-se, pois, não muito distante de todas estas redes viárias. Por outro lado, a leprosaria¹⁵ estaria junto à Porta no século XII, a Este da via, e o recinto do Priorado de Lézat encontrava-se igualmente junto à Porta, embora à saída (Paya *et alii*, 2004: 19-20). Em Agosto de 1115, o conde-duque da Aquitânia, Guillaume IX, concede à abadia de Lézat aquele local, doação que é completada em 1127 pelo conde Alfons, mencionado supra. Os limites deste recinto eram a Este a via Narbonesa; a Sul e a Oeste, duas ruelas; e, a Norte, o fosso da cidade. Aí foram construídos uma igreja e um hospital, dispondo do direito de sepultura. O Priorado funcionou regularmente até meados do século XIV, sendo transferido para os Trinitários cerca de 1360¹⁶ (Paya *et alii*, 2004: 21).

Depois do afundamento demográfico devido às pestes e à guerra, o desenvolvimento urbano foi retomado lentamente em Toulouse, e especificamente nesta zona, a partir dos anos 1480. A figura da «zona franca» deixou de ser efectiva e as ordens religiosas tinham já abandonado quase todas a região. Por conseguinte, a zona construída avança no século XVI e estagna cerca de 1760. A maior parte da população é pobre, ver muito pobre, e o quarteirão atrai imigrantes solteiros, homens e mulheres, assim como população flutuante ligada

13 Para a construção, os habitantes pediram que fosse utilizada uma parte da zona murada do cemitério. O altar foi, assim, consagrado em 1334 (Paya *et alii*, 2004: 25).

14 A presença dos cemitérios encontra-se atestada tardiamente: os leprosos tinham o seu próprio cemitério no interior do seu recinto, o qual tinha sido autorizado pelo III Concílio de Latrão em 1179; a comunidade judaica tinha igualmente o seu próprio cemitério sob os muros do Castelo Narbonês (1270-1278). A prática funerária dos judeus respeitava as proibições da época antiga, inumando assim os seus defuntos fora de muros. O seu cemitério seria provavelmente tão antigo como a sua presença em Toulouse, atestada pelo menos desde 1071. Por fim, o cemitério em estudo, que se encontrava fora da Porta Narbonesa, e que se encontra mencionado em documentos que estipulam um negócio entre comerciantes. Os paroquianos da Dalbade (a zona imediatamente limítrofe) utilizavam igualmente este cemitério como local de inumação habitual (Paya *et alii*, 2004: 23-24).

15 A leprosaria seria transferida para outro local em Setembro de 1245. Conhecem-se as zonas de implantação de quatro leprosarias em Toulouse no século XII: em Arnaud-Bernard, em Sainte-Marie de Saint-Cyprien, em Matabiau e na Porta Narbonnaise (Paya *et alii*, 2004: 21-22).

16 Estes só se instalariam na cidade em 1407. O hospital é mencionado ainda no cadastro do território de La Dalbade (o nome manteve-se na rua actual onde este cemitério se encontrava) de 1477 (Paya *et alii*, 2004: 21).

às actividades dos transportes em barcos na zona fluvial. No entanto, e depois dos grandes trabalhos de fortificações do período de 1490 a 1530 em torno da Porta de Saint-Michel (a nova designação da Porta Narbonesa), o sector conserva-se praticamente imutável até 1760 (Paya *et alii*, 2004: 18).

A partir do século XVIII, os cemitérios para os habitantes de Saint-Michel e de La Dalbade passam a ser separados. Os habitantes de Saint-Michel morriam sobretudo de febres «pútridas», epidémicas, das necessidades provocadas pela miséria, pelo trabalho excessivo, pela alimentação pouco sã e por uma atmosfera empestada devido aos covis dos animais e das aglomerações de detritos que eram depositados nas hortas de Saint-Michel. O novo cemitério é então organizado em 1780. Quanto ao antigo cemitério, desafectado, acaba por ser esvaziado das suas sepulturas em 1788 e é depois progressivamente loteado (Paya *et alii*, 2004: 31-34).

Durante o período de utilização, o cemitério passa, assim, por várias fases de ocupação, correspondendo a diferentes formas de organização:

- A Fase 1 corresponde ao período Tíbero-Claudiano, tendo o cemitério funcionado entre o ano 20 e o final do século I d.C;
- A Fase 2A, correspondente à segunda metade do século IV e o fim do século V.

Estas integram-se na Antiguidade Tardia (Paya *et alii*, 2004: 34).

- Na Fase 2B, a orientação das sepulturas (ver Figura 32) demarca-se nitidamente das anteriores, encontrando-se agora virada a 80° e a 100° a Este. Notam-se sobreposições e cortes em relação às da fase anterior, passando esta a ser constituída por um alinhamento de túmulos construídos em tijolo, que se sucedem num eixo de cerca de 165°. Esses jazigos separam a zona funerária de uma via instalada a Oeste, que já não segue a orientação da antiga calçada. A sua parede externa prosseguia numa muralha contínua, constituindo um fecho físico do cemitério; acaba, assim, por ser a consequência do processo de organização da área anterior. As novas sepulturas desenvolvem a necrópole para a parte oriental do sítio, agrupando-se em torno de sepulturas antigas e adoptando a orientação geral Oeste-Este¹⁷ (Paya *et alii*, 2004: 38).

17 Os autores referem a existência de diversas sepulturas (sep. 555/556; sep. 509/514; sep. 632/648) que apresentam um fenómeno original ao fazer coincidir a fossa de uma inumação para retomar a localização exacta de um túmulo de época anterior. O novo inumado é assim depositado em contacto directo com o primeiro ocupante da sepultura. Observaram ainda a ausência de mobiliário funerário. No entanto, possuem datações de radiocarbono para três de entre elas: são os casos da sep. 564 (1155-1285 cal. AD a 91,1%), da sep. 637 (1185-1295 cal. AD a 94,3%) e a sep. 652 (1160-1290 cal. AD a 94,8%) (Paya *et alii*, 2004: 39).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)



Figura 32 - Planta correspondente à Fase 2B do cemitério de Saint-Michel, em Toulouse (*in Paya et alii*, 2004).

A fase 2, no seu todo, encontra-se escalonada entre 1160 e 1290.

A fase 3 corresponde a um novo período de organização do cemitério, definido geralmente pela orientação e pela retoma da delimitação do espaço funerário. Esta organiza-se em três sub-fases:

- A sub-fase 3A, com um novo alinhamento de caixas de tijolo que vem recificar o desvio do primitivo limite. Essas caixas são compostas por três muros encadeados, sendo o quarto de entre eles constituído pelo muro norte do jazigo anterior; todos os jazigos estão orientados Sul-Norte. O modo de inumação em caixão surge mais tardiamente. Com a construção de um novo muro de fecho, numerosas sepulturas adoptaram a orientação da mesma em dois ou três alinhamentos paralelos; e as sepulturas orientam-se perpendicularmente ao fecho, entre 60 a 80° Este. O novo cemitério parece organizar-se, assim, em função dos espaços vazios a partir de um certo afastamento do seu fecho (Paya *et alii*, 2004: 40-42);
- Na sub-fase 3B, a situação modifica-se totalmente em relação à primeira fase, adoptando a repartição das sepulturas já observado em finais do período 2. Vêm aglomerar-se aos anteriores novos túmulos, em longos rosários de eixo perpendicular ao muro de fecho ocidental. As linhas de sepulturas são mais estreitas e separadas por espaços de circulação restritos, proporcionando acesso aos túmulos no limite exterior a partir do centro do cemitério. Os cortes entre sepulturas são igualmente mais marcados: a parte superior ou inferior do esqueleto da inumação imediatamente anterior encontra-se frequentemente destruída pela nova sepultura, sem dar lugar a uma redução organizada. As caixas construídas descobertas no interior da zona de influência do cemitério pertencem do mesmo modo a esta fase. Um dos jazigos assemelha-se ao que se chama um *pourrissoir*¹⁸: no sentido do comprimento, observam-se nos seus lados orifícios organizados, feitos durante a construção, de modo a permitir a disposição de barras ou de vigas susceptíveis de manter um corpo, com ou sem caixão. Os corpos descobertos no interior não mostravam sinais de deslocação (Paya *et alii*, 2004: 42-43);
- Finalmente, a sub-fase 3C, a que correspondem as últimas sepulturas do período e que são igualmente menos profundas. Ocupam geralmente a periferia das linhas que organizam o cemitério, mostrando tendência a ganhar o espaço deixado para as zonas de circulação (Paya *et alii*, 2004: 43).

As sepulturas desta fase enquadram-se entre dois limites cronológicos: 1240-1305 e

18 Ver Glossário, Apêndice B, pp. 332-333.

1305-1365, correspondendo às sub-fases A e B+C¹⁹ (Paya *et alii*, 2004: 44-45).

Por fim, um último período, correspondente à fase 4, contemporâneo da construção da igreja, de 1331 a 1334 (Igreja no seu primeiro estado). As fachadas seguem um eixo Sudoeste-Nordeste, numa construção exclusivamente constituída por tijolos ligados entre si com uma argamassa de cal e sobre uma trincheira de fundação. O lado interior desta serviu para albergar um reagrupamento de ossos (constituído por ossos longos, coxais e crânios), saídos provavelmente da escavação efectuada para a fundação da igreja (Paya *et alii*, 2004: 46). Este período é também constituído por duas sub-fases (4A e 4B).

- Sub-fase 4A (1º Momento da Igreja): a Zona 1 (sub-fase 4A), cuja repartição e orientação das sepulturas as distingue das da fase anterior. Adoptam agora a orientação das paredes laterais da igreja, segundo os eixos compreendidos entre 50 e 60º Este. Estão dispostas em alinhamentos regulares e não espaçados, sendo cada uma delas reutilizada pelo menos três vezes. Um numisma de Carlos V (1365-1380) permite situar esta fase em cronologia posterior a 1364 (Paya *et alii*, 2004: 47-48);
- Na Zona 2 (sub-fase 4A), a organização conhece uma mudança notável, adoptando também o sistema de alinhamento. As sepulturas estão instaladas lado a lado, em camadas sucessivas, sem ter em conta as sepulturas subjacentes. A orientação seguida é geralmente a da igreja (Paya *et alii*, 2004: 48).
- Sub-fase 4B (2º Momento da Igreja)²⁰: na Zona 1, na igreja, as novas sepulturas que vêm perturbar o lajeado pertencem a um tipo particular. Repartem-se a espaços regulares no espaço entre duas vigas e na orientação dada pela nave. Trata-se de fossas profundas, em que se sobrepõem uma ou mais inumações em caixão. As fossas são preenchidas por um enchimento rico em ossos avulsos e detritos de lajeado, constituídos por areia e tijolos. A maioria dos ossos são longos e sem nenhuma ordem particular. A dimensão ou limite exterior dessas fossas lembra a laje tumular ou tumba rasa²¹ de Saint-Michel, quando esta foi levantada. Se as mesmas tiverem correspondido a lajes funerárias do mesmo tipo, a quase totalidade da superfície deste alinhamento de sepulturas teria sido coberta (num total de 6). Num segundo

19 Os dois limites temporais baseiam-se nas seguintes datações de 14C: sep. 703 (subfase 3B), 1210-1305 cal AD a 87,3%; sep. 717 (subfase 3A), 1240-1330 cal AD a 95,2%; sep. 44 (sem subfase definida), 1240-1325 cal AD a 67,3%; e sep. 301 (subfase 3A), 1305-1365 cal AD a 95,4% no primeiro pico (Paya *et alii*, 2004: 44).

20 Neste segundo momento, assiste-se a transformações na igreja posteriores à primeira construção, nomeadamente a aposição de um maciço junto à porta de entrada. A igreja adopta agora uma forma em L que se liga a um carneiro instalado na fachada do lado da nave; são ainda construídas tribunas com pilares em negativo (Paya *et alii*, 2004: 48-49).

21 Ver Glossário, Apêndice B, p. 330.

tempo, implantou-se uma «nova geração» de túmulos em função desta organização inicial: inserem-se nas primeiras localizações ou em contacto com estas, sob a protecção parcial das tumbas rasas sobrepostas e já mencionadas (Paya *et alii*, 2004: 49-50);

- Finalmente, a Zona 2 (sub-fase 4B). No cemitério o último nível de sepulturas conhecido foi estabelecido a profundidades de inumação (-143 e -143,46) comparáveis às da igreja (entre -142,7 e -143,45). A organização em alinhamentos paralelos ao muro de fecho ocidental mantém-se em toda zona conhecida. Assim, apenas os túmulos mais próximos da igreja parecem ser influenciados pela sua orientação particular. As sepulturas apresentam-se em camadas sucessivas com notáveis concentrações bem localizadas e são compostas por fossas largas com sobreposição ou não de inumações num mesmo local. Os autores apontam o facto de certas zonas parecerem reservadas aos imaturos de «classes 0, 1 e 2», nomeadamente no sector entre o carneiro 5 e a igreja (Paya *et alii*, 2004: 50). Referimo-nos a duas depressões de cerca de 1,30m de largura por 2m de comprimento que perturbam as sepulturas da fase anterior e que agrupam uma forte densidade de sepulturas infantis (10 numa das depressões e 13 na outra), cortando-se uma à outra. Esta concentração é rodeada por uma outra, anormal, de seixos dispersos nestes sectores. No final desta sub-fase, três túmulos de adultos, de época posterior a todas as sepulturas de imaturos, marcam o fim da utilização específica destas zonas (Paya *et alii*, 2004: 50-51).

Os responsáveis pelos trabalhos arqueológicos resumem esta complexa sobreposição de fases e sucessivos períodos cronológicos na seguinte síntese cronológica, feita a partir das análises de radiocarbono²² (Paya *et alii*, 2004: 53) e reproduzida na Figura 33:

- Em primeiro lugar, duas «aberrações»: a sepultura 539 (sub-fase 2A, 1280-1400 cal. AD) e a sepultura 281 (sub-fase 2B, 1305-1445 cal. AD);
- A seguir, um **período 2**, bastante curto, de 1155 (sep. 564) a 1210 (sep. 703);

22 Além das datações constantes nas notas de rodapé 17 e 19, são apresentadas as correspondentes aos túmulos descobertos dentro da igreja, a saber: para a sep. 195, 1295-1410, cal. AD a 95%, na 1ª fase; a sep. 163, a primeira sepultura sob a laje funerária, 1390-1480, cal. AD a 85,1%, para a fase 4B; e as últimas sepulturas descobertas na nave, a sep. 70 – 1460-1645 cal. AD a 95,4% - e a sep. 20 (1450-1635 cal. AD a 95,4%), ambas fora do limite cronológico do presente trabalho. São estas, no entanto, que mostram, segundo os autores «(...) com várias espécies monetárias recolhidas quando das limpezas de superfície, a possibilidade da presença de algumas sepulturas do período moderno, ver do século XVII. Se a sua presença não é de excluir, os dados à nossa disposição sobre a destruição do cemitério sugerem que são pouco numerosas a ser mais recentes que a data de 1545 retida para o fim do período. No jazigo 1, a sepultura 306 foi datada de 1345-1495 cal. AD a 95,4%. Essa calibração para a sepultura mais antiga encontrada no jazigo indica uma constante reutilização dessas estruturas.» (Paya *et alii*, 2004: 52-53).

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

- Um **período 3**, de 1210 à construção da igreja compreendida entre 1331 e 1343, e uma separação entre as sub-fases 3A e 3B + C cerca de 1300 (primeira metade do século XIV);
- E, finalmente, o período 4: 1428 para a sub-fase 4A, e 1380-1461 para a sub-fase 4B.

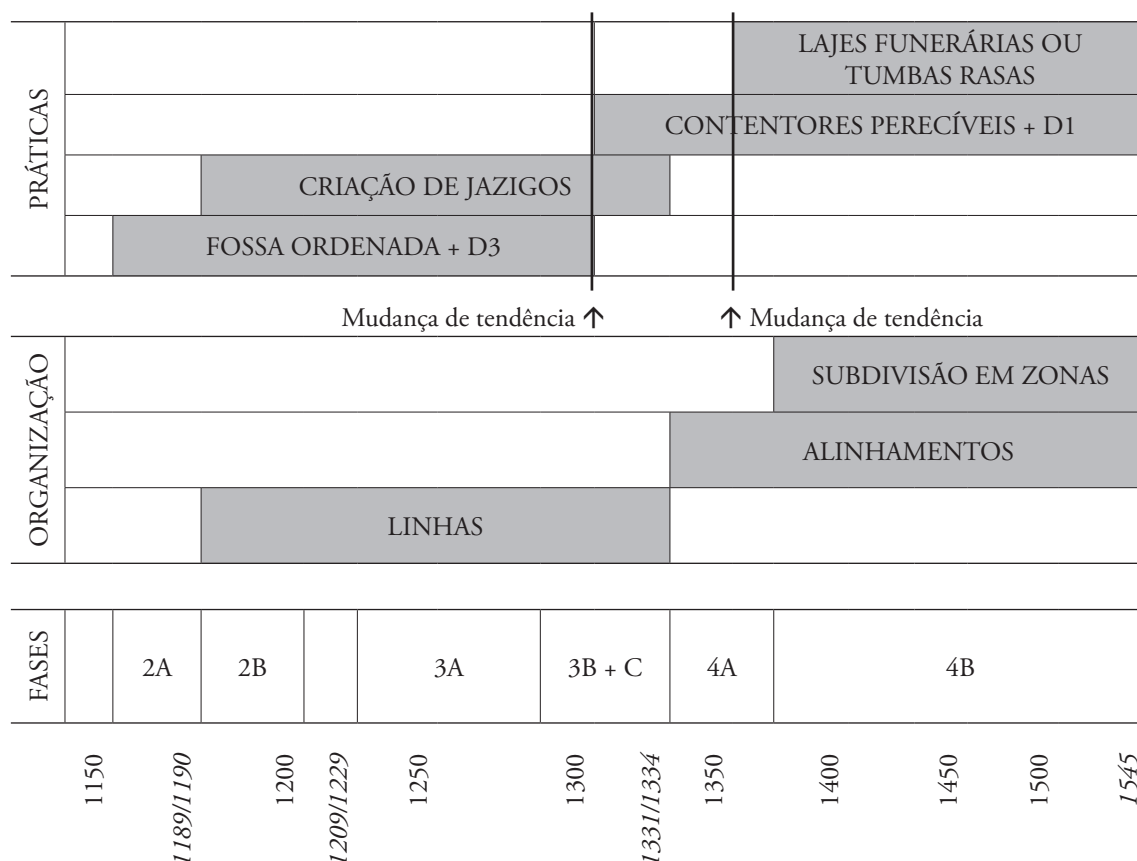


Figura 33 – Síntese cronológica do cemitério de Saint-Michel (segundo Paya *et alii*, 2004)

Didier Paya baseou as suas conclusões relativamente aos modos de inumação em critérios como o estudo da estrutura do túmulo ou arquitectura das sepulturas (fossa²³, fos-

23 «Este tipo de sepultura é definido pela ausência de meios de identificação de qualquer outro tipo de ordenamento. Os seus contornos são raramente discerníveis, quando nenhum vestígio de ordenamento tangível guia a sua libertação. Repousa no facto essencial que uma sepultura consiste pelo menos numa escavação na qual foi depositado um corpo (...)» (Paya *et alii*, 2004: 55).

sa ordenada²⁴, estrutura perecível²⁵, fossa larga²⁶ e jazigo²⁷), na caracterização do espaço de decomposição (colmatado, não colmatado e semi-colmatado²⁸), assim como na posição do cadáver (nomeadamente quanto à posição da cabeça e do corpo alto, que foram definidas como posição dorsal 1²⁹, dorsal 2³⁰ e dorsal 3³¹) e, finalmente, embora secundária, a posição dos membros superiores³². Chegou, assim, à formulação de um ensaio de tipologia, que evidência pelo menos 14 tipos recorrentes de sepulturas (presentes em 315 sepulturas, sobre 715 possíveis), cujos resultados são os seguintes (Paya *et alii*, 2004: 61-64):

– A posição D3 (dorsal 3) apresenta-se em declínio nas sub-fases 3B+C, e raramente

24 «Esta categoria agrupa todas as sepulturas que compreendem um ordenamento distinto da fossa. Algumas comportam elementos que protegem ou que produzem o efeito de fixação. Encontram-se frequentemente na região do crânio, mas também nos lados. A grande maioria dos materiais utilizados é constituída por seixos e tijolos de recuperação, fragmentados ou não (algumas comportam traços de argamassa), raramente construídos. Estes materiais são por vezes associados a outros elementos como coberturas em madeira cujos restos subsistem. Algumas de entre elas repousam sobre suportes sob a forma de envoltórios de seixos e/ou de fragmentos de tijolo. Essas coberturas foram fabricadas em pranchas, por vezes reunidas por pregos (...)» (Paya *et alii*, 2004: 55-56).

25 «Entram nesta categoria todos os vestígios constatados de contentores em materiais perecíveis destinados ao defunto: caixões pregados, caixões cavilhados, caixas de madeira, cestas (no que diz respeito às crianças). São os caixões os mais envolvidos, pelos seus restos lenhosos visíveis, mas serão admitidos neste perfil os túmulos nos quais foram encontrados, na escavação, pregos colocados de forma provada.» (Paya *et alii*, 2004: 56).

26 «Escavações identificadas cuja largura ultrapassa pelo menos 50 cm. Notemos que a maioria de entre elas é acompanhada de estruturas perecíveis, como os caixões.» (Paya *et alii*, 2004: 56).

27 «As caixas construídas em tijolo que formam o muro de fecho do cemitério constituem um tipo particular de arquitectura. Retivemos a denominação de jazigo tal como a definiu Yves Esquieu: uma estrutura construída susceptível de receber vários esqueletos (Esquieu, 1996: 206). A palavra deriva do latim *cavus*: côncavo e *cova*: fosso (Courtois, 1991: 67). Os sujeitos mais antigos são reduzidos, eventualmente deslocados de modo a deixar espaço a novos corpos.» (Paya *et alii*, 2004: 56).

28 Para as três definições, ver o Glossário, Apêndice B, p. 328.

29 «Dorsal 1: D1 – o corpo aparece deitado sobre as costas. O eixo do corpo situa-se à mesma altitude, a cabeça repousa ao mesmo nível que o corpo. Pode estar em posição zenital (o defunto olha para o alto).» (Paya *et alii*, 2004: 58).

30 «Dorsal 2: D2 – o corpo encontra-se alongado sobre as costas com uma sobrelevação do crânio que devia quando da inumação aparecer em vista antero-superior. Os crânios eram sobrelevados, quer por intermédio do bordo de uma fossa, quer por uma almofada “funerária”, quer pelo contributo de materiais não perecíveis (seixos, tijolos), destinados a fixar ou suportar a cabeça, quer finalmente por um ressalto do fundo da fossa (quando pode ser observado). (...) A posição D2 pode encontrar diversas explicações quanto à sua prática. A mais simples é a do depósito do corpo numa fossa arranjada ou não, não estando esta última automaticamente à medida do corpo. Isso pode explicar que a cabeça esteja frequentemente levantada e apoiada sobre o bordo da fossa.» (Paya *et alii*, 2004: 59-60).

31 «Dorsal 3: D3 – caracteriza-se para certas sepulturas que mostram um esqueleto que aparece quase em posição “sentada”, com os membros inferiores alongados. O crânio está em vista superior: o *rachis cervical* está frequentemente em posição, quase ou completamente vertical.» (Paya *et alii*, 2004: 60).

32 «A posição dos membros superiores é muito frequentemente tomada em conta nos estudos de posição dos corpos. É necessário ter em conta os movimentos durante a manipulação e a decomposição. No que diz respeito ao sítio de Saint-Michel (...). A posição alta é a das mãos sobre o peito ou dos membros em hiperflexão. A posição média é a de pelo menos uma mão no abdómen. A posição baixa compreende as mãos sobre a púbis ou ao longo do corpo.» (Paya *et alii*, 2004: 60).

nas sub-fases 4A e 4B;

- As fossas ordenadas estão presentes num terço dos casos nas sub-fases 2A, 2B e 3A; o seu número é menos importante nas sub-fases 3B+C e está ausente nas seguintes.

O cruzamento destes dois dados mostra que as sub-fases 3B+C são o período charneira que marca o abandono das fossas ordenadas e da posição D3 (Paya *et alii*, 2004: 65-66).

- O ordenamento com utilização de estruturas percíveis, associado à posição D1 (dorsal 1), aparece nas sub-fases 3B+C e na sub-fase 4A, tornando-se mais importante na sub-fase 4B (correspondente à presença na igreja);
- As estruturas percíveis são preferidas em relação à fossa simples: na igreja, 15 em 16 sepulturas evidenciam a utilização de caixão (representando cerca de 93,75% das estruturas), enquanto no cemitério³³ 6 em 63 sepulturas mostram a mesma utilização (cerca de 12,69%) (Paya *et alii*, 2004: 65);
- Finalmente, a posição D2 (dorsal 2), associada a uma estrutura funerária em fossa e a um espaço de decomposição semi-colmatado, surge maioritariamente da sub-fase 2A até à sub-fase 4A (Paya *et alii*, 2004: 67).

Dos dados acima mencionados destaca-se, no cemitério de Saint-Michel, uma ruptura entre dois momentos: as três primeiras sub-fases são caracterizadas por um cuidado particular dado à posição do corpo e a ordenamentos relacionados com a localização e a protecção; e um segundo período, com a generalização do modo de sepultura apenas condicionado pela noção de contentor, emergente a partir das sub-fases 3B+C (Paya *et alii*, 2004: 68).

No tocante aos vestígios osteológicos, o seu estudo permitiu concluir que a população, num total de 865 indivíduos, dos quais 735 exumados *in situ* (554 adultos e 190 imaturos) e 121 exumados das terras de enchimento dos jazigos 1 e 2 (76 adultos e 45 imaturos), constituindo um total de 122 mulheres e 198 homens identificados (79 mulheres e 128 homens para o cemitério e 43 mulheres e 70 homens nos jazigos), evoluiu desde o século IX até ao século XVI. Por outro lado, estes grupos reflectem uma mortalidade jovem na sub-fase 2A; uma mortalidade natural nas sub-fases 2B e 3A; um envelhecimento geral nas sub-fases 3B+C; e um envelhecimento acentuado na sub-fase 3C e na igreja (sub-fase 4B) (Paya *et alii*, 2004: 80-88).

³³ Os autores chamam a atenção para o facto de ter de se levar em consideração a humidade no exterior, que acelera o processo de decomposição da madeira, associada à decomposição em espaço vazio (ou não colmatado), que surge em 38 das 63 sepulturas do cemitério. Este facto demonstra que a igreja se mantinha como um espaço de inumação privilegiado (Paya *et alii*, 2004: 66).

Existem sinais de patologias degenerativas, nomeadamente nas sep. 145 e 79, ambas integráveis na sub-fase 4A. Ambos eram indivíduos com mais de 30 anos, evidenciando o primeiro espondilartrite anquilosante e o segundo uma patologia hiperostósica (ou rigidez progressiva da coluna vertebral). Nas fases mais recentes (sub-fases 3A a 4B), ao contrário do que caracteriza as fases mais antigas (que estão excluídas do período cronológico em estudo no presente trabalho, e mostrando um elevado número de casos de doenças infecciosas, amputações e trepanações com sucesso, o que era raro na época), a população evolui: esta é, assim, uma população natural, passando a envelhecida, facto que é comprovado pelas patologias analisadas, nomeadamente as traumáticas. O seu perfil morfológico modifica-se também ligeiramente. A estatura e a capacidade craniana aumentam, assim como a sua robustez, resultantes de um melhor ambiente sanitário. O número de casos que evidenciam patologias infecciosas reduz-se para metade em relação à população antiga, e a sensível diminuição de sujeitos poli-traumatizados e o aumento da estatura comprovam o acesso a uma melhor alimentação e a um melhor nível de vida (Paya *et alii*, 2004: 94-106).

O presente caso constitui neste momento um projecto de investigação, que será lançado em final do corrente ano de 2010.

A.1.2. O cemitério do Grande Priorado de Saint-Jean de Jerusalém

O antigo Hôtel Saint-Jean, ou Antigo Priorado dos Hospitalários de Saint-Jean de Jerusalém, em Toulouse, foi objecto de um projecto de investigação, liderado desde 2000 por Nelly Pousthomis-Dalle, tendo em vista a instalação da futura *Direction Régionale des Affaires Culturels*³⁴ (Direcção Regional dos Assuntos Culturais). A avaliação, feita em 1996-1997, resultou neste último ano numa «(...) *reflexão colectiva que conduziu à desobstrução de um espaço compreendido entre a caixa de escadas do século XVII e o antigo muro norte da igreja, revelando a existência de dois jazigos esculpidos e pintados do século XIII, particularmente bem preservados, contendo cada um um sarcófago sobrepondo-se a um pourrissoir. (...)*»³⁵ (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 5). Seguiram-se outras campanhas, decorridas em 1999-2000 (RAP 00082) e entre 2004 e 2006 (RAP 04330 e RAP 05005).

34 Nesse edifício encontra-se hoje instalado igualmente o Arquivo e Biblioteca de Arqueologia da mesma Direcção Regional, Secção de Midi-Pyrénées.

35 A descoberta e as primeiras escavações foram efectuadas por uma vasta equipa de investigadores: Olivier Gaiffe e Bernard Marty (Serviço Regional de Arqueologia); Dominique Watin-Grandchamp e Yves Cranga (Conservação Regional dos Monumentos Históricos); Jean-François Peiré e Patrick Roques (Serviço Regional do Inventário); Philippe Cayn, David Colonge e Emmanuel Verget (colaboradores) (DRAC, s.d.: 5).

A implantação das igrejas de Sainte-Marie de la Dalbade e de Saint-Rémi determinou do ponto de vista topográfico a sua localização, tendo igualmente sido fulcral a conquista dessa ilha urbana pelos Hospitalários. Esta Ordem militar-religiosa instalou-se pouco a pouco em Toulouse, graças às aquisições e às doações de que beneficiou. O conflito com o abade e o prior da Daurade a respeito da primeira igreja citada (La Dalbade), pela ocupação indevida desta por parte dos Hospitalários por duas vezes, levou à obtenção do serviço da segunda igreja mencionada (Saint-Rémy) entre 1114 e 1116 e, em 1160, a Ordem conquistou o direito de possuir cemitério próprio perto desta última³⁶. Na mesma época (início do século XII), Notre-Dame de la Dalbade dispunha apenas de uma igreja de bairro, dependente do priorado beneditino da Daurade. A hipótese levantada pela equipa de investigação é que existia «(...) *uma única igreja cujo vocábulo primitivo (Saint-Rémi) foi pouco a pouco suplantado pelo da Ordem (Saint-Jean). (...)*» (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6).

Nos séculos XII e XIII assiste-se ainda a um período de expansão, que se estendeu até ao século seguinte devido à transferência para a Ordem, entre 1314 e 1330, de todos os bens da ordem dos Templários, assim como pela atribuição, em 1315, do título de Grande Priorado (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6). Os Hospitalários detinham cerca de 35 comandarias, dispersas em todos o sudoeste da França. No entanto, a sua instalação na cidade de Toulouse assumiu proporções algo modestas. Os seus edifícios incluíam a igreja de Saint-Rémi (ou de Saint-Jean), um *donjon* ou torre dos arquivos, edificado na cabeceira da igreja, a casa do Grande Prior (situada na rua de la Dalbade, por cima de lojas de artesãos, muitas vezes associados directamente à Ordem) um claustro, um cemitério e um hospital, que funcionou até 1525 (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6; DRAC, s.d: 20). No século XV sofre um grande incêndio, levando a um enorme período de reconstrução³⁷.

Em 1655 foram demolidos, devido à sua vetustez, todos os edifícios medievais que compunham o estabelecimento, excepção feita à igreja de Saint-Jean e à torre dos arquivos; o cemitério encontrava-se então já desafectado. A partir de então, foram construídos novos edifícios. O imóvel foi secularizado em 1790 e passou por diversas utilizações: «loja geral dos

36 «*Este parecia ser o primeiro passo para a independência paroquial face à Daurade, adquirida antes de 1235. A paróquia de La Dalbade dispunha, em 1296, de dois cemitérios para os fiéis, segundo os seus rendimentos: "sob o pórtico da igreja" (logo intra muros) e no cemitério suburbano de Saint-Michel (...)*» (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6).

37 «*O bairro da Dalbade conheceu, como a maior parte dos bairros de Toulouse, uma mudança de fisionomia após um grande incêndio em 1463. Este incêndio devastou sobretudo as casas de madeira e de tabique das quais muitas pertenciam a comerciantes e a artesãos. Para ajudar os sinistrados, as ordens religiosas deram a certos proprietários terrenos como feudo. Assim, um certo número de parcelas pertencentes às ordens religiosas foi alugado a particulares e estão na origem de uma parte das rendas anuais pagas aos Hospitalários. Um grande número de edifícios foi reconstruído com uma preocupação de elegância e de conforto. O material de base continuava no entanto a ser o tijolo e Toulouse conhece no século XVI uma renovação arquitectónica graças à construção de edifícios prestigiosos e de hotéis particulares (...)*» (DRAC, s.d.: 31).

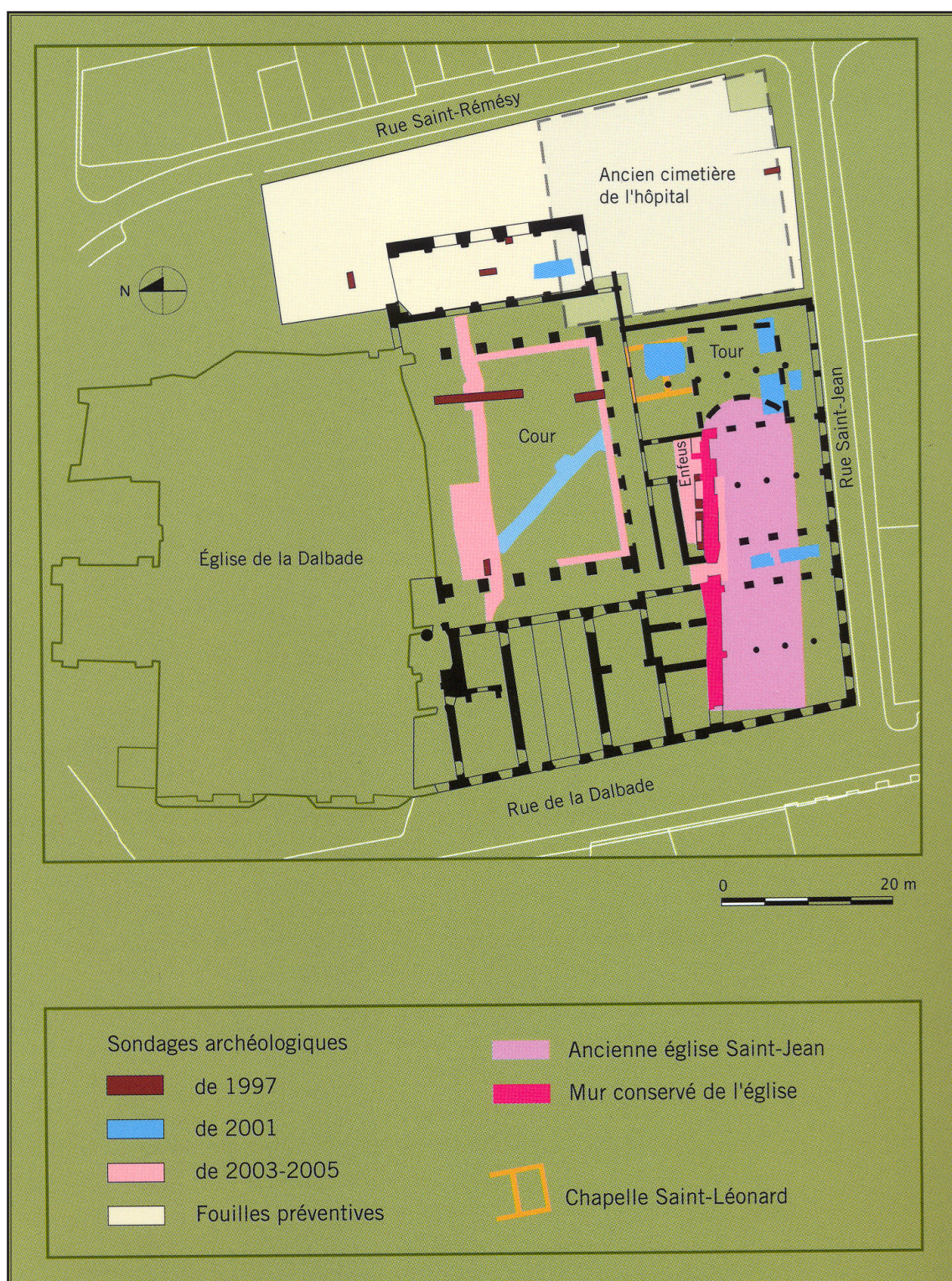


Figura 34 – Planta do Grande Priorado de Saint-Jean de Jerusalém, em Toulouse. Estado actual e vestígios arqueológicos (DRAC, s.d.; Arnoux, Th. e Texier, P., INRAP; Phousthomis, N., UTAH; Munvez e Castel).

efeitos do acampamento dos Pirinéus», «10ª Coorte da Legião de Honra», grandes entrepos-
tos de comércio de panos (1813) (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 7; DRAC, s.d: 37-42).

Em 1995-1996 tornou-se propriedade da DRAC (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 7-8).

Quanto ao cemitério, foi, como referimos supra, concedido em 1160 aos Hospitalários junto à cabeceira da igreja. Nele eram sepultados os irmãos da Ordem e os membros da *família*³⁸, mas obtiveram igualmente direitos de sepultamento os *donats*³⁹ e os peregrinos⁴⁰ (DRAC, s.d.: 22-23). Quando foram realizados os trabalhos de construção do parque de estacionamento da DRAC, foi descoberta a área do cemitério medieval. Originalmente circundado por um simples fosso foi, antes do final da Idade da Média, provido de quatro muros, cuja erecção foi ordenada pelos Hospitalários. Daí provêm 1869 sepulturas, que vão desde o século XII até ao século XVII (estas últimas já fora do âmbito do presente trabalho). Até ao Relatório de 2008 (Borde *et alii*, 2008) o estudo tafonómico ainda não tinha sido efectuado quer para o número total de sepulturas quer para as inumações nos jazigos⁴¹.

O seu estudo antropológico demonstrou que a proporção de homens e de mulheres era de dois para uma, tendo sido exumadas igualmente 400 crianças e adolescentes. O cemitério parece organizar-se em jazigos colectivos, túmulos individuais construídos, caixões e simples mortalhas (DRAC, s.d.: 24).

Como já mencionámos no início deste subcapítulo, foram descobertos quatro jazigos, que se situariam na galeria sul do claustro conventual (Figura 34), construído a norte da igreja

38 «O recrutamento dos inumados nos Hospitalários não é comparável com o de um cemitério paroquial, e o acordo de 1160 estipula que o cemitério era estritamente reservado aos irmãos. De facto, acolhia desde muito cedo os laicos doadores da Ordem, desejosos de aí serem inumados. Desde 1180, os priores da Daurade, de que dependia a igreja de la Dalbade, queixavam-se a esse respeito face às autoridades eclesiásticas. Estas deram-lhes razão, autorizando mesmo a exumar aqueles que seriam indevidamente enterrados no cemitério dos irmãos do hospital. Contudo, devem ter sido encontrados arranjos porque um regulamento de 1296 e alguns testamentos dos fundos de Malta, para o fim da Idade Média, provam que os laicos continuam a eleger sepultura em Saint-Jean. Ao número desses laicos, é preciso juntar a família; assim, em Maio de 1195, Bernard Barrau e a sua mãe Pruna, que têm em comenda os sete ouvroirs (ateliers-loja) possuídos pelo priorado na rua de La Dalbade, pedem para ter as suas sepulturas no cemitério (...)» (DRAC, s.d.: 22). Para os termos «*família*» e «*comenda*», consultar o Glossário, Apêndice B, pp. 329 e 327 respectivamente.

39 «Três documentos de 1206, 1214 e 1270, apresentam dois homens e uma mulher que, tornando-se donats da Ordem, desejam ser enterrados no cemitério do Hospital. Geralmente doam uma soma de dinheiro e diversos bens (...) Segundo a Regra, estes últimos deviam ser enterrados no manto da ordem mas como pobres, quer dizer, em plena terra. (...) Os textos que relatam a transferência para uma capela de la Dalbade dos restos dos Hospitalários encontrados numa cripta, após a demolição da igreja Saint-Jean, só indicam o número dos crânios extraídos. (...)» (DRAC, s.d.: 22-23). Para o termo «*donat*», consultar o Glossário, Apêndice B, p. 328.

40 «O acolhimento da população peregrina, uma das missões da Ordem dos Hospitalários, está confirmado pela presença de numerosas sepulturas de peregrinos nas quais foram descobertas insígnias de peregrinação como as conchas de Santiago, as sportelas ou extremidades ferradas de paus (bordões). Todas estas observações são tanto mais importantes quanto as fontes escritas medievais são muito pouco prolixas sobre as práticas funerárias.» (DRAC, s.d.: 24). Para o termo «*sportela*», consultar o Glossário, Apêndice B, p. 335.

41 Em todo o caso, para a totalidade do cemitério não existe cópia das fichas de sepultura, pelo que não podemos utilizar senão os dados gerais apresentados nos relatórios de 2001, 2005 e 2008 (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001; Calmes *et alii*, 2005; Borde *et alii*, 2008). As descrições pormenorizadas nos mesmos relatórios dizem sobretudo respeito às sepulturas encontradas nos jazigos e na galeria que ocupam.

pelo menos desde o século XII (ver Figura 35). Cada um dos jazigos (datados do início do século XIII e meados do século XIV) terá sido construído individualmente. Dois deles (nº 1 e nº 4) parecem ter sido concebidos como «*pourrissoir*». Quanto aos dois restantes, o nº 3 possuía dois níveis de inumação: um no jazigo propriamente dito, constituído por um sarcófago, e outro na parte baixa. Os vestígios osteológicos que encerravam foram identificados como procedentes do século XIII ao século XVII, o que mostra o período alargado de utilização que os mesmos sofreram (DRAC, s.d.: 25). Assim, foram exumados: uma grande adolescente, correspondendo ao jazigo nº 3 e que parece corresponder à representação no jacente aí observável⁴²; uma crian-

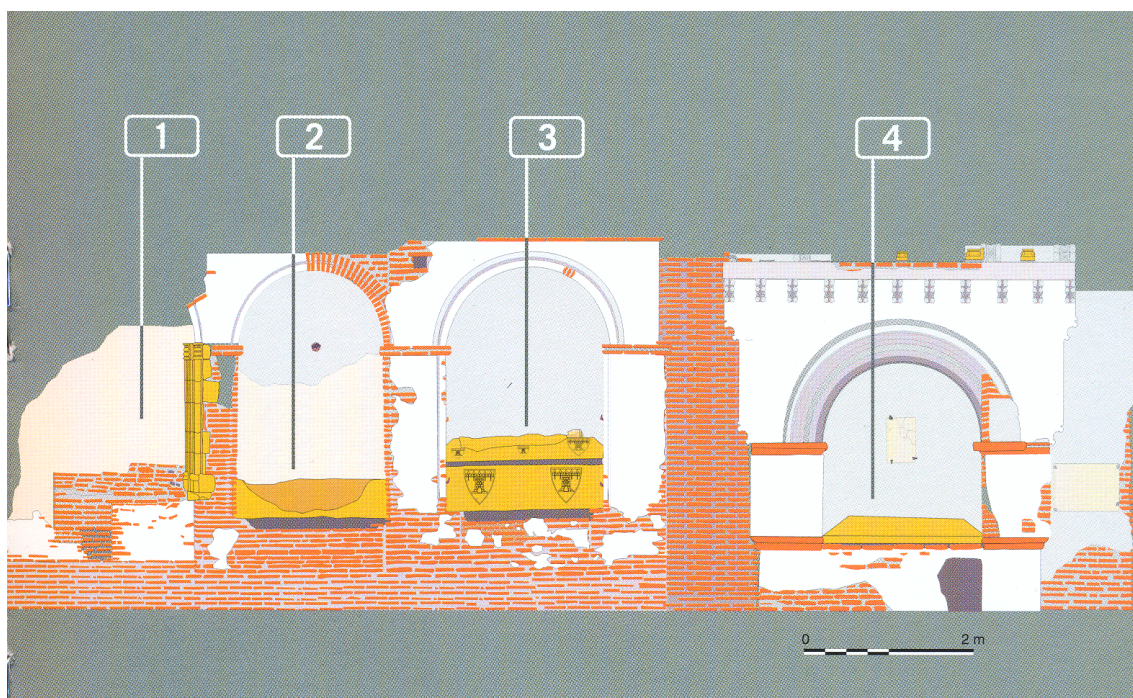


Figura 35 – Os quatro jazigos estão apoiados no muro norte da igreja e encontram-se na galeria sul do claustro. Estão numerados de 1 a 4, encontrando-se o jazigo nº 1 mais a Este (à esquerda na imagem) e o jazigo nº 4 é o que se localiza mais a oeste, à direita da figura (*in* DRAC, s.d.).

⁴² De acordo com o trabalho publicado por Éric Crubézy, Olivier Gaiffe e Bernard Marty em Calmes *et alii*, 2005: 228-231, a jovem foi inumada vestida e depositada sobre um colchão de sarmento [vara lenhosa de trepadeira]. «(...) Os cotovelos estavam ligeiramente flectidos, os antebraços cruzavam-se e as suas mãos repousavam sobre a parte alta das suas ancas, na atitude do jacente. Antes da sua inumação, tinha sido depositada uma boa camada de areia branca (mais de 5 cm de espessura) no fundo do sarcófago por razões que ignoramos mas em que o objectivo estético (mascarar as irregularidades do fundo) intervinha certamente.» (Calmes *et alii*, 2005: 229-230). A datação atribuída é o período correspondente aos séculos XIII/XIV. Ver também Borde *et alii*, 2008: 354-355.

ça jovem⁴³ e um idoso⁴⁴, depositado num caixão depois da primeira, todos encontrados no mesmo jazigo (nº 3), e ainda um outro homem de idade avançada, que terá sido inumado já no século XVII. Não o consideraremos, por isso, no nosso estudo. Os exemplos apontados (os três primeiros enterramentos) não são, contudo representativos da população em geral; correspondem sim, a uma população privilegiada, com uma esperança de vida elevada na altura do nascimento e que «(...) *beneficiou de uma longevidade notável.*» (DRAC, s.d.: 24-25).

O primeiro jazigo ostenta as armas da família Lévis-Mirepoix, que estavam instalados no Midi francês desde o início do século XIII, na sequência das conquistas de Simon de Monfort, que referimos supra no tocante às lutas contra os Cátaros (Calmes *et alii*, 2005: 43). Abrigava um sarcófago do século XIV, que se encontra hoje no Museu dos Augustins (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 89).

Quanto ao jazigo n.º 2, que mostra ainda a cuba de um sarcófago, terá funcionado sobretudo como um depósito secundário de ossadas, um ossário (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 89).

O jazigo nº 3, o da grande adolescente, mostra um brasão decorado com cinco flores-de-lis e o que parece ser uma torre. O motivo composto por cinco flores-de-lis aparece em Toulouse associado a uma época posterior a 1229. No tocante à torre, representa a família «de La Tour». E o brasão seria então a representação de um sub-ramo desta família (DRAC, s.d.: 27). Ora existem referências a um Bernard de La Tour, casado com Blanche, filha de Pierre de Toulouse, ambos mencionados nas actas de 1246 e 1255, assim como numa deposição à Inquisição em 1256. Neste testemunho, Blanche era acusada de adorar os hereges em 1250 em Montauriol, um dos feudos do marido. É por isso possível que o jacente represente Blanche de Toulouse-La-Tour (DRAC, s.d.: 27; Calmes *et alii*, 2005: 43).

O jazigo 4 é também identificável: de facto, está encimado por uma lápide funerária,

43 «(...) *uma criança jovem que devia usar calções ou umas calças vermelhas e que tinha uma rede de cabelo sobre o crânio. Perto da sua cabeça tinha sido depositado um recipiente em madeira que continha o que parece ser resina (análise a efectuar). Quando da sua deposição, vários anos após a adolescente, esta foi afastada, de forma respeitosa, contra uma das paredes do sarcófago. Durante essa operação uma parte da areia foi também afastada contra as paredes.*» (Calmes *et alii*, 2005: 230). A datação provável corresponde ao mesmo período que a anterior. Ver também Borde *et alii*, 2008: 354.

44 «*O terceiro era um homem idoso depositado num caixão. Está numa mortalha, que ao nível dos membros toma a forma de pequena faixa feita de tela do tipo sarjado; a sua extremidade cefálica repousava sobre uma almofada em palha de centeio. Um recipiente em madeira, em todos os pontos semelhante ao da criança, que contém também o que parece ser resina, tinha sido depositado na prancha superior do caixão, na vertical da extremidade cefálica. Quando da sua deposição, vários anos após a criança, o crânio desta última foi depositado perto dos restos dos pés da adolescente para evitar que fosse esmagado pelo caixão; a parte superior do esqueleto foi afastada contra a adolescente e uma parte da camada de areia que devia restar no fundo foi também empurrada contra as paredes.*» (Calmes *et alii*, 2005: 230). O modelo de mortalha, conhecido aravés de documentos coevos, foi considerado como um marcador para datar esta sepultura do século XIV. Ver também Borde *et alii*, 2008: 353.

e refere Pierre de Toulouse, lugar-tenente do conde de Toulouse, Raimond VII, no segundo quartel do século XIII, e falecido antes de Novembro de 1255. Após a morte do conde, jurou obediência ao seu sucessor, tendo sido um dos principais doadores da Ordem dos Hospitalários. Parece ter sido, assim, o pai da personagem jacente do jazigo nº 3 (DRAC, s.d.: 21). Deste, tanto nas cubas inferior como superior, foram recuperados vestígios osteológicos correspondentes a cerca de 90 indivíduos⁴⁵ (40 adultos e 54 crianças), com apenas dois corpos em conexão. O primeiro, datado de 1270 (datação por 14C) é «(...) *homem, com idade de mais de 30 anos, com a cabeça a oeste (...)*» e mostrando uma posição inabitual⁴⁶; o segundo é uma criança de cerca de 9 a 12 meses, depositada no topo e que «(...) *repousa de três quartos sobre as costas e um quarto sobre o lado direito, adossada contra a parede norte, com a cabeça a oeste.*». Está datado por 14C de cerca de 1320-1390 e corresponde à fase final desta utilização (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 81).

Entre a primeira inumação e esta última, foram aí inumados ou reunidas as ossadas dos restantes indivíduos, que «(...) *reflectem uma população mais privilegiada, assaz grande (1,70m), com uma esperança de vida à nascença elevada (entre 30 e 40 anos), e mais idosa (patologias degenerativas), e uma higiene buco-dentária melhor.*» (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 91).

Na mesma galeria, e alinhadas contra os jazigos, foram postas a descoberto diversas sepulturas: 8 crianças com menos de 5 anos, 2 imaturos e 15 adultos, dos quais 7 homens e 3 mulheres identificados.

Um dos homens apresentava uma patologia infecciosa na parte anterior de uma das pernas (Calmes *et alii*, 2005: 95).

As 29 sepulturas *in situ* (incluindo as dos jazigos) constituem apenas uma amostra, dado que num total foram encontrados vestígios osteológicos correspondentes a cerca de 59 indivíduos (Calmes *et alii*, 2005: 76).

E igualmente à entrada da galeria em estudo, encontrava-se um carneiro, escavado em 2005. Do ponto de vista arquitectónico, a estrutura corresponde a duas etapas de construção: uma primeira constituída por uma sepultura edificada em tijolo com fundo de lajes e alvéolo cefálico; a segunda, com a sua elevação para fazer dela um carneiro. Torna-se assim difícil atribuir-lhe datação. Do seu interior foram exumados os vestígios osteológicos de 3 adultos,

45 Para tratamento dos dados, apenas contabilizámos os dois exemplos mencionados (identificados respectivamente na respectiva ficha de sítio como sep. 32 e sep. 33) e não a totalidade.

46 «(...) *adossado contra a parede sul, repousando metade sobre o ventre, metade sobre as costas, e o afundamento da parte alta do corpo quando da decomposição sugere um depósito em espaço vazio, e não uma queda desde as aberturas do "pourrissoir".*» (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 91).

todos do sexo masculino (Borde *et alii*, 2008: 357-359).

Um dos homens tinha a cartilagem tiroideia ossificada, o que demonstra uma idade acima dos 50 anos ([UE 8701], sep. 30) (Borde *et alii*, 2008: 358; Cerny, 1983 *in* Loth e Iscan, 1989).

A.2. O espólio

O espólio proveniente do cemitério de Saint-Michel denota a ausência de mobiliário funerário associado, não tendo igualmente sido encontrados vestígios de peças de vestuário, exceptuando para os períodos mais recentes de sepulturas dentro da igreja (Paya *et alii*, 2004: 132). Foram no entanto descobertos vestígios de alfinetes em bronze, sobretudo encontrados ao nível da zona da cabeça (ver Ficha de sítio nos Apêndices, p. 597), cuja presença os autores desvalorizam, argumentando que não é determinante e prova da utilização daquele tipo de contentor. Ao contrário dos túmulos da Antiguidade tardia, estes não comportam qualquer tipo de depósito de materiais cerâmicos. Foram no entanto postas a descoberto diversas conchas de Santiago, com sinais de utilização (dois furos), encontradas ao nível do peito ou do abdómen⁴⁷ (Paya *et alii*, 2004: 119).

No Grande Priorado de Saint-Jean de Jérusalem o mobiliário funerário é sobretudo composto por objectos de adorno. Assim, das sepulturas provenientes da galeria, uma das crianças mostrava ainda uma bracelete composta por 3 pérolas no punho esquerdo ([UE 3007], sep. 7); um adulto, do sexo masculino, tinha um anel em cada dedo anelar ([UE 3013], sep. 12); e um outro adulto, do sexo feminino, apresentava um anel no dedo anelar direito ([UE 3017], sep. 16) (Calmes *et alii*, 2005: 91, 94, 98). Destacamos a presença de um numisma encontrado no interior do crânio da [UE 3026], sep. 25.

Por outro lado, e ainda no espaço da galeria, foram encontrados vestígios de alfinetes de mortalha ([UE 3004-3009], sep. 4; [UE 3011], sep. 10) e de pregos ([UE 3014], sep. 13; [UE 3016], sep. 15; [UE 3022], sep. 121) (Calmes *et alii*, 2005: 89, 92, 95, 97, 102).

Relativamente ao espólio encontrado em contexto funerário no carneiro, apenas exis-

47 «(...) conchas de Santiago foram atribuídas a certos defuntos [sep. 519 e 585, fase 2A; 482, 489 e 512, fase 2B; 338, 429 e 661, para a fase 3A; 262, fase 3C; 230 (igreja) fase 4B]. Dois buracos praticados nas conchas demonstram que eram trazidas como pendentes ou presas a um chapéu ou a um hábito. Lógica e mais frequentemente, são postas a descoberto na grelha costal ou ao nível do abdómen. Podem pertencer a peregrinos que são representados em fraca proporção em relação a cemitérios de recrutamento provavelmente mais elevado socialmente. Notemos, todavia, que nenhum bordão de madeira foi descoberto, mesmo se acompanha por vezes o peregrino na sua “última morada”.» (Paya *et alii*, 2004: 119). Toulouse está implantada em pleno «caminho francês» da Rota de Santiago, actualmente ainda em funcionamento.

te num dos casos: um dos indivíduos ([UE 8704], sep. 31) tinha em ambas as mãos dois objectos em chumbo (um cálice e uma patena?) (Borde *et alii*, 2008: 359).

De referir ainda os dois recipientes de madeira encontrados no Jazigo nº 3, cheios de uma substância que parecia ser resina e cujos resultados de análise desconhecemos.

A.3. Proposta de evolução das tipologias de enterramento e sua integração social

Os dois sítios incluídos no presente estudo – cemitério de Saint-Michel e Grande Priorado de Saint-Jean de Jérusalem – apresentam tipologias de alguma forma semelhantes, embora tenham, na sua origem, surgido de forma totalmente diferente.

Para o primeiro caso, um cemitério suburbano, a conjugação dos elementos resultantes da escavação, assim como do estudo antropológico das sepulturas, levou Jean Catalo (membro integrante da equipa de Didier Paya neste sítio) a equacionar a evolução do cemitério da seguinte forma: o cemitério de Saint-Michel teve a sua origem, conforme referido anteriormente, na Antiguidade tardia (séculos V-VI); a actividade funerária foi retomada no fim do século XII, de forma relativamente pouco apertada e individualizada, em grandes alinhamentos, e cada sepultura separada da seguinte por 2 a 3m (sub-fase 2A). Os túmulos organizavam-se em pequenos agrupamentos, constituídos por dois ou três indivíduos e a sua orientação parece ter sido induzida pelo novo eixo da rua medieval (que tinha deixado de ser perpendicular à via antiga). A densificação deste cemitério efectua-se de Oeste para Este a partir das primeiras sepulturas e não em função de um hipotético oratório. Comparativamente, as sepulturas mais recentes da *Cité Judiciaire* datam de 875-1165 (sep. 4) e 975-1165 (sep. 20) (Catalo *et alii*, 1999), enquanto as mais antigas do *Palais de Justice* datam de 1155-1285 (sep. 564), 1185-1295 (sep. 637) e 1160-1290 (sep. 652), o que mostra uma real sucessão cronológica entre os dois sítios datável de 1160 (Paya *et alii*, 2004: 107-108). Com a criação de um muro na área funerária no final do século XII, assiste-se ao aparecimento de um novo traçado junto à Rua Direita de 1191, e é neste que se inscreve a primeira linha de jazigos, o que explica a mudança de orientação geral dos túmulos entre as sub-fases 2A e 2B. Assim, este muro é «(...) *sinónimo da definição topográfica do cemitério, bem separado das fortificações urbanas.* (...)» (Paya *et alii*, 2004: 110).

Este primeiro cemitério medieval da segunda metade do século XII apresenta três características principais: a primeira é a sua criação, em 1160-1190, a partir do limite topográfico estrito que é a rua principal do arrabalde medieval, em termos de espaço ocupado e de orientação dos túmulos; a segunda é o fecho entre muros: em 1180-1190 o cemitério de-

envolve-se seguindo linhas directrizes pouco normativas, embora respeitadas, evidenciando uma preocupação de localização das sepulturas numa área muito extensa; por fim, a terceira e última característica corresponde ao facto de a área sepulcral não parecer ter nenhuma ligação topográfica com um edifício religioso conhecido, quer na sua origem quer na sua extensão (Paya *et alii*, 2004: 110-111).

A constituição do cemitério suburbano é marcada pela construção de um novo muro que prolongava o alinhamento dos jazigos anteriores, pelo menos na parte norte do sítio. As primeiras sepulturas são instaladas contra o mesmo, no sentido Norte-Sul, gerando pequenos recintos em forma de «U», sem ordenamento, onde eram incluídos os túmulos anteriores. Esta reorganização comprova a ausência de ligação entre os novos chegados e os antigos ocupantes, em virtude dos cercos de Toulouse durante a cruzada albigense, a que já aludimos. De facto, em 1211 dá-se o primeiro ataque de Simon de Monfort à cidade de Toulouse e, em 1219, o último cerco é liderado pelo príncipe Luís. Neste período os cruzados ocuparam as envolventes imediatas do castelo, estabelecendo acampamentos protegidos, e impedindo desta forma os habitantes de Toulouse de aceder ao cemitério, que se encontrava a sul destes fossados (Paya *et alii*, 2004: 111).

As sepulturas mais antigas datam das décadas de 1210-1240⁴⁸. A densidade dos túmulos tornou-se mais forte e os espaços de circulação mais estreitos. A rotação da utilização da área sepulcral é mais rápida, com uma reutilização frequente das implantações. O lugar para os imaturos parece ter sido mais escolhido do que fruto do acaso. O realinhamento do muro dos jazigos mostra ainda a vontade de estender o sítio para a rua, oferecendo novas capacidades de acolhimento e novos jazigos. Estes permitiam o máximo de inumações num mínimo de espaço. Neste terceiro período faz-se, então, um novo reajustamento do muro envolvente do cemitério (Paya *et alii*, 2004: 112).

O ano de 1331 vê surgir a Igreja de Saint-Michel e o seu cemitério. Este edifício de tipo paroquial congrega os habitantes do arrabalde que se encontravam já agrupados em comunidade. As intervenções arqueológicas permitiram identificar dois momentos ou estados do mesmo: por um lado, as primeiras sepulturas da nave (sub-fase 4A) obedecem à orientação do traçado da igreja; os corpos eram inumados em camadas de enchimento que cobriam o cemitério anterior. O lajedo da igreja é datável de 1334, ou mesmo de 1343, data que se encontra inscrita na laje tumular ou tumba rasa posta a descoberto. Nesta sub-fase as sepulturas eram ainda distribuídas por carreiras, sem espaços de circulação bem definidos. Esta utilização máxima do espaço disponível correspondia à emergência da nova paróquia de Saint-Michel para uma população muito numerosa residente no arrabalde: cerca de 1500

48 Data de 1229 o tratado de Meaux, que põe termo à situação de guerra declarada (Paya *et alii*, 2004: 112).

habitantes registados documentalmente em 1340 (Paya *et alii*, 2004: 113-114).

Por outro lado, «*Não foi o cemitério que atraiu o edifício religioso, mas a vontade dos habitantes de Saint-Michel de dispor de uma igreja no centro topográfico da comunidade do arrabalde*»⁴⁹ (Paya *et alii*, 2004: 114). E as datações dos túmulos atribuíveis às sub-fases 4A e 4B confirmam a existência de uma cisão cronológica cerca de 1380. «*A reunião topográfica dos mortos e dos vivos em torno de um local de culto é terminada entre 1331 e 1380.*» (Paya *et alii*, 2004: 114). As sepulturas integráveis na sub-fase 4B organizam-se por alinhamentos que ocultam a influência do novo edifício na orientação dos túmulos. A igreja mantinha, ainda, uma localização específica para as crianças de tenra idade. No entanto, a fraca densidade de sepulturas pode estar ligada à utilização provável de lajes funerárias e a uma selecção dos espaços de inumação. De facto, no cemitério exterior ao edifício apenas surgem 3 fossas largas que parecem corresponder ao mesmo tipo de utilização. Ao mesmo tempo, destaca-se a prática exclusiva de inumações em caixão sob as tumbas rasas, o que demonstra uma efectiva diferenciação de meios financeiros. Outro factor importante a ter em conta é a queda demográfica acentuada em 1346 e 1352: cerca de um século mais tarde, em 1478, registavam-se cerca de 60 famílias contra as mais de 300 em 1340 (Paya *et alii*, 2004: 114).

No que os autores designaram por «túmulos protectores» (correspondendo então ao período 2 e à sub-fase 3A, que decorrem de meados do século XII a cerca de 1300), a «*encenação*» do defunto através da estreiteza do túmulo e da forma preconcebida foi adaptada aos materiais não perecíveis e disponíveis localmente, tais como os seixos, os tijolos e até mesmo a madeira. Os esforços de protecção e/ou de manutenção da posição do morto concentravam-se na zona da cabeça, assegurando-se em alguns casos uma posição fixa. Esta é típica de meados do século XII ao final do século XIII e consiste na colocação do corpo em posição «sentada» (ou dorsal 3), correspondendo ao «adormecido»⁵⁰ (Paya *et alii*, 2004: 118). A característica de protecção é completada com uma marcação da localização dos túmulos, sendo os materiais então utilizados com maior frequência o tijolo (recuperado e fragmentado) e o seixo. Se existiram marcações em madeira, não foi possível repertoriá-las. Estas não tinham, de acordo com Didier Paya e Jean Catalo, «*(...) por objectivo primeiro nomear o ou os defuntos que são inumados. Permitem contudo a constituição de agrupamentos, talvez de origem familiar.*

49 Os autores referem ainda a instalação no arrabalde dos Frades Trinitários, em 1230, e dos Irmãos da ordem da Mãe de Jesus Cristo, em 1263 (Paya *et alii*, 2004: 114).

50 A evolução das práticas funerárias é explicada pelos investigadores responsáveis pela intervenção como correspondendo a uma «*(...) falta de interesse da Igreja quanto ao tratamento do morto, e logo a ausência de rito (...)*» que «*(...) deixou aos cristãos uma grande autonomia no que diz respeito aos gestos funerários. Foi portanto em função da visão do além, da percepção do futuro da alma, das qualidades, ver dos defeitos do morto que os cristãos ordenaram os seus túmulos e organizaram os cemitérios.*» (Paya *et alii*, 2004: 116). Assim, a posição acima referida «*(...) pode parecer lógica para essa época em que o defunto não é considerado como um morto de parte inteira e espera a ressurreição em situação de "repouso". (...)*» (Paya *et alii*, 2004: 118).

Evitam também os recortes que são portanto limitados, ver acidentais, apesar de uma densidade de sepulturas crescente no decurso dos séculos (...)» (Paya et alii, 2004: 118).

Destacam-se ainda determinadas constantes durante todo o período de utilização do cemitério medieval, nomeadamente a presença dos recém-nascidos sepultados com a mãe⁵¹ (Paya et alii, 2004: 119).

O século XIV assiste à renovação de práticas funerárias (sub-fases 3B+C e 4A) como efeito da evolução das mentalidades relativamente ao corpo. Desta forma, as primeiras duas subfases são a sua demonstração plena e completa, nomeadamente com a reintrodução das estruturas «perecíveis». Estas, ausentes desde o final da Antiguidade, e constituídas principalmente por caixões, vão aparecer em pequeno número na sub-fase 3A, mas vão crescer progressivamente até se tornarem maioritárias na sub-fase 4B. A exceção poderá corresponder aos enterramentos infantis, com a utilização de outros contentores, de que são exemplo as cestas, os berços ou mesmo as caixas de pranchas fixas. Destas pouco restou, mas o grau de humidade dos solos na cidade de Toulouse permitiu conservar alguns vestígios, embora tenha igualmente provocado a corrosão e oxidação de todas as peças metálicas (Paya et alii, 2004: 120).

Quanto aos caixões, estes adoptam formas trapezoidais e aparentam ser de feitura bastante rudimentar, mostrando os ângulos sumariamente reunidos com alguns pregos. Não foi observado nenhum traço visível que comprovasse o reforço inferior dos contentores⁵². Contudo, estes não substituem as fossas ordenadas, dado que estas persistem, maioritariamente, durante os períodos 2 e a sub-fase 3A e com expressão máxima durante a sub-fase 4A (Paya et alii, 2004: 121). A deposição de um corpo, envolvido simplesmente numa mortalha, em fossa ou coval simples poderia ser, assim, assimilado a «(...) *um gesto minimalista, ou a uma elementar medida de higiene.*» (Paya et alii, 2004: 121). Da mesma forma, a mudança de posição do corpo, passando a predominar a dorsal 1, pode igualmente, segundo os investigadores, ser atribuída à adopção de «(...) *uma posição simples, mas “digna”, com talvez um esboço de gesto de oração.*» (Paya et alii, 2004: 122).

A mudança de mentalidade pode ainda explicar a tentativa de decomposição dos corpos no mais curto espaço de tempo, privilegiando a tese que o espaço de tempo entre o início da corrupção do cadáver e a sua completa redução ao estado de esqueleto corresponderia ao

51 Referência às sepulturas 604A e 604B (sub-fase 2A), 351 e 377 (sub-fase 3B) e 354A e 354B (sub-fase 4A). «(...) *É muito provável que se trate de nados-mortos. O liturgista Guillaume Durand (séc. XIII) assinala que, se bem que não tenham direito ao cemitério, as crianças nadas-mortas eram consideradas por alguns como o fruto da mãe. Os defuntos faziam parte das entranhas da mãe, eram portanto enterrados nos campos de inumação paroquial (Durand, 1854, I, 80).*» (Paya et alii, 2004: 119).

52 Essa falta de reforço interior conduz os investigadores a colocar-se a questão sobre se os caixões «(...) *ao contrário dos de períodos mais recentes, eram verdadeiramente destinados a durar, o que não é provável.*» (Paya et alii, 2004: 120).

período durante o qual a alma do defunto erraria no Purgatório, antes do Juízo Final. Assim, o contacto entre os diferentes corpos dentro da mesma sepultura deixou de constituir uma preocupação, tal como o ordenamento das fossas e a sua sinalização (Paya *et alii*, 2004: 122-124).

O último período de ocupação do cemitério, entre 1331 e a primeira metade do século XVI, corresponde ao que os autores denominam «sociabilização do túmulo» (Paya *et alii*, 2004: 125). Como tal definem a diferenciação de enterramento entre as sepulturas efectuadas na igreja, local de inumação mais procurado por parte de uma população com maiores recursos financeiros. A suportar esta hipótese está o número de caixões no seu interior, em período cronológico anterior à generalização do uso do caixão no cemitério de Saint-Michel. E é exactamente na igreja que os últimos túmulos, datando do século XVII, se encontram (Paya *et alii*, 2004: 125-127).

O cemitério exterior teria entretanto sofrido um nivelamento, e posteriormente o abandono. Caracteriza-se, durante a sub-fase 4B, por agrupamentos de sepulturas de crianças, inumadas na maioria em fossas ou covais simples. Os vestígios osteológicos que lhes correspondem parecem apontar para a decomposição em espaço não colmatado, embora não pareçam pertencer a uma categoria social que permitisse a utilização de caixão. Os investigadores responsáveis pela intervenção equacionam, por isso, a possibilidade do uso de berços ou de outras estruturas, possivelmente utilizadas em vida pelas crianças e que as teriam acompanhado na sua «última morada». Estes agrupamentos de túmulos faziam-se preferencialmente no espaço mais próximo da igreja (Paya *et alii*, 2004: 127-128).

A grande amostra de vestígios antropológicos provenientes do mesmo espaço funerário permite tirar algumas ilações: a população inumada no primeiro cemitério, datado de inícios do século XII, aparenta ser de origem modesta, habitando quer no interior quer no exterior das muralhas. De salientar que não longe se encontravam o cemitério da leprosaria, assim como o cemitério judaico, e algumas instituições religiosas que detinham a gestão de dois hospitais: todo este segmento populacional constitui um grupo de «excluídos». Caracteriza-se por um número muito superior de indivíduos do sexo masculino, com uma abundância de homens jovens e uma quase total ausência de imaturos. As patologias encontradas demonstram o contacto com focos infecciosos e um mau estado sanitário em geral. Encontram-se quase em paridade com as patologias traumáticas, algumas graves mas tratadas com sucesso (Paya *et alii*, 2004: 129-130).

Na segunda metade do século XIII (sub-fase 3A), observa-se a mesma origem populacional, mas agora com um equilíbrio no número de efectivos de ambos os sexos e idade adulta, encontrando-se já a presença de imaturos. O número de casos que apresenta sinais de

patologia infecciosa tende a diminuir significativamente. No fim do mesmo período (correspondente às sub-fases 3B+C e à primeira metade do século XIV), sem que se altere a proporção entre homens e mulheres, verifica-se um aumento do número de imaturos. A idade média de mortalidade em adultos tem igualmente tendência a tornar-se mais tardia, aumentando também a média de alturas tanto masculina como feminina. Por outro lado, as patologias traumáticas ultrapassam em muito as patologias infecciosas. Os autores fundamentam as conclusões tiradas no forte crescimento urbano característico de Toulouse no início do século XIV, com a construção de quintas urbanas. E é a chegada destes novos ocupantes, atraídos por uma nova dinâmica económica, que provoca a disputa entre as duas zonas (La Dalbade e o arrabalde) durante a construção da igreja de Saint-Michel (Paya *et alii*, 2004: 130-131). Em meados do século XIV, o arrabalde entra em decadência, num processo que se arrasta até ao século XV. A população envelhece consideravelmente, o número de indivíduos inumados do sexo masculino aumenta e o de imaturos mantém-se. Coloca-se assim a hipótese de o cemitério de Saint-Michel continuar a ser utilizado, já não como o local privilegiado pela população do arrabalde, mas pelos mais antigos habitantes do arrabalde e por todos aqueles que não tinham possibilidade de ser inumados noutra local, como as crianças (Paya *et alii*, 2004: 131-132).

Para o segundo caso – Saint-Jean – temos vários pólos congregadores: por um lado a galeria, no claustro sul da igreja e, por outro, o cemitério, na cabeceira da torre dos arquivos e da igreja. Em publicação de 2006 e, posteriormente, num relatório conjunto datado de 2008 sobre os trabalhos decorridos naquele sítio no triénio anterior, Nelly Pousthomis-Dalle salienta a separação «social» existente entre estas duas últimas áreas funerárias, que considera comparável à de outros cemitérios de Toulouse (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 84).

Na galeria, foram reconhecidos como modos de inumação vários tipos aplicados às fossas ou covais simples: com mortalha, vestidos, com caixa de madeira, caixão (encontram-se atestados três casos em que este foi usado), ou em espaço colmatado. O uso da mortalha também pode ser comprovado pela descoberta de vestígios materiais que lhe estariam associados, como os alfinetes. Por outro lado, estão evidenciados elementos que conduzem à hipótese da sepultura vestida⁵³, assim como à presença de uma almofada cefálica em matéria perecível (para pelo menos duas sepulturas de adultos, face à báscula do crânio para trás) (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 88).

A posição mais frequente é a de decúbito dorsal. Por outro lado, destacamos o que nos parece constituir um factor extremamente importante: «*A maior variabilidade é observa-*

53 Esta é «(...) sugerida em duas sepulturas de adultos, em razão do constrangimento da grelha costal, mantida à distância dos braços, indício de um envelope de tipo vestuário.» (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 88).

da para os membros superiores: um quarto dos sujeitos apresenta uma posição assimétrica, mais frequente nos adultos, que pode resultar do transporte, do depósito ou da decomposição do corpo na fossa. Notamos uma diferença das posições dos membros superiores de acordo com a idade: em grande maioria no alto do corpo para os adultos, com frequência as mãos sobre o tórax, contrariamente às crianças, que têm as mãos sobre a bacia. (...)» (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 88-89).

O século XII veria surgir a construção de sepulturas em tijolo, de fundo lajeado, à semelhança do que acontece com o carneiro que referimos anteriormente. Estas seriam progressivamente utilizadas, aumentadas e colmatadas num período que coincidiria com a construção dos jazigos n.º 4 e 3, a que se seguirão os n.º 2 e 1. Com efeito, a cronologia relativa atribuída aos primeiros pode ser colocada no século XIII e início do século XIV. Dado que os jazigos parecem não cortar ou perturbar as restantes sepulturas encontradas na galeria, esse facto parece implicar que os túmulos deverão datar de período posterior, no século XIV (correspondendo inclusivamente ao período de construção do Jazigo n.º 1, de acordo com a análise arquitectónica), alongando-se até ao século XV (Nicolas Portet *in* Calmes *et alii*, 2005: 76). Os materiais arqueológicos encontrados nas camadas de entulho que selavam originalmente a galeria (sem contar com as do século XVII), constituídos por fragmentos de cerâmica fora de contexto funerário, apontam para cronologias que vão até finais do século XV. Este último período parece igualmente corresponder à generalização do uso do caixão em França, embora no caso particular de Toulouse existam já casos comprovados da sua utilização no século XII (Calmes *et alii*, 2005: 63-69).

As sepulturas da galeria (tanto as encontradas *in situ* como nas camadas de enchimento) mostram uma super-representação das crianças e imaturos durante o mesmo período. Quanto aos adultos, parecem ter pertencido a um nicho de população privilegiada⁵⁴, facto em que se enquadra igualmente a utilização do caixão, e de idade avançada (tendo em conta a média de vida da época, em torno dos 45 anos) (Calmes *et alii*, 2005: 76; Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 97).

Quanto ao cemitério (cujo trabalho de investigação continua ainda em curso), teria sido inicialmente concebido para os irmãos da Ordem e para a *família* e demais servidores; progressivamente alargou-se aos pobres, aos peregrinos e às crianças abandonadas, segundo

⁵⁴ «A população adulta, maioritariamente de sexo masculino, mostra uma morfologia homogénea, de altura pequena a média. O estado de saúde revela uma população sã, pouco exposta ao stress, às carências alimentares, às fracturas ou infecções. Pelo contrário, as patologias degenerativas (artrose e entesopatias) são pronunciadas. Este perfil sanitário vem apoiar o recrutamento de uma população privilegiada e idosa, com uma esperança de vida ao nascimento elevada (40 anos). Podemos portanto encarar para esta população um estatuto desafogado. A imagem biológica é confortada pelos dados históricos e arqueológicos, que revelam a presença de personagens da nobreza e de ricos doadores no seio da galeria do claustro.» (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 97).

os estatutos da Ordem. Por isso, e não obstante a resistência das instituições eclesiásticas, o direito de inumação concedido em 1160 é alargado em 1183 para dar lugar a sepulturas de peregrinos e religiosos. Só em 1233 ficou definitivamente autorizada a inumação a todos os que o desejassem (Nelly Pousthomis-Dalle *in* Borde *et alii*, 2008: 86).

APÊNDICE B - GLOSSÁRIO

Acção antrópica – acção que releva da actividade humana, observável em arqueologia (segundo Colardelle, 1996: 305; Crubézy *et alii*, 2007: 235).

Ad sanctum* ou *ad sanctos – diz-se das inumações praticadas «perto do santo» ou «dos santos» titulares de um lugar de culto para beneficiar da sua protecção e captar a sua ou as suas graças espirituais (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 235).

ADN – abreviatura de ácido desoxirribonucleico. A molécula de ADN é o suporte do código genético. A informação que contém é codificada sob a forma de quatro bases que se representam por quatro letras que podem ser lidas no decurso de uma operação chamada sequenciação (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 235).

Aldeia eclesiástica – esta expressão, recentemente forjada, designa um *habitat* medieval do qual a igreja forma um núcleo, por oposição às aldeias castrejas organizadas em torno de um castelo. Esses dois tipos de *habitat* concentrados adoptam frequentemente um plano concêntrico muito regular, que se observa particularmente no sudoeste da França (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 245).

Alvéolo cefálico – dispositivo destinado a alojar a cabeça do corpo inumado para a manter vertical (ver entalhe cefálico). Pode ser interno à estrutura principal (com pequenas lajes levantadas lateralmente, um entalhe organizado na espessura das paredes em toda a altura ou sobre uma altura superior a 8 cm no caso dos sarcófagos ou das sepulturas construídas) ou externa (cabeceira nitidamente demarcada quando a sepultura é antropomórfica) (segundo Colardelle, 1996: 305; Crubézy *et alii*, 2007: 235).

Antropomórfico – diz-se de um contentor de planta com tendência a seguir a forma do corpo (oval, estreitado nos pés e na cabeça, provido ou não de um *alvéolo cefálico*) excluindo as plantas rectangular ou trapezoidal (segundo Colardelle, 1996: 305).

Arcossólio – nicho escavado numa parede e constituído por um arco, contendo um túmulo privilegiado ou venerado, visível ou não e destinado a marcar a sua importância ou facilitar, em caso contrário, a sua veneração. De tradição paleocristã, corresponde ao jazigo medieval (segundo Colardelle, 1996: 305).

Arqueologia funerária – liga-se ao estudo dos restos materiais de sepulturas – ou de conjuntos

funerários – tendo em vista compreender o lugar dos mortos e o tratamento da morte nas sociedades passadas, segundo Alain Ferdière (in Crubézy, E. *et alii*, 2007: 5).

Átrio – cemitério caracterizado pela presença de galerias que servem de ossários; encontra-se na Idade Média e na época moderna (segundo Colardelle, 1996: 305; Crubézy *et alii*, 2007: 235).

Caixão – este termo cujo emprego está reservado aos contentores feitos de pranchas pregadas (lados, fundo e tampa), está impresso na origem de um sentido mais vasto dado que designa ao mesmo tempo o que serve de transporte (padiola) e ao enterramento do morto (caixão ou urna) (segundo Colardelle, 1996: 306; Crubézy *et alii*, 2007: 237).

Capela funerária – situada no exterior, no interior de uma igreja, no cemitério adjacente ou em qualquer outro lugar, é uma capela construída pela iniciativa ou a expensas de uma pessoa, de uma família ou de um grupo para o seu uso funerário. Este tipo de capelas multiplica-se no fim da Idade Média (segundo Colardelle, 1996: 306).

Carneiro ou carneira – o mesmo que ossário. O uso dos carneiros surge na sequência dos enterramentos «*ad santos*» e como resposta imediata à falta de espaço útil para satisfazer a procura de sepulturas em recintos «santos», ou seja, no interior dos templos ou, na pior das hipóteses, nas suas imediações (segundo Cunha e Ferreira, 1998: 27-28).

Caronte – nome do guia que faz atravessar as almas dos defuntos de Achéron ou Styx, essa extensão de águas estagnadas que, segundo a mitologia grega, margina os Infernos; **óbolo a Caronte** – moeda enterrada com o defunto para a remuneração dessa passagem (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 237).

Cemitério – conjunto sepulcral, frequentemente fechado, formado pela justaposição de túmulos reportando-se a uma mesma cultura. Este termo é utilizado com frequência no vocábulo «cemitério cristão». Quando é utilizado no vocábulo «cemitério cristão», este termo designa um espaço funerário associado a um lugar de culto e inserido no *habitat*, por oposição à necrópole antiga e da Alta Idade Média, situada no exterior do espaço habitado (segundo Colardelle, 1996: 306; Crubézy *et alii*, 2007: 237).

Clérigo – designa um homem entrado no estado eclesiástico por recepção da tonsura (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 237).

- Cobertura** – dispositivo, independentemente dos materiais e da técnica utilizados, destinados a cobrir o túmulo, mantendo o corpo num espaço vazio de terra (segundo Colardelle, 1996: 307).
- Cofragem** – contentor estático do corpo, em lajes, lousas, telhas, pedras aparelhadas, pedras de alvenaria, rolos ou pranchas de madeira cujos elementos (lados, fundo e tampa) são imobilizados pelo apoio de uns sobre os outros bem como por um enchimento de terra ou de fixações em materiais diversos entre eles e as paredes da fossa. Pode ser constituída por materiais mistos e apresentar um plano rectangular, trapezoidal ou antropomórfico (segundo Colardelle, 1996: 306; Crubézy *et alii*, 2007: 237).
- Comenda** - Contrato de gestão em que o rendeiro remetia uma parte dos rendimentos aos religiosos (segundo DRAC, s. d.: 23).
- Concílio** – assembleias dos bispos da Igreja católica, convocada para estatuir sobre questões de dogma, de moral ou de disciplina (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 237).
- Conjunto funerário** – o termo designa um grupo de sepulturas delimitado no espaço, seja qual for o seu tamanho e o seu recrutamento (selecção de pessoas com acesso ao cemitério). Os conjuntos funerários da Antiguidade podem com efeito acolher as famílias (conjuntos comunitários vastos) ou então indivíduos escolhidos em função da sua categoria social. O conjunto funerário é apenas um dos modelos da organização espacial dos mortos durante a Antiguidade, sendo tão frequentes como a dispersão dos túmulos, isolados ou em pequenos grupos de duas ou três unidades, nomeadamente em contexto rural (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 238).
- Coval ou cova simples** – o mesmo que «fossa em plena terra».
- Decomposição** – processo biológico natural conduzindo ao desaparecimento das partes orgânicas do cadáver (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 238). Pode ocorrer em espaço não colmatado, colmatado ou semi-colmatado (Paya *et alii*, 2004: 57-58).
- Decúbito** – atitude de uma pessoa deitada sobre um plano horizontal (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 238).
- Depósito primário** – lugar onde um corpo se decompõe e onde todas ou parte das suas junções articulares se soltam. Se o esqueleto ficar nesse lugar, trata-se então de uma sepultura primária: se for secundariamente retomado para ser depositado noutro local, a zona restante toma o nome de «lugar de depósito primário» (segundo

Crubézy *et alii*, 2007: 238).

Donat - laicos ligados a uma comunidade religiosa, remetendo os seus bens à comunidade e tendo autorização para ser inumados com os religiosos (segundo DRAC, s.d.: 13).

Entalhe cefálico – o entalhe cefálico diferencia-se do alvéolo cefálico pela sua fraca profundidade (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 238).

Entesopatias – Lesões ósseas na região da inserção dos ligamentos e tendões ao nível do osso (região designada por entese) que resultam de uma reacção inflamatória caracterizada pela calcificação ou ossificação dos ligamentos. No osso é visível a formação de espículas ósseas e superfícies rugosas e irregulares (Cunha *et alii*, 2001: 143).

Epitáfio – inscrição funerária em geral sobre pedra, mais raramente em mosaico ou em metal, disposta na parte superior do túmulo ou da sua superstrutura, horizontal ou verticalmente, e lembrando elementos julgados importantes, que variam segundo a época e o contexto cultural (identidade, data da morte e idade, atitude social ou religiosa, etc.) (segundo Colardelle, 1996: 307; Crubézy *et alii*, 2007: 239).

Errático – diz-se de ossadas dispersas, encontradas no enchimento de sepulturas às quais não pertencem ou nas camadas de terraplanagem (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 239).

Espaço colmatado – define um espaço de decomposição. Nesta definição, determinados ossos aparecem em desequilíbrio em relação ao volume que ocupa o corpo, mas foram mantidos na sua posição original (Paya *et alii*, 2004: 57).

Espaço não colmatado – define um espaço de decomposição. Ao nível do corpo humano, reflecte-se nos movimentos e deslocações que os ossos sofrem, essencialmente de carácter gravitacional, pelo desaparecimento das ligações ligamentares ou musculares, particularmente ao nível das pequenas peças ósseas, como as das mãos, pés e costelas, podendo verificar-se igualmente nas conexões dos ossos longos e dos coxais (Paya *et alii*, 2004: 57).

Espaço semi-colmatado – como os anteriores, define um espaço de decomposição. Esta noção foi arbitrariamente criada para reunir as duas definições anteriores. No esqueleto, observa-se uma grelha costal completamente afundada, e uma manutenção completa ou quase completa das contenções da zona pélvica até aos pés (Paya *et alii*, 2004: 58).

Estela – pedra de fraca espessura, erigida sobre um túmulo e tendo frequentemente uma inscrição (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Família – grupo de pessoas unidas por laços (aqui de parentesco) e colocadas sob uma mesma autoridade (aqui os Hospitalários) (DRAC, s.d.: 15).

Fossa comum – na Idade Média, designa fossas onde em certos casos eram depositadas as pessoas do comum, à medida que as mortes aconteciam. É um elemento difícil de comprovar do ponto de vista arqueológico (segundo Colardelle, 1996: 306; Crubézy *et alii*, 2007: 239). Actualmente, nos nossos cemitérios, trata-se de locais (muito frequentemente jazigos ou valas comuns) onde são relançados os restos esqueléticos uma vez que as sepulturas tenham sido desafectadas.

Fossa em plena terra – sepultura directamente praticada numa fossa escavada no substrato, sem outro contentor. A fossa em plena terra pode ser individual, dupla, colectiva ou comum (segundo Colardelle, 1996: 307; Crubézy *et alii*, 2007: 239). Em Portugal utiliza-se sobretudo o termo «coval» ou «coval simples».

Hipoplasias lineares do esmalte dentário – redução da espessura de esmalte na sequência de distúrbios que ocorrem durante o desenvolvimento (Cunha *et alii*, 2001: 143).

Hiperostose «frontalis interna» – espessamento anormal do osso frontal (Cunha *et alii*, 2001: 143).

Incineração – no sentido estrito, reporta-se a uma redução a cinzas. Este termo serve para designar um modo de sepultura comportando a cremação total ou parcial do corpo do defunto numa pira funerária. Aos ossos queimados que não são cinza, preferimos-lhe hoje o termo «cremação», mais apropriado (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 240).

Inumação – literalmente, colocação do cadáver em terra. No sentido estrito, a inumação é uma prática em geral oposta à incineração (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 240)

Jazente ou jacente – estátua representando um morto estendido (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 239).

Jazigo – túmulo construído, em geral de grandes dimensões, concebido para receber sucessivamente vários corpos, cuja individualidade será em princípio conservada (podem ser aí efectuadas reduções). Permitiam enterrar todos os membros de uma mesma família no mesmo local. No vocabulário administrativo actual, um jazigo

é necessariamente enterrado. Os jazigos, em razão das suas grandes dimensões, podem por vezes ser reutilizados para outras funções (ossário, fossa comum, etc.) (segundo Cunha e Ferreira, 1998: 28; Crubézy *et alii*, 2007: 236).

Jazigo/Nicho – na Idade Média, nicho escavado numa parede, sobreposto por um arco e contendo um túmulo privilegiado. É um termo aplicado unicamente para a Idade Média a ordenamentos semelhantes aos *arcosolia* (ver arcossólio) paleocristãos. No vocabulário administrativo actual, um nicho é um túmulo construído, em geral de grandes dimensões, situado à superfície («jazigo de superfície») (segundo Colardelle, 1996: 307; Crubézy *et alii*, 2007: 238).

Laje tumular ou tumba rasa – laje nua ou mostrando uma gravura ou um epitáfio e colocada em geral por cima de uma sepultura, ao nível do solo, no interior de uma igreja (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Mausoléu – monumento funerário arquitectonicamente desenvolvido, designando um edifício privado destinado a abrigar um ou mais túmulos, ao nível do solo, e desprovido de inalações litúrgicas. Do nome do túmulo de Mausole, sátrapa de Carie no século IV a.C. (segundo Colardelle, 1996: 308; Crubézy *et alii*, 2007: 241).

Memoria – designa todo o monumento em recordação do defunto (edifício funerário privado familiar ou individual, túmulo, altar, relíquias) (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 241).

Mobiliário funerário – todos os objectos que acompanham o morto no túmulo quer tenham sido utilizados pelo defunto ou depositados no próprio contentor ou na fossa: oferendas, viático ou ornamento, etc., à excepção de elementos misturados no enchimento e, logo, fortuitos (segundo Colardelle, 1996: 308; Lorans *in* Crubézy *et alii*, 2007: 222; Crubézy *et alii*, 2007: 241). Corresponde a várias categorias: a primeira reúne sobretudo os acessórios de vestuário e os objectos de adorno; a segunda inclui elementos de natureza e de estatuto muito diferentes, tais como armas, objectos da vida quotidiana (instrumentos, objectos de *toilette*), objectos de carácter mágico ou religioso, símbolos de funções e de poder (Lorans *in* Crubézy *et alii*, 2007: 222).

Morfologia – estudo da configuração e da estrutura externa, aqui de um ser vivo (segundo Le Robert) (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 241).

Mortalha – peça de tecido que envolve ou cobre o cadáver, disposta de maneira a envolvê-lo totalmente antes da sua inumação. Era cozida ou fixada com a ajuda de alfinetes

mais ou menos específicos («alfinetes de mortalha» ou alfinetes de duplo gancho) (segundo Colardelle, 1996: 308; Crubézy *et alii*, 2007: 240). O envolvimento do corpo evoluiu, sendo provável que nos primeiros séculos do Cristianismo o cadáver tenha sido depositado num tecido amplo, não apertado, que muito frequentemente não seria nem sequer cozido. As mortalhas ter-se-ão apertado no decurso dos séculos, quando as sepulturas evoluíram para o tipo «antropomórfico». Até ao século X, a mortalha podia ser cozida, ou apresentar também a forma de uma peça de pano enrolada em torno do corpo, num movimento de torção, ou mantida por bandas entrecruzadas ou espiraladas. Este último sistema caracteriza sobretudo os países do Sul. A partir do século XIV, a mortalha passa a ser mantida por alfinetes de bronze, que se encontram a maior parte das vezes na zona correspondente ao crânio (Paya *et alii*, 2004: 58).

Necrópole – no sentido literal: «cidade dos mortos». Esta palavra aparece como nome próprio em Estrabão (autor grego, 60 a.C. – 25 d.C.) para designar um subúrbio de Alexandria onde estavam concentrados os túmulos. Não existe termo, na língua latina, para nomear as áreas sepulcrais. A palavra «necrópole» é empregue, em francês, como nome comum, a partir do século XIX, para definir um espaço funerário antigo. Estava principalmente reservado, até então, aos espaços funerários antigos, periurbanos mais que rurais. Este termo, utilizado como por convenção, cai em desuso tanto o seu sentido se afasta da realidade do modo de ocupação do espaço na Gália, revelada pelas investigações recentes (ver conjunto funerário). Emprega-se ainda sem reticências para falar dos sítios funerários do fim da Antiguidade e da Alta Idade Média: basílicas suburbanas associadas a necrópoles e necrópoles de campo pleno (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 241).

Óbolo a Caronte – ver Caronte (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 2414).

Orientação – em arqueologia funerária, o termo reenvia para a disposição dos defuntos num eixo oeste-este, com, regra geral, a cabeça a oeste e os pés a este (segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 241).

Ossário – forma particular de redução, constituída por uma estrutura destinada a receber as ossadas de sepulturas recuperadas quando de novas inumações ou de um reordenamento do local de inumação. Os ossários podem ser estruturas enterradas (fossas, criptas) ou em elevação (capelas, átrios) ou então reutilizar estruturas desviadas da sua função primeira (mausoléu, jazigo) (segundo Cunha e Ferreira, 1998: 27-28). No caso de um depósito de cremação, o ossário designa os vestígios ósseos separados dos resíduos da pira funerária (logo, os ossos lavados),

colocados num contentor, mais frequentemente em cerâmica (mas também em chumbo, vidro, matéria orgânica); este é disposto numa estrutura específica ou, mais raramente, reintroduzido na fossa para as piras funerárias em fossa (segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 241).

Osteomielite – inflamação supurativa, aguda ou crónica, da parte cortical de um osso, provocada pelo estafilococo áureo (Cunha *et alii*, 2001: 143).

Paleopatologia – estudo das doenças dos homens de outrora a partir dos seus restos biológicos (esqueletos e/ou múmias) (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Perinatal – a mortalidade perinatal *stricto sensu* reagrupa a morti-natalidade e a mortalidade neo-natal, quer dizer o conjunto dos nados-mortos e dos falecimentos dos 28 primeiros dias depois do nascimento (segundo Monnier, 1985). Em antropobiologia das populações do passado, sob o conceito de mortalidade perinatal está reagrupado o conjunto dos esqueletos compreendidos entre seis meses de gestação e um a três anos após o nascimento (segundo Bruzek, Sellier e Tillier) (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Periósteo – Membrana fibrosa que reveste a superfície externa do osso (Cunha *et alii*, 2001: 143).

Periostite – Inflamação do periósteo.

Placa-Fivela – na época merovíngia, fivela e revestimento de cinto de formas e de tamanhos diversos, frequentemente decorados com motivos geométricos, animais ou cristãos (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Plena terra (em) – uma inumação dita em plena terra é uma inumação em que o corpo, vestido ou não, coberto ou não de uma mortalha, é depositado directamente na fossa – em contacto com o sedimento – quer esta esteja ou não munida de uma cobertura (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Pourrissoirs – dispositivo destinado, no interior de um *jazigo*, a facilitar o desaparecimento dos elementos orgânicos da sepultura (em caixão, mortalha, ou as partes moles do corpo). Era geralmente constituído por suportes metálicos, orgânicos (madeira) ou em alvenaria instalados para suportar as sepulturas, ou por grelhas metálicas ou construídas em alvenaria (segundo Colardelle, 1996: 309). Existe sobretudo nos espaços funerários medievais franceses.

Práticas funerárias – actividade exercida sobre os mortos e à volta dos mortos (segundo C. Masset e P. Sellier) (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Recrutamento – termo empregue pelos antropólogos francófonos para evocar a origem de uma amostra de esqueletos proveniente de um conjunto funerário, por exemplo e mais frequentemente a partir da sua distribuição por idade e por sexo. Um exemplo frequentemente citado é o do recrutamento do tipo dos «cemitérios militares», a partir de uma amostra constituída essencialmente por jovens adultos masculinos. Um recrutamento do tipo de «população natural» corresponde a uma distribuição por idade e por sexo compatível com a de um esquema de mortalidade a longo termo, que retoma a totalidade das possibilidades conhecidas para a época considerada (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 243).

Redução – reagrupamento, num espaço inferior ao volume inicial, de todo ou de parte das ossadas de um ou vários esqueletos no local ou em contacto com o local onde tinha sido efectuado o depósito inicial. Geralmente, as reduções são efectuadas para ganhar espaço (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 243). A redução pode ser interna (ossos empurrados, por exemplo, para os pés de uma caixa ou de um sarcófago) ou externa (alvéolo ou caixa lateral, ossos rejeitados para cima da cobertura, etc.) (segundo Colardelle, 1996: 309).

Relíquias – corpo ou fragmentos de corpo de um santo ou ainda de um objecto que lhe tenha servido. Assimilou-se também às relíquias dos santos objectos ou roupas que tivessem sido postos em contacto com as suas ossadas ou simplesmente com o seu túmulo (segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 243).

Ritos funerários – associação de uma prática funerária e de uma crença (segundo A. Leroi-Gourhan). O gesto funerário (a prática) pode ser reconstituído, mas se uma fórmula ou um discurso o acompanhava para lhe dar o estatuto de rito, não deixou traço. Eis a razão porque, na sequência de J. Leclerc, os arqueólogos falaram durante muito tempo de práticas funerárias e não de ritos. Hoje, a ritualidade, ou pelo menos uma certa forma de ritualidade, poderia ser reconhecida (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 243).

Ritual – ver ritos (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 243).

Rupestre – tradicionalmente qualificam-se como rupestres as sepulturas escavadas na rocha, e para as quais estas últimas constituem o único contentor sólido. Na realidade, na medida em que é frequentemente difícil diferenciar precisamente o «bed-rock»

de rochas menos sólidas (grés, marnas endurecidas, etc.), considera-se como rupestre, no quadro que nos interessa, qualquer sepultura escavada num substrato suficientemente sólido para que as suas margens se mantenham verticias sem consolidação particular e possam diretamente suportar a cobertura (segundo Colardelle, 1996: 309).

Sagrera – (no plural *sagres*) tradução catalã do latim *sacraria*, que designa o espaço sagrado protegido que envolve a igreja e beneficia da mesma salvaguarda que esta. Na Catalunha, este espaço tem quase sempre um raio de trinta passos (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 243).

Sarcófago – *stricto sensu*, «que devora a carne». Contentor estático e fechado; frequentemente e ordinariamente em pedra, então monólito, por vezes em duas ou três partes, mas sempre caracterizado pela escavação da pedra para formar num mesmo bloco o fundo e as paredes (segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 243).

Sepultura – local que comporta os restos ou os traços de restos de defuntos e onde o arqueólogo pode recolher indícios suficientes para desvendar nos seus depósitos a vontade de cumprir um gesto funerário (segundo Leclerc e Tarrête e segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Sepultura colectiva – sepultura onde, à medida dos contributos sucessivos, foram efectuadas misturas de diferentes esqueletos (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Sepultura de catástrofe – sepultura correspondendo à inumação simultânea de vários sujeitos num mesmo local na sequência de uma catástrofe de origem humana ou natural. Em relação à sepultura múltipla, a sepultura de catástrofe caracteriza-se por uma inumação rápida dos sujeitos, apressada, com um ritual geralmente reduzido (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Sepultura múltipla – sepultura correspondendo à inumação simultânea de dois ou vários sujeitos num mesmo local (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Sepultura primária – corresponde ao depósito de um cadáver para o qual a decomposição ainda não provocou disjunções articulares (segundo H. Duday e P. Sellier); ver túmulo-pira funerária (segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Sepultura secundária – depósito de restos humanos precedida de uma fase de descarnação

que se desenrola num outro local e que pode ser passivo (decomposição) e/ou activo (descarnização ou cremação sobre uma pira funerária à distância do túmulo, por exemplo) (segundo H. Duday e P. Sellier e segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Sportela – de *sporta*, o alforge do peregrino. Insígnia, frequentemente feita de metal (chumbo, bronze ou prata) transportada pelo peregrino, e símbolo da sua peregrinação cumprida (DRAC, s.d.: 25).

Sudário – o mesmo que mortalha.

Tafonomia – aplicado à biologia, este termo, emprestado pela geologia, designa um conjunto de processos que regem a conservação ou a destruição dos restos biológicos, de entre os quais os cadáveres. Esses processos resultam da intervenção dos agentes naturais (erosão, concreções, alterações físico-químicas, actividades dos microrganismos e dos animais fossadores), e das intervenções humanas ulteriores (pilha, reorganização) (segundo H. Duday e P. Sellier e segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Tampa – dispositivo, seja qual for o material e a técnica da sua instauração, destinado a cobrir a sepultura, mantendo o corpo num espaço vazio de terra (segundo Colardelle, 1996: 307).

Tau – bastão abacial em forma de T, designado pelo nome da letra grega equivalente (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Túmulo – lugar de depósito definitivo dos restos que representam o morto e que constituem o suporte da memória do defunto (segundo J. Leclerc e segundo Crubézy *et alii*, 2007: 244).

Túmulo plano – laje nua ou apresentando uma gravura ou um epitáfio e colocada em geral por cima de uma sepultura, ao nível do solo, no interior de uma igreja (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 242).

Tumulus – (no plural *tumuli*) eminência artificial (mamoá), de terra e de pedras, recobrindo um ou vários túmulos (segundo Colardelle, 1996: 309; Crubézy *et alii*, 2007: 245).

Viático – provisões de viagem, a do além, em contexto funerário (Crubézy *et alii*, 2007: 245).

Villa – vasto conjunto de edifícios associando, na Antiguidade, um lugar de residência e uma

exploração agrícola. A *pars* urbana corresponde à parte residencial, a *pars* rustica à ocupada pelos edifícios de exploração (segundo Crubézy *et alii*, 2007: 245).

APÊNDICE C – FICHAS DE SÍTIOS

SÉ CATEDRAL



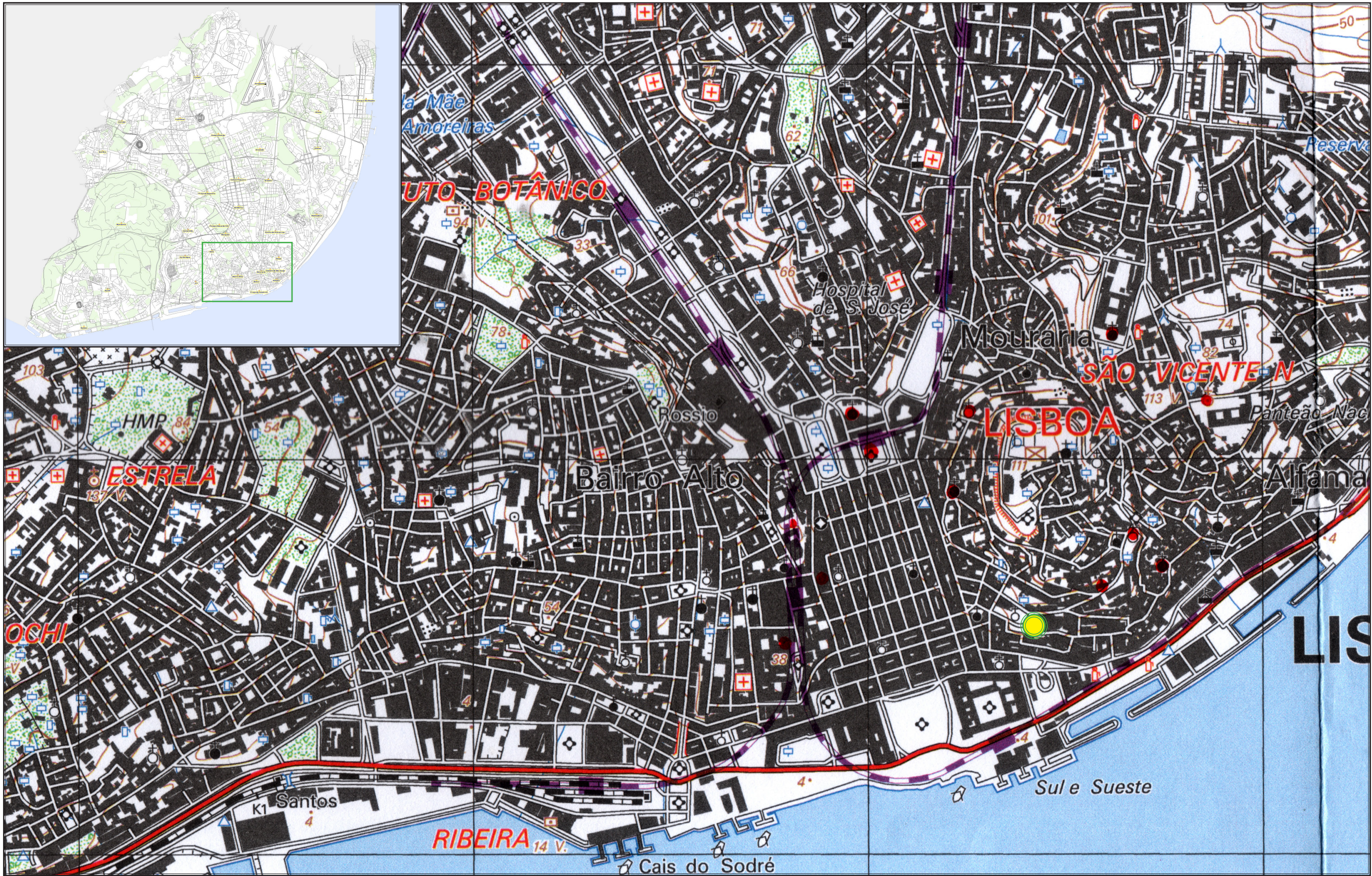
Coordenadas:

Latitude: P 38° 42' 35"

Longitude: M -10° 52' 00"

Cronologia:

Sécs. XII, XIII e XIV



Descrição do monumento:

A construção da Sé Catedral de Lisboa data do século XII, tendo recebido diversos acrescentos nos séculos XIII e XIV, nomeadamente o claustro, a Capela de Bartolomeu Joanes, a sacristia (actual Camarim do Patriarca), a ábside e a capela-mor que substitui a primitiva. Foi objecto da fundação de muitas capelas, a saber: a Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta e respectiva Irmandade, por Nuno Fernandes Cogominho e D. Maria Albernaz (1290-1300); cinco capelas na charola, mandadas fundar por D. Afonso IV e D. Beatriz; a capela régia de São Cosme e São Damião, mandada instituir por Lopo Fernandes Pacheco e Maria Vila Lobos, sua mulher; as Capelas do Espírito Santo e Santa Cruz, na charola, respectivamente por Mestre Pero e por António Durães; a Capela de São João Evangelista na ala Norte do claustro, por Mestre Fernando; as capelas de São Lourenço, por Lourenço Anes, e de São Nicolau, esta no claustro; a Capela de São Sebastião na charola, por D. João Martins (1303); a Capela de Santo Estêvão, no claustro, por Estêvão Rodrigues de Loulé e Mor Martins (1305); a Capela de São Bartolomeu por Bartolomeu Joanes, adossada à nave e com hospital anexo (1324); a Capela de Nossa Senhora da Conceição pelo bispo D. Pedro, na charola (1358); e a Capela de São Vicente, na abside, por Afonso Eanes (1451-1467) (Neto, 1992; Figueiredo, 2008).

Depois do terramoto de 1755 foi, tal como muitos outros edifícios na mesma época, alvo de obras de recuperação.

Sob o claustro, as escavações conduzidas desde 1990 (Matos e Amaro) puseram a descoberto uma longa diacronia de ocupação (do período da Idade do Ferro até à época islâmica), e numerosas obras a que o espaço esteve sujeito desde a época cristã até aos nossos dias em infra-estruturas como esgotos, a deposição de um ossário, entre outros.

Assim, relativamente ao período da Idade do Ferro - escavado pontualmente - foram identificadas algumas camadas; do período Romano foram postos a descoberto uma rua, a cloaca, diversos sistemas de comunicação, *tabernae* e parte de uma casa, assim como estruturas tardo-romanas que desactivaram a mesma rua e aterros correspondentes a época idêntica; ao período Islâmico correspondem áreas habitacionais na plataforma Norte e restos de pavimentos em almagra, um edifício público na plataforma Sul com paredes rebocadas pintadas a vermelho e branco definindo um pátio; foram descobertas numerosas fossas detriticas e alguns tanques; à época Medieval pertencem alguns muros e reutilizações de estruturas islâmicas, tendo igualmente sido encontrado um aterro do século XIV; finalmente, da época Moderna provêm níveis superiores e uma lixeira do século XVI.

A demolição do adro pombalino da Sé de Lisboa, nos anos 20 do século passado, pôs a descoberto o cemitério da Ordem de Santiago, de que as sepulturas medievais aparecidas comprovavam a existência (Barroca, 2000: 576).

Quanto ao espólio, este apresenta-se abundante no tocante à Idade do Ferro, e aos períodos Tardo-Romano, Islâmico e Medieval. Destaca-se algum material alto-imperial, maioritariamente cerâmicas e numismas.

Sítio escavado por:

José Luís Martins de Matos e Clementino José Gonçalves Amaro (1990-1994); Maria Alexandra de Medeiros Lino Gaspar (1995-1996); Maria Alexandra de Medeiros Lino Gaspar e Clementino José Gonçalves Amaro (1997-1999)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
		<p>- Túmulo de D. Constança, infanta portuguesa: restos ósseos, e vestígios de vestuário (um corpete), bordado a matiz, hoje no Museu Nacional do Traje, aparecidos durante a abertura do sarcófago em 1904. A análise dos vestígios osteológicos permitiu concluir que a infanta teria cerca de 8 anos quando morreu (Távora, 1982: 14; Barroca, 2000: 1137).</p>	<p>Arcas tumulares e inscrições identificadas:</p> <p>- De D. Afonso IV († 1357): inscrição moderna, criada em substituição do original gótico desaparecido;</p> <p>- De sua mulher, D. Beatriz († 1359): inscrição moderna, criada em substituição do original gótico desaparecido;</p> <p>- Da infanta D. Branca (filha de D. João I);</p> <p>- De D. Grácia Fróis ou Froiaz, mãe de D. Pedro Afonso (terceiro Conde de Barcelos) († 1322): inscrição gravada em túmulo. Suporte desconhecido. Dimensões desconhecidas;</p> <p>- De D. Lopo Fernandes Pacheco (o nobre cavaleiro e herói da Batalha do Salado) († 1349): inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 100 cm. Alt.: 82 cm. Campo epigráfico: Comp.: 62 cm. Alt.: 67 cm. Alt. média das regras: 2,4 cm. Alt. média das letras: 2 cm. Altura média dos espaços interlineares: 0,7 cm;</p> <p>- De sua mulher, D. Maria Vilalobos († ?): inscrição gravada em pormenor escultórico de estátua jacente, de calcário. Comp.: (A) 10 cm; (B) 10 cm. Alt.: 14 cm. Alt. média das letras: 0,7 a 0,8 cm;</p> <p>- De D. Pedro Afonso (filho bastardo de D. Dinis);</p> <p>- De D. Constança, infanta portuguesa: inscrição gravada em estátua jacente, de mármore. Comp.: (A) 9,6 cm; (B) 9,2 cm. Alt.: 12,5 cm. Alt. média das letras: 1,2 cm;</p> <p>- De D. Margarida Albernaz († 1327?);</p> <p>- De uma dama anónima;</p> <p>- De Bartolomeu Joanes († 1324): inscrição gravada em tampa de sarcófago, de calcário. Campo epigráfico: Comp.: (1) 66 cm; (2) 211,5 cm; (3) 64 cm. Alt.: 7,7 a 8 cm. Alt. média das letras: 1.1: 5,2 cm; 1.2: 5,3 cm; 1.3: 5,3 cm;</p> <p>- De Estêvão Domingues († ?);</p> <p>- De sua mulher, Mor Martins († ?);</p> <p>- De bispos e prelados: D. Soeiro Viegas († 1232); Bispo Anónimo († 1279); D. Lourenço Anes († 1386); Cónego Fernão Guilherme de Elvas († 1349): inscrição gravada em tampa de sarcófago, de calcário. Comp.: 198,5 cm. Alt.: 16,5 cm. Alt. média das regras: 11 cm. Alt. média das letras: 7 cm.</p>
			<p>Lápides funerárias:</p> <p>1. Martim Vicente († 2º quartel séc. XII): inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Comp.: 205 cm. Alt.: 82 cm. Esp.: 25 cm. Alt. média das letras: 3 cm.</p> <p>2. «Martinus de Rumenel» († 2ª metade séc. XII): inscrição gravada em silhar, de calcário. Comp.: 38,5 cm. Alt.: 53 cm. Alt. média das letras: 1.1: 3 cm; 1.2: 3 cm.</p>

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			<p>3. Cónego Paio Patainus († 2ª metade séc. XII): inscrição gravada em silhar, de calcário. Comp.: 38,5 cm. Alt.: 53 cm. Alt. média das letras: 1.1: 2 cm; 1.2: 2 cm.</p> <p>4.«Gonçalo (?) de Santiago» († 2ª metade séc. XII): inscrição gravada em silhar, de calcário. Comp.: 45 cm. Alt.: 52 cm. Alt. média das letras: 1.1: 2,5 cm.</p> <p>5.«Simão ...rcus» († 2ª metade séc. XII ou séc. XIII): inscrição gravada em silhar, de calcário. Dimensões desconhecidas.</p> <p>6.D. Francus († finais séc. XII): inscrição gravada em lápide, de calcário. Dimensões desconhecidas.</p> <p>7.Mestre João [Moniz] († 1302): inscrição gravada em silhar, de calcário. Comp.: 46 cm. Alt.: 32 cm. Alt. média das letras: 2,8 a 3 cm.</p> <p>8.D. Maria († 1308?): gravada em suporte desconhecido. Dimensões desconhecidas.</p> <p>9.Clérigo Pero Vicente (†1308): inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 82,5 cm. Alt.: 61 cm. Alt. média das letras: 2,5 cm.</p> <p>10.Pero Martins de Alfama († 1314): inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 45,5 cm. Alt.: 35 cm. Alt. média das letras: 3,3 cm.</p> <p>11.João Fuas († 1316): inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 42 cm. Alt.: 29 cm. Alt. média das letras: 8 cm. Campo epigráfico: Comp.: 35 cm. Alt.: 22 cm. Alt. média das regras: r.1: 3,1 cm; r.2: 3,1 cm; r.3: 3,3 cm; r.4: 3,2 cm. Alt. média das letras: 1.1: 2,8 cm; 1.2: 2,5 cm; 1.3: 2,9 cm; 1.4: 2,8 cm. Altura média dos espaços interlineares: 1,6 a 1,9 cm.</p> <p>12.D. Gonçalo Gonçalves († 1317): inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Comp.: 200 cm. Alt.: 105 cm. Esp.: 17 cm. Campo epigráfico (dimensões correspondem à mancha epigráfica): Comp.: 41 cm. Alt.: 33 cm. Alt. média das letras: 1.1: 4,3 cm; 1.2: 4,3 cm; 1.3: 4,6 cm; 1.4: 4,2 cm; 1.5: 4,4 cm; 1.6: 3,8 cm; 1.7: 3 cm.</p> <p>13.Presbítero Rodrigo Galeano († 1332): inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 34,5 cm. Alt.: 15,5 cm. Alt. média das letras: 2,2 cm.</p> <p>14.Um Almoxarife de Lisboa († 1369): inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Comp.: 155 cm. Alt.: 113 cm. Esp.: 17 cm. Alt. média das regras: 9 cm. Alt. média das letras: 6,5 cm.</p> <p>15.Bispo de Lisboa D. Fernando Álvares († 1378): inscrição gravada em tampa de sepultura. Suporte desconhecido. Dimensões desconhecidas.</p> <p>16.Vicente Anes (†séc. XIV): inscrição gravada em silhar, de calcário. Comp.: 70 cm. Alt.: 29 cm. Alt. média das letras 1.1: 6,5 cm; 1.2: 6 cm; 1.3: 5,7 cm. Sinal tabeliônico: Alt.: 19 cm. Larg.: 10 cm.</p>

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			<p>17.[Gi]ral de Santarém († 2º quartel séc. XII): inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Alt. máxima: 177 cm. Larg.: 86 cm. Esp.: 26 cm. Alt. média das regras: r.1:?: r.2: 8 cm; r.3: 6,5 cm; r.4: 6,5 cm. Alt. média das letras: 1.1:?: 1.2: 6 cm; 1.3: 4,5 cm; 1.4: 4,5 cm.</p> <p>18.Um mercador desconhecido († 2º quartel séc. XII): inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Alt.: 207 cm. Larg.: 109 cm. Esp.: 19 cm. Alt. média das regras: 8 cm. Alt. média das letras: 6,5 a 7 cm.</p> <p>19.[...] Anes (†séc. XIV): inscrição gravada em silhares, de calcário. Comp.: 130 cm. Alt. média das letras 1.1: 5,5 cm; 1.2: 5 cm; 1.3: 5 cm.</p> <p>20.«Maria» (†séc. XIV): inscrição gravada em silhares, de calcário. Alt. média das letras: 1.1: 3,5 cm; 1.2: 14 cm.</p> <p>21.D. João Anes Escudeiro (†1402): inscrição gravada em sarcófago, de calcário. Alt.: 265 cm. Larg.: 58 cm. Alt. média das letras: 1.1: 6,5 cm; 1.2: 6 cm; 1.3: 6 cm; 1.4: 5 cm.</p> <p>Inscrições comemorativas:</p> <p>- Da tomada de Lisboa pelas forças cristãs, em 1147: inscrição gravada em lápide, de calcário, impossível de medir.</p> <p>- Da construção de uma Capela do Claustro da Sé (1305), de dedicação atribuída a Santo Estêvão: inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 91 cm. Alt.: 66 cm. Esp.: 6 cm. Alt. média das letras: 2 cm.</p> <p>- Do início da construção de um Hospital junto da Sé: inscrição gravada em aduela de fresta, de calcário. Comp. máx.: 45 cm. Alt.: 26 cm. Alt. média das letras 1.1: 3,5 cm; 1.2: 4,5 cm; 1.3: 4,5 cm.</p>

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 3229)

AAVV (1993) - *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado. Inventário*.

AMARO, Clementino José Gonçalves (1992) - «Arqueologia urbana de Lisboa - sua evolução», *Al-madan*, 2ª Série, 1 Almada: 19-22.

AMARO, Clementino Jose Gonçalves (1993) - «Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa.», *Estudos Orientais IV – Os fenícios no Território Português*, Instituto Oriental, Lisboa: 183-192.

AMARO, Clementino José Gonçalves (1995) - «Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa», 4ª Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, Lisboa; Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, (*Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica*, 4): 337-342.

ARRUDA, Ana Margarida; TEIXEIRA DE FREITAS, Vera; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan I. (2000) - «As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3, 2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 25-59.

BARROCA, Mário Jorge (1992) - «Túmulo de D. Lopo Fernandes Pacheco». *Nos Confins da Idade Média. Arte Portuguesa Séculos XII-XIV*, Instituto Português de Museus, Lisboa, in Fernandes, 2001.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. 4 vols, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa.

Base de Dados Endovélico/IPA

BIRG, Manuela (1994) - «A Igreja de Santa Maria Maior», *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, in Villamariz, 2004.

CASTILHO, Júlio (1970) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, 3ª edição, Lisboa, in Fernandes, 2001.

CORREIA, Virgílio (1924) - *Monumentos e Esculturas (séculos III-XVI)*, 2ª ed., Livraria Ferin, Lisboa, in Fernandes, 2001.

FAGUNDES, João (1994) - «A Sé», in Moita, 1994: 115-128.

FELGUEIRAS, J. E. (1962) - «Notas para a solução de um problema de História da Arte»,

Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris, 20, Lisboa, Abril, in Fernandes, 2001.

FERNANDES, Carla Varela (2001) - *Memórias de Escultura Tumular Medieval da Sé de Lisboa*, 1.^a Ed., IPPAR, Lisboa.

FIGUEIREDO, Paula (2008) - *Sé de Lisboa*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (www.monumentos.pt).

MARQUES, A. H. de Oliveira (1994) - «Depois da Reconquista», in Moita, 1994: 89-113.

MATOS, José Luís Martins de (1994) - «Escavações arqueológicas nos claustros da Sé de Lisboa», *Al-madan*, 2^a Série, 3, Almada: 108.

MOITA, Irisalva (coord.) (1994) – *O Livro de Lisboa*. Livros Horizonte, Lisboa.

MORENO-GARCIA, M.; DAVIS, S. (2001) - «Animal bones from Quadrado M22. Sé de Lisboa», *Trabalhos do CIPA*, 16, IPA, Lisboa.

NETO, João (1992) – *Se de Lisboa*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (www.monumentos.pt).

PEREIRA, Paulo (1995) - *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, in Villamariz, 2004.

RIBEIRO, Manuel (1931) - *A Sé de Lisboa*, Porto, Edições Marques Abreu, in Villamariz, 2004.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1927) - *Inscrições Sepulcrais da Sé de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional in Villamariz, 2004.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1951) - *Os «Jacentes» da Sé de Lisboa e a sua Indumentária*, in Fernandes, 2001.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1953) - «Os «Jacentes» da Sé de Lisboa e a sua Indumentária», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa in Villamariz, 2004.

TÁVORA, Luís Gonzaga de Lencastre e (1984) - *A Heráldica Medieval na Sé de Lisboa*, Ramos Afonso & Moita, in Fernandes, 2001.

VILLAMARIZ, Catarina (2004)- «A Sé de Lisboa e a Arquitectura Claustral», *A Nova Lisboa Medieval*, Edições Colibri, Lisboa: 153-164.

IGREJA DE SANTA LUZIA



Coordenadas:

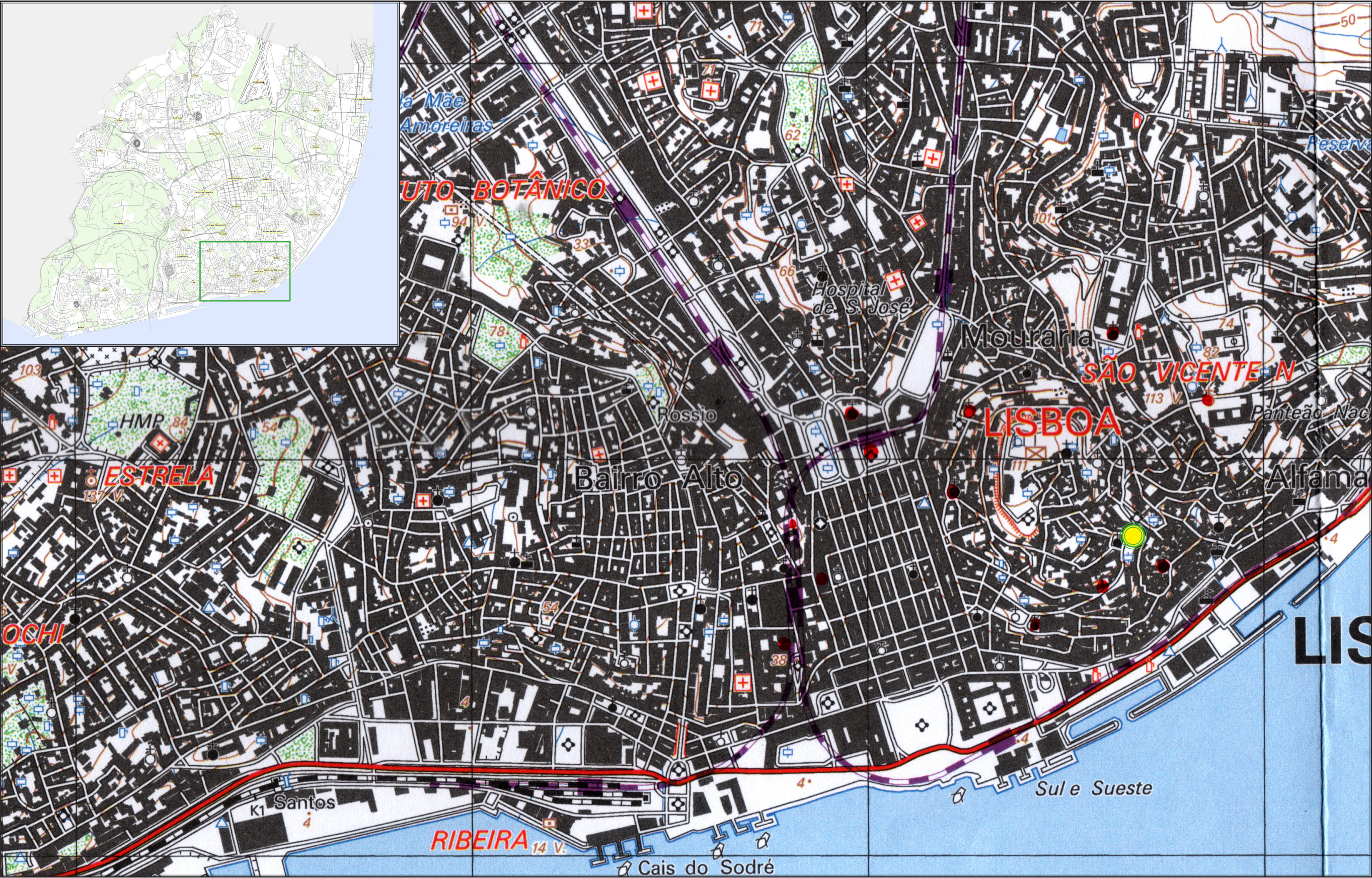
Latitude: P 38° 42' 45"

Longitude: M - 10° 52' 10"

Cronologia:

Séc. XIV e posteriormente séc. XVII

IGREJA DE SANTA LUZIA



Descrição do monumento:

No seu interior encontram-se dez sepulturas, em forma de lápides e monumentos funerários, que se distribuem pela capela-mor (duas), pavimentos do braço esquerdo do transepto (cinco) e da nave (três), com inscrições em português ou latim e que se encontram classificadas. A igreja propriamente dita é um edifício simples, de planta em cruz latina e nave única, datada do século XVII e erguida sobre outra anterior, do século XIV, construída pelos cavaleiros da Ordem de Malta no reinado de D. Afonso Henriques e de invocação a São Brás. Implantada junto à cerca moura, funcionou primeiramente como uma igreja fortaleza, devido à sua posição estratégica imposta numa zona de defesa, a oriente da cidade (Araújo, 1992: 70-71; www.ippar.pt).

Classificada como Monumento Nacional pelo Decreto 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910.

Necrópole escavada por:

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:

BIBLIOGRAFIA

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71145

ANDRADE, Ferreira de (1949) - *A Freguesia de Santiago. Subsídios Para a Historia das suas Ruas, Edifícios e Igreja Paroquial*, vol. II, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa: 143-155.

ARAÚJO, Norberto de (1992) - *Peregrinações em Lisboa*, vol. II, 2.^a Edição, Veja, Lisboa.

CONVENTO DA GRAÇA E ANTIGA IGREJA DE SANTO ANDRÉ



Coordenadas:

Latitude: P 38° 42' 55"

Longitude: M -10° 52' 07"

Cronologia:

Sécs. XII, XVI, XVII, XVIII

CONVENTO DA GRAÇA E ANTIGA IGREJA DE SANTO ANDRÉ



Descrição do monumento:

Fundado num dos morros altaneiros da cidade, na época da Reconquista cristã, vocacionado para frades eremitas calçados de Santo Agostinho, o então Mosteiro da Graça sofreu profundas obras ao longo dos séculos, a começar na campanha promovida a partir de 1556 pelo vigário-geral, frei Luís de Montóia (de que resta o claustro), até à que se seguiu à derrocada provocada pelo terramoto de 1755, dirigida pelos arquitectos Caetano Tomás de Sousa e Manuel Caetano de Sousa, conferindo-lhe o actual carácter tardo-barroco. Hoje, como então, apresenta planta cruciforme, nave de cinco tramos e altares de talha do final do Rococó (www.ippar.pt).

Mário Barroca refere a existência dos túmulos do Doutor Rui Gomes de Alvarenga e de sua mulher, D. Melícia de Melo, respectivamente de 1475 e de 1479, como dois dos exemplos de utilização de numeração árabe, introduzida a partir de 1475 (Barroca, 2000: 197).

O Convento da Graça foi classificado como Monumentos Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910, e pelos Decreto n.º 29 604, DG n.º 112, de 16-05-1939, e Decreto n.º 40 684, DG n.º 146, de 13-07-1956 (Fonte: IPPAR). Estão em especial classificados a Sacristia e as capelas intermédias da igreja, e o túmulo de D. Mendo de Foios (www.ippar.pt).

Por outro lado, menciona, para a Igreja de Santo André, a inscrição comemorativa da fundação de uma das Capelas da mesma, a Capela de Santo Ambrósio, que teria sido instituída «(...) *por iniciativa de D. Aires Martins e sua mulher, Maria Esteves* (...)» (Barroca, 2000: 1145). Teria sido levada daquela igreja, onde se encontrava até 1834, para a Igreja da Graça. Está datada de [1298-1325] por Mário Barroca, uma vez que teria sido realizada após 1298, ano do último documento assinado por Aires Martins. A igreja de Santo André ter-lhe-ia sido doada pelo rei D. Dinis em recompensa do seu serviço àquele monarca (Barroca, 2000: 1146-1147).

De acordo com aquele autor, a Igreja de Santo André consta pela primeira vez no rol de igrejas de Lisboa que tinha sido ordenado durante os reinados de D. Afonso II e de D. Sancho II (Silva, 1942: 186; Silva, 1943, 242-244; Pradalié, 1975: 39, 143), em documento com datação emendada de 1229. A Igreja erguia-se junto da Travessa do Açougue e, após o terramoto de 1755, que lhe provocou grandes estragos, foi reconstruída integralmente (Pereira, 1964: 8; Pereira, 1990: 123; Barroca, 2000: 1146).

Possuía primitivamente cinco capelas, sendo a Capela-mor dedicada a Santo André.

A Paróquia foi transferida para a Igreja da Graça em 1835, quando foram extintas as Ordens Religiosas. Uma vez que deixou de servir ao culto, a igreja seria demolida em 1835 (Barroca, 2000: 1146).

Necrópole escavada por:

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			<p>Lápides funerárias:</p> <p>- Simão Joanes († 1326): inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 47-49 cm. Alt.: 55,5-57 cm. Esp.: 9,5 cm. Campo epigráfico: Comp.: 45,5 cm. Alt.: 26,5 cm. Alt. média das regras: r.1: 3,8 cm; r.2: 4,1 cm; r.3: 3,9 cm; r.4: 4,2 cm; r.5: 3 cm. Alt. média das letras: 1.1: 2,7 cm; 1.2: 3 cm; 1.3: 2,8 cm; 1.4: 2,9 cm; 1.5: 3 cm. Altura média dos espaços interlineares: 0,8 a 1 cm.</p> <p>Inscrições comemorativas:</p> <p>- da fundação de uma das Capelas da Igreja de Santo André, a Capela de Santo Ambrósio [1298-1325]: inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 45 cm. Alt.: 41 cm.</p>

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, D. Fernando de (1973) - *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*, vol. V, (1º tomo), Lisboa.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. 4 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

BATATA, Carlos (2000) – *Relatório Intercalar Rua Damasceno Monteiro, OZECARUS*.

FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», *in* Krus, 2007: 259-277.

PEREIRA, Isaiás Rosa (1964) – «Alguns Documentos do cartório da Antiga Igreja de Santo André», *Revista Municipal*, Ano XXV, 104, Lisboa, *in* Barroca, 2000.

PEREIRA, Isaiás Rosa (1964) – «Para a história da Antiga Igreja de Santo André de Lisboa», *Documentos para a História do Patriarcado de Lisboa*, Sep. de *Vida Católica*, 3, Lisboa: 123-144, *in* Barroca, 2000.

PRADALIÉ, Gérard (1975) – Lisboa – *Da Reconquista ao fim do século XIII*, Lisboa, *in* Barroca, 2000.

RIBEIRO, Mário de Sampayo (1939) - *A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa*, Lisboa.

SILVA, A. Vieira da (1942) – «A Evolução Paroquial de Lisboa», *Revista Municipal*, Ano III, 13-14, Lisboa, *in* Barroca, 2000.

SILVA, A. Vieira da (1943) – «Notícias Históricas das Freguesias de Lisboa», *Revista Municipal*, Ano III, 15 e 16, Lisboa, *in* Barroca, 2000.

IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO



Coordenadas:

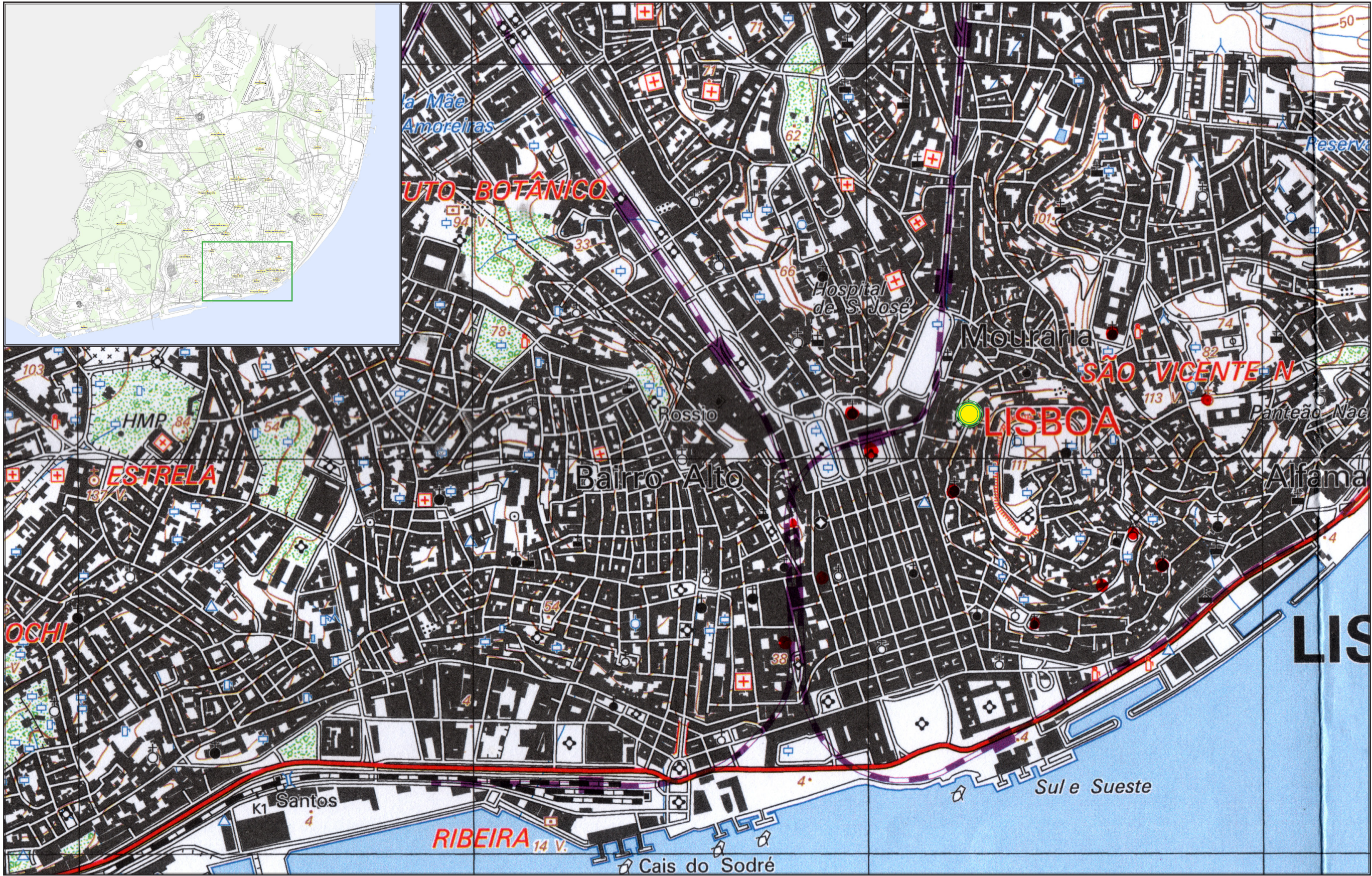
Latitude: P 38° 42' 45"

Longitude: M -10° 51' 52"

Cronologia:

Época islâmica e Sécs. XV a XVIII

IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO



Descrição do monumento:

A origem do templo remonta à época islâmica, quando os moçárabes de Lisboa aqui tiveram a sua sede, sob a invocação de Santa Maria de Alcami ou Alcamim. Reformas posteriores alteraram a sua fisionomia original e na primeira metade do século XVIII deu-se a construção que chegou até aos nossos dias. O interior é de uma só nave. A capela-mor, rectangular, é a parte mais antiga da actual igreja e foi construída em 1671 pela Irmandade do Santíssimo Sacramento. Aqui se expõe o que resta da antiga Capela dos Mirandas, designadamente o túmulo do bispo D. Fernando de Miranda, capelão-mor de D. Afonso V e que esteve presente na tomada de Arzila.

Não muito longe existiram os Paços de São Cristóvão (na actual Rua do Regedor, nome que lhe vem da pertença do Paço a D. Álvaro de Bragança, Regedor das Justiças no tempo de D. João II), entre os séculos XV e XVI, assim como o Largo da Achada. Este merece particular atenção por ter sido o arrabalde da cidade Muçulmana, significando o seu nome «terra chá» (uma pequena planície da encosta da Costa do Castelo) (Gonçalves, 2005: 4).

Necrópole escavada por:

Ana Gonçalves (2005), integrada em equipa da ERA.

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
Sepulturas orientadas a 270º-90º	Duas sepulturas perturbadas pela colocação da antiga tubagem e pela nova abertura para a colocação de marco de incêndio.	Sem espólio associado.	<p>Túmulo 1</p> <p>Túmulo e forma de arca, com as armas de D. Martim Afonso: uma central, na tampa e duas na caixa, simétricas.</p> <p>Escudo normal ou português de quatro flores-de-lis e aspa.</p> <p>A inscrição desenvolve-se na moldura da arca e é em caracteres góticos gravados evidenciando ainda a pintura a vermelho, desenvolvendo-se da tampa para a caixa.</p> <p>Leitura da inscrição:</p> <p><i>«Aqui jaz o mui honrado senhor D. Martinho, Arcebispo que foi de Braga; Governador del rei D. Duarte e Principal conselheiro del rei Dom João.</i></p> <p><i>O qual foi com ele em a grã batalha e em todas entradas em Castela e pesi (também) com sua gente entrou (duas vezes em Galiza) e foi em todos os feitos que o dito senhor ouve (des) de o começo de Sua (...).</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Caixa – Altura – 46,0 cm.</p> <p>Largura – 1,39 cm</p> <p>Tampa – Altura – 44,5 cm</p> <p>Altura total do túmulo – 90,5 cm</p> <p>Altura média das letras – 2,5 cm</p>

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			<p>Túmulo 2</p> <p>Túmulo em forma de arca, com mitra sobre papiro na tampa e armas dos Miranda sobre variação do escudo manuelino.</p> <p>A inscrição é em caracteres góticos gravados e evidenciando, como o anterior, vestígios da pintura a vermelho. Desenvolve-se parcialmente sobre a tampa e sobre toda a face visível da caixa.</p> <p>Leitura da inscrição:</p> <p><i>«O muito magnífico Reverendo Senhor Dom Fernando de Miranda, Bispo de Viseu, que aqui jaz, foi criado e capelão-mór dl rei Dom Afonso o quinto, o qual serviu com tanta lealdade que mereceu ser mui aceito dele e foi com ele na tomada de Arzila, e na batalha de Toro, acompanhando-o sempre em todos os perigos em que se viu, de maneira que dos cinco que com ele ficaram foi um deles.</i></p> <p><i>E serviu o Senhor no hábito militar muitos anos, seguindo os passos dos que descende.</i></p> <p><i>E por sua virtuosa vida o dito senhor quis se mudasse no estado clerical, e por seu falecimento ficou capelão-mór del rei D. João o segundo, seu filho, o qual o fez Bispo de Viseu. E foi Bispo 23 anos e governou virtuosamente e lhe deu ricos ornamentos.</i></p> <p><i>E viveu sempre em tanto recolhimento e honestidade que na opinião de muitos era havido por virgem.</i></p> <p><i>E fez tal vida segundo nossa Fé, agora vive bem-aventurado para sempre.</i></p> <p><i>E se finou na era de ...»</i> (Sabemos que faleceu no mês de Abril de 1505 – ver notas biográficas infra).</p> <p>Dimensões:</p> <p>Caixa - Altura – 40,0 cm</p> <p> Largura – 1,39 cm</p> <p>Tampa – Altura – 45,5 cm</p> <p>Altura total do túmulo – 85,5 cm</p> <p>Altura média das letras – 3,0 cm</p>

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			<p>Túmulo 3</p> <p>Caixa-ossário com moldura rectangular de cantos chanfrados em redondo, na qual está gravada a inscrição.</p> <p>Leitura da inscrição:</p> <p><i>«Aqui jazem os ossos de Fernão Gonçalves de Miranda e de sua mulher Dona Branca de Sousa que se finaram na era de 1466».</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Campo epigráfico – Altura – 21,2 cm</p> <p>Largura – 36,8 cm</p> <p>Nº de Linhas – 5</p> <p>Altura letras minúsculas – 1,4 cm</p> <p>Altura letras maiúsculas – 2,4 cm</p>
			<p>Túmulo 4</p> <p>Como o anterior.</p> <p>Leitura da inscrição:</p> <p><i>«Aqui jazem os ossos de Matias de Miranda e de sua mulher Dona Genebra Fereira que se finaram na era de 1463».</i></p> <p>Comentário: por defeito de transcrição, passou Matias por Martim (Afonso) de Miranda e Genebra Fereira por Pereira.</p> <p>Trata-se de dois personagens perfeitamente identificáveis com o primeiro morgado da Patameira e sua mulher.</p> <p>Dimensões:</p> <p>Campo epigráfico – Altura – 24,7 cm</p> <p>Largura – 35,2 cm</p> <p>Nº de Linhas – 4</p> <p>Altura letras minúsculas – 1,2 cm</p> <p>Altura letras maiúsculas – 2,8 cm</p>

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			<p>Túmulo 5</p> <p>Como o anterior. Tem a particularidade de ter gravada uma moldura mais extensa que depois foi corrigida.</p> <p>Leitura da inscrição:</p> <p><i>«Aqui jazem os ossos de Dona Ana Dias, mulher do Doutor João Pereira a qual se finou em 1463».</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Campo epigráfico – Altura – 34,4 cm</p> <p>Largura – 61,7 cm</p> <p>Nº de Linhas – 4</p> <p>Altura letras minúsculas – 2,4 cm</p> <p>Altura letras maiúsculas – 6 cm</p>
			<p>Túmulos 6 e 6A</p> <p>Como os anteriores. Têm a particularidade de as molduras serem geminadas.</p> <p>Leitura da inscrição 6:</p> <p><i>«Aqui jazem os ossos de Margarida Afonso Mulher que foi de Diagares».</i></p> <p>Leitura da inscrição 6A:</p> <p><i>«Aqui jazem os ossos de Diagares».</i></p> <p>Dimensões 6:</p> <p>Campo epigráfico – Altura – 28 cm</p> <p>Largura – 28 cm</p> <p>Nº de Linhas – 5</p> <p>Altura letras minúsculas – 3,4 cm</p> <p>Altura letras maiúsculas – 2,3 cm</p> <p>Campo Epigráfico Duplo separado por 1,1 cm</p>

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			Elementos tumulares que apenas ostentam a usa heráldica: - D. Martim Afonso de Miranda (f. 1470 ou depois) - Gomes de Miranda, filho do anterior (f. depois de 1485) - D. Fernão Gonçalves de Miranda, irmão do anterior (f. 1466?) - D. Afonso de Miranda, filho do anterior (f. 1476) - D. Margarida de Miranda, filha do primeiro (f. 1420) - D. Leonor de Miranda, filha do primeiro (f. antes 1427) - D. Maria de Miranda, filha do primeiro.

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 22557).

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71804

Andrade, Ferreira (1944) - *A Freguesia de S. Cristóvão*. Vol. I, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

DIAS, P. (1986) – *Historia da Arte em Portugal. O Gótico*, Alfa, 4, Lisboa.

FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», in Krus *et alii*, 2007: 259-277.

GONCALVES, A.M. (1994) – «S. Cristóvão (Igreja de)», *Dicionário da Historia de Lisboa*, Lisboa: 793-794.

GONCALVES, Ana (2005) – *Rua dos Anjos e Outras/PF 20 – Parecer Mensal 8/Janeiro 2005. Relatório de Trabalhos Arqueológicos*.

GONCALVES, Anabela (2005) – *Rua dos Anjos e Outras/PF20. Parecer Mensal 8, Janeiro de 2005*.

MATOSO, Inês (2001) - «Um Apointamento de Tumularia Medieval - O Conjunto de Igreja de São Cristóvão em Lisboa». *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 75-90.

SILVA, E.S.F. (1947) – «A Igreja Paroquial de S. Cristóvão», Sep. *Olisipo*, Lisboa.

CONVENTO DO CARMO



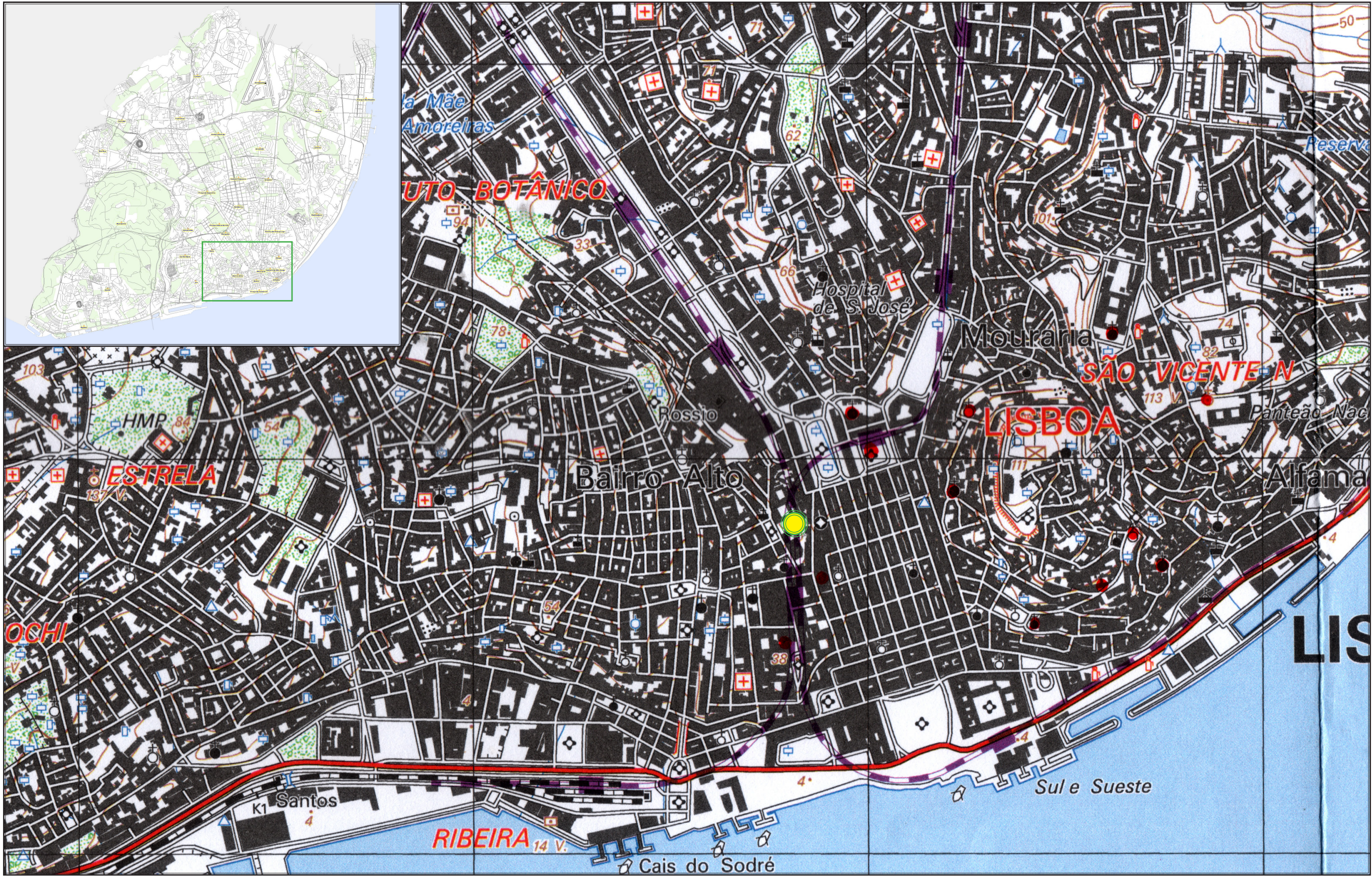
Coordenadas:

Latitude: P 38° 42' 43"

Longitude: M -10° 51' 34"

Cronologia:

Séc. XIV e, posteriormente, Séc. XVIII



Descrição do monumento:

O monumento foi mandado construir em 1389 pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, tendo sofrido diversas campanhas de construção, que lhe foram alterando a feição inicial. De planta de cruz latina, constituída por três naves de cinco tramos, transepto saliente e cabeceira escalonada com a capela-mor ladeada por quatro absidiolos de diferentes dimensões - quer em largura quer em profundidade -, o seu frontispício encontra-se dividido em três panos, terminando os laterais em empena e rasgados por um amplo vão rectangular. É contrafortado com um portal de arco com seis arquivoltas sobre colunas de capitéis vegetalistas, e inscrito em alfiz, terminando o seu corpo central com uma rosácea truncada. Interiormente, as suas naves encontram-se separadas por intermédio de pilares cruciformes, de capitéis vegetalistas e de arcos quebrados, sendo que as naves laterais possuem, cada uma, quatro capelas, de arco igualmente quebrado, e emolduradas por colunas segmentadas, coroadas por janelas de vão curvo, no intervalo das quais encontramos mísulas de arranque das abóbadas (IPPAR).

De entre as campanhas de construção sucessivas, destacam-se as realizadas após o terramoto de 1755, que não contemplaram contudo a cobertura das naves, o cruzeiro e o transepto da igreja, «(...) *quer devido à ausência dos meios necessários ao seu restauro elou adaptação, como de uma certa postura assumida no âmbito da teoria de conservação e restauro mantida pelos nossos mais destacados intelectuais desde, pelo menos, o 1.º quartel de oitocentos*» (IPPAR); serve «*Desde 1864 (...) simultaneamente, de sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de espaço museológico - Museu Arqueológico do Carmo (MAC) -, também ele pertença desta sociedade secular*» (IPPAR).

Em 1984, na intervenção liderada por Maria Cristina Neto, e cujo relatório seria entregue em 1986 ao antigo IPPC (Neto e Serrão, 1986), no que dizia respeito à identificação de cronologias dos carneiros então intervencionados, é mencionado que os mesmos, praticamente já vazios – dispondo os autores apenas da forma e das respectivas dimensões – podiam corresponder «(...) *à época da doação às famílias dos Pachecos e dos Póvoas, portanto, nos finais do Séc. XVI, muito embora possam ter sido posteriormente objecto de alterações.*» (Neto e Serrão, 1986: 4).

Na intervenção de 1996 (da responsabilidade de Rodrigues Ferreira) foi identificada a necrópole no interior da Igreja, constituída por sepulturas e carneiros. Foram exumados 43 indivíduos: 4 com datação estimável do século XV, 1 atribuível aos séculos XV-XVI, 18 atribuíveis ao século XVI e os restantes aos séculos XVII e XVIII.

Foi classificado como Monumento Nacional, pelo Decreto 10-01-1907, DG 14, de 17-01-1907; 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910.

Necrópole escavada por:

Lyster Franco (1982); Maria Cristina Teixeira Pereira Santos Gonçalves Neto (1984); Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira (1996); Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira e Maria da Conceição Machado Neves (2001)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
	1996: - Ver Quadro I 2001:	1996: Ver Quadro I 2001:	1996: - Ver Quadro I 2001: - 1 tampa de sepultura completa, com a inscrição. « <i>AQVI IAS CRISTOVAO COELHO DE FIGVEIREDO</i> » (Séc. XVI?) - 2 fragmentos de tampas de sepultura, ambos com caracteres gravados, um atribuível ao século XIV-XV e outro ao século XVI

385

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovelico/IGESPAR (CNS 3996)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=72498

(1994) - «Carmo (Convento e Igreja do)», *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1997b) - *Igreja do Carmo. Intervenção Arqueológica*. Relatório de Escavação apresentado ao IPPAR em Janeiro, Processo 82/1(210)DA.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1999) - «Escavações Arqueológicas da Igreja do Convento do Carmo». *Arqueologia e História*, 51, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 73-164.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2001) - *Acompanhamento Arqueológico. Zona Adjacente ao Lado Sul da Igreja do Carmo*. Relatório de Progresso apresentado ao IPPAR em Setembro de 2002, Processo 2001/1(297).

LOPES, Luís (1996) – *Aspectos antropológicos das inumações do Carmo*. Comunicação apresentada a Secção de Antropologia da Sociedade de Geografia de Lisboa em 26 de Junho de 1996.

LOPES, Luís (1997) – *Relatório sobre o material osteológico recolhido na Igreja do Carmo (2.ª fase)*. Apresentado ao IPA.

LOPES, Luís e NETO, Maria Cristina (1999) – «Nota sobre alguns aspectos antropológicos dos restos humanos exumados da Igreja do Antigo Convento do Carmo de Lisboa». *Arqueologia e História*, 51, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 205-219.

NETO, Maria Cristina (1996) - *Os enterramentos na Igreja do Carmo através das Crónicas dos Carmelitas*. Comunicação apresentada à Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa em 2 de Maio de 1996.

NETO, Maria Cristina (1996) - *Os enterramentos no Convento do Carmo em Lisboa*. Comunicação apresentada à Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa em 4 de Novembro de 1996.

NETO, Maria Cristina; LOPES, Luís (1989) - «Algumas considerações sobre os achados ósseos da 2.ª Capela da Epístola da Igreja do Convento do Carmo em Lisboa». *Actas do Colóquio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa: 149-153.

NETO, Maria Cristina; LOPES, Luís (1997) - *Relatório sobre o material osteológico recolhido na Igreja do Carmo (1.ª fase)*. Apresentado ao IPPAR.

NETO, Maria Cristina; SERRAO, Eduardo da Cunha (1986) – *Relatório das Escavações nas Ruínas da Igreja de Santa Maria do Vencimento do Monte do Carmo*, Relatório apresentado ao IPPC em Julho de 1986, Processo 82/1(210)DA.

NETO, Maria Cristina; SERRÃO, Eduardo da Cunha e SANTANA, Francisco (1993) - «Escavações de dois carneiros nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo». *Arqueologia e História*. Série X, III, Lisboa: 223-228.

SILVA, Jorge Henrique Pais da Silva (1973) - «Igreja do Convento do Carmo», *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Lisboa.

SILVA, Jorge Henrique Pais da Silva (1973) - «Largo do Carmo», *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Lisboa.

IGREJA DO CARMO. Envolvente Sul



Coordenadas:

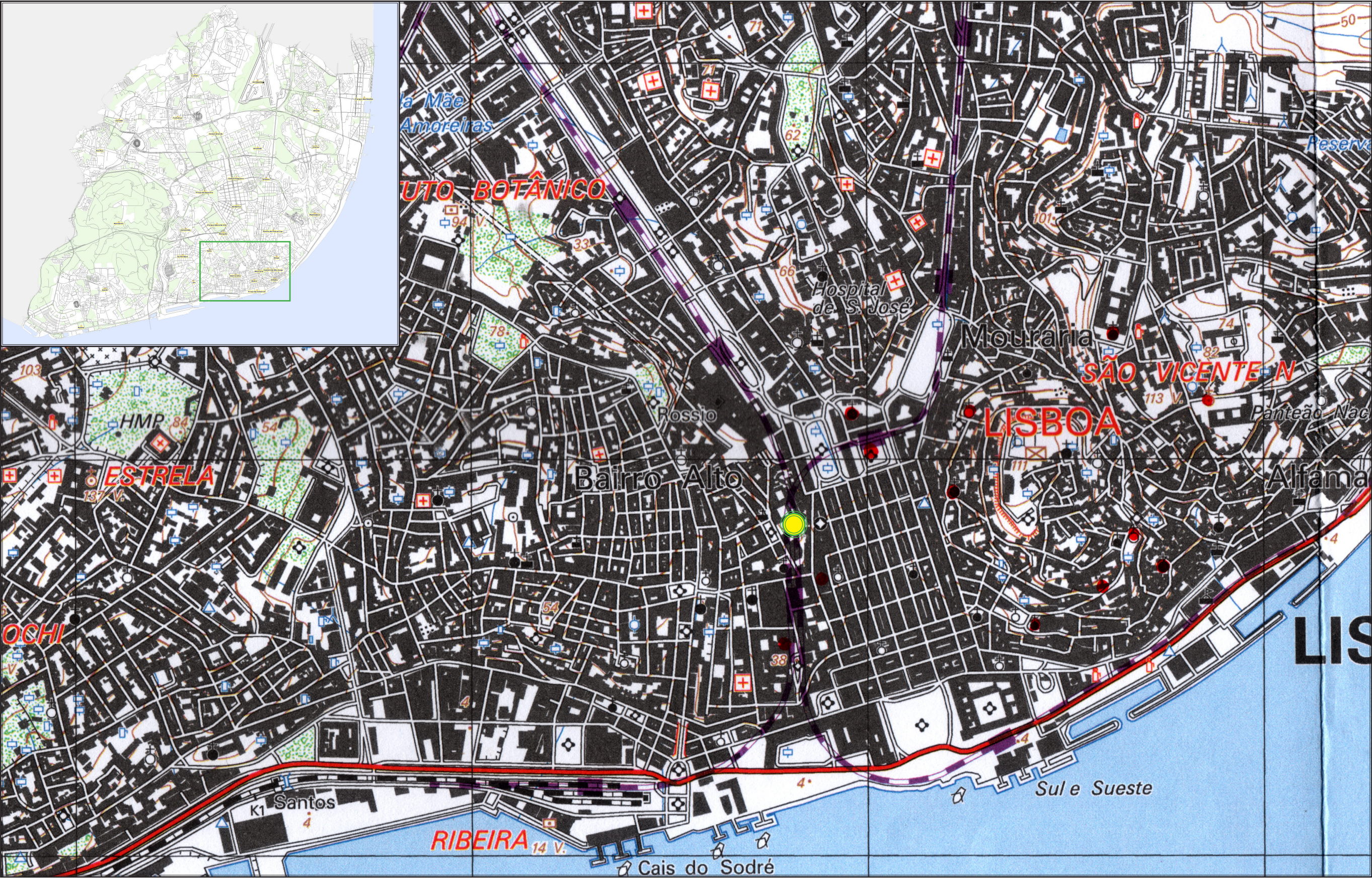
Latitude: P 38° 42' 48"

Longitude: M 9° 8' 20", 7

Cronologia:

Séc. XIV e, posteriormente, Séc. XVIII

IGREJA DO CARMO. Envolvente Sul



Descrição do monumento:

O monumento foi mandado construir em 1389 pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, tendo sofrido diversas campanhas de construção, que lhe foram alterando a feição inicial. De planta de cruz latina, constituída por três naves de cinco tramos, transepto saliente e cabeceira escalonada com a capela-mor ladeada por quatro absidiolos de diferentes dimensões - quer em largura quer em profundidade -, o seu frontispício encontra-se dividido em três panos, terminando os laterais em empena e rasgados por um amplo vão rectangular. É contrafortado com um portal de arco com seis arquivoltas sobre colunas de capitéis vegetalistas, e inscrito em alfiz, terminando o seu corpo central com uma rosácea truncada. Interiormente, as suas naves encontram-se separadas por intermédio de pilares cruciformes, de capitéis vegetalistas e de arcos quebrados, sendo que as naves laterais possuem, cada uma, quatro capelas, de arco igualmente quebrado, e emolduradas por colunas segmentadas, coroadas por janelas de vão curvo, no intervalo das quais encontramos mísulas de arranque das abóbadas (IPPAR).

De entre as campanhas de construção sucessivas, destacam-se as realizadas após o terramoto de 1755, que não contemplaram contudo a cobertura das naves, o cruzeiro e o transepto da igreja, «(...) *quer devido à ausência dos meios necessários ao seu restauro elou adaptação, como de uma certa postura assumida no âmbito da teoria de conservação e restauro mantida pelos nossos mais destacados intelectuais desde, pelo menos, o 1.º quartel de oitocentos*» (IPPAR); serve «*Desde 1864 (...) simultaneamente, de sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de espaço museológico - Museu Arqueológico do Carmo (MAC) -, também ele pertença desta sociedade secular*» (IPPAR).

Em 2001, a zona tornou a ser alvo de acompanhamento arqueológico, tendo sido afirmado pelos autores que esta foi, pelo menos desde o século XIV - embora existindo referências bastante anteriores -, alvo de intervenção humana, da qual restarão importantes vestígios. Assim, são referidas algumas ocupações que o sítio teve ao longo dos séculos. Foi parte do adro e cemitério da Igreja do Carmo; zona das Casas aforadas, pertença dos frades Carmelitas; zona de serventia ao povo de Lisboa, pelas antigas escadas da Piedade ou Escadinhas do Carmo; zona de intervenção pombalina com a construção da muralha de suporte da colina, determinada pelo novo plano de ordenamento da cidade pós-terramoto (Ferreira e Neves, 2002: 1).

Foi classificado como Monumento Nacional, pelo Decreto 10-01-1907, DG 14, de 17-01-1907; 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910.

Necrópole escavada por:

Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira e Maria da Conceição Machado Neves (2001); Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira e Maria da Conceição Machado Neves (2005); António Marques (2008)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
2005: Orientação com os pés a Nascente, desenvolvendo-se paralelamente ao corpo da igreja.	2001: Sem vestígios osteológicos	2001: Ver « <i>Estelas, lápides, etc.</i> »	2001: - 1 tampa de sepultura completa, com a inscrição. « <i>AQVI IAS CRISTOVAO COELHO DE FIGVEIREDO</i> » (Séc. XVI?)
2008: Norte-Sul (Ent. 3) e Oeste-Este (Ents. 4 e 5)	2005: - Ver Quadro 1	2005: Sem espólio associado	- 2 fragmentos de tampas de sepultura, ambos com caracteres gravados, um atribuível ao século XIV-XV e outro ao século XVI
		2008: - Uma medalha religiosa em ouro e pérolas (datada pelo arqueólogo de meados do século XVI) (Ossário 1) - Uma moeda (Ent. 5, ver Quadro II)	

Intervenção de 2005
Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência rácica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo							
[S1]	Sond. EST III – Mirante do Carmo	Nível da base do sacro – 37,25 m	[3] 92º - Pés a Nascente	[1] Prova-velmente coval	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira (possível existên-cia)	[2] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo – com os ossos extrema-mente estilha-çados, acusando uma grande pressão exercida sobre eles	[2] não	[2] feminino	[99] não determi-nável	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior ao século XVIII (1755)]	Não existiam quaisquer vestígios de caixão, nem pela existência de pregos, nem pela colo-ração normal que a madeira quase sem-pre deixa impressa na argila circundante.	
[S2]	Quad. EST III – Mirante do Carmo	Nível da base do sacro – 37,42 m	[3] 91º - Pés a Nascente	[1] Aparen-temente coval	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira (possível existên-cia)	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[1] sim. Sugere eurocau-casiano, Juan Comas, o.c.	[1] mas-culino	[25-35]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura ?	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar. Fémur 43 cm; Úmero 32,5 cm; Tibia 36,2 cm; Comprimento corpo sem pés 162 cm .	[2] ausência	[2] ausência	[9] não foi possível verificar	[1] presença – Apenas com uma diferença de cota de 4 cm, medi-dos ao nível da base do sacro, existia a sepultura S3, segura-mente mais antiga, mas com uma proximida-de muito grande da S2 motivada provavel-mente pela enorme pressão que a retroesca-vadora exer-ceu sobre os esqueletos. De qualquer forma a sepultura é a mesma que foi utilizada pelo menos em dois momentos, o que é compatível com as inumações que se praticavam na época nos templos e áreas adjacentes.	[Posterior ao século XV e anterior ao século XVIII (1755)]	Foi verificada a presença de 11 pregos de caixão, «in situ», na vertical, com a ponta virada para cima. Não foi verificável a existência de manchas de coloração casta-nha normalmente deixada pela madeira. Indivíduo relativamente novo e de grande robustez.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anató-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo						
[S3]	Quad. EST III – Mirante do Carmo	Nível da base do sacro – 37,38 m	[3] 89º - Pés a Nascente	[1] Aparen-temente coval	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira (possível existên-cia)	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[1] sim. Sugere eurocau-casiano, Juan Comas, o.c.	[1] mas-culino	[35-45]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura. Apesar de não existir o braço direito, existiam alguns ossos da mão direita na cintura	[3] na cintura. Não exis-tia a mão esquerda, porém o rádio e o cúbito encontra-vam-se coloca-dos ao longo da cintura	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar. Fémur 45,5 cm; Tíbia 37,5 cm; Rádio 23,5 cm; Cúbito 26,5 cm.	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior ao século XVIII (1755)]	Inumado sem cal.
[S4]	Quad. EST III – Mirante do Carmo	Nível da base do sacro – 37,31 m	[3] 80º - Pés a Nascente	[1] Aparen-temente coval	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira (possível existên-cia)	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[1] sim. Sugere eurocau-casiano, Juan Comas, o.c.	[2] feminino	[99] Não determi-nável	[25-35]	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura ?	[3] na cintura ?	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar. Fémur 38,5 cm; Tíbia 31,5 cm.	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior ao século XVIII (1755)]	Inumado sem cal.

Intervenção de 2008
QuadroII

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anató-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo						
[Ent.1]	Sond. 3	41.02	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura percep-tível	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incom-pleto. Úmero direito fractura-do, frag-mentos do fémur esquerdo, crânio fragmen-tado post mortem, restantes ossos ine-xistentes	[2] não	[9] não determi-nável	[99] não determi-nável	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[2] ausência	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior a meados século XVI]	
[Ent.2]	Sond. 3	41.21	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura percep-tível	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[9] não determi-nável	[99] não determi-nável	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar.	[2] ausência	[2] ausência	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior a meados século XVI]	Deste individuo foram apenas removidos os membros inferiores, o coxal esquerdo e o sacro, os restantes ossos permanecem in situ, devendo ser removidos na segunda fase da escavação, pois estavam localizados dentro do corte e por motivos de indisponibili-dade de tempo não foram exumados. Os ossos deste individuo encontram-se em muito mau estado de conser-vação e muito fragmentados.
[Ent. 3]	Sond. 3	41.02	[1] norte	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura percep-tível	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo preser-vada e in situ (em articu-lação) apenas a perna esquerda	[2] não	[9] não determi-nável	[99] não determi-nável	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar.	[2] ausência	[2] ausência	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior a meados século XVI]	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatômica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
[Ent. 4]	Sond. 3	40.40	[3] nascente	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[9] não foi possível verificar	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto, in situ permaneceu apenas o úmero esquerdo	[2] não	[9] não determinável	[8,5 meses de gestação]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar.	[2] ausência	[2] ausência	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior a meados século XVI]	
[Ent. 5]	Sond. 3	39.89	[3] nascente	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[9] não foi possível verificar	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[9] não determinável	[99] não determinável	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito, abaixo do direito	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar.	[2] ausência	[2] ausência	[9] não foi possível verificar	[2] ausência	[Posterior ao século XV e anterior a meados século XVI]	Mão direita sobre a área do coração e com uma moeda no seu interior

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 16492)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=72498

(1994) - «Carmo (Convento e Igreja do)», *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2002) - *Acompanhamento Arqueológico. Zona Adjacente ao Lado Sul da Igreja do Carmo*. Relatório de Progresso apresentado ao IPPAR em Setembro de 2002, Processo 2001/1(297).

FERREIRA, F. E. Rodrigues; NEVES, M. C. Machado (2005) – *Ligação pedestre ao elevador de Santa Justa. Acompanhamento Arqueológico*. Relatório de Intervenção apresentado ao IPPAR em Setembro de 2005, Processo 2001/1(297).

MARQUES, António (2008a) – *Pátio B – Área envolvente Sul da Igreja do Convento do Carmo. Projecto de Sondagens Arqueológicas*, 17 de Outubro de 2008.

MARQUES, António (2009a) – *Pátio B - Área Envolvente Sul da Igreja do Convento do Carmo (PBIC 08). Intervenção Arqueológica - Relatório Preliminar*, apresentado ao IGESPAR em 5 de Março de 2009.

LARGO DO CARMO



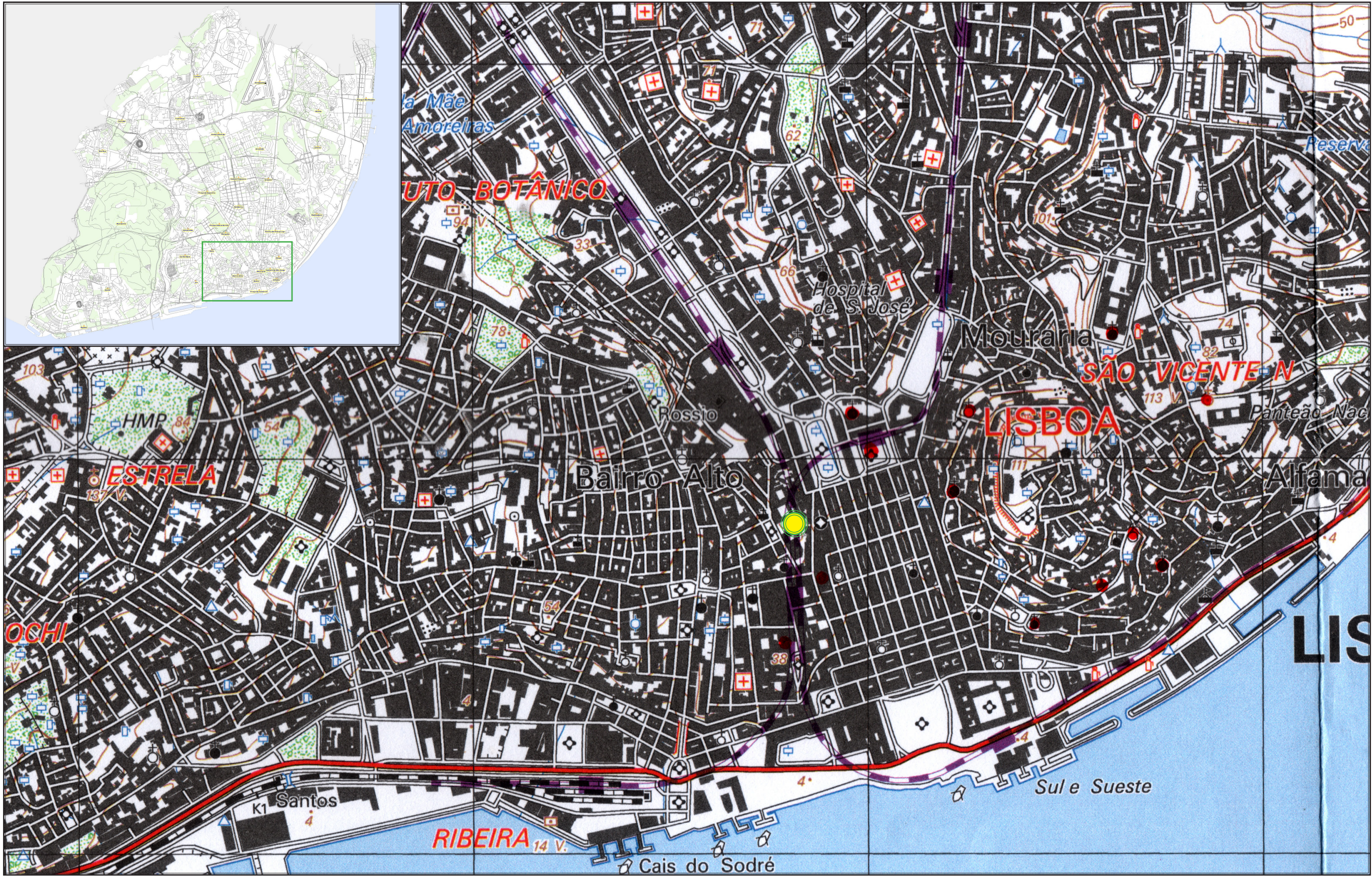
Coordenadas:

Latitude: P 38° 42' 39"

Longitude: M 9° 8' 18"

Cronologia:

Séc. XIV e, posteriormente, Séc. XVIII



Descrição do monumento:

O monumento foi mandado construir em 1389 pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, tendo sofrido diversas campanhas de construção, que lhe foram alterando a feição inicial. De planta de cruz latina, constituída por três naves de cinco tramos, transepto saliente e cabeceira escalonada com a capela-mor ladeada por quatro absidiolos de diferentes dimensões - quer em largura quer em profundidade -, o seu frontispício encontra-se dividido em três panos, terminando os laterais em empena e rasgados por um amplo vão rectangular. É contrafortado com um portal de arco com seis arquivoltas sobre colunas de capitéis vegetalistas, e inscrito em alfiz, terminando o seu corpo central com uma rosácea truncada. Interiormente, as suas naves encontram-se separadas por intermédio de pilares cruciformes, de capitéis vegetalistas e de arcos quebrados, sendo que as naves laterais possuem, cada uma, quatro capelas, de arco igualmente quebrado, e emolduradas por colunas segmentadas, coroadas por janelas de vão curvo, no intervalo das quais encontramos mísulas de arranque das abóbadas (IPPAR).

De entre as campanhas de construção sucessivas, destacam-se as realizadas após o terramoto de 1755, que não contemplaram contudo a cobertura das naves, o cruzeiro e o transepto da igreja, «(...) *quer devido à ausência dos meios necessários ao seu restauro e/ou adaptação, como de uma certa postura assumida no âmbito da teoria de conservação e restauro mantida pelos nossos mais destacados intelectuais desde, pelo menos, o 1.º quartel de oitocentos*» (IPPAR); serve «*Desde 1864 (...) simultaneamente, de sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de espaço museológico - Museu Arqueológico do Carmo (MAC) -, também ele pertença desta sociedade secular*» (IPPAR).

Em 2001, mas dizendo esta apenas respeito ao Largo do Carmo (CNS 16467), em consequência de uma intervenção de acompanhamento (no âmbito do projecto de Requalificação da Envolvente do Museu do Carmo e identificado como «Terraços do Carmo»), é efectuada uma escavação arqueológica, cujos resultados se encontram apenas parcelarmente disponíveis, uma vez que até à data não parece ter sido ainda entregue o Relatório de Escavações em sede do IGESPAR. No local, as ossadas exumadas totalizavam já os 150 esqueletos e 19 ossários. António Marques (CML) referia, na documentação que consultámos no IGESPAR, que a amostragem da população era suficiente do ponto de vista antropológico para proceder à análise e para retirar algumas conclusões e que a falta de meios financeiros tornava aconselhável proceder-se à exumação dos esqueletos expostos. O local foi inicialmente objecto de intervenção, tendo como Arqueólogo responsável pela CML, António Marques, e Jacinta Bugalhão (IPA). Subsequentemente os trabalhos foram continuados por António Marques (CML), Sónia Cadinha (antropóloga), da Universidade de Coimbra, Ana Margarida Martins (Arqueóloga), Cidália Duarte (Antropóloga) e José Paulo Ruas (fotógrafo). Os trabalhos realizados ainda em 2001 revelaram que «(...) *no estrato imediatamente anterior surgiu um enterramento de uma criança, verificando-se que o nível do cemitério se encontra em cota a afectar pelo projecto de requalificação do Largo. Um segundo enterramento foi identificado numa sondagem em profundidade, a cerca de 80 cm abaixo da cota da soleira da Igreja. Assim, poderá presumir-se que o pavimento da calçada já desmontado poderá realmente situar-se ao nível do pavimento original do terreiro da Igreja do Carmo, não tendo sofrido alterações de cota consideráveis, evoluindo apenas a nível da estrutura.*». Os resultados levaram as arqueólogas responsáveis (Dr^a Manuela Lima Carvalho e Cláudia M. Cordeiro Costa a concluir que o cemitério teria tido uma utilização bastante densa, considerando o lapso cronológico a que respeitava (compreendido entre séc. XIV e XVIII) (Carvalho e Costa, 2001).

O mesmo local foi ainda objecto de um Projecto de Intervenção Arqueológica (datado de 19 de Março de 2008), concretizado ainda no decurso do mesmo ano. Desta intervenção resultou a colocação a descoberto de inúmeros vestígios osteológicos, dispostos de forma arbitrária, que o autor atribui a uma «(...) *solução expedita e pouco católica de resolver o problema de depósito de uma grande quantidade de ossos humanos, oriundos de um qualquer espaço do convento que foi então sujeito a profundas obras de remodelação.*» (Marques, 2008b: 18). Tal remodelação teria sido feita em meados do século XVIII (Marques, 2009b: 62), «(...) *por altura da realização de obras de vulto no interior do cenóbio que, além de terem provocado demolições e alterações do edificado antigo, implicaram mesmo a transferência de ossadas humanas para este espaço (...).*».

Foi classificado como Monumento Nacional, pelo Decreto 10-01-1907, DG 14, de 17-01-1907; 16-06-1910, DG 136, de 23-06-1910.

Necrópole escavada por:

Manuela Lima Carvalho e Cláudia M. Cordeiro Costa (2001); António Marques e Jacinta Bugalhão (2008)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 16467).

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=72498

(1994) - «Carmo (Convento e Igreja do)», *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa.

CARVALHO, Manuela Lima e COSTA, Cláudia M. Cordeiro (2001) - *Escavações arqueológicas no Largo do Carmo (Lisboa), no âmbito do projecto de Requalificação da Envolvente do Museu do Carmo*. Informação 10Ago01/06129.

MARQUES, António (2008b) - *Terraços do Carmo. Relatório de Progresso*, apresentado ao IPA em 27 de Junho de 2008.

MARQUES, António (2009b) - *Terraços do Carmo (TC 08). Intervenção Arqueológica - Relatório Final*, apresentado ao IPA em 5 de Fevereiro de 2009.

SILVA, Jorge Henrique Pais da Silva (1973) - «Largo do Carmo», *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*.

CONVENTO DE SÃO VICENTE DE FORA



Coordenadas:

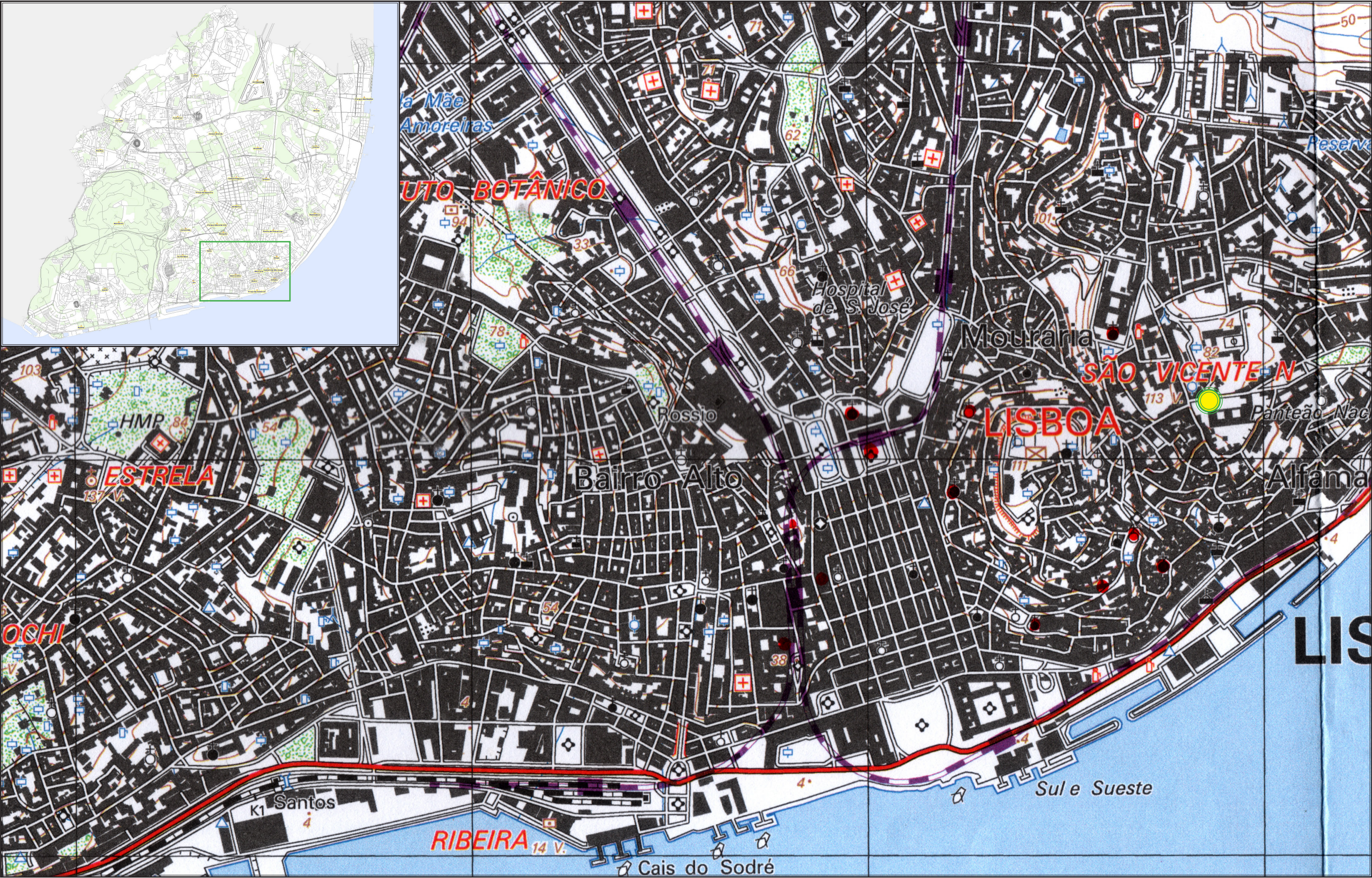
Latitude: P 38° 42' 53"

Longitude: M -10° 52' 17"

Cronologia:

Sécs. X-XI, XII-XVII

CONVENTO DE SÃO VICENTE DE FORA



Descrição do monumento:

Em 1978 foram escavados o carneiro e o relicário que foram implantados no local onde seria a cerca do antigo mosteiro, portanto o cemitério Afonsino onde repousam cavaleiros católicos que morreram na conquista de Lisboa. Nesse ano e no ano seguinte foram escavadas 14 sepulturas, pertencendo seis delas ao período visigótico (séculos V-VIII), sete aos séculos XIII-XIV e uma ao período entre os séculos XIV e XV (ver Quadro I).

Em 1987 efectuaram-se trabalhos de emergência na cerca do convento e continuou-se a escavação dos cemitérios de origem visigótica e de tradição afonsina. Procedeu-se à escavação da lixeira da cidade de Lisboa no século XVI. Estas intervenções continuaram durante o ano de 1989, estendendo-se em 1990 ao cemitério de tradição paleocristã.

Em 1992, durante a escavação efectuada no cemitério medieval, foram encontrados quatro silos, situados numa área relativamente pequena, já completamente colmatados pela mesma terra que compõe o cemitério, havendo dois deles que tinham sepulturas sobre a sua boca. Foram postas a descoberto 9 sepulturas, datadas entre os séculos XII e XIII (ver Quadro II).

A parte escavada em 1993-94 do cemitério dito «Afonsino» deverá representar apenas um fragmento de um antigo cemitério cristão que deveria existir nos arrabaldes da Lisboa árabe e que por certo ocuparia grande parte da área onde está presentemente edificada a igreja e parte dos claustros da portaria. As sepulturas antropomórficas então escavadas deveriam pertencer aos moçárabes residentes em Lisboa (substituindo a tese anterior de datação visigótica), já que no conjunto foram encontrados vestígios osteológicos em conexão pertencentes a homens, mulheres e crianças, apesar de haver alguns vestígios aparentes de traumatismos que poderão ser eventualmente apontados como causa de morte. Foram escavadas 9 sepulturas, atribuíveis ao século XIII (ver Quadro III).

Os resultados das escavações de 1996 mostram que todos os indícios encontrados confirmam parcialmente as anteriores conclusões que apontam para a ocupação da zona escavada por uma zona agrícola até ao século XIV, um cemitério durante alguns anos durante o século XIV e esporadicamente durante o século XVI e uma lixeira durante o século XVII. No ano seguinte (1997), o arqueólogo procurou confirmar a ocupação habitacional do espaço, antes da construção do convento (séculos X e XI) e necrópole eventualmente contemporânea. As escavações arqueológicas trouxeram à luz 2 sepulturas, datadas presumivelmente do século XIV (ver Quadro IV).

Foram encontrados em 1999 dois fornos presumivelmente do século XVI e que poderiam ter feito parte do estaleiro Filipino. Foi também exumado um esqueleto (eventualmente uma das vítimas da peste negra, século XIV) que, devido ao medo de contágio, terá sido exumado em decúbito ventral (ver Quadro V). As intervenções dos anos seguintes permitiram a possível identificação da fábrica de velas de cera do Mosteiro, cuja parede mais grossa, de aproximadamente 2,96 m., parece ser parte do troço da Cerca Fernandina, aproveitado para integrar a construção; assim como a definição da cerca do Mosteiro e a sequência da cerca Fernandina (IPA).

Necrópole escavada por:

Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira (1978; 1987; 1989-1992; 1993-1997; PNTA/1998; 2003; PNTA/2004); Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira e Maria da Conceição Machado Neves (2006-2007)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
Maioritariamente a Nascente (entre 68º e 260º), à excepção da sepultura nº 30 (Campanha de 1992, ver Quadro II)	1982: Ver Quadro I 1992: Ver Quadro II 1994: Ver Quadro III 1997: Ver Quadro IV 1999: Ver Quadro V	1982: Ossário - dois anéis de cobre (n.ºs 120 e 121), - um anel de vidro preto (n.º 122), - numismas: um dinheiro de bolhão de D. Sancho I – 1185-1211 (n.º 133), e um ceitel de D. João II – 1489-1485(n.º 38). Sacrário: - fragmento de um prato hispano-árabe, atribuído ao século XV (n.º 314), - numisma: um Real de D. João I – 1383-1433 (224). Cemitério medieval: - numisma: um real Branco de Bolhão de D. João I, - uma costela de peixe, - uma pequena chapa de cobre, grosseiramente laminado, com 12,5mm por 11mm e 0,8mm de espessura. Fora de contexto sepulcral: - numismas: um dinheiro de D. Sancho I – 1185-1211 (n.º 132); um numisma, identificado como sendo provavelmente árabe (n.º 170), - uma cinta de ferro de 2 cm de altura, - esporas de ferro, com bico de percussão, - um pequeno anel de vidro preto, - um fragmento de prato hispano-árabe. 1992: - numisma: disco monetário apagado, identificado através da metrologia como um dinheiro de bilhão. 1994: - três pregos de ferro, - numisma: uma pogeja de dinheiro de bilhão. 1999: - 2 colares, um constituído por contas de azeviche e o outro por elementos de quartzo amarelo, de forma losangular e contas de vidro multicolores.	

Intervenção de 1982

Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo							
[1]	N-id	-	[3] Nascente, 70º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[99] Não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[155]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 4-24-25. Não tinha mãos, faltava-lhe o braço direito, bem como os dedos dos pés e parte do metatarso. O crânio apresentava-se praticamente inteiro, faltando-lhe apenas parte do frontal e da arcada supraciliar esquerda.	
[2]	N-id	-	[3] Nascente, 68º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] Não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[150] – sem pés nem cabeça	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 4-25. O esqueleto, em posição natural, estava bastante danificado, faltando-lhe os membros superiores e os pés e assim quase todas as costelas. O crânio, reduzido apenas a um fragmento de calote, estava depositado à altura da clavícula esquerda. Havia dois úmeros depositados no lado esquerdo do corpo.	
[3]	N-id	-	[1] 340º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[99] Não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[155]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 4-25. O esqueleto, em posição natural, estava bastante danificado. Faltavam-lhe os braços, os ossos da face estavam reduzidos a pequenas esquirolas e dos pés haviam-lhe já desaparecido os dedos, apesar de os tarsos e metatarsos estarem em impecável estado de conservação (p. 30) e in situ. Ao fémur direito (ver p. 29, Des. 11-SVTE Ossário) faltava-lhe um fragmento, de cerca de 10 centímetros, logo acima da articulação do joelho.	
[4]	N-id	-	[Sem orientação]	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[6 meses de gestação]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[55]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 6	
[6]	N-id	-	[3] Nascente - 70º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[145]	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	Fig. 4-26. Esta sepultura é perfeitamente delimitada pelos esteios das sepulturas visigóticas n.º 7 e 8, coincidência que deverá ser, cremos, fortuita. O esqueleto, em posição natural, estava relativamente bem conservado à excepção do crânio a que faltavam os ossos da cara. Tinha as mãos à altura da cintura, com a mão direita por cima da esquerda. A mão direita estava in situ, em perfeitas condições de conservação. À altura da cintura foi encontrado um real Branco Bolhão de D. João I 1385-1433 (n.º 164).	
[10]	N-id	-	[3] Nascente - 70º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[115]	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 6-27-29. Faltam-lhe o braço esquerdo, parte da coluna e o crânio. Tinha o braço direito à púbis e ossos da mão estavam caídos dentro da zona da bacia. À altura do estômago foi encontrada uma costela de peixe (n.º 163) e na zona da cintura, uma pequena chapa de cobre, grosseiramente laminado, com 12,5mm por 11mm e 0,8mm de espessura. Aderente a esta chapa, estava um fragmento de tecido que de certo modo a embrulhava, com 40mm por 25mm (nº 131). Poderia eventualmente, é mera hipótese, substituir a moeda que normalmente acompanhava o defunto para «pagamento da barca».	
[11]	N-id	-	[3] Nascente - 70º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 6-28. Apenas resta parte da coluna vertebral e algumas costelas. Parte do corpo deve ter sido cortado pelo alicerce da igreja e o resto deve ter desaparecido quando se procedeu ao nivelamento do fundo do carneiro que já referimos.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																					Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval		
[14]	N-id	-	[3] Nascente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 6. Apenas a parte inferior do corpo era visível, a parte superior desenvolvia-se por debaixo da fundação da Igreja. Faltavam-lhe os pés, a parte inferior das pernas e parte do fémur direito.

Intervenção de 1992
Quadro II

[25]	F9-F10		[3] Nascente - 240º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[2] pedra tosca	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] masculino	[16]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[1] cruzados sobre o peito	[151]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIII- XIV]	Fig. 6 e 7. Apresentava o fêmur direito partido e o pé direito virado para debaixo da perna. Sugere ter sido acidentado.
[26]			[3] Nascente	[1] Coval simples aberto no calcário margoso	[3] pequenas pedras toscas																			Fig. 8. Não se pode verdadeiramente falar de uma cobertura, antes de um enchimento. O aspecto geral sugere que o coval teria sido aberto, mas não teria chegado a ser utilizado, razão pela qual terão procedido ao seu enchimento com pedras.	
[27]			[3] Nascente - 235º	[1] Coval simples, aberto sobre um silo	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim – a conexão anatómica em verdade era parcial. O coval deve ter sido aberto para se proceder a novo enterramento e voltado a fechar, por o corpo não estar ainda consumido.	[1] completo, apesar de alguns ossos se encontrarem disseminados em consequência do ponto anterior.	[2] não	[2] feminino	[60-65]	[3] Velho	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura, muito provavelmente	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[154]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XIII]	Fig. 9. Descrição sucinta do espólio: disco monetário apagado, que pela metrologia sugere ser um dinheiro de bilhão. Inumado sobre a boca do silo I, para o que foram abertas duas covas, destinadas a receber a cabeça e os pés. Como o sítio estava colmatado pela terra do cemitério, sem ter sofrido nenhum calcamento para além do provocado pelos agentes meteóricos, o corpo apresentava-se arqueado pela circunstância da terra ter cedido sob o seu peso.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
[28]			[3] Nascente	[1] Coval simples aberto no calcário margoso	[6] sem cobertura perceptível. <i>A existência de uma pedra a meio da sepultura não foi considerada como cobertura, sugerindo-nos apenas que se tratasse de uma marca ou sinal para o reconhecimento da sepultura por familiares ou amigos.</i>	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] feminino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[2] ao longo do corpo	[160]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XIII]	<i>Fig. 10. A meio do corpo, a uma distância de 41 cm, na provável superfície do cemitério, existia uma pedra com cerca de 20 cm. de diâmetro, que interpretamos como sendo uma marca. Indivíduo com excepcionalmente boa compleição física.</i>
[29]			[3] Nascente	[1] Coval simples aberto no calcário margoso	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo (provavelmente)	[2] ao longo do corpo	[170]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XIII]	<i>Fig. 10. Indivíduo com excepcionalmente boa compleição física.</i>
[30]			[2] Sul, virado lateralmente a Sul	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] masculino (provavelmente)	[99] não determinável	[2] Adulto	[2] Outra. De lado, olhando para o Sul	[1] ao longo do corpo	[4] no abdómen	[2] vide posição das mãos	[167]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XIII]	<i>Fig. 10. Indivíduo de boa compleição física, inumado em posição lateral, olhando o Sul. O fundo do coval, contrariamente à da maioria das sepulturas, não se abria no calcário margoso, mas foi aproveitada uma ruga natural do subsolo para depositar o corpo. Atendendo à posição do inumado, admitimos que se tratasse de um maometano.</i>
[31]			[3] Nascente - 260º	[5] Outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] feminino	[35]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[160]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XIII]	<i>As mãos estavam cruzadas sobre a cintura.</i>
[32]			[3] Nascente	[2] Coval revestido a pedra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença (provavelmente)	[1] sim	[1] completo (provavelmente)	[2] não	[3] não foi possível identificar	[99] não determinável. Trata-se de um recém-nascido	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XIII]	<i>Corpo de criança recém-nascida, inumado numa sepultura de adulto (sep. N.º 33), aberta no calcário margoso. O crânio da sepultura 33 foi totalmente removido e no seu lugar foi depositada a criança. Do esqueleto ósseo apenas subsistiram dois fêmures e vestígios da cabeça óssea, estando os restantes elementos reduzidos a uma tênue coloração diferente da terra.</i>
[33]			[3] Nascente - 240º	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto. Falta-lhe a cabeça óssea	[2] não	[1] masculino (provavelmente)	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[4] cruzados na cintura	[152] Comprimento compreendido desde a vértebra atlas, até á base do calcâneo. Comp. Fémur - 43 cm	[2] ausência			[1] presença. A inumação descrita sob o nº 32	[XII-XIII]	<i>Em tempo foi-lhe retirado o crânio e no seu lugar depositado o corpo de uma criança recém-nascida - vidê sepultura nº 32.</i>

Intervenção de 1994
Quadro III

Nº da sepultura								Esqueleto												Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo						
[34]			[3] Nascente	[5] Outra - coval rectangular aberto na rocha e que contém as sep. 34 e 35	[4] pedras pequenas e grandes. Este conjunto de pedras cobria parcialmente a sepultura, como que servindo apenas para cobrir a ossada depositada sobre o corpo em conexão anatômica	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença. Apesar de apenas se notarem indícios relativos à base da cabeça óssea (côndilos) e de algumas costelas.	[1] sim (pro-vavel-mente)	[2] incom-pleto. Pensamos que na sequência do proces-so natural de desa-gregação.	[2] não	[3] não foi possível identi-ficar	[99] não determi-nável		[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar	[2] ausência			[1] presença	[XII]	Sobre o corpo inumado encontrava-se um conjunto de ossos longos que terão pertencido a outros indivíduos inumados naquela sepultura. É de referir a existência de dois crânios bastante danificados e de cinco fêmures, pelo que admitimos que o conjunto assinal, pelo menos, a existência de 3 indivíduos. Provavelmente quando prepararam o coval 35 para receber mais um corpo, terão levantado o último inumado dessa sepultura e demais ossadas existentes e depositaram-nas sobre a sepul-tura 34, tendo «acondicionado» o conjunto com a sobreposição de 4 pedras. Parece-nos assim que a sepultura 34 deve ser bastante mais antiga do que as demais, pelo que não nos parece que o indivíduo nela sepultado possa ser identificado com os restantes.
[35]			[3] Nascente - 90º	[5] Outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim (pro-vavel-mente)	[2] in-completo	[3] não foi possível identi-ficar	[1] mas-culino (pro-vavel-mente)	(> 40)	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] cruzados sobre o abdómen	[171]	[2] ausência			[1] presença	[XII]	Fig. 4 (p. 30) Embora integrada na área que pensamos ter sido ocupada pelo cemi-tério teutónico, esta sepultura, atendendo à circunstância de não possuir qualquer tipo de cobertura, a não ser, muito naturalmente, terra, foge às características genais, pelo que diríamos não ter sido inumado cm a mesma dinâmica. A cabeça óssea, embora protegida por um pequeno nicho feito pela rocha, cedeu totalmente sob o peso da terra, não sendo possível sequer verificar a ocorrência de eventuais traumatismos. À altura da cintura do esqueleto ósseo existiam 3 pregos de ferro, espetados verticalmente, com a cabeça para cima, com a ponta dobrada, o que permite verificar que estiveram pregados provavelmente numa tábua com cerca de 4 cm de espessura; provável cruz? Não se verificou a existência de qualquer mancha que revelasse a existência de madeira; tal não significa que não tenha existido, significa apenas que não era visível.
[36]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[2] grandes pedras toscas – 4 grandes pedras, das quais foi possível retirar 3	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas-culino	[60]	[3] Velho	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] cruzados sobre o abdómen	[168]	[2] ausência			[2] ausência	[XII]	Fig. 5-6-7-8. Sobre as pernas do esqueleto ósseo encontrava-se depositada grande quantidade de ossos longos, bem como 2 crânios de homem. Nesta ossada estariam representados pelo menos 5 indivíduos. Como a sepultura se desenvolvia por debaixo da parede de segurança, só foi possível atingir a base dos calcâneos, mas verificámos que o depósito de ossos continuava ainda para além dos pés. Verificou-se logo imediatamente à abertura da sepultura que a cabeça óssea apresen-tava múltiplas contusões e bem assim o maxilar inferior que se achava partido.

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
[37]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[2] grandes pedras toscas	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto. <i>Pensamos que por desagregação natural</i>	[2] não	[2] feminino (provavelmente)	[12]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] cruzados sobre o abdómen	[120]	[2] ausência			[1] presença	[XII]	<i>Trata-se de um indivíduo provavelmente do sexo feminino a que faltava alguns bocados da cabeça óssea, pelo que admitimos que houvesse sofrido escoriações ou traumatismos profundos.</i>
[38]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[2] grandes pedras toscas	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo. <i>A partir da articulação fêmur-tibial o esqueleto encontrava-se por debaixo da área de segurança</i>	[2] não	[1] masculino	[45]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar	[2] ausência			[1] presença. <i>Um ocupante anterior</i>	[XII]	
[39]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] masculino	[40]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar o comprimento do corpo, pelo facto de só ter sido escavado até à zona da bacia	[2] ausência			[1] presença de 2 crânios ao lado direito do corpo, à altura do peito	[XII]	
[40]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[2] grandes pedras toscas - 3 pedras	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] masculino	[18]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] cruzados sobre o abdómen	[9] não foi possível verificar. <i>Comp. do fémur 415 mm</i>	[2] ausência			[1] presença. <i>Vários indivíduos de várias idades, depositados sobre o lado direito da sepultura</i>	[XII]	<i>Não apresenta vestígios de qualquer traumatismo</i>
[41]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[2] grandes pedras toscas – uma pedra de razoável dimensão e espessura sobre a cabeça óssea, mais 3 pedras de pequenas dimensões	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença (provavelmente)	[1] sim	[1] completo (provavelmente)	[2] não	[1] masculino	[40]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar. <i>Comp. do fémur 395 mm</i>	[1] presença. <i>Foi identificada a existência de uma pogeja de dinheiro bilhão que quando se iniciou a lavagem (apenas em água) desagregou-se completamente</i>			[1] presença. <i>Vários indivíduos de várias idades, depositados sobre o lado direito da sepultura</i>	[XII]	<i>Fig. 9. Indivíduo de razoável compleição física. Pela grande quantidade de caracóis depositados sobre o esqueleto e lateralmente, admite-se como provável que a sepultura tenha estado a céu aberto durante muito tempo, ou seja, recoberta com as pedras tumulares, mas sem terra, ou com uma grande fissura aberta.</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidên- cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien- tação	Tipo de sepultura	Cober- tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô- mica	Estado	Evidência rácica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri- mento do corpo						
[42]			[3] Nascente	[6] sarcófago aberto no calcário margoso	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incom- pleto. Falta-lhe a cabeça óssea	[2] não	[1] mas- culino	[50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar <i>por só ter sido possível escavar até à altura da bacia</i>	[2] ausência			[2] ausência	[XII]	Fig. 10. Parece que a sepultura teria estado a céu aberto durante 2 Invernos.

Intervenção de 1997

Quadro IV

[44]	D-7 - C-7	-110	[3] Nascente - 265º	[1] Coval simples	[2] grandes pedras toscas. <i>Coberto por 2 pedras toscas</i>	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas- culino	[30]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[4] cru- zados na cintura	[152]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[XIV]	<i>Figs. 12 e 13. Tinha 2 pedras grandes e ou- tra provavelmente ocasional sobre o corpo, a uma distância de 30 cm. Foi depositado sobre um empedrado grosseiro constituído por blocos de calcário de aproveitamento local, de planta irregular e perfil lenticular.</i>
[45]	C-7 - D-7	-110	[3] Nascente - 265º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas- culino <i>(provavel- mente)</i>	[18]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[150]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[XIV]	<i>Figs. 14 e 15. Tinha uma pedra tosca depositada aos pés, como que a servir de apoio para os pés.</i>

Intervenção de 1999

Quadro V

[46]	E-8	-110	[3] Nascente	[1] Coval simples- <i>Coval rec- tangular de cantos arredon- dados, aberto na terra.</i>	[1] sem cobertura aparente. <i>Pensamos que terá sido efectuado sobre a sepultura um pequeno «tumulus» que a escavação não conseguiu confirmar</i>	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incom- pleto. <i>As tíbias e os perónios foram cortados sensivel- mente a meio, pensamos que para implan- tação dos fornos.</i>	[2] não	[2] feminino	[18]	[2] Adulto	[2] Decúbito ventral	[4] no abdómen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[9] não foi possível verificar. <i>Comp. do fémur 40cm</i>	[1] presença. <i>O indivíduo foi inumado com 2 colares ao pescoço. Um constituído por contas de azeviche e o outro constituído por elementos de quartzo amarelo, de forma losangular e contas de vidro multicolores.</i>			[2] ausência	[XIV]	<i>Figs. 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23. Exame Antropológico: esqueleto em decú- bito ventral - Fig. 24 e 24A, com extensão dos membros inferiores e semiflexão do antebraço sobre o braço direito, indo a sua extremidade ao nível do baixo ventre. O braço esquerdo encontrava-se em extensão, ao longo do corpo. Cabeça óssea com órbi- tas e abertura piriforme sugerindo euro- caucasiano o que é perfeitamente compa- tível com as dimensões gerais do esqueleto ósseo. Idade - Indivíduo adulto jovem com existência de cristas púbicas sem tubérculo supra-púbico e com a soldadura ao nível do coxal da crista de Rill compatível com uma idade compreendida entre os 18 e os 20 anos. Indivíduo do sexo feminino, obser- vável pelo ângulo goniaco, pelo sacro, pelas extremidades condrocostais e sínfise púbica feminina. Não são visíveis patologias.</i>
------	-----	------	-----------------	--	---	----------------------	-----------------	-----------------	---------	---	---------	-----------------	------	---------------	----------------------------	-------------------	-----------------------------	---------------------------------	--	---	--	--	--------------	-------	---

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 1453).

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71213

<http://www2.ipa.min-cultura.pt/pls/dipa/>

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (s.d.) – *Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora. Relatório das Campanhas anteriores (1978-1979)* apresentado ao IPPC.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1982) - *Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa*, Relatório entregue ao IPPC em 29.11.82.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1983) - «Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa», *Revista Municipal de Lisboa*, 2ª série, 4, Lisboa: 5-36.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1984) - «Mil e cem anos na história de S. Vicente de Fora - Contributo da arqueologia», *Al-madan*, 1ª série, 2, Almada: 10-13.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1985) - «O Cemitério dos Cruzados de São Vicente de Fora - Subsídios para a reconstituição da sua fisionomia», *Revista Municipal de Lisboa*, 12 - 2º trimestre, Lisboa.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1994) – *Acompanhamento arqueológico das obras de reconstrução do Mosteiro de S. Vicente de Fora*, Relatório entregue ao IPPAR em Junho de 1994.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1995) - «O Mosteiro Afonsino de S. Vicente de Fora», *Monumentos*, 2, Lisboa: 8-13.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1996) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Campanha de 1995 - Relatório*, Relatório entregue ao IPPAR em Abril de 1996.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1997a) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Intervenção Arqueológica – Campanha de 1996*, Relatório entregue ao IPPAR em Janeiro de 1997.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998a) - «Ensaio para uma leitura económica e social do contexto arqueológico de S. Vicente de Fora», *Olisipo*, 2ª série, 6, Lisboa: 11-37.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998b) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Inter-*

venção Arqueológica – Campanha de 1997, Relatório entregue ao IPPAR em Janeiro de 1998.

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (2000) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Relatório da Intervenção Arqueológica de 1999*, Relatório entregue ao IPA em Janeiro de 2000.

FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», *in* Krus *et alii*, 2007: 259-277.

REAL, Manuel Luís (1982) - «A organização do espaço arquitectónico entre beneditinos e agostinhos no século XII», *Arqueologia*, 6, Porto: 118-132.

REAL, Manuel Luís (1995) - «O convento românico de São Vicente de Fora», *Monumentos*, Lisboa. 2: 14-23.

SALDANHA, Nuno; SOROMENHO, Miguel (1994) - «O Mosteiro e Igreja de São Vicente de Fora», *in* Moita, 1994: 207-218.

SILVA, Carlos Guardado da (2002) – *O Mosteiro de S. Vicente de Fora. A comunidade regrante e o património rural (séculos XII-XIII)*. Edições Colibri, Lisboa.

IGREJA DE SÃO DOMINGOS



Coordenadas:

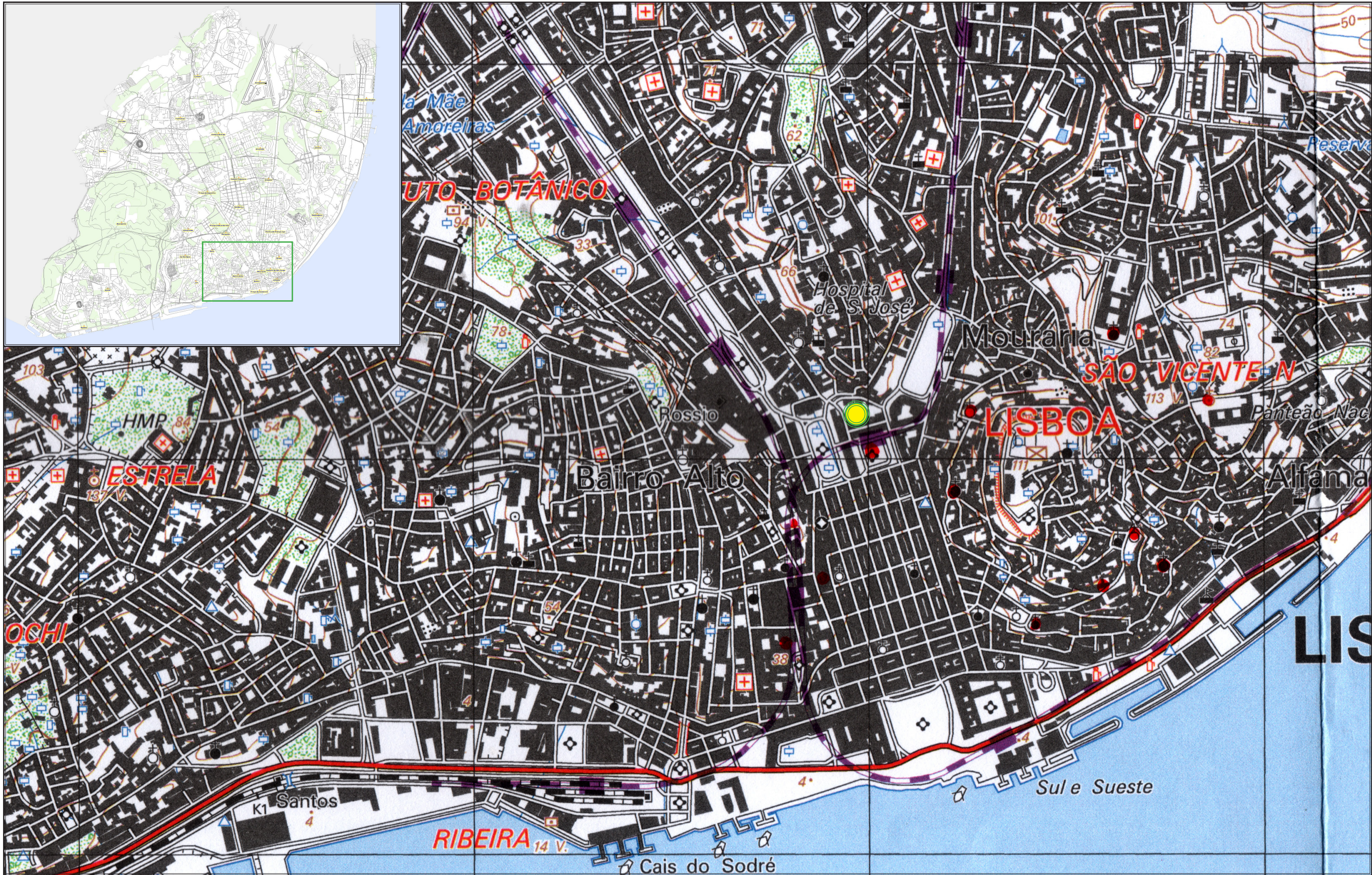
Latitude: P 38° 42' 52"

Longitude: M -10° 51' 41"

Cronologia:

Sécs. XV-XVI

IGREJA DE SÃO DOMINGOS



Descrição do monumento:

Estratigraficamente toda área registada apresentava grande homogeneidade. Várias camadas de aterro pombalino, feito para aumentar a cota da praça e evitar as inundações, separam o pavimento actual de um empedrado pré-pombalino, a uma cota de 1,06m, constituído por seixos basálticos. Trata-se de um pavimento da época do terramoto de 1755, cuja fundação deverá datar dos inícios do século XVI e finais do século XVII. Imediatamente a seguir surgiam os níveis de terrapleno, encontrando-se no último o nível das sepulturas, que pertenciam ao cemitério do adro da Igreja de São Domingos.

Na sua totalidade foi possível identificar 12 (doze) sepulturas, correspondentes a 21 (vinte e um) enterramentos, chegando a tingir na sep. 4 os 4 (quatro) indivíduos. As sepulturas encontravam-se orientadas com a cabeça a oeste e os pés a leste; foram escavadas numa profunda camada de areolas provenientes de depósitos aluvionares. O seu topo encontrava-se à profundidade de 1,30m, variando a sua altura conservada entre os 60 e os 70cm. Trata-se de sepulturas muito pobres, em covacho, onde os corpos eram enterrados sem caixão e sem espólio. Os esqueletos eram de ambos os sexos e com idades muito variadas (entre os 4 e os 50 anos). Na sepultura 11, foi registado um indivíduo de tipo físico negróide. É de referir que se encontraram poucos fragmentos de sigillatas sud-gálicas e de clara D depositadas nas areolas. A reduzida sobreposição dos enterramentos confirma a curta duração para a vida útil do cemitério. Todo este conjunto se encontrava em níveis inferiores a um empedrado pré-pombalino e a níveis de terraplanagem da Praça (IPA; Trindade e Diogo, 1999; Diogo e Trindade, 2000).

Necrópole escavada por:

António Manuel Dias Diogo (1991)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
A Poente (oeste)	1991: Ver Quadro I	Fragmentos de <i>sigillatas</i> sud-gálicas e de clara D, restos osteológicos humanos. - Fragmento de bordo e colo de panela. Lábio em aba rectangular. Colo introvertido e troncocónico. Pasta laranja-vermelhada, de textura folheada, com pequenos quartzos e calcites. Superfícies revestidas com engobe vermelho-acastanhado. Diâmetro da boca: 170mm. Proveniente da sepultura 2. - Fragmento de boca e parede de taça. Lábio introvertido, boleado e de secção subtriangular, separado da parede por duas caneluras largas. Pasta alaranjada, com largo cerne acinzentado, de textura folheada, com pequenos quartzos e calcites. Diâmetro da boca: ? Proveniente da sepultura 8. - Fragmento de boca e parede de copo? Lábio extrovertido, curto e boleado. Pasta alaranjada, de textura folheada, com quartzos e calcites. Superfície externa revestida com engobe rosado. Diâmetro da boca: ? Proveniente da sepultura 10.	Arcas tumulares e inscrições identificadas: - De D. Martins Pires Palhavã († 1279), Maria Soares, sua mulher († 1296), e Teresa Martins, sua filha († 1290): inscrição gravada em tampa de sarcófago, de calcário. Campo epigráfico: Comp.: 296,5 cm. Alt.: (1) 28 cm; (2) 10 cm. Alt. média das letras: 1.1: 4,8 cm; 1.2: 4,7 cm; 1.3: 4,6 cm; 1.4: 3,7 cm; - De D. Sancha Pires († 1343): inscrição gravada em sarcófago, em calcário. Campo epigráfico: Comp.: 134 cm. Alt.: 41 cm. Alt. média das letras: 1.1: 5,1 cm; 1.2: 4,8 cm; 1.3: 5,1 cm; 1.4: 4,9 cm; 1.5: 5 cm; Lápides funerárias: - D. Pedro Peres († 1276): desaparecida, suporte e dimensões desconhecidos. - D. João Anes Palhavã († 1310): inscrição gravada em lápide ou silhar. Suporte e dimensões desconhecidos. - Lopo Gomes († séc. XIV): inscrição gravada em estela rectangular, de calcário. Comp.: 38,5 cm. Alt.: 52 cm. Esp.: 12 cm. Alt. média das letras: 4 cm. Inscrições comemorativas: - Da fundação do Mosteiro: desaparecida, suporte e dimensões desconhecidos.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Intervenção de 1991
Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																						Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien- tação	Tipo de sepultura	Cobertu- ra	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô- mica	Estado	Evidência rácica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri- mento do corpo	Espólio	Tecidos e Passama- narias	Evidên- cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	
[1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[99] não determi- nável	[99] Não determi- nável	[99] Não determi- nável	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XV]	
[2/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas- culino	[99] Não determi- nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[170]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Patologia óssea de tipo alveolar.
[2/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[99] não determi- nável	[99] Não determi- nável	[99] Não determi- nável	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Patologia óssea.
[2/3]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[99] não determi- nável	[99] Não determi- nável	[99] Não determi- nável	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Artrose. Exostose óssea, possivel- mente de origem inflamatória.
[3/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas- culino	[+50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[167]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Patologia nos ligamentos e ar- ticular nos acetábulo.
[3/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[1] mas- culino	[99] Não determi- nável	[99] Não determi- nável	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XV]	
[4/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] feminino	[+50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[154]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Pequenas osteofitoses. Graves pro- blemas de articulação da anca.
[4/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[1] mas- culino	[45/50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Pequenas osteofitoses.
[4/3]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[2] feminino	[+50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Problemas articulares dos fê- mures com o acetábulo.
[4/4]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determi- nável	[99] Não determi- nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[168]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[2] ausência	[XV]	Evidência de esforço físico vio- lento e continuado.
[5]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] feminino	[-]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[151]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Evidência de actividade física intensa.
[6/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas- culino	[99] não determi- nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[160]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Perda de dentes. Patolo- gia óssea. Espondilose.
[6/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] mas- culino	[99] não determi- nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[182]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XV]	
[6/3]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[99] não determi- nável	[4/5]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Pequenas osteofitoses.
[7/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determi- nável	[45/50]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[162]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Patologia óssea. Possível curvatu- ra anômala lateral da coluna.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anató-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo							
[7/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[99] não determi-nável	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XV]		
[8/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[c.6]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Perturbações do crescimento ósseo.	
[8/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[c.15]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[2] ausência	[XV]	Anomalia no esmalte em malares de leite.	
[9]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[7/8]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[?]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[2] ausência	[XV]	Patologia de tipo artrítico.	
[10]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determi-nável	[99] não determi-nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[166]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Perda de dentes. Osteítes. Má articulação das ancas. Possível brucelose. Fractura da clavícula.	
[11/1]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determi-nável	[40/50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[173]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	Patologia óssea. Possível curvatura anómala lateral da coluna.	
[11/2]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[1] sim	[1] masculino	[17-19]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[166]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	[XV]	A sepultura 11 apresenta-nos dois enter-ramentos em covacho cuja abertura não foi totalmente coincidente, pertencendo o mais recente a um indivíduo do sexo masculino, de tipo físico negróide, com a idade compreendida entre os dezassete e os dezanove anos. Não apresenta a sequência de desgaste dentário normal para a época, pelo que provavelmente terá vivido pouco tempo a Europa. Também relativamente pouco vulgar para a época é o enterramento de um negro no adro de uma igreja, o que terá de significar que estamos em presença de um cristão, escravo ou homem livre. Até D. Manuel os coros dos escravos negros pagãos eram simples-mente abandonados, geralmente lançados do Alto de Santa Catarina. A partir desse rei e por razões higiénicas, passaram a ser sepultados no «poço dos negros».	
																								Evidência de peridontia.		
[12]	N-id	-130	[1] Poente	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] feminino	[30/40]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[158]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[2] ausência	[XV]	Osteítes. Cárie. Peridentopatia moderada. Sínfise. Osteofitose. Possível brucelose. Possível fractura das costelas.	

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 6187).

Carmona, Mário (1954) - *O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa*. s.e., s.l.

DIAS, Maria T. (dir.) (1990) - «O Rossio», (Guias de Lisboa pelos Olisipógrafos, 1), Ibis Editores, Lda, Lisboa.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1998) - «Intervenção arqueológica na rua João do Outeiro, n.º 36/44, na Mouraria, em Lisboa». *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela: 257-265.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1999) - «Estudos Arqueológicos Efectuados pelo G.T.T.R.L. no Martim Moniz e sua Envolvente», *OLISIPO*, Grupo dos Amigos de Lisboa, II série, Lisboa: 8: 44-54.

GASPAR, Alexandra; AMARO, Clementino (1997) - «Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa», *La Céramique Médiévale en Méditerranée* (Actes du Ve Congrès de l'AECM2), Narration Éditions, Aix-en-Provence: 337-345, in Trindade e Diogo, 2000.

LOURINHO, Manuel H. (1972) – «A Ermida de Nossa Senhora da Escada nas suas relações com a Igreja e o Convento de S. Domingos». *Olisipo*, 134: 32-45.

LOURINHO, Manuel H. (1973) – «A Igreja de S. Domingos de Lisboa». *Olisipo*, 136: 38-47.

OLIVEIRA, Eduardo F. de (1882-1911) – *Elementos para a Historia do Município de Lisboa*, 17 vols, Lisboa, Tipografia Universal.

PEREIRA, Félix Alves (1915) - «Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)», *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 20, Lisboa: 107-115.

ROLLO, Raul (1994) – «Igreja e Convento de S. Domingos», *Dicionário da Historia de Lisboa*, Sacavém, Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda: 794-797.

RUELA, Rosa (1991) – «Cemitério Medieval vem a luz no Largo de São Domingos, *A Capital*, 11 de Outubro de 1991: 11.

TEIXEIRA, F.A. Garcez; SOUSA, José Maria Cordeiro (1928) - «Inscrições do Museu do Carmo», *Arqueologia e História*, 6ª série, 6, Lisboa: 21-22.

TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (2000) - «Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de S. Domingos». *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 59-71.

TRINDADE, Laura; LOPES, Luís; NETO, Jorge Luís; DIOGO, A.M. Dias (2001) - «Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa». *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 109-124.

VASCONCELLOS, José de Leite de (1900) - «Analecta epigraphica lusitano-romana», *O Arqueólogo Português*. 1ª Série, 5, Lisboa: 138-143; 170.

TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias (2000) – Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de S. Domingos. *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 59-71.

TRINDADE, Laura; LOPES, Luís; NETO, José Luís; DIOGO, A. M. Dias (2001) – Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa. *Arqueologia e História*, 53, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 109-124.

VASCONCELLOS, José de Leite de (1900) - «Analecta epigraphica lusitano-romana», *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 1ª série, 5: 138-143; 170.

CONVENTO DE SÃO SALVADOR



Coordenadas:

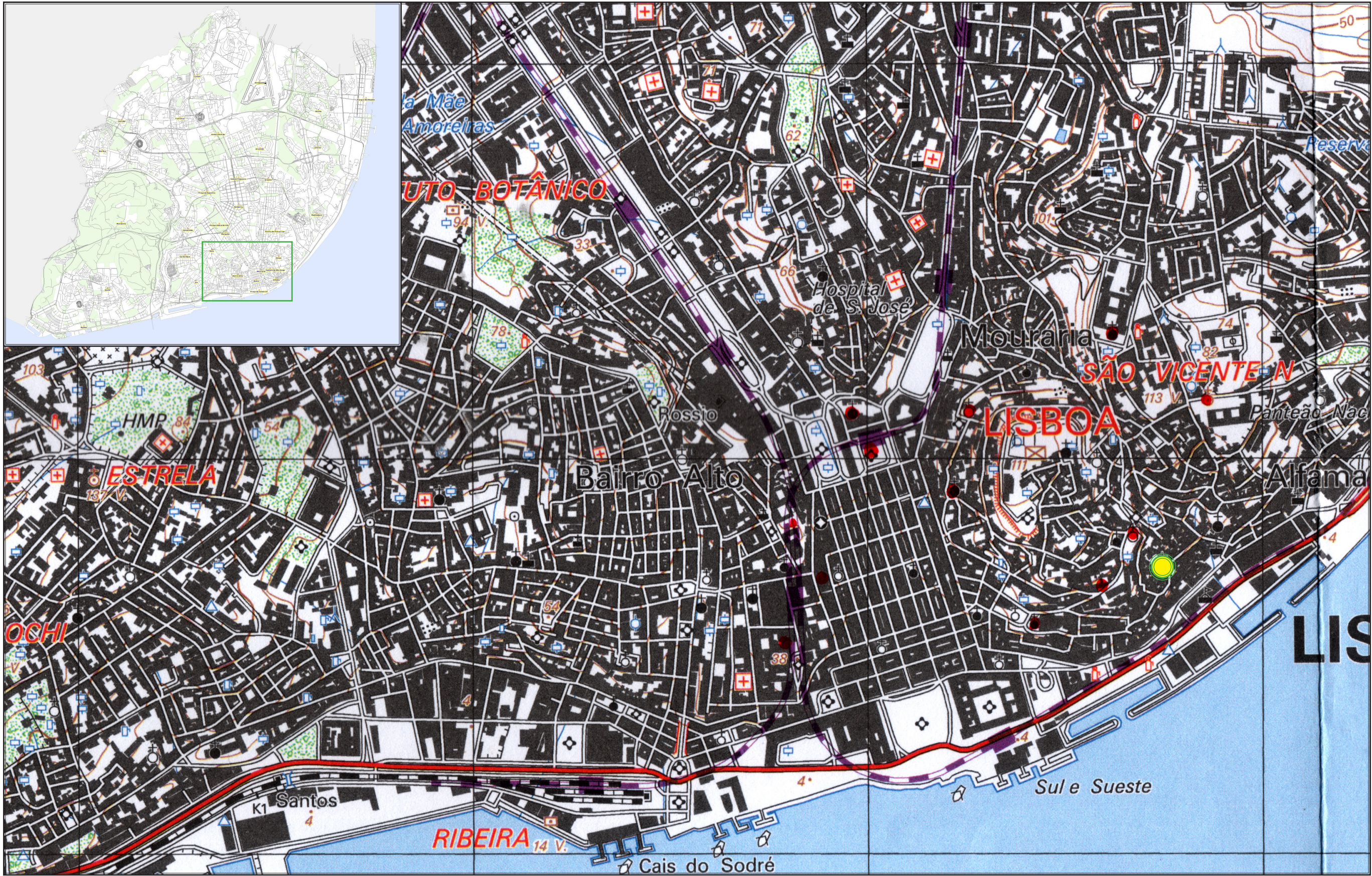
Latitude: P 38° 42' 50"

Longitude: M -10° 52' 09"

Cronologia:

Sécs. XIV- XIX

CONVENTO DE SÃO SALVADOR



Descrição do monumento:

Fundado cerca de 1391 (Sousa, 1982d: 219) por D. João de Azambuja, é posteriormente doado em 1392 ao ramo feminino da Ordem de São Domingos. Na Igreja do Salvador existia uma capela instituída pelo tio e pelo pai de D. João de Azambuja, onde ambos tinham os seus túmulos, razão que teria concorrido para escolha desse monumento como sua última morada (Barroca, 2000: 2126). A igreja é reformada entre 1405 e 1415, sendo concluída em 1478, com o contributo de D. Leonor, mulher de D. João II. Em 1437 Fernão Lopes dava a aprovação notarial ao testamento do Infante D. Fernando (o Infante Santo), que deixava uma série de bens ao convento e às suas religiosas. Ainda D. João II isentou em 1486 as freiras do convento do pagamento de portagens, tributos e serviços. Sofreu de novo obras de vulto em 1604, mas seria o terramoto de 1755, à semelhança de muitos outros monumentos religiosos, que mais o afectaria. Ainda assim, parte do mesmo seria reconstruída de modo a permitir a reinstalação das religiosas (Vale e Ferreira, 1998; Timóteo, 1999).

Necrópole escavada por:

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			Arcas tumulares e inscrições identificadas: - De D. João de Azambuja († 1415): inscrição gravada em tampa de sarcófago, de calcário. Comp.: (1) 65,5 cm; (2) 190,5 cm; (3) 63 cm; (4) 191 cm. Alt. média das letras: 1.1: 4 cm; 1.2: 4,5 cm; 1.3: 4,5 cm; 1.4: 4,5 cm;

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 6187).

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. (Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

DINIS, António Joaquim Dias (dir., org. e críticas) (1964) - *Monumenta Henricina*, Vol. VI – 1437-1439, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Coimbra: 108-132.

FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», in Krus *et alii*, 2007: 259-277.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982d) - «Dois túmulos medievais em São Domingos de Lisboa», *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. I, 2ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 25-28.

TIMOTEO, Maria (1999) - *Convento de São Salvador*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

VALE, Teresa; FERREIRA, Maria (1998a) - *Convento de São Salvador*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO



Coordenadas:

Latitude: P 38° 42' 32"

Longitude: M -10° 51' 34"

Cronologia:

Sécs. XIII- XVIII

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO



Descrição do monumento:

O Convento de São Francisco da Cidade - assim chamado para o distinguir do outro com o mesmo nome, cabeça da província do Algarve e seu contemporâneo -, foi fundado em 1217. Foi o primeiro convento da Ordem Franciscana a erguer-se na cidade de Lisboa e o quarto convento da época Afonsina, erguendo-se fora dos muros da cidade. Cedo se transformou num dos pontos de referência significativos da estrutura urbana e da história da evolução da cidade. Foi alvo de sucessivas transformações estruturais e decorativas, graças a significativas dotações e doações concedidas por entidades clericais, aristocráticas e reais portuguesas. Assim, por volta de 1246 foi reconstruído, tendo sido edificada uma nova igreja, por a anterior se revelar já demasiado pequena para o número de fiéis que aí acorria. Ocupava todo um quarteirão cerca de 1650 (delimitado a ocidente pela antiga Rua do Saco, que passava sensivelmente onde hoje passa a Rua Serpa Pinto, a sul pela Rua do Ferragial de Cima, hoje Rua Victor Cordon, e a norte pela actual Rua Anchieta., tendo sofrido, respectivamente em 1708 e em 1741, dois grandes incêndios que o destruíram parcialmente, levando ao seu restauro. Foi um dos raros monumentos da cidade a não sofrer estragos de vulto com o terramoto de 1755 devido à robustez da sua construção, não obstante todo o restante complexo ter sido totalmente destruído (A. Martins, IPPAR). A escavação da cisterna, em 1993, produziu quantidades importantes de cerâmica dos séculos XVI e XVII (Ramalho, 1993: 3).

Necrópole escavada por:

Fernando Severino Lourenço e Filomena Rodrigues (1988); Clementino Amaro (1990); Maria de Magalhães Ramalho (1993)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
		Fora de contexto sepulcral (segundo inventário de 2010 feito por Maria de Magalhães Ramalho): <ul style="list-style-type: none">- 1 fragmento de laje de calcário quadrangular com inscrição (peça 3),- 2 fragmentos de laje de calcário rectangular com inscrição gótica (peças 4 e 5),- 1 fragmento de laje de calcário quadrangular com inscrição gótica (peça 6),- 1 Laje quadrangular de calcário com inscrição (associada a moldura 8B,C,D,E e remate superior 8A) (peça 8),- 1 Remate de inscrição (8) de calcário associada a moldura (8B,C,D,E) (peça 8A).	<ul style="list-style-type: none">- Sarcófago, colocado por reaproveitamento à face da parede (Lourenço e Rodrigues, 1988: 4).- Laje de cabeceira de uma sepultura medieval tendo inscrita uma «Cruz de Malta» (Lourenço e Rodrigues, 1988: 6).- D. Estevão Anes († 1304) e sua Mulher († 1307) – desaparecida. Inscrição lavrada em lápide. Dimensões e suporte desconhecidos.- D. Elvira Esteves († Séc. XIV) – desaparecida. Inscrição lavrada em tampa de sepultura. Dimensões e suporte desconhecidos.

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 16837).

ALMEIDA, D. Fernando de (1975) - *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*, Vol. V (2o tomo), Lisboa.

AMARO, Clementino, RAMALHO, M. de Magalhães, LOURENCO, Fernando (1995) - «Intervenções arqueológicas no Antigo Convento de S. Francisco da Cidade». Catálogo de Exposição: *OBRACOM*, Museu do Chiado, Instituto Português de Museus, Lisboa: 37-42.

CAEIRO, Baltazar (1989) - *Conventos de Lisboa*, Lisboa.

ESPERANCA, Frei Manuel da; SOLEDADE, Frei Fernando da (s.d.) - *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*.

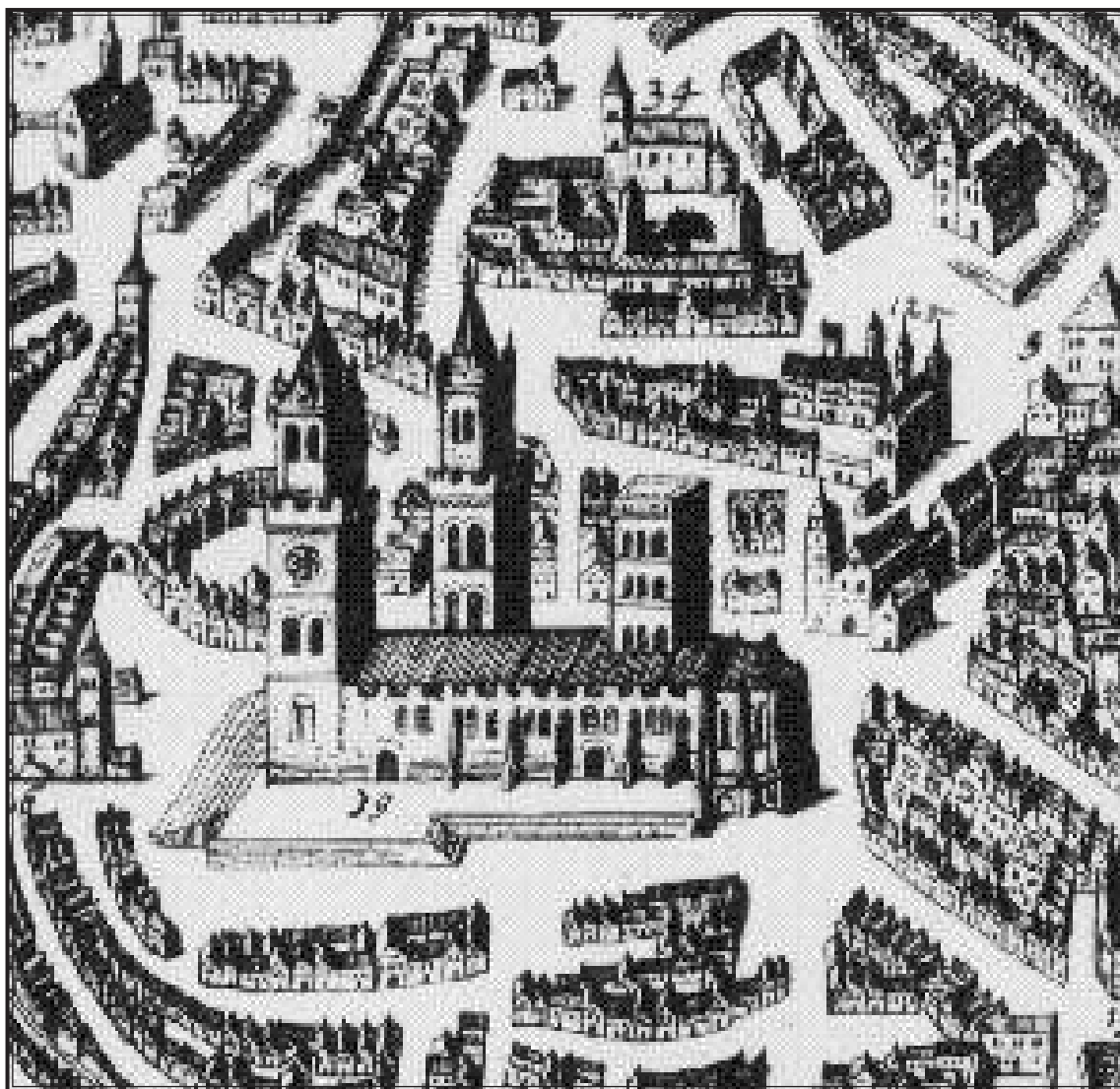
FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», in Krus *et alii*, 2007: 259-277.

LOURENCO, Fernando S.; RODRIGUES, Filomena (1988) – *Relatório de Sondagens – Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa. Relatório de Sondagens efectuadas no Anexo do Museu de Arte Contemporânea – Antigo Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa*.

RAMALHO, Maria de Magalhães (1993) - *Relatório de Trabalhos Arqueológicos realizados no Antigo Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa*.

RAMALHO, M. de Magalhães (1995) - «O sítio e o Convento de S. Francisco da Cidade - Da Fundação ao Terramoto de 1755». Catálogo de Exposição: *OBRACOM*, Museu do Chiado, Instituto Português de Museus, Lisboa: 19-26.

IGREJA DE SÃO MARTINHO



Coordenadas:

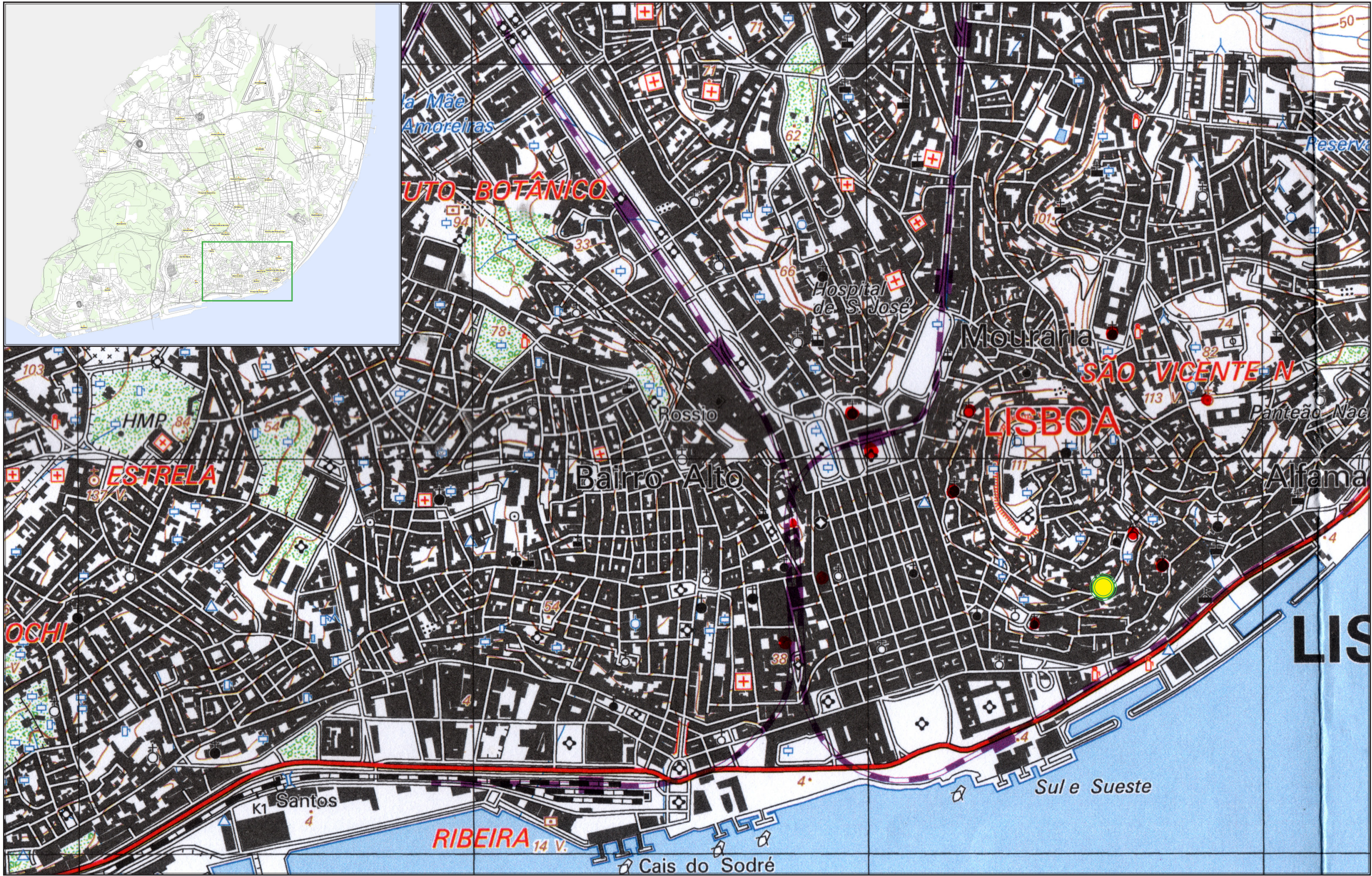
Latitude: P 38° 42' 38"

Longitude: M -10° 52' 07"

Cronologia:

Sécs. XII-XIX

IGREJA DE SÃO MARTINHO



Descrição do monumento:

O edifício da Igreja de São Martinho situava-se no Largo de São Martinho, e terá sido fundado no século XII. Demolido no início do século XIX, dele restam como vestígios as escadas reaproveitadas num dos edifícios existentes no local assim como um troço da fachada da torre, igualmente integrada no mesmo edifício (Brazuna, 2005: 17).

Descrita por Júlio Castilho (Castilho, 1937: 14), a paróquia de São Martinho seria uma das mais antigas de Lisboa, encontrando-se referenciada já em 1168 na História Eclesiástica de D. Rodrigo da Cunha. O mesmo autor menciona os manuscritos do Museu do Carmo, de José Valentim de Freitas, segundo os quais é possível que a Igreja de S. Martinho tenha sido «(...) na sua origem uma construção semelhante à primeira Sé, feita da mesma pedra dos bancos que até então havia, e ainda ha, por aquelles e mais sitios da cidade (...). Era de architectura arabe, muito simples e tosca.» (Castilho, 1937: 15-16). Os elementos arquitectónicos que aquele autor encontrou durante a demolição do edifício provam as características arabizantes acima mencionadas.

A Igreja foi igualmente referida por Norberto Araújo (Araújo, 1992: 55) nomeadamente no que concerne à sua localização: situar-se-ia em frente ao Limoeiro, ficando encostada ao Pátio do Carrasco. Ainda segundo o autor, a igreja datava de 1168, tendo sido reconstruída entre 1634 e 1664 e reedificada cerca de 1760, na sequência do terramoto que a deixou muito arruinada. A paróquia ter-se-ia extinguido em 1835, levando à sua demolição em 1837.

Necrópole escavada por:

Sandra Brazuna – Era Arqueologia SA (2005)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
SW-NE	Sepulturas individuais e ossários	- Vidro fracturado de pequena moldura - Tachas, 1 prego e 1 possível pega de caixão - Contas de osso (contas de terço) - 2 numismas de difícil leitura - Restos de mortalha, filamentos esverdeados e alfinetes de mortalha	

Intervenção de 2005

Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo							
[115]	N-id	-	[1] SW-NE -270º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] feminino	[24-28]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] sim. Artrose, entesopatias. Costelas direitas com sinal de condições infecciosas.	[2] ausência	[XII- XIX]	Vidro fracturado de pequena moldura, possivelmente continha retrato/imagem de familiar ou santo. Estaria colocado originalmente entre mãos ou sobre o tórax - encontrado à direita do tórax, entre as costelas e o humero direito, entre depósito de cal. Terá descaído para essa posição durante a colocação de cal ou devido ao processo de decomposição do corpo. Sepultura individual; contendo restos humanos desarticulados de enterramentos anteriores. Corpo inumado em caixão de madeira com restos de tachas de cobre (?) no seu interior - seguravam forro de tecido no exterior do caixão? Corpo do defunto coberto com cal, que se concentrava sobretudo sobre pernas e ao longo dos lados do esqueleto - esta (a cal) fona colocada dentro do caixão.	
[116]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim. Parcial-mente	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[45-50]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. Artrose ligeira	[2] ausência	[XII- XIX]	Sem espólio associado. Muito incompleto. Perturbado pelo enterramento U.E. 115 na área dos pés e por uma estrutura de cimento e pedra construída sobre parte do fémur direito e lado direito do tórax.	
[138]	N-id	-	[1] SW-NE -270º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] mas-culino	[99] Não determi-nável	[2] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] sim. Periostite	[2] ausência	[XII- XIX]	Tachas, 1 prego e 1 possível pega de caixão. Provavelmente individual. Apenas se escavou e exumou a metade inferior dos membros inferiores (dos joelhos para baixo), dado a restante posição do esqueleto se encontrar numa zona que não foi interven-cionada. Patologia degenerativa articular nas rótulas (sobretudo na esquerda). Encontraram-se duas rótulas esquerdas, uma das quais poderá pertencer ao Esqueleto 151. A rótula identificada com a letra (b) encontrava-se a uma cota inferior da (a).	
[143]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] mas-culino	[99] Não determi-nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[177]	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Contas de osso. Perturbado por inumações mais recentes e reduções ósseas, bem como obras de pavimentação. Diagnose sexual preliminar estabelecida a partir da grande chanfradura cídica em ângulo fechado.	
[146]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[99] Não determi-nável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[2] ausência	[XII- XIX]	Aparentemente individual. Apenas se encontrou parte da coxal esquerdo e sacro, parte do membro superior esquerdo e algumas costelas, tudo muito fragmentado. O restante esqueleto havia sido perturbado e destruído pela abertura de uma vala, cuja função se desconhece em intervenções anteriores. A pequena porção do esqueleto recuperada apresentava um estado de conservação muito mau, desfazendo-se praticamente ao toque. Foi utilizado consolidante (Primal) pelos arqueólogos, a fim de preservar as peças ósseas. Ainda assim, os ossos praticamente desfizeram-se durante a exumação.	
[147]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[99] não determi-nável	[99] não determi-nável	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. Lesões entesopáticas ligeiras	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Obras de pavimentação. Gestão do espaço sepulcral Apenas se recuperaram os ossos da bacia e algumas costelas	
[149]	N-id	-	[1] SW-NE -270º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] mas-culino	[20-30]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. Osteomala-cia devido a déficit de Vitamina A	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Parcialmente perturbado por abertura de vala. As pernas, coxal esquerdo, o braço esquerdo e o crânio terão sido destruídos pela abertura de valas. Foi aplicado consolidante (Primal) devido ao elevado estado de deagração dos ossos.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo						
[150]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] incompleto	[2] não	[2] feminino	[20]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[1] sim. Hipoplasias lineares no esmalte dentário provocado por desequilíbrio fisiológico durante a infância, devido a deficiências nutritivas e/ou doenças	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Moeda. Ossos presentes. Zona do estômago fechada. Sem pernas, sem neurocrânio = truncado por obras e gestão do espaço sepulcral (?). Foi aplicado consolidante (Primal) devido ao estado de degradação dos ossos ser bastante elevado. Indivíduo ainda jovem: ausência de fusão (ou em alguns casos fusão parcial) dos corpos vertebrais (Bass, 1995)
[154]	N-id	Ossário	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] incompleto	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável	[2] adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Ossos desarticulados de pelo menos dois indivíduos (fémur). Instalação de cabos eléctricos. Raízes médias e grossas. Ossos muito fragmentados, e micro-esquirlas. Tem essencialmente ossos longos. Situaam-se exactamente por baixo de um cabo eléctrico e várias raízes. Assim, podem ser inumações primárias perturbadas por estas obras.
[158]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Gestão do espaço funerário.
[159]	N-id	-	[Sem orientação]	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6 meses gestação]	[1] criança. Bébé	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Massa disforme de ossos. Bébé. Aparentemente ainda no canal pélvico da progenitora
[165]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. Artrose e entesopatias, periostite ligeira	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Só tem pernas, mas estão incompletas: sem rótulas e sem fémur esquerdo. D.V. do fémur direito. Obras - gestão do espaço funerário. Os pés ficaram para além do corte pelo que não foram exumados.
[169]	N-id	Ossário	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] feminino ?	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XII- XIX]	Tem apenas os ossos da bacia: 1) muito fragmentados; 2) boa preservação do Cóccix. Gestão do espaço. Sepultura individual reutilizada.
[182]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] masculino	[27-66 ou 39-44]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[174]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. O sacro mostra espinha bifida oculta nas 2 últimas vértebras sagradas	[2] ausência	[XII- XIX]	Esqueleto parcialmente articulado - tem ossos das pernas; tem algumas vértebras e costelas. Cruzadas: perna esquerda sobre a direita. Gesto intencional, provavelmente de índole simbólica. Perturbada pelas inumações mais recentes. Sepultura individual reutilizada no interior da igreja. No depósito 134 que cobre e envolve este esqueleto foram recolhidos vários botões e alguns alfinetes de mortalha. Esta inumação perturbou o enterramento infantil [183] mais antigo. Tem 3 vértebras com osteófitos do tipo DISH
[183]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[9]	[1] criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Tudo desarticulado e espalhado debaixo do Enterramento 182. Perturbado pela inumação [182] que é mais recente. Poderão existir ainda vários ossos no corte junto à árvore. Os ossos deverão ser triados, visto que foram recolhidos vários ossos que não pertencem a esta criança.
[196]	N-id	-	[1] SW-NE -230º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] incompleto	[2] não	[2] feminino	[25-30]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. 18 dentes com hipoplasia linear do esmalte dentário. Passou por graves desequilíbrios fisiológicos.	[2] ausência	[XII- XIX]	Não tem pernas. Gestão do espaço de inumação. Sepultura individual em interior de igreja, reutilizada. As mãos estão entrelaçadas em posição de orante. O esqueleto mostra os seus diversos elementos muito fragilizados, e muitas situações os ossos desfaziam-se ao mínimo toque. Muitas raízes de calibre fino e médio estavam entranhadas nos ossos provocando-lhes danos consideráveis.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo						
[197]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[+40]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim. Perda de dentes ante-mortem. Artrose moderada e severa nos corpos das cervicais	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Ossos e dentes recuperados. Esqueleto parcialmente articulado, muito fragmentado. Vários ossos desfizeram-se com facilidade. Obras. Gestão do espaço funerário.
[1218]	N-id	Ossário	[Sem orientação]	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XII- XIX]	Ossário/redução. Ossos bem preservados. Raízes. Conjunto de ossos longos, cranianos e outros. Estavam por baixo de um enterramento (U.E.____) parcialmente articulado, logo não foi perturbado pelas obras mas sim pela gestão deste espaço. Ossos de pelo menos quatro indivíduos: 4 adultos (fêmur) (um muito robusto), 1 criança, 1adolescente (3 homens e 1 mulher).
[1219]	N-id	-	[1] SW-NE -270º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] feminino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XII- XIX]	Perturbado pela colocação de um cabo eléctrico. Sepultura individual no interior da igreja. Esqueleto muito fragmentado
[1223]	N-id	Ossário	[Sem orientação]	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XII- XIX]	Ossário: ossos bem preservados. Fêmur - E-1/D-0; Coxal - D-0/E-1 (♀ Ad. Jovem + 1 ♂ + 1 ♀...); Cúbitos - E-1/D-4; Úmero - D-2/1 ♂ HBW com linha esp. Vertical/E-0; Claviculas - E-2/D-0; Mandíbulas - 1; Tibia - D-1 (♀) /E-0; Rádio - D-3/E-2; primeiro muito não a não fundido com 1 ep. proximal de fêmur de criança < 12 anos; algumas vértebras/ ossos cranianos/várias costelas. NMI adultos - 4; NMI não adultos - 1, eventualmente; C - 5, eventualmente. 1 homem e 2 mulheres, das quais 1 jovem adulta.
[1224]	N-id	Ossário	[Sem orientação]	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Ossário: ossos mediamente conservados. Por baixo de um enterramento 197 e por cima do [1225] e [1230]. Pode tratar-se de uma limpeza de umas sepulturas antigas.
[1225]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[5/7]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[1] presença	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Restos de mortalha, filamentos esverdeados e alfinetes de mortalha. Pernas de não adulto bem preservado. Os ossos de não adulto colocados por cima das pernas parecem pertencer a esta criança. Os pés desta criança encostam à cabeça da U.E. [1230].
[1226]	N-id	-	[1] SW-NE -270º	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] feminino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Omoplata - inteira. Osso interno bem preservado (úmero). Pelo menos a parte visível. Este braço esquerdo localizava-se exactamente no limite da sondagem. Nota-se que estava articulado à omoplata constituindo por isso uma possível inumação primária. A omoplata é visível pela cavidade glenóide e processo caracóide; esta não foi levantada. Sem discretos.
[1227]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável	[99] não determinável	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[169]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença. Artrite severa	[2] ausência	[XII- XIX]	Fragmentados nas epífises. Raízes. Individual reutilizada. Inumações mais recentes (estavam vários indivíduos parcialmente articulados por cima e também a criança desarticulada.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatômica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo							
[1230]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[2] não	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável. Idoso	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[1] ao longo do corpo	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença. Periostite	[2] ausência	[XII- XIX]	A mandíbula não foi recuperada. Não foram encontrados dentes. Sem ossos dos membros inferiores. O sacro e o osso coxal esquerdo estavam bem debaixo da raiz grossa. Volta de 180°. Raízes grandes. Inumação secundária (2) por cima [1224]. Individual reutilizado no interior do edifício religioso. Os ossos estão muito fragmentados. O braço esquerdo ficou muito encostado ao muro, notando-se que o corpo ficou muito apertado. Os ossos estavam muito fragmentados, vários desfizeram-se durante a exumação.	
[1231]	N-id	Ossário	[Sem orientação]	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Mal conservado, os ossos desfizeram-se. Ossário. Fémur: D-3/E-2 não adulto, comprimento único. Há ossos cheios de terra; Crânio: 1; Osso coxal: D-1♀ ? /E-1♂ (2); Cela: D-1♂/E-2+1♂; Tibia: D-1/E-0; Úmero: D-1♂+1♂/E-1♂+1♂; Rádio: D-1+1/E-1+1; Mandíbula: 1. 5 indivíduos: 3 adultos (2 homens e 1 mulher) e 2 não-adultos.	
[1234]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XII- XIX]	Conjunto articulado. Esquerda. Remoção do resto da perna esquerda e dos ossos do esqueleto axial, costelas, esqueleto apendicular e ossos cranianos por inumações mais recentes. Individual e reutilizada no interior da igreja. Os ossos do membro inferior direito poderão estar ainda intactos, mas não foram exumados porque excediam os limites do Corte SE. Todavia, é possível constatar que a parte superior do esqueleto (desde a parte proximal do sacro ao crânio) foi destruída durante a execução de inumações mais recentes.	
[1235]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] masculino	[99] não determinável. Idoso	[99] não determinável	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito ?	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] sim. Artrose	[2] ausência	[XII- XIX]	Contas de terço. E alguns ossos da mão (5) que foram encontrados sobre costelas esquerdas. As pernas foram provavelmente perturbadas pela inumação infantil [1225]. Raízes. Individual reutilizada no interior da igreja. Este esqueleto encontrava-se fracamente preservado, desfazendo-se ao mínimo toque. Osteófitos laterais em algumas torácicas	
[1242]	N-id	-	[1] SW-NE	[1] Coval simples ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[9] não foi possível verificar	[XII- XIX]	Misturadas. Bem preservadas. Raízes/Obras/Inumações mais recentes. Apenas foram recolhidos ossos de mãos aparentemente pertencentes ao mesmo indivíduo.	

BIBLIOGRAFIA

BASE DE DADOS ENDOVELICO/IGESPAR (CNS 22646).

ANDRADE, Ferreira de (1949) - *A Freguesia de Santiago. Subsídios Para a Historia das suas Ruas, Edifícios e Igreja Paroquial*, Vol. II, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa: 143-155.

ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2005) - «Relatório da Intervenção Arqueológica da Antiga Igreja de São Martinho (Freguesia de Santiago, Lisboa): a Exumação e Análise das Ossadas Humanas», *in* Brazuna, 2005: 58-102.

ARAUJO, Norberto de (1992) – *Peregrinações em Lisboa*, Vol. II, 2.a Edição, Veja, Lisboa: 55.

BRAZUNA, Sandra (2005) – *Rua da Saudade/Largo de São Martinho (Lisboa). Relatório dos Trabalhos Arqueológicos/423.05*.

LEAL, Paula Cristina de Araújo Marques (2005) - «Breve História da Igreja de São Martinho», *in* Brazuna, 2005: 17-22.

MATOS, José Luís de (2001) - «Lisboa islâmica». *Arqueologia Medieval*, 7, Edições Afrontamento, Porto: 79-87.

PRAÇA DA FIGUEIRA



Coordenadas:

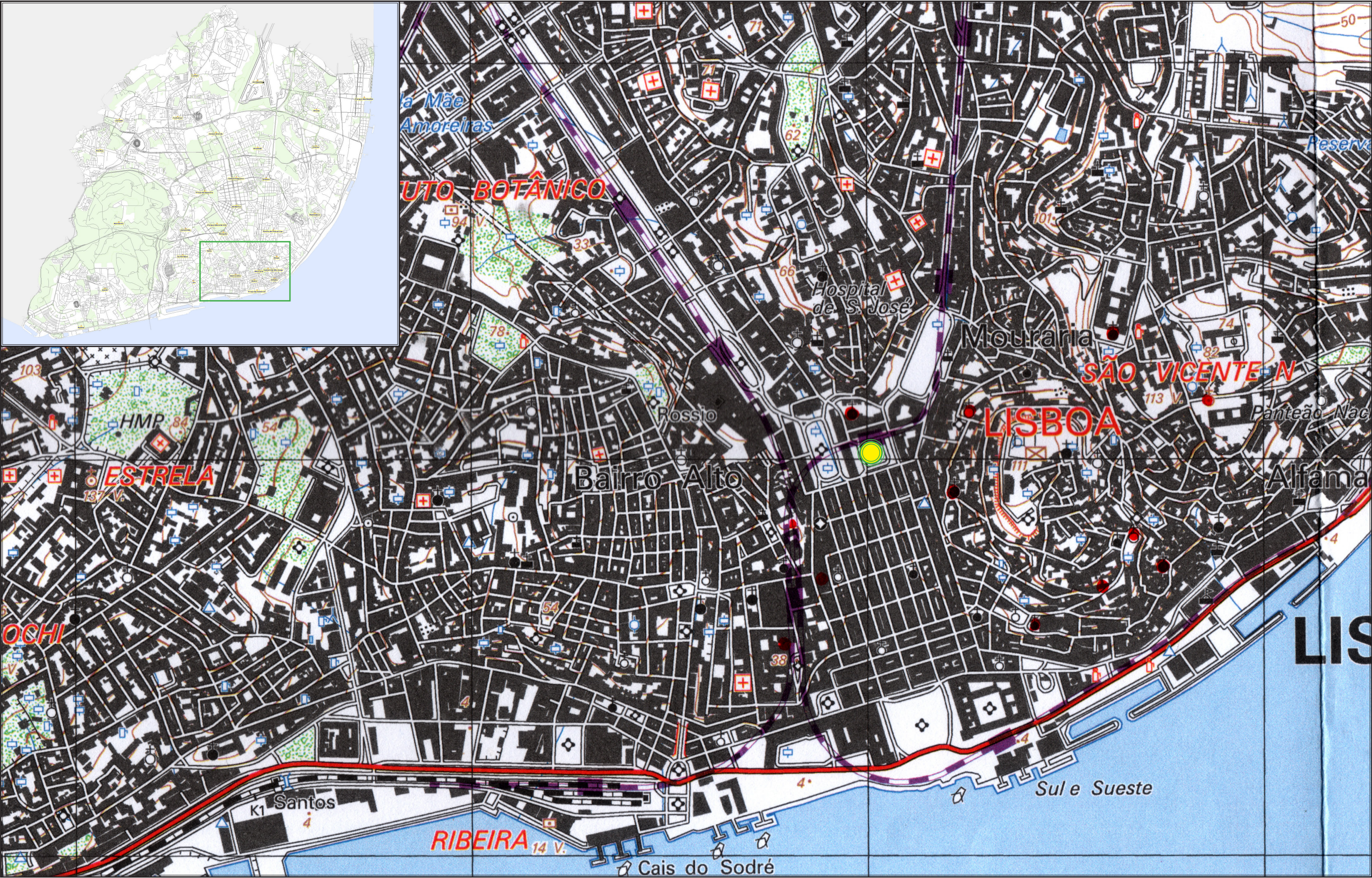
Latitude: P 38° 42' 49"

Longitude: M -10° 51' 42"

Cronologia:

Sécs. XV-XVIII

PRAÇA DA FIGUEIRA



Descrição do monumento:

Construído em 1492, no reinado de D. João II, que quis com ele constituir um Hospital Central em Lisboa, à semelhança do que aconteceria depois em Coimbra, Évora ou Braga, foi durante o reinado de D. Manuel (que o terminou em 1502) que atingiu o seu expoente máximo. A particularidade deste edifício é que, no decurso dos trabalhos ordenados por D. Manuel, as pedras tumulares do almocavar muçulmano de São Gens (zona da Graça) teriam para aí sido levadas, depois da extinção e demolição do mesmo a mando daquele rei, para servir como material de construção de reaproveitamento (Macias, 1998: 67). Parece-nos ser este o caso referido por Mário Barroca (Barroca, 2000: 61-62), que menciona a inscrição funerária que memorizava o óbito de Al-Ab-bas Ahamad, falecido em 17 de Julho de 1398 (Insc. N.º 37).

O Hospital de Todos-os-Santos seria seriamente danificado durante o terramoto de 1755 e pelo incêndio monumental que a ele se seguiu; já antes o edifício tinha sofrido alguns danos com um incêndio que ocorreu em 1601 e ficou parcialmente destruído devido a outro, este em 1750 (Relação..., 1750), que atingiu a igreja e várias dependências; tal facto levou o rei D. José a ordenar a compra de várias propriedades destinadas à sua reconstrução (AATT). As escavações arqueológicas dirigidas por Irisalva Moita em 1960 deixam perceptível a sobrevivência de algumas secções do hospital anteriores ao terramoto de 1755. Os trabalhos arqueológicos, efectuados, na zona noroeste da praça do Rossio, identificaram parte da famosa arcaria da fachada principal. Puseram igualmente a descoberto o claustro noroeste e toda a área do piso térreo sob a enfermaria de Santa Clara, bem como a Ermida de Nossa Senhora do Amparo, a enfermaria dos entrevados e incuráveis e mais alguns compartimentos não identificados (Moita, 1993: 21). Irisalva Moita descreve que o pavimento da Ermida de Nossa Senhora do Amparo era todo coberto com lajes regulares. Junto dos degraus de acesso à capela-mor encontrava-se uma lápide sepulcral com inscrição muito gasta que tapava uma sepultura. Esta, datável do século XVII, continha, a cerca de 0,75m de profundidade, um esqueleto masculino (Moita, 1990: 2). A seguir ao terramoto foram erguidos hospitais provisórios em São Bento e na casa dos Almadás, seguidamente no Rossio e às Portas de Santo Antão, enquanto se faziam as adaptações necessárias no Colégio de Santo Antão, que pertencera aos Jesuítas. Vinte anos depois, procedeu-se à transferência dos doentes e serviços para as novas instalações. Sob a orientação do então enfermeiro-mor, D. Jorge Francisco de Mendonça Furtado, os habitantes de Lisboa, incluindo a nobreza da corte e as comunidades religiosas, ajudaram a transportar as macas com os doentes e feridos, para as suas novas instalações. O Hospital passou a chamar-se Real de São José em homenagem ao monarca, mantendo-se a estrutura orgânica e funcional que tinha antes do terramoto (AATT, in <http://www.aatt.org>).

Necrópole escavada por:

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			Inscrição funerária: - Al-Ab-bas Ahamad († 1398)

BIBLIOGRAFIA

BASE DE DADOS ENDOVELICO/IGESPAR (CNS 1925).

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. (Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

GRACA, Luís (2000a) - «O Hospital Real de Todos os Santos. Parte I», *Textos sobre Saúde e Trabalho*, 59 (<http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos59.html>).

GRACA, Luís (2000b) - «O Hospital Real de Todos os Santos. Parte II», *Textos sobre Saúde e Trabalho*, 60 (<http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos60.html>).

MACIAS, Santiago (1998) – «Casas urbanas e quotidiano no *Gharb Al-Andalus*», *Portugal Islâmico. Os últimos Sinais do Mediterrâneo*, Instituto Português de Museus, Lisboa: 109-120.

MOITA, Irisalva (coord.) (1960) – Lisboa – *Praça da Figueira (Hospital Real de Todos os Santos)*. Relatório de trabalhos arqueológicos apresentado ao IPPC, Lisboa.

MOITA, Irisalva; MARQUES, Jorge (fot.) (1992) – *V Centenário do Hospital de Todos os Santos*. Correios de Portugal, Lisboa.

RAMOS, Luís A. de Oliveira (1993) - «Do Hospital Real de Todos os Santos a Historia Hospitalar Portuguesa», *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade do Porto, Porto: 333-350.

<http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&cid=226>

IGREJA DE SÃO LOURENÇO



Coordenadas:

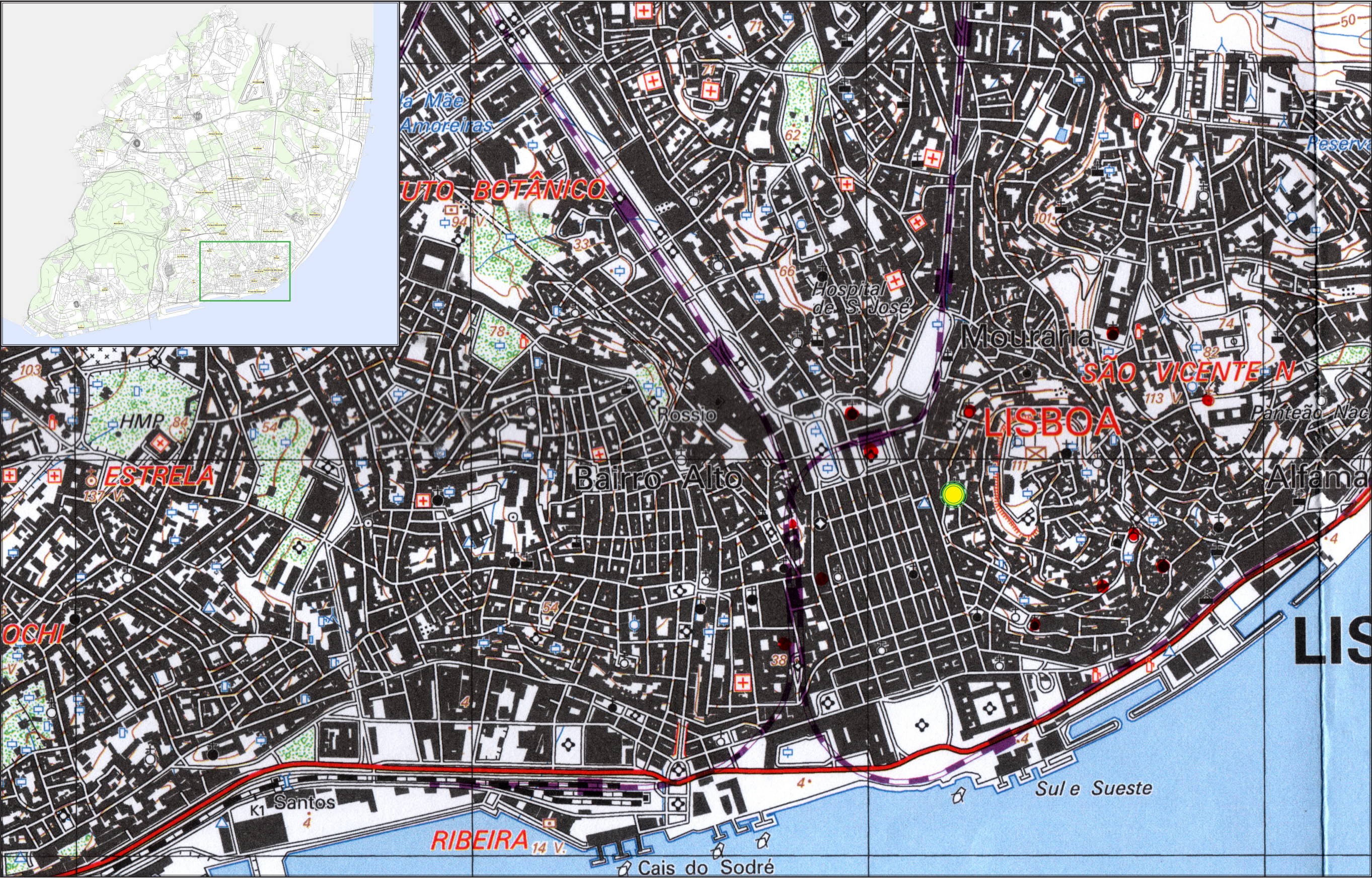
Latitude: P 38° 43' 02"

Longitude: M 9° 7' 56"

Cronologia:

Sécs. XIII-XVIII

IGREJA DE SÃO LOURENÇO



Descrição do monumento:

(Março/Maio 1992) Os diferentes níveis de deposição registados e o levantamento das inumações mais antigas depositadas em ossários sugerem uma intensa utilização da necrópole. Das 40 inumações identificadas, escassas se encontravam completas. Todos os enterramentos apresentavam a cabeça para Oeste. Na estratigrafia, a 1ª camada surge arenosa, solta, de cor castanha-acinzentada com muitos fragmentos de ossos e cal, e abrange um vasto intervalo cronológico até aos inícios do Séc. XIX; a 2ª camada, corresponde a enterramentos do período quinhentista, e a 3ª, corresponde ao 1º momento de enterramentos no período que se seguiu à construção da Igreja. Os enterramentos mais tardios, são geralmente, em caixões; alguns do período moderno são do tipo valas abertas. Na sondagem 2 detectaram-se, ainda, vestígios de pequenos muretes, sugere tratar-se de estruturas de compartimentação da necrópole medieval e quinhentista e ainda 4 (quatro) silos islâmicos, entulhados provavelmente em meados do século XII.

(Julho/Agosto 1992) As quatro sondagens abertas correspondem à totalidade da área da primeira capela gótica intervencionada, após se ter procedido à picagem das paredes e à desmontagem do piso intermédio. Após a realização destas duas acções, ficou em evidência toda a estrutura original desta capela onde ainda se preservam pequenas áreas com aplicação de azulejo, do período quinhentista. Do período do templo românico, subsiste um enterramento aberto na rocha de base, com vestígios da vala aberta, no entanto já reduzido aos membros inferiores. Foram identificados 6 (seis) silos de paredes troncocónicas e de base plana.

(Fevereiro-Junho 1993) A 1ª camada da sondagem 7 corresponde a uma fase de entulhamento e nivelamento. Sob esta camada, surge uma outra camada mais compacta e arenosa, onde foram identificadas inumações, todas atribuíveis ao período medieval. A maioria foi depositada directamente na rocha base, através da abertura de valas, em alguns casos sendo visíveis contornos antropomórficos. A necrópole nesta zona, deverá corresponder ao momento do templo românico, ficando esta intervenção na área externa do mesmo. Com a construção das capelas góticas parte destes enterramentos ficaram sob as paredes daquelas. Registaram-se ainda 4 (quatro) silos. Na sondagem 8, na vala de sondagem aberta ao longo da parede, exumou-se mais uma inumação e um silo, e ainda, grande quantidade de espólio cerâmico, de época islâmica.

O Quadro I, em anexo, não reflecte a totalidade da informação. Apenas o faz em relação à que foi possível extrair do texto, dado que não são feitas nos relatórios de intervenções arqueológicas precisões quanto à morfologia dos enterramentos. Consta ainda a indicação de que o estudo antropológico seria efectuado por Cidália Duarte na campanha seguinte, mas o relatório respectivo não se encontra associado ao arquivo do respectivo processo no IGESPAR.

Necrópole escavada por:

Clementino José Gonçalves Amaro (1992-1993); Lisboa - Palácio Rosa/Igreja de São Lourenço: Marta Lacasta de Macedo e Sandra Cristina Brazuna Lopes (2007)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
Oeste-Este		<div>- seis pregos</div> <div>- espólio cerâmico, parte apresentando pintura a branco (horizonte islâmico)</div> <div>- uma colecção de moedas (leitura difícil)</div>	<div>- lápide de fundação da Capela de Santa Vitória pelo fundador, Vicente Martins, Alvazil de Lisboa</div>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Intervenção de 2005
Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																			Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo								
[1]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[2]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[3]	Sond. 1	Ossário	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[1] presença	-	Recolha de ossadas anteriores aos pés da inmação, nomeadamente crânios.	
[4]	Sond. 1	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[XVI]		
[5]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[6]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[7]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[8]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[9]	-	-	[1] W-E	[1] Coval simples	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]		
[10]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[11]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[12]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[13]	-	-	[1] W-E	[1] Coval simples	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	-	-	-	-	-	[XIII]		
[14]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[15]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	-	-	-	-	-	-	-	
[16]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[17]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[18]	Sond. 1	-1,70m	[1] W-E	[1] Coval simples	-	-	[1] presença	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	[1] presença	-	-	[1] presença	[XIII]	Seis pregos, alinhados aos pés das inumação, o que indicia a utilização de caixão (para além do uso da mortalha).	
[19]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[20]	-	-	[1] W-E	[1] Coval simples	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	Sobre o contorno superior de um silo.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura								Esqueleto												Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo						
[21]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[22]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[23]	Sond. 3-6	-	[1] W-E	[1] Coval simples	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[24]	Sond. 7	-	[1] W-E	[2] Antropo-mórfica. Em rocha de base	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[25]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[26]	Sond. 1	Ossário	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[27]	Sond. 7	-	[1] W-E	[2] Antropo-mórfica. Em rocha de base	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[28]	Sond. 1	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[29]	N-id	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[30]	Sond. 7	-	[1] W-E	[1] Coval simples ?	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[31]	Sond. 1		[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[32]	Sond. 7	-	[1] W-E	[1] Coval simples ?	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[33]	Sond. 7	-	[1] W-E	[1] Coval simples ?	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[34]	Sond. 7	-	[1] W-E	[1] Coval simples ?	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	[XIII]	
[35]	Sond. 8	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	-	-	-	-	-	
[36]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[37]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[38]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[39]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[40]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Nº da sepultura			Esqueleto																						Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien- tação	Tipo de sepultura	Cober- tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô- mica	Estado	Evidência rácica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri- mento do corpo	Espólio	Tecidos e Passama- narias	Evidên- cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	
[41]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[42]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
[43]	-	-	[1] W-E	-	-	-	-	[1] presença	[1] sim	-	-	-	-	-	[1] Decúbito dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 13790)

AMARO, Clementino José Gonçalves (1992) - «Arqueologia urbana de Lisboa - sua evolução», *Al-madan*, 2ª Série, 1, Almada: 19-22.

AMARO, Clementino (1998) - «Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível», *Portugal Islâmico - Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Ministério da Cultura/IPM/Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 61-71.

AMARO, Clementino José Gonçalves (1999) - *Palácio da Rosa – Igreja de S. Lourenço – Mouraria*, Lisboa. Relatório de Trabalhos Arqueológicos, relatório entregue ao IPA.

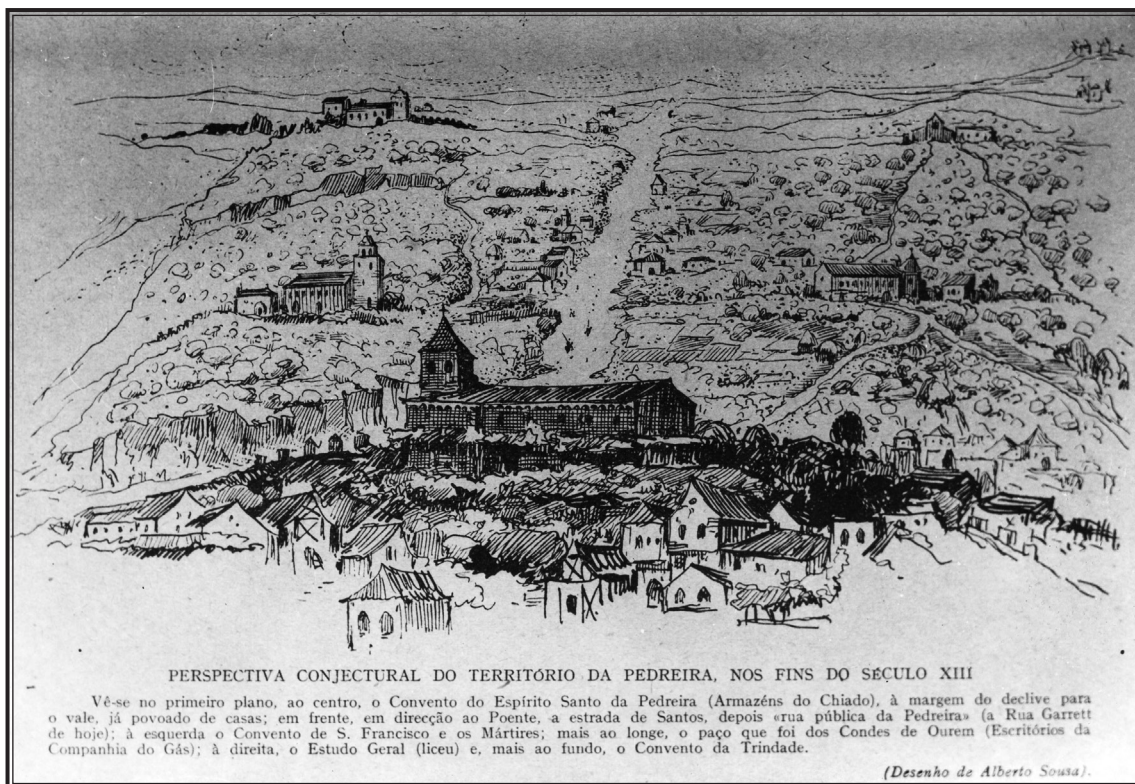
COELHO, Teresa de Campos (1998) - «Trabalhos de recuperação da Igreja de S. Lourenço de Lisboa», *Pedra & Cal - Revista do Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico*, 0, Lisboa: 38-41.

FARELO, Mário (2007) - «Ao serviço da Coroa no século XIV: o percurso de uma família de Lisboa, os “Nogueiras”», in *Krus et alii*, 2007: 145-168.

FONTES, João Luís Inglês (2007) - «Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média», in *Krus et alii*, 2007: 259-277.

GONÇALVES, António Manuel; SEGURADO, Jorge (1984) - *O Largo da Rosa e do Nobre Sítio de São Lourenço*, Academia Portuguesa de História, Lisboa.

CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO DA PEDREIRA



Coordenadas:

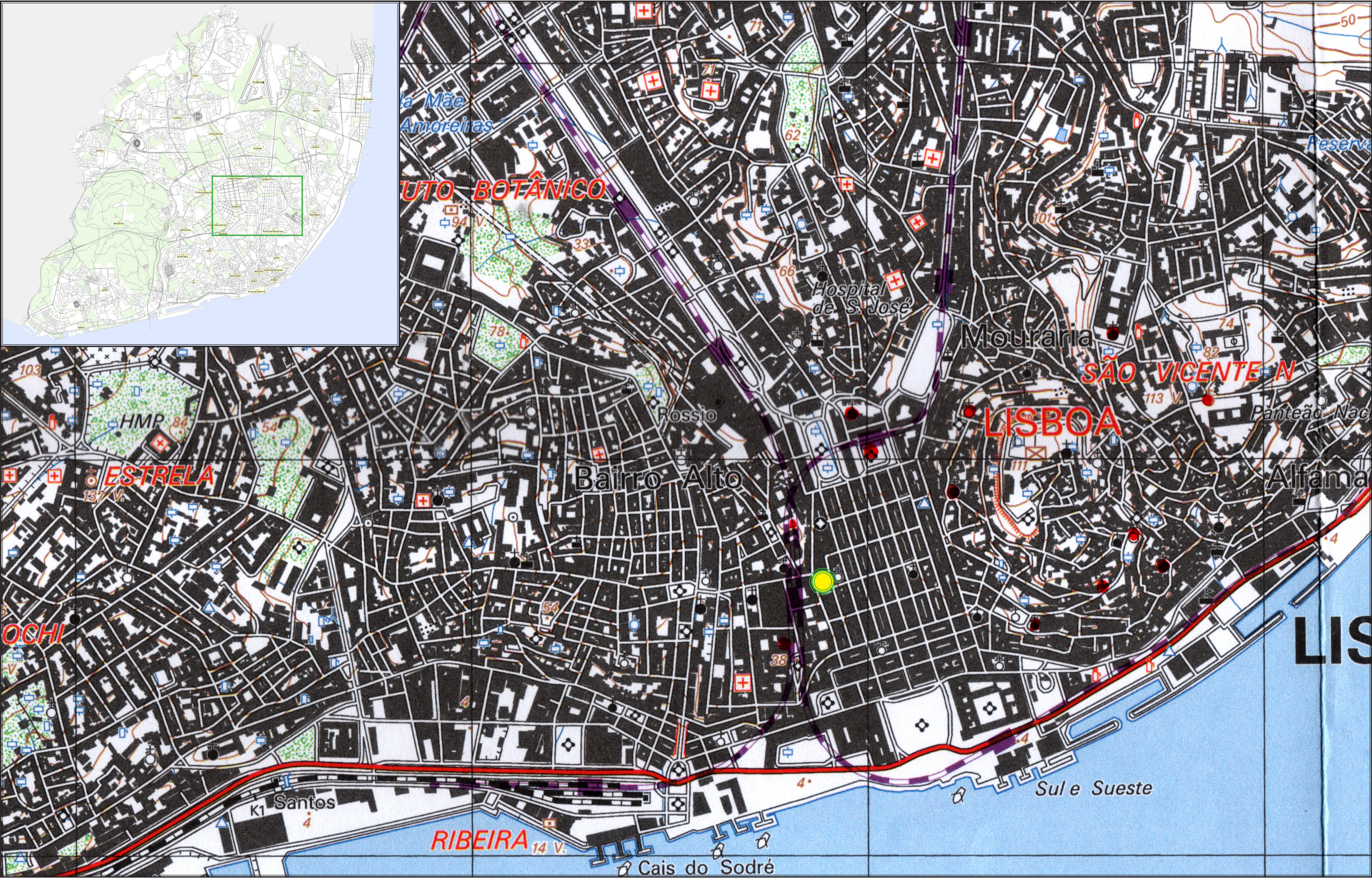
Latitude: P 38° 42' 38"

Longitude: M -10° 51' 38"

Cronologia:

Sécs. XIII-XX

CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO DA PEDREIRA



Descrição do monumento:

O Convento do Espírito Santo da Pedreira localizava-se onde ainda hoje se encontra o edifício dos desaparecidos Armazéns do Chiado. No mesmo local tinha existido, desde 1279, a antiga Casa do Espírito Santo, conduzida por uma irmandade de nobres e ricos mercadores de origem judaica. Esta irmandade promovia a associação e a entreaajuda financeira. O conjunto era constituído pela casa, por um hospital e pelo respectivo espaço conventual. A sua localização, a Pedreira, deve o seu nome à região inóspita e constituída por terrenos calcários e saibroso, e que não permitia a entrada do rio (Santana e Sucena, 1994: 351-353).

Durante o século XVII foi objecto de diversas obras de reconstrução. Contudo, seria com o terramoto de 1755 que o convento seria totalmente destruído, passando a comunidade religiosa para o Convento das Necessidades até que as respectivas obras fossem concluídas. Estas, no entanto, nunca foram terminadas, passando o imóvel a ter outros usos: como Palácio Barcelinhos ou, mais tarde, como os Grandes Armazéns do Chiado, surgidos em 1894. Seria totalmente destruído durante o incêndio que sofreu em 1988, que arruinou uma parte da Baixa, onde se integra, permitindo assim a redescoberta do Convento do Espírito Santo da Pedreira (França, 1987: 159; Santana e Sucena, 1994: 351-353).

No decurso da escavação arqueológica de acompanhamento da reconstrução dos antigos Armazéns do Chiado, em 1991 (CNS 15909), foi identificado um pequeno cemitério, localizado no que teria sido eventualmente a cripta da antiga Igreja. O cemitério era constituído por cerca de 20 (vinte) sepulturas, delimitadas por muretes pouco espessos (de cerca de 27cm) e uma altura de 120cm. Data do período Moderno. Foram ainda encontrados um arco pertencente a um possível Claustro e vestígios de construções correspondentes ao período Pombalino.

Necrópole escavada por:

Maria Moreira Ramalho e Catarina Viegas Taveira (1991).

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovelico/IGESPAR (CNS 15909)

FRANÇA, José Augusto (1987) - *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, 3ª ed., Bertrand Editora, Lisboa.

RAMALHO, M. de Magalhães (1992) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos nos Armazéns do Chiado*. Relatório apresentado ao IPPAR em Janeiro de 1992.

RAMALHO, M. de Magalhães, VIEGAS, Catarina (1994) - «Intervenção arqueológica nos Armazéns do Chiado – Lisboa». *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, 1º vol., Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 243-252.

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (dir.) (1994) - *Dicionário da História de Lisboa*, 1.a ed., Sacavém, Carlos Quintas & Associados – Consultores: 351-353.

IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA (LUMIAR)



Coordenadas:

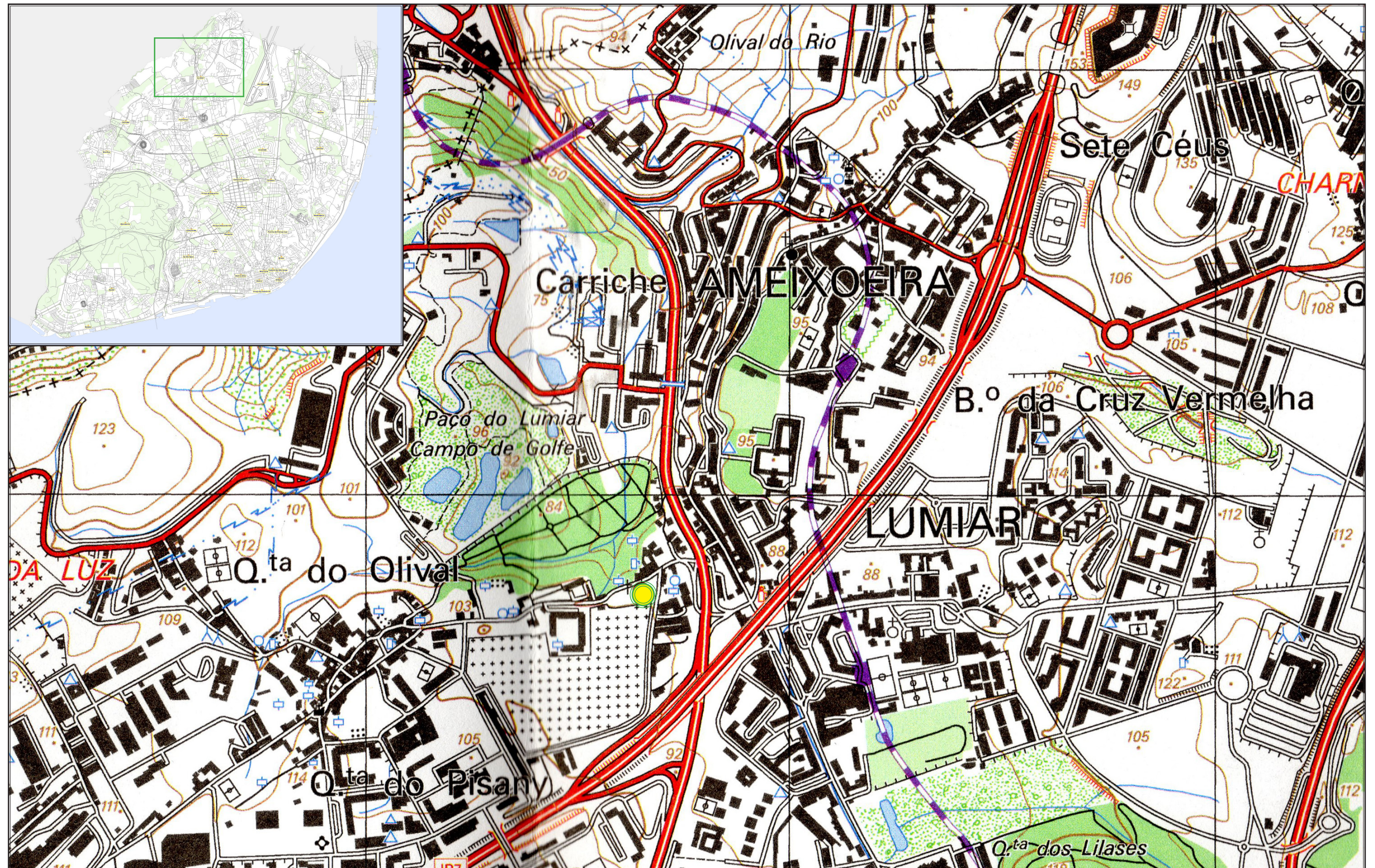
Latitude: P 38° 46' 27"

Longitude: M -10° 50' 05"

Cronologia:

Sécs. XIII-XX

IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA (LUMIAR)



Descrição do monumento:

A igreja de São João Baptista e São Mateus está indelevelmente ligada à figura do rei D. Dinis. Assim, a mesma seria fundada em 1276, pelo bispo de Lisboa, D. Mateus, no local onde o pai do rei, D. Afonso III, possuía uma casa de campo com quinta. Seria D. Dinis quem se encarregaria de a prover, ao mesmo tempo que doava em 1312 o Paço pertencente a seu pai ao seu filho bastardo (D. Afonso Sanches), fruto da sua relação com D. Gracia. O Paço e a respectiva igreja, de uma só nave, seriam mais tarde doados, em 1331, ao Mosteiro de São Dinis de Odivelas, pela viúva de D. Afonso Sanches, D. Teresa Martins, pelas almas de seu marido e de seu sogro. Contudo, seria o mesmo confiscado por D. Afonso IV, que o integrou nos bens da Coroa. (Sousa, 1982e: 97-99; Inácio, 2000: 107-108).

Existe uma inscrição funerária e comemorativa da instituição da capela de Santa Brígida, sobre suporte de calcário e letras capitais quadradas, de feitura do século XVI, que marca a sepultura dos três cavaleiros irlandeses («ibernios») que tinham trazido a relíquia de Santa Brígida (originária e martirizada na Irlanda) para Portugal, com destino ao mosteiro de São Dinis de Odivelas, então em construção (Sousa, 1982e: 94-96; Vale e Ferreira, 1994; Avellar et al., 2004; Rosa, 2005).

Foi aliás durante o século XVI que a igreja sofreu modificações de vulto, passando de nave única a três naves. Depois de vicissitudes várias (entre abandono e incúria), a Igreja de São João Baptista sofreu destruições importantes com o terramoto de 1755 (Sousa, 1982e: 102-105; Vale e Ferreira, 1994; Avellar et al., 2004; Rosa, 2005).

Sobreviveu ainda a um incêndio em 1932, tendo sido recuperada e integrada, em anos mais recentes, no Plano de Pormenor de Salvaguarda do Paço do Lumiar (Vale e Ferreira, 1994; Avellar et al., 2004; Rosa, 2005).

Encontra-se hoje abrangida pela classificação, em 1997, do Paço do Lumiar.

Necrópole escavada por:

Maria Moreira Ramalho e Catarina Viegas Taveira (1991).

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			Inscrição funerária e comemorativa: - dos três cavaleiros irlandeses (mandada fazer em 1283, cópia do século XVI)

BIBLIOGRAFIA

- (1932) - «O Incêndio da Igreja do Lumiar», *Diário de Notícias*, 8 Fevereiro 1932.
- (1932) - «Um incêndio destrói a igreja do Lumiar», *O Século*, 7 Fevereiro 1932.
- (1935) - «A inauguração solene da igreja do Lumiar fez-se ontem com a assistência do sr. Cardial Patriarca», *Diário de Notícias*, 24 Junho 1935.
- (1983) - *Lisboa Quinhentista, a Imagem e a Vida da Cidade*, Catalogo da Exposição Temporária, Lisboa.
- AAVV (1863) - «Arrabaldes de Lisboa», *Revista Archivo Pittoresco-Semanario Ilustrado. Fragmentos de um Roteiro de Lisboa*, Lisboa: 306.
- AAVV (2003) - *Monografia do Lumiar*, Junta de Freguesia do Lumiar, Lisboa.
- ALMEIDA, Jose António Ferreira de (coord. de) (1976) - *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa.
- ARAÚJO, Norberto de; LIMA, Durval Pires de (1955) - *Inventario de Lisboa*, Fascículo X, Lisboa.
- AVELLAR, Filipa; OLIVEIRA, Lina; ANDRADE, Sara (2004) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.
- BASTOS, Fernando Pereira (1991) - *Apontamentos Sobre o Manuelino no Distrito de Lisboa*, Lisboa.
- CONSIGLIERI, Carlos e OUTROS (1993) - *Pelas Freguesias de Lisboa. O Termo de Lisboa*, Lisboa.
- COSTA, Américo (1940) - «Lumiar», *Dicionario Corografico de Portugal Continental e Insular*, vol. VII, Vila do Conde: 822.
- DUARTE, Maria Jose Guerreiro (1996) - «Costume Antigo - no Termo de Lisboa (Lumiar)», *Olisipo*, II Serie, 3, Lisboa.
- INACIO, Carlos (2000) – «Paço do Lumiar, Apontamentos de História». *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 107-120.
- INACIO, Carlos A. Revez (1998) - *Paco do Lumiar. Apontamentos de Historia*, Lisboa.

LEAL, Augusto Pinho (1874) - «Lumiar», *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário*, vol. IV, Lisboa: 476.

MATOS, F. A. de (1889) - *Diccionario Chorographico de Portugal. Continental e Insular*, Lisboa.

OLLERO, Rodrigo (coord. de) (1996) - *Plano de Pormenor de Salvaguarda. Paço do Lumiar*, Gabinete Técnico de Carnide - Luz / Paco do Lumiar, Lisboa.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme (1909) - «Lumiar», *Portugal. Dicionario Historico, Corografico, Biografico, Bibliografico, Heraldico, Numismatico e Artistico*, vol. IV, Lisboa: 579.

PEREIRA, Gabriel (1905) - *De Benfca à Quinta do Correio-Mor*, Lisboa.

PEREIRA, Gabriel (1910) - *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa.

PEREIRA, Luís Gonzaga (1924) - *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, Lisboa.

PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de (1974) - *Lisboa em 1758. Memorias Paroquiais de Lisboa*, Lisboa, 1974.

PROENCA, Raul (1874) - «Lumiar», *Guia de Portugal*, vol. I, Lisboa: 449.

PROENCA, Raul (dir. de) (1924) - *Guia de Portugal*, vol. I, Lisboa.

QUEIROZ, Jose de (1907) - *Cerâmica Portuguesa*, Lisboa.

ROSA, Ana (2005) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

SERRAO, Vitor (2003) - *Historia da Arte em Portugal - o Barroco*, Editorial Presença, Barcarena.

SILVA, A. Vieira da (1943) - *Freguesias de Lisboa, Lisboa*.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1958) - *Colectânea Olisiponense*, vol. II, Lisboa.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1966) - *Colectânea Olisiponense*, vol. III, Lisboa.

VALE, Teresa; FERREIRA, Maria (1998b) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

IGREJA DE SÃO LOURENÇO (CARNIDE)



Coordenadas:

Latitude: P 38° 45' 35"

Longitude: M -10° 48' 53"

Cronologia:

Sécs. XIV-XX

IGREJA DE SÃO LOURENÇO (CARNIDE)



Descrição do monumento:

A Igreja de S. Lourenço, em Carnide, foi fundada em 1321, tendo sido reconstruída em 1342 e elevada a igreja paroquial no mesmo ano. Data do século XVI a remodelação do seu interior (cerca de 1592). Como muitos outros edifícios religiosos, foi grandemente danificada em consequência do terramoto de 1755, cuja reconstrução se encontrava concluída apenas em 1808, incluindo o arranjo do adro e a colocação do cruzeiro. Foi novamente restaurada em 1860 e encerrada ao culto em 1913. Após 70 anos de encerramento e depois de obras de restauro profundas, reabriu ao culto em 1990 (Vale e Gomes, 1996; Figueirinhas, 1998).

No recinto que envolve o edifício são reconhecíveis diversos fragmentos de sepulturas, provenientes do cemitério primitivo que se encontrava anexo ao templo, nomeadamente a que foi publicada por Cordeiro de Sousa e correspondente já a finais do século XVI (Sousa, 1966).

Por seu turno, Mário Barroca publica a inscrição comemorativa da fundação da igreja, surgida na sua versão moderna e referida por Gabriel Pereira, mas desaparecida já em 1898 (Barroca, 2000: 1638-1639).

Necrópole escavada por:

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
			Inscrição comemorativa e funerária: - da fundação da igreja: cópia moderna da inscrição medieval, desaparecida - da morte de D. João Afonso de Brito (†1342)

BIBLIOGRAFIA

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. (Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

CALADO, Maria; FERREIRA, Vitor Matias (1993) - *Lisboa. Freguesia de Carnide*, Lisboa.

CARVALHO, Jose da Silva (1987) - *Carnide e o seu Património Edificado. Um Percorso de Sete Rios à Pontinha*, Lisboa.

CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, Jose Manuel; ABEL, Marília (1993) - *Pelas Freguesias de Lisboa. O Termo de Lisboa*, Lisboa.

FIGUEIRINHAS, Laura (1998) – *Igreja de São Lourenço*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

MATOS, Alfredo; PORTUGAL, Fernando (1974) - *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*, Lisboa.

PEREIRA, Gabriel (1898) - *O Lindo Sítio de Carnide*, Lisboa.

VALE, Teresa; GOMES, Carlos (1994) – *Igreja de São Lourenço*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - IHRU.

CONVENTO DE SÃO DINIS DE ODIVELAS



Coordenadas:

Latitude: P 38° 47' 31"

Longitude: M -10° 49' 05"

Cronologia:

Sécs. XIII-XXI

CONVENTO DE SÃO DINIS DE ODIVELAS



Descrição do monumento:

Situado no termo de Lisboa à época e hoje no termo de Odivelas, o mosteiro de S. Dinis foi fundado e dotado pelo rei D. Dinis, com o consentimento e a autoridade do bispo de Lisboa (D. João de Soalhães, que já mencionámos) em 1295. Segundo a lenda, a fundação dever-se-ia a um voto do rei D. Dinis, depois de ter sido salvo das garras de um urso. No entanto, diversos autores põem em causa a motivação, considerando que «(...) parece que este acto piedoso, associado à grandeza da construção, contribuía, acima de tudo, para reforçar a imagem de um soberano magnânimo e para a afirmação pessoal do rei, através de uma obra que garantia a perpetuação e a glorificação da sua memória. Hermínia Vilar e Maria João Branco consideram que, para tal, concorria ainda, intencionalmente, a invocação de S. Dinis para patrono do mosteiro, justificada pelo monarca “em virtude de ter nascido no dia da celebração da sua festa e de o considerar como seu santo protector” (...).» (Rêpas, 2007: 232).

A edificação do mosteiro cisterciense, segundo Paulo Almeida Fernandes (Fernandes, 2010), deve-se igualmente às condições propícias do lugar para a instalação dos monges brancos, devido não só ao isolamento rural, mas também à existência de linhas de água, «(...) condições essenciais ao aproveitamento agrícola no interior da cerca monástica e valores tão caros ao fundador da Ordem, São Bernardo.» (Fernandes, 2010).

Ainda segundo o mesmo autor, «Reunidas as condições necessárias, a obra arrancou em 1295, ao mesmo tempo que o monarca e as religiosas nobres envolvidas no projecto dotavam a instituição de autonomia financeira, que asseguraria não apenas a marcha da construção como, também, a evolução sustentada da comunidade. Ao que tudo indica, os trabalhos decorreram com relativa rapidez e, dez anos depois, o mosteiro foi entregue às bernardas, devendo-se a orientação técnica aos arquitectos Antão e Afonso Martins, que deixaram as suas siglas em numerosos silhares. As obras, todavia, prolongaram-se pelos anos seguintes, de acordo com uma prática comum na Idade Média, coexistindo a vivência monacal com o avanço das construções.» (Fernandes, 2010).

«Ponto fulcral dos mosteiros cistercienses, o conjunto de Odivelas estrutura-se em torno do seu claustro, ele próprio estabelecido em função da rede hidrográfica do local. Aqui, o claustro determinou a construção da igreja do lado Sul, o que não é muito comum, mas que encontra plena justificação nas condições geográficas do sítio.» (Fernandes, 2010).

Pouco resta da construção inicial, de acordo com aquele investigador: «(...) apenas a cabeceira da igreja, com seu portal lateral Sul (dotado de narthex) e parte do claustro. A cabeceira integra-se na perfeição no chamado Gótico dionisino, de perfil tripartido (com capela-mor mais ampla e alta que os absidiolos) e de planta exterior poligonal, com contrafortes nos ângulos que permitem a abertura, nos panos médios da capela-mor, de grandes janelões verticais de duplo lume. No interior, a hierarquização destes espaços encontra materialização efectiva na luminosidade, sendo a capela-mor abundantemente iluminada e os absidiolos apenas escassamente, passando aqui os janelões de duplo lume a estreitas frestas verticais, reforçando-se o estatuto das capelas laterais como dependências anexas pela baixa abóbada de cruzaria de ogivas e de nervuras bem salientes.» (Fernandes, 2010).

Como a maior parte dos edifícios religiosos, foram muitas as alterações verificadas ao longo dos séculos no conjunto monacal de São Dinis de Odivelas. Assim, e logo no século XV (em 1424), a rainha D. Filipa de Lencastre instituiu uma capela, anexa ao absidiolo Sul e associada ao portal lateral da igreja. «(...) A gramática arquitectónica deste espaço é semelhante à da cabeceira, mantendo a planta poligonal, mas os elementos decorativos são diferentes, assim como a dimensão dos vãos. Mais importantes foram as obras quinhentistas, século a que corresponde o Claustro da Moura e diversas obras na parte monacal. Um pouco por todo o mosteiro, encontram-se elementos manuelinos, materiais que provam uma dinâmica construtiva alargada durante a primeira metade do século XVI.» (Fernandes, 2010).

As obras continuaram pelos tempos seguintes, em particular durante os séculos XVII e XVIII. A última grande campanha ocorreu após o terramoto de 1755, «(...) altura em que o corpo da igreja abateu e numerosas dependências monacais ficaram afectadas. A reconstrução da igreja privilegiou um espaço amplo, sem divisórias, com arcos extremos de volta perfeita e abatidos, que suportam uma abóbada de lunetas.» (Fernandes, 2010).

A igreja é ainda hoje a parte melhor conservada e contém dois túmulos góticos, do século XIV, um dos quais do rei D. Dinis, «(...) com jacente e faciais decorados com edículas trilobadas onde se integram religiosos, obra cimeira da nossa arte tumular medieval, apesar de bastante desfigurada pelo terramoto e pelas invasões napoleónicas.» (Fernandes, 2010).

O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, convertido desde há muito no Instituto de Odivelas, foi classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, publicado em DG n.º 136, de 23 de Junho de 1910. Está actualmente em estudo para ZEP Conjunta do Mosteiro, da Igreja Matriz e do Memorial de Odivelas.

Necrópole escavada por:

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
		<div>- Túmulo com jacente de D. Dinis (2,80m x 1,30m x 1,20m)</div> <div>- Túmulo gótico, não identificado (de D. Maria Afonso?)</div>	<div>Inscrições funerárias:</div> <div>- de D. Urraca Pais de Moles (†1340), Abadessa do Mosteiro: inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Comp.: 245,5 cm. Larg.: 126 cm. Alt. média das regras: 6,5 cm; Alt. média das letras: 4 cm.</div> <div>- de D. Beengária Pimentel (†último quartel do século XIV), Abadessa do Mosteiro: inscrição gravada em tampa de sepultura, de calcário. Alt.: 125,5 cm. Larg.: 90 cm. Alt. média das regras: 5,8 cm; Alt. média das letras: 4,2 cm.</div> <div>Inscrições comemorativas:</div> <div>- Da fundação da Capela de Santo André por D. Maria, filha de D. Dinis: inscrição gravada em lápide, de calcário. Comp.: 41 cm. Alt.: 50 cm. Esp.: 10,5 cm. Alt. média das letras: 1.1: 3,2 cm; 1.2: 3,3 cm; 1.3: 3,1 cm; 1.4: 3 cm; 1.5: 3,4 cm; 1.6: 3 cm; 1.7: 3 cm; 1.8: 3,2 cm; 1.9: 3,2 cm; 1.10: 3 cm.</div> <div>Outras inscrições:</div> <div>- Antão Martins: inscrição gravada em capitel, em calcário. Desaparecida.</div>

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Maria Antonieta Soares de (1961) - *D. Dinis e o Mosteiro de Odivelas*, Catálogo de exposição, Odivelas.
- BARBOSA, Inácio de Vilhena (1886) - «Mosteiro de Odivelas», *Ocidente*, vol. IX, Lisboa.
- BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. (Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- CHICO, Mário Tavares (1981) - *A Arquitectura Gótica em Portugal*, 3ª ed., Lisboa.
- COCHERIL, Maur (1986) - *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris.
- CORREIA, Vergílio (1924) - *Três túmulos*, Lisboa.
- DIAS, Pedro (1986) - *Historia da Arte em Portugal*, vol. IV (O Gótico), Lisboa.
- DIAS, Pedro (1994) - *A arquitectura gótica portuguesa*, Lisboa.
- DIONISIO, David (1990) - *Escultura portuguesa funerária do século XV*, 3 vols., Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (Dissertação de Mestrado poli copiada).
- FERNANDES, Paulo Almeida (2006) - «O claustro da Se de Lisboa: uma arquitectura “cheia de imperfeições”?», *Murphy*, 1, Coimbra: 18-69.
- FERNANDES, Paulo Almeida (2010) - «Mosteiro de Odivelas», <http://www.ippar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/benscomproteccaolegal/detail/70250>.
- FIGUEIREDO, Borges de (1889) - *O Mosteiro de Odivellas: casos de reis e memórias de freiras*, Lisboa.
- GUSMAO, Artur Nobre de (1956) - *A expansão da arquitectura borgonhesa e os mosteiros de Cister em Portugal*. Ensaio de arqueologia da Idade Média, Lisboa.
- LIXA, Florinda (1997) - *Núcleo histórico de Odivelas: caracterização e bases para uma proposta de salvaguarda*, 2 vols., Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade de Évora, Évora (Dissertação de Mestrado policopiada).
- MACHADO, J. T. Montalvão (1967) - «A rainha D. Filipa de Lencastre no Mosteiro de

Odivelas», *Olisipo*, 120, Lisboa.

PEREIRA, Paulo (1995) - «A Arquitectura (1250-1450)», *Historia da Arte portuguesa*, dir. Paulo Pereira, vol. I, Lisboa: 335-433.

PINTO, Margarida Isabel da Silva (2000) - *O Mosteiro de Odivelas no século XIV: património e gestão*, Dissertação de Mestrado em Historia Medieval apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (Dissertação de Mestrado polícopiada).

REPAS, Luís Miguel (2007) - «Entre o mosteiro e a cidade: o recrutamento social das “donas” de Odivelas», in Krus *et alii*: 232-238.

SANTOS, Reinaldo dos (1948) - *A escultura em Portugal (séculos XII-XV)*, Lisboa.

SARAIVA, Carlota Abrantes (1978) - *O Instituto de Odivelas. Breve notícia histórica*, Lisboa.

SARAIVA, Carlota Abrantes (1986) - *Contribuição para o estudo dos azulejos do Instituto de Odivelas*, Lisboa.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1960) - «As inscrições lapidares do Mosteiro de Odivelas», *Anais da Academia Portuguesa de História*, 10, Lisboa: 39-109.

TEIXEIRA, Francisco (1999) - «A imagem da monja cisterciense no túmulo de D. Dinis em Odivelas», *Cistercium*, no 217: 1161-1174.

TOME, Manuel Maria Justino (1995) - *Mosteiro de S. Dinis de Odivelas: estudo histórico arquitectónico, acções para a salvaguarda do património edificado*, Évora (Dissertação de Mestrado policopiada).

TOME, Manuela Maria Justino (2001) - *Odivelas. Um mosteiro cisterciense*, Odivelas.

VILAR, Hermínia; BRANCO, Maria João (1992) - «A fundação do mosteiro de Odivelas», *Actas. Congreso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense: 590-592.

<http://www.cm-odivelas.pt/Extras/Patrimonio/detalhe.asp?id=9>

CEMITÉRIO MEDIEVAL DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS



Coordenadas:

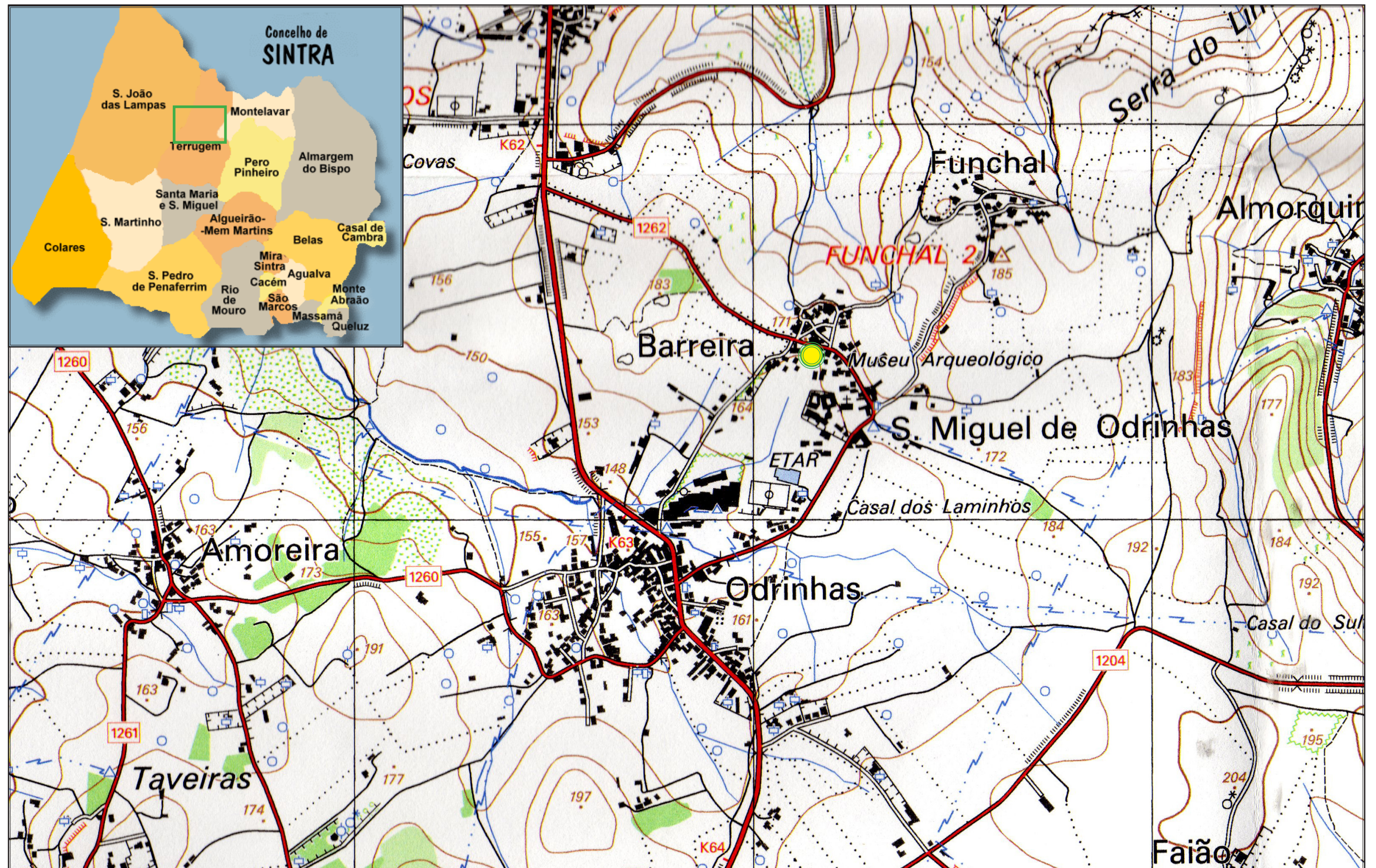
Latitude: P 38° 53' 15"

Longitude: M 9° 12' 00"

Cronologia:

Sécs. I-XVI

CEMITÉRIO MEDIEVAL DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS



Descrição do monumento:

A capela de São Miguel, a 1 700m do lugar de Odrinhas, sobrepõe-se parcialmente a uma *villa* romana. Apesar de algumas escavações que puseram a descoberto mosaicos, a sua planta não pode ser recuperada, dado que foi muito destruída pela capela e pelo cemitério medieval adjacente. Conservou-se uma pequena sala com abside em arco de ferradura aberta para uma sala rectangular, com cerca de 11x6m; a abside, precedida de dois nichos laterais, comunica com a sala rectangular por um largo vão. Guardadas ou reutilizadas na capela, foram encontradas numerosas inscrições, a maior parte delas trazidas de outras estações romanas do concelho, ou até de concelhos limítrofes. Foi ainda identificada uma inscrição gótica.

Os poucos vestígios arqueológicos detectados ao longo da campanha de 1992, ainda que pouco significativos, dispersos e não exaustivamente escavados, contribuíram decididamente para a identificação da pars rustica da *villa* romana de São Miguel de Odrinhas.

A intervenção de 1997 permitiu, por um lado, corroborar os dados obtidos nas diversas campanhas de escavação realizadas anteriormente e, por outro, proporcionou a identificação de estruturas arqueológicas inéditas, bem como a exumação de espólio que possibilita reestruturar a leitura da diacronia de ocupação de São Miguel de Odrinhas. Confirmou-se a existência de estratos de revolvimento, resultantes da implantação da necrópole medieval/moderna e demais edifícios, originando não só a destruição de contextos ténues, alguns dos quais certamente mal conservados, como a remobilização dos próprios artefactos arqueológicos. A falta de estruturas conservadas na zona anteriormente ocupada pelo antigo Museu, bem como a identificação de apenas 8 sepulturas a Sudoeste da área das ruínas musealizadas, permitiu, também, aferir os limites da zona arqueológica. Sabe-se agora que a Sul e Sudeste não existem vestígios conservados. Os dados obtidos pela escavação das sepulturas consolidam o que até aqui se conhecia da tipologia, cronologia e estado de conservação. Para mais observou-se que o muro identificado junto às mesmas, dever-se-á relacionar com os restantes vestígios estruturais pertencentes à *domus* romana, registando-se uma vez mais a implantação da necrópole medieval/moderna sobre as estruturas preexistentes. Merece destaque a identificação da grande cloaca da *villa*, escavada no sentido NE-SO, em direcção à linha de água afluenta da Ribeira do Falcão. Finalmente, o conjunto artefactual exumado permitiu identificar a presença de grupos humanos neste local desde a pré-história recente, muito embora, com maior expressão nas épocas romana, medieval e moderna. A novidade reside aliás, na identificação de fragmentos cerâmicos atribuíveis aos séculos VII-X, sendo possível admitir uma contínua ocupação utilização do espaço desde o Alto Império até ao final da Baixa Idade Média (fonte: Base de Dados Endovélico).

Necrópole escavada por:

Camarate França (1949); Fernando de Almeida (1957); José Cardim Ribeiro (1992); José Cardim Ribeiro e Catarina Coelho (2007).

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
1957 – E-O 1997 – E-O	1949 – Uma sepultura em caixa pétrea, com dois indivíduos inumados 1957 – 40 sepulturas 1997 - 40 sepulturas, 8 delas integralmente escavadas.	1957 - Numismas: cerca de c. 450, de entre os quais diversas moedas medievais portuguesas: D. Sancho II a D. Sebastião, exemplares avulsos da 4ª dinastia. 1997 – Cerâmica de revestimento: 3 fragmentos de azulejos hispano-árabes, com motivos vegetalistas de coloração verde e azul, técnica de aresta (área 1) – Cerâmica utilitária dos séculos XV e XVII – 53 fragmentos de malhas de jogo – Vidro: 52 exemplares, dos quais 31 correspondem a fragmentos de parede; 17 bordos de taça, 1 de garrafa, 1 de copo, 1 botão de época contemporânea. – Numismas: 72 exemplares medievais e modernos – Líticos: cinco malhas de jogo de calcário; 2 tampas circulares de calcário. – Osso polido: fragmento de identificação impossível	1953-54 – Referência a cabeceiras de sepultura. Integraram o Museu inaugurado 1955. 1960 – Referência a sepulturas deslocadas e que integraram o espólio do Museu.

Intervenção de 1997
Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																					Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien- tação	Tipo de sepultura	Cober- tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô- mica	Estado	Evidência rácica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri- mento do corpo	Espólio	Tecidos e Passama- narias	Evidên- cia de patologias	Outros ocupantes do coval		
[1]	Área 1	EU [4], [25], [26], [44] e [45]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[1] presença	[XIII]	<i>Planta: rectangular de ângulos arredondados. Secção de fundo plano com paredes tendencialmente paralelas Identificação de um ossário, composto por vários ossos longos e um crânio. Este conjunto encontrava-se localizado abaixo da área das rótulas de um esqueleto [45] depositado em decúbito supino, em conexão anatômica. (...) As pernas estavam estendidas paralelamente.</i>
[2]	Área 1	EU [5], [23], [24], [46] e [47]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[6] dobrado, virado para cima, sobre o tórax com a mão a tocar no crânio	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[1] presença	[XIII]	<i>Planta: rectangular tendencialmente trapezoidal. Secção: fundo plano com paredes divergentes. Registo de um ossário [UE46], composto por dois crânios depositados ao lado da cabeça da inumação de um esqueleto [UE47] em conexão anatômica. Identificou-se, ainda, um outro conjunto osteológico depositado aos pés da referida inumação.(...) As pernas estavam estendidas paralelamente.</i>
[3]	Área 1	EU [6], [19], [20] e [48]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[2] ausência	[XIII]	<i>Planta: rectangular de ângulos arredondados. Secção: fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. O crânio desta inumação encontrava-se, de modo intencional, cortado transversalmente entre a parte de trás do parietal e a cavidade nasal. As pernas estavam estendidas e paralelas.</i>
[4]	Área 1	EU [7], [21], [22] e [49]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[2] ausência	[XIII]	<i>Planta: rectangular de ângulos arredondados. Secção: fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. O crânio encontrava-se virado com a face para baixo. Apenas o crânio assumia esta particularidade, provavelmente relacionada com factores pós-deposicionais. Pernas distendidas paralelamente.</i>
[5]	Área 1	EU [29], [31], [32] e [50]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[6] sem cobertura percep- tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in- completo	[2] não	[-]	[-]	[1] criança ?	[1] Decúbito dorsal	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo (pro- vavel- mente)	[2] ao longo do corpo	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[2] ausência	[XIII]	<i>Planta: rectangular de ângulos arredondados. Secção: fundo plano com paredes tendencialmente divergentes. Foi apenas identificado um conjunto de ossos longos associados a um crânio [UE 50], eventualmente de uma criança. Este ossário localizava-se na parte superior da sepultura, nomeadamente, junto à cabeceira. Foi, ainda, identificado um exíguo núcleo de pequenos ossos, junto ao esteio final da sepultura, que poderá estar relacionado com os vestígios anatômicos do pé de uma inumação, já não conservada em decúbito dorsal. A ser assim, teríamos aqui o exemplo de ocupação deste túmulo com um ossário [UE 50], após o levantamento de inumação original (observação feita posteriormente em gabinete).</i>
[6]	Área 1	EU [33], [34], [35], [51] e [52]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[1] ao longo do corpo	[4] no abdómen	[2] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[1] presença	[XIII]	<i>Planta: rectangular de ângulos arredondados. Secção: fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. (...) registou-se uma certa desordem ao nível da deposição de alguns ossos [UE 52] na área superior do esqueleto, concretamente na zona do tórax, através da presença de vários ossos longos e costelas completamente misturados entre si e fora do lugar, certamente por fenómenos pós-deposicionais. Pernas estendidas paralelamente.</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura								Esqueleto											Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidên- cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:	
#	Quadrícula	Cota	Orien- tação	Tipo de sepultura	Cober- tura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô- mica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços							Compri- mento do corpo
[7]	Área 1	EU [38], [39], [53] e [4]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[-]	[-]	[1] presença	[XIII]	Planta: rectangular tendencialmente ovalada. Secção: fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Identificação de uma grande amálgama de ossos na sua maioria fracturados, sugerindo um grande «nível» de ossário [UE 53] ou de alterações pós-deposicionais ocasionados no interior da sepultura após a deposição da última inumação. Neste conjunto recolheram-se três crânios, vários ossos longos, bem como vértebras, costelas e dentes. Sob este conjunto foi identificado um esqueleto (...). Destaque para a recolha de uma moeda (ceítíl, n.º inv. 1574) no interior da mão direita que se encontrava cruzada sobre a cintura para o lado esquerdo. O braço esquerdo estava dobrado sobre o tórax , atravessado para o lado direito. Saliente-se que esta constitui a única sepultura, de todo o conjunto escavado nesta campanha, onde se recolheu espólio numismático. (...) Pernas estendidas paralelamente.
[8]	Área 1	EU [40], [41], [42], [55] e [56]	[4] E-W	[1] Coval simples.	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[-]	[-]	[-]	[1] Decúbito dorsal	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[-]	[-]	[1] presença	[XIII]	Planta: rectangular de ângulos arredondados. Secção: fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Foi identificado ossário [UE 55], composto por três crânios e variado espólio osteológico, colocado sobre um esqueleto [UE 55], em conexão anatómica (...). As pernas estavam esticadas e paralelas.

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 659)

AAVV (1993) - *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado. Inventário*, IPPAR, 3 Vols., Lisboa.

ALARCAO, J. de (1988) - *Roman Portugal*, Warminster: Aris & Phillips, 4 vol. - Vol. 1: *Introduction*. - Vol. 2 (fasc. 1): *Porto, Bragança, Viseu*. - Vol. 2 (fasc. 2): *Coimbra, Lisboa*. - Vol. 2 (fasc. 3): *Évora, Lagos, Faro*.

ALMEIDA, Fernando de (1958a) - «Escavações em Odrinhas», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 39: 11-25.

ALMEIDA, Fernando de (1958b) - «Inscrições paleocrístãs do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. 39: 27-36.

ALMEIDA, Fernando de (1962) - «Arte visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, Nova serie, Lisboa, 4: 5-278.

BARRETO, António Gomes (1888a) - «Antiguidades romanas do termo de Cintra», *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, Lisboa. 6:1: 9-12.

BARRETO, António Gomes (1888b) - «Antiguidades romanas do termo de Cintra», *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, Lisboa. 6:2: 26-29.

COELHO, Catarina (2007) – *Relatório da Intervenção Arqueológica Preventiva realizada nas Ruínas de São Miguel de Odrinhas* (Sintra), 1997. Relatório enviado ao IPA.

COELHO, Catarina (2010) – «Ruínas Arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997», *Arqueologia e Historia*, 56-57, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 119-142.

FONTES, Joaquim (1960) - *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Câmara Municipal de Sintra, Sintra.

FONTES, Joaquim; ALMEIDA, Fernando de (1979) - *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Câmara Municipal de Sintra, Sintra: 55.

PEREIRA, Félix Alves (1908) - *Inscrições existentes na Igreja de São Miguel de Odrinhas*, Sintra.

PEREIRA, Félix Alves (1914) - «Por caminhos da Ericeira (Notas arqueológicas e etnográficas)», Sintra.

cas)», *O Arqueólogo Português*, 1ª série, Lisboa, 19: 324-362.

PEREIRA, Maria Teresa Ribeiro Matos Fernandes Rocha (Teresa Fernandes) (2008) - *A População Medieval de S. Miguel de Odrinhas (Sintra) - Caracterização Biológica*, Dissertação de Doutoramento para a obtenção do Grau de Doutor em Biologia, apresentada a Universidade de Évora, Évora.

RAPOSO, Jorge (2001) - «Sítios arqueológicos visitáveis em Portugal», *Al-madan*, 2ª série, 10, Almada: 100-157.

ERMIDA DE SÃO SATURNINO



Coordenadas:

Latitude: P 38° 46' 05"

Longitude: M -10° 32' 19"

Cronologia:

Sécs. XII-XVIII

Descrição do monumento:

A Ermida de São Saturnino data originalmente do século XII, tendo passado por várias fases de ocupação, nomeadamente nos séculos XVI e XVIII. É constituída no seu estado actual por uma estrutura de planta rectangular com pequeno vestíbulo, uma nave, altar-mor e sacristia. A nave é coberta por uma abóbada de berço, de onde sobressaem arcos torais assentes em mísulas. A parede Norte assenta em contrafortes. A sacristia é igualmente coberta por uma abóbada de berço. A ermida foi adquirida pela APPSC (Sintra).

Campanha de 1993

A capela-mor assenta directamente no afloramento, consistindo a intervenção apenas na remoção de terras e limpeza. A estratigrafia da nave obedece a uma evolução de Este para Oeste, de uma sequência estratigráfica simplificada sem materiais, para uma sequência com diversos níveis de ocupação. O aparecimento de uma parede orientada a Norte-Sul antevê a existência de um edifício mais antigo. Ainda no vestíbulo o aparecimento de vestígios de fogueira com alguma fauna associada talvez permita assumir uma zona de cozinha. Os enterramentos são simples, com os corpos orientados no sentido Oeste-Este em posição de decúbito dorsal; os braços foram colocados sobre o corpo com as mãos em posição de oração. Apareceram ainda moedas fora do contexto funerário. A sondagem a Norte exumou bastante material arqueológico revelando a estratigrafia várias camadas de derrocadas da cobertura. A sondagem a Sul pôs em evidência parte da sacristia inicial e revelou ainda várias ossadas dispostas de forma irregular (Fonte: Base de Dados Endovélico).

Campanha de 1994

Continuação das sondagens para definição das origens e história da ermida (Fonte: Base de Dados Endovélico).

Necrópole escavada por:

Cristina Alexandra Tété Garcia (1993 e 1994)

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
W-E (ver Quadro I)	Sós e acompanhados (ver Quadro I)	<div>- Moeda de D. Afonso V, 1 prego, fragmentos de cerâmica comum (sep. 1) - Fragmentos de cerâmica comum (sep. 5) - Fragmento de bordo de cerâmica comum (secção quadrangular, pasta laranja) e disco cerâmico (sep. 9) - Fragmentos de faiança e cerâmica comum de pasta laranja (sep. 11) - Fragmentos de cerâmica comum de pasta laranja (sep. 12) - Moeda de D. João I, faiança, cerâmica comum de pasta laranja, fragmento de sílex (sep. 13) - Real de D. João I no interior das mãos do esq. 28, fragmento de cerâmica (sep. 15) - Fragmentos de cerâmica comum de pasta laranja (sep. 17 e 17a)</div>	

Intervenção de 1993
Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Compri-mento do corpo							
[1]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, sub-rec-tangular	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência ?	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[1] presença	[XII-XV]	Dimensões: 2,80 x 42. 7 adultos e 2 não adultos. Moeda de D. Afonso V no osário, fragmento de cerâmica vidrada bege e 1 prego.	
[2]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, sub-rec-tangular	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[1] presença	[XII-XV]	Dimensões: 2,60 x 40. 2 crianças.	
[3]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, sub-rec-tangular	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,50 x 30.	
[4]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, oval	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,70 x 60. 2 não adultos.	
[5]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, rectan-gular	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[2] ausência	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 0,85 x 35. Frag-mentos cerâmica comum.	
[6]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, sub-rec-tangular	[1] cobertura com lajes, semi-coberta	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[1] presença	[XII-XV]	Dimensões: 1,94 x 40. 2 adultos e 1 não adulto. Fragmento de asa de forma cilíndrica com 1 cm de diâmetro e 1 fragmento de cerâmica comum.	
[7]	Ossário	-]	[5] W-E	[3] Outra - cavidade natural	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[1] presença	[XII-XV]	Dimensões: 1,22 x 45. 4 crianças.	
[8]	-]	-]	[5] W-E	[3] Outra - escavada na rocha, rectan-gular	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,45 x 37.	
[9]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, antro-po-mórfica	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,65 x 45. Bordo cerâmico de secção quadrangular e bojo de pasta laranja e disco cerâmico.	
[10]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,80 x 35.	
[11]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, rectan-gular	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,25 x 45. 4 adultos e 3 não adultos. Fragmento de faiança e cerâmica comum de pasta laranja.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esqueleto	Conexão anatômica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo							
[12]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, rectangular	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,80 x 45. 2 adultos. Fragmento de cerâmica comum de pasta laranja.	
[13]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, rectangular	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,50 x 50. 1 adulto e 1 criança. Moeda de D. João I, faiança, cerâmica comum de pasta laranja, fragmento de sílex.	
[14]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, rectangular	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[2] adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,60 x 60. 2 não adultos.	
[15]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, ovalada	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[1] não adultos	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,40 x 50. 2 não adultos. Real de D. João I no interior das mãos do esq. 28, fragmento de cerâmica.	
[16]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, ovalada	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[1] criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 0,80 x 20.	
[17 e 17a]	Ossário	-]	[5] W	[3] Outra - cavidade natural	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	-]	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[1] presença			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,50 x 35. 16 indivíduos. Fragmento de cerâmica comum de pasta laranja.	
[18]	-]	-]	[5] W	[3] Outra - escavada na rocha, oval	[1] cobertura com lajes	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	-]	-]	[1] não adultos	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-]	[2] ausência			[2] ausência	[XII-XV]	Dimensões: 1,40 x 60. 2 não adultos.	

BIBLIOGRAFIA

Base de Dados Endovélico/IGESPAR (CNS 10658)

GARCIA, Cristina Tété (1997) - «Ermida de São Saturnino: breve nota de uma escavação arqueológica na Serra de Sintra», *Arqueologia Medieval*, 5, Porto/Mértola:85-101.

CEMITÉRIO DE SAINT-MICHEL DE TOULOUSE



Coordenadas:

Latitude: 43° 35' 36.71" N

Longitude: 1° 26' 40.52" E

Cronologia:

Sécs. VII-XVI, XVI-XVIII

CEMITÉRIO DE SAINT-MICHEL DE TOULOUSE



Descrição do monumento:

Sítio dividido em três zonas intervencionadas em momentos distintos: a escavação de 1991 nas allées Paul Feuga (Peyre, 1991), onde foram identificadas 81 sepulturas; a escavação do local ocupado actualmente pelo Palácio de Justiça de Toulouse (Catalo, 1998, 2003 e 2006), tendo sido identificadas 70 sepulturas numa primeira campanha (1998) e outras 35 nos trabalhos arqueológicos dos anos seguintes (2003-2006); e, finalmente, os trabalhos conducentes à construção da linha de Metro «Palais de Justice», foram identificadas por Didier Paya cerca de 729 sepulturas (2002, ver Quadro 1).

Saint-Michel surgiu por decisão do Conde Alfons que decidiu criar, cerca de 1125, um espaço de «zona franca», protegido, com uma entidade jurídica que possuía privilégios atractivos. Estendia-se por uma zona exterior das muralhas de Toulouse, atingindo cerca de 400 m. Um certo número de estabelecimentos religiosos e hospitalares implantou-se nesta área, atraindo por isso uma população muito heterogénea constituída por artesãos, comerciantes e jornaleiros (trabalho braçal). A população nos *barri* do Castel, do Port Saint Antoine, de Sainte-Catherine e de Hauterive atingia, entre os séculos XIII-XIV, perto de 1500 habitantes. Estes pediram que fosse construída a igreja de Saint-Michel, cerca de 1330, paga a suas expensas (Paya *et alii*, 2004: 17-18).

A ocupação do cemitério correspondeu a várias fases: o período 1 estendeu-se do século VIII a meados do século XII; o período 2 teve início no século XII até cerca de 1209; o período 3 situa-se entre 1229 até 1331 ou 1334; esta última data marca o início do período 4, que termina cerca de 1545 (Paya, 2007: 2).

Necrópole escavada por:

Gilles Peyre (1991); Jean Catalo (1998, 2003 e 2006); Didier Paya (2002).

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
E-W (ver Quadro I), na grande maioria (656 casos) N-S (ver Quadro I, 47 casos) SE-NW (ver Quadro I, 11 casos) SW-NE (ver Quadro I, 7 casos)	Sós e acompanhados (ver Quadro I)	<div>- Moeda de Charles V (1364-1380) e um numisma não identificado ao nível das costelas direitas (sep. 527 e 531) - Fragmentos de alfinetes de bronze (sep. 1, 4 e 257) - Alfinetes de bronze completos (sep. 32, 68, 83, 415; vários nas sep. 60, 93, 97 e 111A; 3 na sep. 69; 2 nas sep. 128 e 155) - Anéis de bronze (sep. 3; no dedo médio na sep. 706) - Anéis metálicos, não especificados (sep. 26, 41, 87, 561; no dedo médio direito nas sep. 315 e 543; no dedo médio esquerdo na sep. 315) - Anel com pedra (sep. 315) - Pérolas (5 na sep. 5; número não especificado na sep. 83) - Pregos (1 na sep. 13, 18 e 20; 2 na sep. 68, 107, 622 e 706; 3 nas sep. 155 e 676A; 4 nas sep. 715 e 722; 6 na sep. 573; em número não especificado na sep. 26, 43, 44, 51, 70, 73, 75, 93, 109, 111B, 132, 205, 208, 251, 257, 450, 515, 590 e 728) - Objectos em ferro não determinados (sep. 43) - Fuzilhão de fivela (sep. 69) - Placa-fivela rebitada em bronze (sep. 267) - Brinco redondo com fuzilhão (sep. 234) - Conchas de Santiago (sep. 250, 262, 285, 378, 489 e 585; 2 na sep. 429)</div>	<div>- Lápide de tumba rasa do Abade Jean (†1334), porteiro da Sala Nova (descoberta durante uma antiga intervenção)</div>

Intervenção de 2002

Quadro I

539

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
13	[UE2040 - Zona 2]	-143,31	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	Fase 4B	1 prego no exterior da distal do úmero direito. Nº 23.
14	[UE2043 - Zona 2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	Fase 4B	A presença de vestuário permitia justificar a manutenção de uma boa coesão das peças do tronco, num volume homogêneo, e sobretudo explicar a boa conservação das conexões das duas mãos.
15	[UE2046 - Zona 2]	-143,35	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[2-3]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4B	Nº 10.
16	[UE2049 - Zona 2]	-143,36	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[1 +/-4m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
17	[UE2052 - Zona 2]	-143,33	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	A conservação da mão direita entre o hemitórax e o úmero esquerdo evocaria antes a presença de vestuário.
18	[UE2055 - Zona 2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-6]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Um prego paralelo ao fêmur esquerdo. A presença deste não pode justificar a restituição de um caixão.
19	[UE2058 - Zona 2]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[2,5-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	N.º 4.
20	[UE2061 - Zona 2]	-143,23	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Um prego entre as costelas esquerdas. Fractura do colo do fêmur esquerdo.
21	[UE2064 - Zona 2]	-143,20	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino - AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
22	[UE2067 - Zona 2]	-143,18	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
23	[UE2070-Z2]	-143,32	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4B	A hipótese de uma mortalha ou de vestuário pode ser posta. Nº 13.
24	[UE2073-Z2]	-143,33	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
25	[UE2076-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[8,5m lunares]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
26	[UE2079-Z2]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[3-5]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Pregos e anel metálico.
27	[UE2082-Z2]	-143,36	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[0]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
28	[UE2085-Z2]	-143,19	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[17-19]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																			Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo							
29	[UE2088-Z2]	-143,21	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[5-7]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
30	[UE2091-Z2]	-143,32	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
31	[UE1044-Z1]	-143,38	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5 +/-6m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	Fossa rectangular.	
32	[UE2094-Z2]	-143,33	SE-NO	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6-9m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	1 alfinete de bronze sob o crânio. Restituição de mortalha possível.	
33	[UE2097-Z2]	-143,29	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[0]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
34	[UE2100-Z2]	-143,43	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[14-15]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Reorganização dos pés privilegia a hipótese de um caixão ou de uma caixa de madeira.	
35	[UE2103-Z2]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[12-13]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Mão esquerda sobre braço direito.	
36	[UE2106-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[11-13]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	N.º 37.	
37	[UE2109-Z2]	-143,32	SE-NO	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Nº 36.	
38	[UE2112-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[1] ao longo do corpo	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	A presença de uma mortalha muito ampla ou de vestuário não pode ser excluída nem demonstrada.	
39	[UE2115-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
40	[UE2118-Z2]	-142,72	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[8-10]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	Hipótese de mortalha pode ser considerada.	
41	[UE2121-Z2]	-143,02	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	1 anel perto da distal da tibia esquerda. Presença de mortalha com mangas justifica posição apertada dos braços.	
42	[UE2124-Z2]	-143,19	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[12-14]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
43	[UE2127-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Presença de mortalha ou vestuário. 1 objecto em ferro indeterminado. Presença de pregos no exterior do corpo. Fossa prévia rectangular.	
44	[UE1060-Z1]	-143,33	N-S	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[2-3]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	Fossa prévia rectangular. Pregos ao longo das paredes oeste e este e no ângulo noroeste, perto do crânio.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
45	[UE2130-Z2]	?	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
46	[UE2133-Z2]	-143,29	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[0]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
47	[UE1063-Z1]	-143,35	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Posição antero-lateral direita. De encavar a presença de uma tampa no caixão.</i>
48	[UE2136-Z2]	-143,30	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
49	[UE2139-Z2]	-143,35	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
50	[UE2142-Z2]	-143,35	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
51	[UE2145-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Presença de pregos de um lado e do outro da sepultura.</i>
53	[UE2151-Z2]	-143,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[0]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	N.º 57.
54	[UE2154-Z2]	-143,28	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[9-11]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Privilegiada hipótese de contentor de material perecível (enfiado).</i>
55	[UE1067-Z1]	-142,42	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
56	[UE1071-Z1]	-143,41	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Pranchas laterais do caixão estão mal conservadas. Periosteses nas tíbias e fíbulas.</i>
57	[UE2157-Z2]	-143,12	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[10-12]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4A	N.º 52. Contentor ou caixa de madeira possível.
58	[UE2160-Z2]	-143,28	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[9-12]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
59	[UE2163-Z2]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[3-5]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[6] outra	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
60	[UE1075-Z1]	-143,36	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Vários alfinetes de bronze foram encontrados em contacto com o esqueleto. Podem traduzir a presença de roupa ou de uma mortalha com mangas, o que explicaria a perfeita conservação das conexões da mão esquerda ignorando a decomposição do tórax.</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertu-ra	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
61	[UE2166-Z2]	-143,17	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Fractura da cabeça do fémur esquerdo (luxação?), do dedo grande do pé esquerdo (fractura + infecção). Tibia e fibula esquerda, sífilis? Remodelação óssea.
62	[UE2169-Z2]	-143,29	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[0]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	6ª e 7ª costelas esquer-das fracturadas.
63	[UE2172-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[7-8]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
64	[UE2175-Z2]	-143,31	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Arrancamento ou fractura do rádio direito (extremidade proximal).
65	[UE2178-Z2]	-143,35	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
66	[UE2181-Z2]	-143,20	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[7-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
67	[UE2184-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Luxação e ruptura das cabeças dos rotatores.
68	[UE2188-Z2]	-143,20	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-7]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	1 alfinete em bronze, 2 pregos entre as tíbias.
69	[UE1080-Z1]	-143,26	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Alfinetes: 1 sob o crânio, 2 sobre o rachis torácico com um fuzilhão de fivela.
70	[UE1083-Z1]	-143,14	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Fossa prévia rectangular, de ângulos ligeiramente arredondados. Pregos e vestígios das pranchas de um caixão.
71	[UE2191-Z2]	-143,18	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6-12m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	O efeito de parede que condiciona a rotação das peças do lado esquerdo do corpo, todas num mesmo eixo, dos lados do membro inferior, permitiria restituir a presença de um contentor nesta sepultura. A instauração de uma caixa de madeira rudimentar, na ausência de pregos, é de encarar. A implantação nitidamente atrasada no interior dos volumes do corpo e do contentor deixa encarar a presença de uma tampa.
72	[UE2197-Z2]	-143,22	SE-NO	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[12-18m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
73	[UE2256-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Pregos e traços lenhosos de um caixão.
74	[UE2200-Z2]	-143,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[9-12m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
75	[UE1088-Z1]	-143,27	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino ?	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>A fossa prévia é ligeiramente trapezoidal. Pregos e traços de madeira descontínuos e torno e por baixo do indivíduo.</i>
76	[UE2203-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
77	[UE2206-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Fractura do colo do úmero direito.</i>
78	[UE2209-Z2]	-143,24	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+60]	[4] Velho	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Restos de pleura ossificada, traços n interior das costelas (tuberculose).</i>
79	[UE2212-Z2]	-143,12	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Luxação e ruptura das cabeças dos rotatores, fractura de uma falange 1 direita e do 5º metacarpo esquerdo. Doença hiperostótica (+ espondilartropatia?).</i>
80	[UE2215-Z2]	-143,31	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[4-6]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
81	[UE2218-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[11-12]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
82	[UE1092-Z1]	-143,28	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
83	[UE1097-Z1]	-143,28	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Pérolas de rosário, 1 alfinete. Um fragmento de prancha de madeira encontrada sob estes vestígios e um alfinete de mortalha tenderiam a restituir a instauração de uma mortalha e de um contentor rígido, caixão ou caixa mais rudimentar.</i>
84	[UE1100-Z1]	-143,23	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Osteomielite = engrossamento + infecção + ulceração nas tíbias.</i>
85	[UE2221-Z2]	-143,23	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
86	[UE2224-Z2]	-143,15	E-O	[1] coval simples, largo	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Fractura mal reduzida do rádio direito. Nos 2 antebraços: periosteses + osteomielites + bossas ligeiras e crosta do tipo sífilis + osteomielite nos metacarpos direitos.</i>
87	[UE2227-Z2]	-143,14	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>1 anel no 3º rayon esquerdo.</i>
88	[UE2230-Z2]	-143,33	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
89	[UE2233-Z2]	-143,29	SE-NO	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6m +/-3m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
90	[UE2236-Z2]	-143,19	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[4-6]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
91	[UE1105-Z1]	-143,34	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
92	[UE1109-Z1]	-143,27	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Pregos e alfinetes de mortalha.</i>
93	[UE1112-Z1]	-143,27	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino ?	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>Alfinetes, pérolas de um rosário no hemitórax esquerdo. Pregos e vestígios de madeira. Fossa prévia rectangular.</i>
94	[UE2239-Z2]	-143,20	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[15+/- 36m]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
95	[UE2242-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
96	[UE2245-Z2]	-143,13	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[3]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
97	[UE1117-Z1]	-143,33	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[6+/- 24m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	<i>Alfinetes em bronze.</i>
98	[UE1120-Z1]	-142,99	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
99	[UE2248-Z2]	-143,46	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6-9m lunares]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
100	[UE2251-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
101	[UE2254-Z2]	-143,27	SE-NO	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino ?	[+30]	[3] Adulto	[2] decúbito ventral	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
102	[UE1124-Z1]	-143,27	-	[1] coval simples, largo	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	-	[2] não	[99] não determinável	[99] não determinável	[99] não determinável	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
103	[UE2258-Z2]	-143,06	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito ?	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Luxação, fractura do ombro esquerdo.</i>
104	[UE2261-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
105	[UE2264-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
106	[UE2267-Z2]	-143,11	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
107	[UE2270-Z2]	-142,20	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	2 pregos no enchimento. Periosteses no interior das costelas (pleurisia).
108	[UE2273-Z2]	-143,23	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
109	[UE1128-Z1]	-143,16	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	A escavação prévia é rectangular; pregos em posição funcional e traços lenhosos de um caixão.
110	[UE1132-Z1]	-143,10	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	A escavação prévia é rectangular; pregos e traços das pranchas do caixão.
111A	[UE1136-Z1]	-143,10	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[6m +/-3m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4B	O envolvimento prévio do corpo poderia pelo menos ser sugerido pelos traços verdes, provocados nos ossos do bebé pela oxidação dos alfinetes da mortalha.
111B	[UE1136-Z1]	-143,07	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4B	N.º 111A. A utilização de um caixão está atestada nesta sepultura graças à descoberta de alinhamentos de pregos em posição funcional, tendo nomeadamente permitido soldar as pranchas laterais e o fundo, parcialmente conservados. Os vestígios de uma tampa foram localmente observados directamente em contacto com as ossadas e sugerem um espaço vazio relativamente persistente no interior do caixão. O envolvimento prévio do corpo, numa mortalha ou e peças de vestuário, não pode infelizmente ser determinado, por causa da má representação do indivíduo.
112	[UE1140-Z1]	-143,15	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
113	[UE2276-Z2]	-143,05	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
114	[UE2282-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
115	[UE2285-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
116	[UE2288-Z2]	-143,05	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
117	[UE1148-Z2]	-143,34	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
118	[UE1144-Z1]	-143,32	SE-NO	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[9m+/-3]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
119	[UE1148-Z1]	-143,12	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
120	[UE2291-Z2]	-143,16	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[10m lunares]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
121	[UE2294-Z2]	-143,17	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[8-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
122	[UE2297-Z2]	-143,14	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
123	[UE2300-Z2]	-143,14	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6-7]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
124	[UE1152-Z1]	-143,24	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[2-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
125	[UE2303-Z2]	-143,15	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	<i>A conservação de conexões estreitas nas duas mãos em equilíbrio instável no exterior do hemitórax poderia permitir a hipótese de uma mortalha com mangas.</i>
126	[UE2306-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
127	[UE2309-Z2]	-143,00	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
128	[UE2312-Z2]	-143,00	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>2 alfinetes em bronze, um grande contra o crânio, e um pequeno entre as costelas.</i>
129	[UE2315-Z2]	-143,39	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
130	[UE2318-Z2]	-143,16	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[4-6]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
131	[UE2321-Z2]	-143,15	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[RN+/-3m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
132	[UE2324-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[8-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	<i>Pregos ao acaso no enchimento da sepultura.</i>
133	[UE2327-Z2]	-143,19	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
134	[UE2330-Z2]	-143,18	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
135	[UE2333-Z2]	-143,25	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[3+/-2m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
136	[UE2336-Z2]	-143,10	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
137	[UE2339-Z2]	-143,35	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[8m lunares]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
138	[UE1156-Z1]	-142,92	E-O	[1] coval simples, largo	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Esmagamento do 2º metacarpo esquerdo. Osteomielite nas tíbia e fibula esquerdas com engrossamento, dismorfia congénita do pé.</i>
139	[UE2342-Z2]	-143,31	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[4+/-12m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
140	[UE2345-Z1]	-143,31	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-6]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
141	[UE1160-Z1]	-143,09	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
142	[UE1164-Z1]	-143,06	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
143	[UE1168-Z1]	-143,19	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[15+/-36m]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
144	[UE1172-Z1]	?	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
145	[UE2370-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Espondilartrite.</i>
146	[UE2373-Z2]	-143,16	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
147	[UE2376-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6-8]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
148	[UE1176-Z1]	-143,92	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	<i>A escavação é rectangular, com paredes verticais.</i>
149	[UE1180-Z1]	-	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	2 alfinetes em bronze. Fractura de uma costela esquerda baixa. 3 pregos em posição funcional.
[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	Os traços de um caixão apareceram na escavação.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	Os traços de um caixão apareceram na escavação.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Fractura do calcâneo direito.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Fractura (?) na 2ª cervical. Arcos neuronais do atlas e do eixo não soldados (anomalia baso-occipital). Foram observados traços de um caixão.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
166	[UE2403-Z2]	-143,27	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Osteomielite nas tibia e fibula esquerdas</i>
167	[UE2406-Z2]	-143,14	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Fe-minino ?	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Pregos no exterior do corpo e traços das pranchas. 7ª e 8ª costelas fracturadas.</i>
168	[UE2409-Z2]	-143,27	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
169	[UE2412-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Femini-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
170	[UE2415-Z2]	-143,28	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
171	[UE2418-Z2]	-143,23	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
172	[UE2421-Z2]	-143,02	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
173	[UE2424-Z2]	-143,03	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[3-5]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
174	[UE1216-Z1]	-143,03	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Artrose lombar, osteomie-lite na tibia esquerda.</i>
175	[UE1220-Z1]	-	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Osteomielite na tibia e na fibula esquerdas.</i>
176	[UE1224-Z1]	-143,35	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
177	[UE1228-Z1]	-143,32	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
178	[UE1232-Z1]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Mas-culino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
179	[UE1236-Z1]	-143,19	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
180	[UE1240-Z1]	-143,09	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
181	[UE1244-Z1]	-143,28	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
182	[UE3785-Z2]	-143,23	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
183	[UE3788-Z2]	-143,06	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Fractura não reduzida da clavícula esquerda, luxação.
184	[UE2427-Z2]	-143,17	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
185	[UE2430-Z2]	-143,17	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
186	[UE2433-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
187	[UE2436-Z2]	-143,22	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
188	[UE2439-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Microcefalia.
189	[UE2442-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[3-6]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
190	[UE1248-Z1]	-	-	-	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	-	-	[1] presença	[1] sim	-	[2] não	-	-	-	-	-	-	-	[-]	-	-	-	-	-	NÃO ESCAVADA
191	[UE1252-Z1]	-	-	-	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	-	-	[1] presença	[1] sim	-	[2] não	-	-	-	-	-	-	-	[-]	-	-	-	-	-	NÃO ESCAVADA
192	[UE2445-Z2]	-143,17	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[2-3]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
193	[UE1256-Z1]	-142,97	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Alfinete de mortalha contra o fêmur esquerdo. Fractura da falange 2 e do 3º metacarpo direitos.
194	[UE1260-Z1]	-143,03	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[6m +/-3m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
195	[UE1264-Z1]	-143,07	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Osteomielite nas costelas 6 a 12 esquerdas.
196	[UE2448-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
197	[UE2451-Z2]	-143,25	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[6-7]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
198	[UE2454-Z2]	-142,58	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[9+/- 24m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
199	[UE2457-Z2]	-141,88	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	-	Doença hiperostótica.
200	[UE1268-Z1]	-143,17	E-O	[1] coval simples, com caixão ?	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
201	[UE1272-Z1]	-143,16	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	-	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	A presença de um caixão está atestada nesta sepultura pelos vestígios lenhosos laterais e do fundo. Uma tampa garantiu a persistência de um espaço vazio.
202	[UE1276-Z1]	-143,31	SE-NO	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
203	[UE2460-Z2]	-143,20	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[11-15]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
204	[UE2463-Z2]	-143,16	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Fracturas do 5º metacarpo direito e de uma costela direita, entorses dos dedos esquerdos. Osteomielite nas tíbia e fíbula esquerdas.
205	[UE2466-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Os vestígios do caixão apareceram na escavação (pregos e traços lenhosos). Fractura de 6 costelas, das quais 4 com pseudo-artrose?
206	[UE1280-Z1]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[3-5]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
207	[UE2469-Z2]	-142,90	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[5-7]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
208	[UE1284-Z1]	-143,33	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	Os vestígios do caixão foram observados sob a forma de traços lenhosos e pregos.
209	[UE2472-Z2-J1]	-143,05	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
210	[UE2475-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
211	[UE2478-Z2]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[5-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
212	[UE2481-Z2-J1]	-143,02	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
213	[UE2484-Z2]	-143,23	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[18m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatômica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
214	[UE1289-Z1]	-143,05	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
215	[UE1293-Z1]	-143,18	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[5-6]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
216	[UE2487-Z2]	-143,16	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
217	[UE2480-Z2-J1]	-142,81	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
218	[UE2493-Z2-J1]	-142,83	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio ?	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[2] decúbito ventral	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
219	[UE2496-Z2]	-143,22	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Fractura do 1º metacarpo esquerdo e de uma costela.
220	[UE1297-Z2]	-143,37	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio ?	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[RN]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
221	[UE2499-Z2]	-143,29	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Osteomielite ligeira da tibia direita.
222	[UE2502-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[7-8]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
223	[UE1301-Z1]	-143,15	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Traço de lepra (?) entre as órbitas.
224	[UE2505-Z2]	-143,20	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio ?	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
225	[UE1305-Z1]	-143,06	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
226	[UE2508-Z2]	-143,21	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdômen	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Periosteses na tibia esquerda, fíbula esquerda, tibia direita. Osteomielite nos fêmures.
227	[UE2511-Z2]	-142,62	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
228	[UE2514-Z2]	-142,59	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
229	[UE2517-Z2]	-143,35	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Osteomielite no fêmur e na tibia direitos e fíbula esquerda.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
230	[UE2520-Z2]	-143,18	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
231	[UE2523-Z2]	-143,26	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
232	[UE1309-Z1]	-143,13	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	Fossa oval, bastante estreita.
233	[UE1312-Z1]	-142,87	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	1 costela direita partida, luxação bilateral dos úmeros. Falta de ossificação da mandíbula.
234	[UE2526-Z2]2]	-143,04	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio ?	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	Brinco redondo com fuzilhão sob as costelas direitas.
235	[UE2529-Z2]	-143,20	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
236	[UE1317-Z1]	-143,06	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
237	[UE1317-Z1]	-143,13	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
238A	[UE1319-Z1]	-143,01	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
238B	[UE1319-Z1]	-143,01	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
239	[UE1321-Z1]	-142,94	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
240	[UE1323-Z1]	-142,94	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[12-18m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
241	[UE2534-Z2]	-142,64	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
242	[UE2537-Z2]	-142,63	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Ligeiro engrossamento, na diáfise do fémur direito.
243	[UE2540-Z2]2]	-143,01	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
244	[UE2543-Z2]	-143,10	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
245	[UE1315-Z1]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[18-24m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
246	[UE2546-Z2]	-143,22	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
247	[UE2549-Z2]	-143,12	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Não identificada no fêmur esquerdo.
248	[UE2552-Z2]	-142,60	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
249	[UE2555-3202-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
250	[UE2558-Z2-J18]	-142,80	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdômen	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	1 concha de Santiago sobre a bacia, 1 anel no dedo médio esquerdo.
251	[UE2561-Z2]	-142,53	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	A presença de alguns pregos, no exterior do corpo e no enchimento do túmulo, evoca a presença de um caixão nesta sepultura, mas a representação e a conservação do esqueleto não permitem comprovar esta hipótese.
252	[UE2564-Z2]	-143,05	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	2 costelas partidas. Plagiocéfalia do lado direito + parte posterior do pescoço.
253	[UE1327-Z1]	-143,10	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1 +/-4m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	2 crânio colocados de um lado e do outro dos ombros fazem de elemento de fixação.
254	[UE2567-Z2]	-143,08	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Diáfises inchadas, do fêmur esquerdo e das fíbulas (sífilis?), nas tíbias forte engrossamento e osteomielite (treponematose).
255	[UE2570-Z2-J2]	-142,63	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdômen	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	-	Golpe sobre o pequeno trocater. Tibia direita cortada em 2/3? Periostite ligeira na tibia direita.
256	[UE2573-Z2]	-143,19	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	Os constrangimentos primários que se exercem sobre os ombros e retêm sem dúvida a báscula precoce da cabeça para a esquerda poderiam ser tidos por conta do envolvimento prévio do corpo numa mortalha.
257	[UE1329-Z1]	-143,07	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	O ângulo nordeste do caixão instaurado nesta sepultura está conservado, com alguns pregos em posição funcional testemunhando a união de um fundo. A descoberta de um fragmento de alfinete de bronze emite a hipótese do envolvimento prévio do corpo que nada permite, contudo, validar.
258	[UE2576-Z2]	-143,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
259	[UE2579-Z2]	-142,58	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3A	Nº 260 e 261.
260	[UE2582-Z2]	-142,60	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3A	Nº 259 e 261.
261	[UE2585-3393-Z2]	-142,61	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	3A	Fractura e luxação da clavícula esquerda, e de uma costela esquerda. Nº 259 e 260.
262	[UE2588-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	1 concha de Santiago está conservada sob o hemitórax direito. Periosteses destacáveis nas costelas.
263	[UE2594-Z2]	-143,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
264	[UE2597-Z2]	-143,36	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
265	[UE1339-Z1]	-143,07	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
266	[UE1333-Z1]	-142,94	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
267	[UE2600-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	A apresentação do esqueleto evoca nesta sepultura a instauração de um contendor. A restituição de uma mortalha ou de peças de vestuário pode ser encarada graças à descoberta de um fragmento de uma pequena placa-fivela rebitada em bronze.
268	[UE2603-Z2]	-142,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Sepultura escavada em duas fases. Trepanação dupla (por raspagem). Periosteses nas costelas (tuberculose pulmonar, pleurisia). =730.
269	[UE2606-Z2]	-142,45	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Fossa «antropomórfica», côncava com alvéolo.
270	[UE2609-Z2]	-143,17	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
271	[UE1335-Z1]	-142,90	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
272	[UE1337-Z1]	-142,92	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
273	[UE1337-1453-Z1]	-142,91	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	N.º 433

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
274	[UE2612-Z2]	-143,13	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
275	[UE2615-Z2-2]	-142,59	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	-	Fractura do fémur direito (durante a infância ou raquitismo?). Falanges das mãos de base bifida.
276	[UE1342-Z1]	-143,10	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[RN]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
277	[UE1344-Z1]	-143,09	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
278	[UE1346-Z1]	-142,90	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
279	[UE2618-Z2]	-143,28	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[12-14]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
280	[UE1348-Z1]	-142,99	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	3B	Plagiocefalia. N.º 476 e 489.
281	[UE1350-Z1]	-142,77	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdômen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Trepanação do parietal esquerdo por raspagem.
282	[UE2621-Z2]	-143,33	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
283	[UE2624-Z2]	-142,53	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
284	[UE2627-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[5-7]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[6] outra	[6] outra	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
285	[UE2630-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	1 concha de Santiago foi encontrada perto destes vestígios.
287	[UE2633-Z2]	-143,23	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
288	[UE2636-Z2]	-143,29	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Face anterior da patela direita, diáfises tibiais e periostes nas fíbulas.
289	[UE2639-Z2]	-143,29	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
290	[UE1356-Z1]	-142,81	SE-NO	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Fractura das costelas direitas 7 e 8.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
291	[UE1358-Z1]	-142,69	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	As partes da fossa observada deixam aparecer uma escavação relativamente estreita, que poderíamos classificar de «antropomórfica». A cabeça repousava num ressalto. Podia existir um alvéolo cefálico.
292	[UE1354-Z1]	-142,81	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Osteomielite ligeira na fíbula esquerda e tíbias.
293	[UE2643-Z2]	-143,14	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
294	[UE2646-Z2]	-143,26	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
295	[UE2649-Z2]	-143,19	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Tíbia-fíbula esquerda entalhadas. Osteomielite sobre fractura do rádio esquerdo. Numerosos traços infecciosos.
296	[UE2652-Z2]	-143,15	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[25-30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	
297	[UE2655-Z2]	-143,23	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
298	[UE2660-Z2]	-143,02	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
299	[UE2662-Z2]	-143,01	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2 ?	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Necrose no coxal direito, coxite (tuberculose).
300	[UE2665-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Presença de seixos nos contornos da fossa com presença de restos de uma cobertura de madeira. A prancha de cobertura está integralmente conservada e aparece directamente em contacto com o esqueleto, sugerindo a preservação de um espaço vazio no caixão pelo menos até ao seu desmoronamento. Os ossos de pelo menos um indivíduo anterior foram depositados nesta prancha de cobertura. Periosteses no cúbito e no rádio esquerdos.
301	[UE1360-Z1]	-142,91	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
302	[UE1362-Z1]	-142,81	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
303	[UE1364-Z1]	-142,90	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
304	[UE3791-Z2]	-143,33	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
305A	[UE1366-Z1]	-142,88	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-6]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
305B	[UE1366-Z1]	-142,92	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[2-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
306	[UE2670-Z2-Z2]	-142,28	N-S	[1] coval simples, largo	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
307	[UE2673-Z2]	-142,97	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
308	[UE2676-Z2]	-143,21	SO-NE	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
309	[UE2679-Z2]	-143,20	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
310	[UE2685-Z2]	-143,00	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
311	[UE2687-Z2]	-143,16	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
312	[UE2691-Z2]	-143,05	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
313	[UE2694-Z2]	-143,19	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4A	Nº 314.
314	[UE2697-Z2]	-143,19	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	4A	Nº 313.
315	[UE2700-Z2]	-143,20	E-O	[1] coval simples, largo	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B	Anel no dedo médio direito e anel com pedra no anelar direito.
316	[UE2703-Z2-Z2]	-142,24	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	-	1º metatarso direito soldado ao 1º cuneiforme.
317	[UE2706-Z2]	-142,28	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
318	[UE2709-Z2]	-143,20	SE-NO	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
319	[UE2711-Z2]	-143,12	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Ligeiro engrossamento na tibia esquerda.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
320	[UE2715-Z2]	-143,13	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	<i>Restos de uma prancha sobre as partes conservadas que poderia prudentemente ser considerada como vestígios de uma cobertura ou de um caixão.</i>
321	[UE2722-Z2]	-143,18	SE-NO	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
322	[UE2719-Z2]	-143,07	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
323	[UE2725-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
324	[UE2728-Z2]	-143,16	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
325	[UE1371-Z1]	-142,95	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
326	[UE1373-Z1]	-142,91	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[8-11]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
327	[UE1375-Z1]	-142,52	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	<i>Infeção e bossas (osteomielite), nos membros, nas mãos e na bacia. Abscesso vertical fistulado (tuberculose), posição do corpo devida à infecção. Arco neural de atlas não soldado. O indivíduo foi inumado numa fossa antropomórfica com um alvéolo cefálico na sua extremidade ocidental. Se tomarmos em conta as larguras, mais importantes nos ombros e nitidamente retraídas nos pés, ao seu comprimento é um pouco inadaptado.</i>
328	[UE2731-Z2]	-143,15	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	<i>Traços de pleurisia no interior das costelas. O caixão está em perfeito estado de conservação. Os vestígios de uma tampa subsistem pontualmente directamente em contacto com as ossadas. As dimensões do caixão, largo de 0,46m na sua extremidade ocidental que se reduz a 0,30m a este, estão perfeitamente adaptadas ao gabarito do indivíduo que aí foi inumado.</i>
329	[UE1734-Z2]	-143,00	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	<i>Arco neural da 6ª cervical não soldado</i>
330	[UE1377-Z1]	-142,92	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
331	[UE1379-Z1]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	<i>Uma possível almofada constituída por fragmentos de tijolos e seixos de tamanho bastante regular (cerca de 5cm de lado ou de diâmetro).</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																			Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo							
332	[UE2737-Z2]	-143,29	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
333	[UE2740-Z2]	-143,20	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[15-20]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		
334	[UE2743-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C		
335	[UE2746-Z2]	-143,15	SE-NO	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[2] decúbito ventral	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Osteomielite na fibula esquerda, osteomielite ligeira na tí-bia esquerda (varizes?)	
336	[UE2749-Z2]	-143,15	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		
337	[UE2752-Z2]	-142,80	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Esmagamento do corpo da 4ª lombar. ED tíbias e fibulas (varizes?). Traços infecciosos no metatarso e calcâneo direitos, no 4º e 5º metatarsos esquerdos, coxal esquerdo, rádio e cúbito direitos. Cobertura de pranchas e restos de madeira no lado direito.	
338	[UE2755-Z2]	-142,84	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A		
339	[UE2758-Z2]	-143,18	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[12m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		
340	[UE2761-Z2]	-143,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4B		
341	[UE2764-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[3-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		
342	[UE2767-Z2]	-143,11	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		
343	[UE1387-Z1]	-143,28	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		
344	[UE2771-Z2]	-143,03	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	Simusite facial.	
345	[UE2774-Z2]	-142,91	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B		
346	[UE2777-Z2]	-143,26	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[9-12m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A		

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
347	[UE2780-Z2]	-142,88	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
348	[UE2783-Z2]	-142,88	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fractura da clavícula esquerda.
349	[UE1385-Z1]	-143,30	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
350	[UE2786-Z2]	-142,86	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
351	[UE2789-Z2]	-142,79	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3B	Nº 377.
352	[UE2792-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
353	[UE2795-Z2]	-142,81	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
354A	[UE2798-Z2]	-143,24	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	Nº 354B. O carácter simultâneo de duas inumações, provavelmente de uma mãe e da sua criança, não deixa aqui nenhuma dúvida, sobretudo graças à posição primária do adulto que tem o bebé na curva da mão direita enquanto o protege com a outra.
354B	[UE2798-Z2]	-143,24	-	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[8-9m lunares]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[6] outra	[6] outra	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
355	[UE2801-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
356	[UE1390-Z2]	-143,22	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[2-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
357	[UE1392-Z1]	-143,30	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
358	[UE2804-Z2]	-142,89	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
359	[UE2807-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
360	[UE1395-Z1]	-142,61	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Fractura reduzida do 5º metatarso direito. Fractura do calcâneo e talus esquerdos, saldados com desvio medial. Osteomielite na tibia esquerda, engrossamento na fibula.

Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Periosteses nas tíbias, interior de uma costela e 1º metacarpo direito.
[4] no abdômen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Osteomielite nas tíbias e fíbulas. O esqueleto aparece numa fossa oblonga, ligeiramente trapezoidal, mais larga nos ombros e estreitada ao nível dos pés. As paredes sul e norte estão delimitadas por fragmentos de tijolos.
[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	Contornos da fossa perfeitamente desimpedidos, de forma oblonga e fundo côncavo.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Osteomielite das tíbias e fíbulas (varizes?), periosteses no calcâneo esquerdo.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Osteomielite da fíbula direita.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	Os contornos da fossa foram identificados. O fundo é ligeiramente côncavo.
[4] no abdômen	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Osteomielite envaginante (trepanomatoses?). Osteocondrite do planalto tibial.
[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Osteomielite nas tíbias.
[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4B	Fractura de um úmero e luxação do ombro. Trata-se de um caixão trapezoidal cujos vestígios são ainda bem visíveis. Contámos cinco grandes pregos no lado esquerdo. Os restos da tampa repousavam sobre o esqueleto.
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
376	[UE2843-Z2]	-142,83	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
377	[UE2846-Z2]	-142,75	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5m lunares]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3B	<i>Este feto foi encontrado em posição fetal lateral direita sob a mão esquerda do indivíduo do túmulo 351, entre as suas últimas costelas direitas e o bordo superior do seu coxal homolateral.</i>
378	[UE1408-Z1]	-143,12	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	<i>1 concha de Santiago que pode ter sido atada à volta do pescoço.</i>
379	[UE1410-Z1]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
380	[UE2849-Z2]	-143,06	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[10-13]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
381	[UE2852-Z2]	-143,22	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[30m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
382	[UE2858-Z2]	-143,17	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
383	[UE2858-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio ?	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
384	[UE2861-Z2]	-143,18	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
385	[UE2864-Z2]	-143,06	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
386A	[UE2867-Z2]	-142,82	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3A	<i>Dois adultos foram inumados juntos (indivíduos A e B).</i>
386B	[UE2867-Z2]	-142,82	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3A	<i>Os indivíduos A e B foram inumados simultaneamente. Contornos da fossa observados. O fundo é ligeiramente côncavo com estreitamento para os pés.</i>
387	[UE2870-Z2]	-142,99	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
388	[UE2873-Z2]	-142,78	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
389	[UE2876-Z2]	-143,25	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
390	[UE2879-Z2]	-143,29	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
391	[UE2881-Z2]	-142,97	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[2]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
392	[UE1412-Z1]	-143,27	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[4-5]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
393	[UE1414-Z1]	-143,27	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
394	[UE2885-Z2]	-143,17	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
395	[UE2888-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
396	[UE2891-Z2]	-142,68	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Osteomielite ligeira das fíbulas.
397	[UE2894-Z2]	-143,01	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Não identificada no frontal interior.
398	[UE1416-Z1]	-142,55	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Fossa oblonga estreita. Parece todavia ter sido um pouco demasiado curta, o que necessitou de uma disposição primária adaptada dos membros inferiores. O fundo é afectado por um duplo declive, descendente a oeste e pelo contrário subindo até ao bordo este. Amputação das tíbia e fíbula direitas. Fractura antiga da fíbula direita. Esmagamento da base da falange intermédia da mão. Amputação ligada à treponematose (visível à esquerda?).
399	[UE1419-Z1]	-142,64	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[25-30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
400	[UE1422-Z1]	-142,40	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Golpe na face da tíbia direita.
401	[UE1425-Z1]	-142,52	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[20-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Palato escavado (reações inflamatórias). A fossa é «antropomórfica» com uma redução em largura para os pés. Um alvéolo e um resalto sustêm a cabeça. Estão dispostos seixos sobre os dois grandes lados.
402	[UE1428-Z1]	-143,21	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[3-6m]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
403	[UE1430-Z1]	-143,23	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
404	[UE2897-Z2]	-143,15	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
405	[UE2900-Z2]	-142,90	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fractura antiga do fémur direito com pseudo-artrose. Osteomielite no fémur esquerdo e tibias. Os contornos da fossa são rectangulares. A parede sul é marcada por seixos e fragmentos de tijolos mais ou menos ligados com argamassa. Pedacos de tijolos verticais foram alinhados uma vintena de centímetros ates da extremidade oriental da fossa.
406	[UE1432-Z1]	-143,29	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
407	[UE1434-Z1]	-142,80	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
408	[UE2903-Z2]	-143,07	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[12-14]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
409	[UE2906-Z2]	-142,93	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[13]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
410	[UE2911-Z2]	-143,12	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
411	[UE2914-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
412	[UE2917-Z2]	-142,90	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[6-7]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
413	[UE1438-Z1]	-142,66	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[20-30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
414	[UE2920-Z2]	-143,13	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
415	[UE2923-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	1 alfinete de bronze.
416	[UE2926-Z2]	-142,80	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
417	[UE2929-Z2]	-143,06	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[RN]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
418	[UE2932-Z2]	-143,07	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
419	[UE2935-Z2]	-142,83	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
420	[UE1440-Z1]	-142,78	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
421	[UE1442-Z1]	-142,81	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Periosteses nas costelas, úmero, cúbito, fêmur, tibia, fibula, metatarsos direitos e no 1º metacarpo, membro inferior e interiores das costelas esquerdas.</i>
422	[UE1444-Z1]	-143,30	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino ?	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
423	[UE2938-Z2]	-143,09	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
424	[UE2942-Z2]	-142,77	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>Fragmentos de tijolo como fixação da cabeça, parede ordenada de tijolos ao nível do membro inferior esquerdo, sobrelevado com elementos susceptíveis de sustentar uma cobertura de madeira (descoberta de pregos e de traços de madeira no enchimento.</i>
425	[UE1449-Z1]	-143,17	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[12-16m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	<i>Fossa oval cujos contornos são organizados mais particularmente na zona da cabeça. O fundo é ligeiramente côncavo.</i>
426	[UE1451-Z1]	-143,15	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	<i>Fossa oval de fundo ligeiramente côncavo. Os desperdícios de tijolo e os seixos visíveis não são seguramente atribuíveis à sua estrutura funerária.</i>
427	[UE2945-Z2]	-143,09	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
428	[UE2948-Z2]	-143,06	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
429	[UE2951-Z2]	-142,76	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>2 conchas de Santiago. As pranchas do caixão estão perfeitamente conservadas.</i>
430	[UE2954-Z2]	-142,85	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
431	[UE2963-Z2]	-142,93	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
432	[UE2964-Z2]	-143,00	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Fractura do tarso médio.</i>
433	[UE1337-1453-Z1]	-142,91	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
434	[UE2968-Z2]	-142,98	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	Fractura do colo do úmero direito e luxação do ombro (acromion).
435	[UE2971-Z2]	-142,83	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
436	[UE2974-Z2]	-142,71	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	1 costela direita fracturada, fracturas da cúbito e da fibula direitas não reduzidas.
437	[UE2977-Z2]	-142,62	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
438	[UE2980-Z2]	-142,70	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
439	[UE2983-Z2]	-142,64	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
440	[UE1455-Z1]	-143,25	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
441	[UE2989-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
442	[UE2992-Z2]	-142,95	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
443	[UE1457-Z1]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
444	[UE1459-Z1]	-143,09	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
445	[UE2995-Z2]	-143,15	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
446	[UE2999-Z1]	-142,81	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Os contornos da fossa são observáveis. Podemos qualificá-los de «antropomórficos». O fundo é ligeiramente côncavo. Notemos a presença de grandes seixos na parte superior do bordo norte.
447	[UE3002-Z2]	-142,99	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
448	[UE3004-Z2]	-143,11	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
449	[UE3006-Z2]	-142,99	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Dupla fractura não reduzi-da tíbia e fibula direitas.

Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	<i>A presença de pregos em posições susceptíveis de restituir um caixão.</i>
[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Entorse (?) ao nível do calcâneo, da tibia e da fibula esquerdas. Vestígios lenhosos susceptíveis de ser os restos de uma tampa.</i>
-	-	-	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	<i>Destruída mas localizada.</i>
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Elemento não identificado ossificado no seio nasal frontal esquerdo. A fossa adopta uma forma «antropomórfica»; é bem maior que o indivíduo que contém. Um resalto sustenta o crânio. Seixos e fragmentos de tijolos são ainda visíveis nos bordos, susceptíveis de ter suportado uma cobertura.</i>
[3] na cintura	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>A fossa é quase «antropomórfica». A sua largura é particularmente bem ajustada à quadratura do indivíduo que aí foi inumado. Presença de seixos e de fragmentos de tijolo, no bordo norte.</i>
[4] no dómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	<i>As paredes da fossa prévia trapezoidal são sublinhadas por alguns grandes seixos. Fragmentos de tijolo foram plantados verticalmente na sua extremidade oriental. O fundo é ligeiramente côncavo.</i>
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Periosteses na tibia esquerda.</i>
[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Periosteses de tipo descolável (treponematose?).</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
464	[UE3033-Z2]	-142,92	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
465	[UE3036-Z2]	-142,93	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	Fractura reduzida da fíbula direita e das 7ª e 8ª costelas esquerdas.
466	[UE3042-Z2]	-142,98	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
467	[UE3045-Z2]	-142,89	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
468	[UE3048-Z2]	-142,86	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
469	[UE1473-Z1]	-142,94	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
470	[UE1475-Z1]	-142,89	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
471	[UE3051-Z2]	-142,75	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[1-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
472	[UE3054-Z2]	-142,99	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
473	[UE3057-Z2]	-143,17	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
474	[UE3060-Z2]	-142,86	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fractura reduzida do rádio esquerdo, fractura de duas costelas esquerdas (11-12?).
475	[UE3063-Z2]	-143,12	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Não identificada no talus esquerdo na articulação com a tíbia.
476	[UE1477-Z1]	-142,90	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Poliomielite ou grande trauma na mão, tendo bloqueado o crescimento. Sinusite maxilar direita.
477	[UE1479-Z1]	-143,08	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
478	[UE1481-Z1]	-143,02	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
479	[UE1483-Z1]	-142,85	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
480	[UE1495-Z1]	-142,86	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Osteomielite na fibula esquerda, traço no 1º metatarso direito, calcâneo. Entorse do tornozelo esquerdo.</i>
481A	[UE1505-Z1]	-143,00	-	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
481B	[UE1505-Z1]	-143,00	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
482	[UE3069-Z2]	-142,49	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
483	[UE3072-Z2]	-142,93	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
484	[UE1487-Z1]	-142,98	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdômen	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
485	[UE3085-Z2]	-142,82	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	<i>A fossa ligeiramente «antropomórfica» é observável na sua metade ocidental. O fundo é côncavo e um grande seixo presente na cabeceira constitui uma parte do ordenamento da sepultura.</i>
486	[UE3078-Z2]	-142,45	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	<i>A fossa é oval e os seus bordos são ordenados com seixos e fragmentos de tijolo já presentes in situ.</i>
487	[UE1489-Z1]	-142,93	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
488	[UE1491-Z1]	-142,99	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
489	[UE1493-Z1]	-142,94	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	<i>Concha de Santiago sobre o peito.</i>
490	[UE1495-Z1]	-142,86	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
491	[UE1497-Z1]	-142,90	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
492	[UE1499-Z1]	-142,84	SO-NE	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Osteomielite ligeira das fibulas.</i>
493	[UE1501-Z1]	-142,80	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Mal de Pott, tuberculose. Um fragmento de tijolo foi instalado contra a parede noroeste da fossa, talvez destinada a manter a cabeça. Dois outros fragmentos foram pousados na horizontal no bordo ocidental e transbordam para o interior da sepultura.</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
494	[UE1503-Z1]	-142,89	SO-NE	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
495	[UE3088-Z2]	-142,66	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Osteomielite na fíbula esquerda.
496	[UE3091-Z2]	-142,66	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-14]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
497	[UE3094-Z2]	-142,66	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-14]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
498	[UE3097-Z2]	-142,90	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	-	[2] ao peito	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
499	[UE3100-Z2]	-142,83	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
500	[UE3103-Z2]	-142,88	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
501	[UE3106-Z2]	-142,91	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Fractura do arco neural da 8ª torácica?
502	[UE3109-Z2]	-143,19	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
503	[UE3115-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-9]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[1] ao longo do corpo	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
504	[UE3115-Z2]	-142,85	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
505	[UE1507-Z1]	-142,66	SO-NE	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Tumor ósseo talvez maligno no fémur esquerdo. «Chignon». Fossa «antropomórfica» cujo fundo é ligeiramente côncavo ao nível dos membros. Restam os vestígios de uma coroa de seixos susceptíveis de ter suportado uma tampa.
506	[UE3118-Z2]	-142,71	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	Túmulo em parte ordenado com disposição de tijolos contra os bordos da fossa, cujo fundo é apenas ligeiramente côncavo. Os contornos são antropomórficos com estreitamento para os pés. É possível que tenha sido organizado um alvéolo cefálico.
507	[UE3121-Z2]	-142,64	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
508	[UE3123-Z2]	-143,02	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
509	[UE3127-Z2]	-142,69	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Afundamento dos corpos das torácicas 3 e 4.</i>
510	[UE3130-Z2]	-143,02	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
511	[UE1509-Z1]	-142,80	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
512	[UE1511-Z1]	-142,72	SO-NE	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[1] ao longo do corpo	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
513	[UE3133-Z2]	-142,96	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
514	[UE3136-Z2]	-142,70	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Mas-culino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
515	[UE3139-Z2]	-142,79	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Pregos no enchimento. Destruição da face posterior da cabeça umeral esquerda. Rádio e tibia direitos, apoperiosteses. Osteomielites: fíbula, tibia e metatarsos 2-4 esquerdos. Necrose metatarsos 3-4 esquerdos (lepra?).</i>
516	[UE3142-Z2]	-142,80	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Luxação e ruptura das cápsulas dos rotatores (ombros). Pleura ossificada (tuberculose pulmonar).</i>
517	[UE3145-Z2]	-142,54	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
518	[UE3147-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Traços no interior das costelas (pleurisia?)</i>
519	[UE3145-Z2]	-142,55	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino ?	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
520	[UE3147-Z2]	-142,60	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Ligeiro engrossamento na tibia.</i>
521	[UE3151-Z2]	-142,60	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Não identificável no corpo mandibular interno esquerdo.</i>
522	[UE3153-Z2]	-142,97	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
523	[UE3156-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
524	[UE3160-Z2]	-142,85	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Início de espondilartropatia?</i>
525	[UE3163-Z2]	-142,96	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	<i>Osteomielite ligeira nas fibulas. Doença hiperostótica?</i>
526	[UE3165-Z2]	-142,57	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[10-15]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[2] ao peito	2	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
527	[UE1610-Z1]	-142,82	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Uma moeda nas costelas direitas. Periostese envaginante dos membros inferiores, com certos metatarsos atingidos (treponematose?).</i>
528	[UE1517-Z1]	-142,74	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>A fossa estreita-se para os pés. Seixos e fragmentos e tijolos continuam a estar presentes nos bordos. São susceptíveis de ter suportado uma tampa.</i>
529	[UE1519-Z1]	-142,71	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Lepra atingindo os metatarsos? Osteomielite nas fibulas e na tibia direita. Apoperiosteses no osso ilíaco, no acetábulo, nas tíbias e nas fibulas. Engrossamento no sacro e no interior do palato.</i>
530	[UE1521-Z1]	-142,54	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	<i>2 costelas partidas, fractura do rádio esquerdo e esmagamento do estilóide da cubito esquerda. Os contornos e a forma da escavação estão bem observadas. A fossa adopta uma forma oblonga com um fundo ligeiramente côncavo. Seixos estão ainda presentes em torno da cabeceira do túmulo, uma banqueta permitiu a sobrelevação do crânio.</i>
531	[UE3168-Z2]	-142,92	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Moeda no rachis torácico. Osteomielite ligeira das tíbias e fibulas. Espondiloartropatia.</i>
532	[UE3170-Z2]	-142,57	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[1-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
533	[UE1523-Z1]	-142,78	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Osteomielite nas fibulas.</i>
534	[UE1525-Z1]	-142,68	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Esmagamento de uma falange proximal da mão direita.</i>
535	[UE1527-Z1]	-142,97	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
536	[UE3174-Z2]	-143,06	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	<i>Fractura do rádio esquerdo.</i>
537	[UE3177-Z2]	-143,08	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Fractura da púbis direita.</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
538	[UE1529-Z1]	-142,55	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	<i>Mossa no nariz e no palato (lepra?). Osteomielite na tibia direita, infecção na fibula direita e no 5º metatarso direito. A fossa é grosseiramente «antropomórfica» e ligeiramente côncava. Os contornos não são absolutamente nítidos na sua parte oriental. Um resalto suportava a cabeça.</i>
539	[UE1531-Z1]	-143,63	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	<i>Osteomielites nos fémur e tibia direitos. Síndrome de Agund (calcâneo curto) do lado esquerdo. Os contornos da fossa estão bem delimitados. O fundo é côncavo. O crânio repousa num pequeno resalto organizado em alvéolo. Por cima dos pés subsistiam dois fragmentos de tijolo que faziam parte de uma eventual cobertura.</i>
540	[UE1533-Z1]	-142,80	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
541	[UE3180-Z2]	-142,94	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
542	[UE3183-Z2]	-142,75	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
543	[UE3186-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>1 anel no dedo médio direito. Fractura de uma costela direita.</i>
544	[UE3189-Z2]	-142,64	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>A fossa é dificilmente observável no seu lado norte; no que diz respeito ao lado sul, alguns seixos e fragmentos de tijolos aparecem nos bordos da escavação. Resalto sob o crânio.</i>
545	[UE3190-Z2]	-142,72	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Fractura de uma costela esquerda.</i>
546	[UE3194-Z2]	-142,64	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
547	[UE3197-Z2]	-142,73	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
548	[UE3199-Z2]	-142,89	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
549	[UE2555-3202-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
550	[UE3205-Z2]	-142,50	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobert-ura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
551	[UE3208-Z1]	-142,76	SO-NE	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
552	[UE1537-Z1]	-142,49	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>Os contornos da fossa, rectangulares, aparecem bem. Estão organizados na cabeceira por tijolos. (...) É certo que o crânio era suportado por uma almofada, dado que a cabeceira do túmulo estava demasiado afastada para fixar a cabeça.</i>
553	[UE1539-Z1]	-142,61	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>Os contornos de uma fossa com alvéolo cefálico e resalto para o suporte do crânio foram identificados.</i>
554	[UE1541-Z1]	-142,68	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Apoperiosteses: tibia e fibula direitas e calcâneos.</i>
555	[UE1543-Z1]	-142,69	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	2B	<i>Esmagamento das falanges da mão direita. Início de osteomielite na tibia e fibula direitas. Entorse do Joelho esquerdo. N.º 556.</i>
556	[UE1545-Z1]	-142,68	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	2B	<i>Fractura reduzida do 5º metacarpo direito. N.º 555.</i>
557	[UE1547-Z1]	-142,39	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Fractura do eixo. Osteomielite na fibula esquerda. O indivíduo repousa numa fossa oval com alvéolo cefálico e resalto para sustentar a cabeça.</i>
558	[UE1549-Z1]	-142,79	N-S	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
559	[UE3209-Z2]	-143,13	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Fractura do 2º metacarpo direito.</i>
560	[UE3212-Z2]	-143,06	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
561	[UE3214-Z2]	-142,98	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	<i>1 anel na localização do sacro.</i>
562	[UE3218-Z2]	-142,92	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
563	[UE3221-Z2]	-142,31	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Fistulização em 3 costelas/buraco. Periostese em 2 costelas direitas e 1 costela esquerda (tuberculose). A fossa apresenta um fundo côncavo e uma fossa grosseiramente rectangular. Subsiste uma envoltura disposta nos bordos da fossa, constituída por seixos e sobretudo fragmentos de tijolos.</i>
564	[UE3224-Z2]	-142,44	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatômica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
565	[UE3226-Z2]	-142,49	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[6] outra	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
566	[UE1551-Z1]	-142,64	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Osteomielite na tibia e no calcâneo esquerdos.
567	[UE3229-Z1]	-	-	[6] outra, redução	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	-	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	-	-	-	-	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	-	
568	[UE1581-Z1]	-142,67	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
569	[UE1557-Z1]	-142,35	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Fractura (?) do 2ª metatarso direito. Osteomielite da tibia direita
570	[UE1559-Z1]	-142,68	SO-NE	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
571	[UE1563-Z1]	-142,81	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
572	[UE3230-Z2]	-142,83	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
573	[UE3232-Z2]	-143,09	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	1 costela direita fracturada. Apoperiosteses na tibia e fibula esquerdas. Ligeira na fibula direita. Vestígios de madeira e os pregos de um caixão foram encontrados. 3 para cada grande lado, 3 para os lados pequenos.
574	[UE3236-Z2]	-142,39	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
575	[UE3239-Z2]	-142,66	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
576	[UE3242-Z1]	-142,45	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Amputação cicatrizada das tíbias e fíbulas esquerdas. Dedo grande do pé direito soldado (infecção). Osteomielite na tibia e fibula esquerdas, e metatarsos direitos. 5º metatarso direito esmagado. Os contornos de uma fossa «antropomórfica» foram circunscritos. O crânio repousava num alvéolo com resalto.
577	[UE3242-Z2]	-143,13	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
578	[UE3245-Z2]	-143,07	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
579	[UE3248-Z2]	-142,71	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
580	[UE3251-Z2]	-142,74	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
581	[UE3254-Z1]	-142,91	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[8-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
582	[UE3254-Z2]	-142,98	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[6] outra	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
583	[UE3257-Z2]	-142,77	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	<i>A fossa parece trapezoidal, côncava na sua parte ocidental. Um resalto suporta o crânio. Uma acumulação de seixos cobria a fossa.</i>
584	[UE1570-Z1]	-142,58	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
585	[UE3260-Z2]	-142,22	E-O	[1] coval simples, organi-zado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Fe-minino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	<i>1 concha de Santiago, sob o fêmur esquerdo. A fossa adopta uma forma oval de tendência «antropomór-fica». O fundo é ligeiramente côncavo, mais particularmente na parte ocidental da fossa. Os contornos eram cobertos de seixos e fragmentos de tijolos.</i>
586	[UE1581-Z1]	-142,52	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	(10-14)	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
587	[UE1583-Z1]	-142,64	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
588	[UE1585-Z1]	-142,38	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[6] outra	[6] outra	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
589	[UE3263-Z2]	-142,75	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Engrossamento e infecção = osteomielite. Foco infeccioso cicatrizado (?) nas tíbias e fíbulas.</i>
590	[UE3266-Z2]	-143,06	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	<i>Presença de pregos no en-chimento. Osteomielite com engrossamento diafisário nas tíbias e fíbulas (sífilis?).</i>
592	[UE3269-Z2]	-142,84	E-O	[1] coval simples, organi-zado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Osteomielite nas tíbias e fíbulas (sífilis?).</i>
593	[UE3272-Z2]	-142,75	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colma-tado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
594	[UE3275-Z2]	-142,52	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatômica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
595	[UE3278-Z2]	-142,87	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[25-30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
596	[UE3281-Z2]	-142,87	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
597	[UE3287-Z2]	-142,91	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Dismorfia do pé.
598	[UE1603-Z1]	-142,74	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
599	[UE3287-Z2]	-142,83	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1-4]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
600	[UE3291-Z2]	-142,34	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	A fossa é de forma oblonga, ligeiramente «antropomórfica». A fossa é côncava ao nível dos ombros. Um resalto e um alvéolo fixam e apoiam a cabeça. Na parte superior, um retraço permitiu a colocação de seixos rodeando o resto da fossa.
602	[UE3296-Z2]	-142,85	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
603	[UE3299-Z2]	-143,15	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	Osteomielite na tíbia e fíbula direitas.
604A	[UE1595-Z1]	-142,55	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	2A	Fractura e luxação das 2ª e 3ª falanges do 5º metacarpo direito. Nº 604B e 606.
604B	[UE1595-Z1]	-142,55	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[7 1/2-8 m lunares]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	2A	Talvez no braço ou in utero na origem. Nº 604A e 606.
605	[UE1597-Z1]	-142,65	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Osteomielite nas tíbias.
606	[UE1599-Z1]	-142,54	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	2B	Osteomielite ligeira nas fíbulas.
607	[UE1601-Z1]	-142,68	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Esmagamento da 2ª falange esquerda e do hallux direito.
608	[UE3302-Z2]	-142,27	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Os contornos da fossa são antropomórficos comum alvéolo cefálico e um resalto ao nível do crânio. Os vestígios de uma envoltura da fossa são visíveis sob a forma de seixos e de alguns fragmentos de tijolos.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertu-ra	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
609	[UE3304-Z2]	-142,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	<i>Fractura do rádio esquerdo. Doença hiperostótica? Os contornos da fossa são antropomórficos, com um nítido alargamento ao nível dos cotovelos e um resalto ao nível do crânio. A concavidade da fossa é mais marcada no lado esquerdo. Os vestígios de uma envolvente da fossa são visíveis sob a forma de seixos e de alguns fragmentos de tijolos.</i>
611	[UE3308-Z2]	-143,07	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
612	[UE3311-Z2]	-142,75	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
613	[UE3314-Z2]	-142,68	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Osteomielite na tibia direita e fíbulas. Úmero esquerdo: infecção da bainha do tendão? A fossa apresenta uma forma oval, mais larga ao nível dos cotovelos. Um resalto e um alvéolo detinham a cabeça. No bordo sul, restam ainda vestígios de uma envolvente constituída por seixos e fragmentos.</i>
614	[UE3314-Z2]	-142,67	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[1] ao longo do corpo	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	<i>Osteomielite no calcâneo e fíbula esquerdos.</i>
615	[UE3321-Z2]	-142,73	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Fe-minino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Fractura reduzida da fíbula esquerda. Patologia não identificável na fíbula e tibia ligadas (à fractura?).</i>
616	[UE3324-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
617	[UE3327-Z2]	-142,99	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	<i>Doença hiperostótica (mais espondilartropatia?) Alinhamentos de pregos em posições funcionais permitem encerrar a presença de um caixão.</i>
618	[UE3330-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculi-no AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
619	[UE3333-Z2]	-143,04	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
620	[UE3336-Z2]	-142,64	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Femini-no AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
621	[UE3339-Z2]	-142,67	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Mas-culino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
622	[UE3342-Z2]	-142,53	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	<i>Dois pregos no enchimento. A fossa é trapezoidal com um fundo ligeiramente côncavo. Os vestígios de uma envolvente, constituída por seixos, estão igualmente presentes.</i>

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																			Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo							
623	[UE3345-Z2]	-142,66	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A		
624	[UE3348-Z2]	-142,76	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A		
625	[UE3351-Z2]	-142,77	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Osteomielite na tibia esquerda.	
626	[UE3354-Z2]	-142,68	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	A fossa é de forma oval com redução em largura para os pés, o fundo apresenta um «forte» declive desde a localização do crânio para o sacro. Alguns seixos de uma antiga envolvente subsistem.	
627	[UE3357-Z2]	-142,56	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Osteomielite e engrossamento das diáfises das tíbias.	
628A	[UE3360-Z2]	-142,96	N-S	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3B	A fossa adopta uma forma «antropomórfica», todavia o seu eixo está desviado. Tijolos faziam a vez de cabeceira. Nº 628B.	
628B	[UE3360-Z2]	-142,96	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3B	N.º 628A.	
629	[UE3363-Z2]	-142,18	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	A fossa é «antropomórfica» com alvéolo cefálico. Resta no bordo norte e ocidental uma parte de uma envolvente de seixos.	
630	[UE3366-Z2]	-142,44	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Fractura da 1ª falange do polegar direito. Início de espondilartropatia? Fossa «antropomórfica» com ligeiro ressalto sustentando a cabeça.	
631	[UE3369-Z2]	-142,66	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino ?	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A		
632	[UE3372-Z2]	-142,61	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Osteomielite ligeira no fémur esquerdo. Periostes ligeiras nos raios, cúbitos e úmeros e no interior das costelas. Vestígios de uma sinalização, ela mesma sobre vestígios de madeira. Não é possível identificar uma envolvente.	
633	[UE3375-Z2]	-142,67	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A		
634	[UE3378-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino	[25-30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A		
635	[UE3381-Z2]	-142,67	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[5-14]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A		
636	[UE3384-Z2]	-142,84	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino ?	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	A fossa foi escavada num terreno particularmente heterogéneo. É difícil identificar materiais exógenos fazendo parte de um ordenamento. A fossa é oval com alvéolo cefálico e estreitamento para os pés.	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
637	[UE3387-Z2]	-142,06	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Plagiocefalia. Uma fossa prévia foi escavada a partir da qual foi ordenada uma mais estreita. De forma oblonga, comporta à sua cabeceira um alvéolo sobrelevado. Foram encontrados seixos no seu enchimento. Deviam suportar a cobertura.
638	[UE3390-Z2]	-142,56	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Os vestígios da sinalização deste túmulo foram encontrados sob a forma de uma confusão de seixos e de fragmentos de tijolos. O crânio está fixado num ressalto do fundo da fossa na sua parte ocidental.
639	[UE2585-3393-Z2]	-142,61	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Fractura e luxação da clavícula esquerda, e de uma costela esquerda.
640	[UE3396-Z2]	-142,67	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
641	[UE3399-Z2]	-142,68	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
642	[UE3402-Z2]	-142,56	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
643	[UE3405-Z2]	-142,42	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Fracturas das 7ª e 8ª costelas esquerdas. Uma construção marca os limites de uma sinalização. A fossa, na qual foi depositado o corpo, é oblonga com um ressalto suportando o crânio.
644	[UE3408-Z2]	-142,45	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	A fossa é oblonga com, no alto das paredes, os vestígios de uma envolvente de seixos e de fragmentos de tijolos.
645	[UE3411-Z2]	-143,06	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
646	[UE3414-Z2]	-143,05	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[5-14]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D1	[4] no abdómen	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
647	[UE3417-Z2]	-143,03	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
648	[UE3420-Z2]	-142,55	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Fractura do rádio direito.
649	[UE3423-Z2]	-142,76	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Excrecência óssea no grande trocanter do fémur esquerdo (tuberculose).
650A	[UE3426-Z2]	-143,02	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3B	Nº 650B.
650B	[UE3426-Z2]	-143,02	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	3B	Nº 650A. Osteomielite da fíbula direita.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:	
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços							Comprimento do corpo
651	[UE3429-Z2]	-142,83	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
652	[UE3432-Z2]	-142,25	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	A fossa é oval com estreitamento para os pés. Fragmentos de tijolo e seixos formam uma envolvente susceptível de ter suportado uma cobertura
653	[UE3435-Z2]	-142,47	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
654	[UE3438-Z2]	-142,98	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fractura da tibia (esquerda) durante a infância de onde picos ósseos na fibula.
655	[UE3441-Z2]	-142,85	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
656	[UE3444-Z2]	-143,07	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[7-10]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
657	[UE3447-Z2]	-142,53	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	A fossa, coberta por pranchas, é grosseiramente oval, mais larga ao nível dos cotovelos e estreitando-se para os pés. Notemos uma ligeira sobrelevação para suportar o crânio.
658	[UE3450-Z2]	-143,10	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Fractura de 5 costelas. Patologia não identificada no 3º metacarpo direito.
659	[UE3453-Z2]	-142,99	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
660	[UE3456-Z2]	-143,09	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Inflamação do seio maxilar.
661	[UE3459-Z2]	-142,77	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
662	[UE3462-Z2]	-142,56	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Fractura do colo do fémur esquerdo, esmagamento da cabeça e desvio posterior. Osteomielite nas tíbias. Cavidade quística ou aneurisma nas tíbias. A fossa pode ser qualificada como «antropomórfica» mas continua relativamente estreita. Se havia um alvéolo, não foi claramente observado. restam vestígios de uma envolvente de seixos e de fragmentos de tijolos.
663	[UE3465-Z2]	-143,14	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	4A	
664	[UE3468-Z2]	-143,16	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3C	Fracturas das 5ª-9ª costelas esquerdas.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
665	[UE3471-Z2]	-143,10	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
666	[UE3474-Z2]	-142,65	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Fractura de uma costela direita. A fossa é oblonga. O fundo é ligeiramente côncavo com um ressalto suportando a cabeça. Um seixo pode ter participado no bloqueio do crânio e ser um vestígio de um alvéolo cefálico.
667	[UE3477-Z2]	-142,42	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Início de engrossamento da tibia esquerda. A fossa pode ser qualificada como «antropomórfica» mas continua relativamente estreita. Se havia um alvéolo não foi claramente observado. O crânio repousava num ressalto do fundo da fossa.
668	[UE3480-Z2]	-142,97	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
669	[UE3483-Z2]	-142,56	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Arco neural da 2ª torácica não soldado.
670	[UE3490-Z2]	-143,14	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
671	[UE3493-Z2]	-142,28	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[6] outra	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Fossa «antropomórfica» com ressalto sob o crânio e alvéolo cefálico.
672	[UE3496-Z2]	-143,05	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	4A	Osteomielite na tibia direita.
673	[UE3499-Z2]	-142,30	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
674	[UE3502-Z2]	-143,05	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
675	[UE3505-Z2]	-143,09	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
676A	[UE3508-Z2]	-142,98	E-O	[1] coval simples, com caixão	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[1] presença	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D1	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	3B	Três pregos e traços lenhosos indicam que o indivíduo estava num caixão. Nº 676B.
676B	[UE3508-Z2]	-142,94	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[1] presença	3B	Não identificada na tibia e fíbula esquerdas. N.º 676A.
677	[UE3511-Z2]	-142,95	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fractura e luxação entre a escápula e a clavícula direitas.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cober-tura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
678	[UE3514-Z2]	-142,85	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	A fossa pode ser qualificada como «antropomórfica» mas continua relativamente estreita. O crânio está bloqueado por elementos em pedra e pela parede em alvéolo. O fundo apresenta um ressalto sob a cabeça.
679	[UE3517-Z2]	-142,50	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
680	[UE3517-Z2]	-142,95	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fracturas de 5 costelas esquerdas.
681	[UE3525-Z2]	-142,58	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
682	[UE3528-Z2]	-142,78	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	A fossa é grosseiramente oval, com redução em largura para os pés. A cabeça era enquadrada por dois fragmentos de tijolo formando um alvéolo. Os contornos da fossa parecem ter sido cobertos por uma envoltência de fragmentos de tijolos e de seixos, susceptível de suportar uma cobertura.
683	[UE3531-Z2]	-142,81	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	A fossa é mais larga no alto do corpo e estreita-se para os pés.
684	[UE3534-Z2]	-142,82	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	(10-14)	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
685	[UE3537-Z2]	-143,04	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino	[20-25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
686	[UE3540-Z2]	-142,66	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
687	[UE3543-Z2]	-142,88	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
688	[UE3546-Z2]	-142,93	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Esmagamento do corpo da 4ª lombar.
689	[UE3549-Z2]	-143,01	E-O	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3C	
690	[UE3552-Z2]	-142,97	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	Fractura do úmero esquerdo.
691	[UE3555-Z2]	-142,50	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[6] outra	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Os contornos da fossa foram identificados na sua parte ocidental. Parece oblonga na sua parte observada. Seixos e fragmentos de tijolos deviam formar uma envoltência do topo das suas paredes.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidên-cia de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orien-tação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatô-mica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
692	[UE3558-Z2]	-142,54	E-O	[1] coval simples, organi-zado	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colma-tado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	-	[2] não	[99] não determi-nável	(10-14)	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
693	[UE3561-Z2]	-143,03	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
695	[UE3567-Z2]	-	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[3] Espaço colma-tado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Osteomielite da tibia e da fíbula direitas.</i>
696	[UE3571-Z2]	-142,31	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
698	[UE3577-Z2]	-142,69	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
699	[UE3580-Z2]	-142,87	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
700	[UE3583-Z2]	-142,79	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[5-9]	[1] Criança	[9] não foi possível verificar	[5] ao púbis	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
701	[UE3586-Z2]	-142,84	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[1] ao longo do corpo	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
702	[UE3590-Z2]	-142,83	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determi-nável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Periosteses na tibia esquerda.</i>
703	[UE3593-Z2]	-142,88	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[5] ao púbis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3B	<i>Fractura da cubito direita com angulação e ossificação do tendão</i>
704	[UE3596-Z2]	-142,90	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	<i>Fractura reduzida do calcâneo esquerdo.</i>
705	[UE3599-Z2]	-142,44	E-O	[1] coval simples, organi-zado	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	<i>A fossa observada parece ter uma forma hexagonal. A sua parte mais larga situa-se ao nível da bacia. Fragmentos de tijolos estão ainda dispostos contra as paredes.</i>
706	[UE3602-Z2]	-142,19	E-O	[1] coval simples, organi-zado	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-col-matado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determi-nável	[15-19]	[2] Não Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	<i>1 anel de bronze no dedo médio. Dois pregos no enchimento. Uma fossa larga e oblonga foi primeiro escavada. A seguir, uma fossa mais estreita organizou-a. esta última é «antropomórfica», mais larga ao nível dos cotovelos, com um alvéolo, ao nível do crânio. A cabeça e o alto do corpo repousam sobre um declive para Este. Os contornos da fossa estreita foram rodeados por seixos e fragmentos de tijolos.</i>
707	[UE3605-Z2]	-142,91	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura percep-tível	[3] sem cabeceira	[99] não determi-nável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determi-nável	[3m]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatômica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
708	[UE3608-Z2]	-142,40	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
709	[UE3611-Z2]	-142,26	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Fractura irradiante no crânio. Ligeiros traços no interior das costelas (pleurisia?). Tumor benigno osteoma no parietal esquerdo
710	[UE3614-Z2]	-142,91	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3B	
711	[UE3617-Z2]	-142,69	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
712	[UE3620-Z2]	-142,59	-	[9] não foi possível verificar	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[3] destruído	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
713	[UE3623-Z2]	-142,87	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Fractura da cúbito esquerda.
714	[UE3626-Z2]	-142,68	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
715	[UE3629-Z2]	-142,48	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	Quatro pregos foram descobertos no enchimento.
716	[UE3635-Z2]	-142,47	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Osteomielite na tíbia esquerda.
717	[UE3638-Z2]	-142,64	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[5] ao púbis	[4] no abdômen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
718	[UE3641-Z2]	-142,48	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
719	[UE3644-Z2]	-142,47	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Periosteses no fêmur esquerdo, nas tíbias e nas fíbulas.
720	[UE3647-Z2]	-142,71	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
721A	[UE3650-Z2]	-142,57	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D3	[3] na cintura	[5] ao púbis	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	2B	Nº 721B.
721B	[UE3650-Z2]	-	-	-	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	-	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	-	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	-	[5] ao púbis	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	2B	Nº 721A.
722	[UE3653-Z2]	-142,61	E-O	[1] coval simples, organizado	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdômen	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Quatro pregos no enchimento do túmulo. Não identificada no parietal esquerdo.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																		Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Esp. Decomp.	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
723	[UE3656-Z2]	-142,56	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[2] Feminino	[25-30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
724	[UE3659-Z2]	-142,42	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino	[20-25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[6] outra	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2B	
725	[UE3662-Z2]	-142,67	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[2] ao peito	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Três pregos no enchimento. Osteomielite no fêmur, fibula e tibia direita.
726	[UE3671-Z2]	-142,66	-	[6] outra, redução	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[99] não determinável	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	-	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[3] Adulto	[3] outra	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	3A	
727	[UE3674-Z2]	-142,59	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2A	Fracturas reduzidas na fibula direita e no rádio esquerdo.
728	[UE3677-Z2]	-142,55	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[12-14]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal - D2	[9] não foi possível verificar	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	[-]	[1] presença	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	Pregos no enchimento do túmulo.
730	[UE2603-Z2]	-142,46	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	2B	Trepanação dupla (por raspagem). Periostes nas costelas (tuberculose pulmonar, pleurisia).
732	[UE3680-Z2]	-142,96	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[2] Feminino AFC	[+25]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[1] presença	[2] ausência	3A	Mal de Pott ao nível das vértebras lombares.
733	[UE3683-Z2]	-142,34	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
736	[UE3692-Z2]	-142,39	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino AFC	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[4] no abdómen	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
737	[UE3695-Z2]	-142,46	E-O	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[1] Espaço vazio	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[1] ao longo do corpo	[1] ao longo do corpo	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	
739	[UE3701-Z2]	-142,21	NO-SE	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] Espaço semi-colmatado	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[1] Masculino	[+30]	[3] Adulto	[1] Decúbito dorsal - D2	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	[2] ausência	2A	

BIBLIOGRAFIA

CATALO, J.; PONS, J.; LE NOHEH, C.; MOLET, H.; DUCHESNE, S. (colab.); RODET-BELARBI, I. (colab.) e GENEVIEVE, V. (colab.) (1999) – *La Cite Judiciaire de Toulouse (Haute-Garonne) n° site 31 555 066 AH. D.F.S. de la Phase 1*; Relatório entregue ao Service Régional d'Archéologie Midi-Pyrénées.

PAYA, D.; CATALO, J.; CABOT, E.; DUCHESNE, S.; MOLET, A.; com a colaboração de CALLEDE, F.; GENEVIEVE, V.; DAYRENS, O.; LLECH, L. e MARLIERE, P. (2004) – *Metro Station Palais de Justice a Toulouse, (n° sitio 31 555061 AH)*, Relatório apresentado ao S.A.R. (Service Régional d'Archéologie).

PAYA, Didier (2007) - «Le cimetière Saint-Michel de Toulouse : organisation et typologie des tombes». *Actes du 4e Congres International d'Archéologie Médiévale et Moderne, du 3 au 8 septembre 2007 à Paris*, 2007, 8 pages et 10 figures, publication électronique. <http://medieval-europe-paris-2007.univ-paris1.fr/D.paya.pdf>.

PEYRE, Gilles (1993) – «Toulouse, Allées Paul Feuge», *Bilan Scientifique de la Région Midi-Pyrénées, 1992*. Ministère de l'Education Nationale et de la Culture, Direction du Patrimoine, Sous-direction de l'Archéologie, Paris: 54.

GRANDE PRIORADO DE SAINT-JEAN DE JERUSALEM, TOULOUSE



Coordenadas:

Latitude: 43° 35' 50.58" N

Longitude: 1° 26' 33.69" E

Cronologia:

Sécs. XIII-XV



Descrição do monumento:

O antigo Hôtel Saint-Jean, ou Antigo Priorado dos Hospitalários de Saint-Jean de Jerusalém, em Toulouse, foi objecto de um projecto de investigação, liderado desde 2000 por Nelly Pousthomis-Dalle, tendo em vista a instalação da futura *Direction Régionale des Affaires Culturels* (Direcção Regional dos Assuntos Culturais). A avaliação, feita em 1996-1997, resultou neste último ano numa «(...) *reflexão colectiva que conduziu à desobstrução de um espaço compreendido entre a caixa de escadas do século XVII e o antigo muro norte da igreja, revelando a existência de dois jazigos esculpidos e pintados do século XIII, particularmente bem preservados, contendo cada um um sarcófago sobrepondo-se a um pourrissoir. (...)*» (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 5). Seguiram-se outras campanhas, decorridas em 1999-2000 (RAP 00082) e entre 2004 e 2006 (RAP 04330 e RAP 05005).

A implantação das igrejas de Sainte Marie de la Dalbade e de Saint Rémi determinou do ponto de vista topográfico a sua localização, tendo igualmente sido fulcral a conquista dessa ilhota urbana pelos Hospitalários. Esta Ordem militar-religiosa instalou-se pouco a pouco em Toulouse, graças às aquisições e às doações de que beneficiaram. O conflito com o abade e o prior da Daurade a respeito da primeira igreja citada (La Dalbade), pela ocupação indevida desta por parte dos Hospitalários por duas vezes, levou à obtenção do serviço da segunda igreja mencionada (Saint Rémy) entre 1114 e 1116 e, em 1160, a Ordem conquistou o direito de possuir cemitério próprio perto desta última. Na mesma época (início do século XII), Notre-Dame de la Dalbade dispunha apenas de uma igreja de bairro, dependente do priorado beneditino da Daurade. A hipótese levantada pela equipa de investigação é que existia «(...) *uma única igreja cujo vocábulo primitivo (Saint Rémi) foi pouco a pouco suplantado pelo da Ordem (Saint-Jean). (...)*» (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6). Assim, nos séculos XII e XIII assiste-se ainda a um período de expansão, que se estendeu até ao século seguinte devido à transferência para a Ordem, entre 1314 e 1330, de todos os bens da ordem dos Templários, assim como pela atribuição, em 1315, do título de Grande Priorado (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6). Os Hospitalários detinham cerca de 35 comandarias, dispersas em todos o sudoeste da França. No entanto, a sua instalação na cidade de Toulouse assumiu proporções algo modestas. Os seus edifícios incluíam a igreja de Saint-Rémi (ou de Saint-Jean), um *donjon* ou torre dos arquivos, edificado na cabeceira da igreja, a casa do Grande Prior (situada na rua de la Dalbade, por cima de lojas de artesãos, muitas vezes associados directamente à Ordem) um claustro, um cemitério e um hospital, que funcionou até 1525 (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 6; DRAC, s.d: 20). No século XV sofre um grande incêndio, levando a um enorme período de reconstrução.

Em 1655 foram demolidos, devido à sua vetustez, todos os edifícios medievais que compunham o estabelecimento, excepção feita à igreja de Saint-Jean e à torre dos arquivos; o cemitério encontrava-se então já de-safectado. A partir de então, foram construídos novos edifícios. O imóvel foi secularizado em 1790 e passou por diversas utilizações: «loja geral dos efeitos do acampamento dos Pirinéus», «10ª Coorte da Legião de Honra», grandes entrepostos de comércio de panos (1813) (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 7; DRAC, s.d: 37-42). Em 1995-1996 tornou-se propriedade da DRAC (Catalo e Pousthomis-Dalle, 2001: 7-8).

Quanto ao cemitério, foi, como referimos supra, concedido em 1160 aos Hospitalários junto à cabeceira da igreja. Nele eram sepultados os irmãos da Ordem e os membros da *familia*, mas obtiveram igualmente direitos de sepultamento os *donats* e os peregrinos (DRAC, s.d.: 22-23). Quando foram realizados os trabalhos de construção do parque de estacionamento da DRAC, foi descoberta a área do cemitério medieval. Originalmente circundado por um simples fosso foi, antes do final da Idade da Média, provido de quatro muros, cuja erecção foi ordenada pelos Hospitalários. Daí provêm 1869 sepulturas, que vão desde o século XII até ao século XVII (estas últimas já fora do âmbito do presente trabalho). Até ao Relatório de 2008 (Borde *et alii*, 2008) o estudo tafonómico ainda não tinha sido efectuado quer para o número total de sepulturas quer para as inumações nos jazigos.

Necrópole escavada por:

Nelly Pousthomis-Dalle (1996-1997); Nelly Pousthomis-Dalle (1999-2000); Nelly Pousthomis-Dalle (2004-2006).

Orientação da Necrópole	Posição do indivíduo (só ou acompanhado)	Espólio associado:	Estelas, lápides, etc.:
W-E (ver Quadro I), na grande maioria (28 casos) E-W (ver Quadro I, 3 casos) S (ver Quadro I, 1 caso) N (ver Quadro I, 1 caso)	Sós e acompanhados (ver Quadro I)	- Numisma não identificado no interior do crânio (sep. 25) - Alfinetes de bronze completos (sep. 10; 2 na sep. 4) - Anéis metálicos, não especificados (2 nos dois dedos anelares na sep. 12; 1 no dedo anelar na sep. 16) - Bracelete com 3 pérolas (sep. 7) - Pregos (em número não especificado na sep. 13, 15, 21 e 728) - Recipiente em madeira (sep. 27 e 28) - Rede de cabelo (sep. 27) - Cálice ([UE 8705], 0,10cm) e patena ([UE 8706], 0,17cm) em chumbo (sep. 31)	- Lápide funerária de Pierre de Toulouse († 1255), lugar-tenente do conde de Toulouse, Raimond VII.

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Intervenção de 2005
Quadro I

Nº da sepultura			Esqueleto																					Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rática	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo	Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval		
1	[UE3000]	-143,20	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[12-18 meses]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
2	[UE3001]	-143,17	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[1 a 2]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
3	[UE3002]	-143,13	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[2]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
4	[UE3004-3009]	-143,30	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[16-18]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[6] outra	[6] outra	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	Presença de dois alfinetes, um sob a mandíbula e outro atrás do occipital, podem sugerir a presença de uma mortalha
5	[UE3005]	-143,11	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[0-6 meses]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[5] à pubis	[5] à pubis	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
6	[UE30060]	-142,91	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[8]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
7	[UE3007]	-142,82	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[6-12 meses]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	Bracelete composto por 3 pérolas no punho esquerdo. Conexão estreita dos pés e das mãos está a favor de uma decomposição em espaço colmatado.
8	[UE3008]	-143,01	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[-1 ano]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
9	[UE3010]	-143,01	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[2-3]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
10	[UE3011]	-143,07	S-N	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[7]	[1] Criança	[1] Decúbito dorsal	[5] à pubis	[5] à pubis	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	A presença de um alfinete sob o temporal direito deixa supor a presença de uma mortalha
11	[UE3012]	-142,96	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] à pubis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	Constrangimento exercido sobre o hemitórax direito, à distância do braço, sugere a presença de um envelope (roupa) que tenha mantido os lados.
12	[UE3013]	-142,88	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	M	[+25]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	2 anéis in situ nos dois dedos anelares. Apresenta todos os sinais de ter sido sepultado em espaço colmatado
13	[UE3014]	-142,90	N-S	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[2] vestígios	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[1] sim	[2] ausência	[XIV-XV]	Vestígios de madeira, presença de pregos. Fémur esquerdo apresenta uma patologia, de origem infecciosa na parte anterior. O abatimento do pé direito, a rotação do pé esquerdo, a deslocação do primeiro metatarso esquerdo sugerem uma decomposição em espaço vazio. A distância entre os pés e os pregos do caixão sugerem que o contentor era grande.
14	[UE3015]	-142,97	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] incompleto	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decúbito dorsal	[5] à pubis	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	

A MORTE EM LISBOA NA IDADE MÉDIA - CONTRIBUTO ARQUEOLÓGICO
(SÉCULOS XII A XV)

Nº da sepultura			Esqueleto																	Espólio	Tecidos e Passama-narias	Evidência de pato-logias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:
E [UE#]	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência ráica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços	Comprimento do corpo						
15	[UE3016]	-142,88	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[2] vestígios	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	<i>Presença de pregos e de fixações com tijolos. Decomposição em espaço vazio.</i>
16	[UE3017]	-142,92	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	F	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	<i>1 anel no dedo anelar direito</i>
17	[UE3018]	-142,87	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[4] no abdómen	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
18	[UE3019]	-142,81	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	F	[+25]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[9] não foi possível verificar	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
19	[UE3020]	-142,82	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
20	[UE3021]	-142,89	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+25]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
21	[UE3022]	-142,84	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[2] vestígios	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+25]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	<i>Presença de pregos e de fixação com tijolos e com seixos. A distância entre o pé direito e os pregos do caixão sugere que o contentor era grande</i>
22	[UE3023]	-142,88	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	F	[+30]	[2] Adulto	[3] Outra	[6] outra	[6] outra	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	<i>Mãos entrelaçadas</i>
23	[UE3024]	-142,80	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
24	[UE3025]	-142,74	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	[99] não determinável	[+30]	[1] Criança	[1] Decú-bito dorsal	[5] à pubis	[5] à pubis	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	
25	[UE3026]	142,67	O-E	[1] coval simples	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[2] ao peito	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[2] ausência	[XIV-XV]	<i>Decomposição em espaço colmatado. Moeda no interior do crânio.</i>
26	Jaz. 3	-	E-O	[6] outra	[5]outra	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	F	[15-19]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[3] na cintura	[3] na cintura	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XIII-XIV]	
27	Jaz. 3	-	O-E	[6] outra	[5]outra	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[3-5]	[1] Criança	[1] Decú-bito dorsal	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[1] presença	[2] não	[1] presença	[XIII-XIV]	<i>Recipiente em madeira, rede de cabelo no crânio</i>
28	Jaz. 3	-	O-E	[6] outra	[5]outra	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	M	[40-45]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[9] não foi possível verificar	[5] à pubis	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[1] presença	[2] não	[1] presença	[XIV]	<i>Recipiente em madeira semelhante ao anterior</i>
29	[UE8700]	-	O-E	[6] outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[5] à pubis	[4] no abdómen	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	-	
30	[UE8701]	-	O-E	[6] outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[4] no abdómen	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	-	[2] ausência	[2] ausência	[1] sim	[1] presença	-	<i>Cartilagem tiróide ossificada</i>
31	[UE8704]	-	O-E	[6] outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeçaeira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[2] in-completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[1] Decú-bito dorsal	[4] no abdómen	[2] ao peito	[3] vide posição das mãos	-	[1] presença	[1] presença	[2] não	[1] presença	-	<i>2 objectos em chumbo (cálice e patena?). Cálice [UE 8705], 0,10cm; patena [UE 8706], 0,17cm</i>

Nº da sepultura								Esqueleto											Espólio	Tecidos e Passamanarias	Evidência de patologias	Outros ocupantes do coval	Datação provável (Séc.)	Observações:	
E [UE#	Quadrícula	Cota	Orientação	Tipo de sepultura	Cobertura	Cabeceira	Caixão	Esq.	Conexão anatómica	Estado	Evidência rácica	Sexo	Idade provável	Faixa etária	Posição do corpo	Posição da mão direita	Posição da mão esquerda	Posição dos braços							Comprimento do corpo
32	Jaz. 4	[-]	O-E	[6] outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	M	[+30]	[2] Adulto	[3] Outra	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XIII]	
33	Jaz. 4	[-]	O-E	[6] outra	[6] sem cobertura perceptível	[3] sem cabeceira	[3] ausência	[1] presença	[1] sim	[1] completo	[2] não	[99] não determinável	[9-12 meses]	[1] Criança	[3] Outra	[9] não foi possível verificar	[9] não foi possível verificar	[3] vide posição das mãos	[-]	[2] ausência	[2] ausência	[2] não	[1] presença	[XIV]	

BIBLIOGRAFIA

BORDE, Francois; CAP, Henry; CARME, Remy; CONAN, Sandrine; DIEULAFAIT, Francis; DORMOY, Christian; DRIEUX-DAGUERRE, Monique; DUCHESNE, Sylvie; DUFRESNE, Philippe; FOURNIE, Michelle; GARGAM, Celine; GODIN, Rosalie; JOLLIOT, Georges; LAMARQUE, Celine; LANOS, Philippe; MACE, Laurent; MARTIN, Helene; PORTET, Nicolas; POUSTHOMIS-DALLE, Nelly; SERVELLES, Christian; SUAU, Bernardette; VALLET, Sophie ; VIDAL, Pierre e WATIN-GRANDCHAMP, Dominique (2008) – *Toulouse, Ancien Grand Prieure de Saint-Jean de Jerusalem (31 555 01 AH), Rapport Final d'Étude et Fouilles Programmées Triennales 2004-2006*, Relatório entregue ao Service Régional d'Archéologie Midi-Pyrénées.

CALMES, Christophe; CARME, Remy; COMELONGUE, Marc; DORMOY, Christian; FIGUEIRAL, Isabel; FOURNIE, Michelle; HALLAVANT, Charlotte; MACE, Laurent; MOULHERAT, Christophe; PORTET, Nicolas; POUSTHOMIS-DALLE, Nelly; RUAS, Marie-Pierre; SUAU, Bernardette e VOUBE, Frederique (2005) – *Toulouse, Ancien Grand Prieure de Saint-Jean de Jerusalem (31 555 01 AH), Rapport Intermédiaire d'Étude et Fouilles Programmées Triennales*; Relatório entregue ao Service Regional d'Archéologie Midi-Pyrénées.

CATALO, Jean e POUSTHOMIS-DALLE, Nelly (2001) – *Toulouse, Ancien Grand Prieure de Saint-Jean de Jerusalem (31 555 01 AH), Document Final de Synthèse, Sondages d'Évaluation*; Relatório entregue ao Service Regional d'Archeologie Midi-Pyrenees.

DRAC (s.d.) – *Hôtel des Chevaliers de Saint-Jean de Jérusalem*, Direction Régionale des Affaires Culturelles, Midi-Pyrénées.

